056.9
REAM
v.7
no.4-9

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/revistaamerican7491arau_2

Vol. 19

ANNO VII JANEIRO — 1918 N. 4

REVISTA AMERICANA

SUMMARIO

		PAGS.
I. RIO-BRANCO	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II. A. VELLOSO REBELLO	Dois patriotas de 1640	9
III. FELIX F. PALAVICINI	D. Venustiano Carranza	16
IV. GEORGINO AVELINO	A nossa Guerra. (Seus fins politicos e seus effeitos sociaes)	29
V. LUIS GASPERI	El código civil brasileño	46
VI. J. C. GOMES RIBEIRO	O precursor da Independencia hispano-americana	54
VII. BARÃO HOMEM DE MELLO	Discurso que devia ser pronunciado na Academia Brasileira de Letras	60
VIII. VENTURA GARCIA CALDERÓN	Los primeros versos de Rubén Dario	67
IX. PAULO BRANDÃO	A taça. O cyatho. O camafeu. Ante um busto de Pan. A concha. O banco madreporico (Sonetos)	76
X. BASILIO DE MAGALHÃES	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	81
XI. ALBERTO FARIA	Romance medieval (Do cyclo-carlovingio)	123
XII. REDACÇÃO	NOTAS. Boletim Mundial. Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas	125
XIII. H. HANDELMANN	Historia do Brasil (Separata)	

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

1918

REVISTA AMERICANA

JANEIRO — 1918

1033 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

REVISTA AMERICANA

JANEIRO — 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

056
REAM
v.7

BIOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

(VISCONDE DO RIO-BRANCO)

PELO

BARÃO DO RIO-BRANCO

(*Continuação*)

A maioria das duas Camaras e muitos cidadãos distinctos admiradores do seu merito, offertaram-lhe as insignias de Dignitario da Ordem Imperial do Cruzeiro, ricamente cravejadas de brilhantes « em reconhecimento dos relevantes serviços prestados no Paraguai » pêlo illustre estadista (69).

(69) O Visconde do Rio Branco fora condecorado com o grau de dignitario do Cruzeiro em 1858.

As insignias a que nos referimos fôram entregues ao Visconde do Rio Branco em 23 de Fevereiro de 1871, por uma commissão composta do Senador Sayão Lobato, Visconde de Niteroi, Deputado Lima e Silva, Conselheiro Tolentino e Commendador João Carneiro do Amaral.

Os subscriptores fôram em numero de 300 e tantos, figurando entre elles Caxias, Itaborahy, Cotegipe, Abaété, Muritiba, S. Vicente, Bom Retiro, Salles Torres Homem, Camaragibe, Três Barras (Jaguarí) Sayão Lobato, Antão, Jaguaribe, Figueira de Mello, Fernandes Braga, Rio Grande, José Bento, Mamanguape, Jobim, Almeida e Albuquerque, Joaquim Delphino, Ferreira Vianna, Andrade Figueira, Duque Estrada Teixeira, Paulino de Sousa, Mello Matos, Silva Nunes, Diogo Velho, Rodrigo Silva, Antonio Prado, Candido Mendes, Pinto de Campos, Vieira da Silva, João Alfredo, Araujo Lima, Pe-

Em 13 de Outubro de 1870 partiu de novo para o Rio da Prata, em missão especial, o Visconde do Rio-Branco (70).

Depois de longas conferencias com o Ministro das Relações Exteriores da Republica Argentina, Carlos Tejedor, e o Plenipotenciario Oriental, Adolfo Rodríguez, ficou concluido em 25 de Janeiro de 1871 o Acôrdo previo entre os Alliados, e assentado o projecto de tratado definitivo de paz que estes deviam offerecer ao Paraguai.

Dispunha-se Rio- Branco a partir para Assumpção, afim de ultimar a sua missão, quando foi, de ordem do Imperador, chamado pêlo Presidente do Conselho de Ministros, Marquês de S. Vicente, afim de encarregar-se da organização de um novo gabinete.

* * *

No dia 20 de Fevereiro de 1871 chegou ao Rio de Janeiro o illustre estadista, obedecendo á ordem que recebera.

Honrado com a confiança da Coroa e animado pelo seus mais notaveis amigos politicos, acceitou a missão de formar um novo govêrno.

No dia 7 de Março ficou organizado o seu gabinete do seguinte modo: Presidente do Conselho, Ministro da Guerra e interino da Fazenda o Senador Visconde do Rio-Branco; Ministro do Imperio, o Deputado Corrêa de Oliveira (João

reira Franco, Theodoro da Silva, João Mendes, Conde de Baependí, Lima e Silva, Augusto de Oliveira, Izidro, Pinto Lima, Costa Pinto, Paes de Mendonça, Pereira da Silva, Lamego, José Calmon, Gama Cerqueira, Meneses Prado, Bonifacio de Abreu, Araçagy, Jansen do Paço, Affonso de Carvalho, Paula Toledo, Fausto de Aguiar, Simões Lopes, L. de Alencar, Gomes da Silva, F. Belisario, Dias da Rocha, Gomes de Castro, C. Fontes, Portella, Cardoso de Meneses, General Polydoro, Joaquim T. do Amaral, Keating, Bomfim, Ipanema, Nova Friburgo, Mesquita, Mauá, Figueiredo Junior, Itamaratí, Militão de Sousa, J. M. Coelho de Castro, Estrella, Condeixa, Tolentino, André Rebouças, Mendes Salgado, Cunha Leitão, Eusebio Antunes, Manoel de Queiroz, Macedo Soares, Severiano da Rocha, e muitos outros.

(70) Nesta missão acompanharam-no, como secretario, o Dr. José Maria da Silva Paranhos, Deputado á Assembléa Geral, e como addido de 1ª classe o Commendador Keating, primeiro official do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Alfredo); Ministro da Justiça o Senador Sayão Lobato (Visconde de Niteroi); dos Negocios Estrangeiros o Deputado M. F. Corrêa; Marinha, o Deputado Duarte de Azevedo; Agricultura, Commercio e Obras Publicas o Deputado Theodoro da Silva.

A pasta da Fazenda foi destinada ao Barão de Cotegipe, mas êste illustre estadista não a pôde acceitar pelos motivos que allegou em duas cartas que fôram posteriormente publicadas, motivos que se prendiam ao seu modo de encarar a questão eleitoral.

Completou-se então o gabinete ficando o Visconde do Rio-Branco com a pasta da Fazenda e sendo nomeado Ministro da Guerra o Senador Jaguaribe.

O gabinete Rio-Branco foi o que mais larga duração tem tido entre nós, pois conservou-se no poder desde 7 de Março de 1871 até 25 de Junho de 1875. Durante esse periodo passou por algumas modificações.

Em 1872 retiraram-se do gabinete os ministros da Justiça, Agricultura e Guerra. O Conselheiro Duarte de Azevedo passou da pasta da Marinha para a da Justiça, sendo nomeados o Visconde de Itaúna, Ministro da Agricultura e os Conselheiros Junqueira, Ministro da Guerra, e Ribeiro de Sousa, da Marinha.

Nesse mesmo anno, pelo fallecimento de Itaúna, foi o Senador Barros Barreto nomeado Ministro da Agricultura. Em 1873, retirando-se este, succedeu-lhe o conselheiro Costa Pereira. O Ministro dos Negocios Estrangeiros, M. F. Corrêa deixou tambem o gabinete em 1873, sendo em seu logar nomeado o Senador Visconde de Caravellas.

* * *

Em Maio de 1871 S. S. M. M. o Imperador e a Imperatriz partiram para a Europa, ficando na Regencia do Imperio a Serenissima Princeza Imperial.

Abertas as camaras, o gabinete Rio-Branco, conseguiu no curto espaço de cinco mezes, a passagem de duas importantes reformas.

A lei de 20 de Setembro de 1871 da reforma judiciaria melhorou a organização da magistratura e deu-lhe caracter mais permanente, separou as attribuições judiciaes das de policia, diminuiu os casos de prisão preventiva e sem formulas, marcou os casos especiaes em que essas prisões podem ser effectuadas, instituiu a fiança provisoria e ampliou a esphera do *habeas-corpus,* medidas altamente liberaes, simplificou os processos criminaes e alargou os meios de defeza, augmentou as alçadas dos juizes do civel, melhorou consideravelmente a forma do processo e estabeleceu recursos mais promptos e garantidores, diminuiu o numero de juizes julgadores das causas civeis, marcou-lhes prazos para os julgamentos, emfim, abriu campo a melhoramentos em quasi todos os ramos da administração da justiça.

A lei de 28 de Setembro de 1871 veio estancar a ultima fonte que alimentava a escravidão entre nós depois da abolição do trafico.

* * *

«E' êste», dizia em fins de 1871 um biographo do Visconde do Rio-Branco (71), é êste o periodo mais importante da sua vida politica. No curto espaço de cinco meses o gabinete Rio-Branco fez passar pelos cadinhos do parlamento duas reformas importantissimas, a reforma judiciaria, reclamada por ambos os partidos havia tantos annos, e a reforma do estado servil, solicitada pelos interesses geraes da humanidade.»

(71) Alvarenga Peixoto, *O Visconde do Rio-Branco.*

(Continúa).

DOIS PATRIOTAS DE 1640

Nesse periodo de sessenta annos em que os Filippes de Hespanha detiveram em Portugal o sceptro que por direito deveria estar nas mãos da Casa de Bragança, a condemnação historica recae, ao mesmo tempo que sobre a tyrannia dos tres dominadores, sobre a fraqueza moral de muitos dos fidalgos portuguezes, alguns delles da primeira grandeza.

A intriga e a corrupção politicas nunca foram exclusivas de determinadas epocas na vida das nações; o que, porem, torna ainda mais antipatico o procedimento dos que alli para ellas concorreram, sugeitando-se a essa escravidão agaloada pela Côrte de Castella, é que não se praticou depois um só acto que não fosse uma exploração do paiz ou uma humilhação para o seu generoso povo.

Levar-nos-ia muito longe a enumeração de todos elles; basta reproduzir os traços firmes com que o consciencioso historiador Sr. José Ramos Coelho dá a justa medida da ambição desses fidalgos na sua *Historia do Infante D. Duarte*:

« Todos sabem como era complexo o seu systema de corrupção (o de Felippe II) e que, para vergonha sua e nossa, o oiro e as promessas, com que subornou tantas consciencias vis, tiveram mais peso talvez na obra da usurpação da corôa portugueza do que os seus proprios exercitos. E' um quadro ignominioso, bastante sabido e que nos repugna esboçar novamente ».

São palavras causticas que traduzem o sentimento ainda hoje existente na alma popular.

Desfez-se assim um throno, mas não se desfez a consciencia nacional.

O neto do Prior do Crato, pretendente a esse throno quando falleceu seu tio, o Cardeal D. Henrique, chegou a dar publico testemunho de fidelidade a Filippe III, oppugnando e dissuadindo na expressiva phrase camilliana « os portuguezes que instigavam os alvoroços de Evora, precursores da revolução de 1640 », baixeza só comparavel á do proprio avô quando foi compel lido a provar a legitimidade do casamento do infante, seu pae, com D. Violante Gomes, alem do mais judia e por alcunha *Pelicana*.

Descendente de bastardo, oriundo de uma epoca de aventuras em que a Igreja chegou considerar o reino como espolio vago, D. Luiz de Portugal poderia ter guardado a dignidade de sua candidatura, admiravel até como legal se attendesse á quantidade, e principalmente á qualidade, dos que se apresentaram diante do competidor hespanhol. Ao contrario, renunciou mais tarde o titulo de principe para ser nomeado, por influencia de Côrtes estrangeiras e em obediencia a empenhos reiterados, primeiro, plenipotenciario e depois embaixador extraordinario de D. João IV nos Estados da Hollanda.

Este e D. Francisco de Souza Coutinho, em Pariz, foram tambem os diplomatas do descredito da nação portugueza.

A independencia dos Portuguezes póde considerar-se moribunda desde a celebre jornada d' Africa em que o sequito fidalgo dividiu-se entre os que affirmaram ter deixado no campo de batalha o corpo mutilado do jovem rei e os que passaram a acreditar na volta de D. Sebastião ao reino. Desse terrivel desastre politico, que creou os *sebastianistas* e fez desapparecer tudo o que de austero restava na vida d'quelles tempos, salvaram-se apenas as lettras, tão dignamente representadas pelo genio de Camões e pelas doutrinas puras sustentadas, com alguns outros, pelo arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

Diz-se que foi a avareza que prejudicou os antigos senhores da Africa e das maiores riquezas do Oriente.

Como quer que fosse, para conserval-as o Governo empregou ao seu serviço homens mediocres "por não ter que arrecear-se da sua fidelidade" como se lê no *Caracter da Nação Portugueza* publicado pela redacção do *Espelho Moral e politico* em Londres, em 1813.

Levantar a cabeça acima da linha indicada pelos poderosos era perigoso em Portugal.

O cavalheiro de Oliveira, que nem siquer fôra dessa época, jamais conseguio emprego que não fosse subalterno, até retirar-se para o estrangeiro onde o seu nome adquirio as proporções a que a sua penna lhe dava direito mas que a sua patria lhe recusou, para só mais tarde Camillo Castello Branco saber avaliar.

Se as nações interessadas tudo fizeram para o declinio commercial dos Portuguezes, o antagonismo nos diversos ramos de administração, as consequentes contendas, originaram-se dos fortes interesses contrariados.

Haviam findado os dias em que a Rainha Santa costumava apparecer como a medianeira da paz.

Neesa tremenda luta intestina tudo ia sendo arbitrariamente devorado pela cobiça.

Ainda no citado periodico londrino encontra-se esta exclamação de espanto pela maneira pela qual João de Barros firmava principios de direito publico : "é bem notavel a razão que elle dá de pertencerem de direito aos Reis de Portugal os estados da India, porque são de *enfieis a quem não se deve dar quartel*".

Excepções cavalheirescas ficaram registradas para confirmação desta regra. Dentre ellas a mais bizarra sem duvida foi a de D. Constantino de Bragança que por um dente de bugio, objecto de supersticioso culto de um rei indú, pagou para mais de meio milhão.

Nos Chronicas de D. Sebastião leem-se estes e outros factos para maior celebridade da fidalguia fanatica que o acompanhava e entre aquellas avultam as de João Baptista Lavanha e Antonio Vaena, a de Fr. Manoel dos Santos e a de Fr. Bernardo da Cruz, capellão-mor da armada que o levou á Africa e o seu mais fiel chronista, cuja obra manuscripta mereceu ser divulgada por Alexandre Herculano.

A' fortuna é que, de caprichosa que costuma ser, sorria apenas aos incapazes de ter sentimentos proprios e dignos ou de ter idéas que não fossem concebidas em seu proprio proveito.

O estado das coisas, muito lucrativas para estes, excluia em absoluto a visão do futuro.

Poucos seriam capazes de prever então a impetuosa revolução que viria restaurar a honra, não da nobreza, mas da nação portugueza.

A restauração veio afinal, mas foi obra patriotica de João Pinto Ribeiro, que encontrou apoio decisivo na ambição da duqueza de Bragança, a qual, apesar de hespanhola, sonhava com a corôa de rainha.

Alguns nobres mostraram-se dignos dos seus titulos, porque renegaram as tradições dos seus antepassados de 1580, mas quem assegurou o triumpho da revolução nas ruas foi o povo que desde muito declarara guerra á Hespanha.

Se fora difficil enumerar todos os que trairam a Patria, o mesmo não acontece com esses fidalgos, que foram apenas quarenta, contando-se entre elles uma senhora de grande heroismo, D. Filippa de Vilhena, a qual armou seus proprios filhos.

São precisos, porém, muitos seculos para lavar a mancha que sobre a nobreza deixou o embaixador D. Francisco de Mello, quando esqueceu-se de que era portuguez para servir de intermediario entre a Hespanha e a Côrte de Vienna, usando de todos os manejos diplomaticos com o baixo fim de intrigar a sua propria Patria. Esta já vira com horror Filippe II recebendo a monarchia das mãos d'um neto de Nun Alvares.

Oliveira Martins, manifestando toda a sua indignação por esse facto, provou que "a descendencia de Nun Alvares, um heroe e um santo, foi uma successão de intrigantes mesquinhos, de maus doidos ou de egoistas vulgares".

Os cavalheiros e damas que assistiram á sumptuosidade dos saraos no palacio de Queluz ao tempo de D. Maria I, as quaes pretende-se que poderiam rivalizar com as de Luiz XIV em Versailles, não deixaram de recordar com tristeza a traição dos marquezes de Castello Rodrigo, senhores antigos d'aquelle do-

minio e que, na companhia de outros da mesma estirpe, tiveram todos os seus bens confiscados para a Corôa de Portugal.

O secretario d'Estado Miguel de Moura, que foi da confiança de todos os partidos, que soube recusar um lugar no sequito de D. Sebastião nos campos africanos para logo depois receber secretamente o titulo de governador dos governadores, respondeu ao conde de Idanha, com humildade, "que o homem tanto tinha de maior entendimento quanto tinha de menos interessado". Quando Filippe II chegou a Badajoz encontrou esse valido de todos os reis que já havia sido chamado por carta para lhe beijar a mão, em companhia do secretario Lopo Soares, que o rei intruso muito desejava conhecer pelo bem que delle ouvira dizer.

No "Discurso da sua vida e serviços" conta elle mesmo esse facto, concluindo com excepcional naturalidade "que ficára servindo a Sua Magestade como era rezão que o fizesse".

O povo é que não deixou de ter a consciencia perfeita das desgraças que o ameaçavam.

Bastas vezes, o Cardeal Rei, apesar de adiantado em annos, teve que levar o consolo aos seus subditos que choravam a perda do exercito portuguez. Espirito de fundo religioso, não se pejava de ir pelas ruas de Lisbôa cavalgando uma mula para esse fim.

Os habitantes do Reino, olhando com tristeza para a perspectiva da morte do Rei, supplicaram-lhe que obtivesse do Papa licença para casar, na esperança de deixar herdeiro no throno.

A sua inteiresa moral impedio-o de ceder a essa vontade bizarra.

Além do ascetismo da sua vida, oppunha-se ao arrojo de semelhante tentativa uma razão mais forte de que faz menção a *Chronica*; tal exemplo de continencia dera o Cardeal durante a sua juventude que ninguem ousaria por-lhe em duvida a virgindade.

Sempre confiantes na sua extrema prudencia, não se esqueceram de lhe pedir que indicasse successor capaz de governar aquelles Reinos com sabedoria.

Reuniram-se para esse fim as Côrtes convocadas de accordo com os privilegios da epoca.

Foram eleitos os fidalgos de onde sairam os cinco Governadores que prestaram logo juramento, como o meio mais seguro de evitar discussões posteriores á morte do Rei.

O duque de Bragança e D. Antonio tambem declararam obedecer aos capitulos das Côrtes, este ultimo com restrições e ambos a contragosto, o que não lhes impedio de serem afastados de Lisbôa.

A permanencia desses pretendentes, dos quaes um já sufficientemente desmoralisado, foi julgada tão perigosa quanto a arrogancia manifestada desde logo por Felippe de Castella, que sentia correr-lhe nas veias o sangue de Carlos V.

O juramento com restrições era admittido. As restrições mentaes poderiam ser allegadas mais tarde perante a Igreja como causas de nullidade; mas, D. Antonio, sem perda de tempo, redigiu um protesto, aceito pelo representante do Papa em Lisbôa, declarando que esse juramento forçado não prejudicava os seus direitos na pretenção da corôa. O que elle tinha principalmente contra si era o mau conceito em que era tido por muita gente.

Camillo refere "que esse candidato ao throno engendrou dez filhos em mulheres de diversas nações que tanto poderiam ser senhores de primeira raça como creaturas muito ordinarias, de uma corrupção anonyma" e, reproduzindo a *Chronica* de Fr. Bernardo de Jesus, pg. 334, diz "que a sua roda predilecta era a canalha".

Accusações essas que tornavam-se ainda mais graves, porque vinham pesar sobre a cabeça de um principe que proferira o voto de castidade como cavalheiro de Malta.

A nacionalidade atravessava perigos taes, que era esse o nome menos indicado para substituir o do Cardeal, cujas fraquezas poderiam ser apontadas, mas cujas virtudes não poderiam ser por ellas obscurecidas.

Num dado momento os manejos de D. Antonio foram tão audaciosos que o Cardeal, receioso, unio-se á Hespanha contra elle; mas diz-se tambem que elle mesmo procurou negociar secretamente com o rei de Castella a sua pretenção.

Mais tarde o epitaphio de um tumulo atribuio-lhe o titulo de *Rei de Portugal*.

Foi essa uma prova mais de que a França, se não se interessou, em proveito da sua politica, pela candidatura do Prior do Crato, por ordem de Catharina de Medicis e pela voz dos seus embaixadores, tratou ao menos repetidas vezes desse caso. O seu tumulo encontra-se na igreja de S. Germain l'Auxerrois, em Paris, guardando-lhe corpo ou somente o coração.

Nas negociações que entabolou, a questão pecuniaria occupava o lugar mais importante e as suas exigencias cresciam na proporção das suas dividas. Com relação aos outros pretendentes augmentavam ellas a medida que a timidez do Cardeal ia causando-lhe maiores desgostos, abreviando-lhe os dias de vida já bem compromettidos pela molestia.

Não fossem as inferioridades de ordem moral e a figura de D. Antonio teria no Historia maior relevo, pois não lhe faltou impetuosidade de animo, nem mesmo prestigio entre a plebe.

Acclamado Rei por tres vezes, na provincia e na capital, encontrou tambem duas poderosas nações que lhe deram mão forte com armas e frotas para reconquistar essa posição. Foram outras tantas tentativas mallogradas. A sua vasta capacidade nas lettras, a sua cultura adquirida nos bons tempos da Universidade de Coimbra, livraram-n'o muitas vezes, com rara habilidade, das situações difficeis em que a má fortuna o collocou. D. Antonio representou sem duvida a unica resistencia do primeiro momento. Não o tivessem abandonado em Alcantara e elle teria arrebatado throno das mãos de Filippe II, em vez de levar a vida aventureira pelas Cortes estrangeiras, mais ou menos interessadas na ruina da Hespanha.

A influencia jesuita concorreu grandemente para a desordem que reinou em Portugal; para o infeliz periodo que vae de 1581 a 1640, como para os dolorosos transes por que passou o governo de D. João IV, que se tingio com o sangue do marquez de Villa Real e do duque de Caminha.

Em 1637 os Jesuitas esboçaram mesmo uma revolução; é preciso não esquecer que o padre Antonio Vieira foi dos maiores conselheiros do reino.

Em todos esses acontecimentos não houve heroismo digno desse nome: D. João, duque de Bragança foi um timido;

D. Antonio, Prior do Crato, foi um intrigante; Fillippe IV foi o espelho da decadencia da Hespanha.

A' victoria de Montijo corresponde a derrota das Dunas e a insurreição da Catalunha.

Nesse periodo das guerras provocadas pela restauração até o reconhecimento da independencia em 1668, só a do conde-duque de Olivares em Hespanha, a do conde de Castello Melhor em Portugal.

A epoca era dos grandes ministros.

Richelieu, e depois Mazarino, em França, detiveram por muito tempo nas suas mãos os destinos da nação portugueza. Na politica internacional gravitavam estes ao redor das ambições francezas e inglezas; os interesses hespanhóes e holandezes entraram objectivamente na luta, até que os tratados com a Inglaterra vieram decidir em favor desta grande nação.

Todas as figuras da restauração apparecem nitidas, deixando lugar para uma que nella não tomou parte activa, mas que ficou gravada na Historia com a medalha representativa do amor proprio nacional — a do infante D. Duarte.

Sabem todos como, por uma intriga da Côrte, teve elle que abandonar a sua patria. Contra elle poz-se em campo a sua propria cunhada, a duquesa de Bragança, mas acima de tudo perseguio-o o odio do grande ministro hespanhol que jamais lhe perdoara o desdem com que recusou á mão de sua filha por julgar-se muito superior aos grandes de Hespanha. Essa mesma consciencia dos seus direitos mostrou elle ao entrar no imperio da Allemanha quando requereu a Fernando II tratamento igual ao que alli se dispensava ao irmão do duque de Florença.

Requereu e obteve. Vingou-se do ministro e deu por essa forma tremendo cheque na diplomacia hespanhola.

Não se limitou, porem, D. Duarte a ser um principe de sangue, do mesmo sangue que o de Fernando II. Foi um grande general, foi um heroe das guerras do Santo Imperio.

Foi tambem o seu immenso patriotismo que o levou a tomar um dos primeiros logares na « guerra dos trinta annos ».

Um escriptor do seculo XVII, que soube comprehender todo o valor desse principe, soltou um grito de sinceridade que foi

mais um expoente do patriotismo de 1640. Refiro-me a João Rebello Velloso, que, no seu opusculo *Aviso Exortatorio aos Fidelissimos Tres Estados do felicissimo Reino de Portugal* publicado em 1642 e tão disputado hoje pelos bibliophilos (1) endereçou os seguintes conselhoso a D. João IV: «Por todas as vias convem solicitarmos com muitas veras, com todas as instancias efficazes a liberdade do Senhor Dom Duarte. Advertindo que tanto importa a defesa do Reino a presença da sua pessoa como vinte mil homens postos em campo, pelo conhecido e experimentado valor do seu animo sempre invencivel, pelo prudente governo de tão claro juiso, acompanhado de tão raro entendimento: compadeçamos-nos de um infante de Portugal entre tyrannos, mal tratado sem causa, sem razão offendido, padecendo males em desconto das nossas venturas; fira nossos piedosos ouvidos o eco triste da sua lastimosa voz, que vive em uma esperança constante de melhorar fortuna, bradando nestas palavras: *liberdade*, *liberdade*, *liberdade*. E se a distancia do lugar não permitte que ouçamos o clamor com que articula suas queixas, a razão as manifeste, o amor as acredite. E já que o mundo publica, admirado do valor Portuguez um feito tão heroico, umo obra tão insigne e uma proesa tão rara, como restituir a seu Rei um Reino usurpado sessenta annos, louve tambem uma acção tão galharda, um zelo tão bizarro, como conseguir-se a liberdade de nosso infante a custa do sangue Portuguez, das vidas e fazendas, despachando-se a custa dellas creditos, passando-se lettras, mandando-se dinheiro, e dando-se titulos: pois em sua vinda lograremos todos os frutos das nossas desejadas esperanças dando Deus nosso Senhor felicidades ao Reino para louvor e gloria sua».

Ao envez d'isso, a intriga campeou surdamente em redor do heroe da jornada de Bristoch e quiz a má sorte que fossem seus

(1) Innocencio, no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo X, pg. 337, diz que é opusculo muito raro e que só tem conhecimento da existencia de um exemplar em Portugal pertencente ao Sr. Figanière, o paciente investigador das collecções manuscriptas portuguesas no Museu Britanico. Outros deveriam possuil-o, pois que no recente leilão da bibliotheca do Sr. Monteverde, em Lisbôa, foi vendido um exemplar.

proprios algozes dois parentes seus, desse mesmo sangue que elle tanto presou.

A morte do infante D. Duarte no Castello de Milão, em 1649, foi a morte de um patriota, mas foi tambem uma covardia e um attentado ao genio militar.

A. Vellozo Rebello.

D. VENUSTIANO CARRANZA

El aspecto de las figuras eminentes en política, tiene la variabilidad de las opiniones personales, la influencia del momento y la ley ineludible del ambiente. Forzosamente, los denostadores de Carranza han sido parciales; que de raro tiene que los que lo adivinamos pudiéramos caer, a nuestra vez, en parcialidad; pero si forzosamente ello había de suceder, seanos dable mostrar nuestro criterio con sinceridad y que aquellos juicios que hoy se formulen de Carranza, sirvan más tarde para el frío análisis de los que, en el porvenir, escriban la historia del país.

Hemos observado de cerca, durante más de un año, al señor Carranza; un año de lucha, de peligros, de contrariedades profundas; durante este corto espacio de tiempo hemos vivido un largo lapso de historia. Hemos visto a Carranza frente a la Convención — todavia pisando el lecho de serpientes, en el que la cabeza venenosa de los vencidos mostraban los colmillos, y sus cuerpos vermiformes se deslizaban sutiles, entre los vencedores, — cuando ya frente a su dirección, de cara a su jefatura, los celos, las envidias y los egoísmos, manejados por la reacción, hacían el estruendo formidable de una tempestad próxima a estallar.

... Lo hemos visto recibir la noticia de deserciones, ser informado de desastres, confirmarle pruebas de deslealtades;

no ha lanzado una protesta; no ha hecho ostensible su indignación. Lo vimos al salvarse del choque de una máquina loca enviada sobre su tren, sin que se intimidara ni preocuparse. Lo observamos cómo pasó los angustiosos días de la prisión y asesinato de su hermano, el general don Jesús Carranza, sin que en su semblante ni en sus determinaciones se notase, ni desfallecimiento, ni impaciencia. Lo vimos recibir apremiantes notas diplomáticas, casi amenazas, sin que esta situación le alterase.

El político.

Don Venustiano Carranza fué siempre una figura prominente en la política de Coahuila; en compañia de sus hermanos, hizo la rebelión local que derribó a Garza Galán; y una vez concluída la obra, se retiró tranquilamente a labrar la tierra, sin otras ambiciones ni deseos.

Senador, tuvo oportunidad de ver, durante el régimen de Porfirio Díaz, cómo fué, poco a poco, el pulpo del cientificismo, asfixiando a la Patria; y confiado en que llegaría el momento de la transformación, alentó y estimuló todas las tendencias evolutivas, y cuando los demócratas de Cohauila creyeron llegado el momento de lograr el triunfo de una candidatura popular para Gobernador del Estado, Carranza fué designado. Al aceptar, supo todo lo que arriesgaba; fué consciente de los eminentes peligros que su ingerencia en la política traería para su porvenir. Era preciso enfrentarse con las candidaturas oficiales; era necesario sostener la campaña electoral, y como ésta sería reprimida por la fuerza, fatalmente tenia que llegarse a repeler el despotismo por las armas. Muchos soñadores de entonces contaron en que, o se fracasaba ridículamente en las elecciones, o se triunfaría sin la oposición porfiriana. No fué así.

Todos saben el conjunto de sucesos políticos que dieron por resultado la revolución iniciada por don Francisco Madero, que, habiendo fracasado en Ciudad Juárez, empezó a triunfar con la victoria del ejército constitucionalista, creado, dirigido y llevado a la victoria por el primer jefe.

De los hombres que rodearon a Madero al iniciarse la lucha de 1910, puede decirse que eran inexpertos de la vida práctica y, desgraciadamente desconocedores también de la historia nacional. Había entre ellos jóvenes entusiastas y valientes, hombres viriles y abnegados, y solamente dos pensadores de importancia y energía: Venustiano Carranza y Francisco Vásquez Gómez.

Vásquez Gómez, profesional, culto, carecía, sin embargo, de conocimientos suficientes en la historia de México y, principalmente, en la historia política de los países civilizados; de allí su serie interminable de errores.

Carranza fué, al lado de Madero, el único político que sabía la trascendencia del movimiento, que comprendía la inmensidad del sacrificio; y cuando, rodeado por sus familiares y sugestionado por sus parientes, el señor Madero cedía a la transacción propuesta por Limantour, Carranza, silencioso y disciplinado, acataba las determinaciones de Madero, que era entonces el jefe; pero no quiso admitir nunca que quedara uno solo de los hombres de Porfirio Díaz en el Gabinete organizado en Ciudad Juárez.

Realizada la transacción y electo gobernador de Coahuila, el señor Carranza aconsejó constantemente la organización de un novo ejército, y dando el ejemplo, creó una milicia para asegurar la pacificación del Estado de su mando. En esta época, y en ocasión de un banquete ofrecido por un grupo de diputados a varios gobernadores, en el restaurant de Chapultepec, el señor Carranza dijo: « La Cámara no habrá cumplido con su deber, sino cuando, abandonando lirismos y ensoñaciones, dé facultades extraordinarias en Guerra, Hacienda y Gobernación al presidente de la república, para que las reformas se hagan a pesar de la natural y poderosa oposición del enemigo, que está aún en pie.»

La sagacidad política del señor Carranza es extraordinaria; habla poco, no vacila nunca; sus afirmaciones son definitivas, su tenacidad no es impulsiva, sino constante; nunca predica sino con el ejemplo; ve lo grande y lo pequeño — facultad admirable en un político, que necesita saber dar solución a los grandes problemas y atender a los pequeños

detalhes; — no es frío como — por ser callado — muchos lo suponen; es vigoroso y valiente.

Vió con clarividencia la alianza de los reaccionarios con Villa, desde mucho antes de que se triunfara sobre Huerta; supo a tiempo entregar el mando a los generales reunidos en México en la Cámara de diputados, antes de que esta asamblea estuviesse amedrentada por la tiranía de Villa, y, sin una sola excepción, sus predicciones todas se cumplieron.

Nadie sospechaba que el señor Carranza abandonaría la ciudad de México; y mientras los generales se preparaban para reunirse en Aguascalientes, el señor Carranza visita, un domingo, Toluca, concurre a una kermesse y anuncia, para el domingo siguiente, otro día campestre en cualquiera de las poblaciones vecinas al distrito federal, y así, en efecto, ocho días después, cita al general Lucio Blanco, *leader* convencionista, para saludarlo en la estación, donde se embarcó para visitar las Pirámides de San Juan Teotihuacán. El general Blanco le estrechó la mano, deseándole «un feliz viaje y un agradable regreso»; don Venustiano sonrió, tendió la mano a Blanco y le dijo: «Hasta después». En Teotihuacán recibió el señor Carranza el primer telegrama anunciándole que el general Eulalio Gutiérrez había sido nombrado presidente. El mensaje no decía presidente qué; se dudaba entonces si se refería a la Convención o a la República. Don Venustiano dijo: «Es designación de presidente de la República». Los que lo rodeaban no creían eso. El viaje continuó. Don Venustiano visitó Tlaxcala y llegó a Puebla, donde el general Coss lo recibió con el entusiasmo de un partidario y de un amigo firme y seguro.

Para entonces el enigma estaba descifrado: Eulalio Gutiérrez era el presidente de la República, según la Convención; el general Coss desconoció los acuerdos de la asamblea militar, y la nueva lucha empezó.

En ese preciso momento vimos a don Venustiano. El grupo civil que le rodeaba era insignificante, se ignoraba qué militares lo seguirían ;entonces nos dijo: «La Convención ha equivocado su camino y fracasará; lamento la permanencia en aquel lugar de muchos jefes leales y de muchos hombres

de buena fe, y celebraré que algunos de ellos escapen con vida de las manos de Villa. Pueden ustedes continuar en México — nos agregó — hasta el momento oportuno en que les llamaré; pero estén listos para esa contingencia.»

Si el señor Carranza hubiese esperado en México las determinaciones de la Convención, Lucio Blanco lo habría aprehendido, obedeciendo los mandatos de aquélla y el Primer Jefe habría perecido y con él la causa revolucionaria.

La tesis política del señor Carranza, entonces, ha continuado siendo la misma, esto es, que no puede volverse al orden constitucional sin las reformas legislativas que la Nación reclama, y el Primer Jefe ha repetido constantemente que es indispensable dejar realizadas estas reivindicaciones y reformas para que el triunfo se considere consumado.

Apenas iniciada la guerra contra Villa, el señor Carranza formuló el programa revolucionario que la Convención nunca pudo definir y creó la Sección de Legislación Social. Combinó una forma de trabajo, que consistía en alistar y pertrechar las huestes para la lucha armada, al mismo tiempo que aprovechar la labor civil en el trabajo legislativo. El problema de la revolución quedó condensado en el Decreto del 12 de diciembre, denominado «Adiciones al Plan de Guadalupe».

Indecisa la lucha en toda la República, y cuando refugiado el Primer Jefe en Veracruz, formaba sus planes militares, un instante en el que las fuerzas constitucionalistas habían necesitado retirarse hasta la ciudad de Puebla, y las avanzadas no estaban arriba de Apizaco. El señor Carranza citó a los comisionados de «Legislación Social», y fué a revisar las tropas en todas las estaciones, mientras en el transcurso del camino preparaba las leyes, labor que realizó salvo los incidentes de una máquina loca que pudo haber volado su tren o de un descarrilamiento que pudo haberlo llevado al abismo en el Puente de Metlac.

La sutilidad y la virtud de Carranza en la política, no le han permitido halagar malas pasiones en la gleba. No ha ofrecido nunca el programa socialista, no ha prometido el reparto inconsiderado de la tierra, no ha asegurado el do-

minio absoluto de los sindicatos, no ha brindado el despojo de las riquezas ajenas para impacientes glotonerías y se ha mantenido en el terreno de la realidad, sin decir más de lo que puede hacer, y haciendo siempre, infaliblemente, lo que dice.

El gobernante.

Carranza no es un demagogo; es un estadista; tiene plena conciencia del principio de autoridad; sabe mandar; es innata en él la virilidad en el gobierno y la energía en la acción; pero quiere, por lo mismo, que toda autoridad esté constituída sobre las bases de libertad y responsabilidad comunes.

Es uno de los convencidos de la bondad del sistema federativo; en este punto es tan intransigente como el más exaltado de los constituyentes; confía en la grandeza del país, manteniendo la soberanía de los Estados; pero va más allá: dentro de los mismos Estados apoya y sostiene la autonomía municipal.

Al gobernador, necesariamente electo por el pueblo, conforme a nuestras leyes, lo quiere obligado a respetar las decisiones municipales, que son, en cada porción del país, la verdadera y genuina voluntad popular, y, a su vez, al presidente de la república — para el que pide mayor suma de facultades legales y menor tutela del Poder Legislativo, — le enfrenta la perfecta soberanía de los Estados, que forman el plan constitutivo de nuestro sistema de gobierno.

Es por esto que la primera ley de don Venustiano Carranza fué el estabelecimiento del Municipio, como base de la división territorial de los Estados.

La fuerza de un gobernante se aprecia por la suma de las voluntades que haya sabido ganarse.

El señor Carranza utiliza a todos los hombres que coinciden con él en cuanto a aspiraciones de orden político general, sin exigir de cada uno de ellos un perfecto contingente de virtudes imposibles de obtener en los hombres.

No da nunca oído a la maledicencia; jamás acepta cargos contra sus colaboradores, sin plena justificación y prueba

completa; conoce las pequeñeces de los hombres, no ignora las flaquezas de unos y de otros, y, en medio de las pasiones de todos, los hace caminar rectamente hacia los altos fines que él se propone realizar sin el obstáculo de las rencillas personales, de las antipatías o de las rivalidades inevitables en todo partido.

Su modestia, su sencillez, imponen en su ambiente una atmosfera de tranquilidad que hace a los hombres virtuosos y respetables. No escatima nunca los recursos para el sostenimiento de los hombres; conocedor práctico de las necesidades de la vida, nunca ha creído que podía llevarse a los hombres a la lucha pereciendo de hambre, ni hacer partidarios que vivan en la miseria.

Su intuición maravillosa resolvió el problema económico de la Revolución Constitucionalista, creando el papel moneda, que nos sacudió, de una vez por todas, del opresivo yugo del capitalismo y la tutela vergonzosa de los banqueros en nuestra vida administrativa.

Respetuoso de la justicia, no ha querido nunca fingirla, y mientras ha existido um gobierno militar, no ha querido que se ostente un falso restabelecimiento de las garantías individuales, que significarían la vigencia del amparo, porque esto traería la imposibilidad de un gobierno fuerte, capacitado para hacer la pacificación lo más violentamente posible.

La enseñanza es quizá para el Primer Jefe la ilusión mayor. Nunca hombre de gobierno en México había mostrado tal afán por el mejoramiento de la escuela y de los maestros, como don Venustiano Carranza. Jámais visita una ciudad sin preguntar por el maestro de escuela y visitar este estabelecimiento. En plena guerra, ha enviado varias comisiones de profesores a los Estados Unidos con el objeto de que se perfeccionen, obra que había iniciado desde su gestión gubernativa de Coahuila.

Asombráronse muchos de ver con qué afabilidad y confianza recibió a todos los maestros que se presentaron en Veracruz durante el mes de febrero, al ser ocupada la plaza de México por el general Obregón. ¿Qué hacer con tanta gente? se preguntaban azorados muchos tímidos.

El señor Carranza no llamó a nadie; pero no rechazó a ninguno, y todos tuvieron algo qué hacer en favor de la causa y todos sirvieron con mayor o menor capacidad, y los maestros contribuyeron al éxito de los congresos pedagógicos en Veracruz y dieron contingente educacional para Chiapas, Tabasco, Yucatán, Tamaulipas, Puebla y Querétaro. El gobernante había respondido con los hechos a las censuras por la admisión de aquellos elementos.

Carranza, gobernando, no aconseja la probidad, la demuestra; no proclama la virtud, da el ejemplo, y de allí que puede ser inflexible cuando tiene el derecho de exigir.

Como los Gracos, el Primer Jefe tiene la fortaleza contra los enemigos, la justicia con los suyos, la actividad en los cargos y la continencia en los placeres.

Plutarco, hablando de Catón, dice que: « fué de maravillosa moderación, pues siendo general, de trigo no tomó para sí y sus asistentes, más qeu tres fanegas áticas al mes; y de cebada, al día, para las bestias, todavía menos de tres medias. Cúpole en suerte la provincia de Cerdeña, y habiendo sido costumbre de los pretores que le precedieron, tomar del público los muebles, las camas y las ropas, gravando a los habitantes con precisarlos a mantener numerosa servidumbre y grande acompañamiento de amigos para los banquetes, hizo advertir en esto una increíble diferencia, no permitiendo jamás que de los fondos públicos se hiciera gasto alguno ».

Al leer esta cita, todos podrán ver retratada la conducta de Carranza, pues también, como Catón, a este singular desprendimiento y ahorro usado con los que están bajo su inmediata dirección y mando, acompaña circunspección y gravedad. Es inexorable en lo justo y recto y severo para hacer cumplir sus órdenes.

Cuando Catón, además de lo que los soldados ganaron en la expedición de España, repartió a cada uno una libra de plata, « porque prefería que volviesen muchos con plata que pocos con oro », y a pesar de que el botín fué muy rico, no tomó para sí sino lo necesario para comer y beber, porque dijo: « No es esto que yo acuse a los que procuraron aprovecharse de estas cosas, sino que quiero más contender en

virtud con los buenos que en riqueza con los más ricos o en condicia con los acaudalados.»

Tal es la psicología del Primer Jefe.

El Primer Jefe gobierna, siempre que le es posible, con jóvenes; ministros y gobernadores suyos casi nunca pasan de los cuarenta años, y el mismo señor Carranza es de una frescura y espíritu admirable. Comprende todos los progresos, no se asombra de ninguna reforma, por original que ésta sea y por audaz que se presente, y acepta todo adelanto cernido por su templanza.

El diplomático.

Ha sido la primera demostración hecha por un gobernante latinoamericano de alta energía, la del señor Carranza, en su inquebrantable actitud de Jefe de un Estado soberano frente a todas las pretendidas intromisiones extranjeras. Suponemos que pronto llegará la hora de hacer públicas las notas cruzadas entre el señor Carranza y el Departamiento de Estado americano, y entonces se conocerá su acción al ser ocupado el puerto de Veracruz por los americanos, y su patriotismo y delicadeza al exigir la evacuación del puerto por las fuerzas de aquel país; pero, sobre todo, su invariable resolución de hacer respetar en el Gobierno de México a una entidad merecedora de las consideraciones que todo pueblo libre tiene derecho a exigir.

No hay en toda nuestra historia patria ejemplar igual de un hombre que haya renunciado con tanta facilidad a las satisfacciones halagadoras del éxito inmediato, sacrificándose abnegadamente por la gloria de su país. Ningún gobernante de México, antes de Carranza, supo mantenerse independiente de la tutela diplomática americana. Carranza es un reformador, y entre sus medidas extraordinarias que han causado el asombro de nuestra sociedad, está su forma de tratar a los diplomáticos extranjeros, ya no con el sumiso aspecto de indios mexicanos, de obedientes criollos, de serviles mestizos para con todos los señores europeos; Carranza ha iniciado la diplomacia americana, que no concibe la amistosa relación

sin el mutuo respeto que es preciso dar a la amistad para que sea recíproca.

La habilidad diplomática de Carranza no ha consistido en subterfugios, debilidades y abyecciones, sino en la rectitud de su procedimiento, en la lealtad de sus afirmaciones, en la honrada sencillez de sus negativas y en la firmeza inconmovible de todas sus determinaciones.

Ninguna complacencia pasajera y ninguna granjería provechosa, ha hecho vacilar a Carranza en su línea definitiva de conducta.

FÉLIX F. PALAVICINI (*).

(México.)

(*) *Ingeniero, revolucionario de prestigio, periodista, dirige actualmente el diario* El Universal. *Ha ocupado el Ministerio de Instrucción Pública del Gobierno provisional, y ha sido diputado al reciente Congreso Constituyente de Querétaro.*

(REDACÇÃO).

A NOSSA GUERRA

SEUS FINS POLITICOS E SEUS EFFEITOS SOCIAES (*)

«Eminente Sr. Presidente da Republica — Exmo. Sr. Governador da cidade — Exmos. Srs. Ministros — Minhas senhoras — Senhores.

A entrada do nosso paiz na presente conflagração por mais que a muitos parecesse o logico desfecho de attitudes inevitaveis, não deixou de provocar no espirito do povo, a sensação abaladora de uma cousa verdadeiramente sorprendente.

Como? nós envolvidos numa conflagração de grandes potencias? em uma guerra cujos campos de batalha estão a tantos dias de nós? numa guerra que começou por motivos exclusivamente europeus e cujos fins até bem pouco tempo pareciam limitar-se a uma revisão mais conscienciosa dos crimes que a violencia militar praticara, decepando geographica e politicamente nacionalidades dignas de gozarem á luz da liberdade o beneficio da vida soberana?

Pois bem, senhores, até nós a guerra trouxe tambem os seus effeitos, e por mais que os campos de batalha continuem a ser os mesmos pela distancia, e que os inicios da guerra per-

(*) Conferencia realizada a 29 de Novembro ultimo, no Theatro Municipal, pelo Sr. Georgino Avelino.

maneçam nos seus primitivos aspectos europeus, e que, entre os fins do conflicto estejam assignaladas as reparações aos povos opprimidos do velho continente, nem por isso a nossa entrada na chamma ardente dos combates e a adhesão dos nossos esforços ao labor de robustecer os que luctam contra a autocracia militar, têm menos legitimidade e menos razão de ser.

Como todos os actos humanos sobre os quaes possam depois cégamente agir leis mais fortes que o homem, a guerra partindo de origens restrictas conduz, em certos casos a consequencias illimitadas. E foi, pelo automatismo irretroversivel dessas consequencias, que o conflicto, se espraiando além dos contrafortes europeus, que pareciam sósinhos destinados a contel-o, veio até á America, e na America pôde envolver as duas maiores potencias: os Estados Unidos e o Brasil.

ANTECEDENTES IDEAES

Apezar de reconhecer a rêde portentosa de factos e occurrencias accidentaes que vão a pouco e pouco levando as nações mais pacificas e estranhas ás causas da guerra actual, ao campo da lucta em que todas se unem em alliança militar, muita gente pensa ainda que o Brasil poderia ter evitado de chegar á situação extrema em que se acha. E' um engano em que talvez haja boa fé, mas que deve sem demora ser desfeito, para que, na supposição de que o nosso paiz marchou estudantescamente para uma posição tão grave, muitos espiritos não se excusem do descanço ou da tardança do seu concurso de disciplina e de bons exemplos. O dever é dar obediencia, é dar a utilidade individual, é dar a suggestão dos actos elevados, já que não póde haver, a respeito da nossa attitude, nem das linhas por que a traçamos e definimos, duvidas que acalentem a calma temporizadora dos que criticam o Governo e a nação por terem tomado cedo de mais a posição de combate.

E vejamos, senhores — Todos os paizes têm, illuminando seu caracter politico e a sua physionomia historica, interesses ideaes e interesses materiaes. Os interesses ideaes, estabi-

lizam e vinculam os sentimentos e as aspirações das nacionalidades; os interesses materiaes robustecem e asseguram as acções politicas dos governos, tanto na ordem interna para desenvolver e accumular o bem estar e a riqueza, como na ordem externa, procurando defendel-os de choques perturbadores. A guerra européa assumira desde o seu começo o aspecto apavorante da resurreição dantesca de um inferno que passasse para a face da terra o seu reinado de iniquidades; de um inferno triumphante, de um inferno em que os crimes assentassem sobre thronos cercados de bayonetas, em que os réos perante a justiça de Deus, se transformassem em juizes á face dos homens, para condemnar á morte a civilização e os bens que ella longamente semeou sobre o mundo.

Quantos de vós, desde o primeiro dia, sensiveis pelo parentesco do espirito e da cultura, não fortificaram com os votos do coração, com os augurios solemnes de uma alma enthusiastica, a causa dos nossos allidados, engrossando as fileiras da nobre milicia da intelligencia e do sentimento que em toda a parte concorre para o seu triumpho? E algum dia pensastes o que teria sido para a ascenção solar das democracias americanas o triumpho da caserna prussiana? Acaso meditastes o que faria sobre o Universo atemorizado, sem a respiração da liberdade e sem a franqueza das leis pacificas, a espada talhante dos soldados da Prussia? E nem suspeitastes, sequer, que o destino nos seria votado, se o invasor, que violou os Estados mais evoluidos, mais cultos e mais leaes, pudesse romper o dique de armas e de convicções sublimes que a Europa lhe oppõe e viesse ao nosso paiz e aqui, numa terra onde a historia ainda não ouvio gemidos de nações martyrizadas, começasse a pôr grilhões de escravos nos pulsos dos cidadãos? Déstes a consciencia da especie humana, que em vós habita, o consolo de ponderar sobre essas cousas tão graves, e de estreitar entre vós que aqui estais tranquillos e livres e a outra parte da humanidade, que soffre, que se ensanguenta e que se defende — o calor do vosso coração, num gesto de fraternidade bemfazeja e elevada.

Pensando e meditando como todos vós, no que seria o mundo sob o gume da espada, e pensando na sorte da Ame-

rica e do Brasil, se essa espada vencesse, na Europa, a razão e a lei do direito, é que o nosso paiz comprehendeu os fins ideaes da presente guerra. Guerra realmente de humanidade, guerra do direito, guerra da democracia, contra as tribus cuja ferocidade a civilização não amenizou, contra as castas que não reconhecem a igualdade, contra os senhores que não admittem leis.

MOTIVOS REAES

Mas essas causas ideaes, justificadas pela cultura dos homens, pela analogia das instituições, se bem apresentassem para a nossa politica pontos ameaçadores, não bastariam só por si, para nos render á evidencia de uma guerra como essa em que as nações entram contra o inimigo, com toda a força tanto militar quanto economica. Esses motivos ideaes seriam tanto mais impotentes para operar a nossa adhesão politica e militar, a uma empreza de guerra, quanto é sabido de todos, que os governos não soffrendo para os seus actos a immediata solicitação dos principios theoricos, condescendem apenas com as circumstancias de facto que ameacem o equilibrio ou a existencia dos paizes.

Deve ter havido, portanto, um motivo bem precizo, bem material, bem insophismavel, para que o Governo do Brasil abandonando a sua neutralidade, começasse a acceitar a guerra que sempre procurou evitar.

Esse motivo que os torpedeamentos allemães vieram tornar mais evidente e apreciavel, repousava em tres circumstancias diversas, ligadas ás razões vitaes da nossa soberania e da nossa nacionalidade. Era, por um lado, com o bloqueio, uma limitação arbitraria dos nossos movimentos de nação extranha ao conflicto e, portanto, não susceptivel de ser comprehendida nas medidas de belligerancia com que a Allemanha procurava ferir de morte o commercio e a navegação das nações inimigas; por outro lado, e ainda com o bloqueio, era, não só a limitação como a destruição da potencia economica do Brasil, entravando a sua navegação e impossibilitando as transacções de cambio commercial de que a nossa

actividade retirava os beneficios da paz operosa. A terceira circumstancia era ainda mais grave e possuia mais força de sobre o Sul do Brasil, onde, por descuido nosso, a colonização tedesca, vinda entre ondas emigratorias, plantára as suas raizes terriveis. E vós não ignorais, senhores, como o trabalho do emigrante allemão, a descendencia do emigrante allemão, guiados pela acção infernal dos agentes do seu governo, proseguissem tenazes, enthesourando os beneficios que o nosso sólo e as nossa leis lhe asseguravam, sem se renderem, por ternura, por adaptação ou por interesses aos appellos da nossa vida nacional que bem perto delles procurava transformal-os em cidadãos e em filhos do Brasil.

Ameaçados fóra de toda e qualquer convenção nacional nos principios juridicos que asseguravam a nossa soberania; ameaçados na liberdade do nosso commercio e na possibilidade de garantir o trabalho nacional; ameaçados a fio de espada, de uma mutilação mortal no nosso proprio corpo, vêde, portanto, que nenhuma sahida honrosa havia para o Governo do Brasil, fóra da digna e gravissima responsabilidade de acceitar a guerra levando para o grupo das nações que luctam contra a Allemanha, todo o valor sincero do nosso concurso, sabendo desde já os sacrificios que poderemos ser chamados a fazer, segundo a phrase desse documento memoravel de nitidez, de serenidade, de convicção sem jactancias e de firmeza sem aggressões, que é a mensagem do nosso illustre Presidente.

Os antecedentes espirituaes e mais as circumstancias materiaes que determinaram a nossa participação directa no conflicto, justificam apenas perante a historia e perante a consciencia dos homens contemporaneos o acerto moral e a elevação corajosa da conducta do Governo da nossa Patria. Esses elementos, que são já aspectos historicos da nossa guerra, serviram até o dia em que a guerra foi por nós acceita.

FINS POLITICOS

Uma vez confundido entre as nações que entregaram a sua causa á palavra do canhão e da espada, o Brasil co-

meça a ter no conflicto fins politicos seus, correspondendo a garantias ou a interesses que a victoria commum venha a estabelecer, sobre bases seguras e favoraveis.

Quaes são esses fins politicos?

Não é arriscado, senhores, formular commentarios sobre intenções e idéas que estão nos designios dos governos, nem é difficil mostrar a um publico patriota as direcções que vão tomando os interesses do seu paiz, notadamente em momentos como este, que, a par de uma grande clareza do Governo, requer do cidadão, a obediencia, a actividade, a intelligencia e a vida.

E' indispensavel, depois que razões mais fortes que o nosso arbitrio nos obrigaram a entrar no debate tumultuoso das batalhas, que pensemos em retirar dos sacrificios inevitaveis, um premio correspondente.

A situação politica, commercial e financeira do Brasil no mundo, offerece aos estadistas os elementos para se estabelecer nitidamente os fins da nossa guerra, devendo ter o povo tambem a sensação da existencia real desse fins, para que a sua contribuição, o seu concurso e o seu enthusiasmo, passadas as horas do patriotismo meramente effervescente e verbal, encontrem seguros pontos de apoio — de um lado, nas causas historicas e moraes da nacionalidade e, de outro, nas aspirações do interesse individual que procura sempre em todas as transformações humanas uma explicação directa para as suas vantagens.

A nossa entrada no conflicto vem, portanto, assegurar: primeiro, o ingresso do Brasil no seio das potencias mundiaes; segundo, os movimentos da sua balança commercial com tratados e convenções favoraveis; terceiro, o desenvolvimento da sua actividade economica e industrial para que se faça mister assistencia alliada; quarto, a solução, com algumas dessas nações de conflictos e mal entendidos sobre a emigração, permanecendo, como permaneceremos nós, mesmo depois da guerra, um mundo aberto ao trabalho e á intelligencia daquelles cujos patrimonios arrazados pela furia do conflicto não encontrem na Europa condições a uma possivel reconstituição.

O BRASIL POTENCIA MUNDIAL

Nós não ignoramos, senhores, que até hoje não tem sido nem a ordem, nem a cultura, nem a operosidade, nem o amor ao progresso, que têm dado aos povos direito ao tratamento de distincção, na sociedade internacional. Pelo contrario, onde as classes humanas, organizadas para o trabalho e para a liberdade, foram de preferencia sujeitas á centralidade despotica de governos inspirados pelas doutrinas sinistras das hegemonias, foi ahi que a politica dos Estados modernos encontrou valiosos titulos, para o respeito e para a consideração internacional, creando esse criterio que uma aberração das leis divinas e uma contradicção com o proprio progresso, de classificar a importancia mundial dos Estados pela efficiencia esmagadora das suas machinas de guerra.

Quanto mais engenhos de destruição possuisse um paiz, quanto mais serviços apresentasse na conquista dos meios de matar, de anniquillar a vida de outros povos com que tivesse conflictos, mais esse paiz era digno de uma glorificação em plena paz, para os effeitos da sua importancia e para o respeito ás suas opiniões no cenaculo dos povos civilizados.

Deveis estar lembrados, ainda, senhores, do que foi a conferencia de Haya; deveis ainda ouvir, vinda num remanso de bondade e de genio, que as ondas da furia sanguinaria não impediram de chegar á historia, a voz prophetica de Ruy Barbosa, lutando, como enviado do futuro, contra essa odiosa comprehensão do que fosse a importancia mundial dos Estados, assente pelo criterio da politica moderna. Mas, para que serve combater sem destruir, para que argumentar, quando os nossos argumentos estão na persuasão dos proprios adversarios e quando elles mesmos reconhecem que as reformas e as transformações não podem ser obras que caibam dentro do emprehendimento de forças individuaes? E por ser assim é que a evolução humana não comporta essas situações fraccionarias periodicas que em alguns paizes de vez em quando triumpham, sem trazer nenhum beneficio ao organismo geral do mundo. De que serviria, por exemplo, no Brasil, triumphar a doutrina do pacifismo, a toda a força, quando do cimo desta

conquista a sua voz não fosse mais ouvida, tanto para defesa dos ideaes humanos, como para a preservação dos seus interesses particulares? E acreditareis, por acaso, que a nossa acelerada presença em um Estado social, ainda em preparação para povos de ideas mais praticas e mais cautas, desprendesse sobre nós o fulgor da admiração universal e que fossemos, por isso, julgados um povo civilizado?

E' um engano; seriamos julgados uma nação decadente, e com razão, porque a furia ascencional para estados sociaes ainda não realizados é precocidade lamentavel e de effeitos desastrosos, sobre um povo, como o nosso, que não teve ainda tempo de construir um solido organismo nacional.

Aceitando, pois, a guerra que nos foi imposta, não sómente adherimos á corrente de factos inevitaveis que dominam o pensamento politico contemporaneo, como tambem começamos a dar o nosso attestado de capacidade militar, indispensavel para o bom juizo do mundo sobre nós. Foi ainda Ruy Barbosa, em Haya, quem, combatendo a classificação dos paizes pelas respectivas potencias militares, disse que o Brasil, grande e nova nação de mais de 25 milhões de habitantes, bem poderia procurar, como o Japão, pelo preço das armas, o seu ingresso no concerto das grandes potencias.

Pois bem, chegou a nossa vez, e com uma eloquente affirmação militar vamos colher o duplo beneficio de adquirirmos para a nossa patria o respeito que se adquire com á expressão da força, quando essa tambem uma manifestação de consciencia nacional.»

EXPANSÃO COMMERCIAL

Como as allianças não se fazem sómente á base de sympathias, e mesmo quando a sympathia as provoca é o interesse que as consolida, a nossa presença no conflicto deverá corresponder a uma somma apreciavel de conveniencias para nós.

A unica arma que nós temos tido até hoje para defender relativamente os nossos productos, é um certo proteccionismo alfandegario, através do qual nós favorecemos ou difficultamos a entrada de mercadorias de um determinado paiz no nosso

territorio estabelecendo, por esse meio, favores ou hostilidades que servem de bases para os entendimentos commerciaes. Mas devemos convir, senhores, que a nossa rêde proteccionista offerece defesa bem tenue para a expansão commercial do Brasil, se se tiver em vista tambem que os nossos principaes artigos de exportação são de natureza a só abrirem mercado por interesse e solicitude especiaes dos governos, já que, não só, não são productos de uso indispensavel como alguns delles, que o são, soffrem uma concurrencia privilegiada dos similares extrangeiros.

Quem poderá dizer que o café é um genero de primeira necessidade na Europa? E o cacáo, e o assucar, e a borracha, não estão sujeitos a competições que têm provocado tantas crises economicas, entre nós? E o nosso nascente commercio de carnes e de cereaes não merece uma especial providencia protectora? Pois bem, um dos fins da nossa guerra será, filiando o Brasil á federação economica que subsistirá ao conflicto, crear essas condições de reciprocidade favoravel, para que o nosso café deixe de ser submettido ás tenazes restricções fiscaes a que está sujeito em quasi todos os paizes; para que a nossa borracha possa ao lado da de outra procedencia achar acolhimento e protecção nos mercados do mundo; para que o nosso assucar supere os diques que contra elles estabeleceram as alfandegas européas, creando taxas excessivamente preferenciaes para os assucares de beterraba, quando é evidente que uma diminuição dessas taxas não só proporcionaria o consumo de assucar de beterraba, como augmentaria o consumo geral desse producto que não é usado em mais larga escala, sómente devido ás restricções do alto preço a que tem sido permanentemente acorrentado.

E quanto á carne, que um criterio de absoluta necessidade actual favorece excepcionalmente, apenas passada a guerra, e quando a reconstituição dos rebanhos começar a ser feita convenientemente, poderemos soffrer o choque de concurrentes mais bem apparelhados, pelo trabalho das selecções das raças e da qualidade do producto.

Esses assumptos são, tanto mais, fins primordiaes da nossa guerra, quanto é sabido que, no dia da paz, nós fica-

remos tambem de posse de uma grande frota mercante, cuja vida tem de alimentar o nosso commercio e tem de ser alimentada pelo nosso commercio.

ACTIVIDADE ECONOMICA E INDUSTRIAL

Como não só durante a guerra, mas tambem depois da sua suspensão, a Europa terá que recorrer aos celeiros americanos, para se abastecer de viveres, a nossa actividade productora deverá assumir proporções de crescente estabilidade. Mas esse problema não será resolvido sómente com o estimulo altamente louvavel do Governo, dizendo aos productores «plantai e o que não venderdes o Governo vos comprará». E' necessario fundar um grande apparelho technico, para o qual não sómente deveremos obter dos nossos alliados o saber profissional, como tambem os recursos indispensaveis. Porque, accelerar a producção geral, sem servil-a de um regimen de transporte efficaz e da acção permanente do saber pratico, poderá dar bons resultados durante a guerra e sob a protecção directa do Governo, mas acarretará uma quéda desastrosa no nosso diagramma economico, no dia em que, passadas as condições opprimentes a que a conflagração submette as potencias européas, deixar de haver no nosso mercado os agentes artificiaes de valorização e incremento da producção, ficando os nossos productores entregues a seu proprio arbitrio, sem garantias para normalidade do cambio commercial.

Não é só bradar aos nossos alliados: «Nós poderemos abastecer-vos», mas é mistér tambem convencel-os de que elles nos devem os meios technicos e financeiros para tornar mais rapida e mais segura essa nossa capacidade potencial de abastecimento.

Ha estradas a construir, servindo zonas de grande riqueza, ha installações a fazer para beneficiar productos de exportação, ha processos scientificos a pôr em pratica para o aproveitamento mais completo do sólo e producção e, de tudo isso, os alliados nos poderão prover, afim de que a nossa alliança lhes seja igualmente mais util.

IMMIGRAÇÃO

E' voz corrente que por emquanto nós deveremos pôr os problemas de immigração em um plano secundario, porque, mesmo cessadas as hostilidades, a Europa vai ter necessidade de toda a sua população rural e operaria, fechando, assim, as portas do mar aos que pretendessem passal-as.

Esse argumento póde esconder uma illusão contra a qual é mister todo o discernimento. A guerra universal não desencadeou sobre a Europa sómente as consequencias materiaes da destruição de homens e de riquezas de modo que ao seu termo as classes sobreviventes tenham apenas a funcção mecanica de reparar esses males, por um trabalho mais intenso, sob uma organização mais exigente. A guerra universal tambem desatou sobre a Europa, onde estão os seus campos de batalha, a força dos factores psychologicos que alteram e contradizem, ás vezes tão flagrantemente, as soluções racionaes dos homens de governo. Acreditareis, por acaso, senhores, que esses factores não produzam logo após á paz, uma acção centrifuga, tendente a dispersar pelo mundo uma grande somma de homens abalados pelo horror da vida a que se submetteram tão longamente? E os crimes que deixaram na memoria sulcos de dôr inapagaveis e as violações, e os sacrilegios que afogueiam e atormentam a alma, obrigada á presença dos lugares em que se deram, não acreditaes, senhores, que tudo isso estabeleça um estado moral para o qual só haverá a solução da ausencia, da distancia, dos lugares novos, onde esses soffredores possam começar, sob o sorriso amavel de uma outra natureza, o esforço para o esquecimento, para a paz e para a felicidade?

Paiz de futuro estreitamente preso á immigração, o Brasil não poderá, em nenhuma cirrcumstancia, deixar de procurar os meios favoraveis a esse aspecto da sua expansão e do seu progresso. Nós temos tido a esse respeito, mal entendidos e conflictos, para cuja solução appareciam difficuldades accrescidas pela propaganda de nações interessadas em desviar, a seu favor, as correntes emigratorias. Hoje, porém, existem

entre nós e os paizes que mais possuem essa preciosa riqueza humana, as ligações de uma alliança miiltar, que nos colloca em privilegiada posição para resolvermos a nosso favor todas essas interessantes questões.

EFFEITOS SOCIAES

A guerra é o grande experimentador, por excellencia, da resistencia e da utilidade das instituições, porque, requerendo para o seu exercicio uma somma sempre prompta e successiva de actividades e de forças, ella vai eliminando, aqui e alli, as quantidades negativas, sem que essas eliminações produzam abalos collectivos, tal é o seu poder de concentração sobre os organismos nacionaes.

Aqui no Brasil, na decorrencia tranquilla de um regimen politico sustentado pela unanimidade das opiniões, certos problemas sociaes, que poderiam ter operado surtos e renovações na mentalidade e na energia da nação, foram longamente descurados, produzindo em diversas camadas populares uma ausencia de sensibilidade, de criterio pratico e de economia individual, que gravemente comprometteriam neste momento o successo da nossa empreza, se a reacção agil, persuasiva e crescente das classes elevadas não procurasse o coração e a intelligencia do povo, para o trazer sem surprezas desconcertantes, ao seio dessa febril preparação historica.

Como não se póde fazer uma guerra só com o que existe no dia da sua decretação, com um Exercito limitado; com uma burocracia repousada e difficil; com uma politica para ajustar a equivalencia e os interesses das correntes internas; com uma legislação cheia de obstaculos ao transito das medidas urgentes; com homens doutrinarios e fatalistas; com um povo benevolente, sem egoismo, sem ambições e sem cautelas; como não se póde fazer uma guerra com a indifferença collectiva mantida entre o dogmatismo despreoccupado das classes da élite, é fatal que o primeiro effeito da guerra, antes das suas despezas e onus, será o de despertar as forças dos regimens existentes, afim de mobilizar a resistencia com que as nações procuram abalar e vencer a resistencia inimiga.

E' este o nosso caso. Reconhecendo a ameaça do perigo allemão nos flancos da nossa propria carne, accorremos ás armas, reconhecendo tambem que deveremos accorrer á outra actividade, a outros systemas de administração, a novas fórmas de selecção e de conducção dos esforços, para construir esse poder monolitico de disciplina e de organização, sem o qual toda a luta é desastre e todo o desastre é vergonha.

Fôra ocioso, senhores, rememorar aqui, uma por uma, as lacunas a que a nossa tranquillidade conduzio o estado social da nação. Os nossos casos organicos não mereceram, durante muito tempo, preoccupações de ninguem, de modo que, entrando na guerra em consequencia da vigilia permanente que essa provoca em todas as manifestações da vida collectiva, é que poderemos enfrentar com coragem a solução desses casos.

EXERCITO NACIONAL

Até bem pouco tempo, senhores, uma corrente dominava entre nós: a que pensava e dizia que as forças armadas, absorvendo grande parte da nossa receita sem compensar, de nenhum modo, esse dispendio, tornavam-se, cada vez mais, uma organização inutil, alimentando o parasitismo de homens, cujos braços estavam a fazer falta nos labores e nas emprezas dos campos.

Essa gente, senhores, julgava e condemnava o Exercito pelo criterio archaico de se ver nas organizações armadas apenas uma força, prompta para os actos de violencia.

Em paizes como o Brasil, no emtanto, o Exercito tem mais uma funcção social que propriamente militar. Dentro de um regimen que, pelas concessões largas das autonomias, deu ao territorio nacional diversas physionomias politicas locaes, não sei que elemento mais se preste para estabelecer o permanente contacto do paiz com as partes do seu todo, do que o Exercito, constituido á feição moderna, pelo sorteio que lhe incorporou ás fileiras, indistinctamente, brasileiros de todas as regiões.

E essa funcção é tanto mais apreciavel ainda para quem, estudando a indole das instituições democraticas em um paiz

que é , ao mesmo tempo, um paiz de immigração, considerar para a estabilização de certos principios de hierarchia e para a absorpção aos processos de uma boa educação affectiva e mental, quando o Exercito se torna um apparelho de privilegiada utilidade.

O Exercito representa para nós um systema e um vehiculo da nossa propria formação nacional, alterando, pela uniformidade disciplinar do seu todo, as muitas condições desfavoraveis que a extensão e a ausencia de centralidade da nossa federação têm creado, impedindo a rapida constituição de um typo ethnico ou o que se assemelha a tal, pela cultura, pela adaptação pelo sentimento.

E' preciso não esquecer, num paiz onde ha o problema da propria constituição nacional, que todos os outros lhe devem vir subordinados. E se ha um problema de constituição nacional, numa democracia nova ,descentralizada e importadora de sangue extrangeiro, que cada vez mais difficulta essa nacionalização, só o Exercito poderá ser o agente infallivel de tão nobre incumbencia.

EDUCAÇÃO

Além do mais, senhores, não olvidemos uma circumstancia profundamente elucidativa. A organização militar facilita e ajuda consideravelmente a solução de outros problemas, porque o Exercito realiza, de anno em anno, um trabalho de recenseamento das classes novas do paiz e, mesmo não utilizando-as para o serviço das fileiras, poderá, comtudo, auxiliar os poderes publicos a identificarem a existencia das blema da educação, agora, que, estando reunidas sob a ban- policiaes dos Estados, apparece essa occasião sem precedentes para, ao lado da campanha patriotica, ser desenvolvida a propaganda da educação elementar e do ensino profissional.

Como as emprezas de transformação social não se fazem sómente pela simples disposição dos governos, mas preparando ou utilizando tambem os factores psychologicos favoraveis, nenhum momento se nos antepara mais propicio do que este em que innumeras classes de cidadãos submettidas á disci-

plina militar são orgãos de excepcional efficacia para transmittir a outras classes com que tenham mais contacto a suggestão da propaganda e das medidas adoptadas para leval-a a effeito, em bem da reconstrucção do Brasil.

Tenho muita fé na disposição dos nossos poderes publicos para elevar o nivel do espirito popular, dando-lhes meios de cultura e de capacidade para o trabalho. Mas sempre encarei com certo desanimo, o valor dessa disposição, applicada no territorio de uma nação vastissima e de população tão pouco densa como o Brasil, através de cuja extensão a acção official vai perdendo o seu poder e a sua real efficacia. Agora, porém, vejo com enthusiastica alegria surgir a opportunidade de ser realizada essa grande obra nacional.

TRABALHO E PARCIMONIA

A situação do mundo produzio no Brasil um dos seus effeitos de incalculavel importancia, desferindo as notas de uma alvorada geral para o trabalho. Onde hontem havia adormecido um homem placido e sem preoccupações sobre o futuro apparece hoje o trabalhador operoso, alegre, com ambições docemente accommodadas nos planos e nas idéas com que assegurar a actual prosperidade.

Mas um povo que acordou tão inopinadamente para o labor intensivo e a quem o trabalho pôde prodigalizar tão imprevisto bem-estar; um povo cujo gozo dos recursos obtidos como esforço applicado, não foi alcançado através de um extenso caminho de energia provada pela tenacidade; um povo que não tem as tradições de um passado economico, com as lições do qual tivesse aprendido a dar ás cousas o seu valor approximado, pela fadiga que custam, este povo deve ser esclarecido e educado para que a sua abundancia augmente, como fruto de economia, e a riqueza do paiz se consolide a preço da sua sobriedade.

Senhores, eu não vos estou dizendo uma novidade, o que faço aqui apenas em tom de vulgarização, é repetir com mais amplitude verbal, mas sem lhe igualar o sentido substancial, um dos conselhos lapidares desse documento inesquecivel, com

que o Presidente da Republica communicou ao povo a nossa guerra e apontou com prompta e elevada comprehensão seus effeitos na vida nacional. Vem, ahi, um appello ao paiz para a «maior parcimonia dos gastos de qualquer natureza, publicos ou particulares», e nós deveremos attender e traduzir em linguagem que alcance a comprehensão popular, considerando os beneficios de ordem individual e de consequencias nacionaes que dahi provirão.

SELECÇÃO DAS CAPACIDADES

Nós vivemos até bem pouco tempo dando á nossa existencia politica os reflexos obscuros de uma inestinguivel luta eleitoral, em que os homens de valor sincero e de capacidade proprias quasi nunca logravam tomar pé. E mesmo que tomassem, não se tornavam uteis porque a maioria não tivera ainda a sensação premente das situações do perigo, que não podem ser debelladas com o facil entendimento de pessoas, mas sim com a distribuição de encargos e de actividades pelas competencias reaes, operando executivamente nos departamentos novos, de onde deverá nascer a cooperação efficaz do povo com aquelles que o governam.

E será neste momento consolidar o espirito do Brasil com as necessidades do Brasil dar ao andamento da vida nacional a physionomia legitima do que, mesmo em tempo de paz, um paiz deve ser: a ligação da intelligencia e da capacidade á missão de orientar e conduzir.

HARMONIA E ACÇÃO

Estabelecida esta identificação entre os diversos elementos uteis do paiz, que cousa se fará mistér senão o impulso immediato e robusto para uma acção que corresponda em todos os seus pormenores ás necessidades geraes em face da guerra e das suas consequencias? Será então o paiz entregue legitimamente a si mesmo, promovendo com os recursos sinceramente aproveitados o seu accesso no seio da alliança, pela contri-

buição efficaz, pela estabilidade leal de uma presença que acóde onde é chamada, no campo economico como no campo militar, no campo moral como no campo do pensamento.

DIAS DE GRANDEZA

E só então seremos grandes, só então, mirando a realidade como quem busca um espelho ás linhas da sua propria face, nós teremos comprehendido a missão historica do nosso paiz e teremos estabelecido no seu seio a consciencia de sentir e viver, a gloria de habitar uma faixa tão larga do planeta, levando ao coração da vida nacional e humana o sangue rico da energia, da mocidade e da saude. Só então o Brasil será verdadeiramente uma patria, defendida por muralhas que não são só as das armas, mas as que foram construidas com a pedra e com o cimento em que o coração é a substancia e a intelligencia é a liga.

HUMANIDADE

Minha Patria, eu te apercebi em sonhos. Offerecias á contemplação da minha ternura um aspecto de força viva e tranquilla e mostravas, entre os tecidos dos teus musculos robustos, o signal das feridas que a saude do teu corpo rapida cicatriza. Olhavas com meditação a tua propria terra de que parecia teres andado afastada e, na doçura da visão que a ardentia do teu olhar tropical banhava de mais doçura, eu me affoitei a fallar. E me respondeste: venho do seio da humanidade e só agora faço parte della, porque combati, soffri pelos seus destinos. Volto aos meus campos, ás minhas terras e começarei desde hoje a semear com a experiencia destas cicatrizes a perpetuidade revelada de uma nova vida universal.

EL CODIGO CIVIL BRASILEÑO

CARTA ABIERTA (*)

Asunción, Octubre, 2 de 1916 — Exmo. Sr. Silvano Mosqueira — Rio de Janeiro.

Ilustrado amigo — Sumamente grato es para mi acusar recibo de su amable carta del 11 del pasado mes, cuyos bondadosos conceptos agradesco de todo corazón.

Deciale en mi anterior que han llegado á mis manos las obras de Clovis, el Parecer de Ruy Barboza y las discusiones que el proyecto del Código Civil provocó en ambas Cámaras, cuya remisión á su fina gentileza debo. Pídeme Ud. mi parecer respecto de la enorme obra mental que ellas acusan. Ilimitada audacia sería la mía si pretendiera su examen con los menguados alcances de mis energías. Joven, como soy, indapacitado me siento de afrontar empresa hasta difícil, y si, por la confianza que su bondad me inspira, inclínome á creer que en esta alternativa se aceptará de mí, en vez de una simulada erudición del pensamiento, un sincero grito de admiración para la inteligente y valorosa raza lusitana,

(*) Dirigida ao Dr. Silvano Mosquera, representante diplomatico do Paraguay junto do Governo do Brasil, pelo Dr. Luís de Gasperi, joven publicista paraguayo.

permítame decirle que el nuevo Código Civil y la abundante y sazonada doctrina jurídica que la abona, timbre de gloria es para la América Latina y purísimo oro que la nación brasileña ofrenda en el altar de la patria á los próceres de su independencia.

Dos parécenme los puntos de vistas desde los cuales ha de contemplarse su codificación: primero, como coeficiente del alto grado de civilización y cultura brasileñas; y segundo, como materialización del estado de conciencia jurídica y de capacidad para el derecho del pueblo que á la ley va á prestar tranquilo, leal é inalterable acatamiento.

Ahora que á explicarme voy, anticipome en suplicarle quiera dispensar á mis reflexiones la suma de indulgencia que su loada tolerancia es fama que nunca escatimó á quienes la pedían.

Nace el niño y en el maternal regazo crece adquiriendo de los autores de sus días las costumbres depravadas ú honestas que por imitación suelen llegar al alma humana, según el mayor ó menor esmero que se pone en la educación de los hijos. A propósito vienen á la menoria estas palabras de Marco Aurelio: — « Aprendí de mi madre la religión para con Dios; la liberalidad para con todos; el abstenerse no solo de ejecutar acción mala, sino también de cebarme en el pensamiento de ella ».

Los Soliloquios del Emperador son una prueba de lo que he dicho y serán el fundamento de lo que seguidamente afirmaré.

Emplea el hombre su adolescencia, juventud y mocedad en discernir un cúmulo de preceptos de moral que los adquiere para constituir su peculio interior, caro á su egoismo, como los objetos materiales de su patrimonio, cada uno de los cuales asocía á la idea de un esfuerzo, sacrifício ó lucha con los seres y las cosas que le rodean.

Llegado á mitad del curso de su vida, despreocúpase de ellos, pues como cristales que se precipitan al fondo de un vaso de reacción, han pasado á constituir el acervo de los reflejos de su adaptación á los fines de la vida civil y política.

Una duda, sin embargo, le asalta, le detiene y le invita á meditar. ¿Cuál es el ideal que va á perseguir hasta los postreros suspiros? — Hé aquí lo no enseñado ni aprendido. Los conocimientos que constituyen el sustractum de su mentalidad arrojan sobre los internos horizontes de su sér haces de una difusa y tibia luz de aurora, á cuyas claridades deberá la alta emoción moral de distinguir entre múltiplos e complicados fines, la *finalidad* de su existencia, la explicación, la razón misma de su tránsito sobre el haz de la tierra. Extraña, dulce y halagadera disputa de sus faculdades conmueven las fibras de su individualidad. Es la hora suprema en que, dueño de si mismo, se mira y se absculta. Prepárase á escuchar lo que con imperiosa voz va a revelarle la serena deliberación de su albedrío. Y si algún redivivo Fedro le preguntára en este instante el sitio donde Bóreas arrebató á Oritia del Iliso, tengo para mi que su respuesta serían estas palabras de Sócrates a su interlocutor, en el divino diálogo de Platon: « Yo, Fedro, dejo á un lado esas cuestiones y, creyendo lo que creen los demás, medito, no sobre ellas, sino sobre mi mismo, para saber si soy un monstruo más complicado y más salvaje que Tilfón, ó una criatura más dulce y sencilla que goza naturalmente de una suerte feliz y modesta ». Cuando esta febriciente elaboración de su ideal le ordena á ser un Senel ó un Anticristo, reemprende el hombre su camino, la duda atrás, hacía las sétimas esferas de la razón, donde se liberará de sus instintos.

Grande ha sido el rodeo á que forzado me he visto para decir que esta misma operación espíritual se observa y opera en los pueblos, no obstante haberse demostrado cuán aventurado es comparar el organismo del individuo con el de la sociedad.

Las naciones primero se someten á las costumbres. La inviolabilidad es una face de su evolución. Caracterízanse en su infancia por el aislamiento con respecto á las otras y por la inmutabilidad de sus normas, con respecto á si mismas. Las fuerzas mentales permanecen en estado potencial. El derecho consuetudinario se forma lenta e insensiblemente con

reglas que resultan de las necesidades y de las creencias, del mismo modo que en el individuo, según la concepción Spenceriana, la vida es la adaptación contínua de relaciones internas á relaciones externas. Mucho de ancestral hay en las costumbres de las naciones. Aspectos tienen ellas cuyos orígenes han de buscarse en la eternidad de los tiempos.

Y si á los pueblos les fuera dado reflexionar ¿nos asombraríamos acaso de escucharles decir lo que Marco Aurelio en sus *pensamientos*, á la ribera del Granna: — « Aprendí de mi madre la liberalidad para con todos », etc., ó esta sublime frase: « Consejo fué de Rhústico que yo me pusiese á pensar, que tenia necesidad de corregir y componer mis costumbres? » — ¿Cuánto tiempo rigió al pueblo romano aquel duro, áspero y desapacible aforismo quiritario: *adversus hosten aeterna auctoritas esto*? — Después, los más cultos se erigen en preceptores. Una especie de colaboración colectiva mejora ó corrige tal cual inveterado hábito y se ve reproducido en los pueblos el fenómeno que señale en el individuo, cuando emplea un periodo acotado de su vida en discernir y acumular preceptos que van á constituir su peculio interior, la base espiritual de su existencia. ¿Qué estudiante de derecho ignora el origen del *jus gentíum* de los romanos? Fué la civilización griega, madre de las artes, las letras y la filosofía, la que introdujo bajo los muros de la Ciudad de los descenviros esta nueva concepción del derecho, libre de formalismos y de prejuicios. Inspirado como estaba en sentimientos humanitarios, amparaba á todas las cosas y protegía á todos los hombres. Llegan á su mayor edad y, lo mismo que el hombre, los pueblos reflexionan por medio de sus altas cabezas. ¿Qué otra cosa representa el *jus publici respondendi* regularizado bajo el Imperio? Es la meditación. Es la razón de derecho invocada por los Prudentes sobre la misma senda por donde esotéricos, misteriosos, como oráculos, se perdieron los Pontífices en la noche de los tiempos. Maravillosos obreros del perfeccionamiento contínuo del derecho, marcharon en ascensión constante sobre la cuesta de la lógica, á buscar la revelación de los principios en las altas cúspides de la razón humana. Sólo cuando las

consecuencias del razonamiento eran manifestamente injustas, desviaron de ruta para buscarlos en los horizontes ilimitados de la equidad. Así se explican los contradictorios elogios de que han sido y que tan hermosamente fueron puestos en paralelo por M. Labbé: « Les Romains ont construit leur jurisprudence avec la rigueur des principes mathématiques ». (Leibniz) « Les Romains ont toujours écouté la raison, l'equité ». (Bossuet.)

La jurisprudencia es la obra de la reflexión y de la concentración que un pueblo hace de su capacidad para la libertad, ó mejor dicho, de su disposición para el derecho. Empieza su mayor edad. Es el instante que Bagehot llama « paso de la edad de la inmovidad á la edad del libre albedrio ». Para ello es necesario que los gobiernos sean liberales, amigos de la discusión, porque sólo á la luz de la libertad puede el pensamiento escalar el resplandeciente é inaccesible sólio de la verdad y de la justicia. En este momento de auto deliberación, los pueblos, por lo mismo que son *organizaciones* y no simples organismos, según la sábia observación de Giddings, llegan afectarles y las que pueden procurarles algún provecho, y si han emprezado á gozar de su independencia, logran el dominio absoluto de su libertad, porque son dueños de su destino.

La mente de la nación gobierna á la voluntad de la nación. Tal es la semejanza de las transformaciones espirituales de un pueblo y de un hombre, que ambos pueden al unisono decir que para conquistar la libertad no se necesita de la espada, sino del acuerdo, la armonía y la serenidad de las facultades reflexivas del reino interior é invisible del espíritu.

Remítome á las antecedentes consideraciones para repetir que el Código Civil recientemente sancionado debe contemplarse en primer lugar, como coeficiente del alto grado de la civilización y cultura de la nación brasileña, antes de estudiar las múltiples, ricas é interesantes particularidades que puede presentar para el jurista.

Y ahora que tengo cerca de mi la opinión ilustre de una de las más completas cabezas del derecho americano, la del

doctor Clovis Bevilacqua, remítome á su indestructible ejecutoria, con el objeto de consolidar mi humildísima opinión sobre el trascendental significado del Código.

Al refutar el dictado de un egregio pensador brasileño que negaba la necesidad de encerrar el derecho en los inflexibles moldes de la ley, á cuyo inanimado mecanismo « insuflan sangre y vida » las costumbres de que el derecho vive por esencia, dice Clovis: « que la posible dureza de las formas es largamente compensada por otros predicados, cuyo valor debemos aquilatar por la vehemencia con que la humanidad ha pugnado por obtenerlos: la clareza y la precisión de los edictos, la seguridad de los intereses y *el cercenamiento del arbitrio de los depositarios del poder* ». Hé aquí, pues, que un Código es tanto como la vengadora espada de la libertad, y qué decir cuando á su elaboración han cooperado obreros como Clovis, Ruy Barboza, Vieira Ferreira, Azevedo Marques, Eulalio Monteiro, Nogueira Itagyba, Galdino Loreto, Paes Barreto, Augusto de Freitas da Costa Carvalho, Moraes Barros, Alfredo Varella, Henriques de Souza, Olegario Herculano, Amphilophio Botelho da Costa Barradas, Francisco de Paula, João Evangelista Sayão de Bulhões Carvalho, J. J. Seabra, Sylvio Romero, Sá Peixoto, Arthur Lemos, Luiz Domingues, Anisio de Abreu, Frederico Borges, Tavares de Lyra, Camillo de Hollanda, Teixeira de Sá, Araujo Góes, J. Monjardim, Sá Freire, Oliveira Figueiredo, Alfredo Pinto, Alencar Guimarães, F. Tolentino, Rivadavia Correia, Hermenegildo de Moraes, Benedicto de Souza y otros no menos preclaros elementos de la patria tierra, é indirectamente Raoul de La Grasserie, Endemann, Jhering, el Código Civil del Imperio Alemán, el Federal Suizo de Obligaciones, Rousset, Cogliolo, Menger, Cimbali, Puglia, Tortoni, Gianturco, Vivante, Sacerdoti, Gabba Sateilles, Spencer, Savigny, Barre, Lerminier, Lehr, Glassoi, Amiand, Roth, Wharton, Bluntschli, Rosnini, Laurent y todo lo más pulido de las naciones de Europa, que omito, temeroso de cansar la atención bondadosa con que Ud. me honra.

Explicando la necesidad de la codificación, dice el mismo contra George Fazy y Savigny que: « las codificaciones

emergen normalmente en las épocas de mayor expansión de las fuerzas nacionales, y cuando los pueblos sienten la necesidad de afirmar su unidad y su soberanía». Por eso deciale al comenzar esta carta que el Código es oro purísimo que la nación brasileña ofrenda en el altar de la patria á los próceres de su independencia. Hé aquí que la obra iniciada con el brazo de los héroes que rutilan en bronce, se completa con la vivificante é incoercible luz que le presta el pensador.

Me es particularmente grato señalar otro significativo progreso realizado por el Código, cual es el de hallarse por deliberada elección del pueblo que lo dictó en «el punto de confluencia de las dos fuerzas de cuyo equilibrio depende, según el dictado de Bluntschli y la bellísima expresión de Clovis, la solidez de las construcciones sociales: la conservación y la innovación, las tradiciones nacionales y la teoría de las escuelas, el elemento estable que ya se adaptó al carácter y al modo de sentir del pueblo, la manera particular por la cual él establece y procura resolver los árduos problemas de la vida y el elemento progresivo sugerido por la doctrina científica».

Véase lo que á propósito de los derechos y deberes especiales de la mujer se dice en la exposición de motivos: «procurando attender as justas aspirações femininas e querendo fazer do casamento uma *sociedade egualitaria* embora sob a direcção do marido, concedeu o Projecto maior somma de direitos, maior liberdade de acção á mulher casada do que o direito que actualmente vigora entre nós».

Dirá Ud., ahora, si un Código como el presente no es la obra reflexiva que sobre sus costumbres, sus hábitos, pensamientos y aspiraciones realiza una nación que ha llegado á la plena capacidad y dominio de si misma. Es así cómo las *organizaciones* buscan y declaran energicamente su finalidad, ni más ni menos que lo haría el individuo.

El espacio de que dispongo es harto estrecho y el entusiasmo sincero que el Código me inspira es tan grande, que antes de seguir truncando mis ideas por respeto á la prudencia que ha de observarse en una carta, prefiero dejar á

un lado los detalles para significarle que de hoy en adelante, nuestro derecho y nuestra jurisprudencia, que desde hace nueve años viven bajo la tutela inteletual de la República Argentina, van á enriquecerse prodigiosamente con la inestimable contribución de la intelectualidad brasileña, por todos los conceptos digna no sólo de los aplausos y la admiración de sus compatriotas, sino de todo americano que no ha perdido las esperanzas de ver que la luz que ayer vino del Oriente, « al parecer, de la nación persa, fundadora del Estado y madre de las culturas occidentales, habrá de salir del Nuevo Continente, y se dirigirá, obediente á la lei de convergencia de los rayos, al foco originario, al hemisferio asíatico que vió nacer á Mitra del seno mismo de la vida ».

En fin, la sanción del Código Civil implica la definición de un ideal perseguido con tesón desde hace cuarenta años y se afirma para el pueblo brasileño la alta y noble finalidad del derecho que, de hoy en adelante, vendrá á infundir una mayor armonía entre todos los elementos, las fuerzas y las capacidades que contribuyen, dentro y fuera de sus inmensos límites, á consolidar la grandeza material y moral de su austera república, para que llegada, después de su esplendor su decadencia, « la humanidad estremecida exclame » estos versos del Homero patrio:

« ¡ Una esbelta columna se ha tronchado ! »

Observo que esta carta se va haciendo demasiado larga para una inteligencia que está tan cerca, aunque sumamente trivial para asunto tan grave, más digno del método, el estilo y el concepto precisos y elevados de Ceruidio que de los muy menguados de este su humildísimo amigo que de corazón le agradece haberle proporcionado la inolvidable oportunidad de admirar en su plenitud la más acabada obra de la cultura juridica de una Nación rica y poderosa, á la cual profeso, como paraguayo, la más grande simpatía.

Aprovecho esta ocasión para saludar á Ud. con mi consideración distinguida é invariable afecto.

S|C. Azara, 288.

LUIS DE GASPERI.

O PRECURSOR DA INDEPENDENCIA HISPANO-AMERICANA

O GENERAL FRANCISCO DE MIRANDA

O movimento emancipador que, no fim do seculo XVIII, abalou profundamente a America do Sul, foi inspirado e impulsionado pelo genio de um patriota notavel, que até hoje não mereceu no continente a consagração gloriosa a que fez jús.

Bolivar, San Martin, O'Higgins, Sucre, Paez e tantos outros são annualmente, nas datas anniversarias da emancipação, glorificados e exalçados como libertadores do continente, emquanto que o general Francisco de Miranda, o precursor desse movimento, o inspirador de todos esses proceres da independencia, e, o que é mais, o proto-martyr da idéa grandiosa, é tratado geralmente pelos escriptores como figura secundaria, sem o relevo daquellas outras!

Nem com o precedente nobilissimo da cidade de Paris, erigindo, em 1911, uma estatua a Miranda, que, aliás, já tinha o seu nome esculpido no Arco de Triumpho, entre os heroes das campanhas da França republicana, nem assim as nações libertadas por sua iniciativa patriotica pagaram até hoje essa divida de honra ao immortal revolucionario.

Entretanto, algumas vozes autorizadas fazem-se ouvir por vezes, enaltecendo a benemerencia historica de Miranda, como, entre outras, as de Bartholomeu Mitre e Lamartine.

O primeiro, em sua « Historia de San Martin », traça com verdadeira eloquencia o perfil de Miranda, nas seguintes linhas:

« Por esse tempo (1787-1790) percorria o mundo ardente apostolo da liberdade humana, precursor da emancipação sul-americana. Era um sonhador com idéas confusas e conhecimentos variados, um guerreiro animado de uma paixão generosa e sobretudo um grande caracter.

« Soldado de Washington na guerra norte-americana, camarada de Lafayette, general com Dumourier nas primeiras campanhas da revolução franceza, companheiro de prisão de Madame Rolland, confidente de Pitt em seu plano de insurreição das colonias hispano-americanas, distinguido por Catharina II, da Russia, a cujos favores antepoz a austera missão que se impuzera, considerado por Napoleão como um louco animado com uma cihspa do fogo sagrado, o *caraqueño* Francisco de Miranda teve a primeira visão dos grandes destinos da America republicana e foi o primeiro a desfraldar a bandeira redemptora, por elle proprio creada, nas mesmas plagas descobertas pelo genio de Colombo.

« Foi elle quem centralizou e deu objectivo á campanha revolucionaria dos sul-americanos dispersos pela Europa, travando relações systematizadas com os *criollos* das colonias, e quem fundou em Londres, em fins do seculo XVIII, a primeira associação politica, na qual se filiaram todos aquelles com o intuito de preparar o emprehendimento da emancipação, sobre as bases do dogma republicano, com a denominação de « Grande Reunião Americana ». Nesta iniciaram-se nos mysterios da liberdade futura — O'Higgins, do Chile; Nariño, de Nova Granada; Montufar e Rocafuerte, de Quito; Caro, de Cuba, e representante dos patriotas do Perú; Alvear, argentino, e outros que deviam celebrizar-se mais tarde, confessando seu credo ou por elle morrendo.

« Perante esse gremio e nas mãos de Miranda, prestaram juramento, obrigando-se a fazer triumphar a causa da emancipação da America meridional, os dois grandes libertadores Bolivar e San Martin. »

Não póde ser mais suggestiva a apotheose que esplende dessas phrases sinceras. Quanto a nós, brazileiros, mostra-se ella deficiente, pois não allude, sequer, ao influxo indirecto da iniciativa de Miranda, nos prodromos da nossa emancipação republicana.

Oliveira Lima, em uma das suas conferencias sobre a «Evolução brazileira comparada com a hispano-americana», dil-o clàramente:

«A loja maçonica que Miranda fundou em Londres, com intuitos de emancipação politica do continente, ainda escravizado, prolongou suas ramificações até o Brazil, saindo, portanto, fóra do mundo hispano-americano, tão separado então do luso-americano.

«A referida loja assim se tornou um elemento influente da revolução pernambucana de 1817, a qual poz em serio perigo o dominio portuguez, quando ainda o rei D. João VI se achava na antiga colonia, de onde só regressou á Europa em 1821.»

Lamartine, em sua «Historia dos Girondinos», caracteriza nos seguintes termos a individualidade de Miranda:

«Relacionado com os girondinos, tidos até então como os democratas mais adiantados, elle obtivera, por influxo de Petion e de Servan, a patente de general em nosso exercito. Ancioso por celebrizar-se nas guerras da nossa independencia, para que seu nome repercutisse com gloria na America e lhe proporcionasse ali a popularidade e o prestigio de um Lafayette, Miranda, desde a sua chegada ao acampamento, manifestou, por seus actos, a brilhante intrepidez que, no exercito, nacionaliza de prompto o estrangeiro adventicio.»

Taes depoimentos, por si sós, immortalizam um homem no scenario da historia e protestam bem alto contra a singular conspiração do silencio que tem cerceado, por vezes, a memoria de Francisco de Miranda.

Nascido em Caracas, em 1750, elle ainda bem joven, partiu para a Europa, percorrendo a Prussia, a Austria, a Turquia e a Russia.

Em 1790, relacionou-se em Londres, com Pitt, tentando obter auxilios da Inglaterra para a emancipação de Venezuela,

o que não conseguiu. Fundou então a celebre sociedade secreta de que fala Mitre. Fixando-se depois em França, foi nomeado marechal de campo para servir ao lado de Dumouriez, filiando-se então ao partido dos girondinos. Com a defecção daquelle general, foi preso por denuncia de cumplicidade com o mesmo, e durante 18 mezes soffreu as torturas da prisão; defendido brilhantemente por Chaveau Lagarde, o celebre defensor de Maria Antonieta, foi mandado soltar pela convenção, mas desterrado da França.

O auxilio que obteve em 1804, do governo inglez, burlou-se pouco depois, em razão da campanha de Napoleão contra a Inglaterra. Com os recursos limitados que pôde reunir, Miranda organizou uma pequena frota, em demanda de sua patria; infelizmente, foi ella totalmente destruida pelos hespanhoes, escapando Miranda, por milagre.

Com uma flotilha de quatorze a quinze navios, voltou elle em 1 de Agosto de 1806, conseguindo desembarcar sob o fogo dos fortes hespanhoes. Friamente acolhido pelos seus patricios e desanimando, pela superveniencia do tratado de paz da Inglaterra com a Hespanha, voltou Miranda á Europa, onde ficou até 1810, sempre luctando pela independencia do seu paiz, mediante o apoio de varias nações poderosas.

Regressando ainda uma vez a Venezuela, fundou elle ali a Sociedade Patriotica, e pouco depois vencedor em Valencia, conseguiu ver promulgada a nova constituição de sua patria a 21 de Dezembro.

Dando-se, porém, algumas victorias dos chefes hespanhóes Cevallos e Monteverde e tendo occorrido um terrivel terremoto, o governo revolucionario conferiu dictadura a Miranda, e pouco depois, Bolivar, que servia sob as ordens de Miranda, foi derrotado em Puerto Cabello e teve de evacuar a cidade. Esse desastre e a sublevação dos negros libertados, e logo após varias victorias dos hespanhóes, convenceram Miranda e á Junta Nacional, que era inutil a continuação da guerra. Fez-se então o celebre convenio da capitulação de S. Matheus, pelo qual o chefe hespanhol Monteverde se obrigou a respeitar o territorio libertado e a conceder plena liberdade aos insurrectos.

Bolivar e seus amigos, contrarios a esse convenio, apesar da sua necessidade evidente no momento, rebelaram-se contra Miranda e o prenderam, entregando-o logo após a Monteverde, o qual, violando cynicamente o convenio, fel-o conduzir preso para Porto Rico, e depois para Hespanha, onde, em um calabouço da prisão de Cadiz, expiou elle, em atrozes torturas e com a morte, o crime glorioso de pugnar pela independencia de sua patria.

Segundo um de seus biographos, expirou elle, preso pelo pescoço, por forte cadeia de ferro, á parede do carcere, abandonado de todos.

Em 1813 (diz Mitre) chegou elle captivo a Cadiz, vindo a morrer na masmorra das Quatro Torres de la Carraca, *sete dias depois de declarada a independencia argentina, sob os auspicios de suas inspirações.*

O labéo infame que pretenderam atirar-lhe alguns escriptores hespanhóes e os idolatras incondicionaes de Bolivar, de traidor á sua patria no convenio de S. Matheus, não resiste á evidencia da historia imparcial. São palavras de Miranda ao seu companheiro Dr. Pedro Gual, no acto de capitulação: «Volvamos as nossas vistas para Nova Granada, onde eu conto com o meu amigo Narino; com recursos que podemos levar daqui, officiaes, munições, etc., e os que obteremos lá, voltaremos a Caracas, sem correr os perigos que nos salteam neste momento».

Não contava elle com a miseravel falsidade de Monteverde; sua boa fé o perdeu. Sua confiança em Bolivar animou-o até á ultima hora e o victimou!

O grande libertador era, sem duvida, um caudilho de genio; mas, a ambição desmedida que o dominava fel-o sacrificar ao seu egoismo, primeiro, Miranda, depois, San Martin, Sucre, Piar e muitos outros.

Seu ideal era o mesmo de Napoleão Bonaparte — *o predominio imperialista em toda a America do Sul*; — não admittia rivaes ou emulos. Teve, por isso, tambem como Napoleão, em Santa Martha, a sua Santa Helena, por tumulo de suas ambições.

Cruel destino o de Miranda! Seus restos mortaes foram atirados á cova raza dos criminosos, e sobre elles, a Hespanha dos reis degenerados e do clero fanatico e sanguinario tripudiou triumphante!

Mas, em pouco, as cadeias do absolutismo, que asphyxiavam a America Hespanhola, cairam por terra, e os discipulos e continuadores de Miranda vingaram sua memoria, proclamando a independencia do Novo Continente!

Abençoada memoria de um apostolo e de um martyr, que ainda hoje pede reparação!

J. C. Gomes Ribeiro.

(Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro).

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS

DISCURSO QUE O BARÃO HOMEM DE MELLO, FALLECIDO A 4 DE JANEIRO ULTIMO, DEVIA PRONUNCIAR QUANDO TOMASSE POSSE DA CADEIRA DE JOÃO FRANCISCO LISBOA, PARA A QUAL FÔRA ELEITO NA VAGA DE JOSÉ VERISSIMO

No longo peregrinar de minha vida litteraria dominou-me constantemente uma grande aspiração: a de pertencer á Academia Brasileira, a esta Associação que tem a nobre preeminencia de trabalhar sempre e sempre pelo maximo desenvolvimento da cultura intellectual de nossa Patria. Recebido hoje neste augusto gremio, sinto-me penetrado do mais profundo acatamento e cumpro antes de tudo o dever de apresentar-vos a homenagem de meu respeito e gratidão pela honra insigne com que a vossa benevolencia approuve consagrar a carreira do professor octogenario.

Cresce a minha emoção vindo occupar uma cadeira que inscreve como patrono o eminente historiador brasileiro João Francisco Lisboa, cujo nome avulta como um dos maiores luzeiros dessa brilhante pleiade de talentos, conhecida em nossa historia litteraria com o titulo de *Athenas Brasileira*.

Alcancei ainda as derradeiras rutilações dessa gloriosa trajectoria, em que perpassaram diante de nós em ondas de

luz os nomes de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, Gomes de Souza, Antonio Henriques Leal e João Francisco Lisboa. A este eminente historiador, em cujas obras me instrui em S. Paulo em 1857 e no Ceará em 1865, tive a fortuna de render um preito de maxima homenagem. Como inspector da Instrucção Publica primaria e secundaria do Municipio Neutro, justifiquei e fiz adoptar pelo Conselho de Instrucção Publica « A vida do Padre Antonio Vieira » por Antonio Francisco Lisboa, como livro de thema e lição nas escolas.

Publicista, historiador insigne, moralista e orador eloquente, João Francisco Lisboa, o nosso maior prosador, só tem um emulo na altura de seu nome, no Visconde de Cayrú, igualmente historiador, publicista, moralista e orador doutrinario e ao demais eminente jurisconsulto.

E de Gonçalves Dias, o principe dos poetas brasileiros, guardo dulcissima recordação da ultima vez em que confabulamos, nesta cidade, antes de sua inditosa partida para a Europa.

Antonio Henriques Leal, o ultimo representante da *Athenas Brasileira*, florescente no Maranhão, foi ao mesmo tempo historiador notavel e educador emerito, como se revelou no cargo de reitor do Internato do Collegio Pedro II para o qual, como Ministro do Imperio, o nomeei em 1880.

Pela escolha com que me distinguistes, sou chamado a succeder nessa cadeira ao insigne academico, que foi José Verissimo Dias de Mattos, cujo infausto passamento occorreu nesta cidade em Dezembro de 1916.

Seu pai, o doutor de Medicina José Verissimo de Mattos, casara-se em Minas, na comarca de Serro Frio, com D. Anna Flora Dias de Mattos, natural da cidade de Guanhães, mudando-se posteriormente para Belém, no Pará, onde nasceu José Verissimo. Assim tinha elle nas veias sangue mineiro.

No Pará veio a conviver, bem como seu pai, com os eminentes mineiros Dr. José Joaquim de Assis, Deputado Geral em 1868, e o distincto jornalista e geographo Domingos Soares Ferreira Penna, que em 1852-1853 fôra redactor do jornal republicano « O Apostolo », em Ouro Preto.

Aprimorando-se no estudo das lettras, José Verissimo publicou em Belém, como primicias de seu talento, estudos relativos á chorographia e á ethnographia do Amazonas.

Em 1890, mudando-se para o Rio e sendo nomeado reitor do Externato do Gymnasio Nacional, dedicou-se a estudos de educação e pedagogia. Mas foi esta apenas uma phase de transição em sua vida. A individualidade litteraria de José Verissimo só recebeu a sua formula definitiva como critico e não como educador. E fôra esta uma bella immortalidade que elle pudera conquistar se sua actividade não tivesse de ser chamada a exercer-se em esphera diversa. Sim! A nós, os professores, cabe o desempenho de uma das mais altas funcções sociaes. Somos nós, os estudiosos sedentos de saber, que penetramos além nos seculos, perscrutando os segredos da sciencia, recolhemos o patrimonio da civilização universal e o transmittimos, como um deposito sagrado, ás novas gerações, que preparamos e educamos com a nossa palavra.

A individualidade litteraria de José Verissimo veio, pois, affixar-se definitivamente como critico e é este o aspecto sob o qual o temos de apreciar.

A critica tem esta nobilissima missão: a de assignalar e pôr em relevo tudo quanto de proficuo produz o engenho humano, mostrando-se sempre inexoravel em abater o erro, onde quer que elle appareça.

E nesse sentido nunca será demais ter-se e meditar-se sobre os sabios conceitos que com tanta elevação o Conde Alfiére explanou em seu primoroso livro « O Principe e as Lettras.»

E' immensa a responsabilidade daquelles que se propõem a desempenhar esse julgamento das cousas e dos homens em que primam como modelos inimitaveis, Lord Macaulay, Sainte-Beuve, Villeneuve, Winkelmann, Gustave Planche, Cousin, Taine, Boissier e tantos outros.

Em nossa terra, desde a primeira metade do seculo XIX, appareceu uma pleiade de escriptores, notaveis que enriqueceu neste genero o nosso cabedal litterario. Taes entre outros, Francisco de Salles Torres Homem, em sua preciosa critica sobre os « Suspiros poeticos », de Magalhães; Antonio Fran-

cisco Dutra e Mello, o poeta melancolico, de quem disse Porto Alegre: «*as suas poesias, dir-se-hia, que elle as escreveu sobre um tumulo*» o qual nos deu um primoroso juizo sobre a «Moreninha» de Macedo; Varnhagen, Porto Alegre, Joaquim Norberto de Souza, sobre os nossos principaes poetas; Pereira da Silva, José de Alencar, nas cartas de Ig sobre a «Confederação dos Tamoyos»; Lafayette, Euclydes da Cunha, Machado de Assis, Sylvio Romero, Tobias Barreto e Araripe Junior, os ultimos representantes deste genero litterario entre nós.

Nessa brilhante cohorte, José Verissimo veio occupar um logar conspicuo. Em resultado de acurado estudo, nos deu uma edição estimada, das obras de Basilio da Gama, dos Lusiadas de Camões e de Marilia de Dirceu. Pena foi que nesta edição o eminente critico se limitasse ao papel de editor, deixando de dirimir as controversias suscitadas sobre a authenticidade das lyras da 3ª parte, insertas em varias edições, para o que lhe sobrava competencia.

Ha notar, que em seus artigos de critica, apparecem, quasi sempre, tendencias pessimistas ou de depreciação systematica.

E' assim que em suas referencias a Napoleão, occorre-lhe sempre uma nota deprimente, sacrificando a justeza historica, para julgar esse ser extraordinairo, cuja grandeza só poude ser guardada pelas ondas do Oceano, ante o terror da Europa coalizada.

A historia, integrada como sciencia pelo genio de Vico, Lord Bolingbroke, Schiller, Cousin, Julio Franck, é e deve ser sempre um culto eterno á verdade. E assim o tem comprehndido os espiritos superiores de todos os tempos, do que dá testemunho neste assumpto a monumental obra de Lord Roseberry sobre Napoleão.

Aliás, a historia, a *acta da mentalidade humana através dos seculos*, como eu a defini na «Memoria» que em 1894 apresentei ao 3º Congresso Scientifico Americano, não póde ser tratada em artigos ephemeros de jornal.

E a litteratura brasileira ufana-se de registrar dous primores litterarios que são como o reflexo da mentalidade bra-

sileira percutida pelo assombroso drama da epopéa imperial: a ode « Waterloo », de Gonçalves Magalhães; e o magnifico estudo historico « Wellington e Napoleão » pelo Conselheiro João Silveira de Souza, poeta, jurisconsulto, publicista, estadista e critico.

O mais notavel serviço prestado por José Verissimo ás lettras patrias é a sua obra posthuma « Historia da litteratura brasileira ». Apresentando grandes accrescimos á monumental obra de Sylvio Romero « Historia da litteratura brasileira » e ao precioso « Curso da litteratura portugueza e brasileira », de Sotero dos Reis.

Este livro, José Verissimo o escreveu *como remate de sua vida litteraria*, depondo nelle o opulento cabedal de suas pacientes pesquizas e analyse e fel-o, como elle mesmo declara, *no estudo directo das fontes, que são as proprias obras litterarias todas por elle lidas e estudadas, como rigorosamente lhe cumpria.*

Nisto está o merito de sua obra, toda original e authentica. O livro abrange todo o largo periodo que vai de Bento Teixeira de 1601 a Machado de Assis em 1908.

Segundo o autor, « o espirito nativista primeiro e o nacionalista depois, se veio formando desde as nossas primeiras manifestações litterarias. »

A persistencia desse sentimento, prosegue o autor, « manifestado litterariamente, dá á nossa litteratura a unidade e lhe justifica a autonomia. »

Em uma synthese arrazoada, o autor faz perpassar diante de nós as interessantes phases de nossa litteratura pelo longo espaço de tres seculos. Ouçamos suas proprias palavras, em que elle doutrina, confirmando a sua competencia:

« O germen nativista de que a « Prosopopéa », de Bento Teixeira, ao expirar do seculo XVI, é já o primeiro indicio, e a « Ilha de Maré », de Botelho de Oliveira, no final do seculo XVII, um mais visivel signal, germen desenvolvido, podemos dizer nutrido, do calor bairrista de Rocha Pitta, e revelado nos poetas do fim do seculo XVIII, completa com a primeira geração romantica a sua evolução.

LIVRARIA EDITORA

Estabelecimento modelar
de livros novos de sciencias, artes, industria,
commercio, etc.

Secção completa de todas
as publicações periodicas, inclusive jornaes
de modas e trabalhos femininos

Leite Ribeiro & Maurillo

CORRESPONDENTES NA EUROPA
E NAS DUAS AMERICAS

Aceitam-se assignaturas da REVISTA AMERICANA

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

JUNTO Á AVENIDA RIO BRANCO

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio 889	Codigo Telegraphico A. B. C., 5ª edição	End. Telegraphico ETIEL

TELEPHONE CENTRAL 250

Revista Americana

Sciencias, Artes, Letras, Politica, Philosophia, Historia, Religiões

Director: ARAUJO JORGE

A maior publicação internacional com circulação em todo o Continente

PUBLICAÇÃO MENSAL

Distribuição gratuita em todos os estabelecimentos de ensino europeus e americanos, cafés, hoteis, restaurantes, barbearias, gabinetes de leituras, transatlanticos, ingleses, franceses, alemães, italianos, etc.

COLLABORAÇÃO

de todos os homens de letras e publicistas mais notaveis da America

ASSIGNATURAS

RIO DE JANEIRO . .	um anno	15$000
ESTADOS DO BRASIL.	um anno	20$000
ESTRANGEIRO	um anno	1 £

Numero avulso . . . . . 2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

3, Rua Santo Antonio, 3 — Livraria Editora

RIO DE JANEIRO — BRASIL

« A litteratura immediatamente posterior á independencia é ostensivamente, intencionalmente, nacionalista e patriotica.

« Com os primeiros romanticos, entre 1836 e 1846, a poesia brasileira, retomando a trilha logo apagada da pleiade mineira, entra já a cantar com inspiração feita de um consciente espirito nacional. «... durou o nosso romantismo, iniciado pela terceira decada do seculo XIX, até o meiado do decennio de 1870. As ultimas obras de vulto que ainda a elle, com a sua inspiração indianista, se vinculam, são o « Evangelho nas selvas », de Fagundes Varella, e as « Americanas », de Machado de Assis, ambas em 1875.»

José Verissimo foi socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro desde 1887. Servio no Rio, o cargo de Director da Escola Normal e do Pedagogium e de 1893 a 1898 foi o redactor-chefe da *Revista Brasileira* em sua segunda phase. Foi um dos fundadores da *Academia Brasileira* e assim seu nome é guardado nesta douta associação como uma de suas mais honrosas tradições.

E agora nossos olhos volvem-se além, assombrados ante um espectaculo verdadeiramente unico na historia.

Um dia, ainda em nossos dias, desabou sobre nós um pavoroso cataclysmo, que parecia como destinado a abalar a estabilidade do globo e subverter o planeta em seus fundamentos. As ondas revoltas circundaram os mares e uma luminosidade extranha atravessou o espaço de um extremo a outro. Tal foi a temerosa catastrophe de Kracatoa, a que só podemos resistir, assistidos da serenidade tranquilla, que confere a protectora egide da sciencia.

Hoje, mais portentoso acontecimento, um como terremoto moral, acaba de cahir de subito sobre nossas cabeças, excedendo todas as vicissitudes que em todos os tempos tenham atormentado e posto em prova a vida de todas as gerações.

Mas este obreiro immortal, *sempre outro e sempre o mesmo*, prosegue impavido a sua mysteriosa peregrinação e salva através dos tempos os destinos da humanidade.

Sim! O patriotismo sagrado dos seculos, esta civilização de que nos honramos, esta é immortal, imperterrita ante os escombros e ruinas, que lhes possam cahir aos pés.

Neste santuario da sciencia, sentimo-nos verdadeiramente em um oasis da historia, onde mal podem chegar os écos longinquos do tumultuar dos acontecimentos.

Seja esta a nossa consolação no presente e a ancora da fé inabalavel, que lançamos ás aventuras do porvir.

LOS PRIMEROS VERSOS DE RUBÉN DARIO

Félix Rubén Garcia Sarmiento, que con el nombre de Rubén Darío iba a dar tanta guerra a la poética vieja, comenzó dócilmente por imitar a los clásicos, en sus mocedades de Nicaragua. Los más puros, los más solemnes clásicos. Leyó el *Quijote* y los *Oficios* de Cicerón a la edad en que hoy se devora a Julio Verne. Y escribía pausados versos quien tan vertiginosamente aprendía la vida. Porque Darío anticipó la edad primaveral de los cabellos largos y los reglones cortos: a los trece, a los catorce años amaba ya a la prima rubia y publicaba odas. « Mi juventud ¿fué juventud la mia? » se preguntaba más tarde en versos tristes. Lo mísmo pudo decir de su niñez. *Enfant sublime* como d'Annunzio o Victor Hugo; « poeta niño », como empezaban a llamarle en su tierra cálida, tenía ya desganos de Leopardi, apartándose de la mundana fiesta y fácil ruido « a mirar cosas en el cielo, en el mar ». Ese descubrimiento de la vida de calofrío en calofrío, que es, según France, la historia de cada niñez, se magnificaba en ésta tan ardiente. Y eran asombros del alma entumecida, y eran dolores absurdos del corazón precoz, y era ansiedad de conocer otros cielos, de embarcarse para la Citeres ideal de su *Marina,* sin hallar remedio, sino el alivio que da el canto, a esa pena altiva y cosmopolita. Dicen que, al envejecer, toda la belleza del rostro está en los ojos; dicen que alli, para quien sabe mirar, se resume también toda la vida. Nosotros pu-

dimos adivinar en ellos, al conocer al poeta casi viejo, los « cielos profundos llenos de estrellas prodigiosas », y la gracia joven de aquella Nicaragua natal que él ha descrito como un Nazaret romántico.

Apenas podemos hallar, sin embargo, una huella de estas largas miradas en los versos del mozo exhuberante. Es una paradoja de toda juventud comenzar imitando y cantar con ajenas metáforas lo que tan frescamente ven los ojos recién abiertos. Los versos iniciales de Darío son también deplorablemente correctos. Ya escuchaba el clarín de Hugo; pero, en sus ocios de empleado de la Biblioteca Nacional de Managua, acaparaba los tomos de poesía de la Biblioteca Rivadeneira. Y es singular — el mismo poeta nos subraya el contraste — que quien habia de ser más tarde convicto reo de galicismo y audacia métrica, se destetara con Fray Luis y los Argensola. « Ha sido deliberadamente que después, con el deseo de rejuvenecer, flexibilizar el idioma, he empleado maneras y construcciones de otras lenguas, giros y vocablos exóticos y no puramente españoles ». (*Vida de Rubén Darío escrita por él mismo*. Barcelona. Casa Editorial Maucci, páginas 46 y 47.) Un Valbuena añadiría que fué *deliberadamente como* incurría en galicismos nuestro poeta. Este insurgente quiso conocer las reglas para violarlas. Por algo vino de países revolucionarios y aprendió de Martí a vivaquear con su lira al aire libre. Me figuro que, a no haber emancipado la lírica de España, hubiera acabado en la piel de un *montonero*.

Singular interés ofrecen, pues, sus cuerdos arranques juveniles. Están los primeros versos en una revista titulada *El Ensayo,* publicada en 1880, en mal papel, con tipos de imprenta deplorables, por mozos que tenían probablemente, cuando más, « la edad de los versos de un soneto ». Nació el poeta en 1867. A los trece años empezaba a quejarse de que la vida fuera un destierro para el cantor! El maestro me leyó más de una vez, ahuecando la voz y sonriendo, aquellos versos. Y fue después de una de estas lecturas risueñamente sentimentales, porque evocaba, como el diría, la abolida primavera en su otoño, cuando me obsequió con el tomito en-

cuadernado en que se hallaban los rarísimos números de *El Ensayo,* algunos de ellos truncos, que sólo así pudo obtenerlos en sua último viaje a Nicaragua. Y he creído que el gran público, para quien nada de cuanto concierne al gran poeta puede ser indiferente, acogerá con agrado esta edición.

No todos los versos que publicara Rubén Darío en *El Ensayo* llevan su firma. ¿Quién no ha conocido la ruborosa edad de los seudónimos? Los suscribe *Bruno Erdia* o *Bernardo I. U.*; pero el mismo Rubén, como si le fuera dulce otra vez al niño viejo emborronar con su firma los cuadernos, ha escrito abajo su nombre a vuela lapiz. Son estos, con los publicados en el diario *El Termómetro,* los primeros versos *literarios* de Darío porque antes había sido ya coplero en su romántica ciudad, que conservaba los viejos hábitos coloniales. «¿A qué edad escribi mis primeros versos? — se pregunta él —(*Ob cit.,* págs. 19 y 20). No lo recuerdo precisamente; pero ello fue harto temprano. Por la puerta de mi casa — en las Cuatro Esquinas — pasaban las procesiones de la Semana Santa, una Semana Santa famosa: « Semana Santa en León y Corpus en Guatemala »; y las calles se adornaban con arcos de ramas verdes... Del centro de uno de los arcos, en la esquina de mi casa, pendía una granada dorada. Cuando pasaba la procesión del Señor del Triunfo, el domingo de Ramos, la granada se abría y caía una lluvia de versos. Yo era el autor de ellos. No he podido recordar ninguno..., pero si sé que eran versos, versos brotados instintivamente. Yo nunca aprendí a hacer versos. Ello fue en mí orgánico, natural, nacido. Acontecía que se usaba entonces, y creo que aun persiste, la costumbre de imprimir y repartir, en los entierros, « epitafios » en que los deudos lamentan los fallecimientos, en verso por lo general. Los que sabían mi rítmico don llegaban a encargarme pusiese su duelo en estrofas.»

Puso el ajeno duelo en estrofas antes de poner la pena propria: para la dulce vocación de elegía le preparaba un sino extraño. El mundo era aún oscuro símbolo para esa pubertad urgente y tan sensual de Ganimedes triste. Más tarde, con « fatigas de alma y corazón », pondría nombres de mujer a su confuso anhelo. Pero estas primeras quejas no fueron es-

carceo literario, sino ya sinceros ayes de una niñez meditativa. Nadie ha hablado con más verleniano desdén de la « literatura » que es retórica. Si atentamente leemos las páginas que siguen, resurgirá, a través de las lineas titubeantes, esa emoción oscura de los primeros años, cuando al trepar a la rama umbría vemos, en la confusa somnolencia del nido, encresparse el ala futura.

DESENGAÑO

Amanecía. La lumbre
melancólica del sol
doraba con su arrebol
de la colina la cumbre.
Las aves sus dulces trinos
iban alegres cantando,
y blandamente saltando
de rama en rama en los pinos.
Las palmas con sus rumores
bello concierto formaban,
y mil torrentes cruzaban
por entre alfombras de flores.

De la fuente las espumas
se miraban blanquear,
y en los espacios cruzar
pájaros de airosas plumas.
Albo rocío guardaba
entre su cálix la rosa,
y a la azucena olorosa
céfiro blando besaba.
Era, en fin, todo armonía,
era todo allí grandeza,
sonreía naturaleza
al contemplar aquel día.

Pero del Sol asomó
la faz pura y soberana,
y entre celajes de grana
la aurora se disipó;
y derramó los fulgores
de su lámpara esplendente,
dando vida a la simiente
y fecundando las flores,

y se ostentó en el espacio,
grande, esbelto, majestuoso,
cual monarca poderoso
en su soberbio palacio;
mas después, con triste velo,
en las brumas de Occidente
hundió su faz refulgente
el Soberano del Cielo.

Las avecillas volvieron
a reposar en sus nidos,
y sus cantares sentidos
también desaparecieron.
Asi el amor de un poeta
nació, bello, seductor,
y daba vida y color
a su fantasía inquieta;
mas acabó la ilusión,
de su volcánico amor,
y la musa del dolor
se posó en su corazón.

BRUNO ERDIA

EL POETA

En medio del eterno concierto de los mundos
se escucha del poeta su célico laúd,
que canta en dulces trovas placeres y venturas
y en tristes elegías y en fúnebres endechas
consagra sus canciones también al lataúd!
El tiene por su numen las olas de los mares,
que su rizada espuma derraman por doquier,
las brisas que besando las hojas de las flores
en dulce movimiento y en blando devaneo
se van en el vacío confusas a perder!
Los púdicos amores de vírgenes hermosas
como la luna plácida, como el naciente sól,
que cruzan por el mundo fugaces y sonrientes
cual bellas mariposas, cual cándidas palomas
que embriagan con su arrullo, que matan con su voz.
Las nubecillas de oro que en Occidente giran
cuando se oculta, triste, tras el ocaso el Sol,
los plácidos murmullos de la callada selva,
las quejumbrosas tórtolas que anidan en los sauces
y cantan saludando la aurora de su amor.

La dulce melodia que en bosque de esmeralda
modula dulcemente la alondra en su cantar,
cuando las tempestades disipan sus tinieblas
y adorna los espacios con sus capuces áureos
el iris de la dicha, que es simbolo de paz!
Y el mundo a carcajadas se burla del poeta,
y le apellida loco, demente soñador,
y por el mundo vaga cantando solitario,
sin sueños en la mente, sin goces en el alma,
llorando entre el recuerdo de su perdido amor!

.....

Prosigue, triste poeta, cantando tus pesares,
con tu celeste numen sé siempre, siempre fiel;
prosigue por el mundo llorando tus dolencias,
hasta mirar tu nombre tal alto como el cielo,
¡hasta mirar tu frente ceñida de laurel!

RUBÉN DARIO.

(León, Julio 1880).

A.....

Mujer, encanto de mi alma,
de mi amor estrella hermosa,
gallarda como una rosa,
«esbelta como una palma».
Escucha el triste lamento
de mi pecho palpitante,
oye de mi voz amante
el melancólico acento.
Reina hermosa, mi canción
es triste, ignorada, oscura;
pero en ella, virgen pura,
te envío mi corazón.
Cuando aspiro de la flor
el embalsamdo aroma,
entonces, dulce paloma,
yo suspiro por tu amor.
En el bosque, si del río
siento el dulce murmurar;
cuando miro titilar
en las hojas el rocío,
deliro... graciosa, bella,
te miro en mi fantasía
como el lucero del día,
como la polar estrella!

Es tanto lo que te adoro...
lo que yo te adoro es tanto,
que te nombro cuando canto,
¡que te nombro cuando lloro!
Si entre la brisa que juega
con tu negra cabellera
una queja plañidera
temblando a tus oidos llega,
mírale con compasión,
no le desprecies, te pido,
que es tristísimo gemido
¡de mi amante corazón!...

BERNARDO I. U.

(León, Julio 1880).

NATURALEZA

ODA DEDICADA AL DULCE VATE ROMÁN MAYORGA

Del firmamento la región vacía
cruza Febo entre mil reflejos suaves,
y sus trinos las aves
entonan con celeste melodía.
Y allá en el horizonte.
cabe la cima de encumbrado monte,
do ruge el trueno y serpentea el rayo
con fragor pavoroso.
fingen las nubes un vergel hermoso,
con pálido desmayo.
En la extensa pradera,
¡cómo canta la alondra vicinglera,
y en confusos rumores
trinan también los dulces ruiseñores!
¡Cómo salpica a las agrestes rosas,
del monte la zafirea catarata
con su espuma magnifica de plata
en corrientes hermosas!
Y en confusión no poca
va saltando fugaz de roca en roca,
y entre zarzas y breñas
se derrumba gimiendo entre las peñas!...
Corren las fuentes en sus verdes cauces
en murmullo sonoro.
la tórtola su lloro
comienza entre las ramas de los sauces!

Ya se acerca la tarde
y en los espacios arde
la lámpara esplendente
del astro refulgente
que da existencia a las pintadas flores,
y su aroma y colores!

Ved cómo pasa la paloma errante,
llorando triste por su amor perdido
y buscando su nido
en alas de la brisa murmurante.

Ved en los bosques varios
cómo vuelan y pasan los canarios
entre las verdes hojas,
donde hay ocultas amapolas rojas,
y donde pasa el céfiro jugando,
y trae sus alas de perfume llenas,
y mueve las gallardas azucenas
que están el dulce ambiente embalsamando.

Por fin llega la tarde tristemente
y se hace más callado
el ruido de las hojas en el prado
y el murmurar sonoro de la fuente.

Entre nieblas de tétrica espesura
ya se mira que avanzan silenciosas
y adelantan aéreas, vaporosas,
las tristes sombras de la noche oscura,
y canta la cigarra
entre los juncos de la verde parra!...

Mas la luna brindando casta lumbre
se mira aparecer tras la colina;
y de su trono regio,
rodeado de luceros,
del alto monte la lejana cumbre
blandamente ilumina,
y su divino arpegio
modulan en su nido los gilgueros!

Al ledo empuje de apacible viento
se mueven de los árboles las hojas.
y producen un ruido
que embarga el sentimiento
y hace que salgan n otas de congojas
y triste, melancólico gemido!

Por eso canto, porque siento en mi alma
inspiración sombria al par que ardiente;
por eso pulso mi doliente lira

cuando escucho el rumor de oculta palma
que llora tiernamente,
y el aura entre sus ramas que suspira!...
A media noche es ya. Toda la gente
en la ciudad dormita silenciosa,
y espera la mañana, laboriosa,
para seguir sus obras.
Y pasa hora tras hora,
y allá se mira en la extensión lejana
que, cual celeste oda,
la sonrosada aurora
anuncia la mañana
al rumor del arroyo y la cascada!...
Y se escuchan las ondas que suspiran,
Y se sienten las auras que sollozan
cuando las flores rozan
y entre las hojas giran!...
La fuente cristalina,
que su linfa de nieve se recama,
pasa lamiendo la extendida grama
de la verdosa y áspera colina!...
A concierto tan suave
une también el ave
su celestial acento,
y mil nubes de grana
del monte sobre el elevado cono
se juntan al momento,
y a la bella mañana
fórmanle aéreo, sonrosado trono!
El alba entre sus perlas aparece
y derrama su llanto de rocío
sobre las gayas flores,
mientra el céfiro mece
las magnolias del río
y sonriente les dice sus amores!...
Y sale el sol en carro diamantino,
Y sale el sol en carro diamantino,
e ilumina los mundos
su reflejo divino,
que penetra los antros más profundos!...
.....
.....
Bardos del Orbe, vuestro laúd sonoro
pulsad al par conmigo,
y entonemos un canto

que llegue al trono santo
del que hizo desde ese astro, rayos de oro,
hasta el humilde trigo
que entre la selvas crece
y con sus alas el Favonio mece!...

(Paris, 1917).

VENTURA GARCIA CALDERÓN.

SONETOS

I

A TAÇA

Toma, artista! Trabalha este bloco de pedra!
Em vez de arma, afeiçoa e burila — onde, ardente
O raro Chypre espume, alva e resplandescente,
Uma, de alto valor, taça profunda e anfrata...

Grava em alto relevo o pampano e retrata
Das bacchantes, subtil, a dansa e o côro, e á frente,
Thyrso em punho, a sorrir, Baccho sob a virente
Vinha que seu olhar em sonhos arrebata...

Corre firme o cinzel e as nymphas, todas ebrias
De amor e de phalerno, — e sem que o fogo alquebre-as
Da ardente orgia, — esculpe e os satyros lascivos...

E alva, em plena nudez, coroada de verbena,
Ao meu olhar exsurja Aphrodita, a serena
Luz brilhando do amor nos grandes olhos vivos...

II

O CYATHO

Este — que vae vencendo os seculos, talhado
Foi, decerto, a buril, ao bello gosto etrusco...
Attento o olhar, contemplo a fórma da ansa e busco
De Pan o riso vêr e vêr-lhe o olhar cansado...

Denso e umbroso o myrtal... De pampanos coroado,
Eil-o, da fonte ao pé, sorrindo, dorme... Brusco,
D'agua ao rumor que faz uma nympha, o olhar fusco
Dilata, o torso branco olhando, enamorado...

Finge que dorme o deus, e a nympha, esperta e fina,
Suppondo que elle dorme, entra n'agua, risonha...
— O Sol no céo esplende e o myrtal illumina...

E, emquanto, preguiçosa, immerge na frescura
D'agua o corpo cerrando o olhar, como quem sonha,
O chavelhudo deus a espia da espessura...

III

O CAMAFEU

Este, custoso onix que meu olhar fascina,
De um velho camafeu ao modo foi talhado...
Vejo Kypris, á flôr das aguas, a divina
Nudez radiando ao sol do torso aprimorado...

D'agua ondula o crystal translucido e azulado...
E a deusa, o olhar surpreso, os seios nús reclina
No alvo dorso da vaga, e olha um delphim, ao lado,
A planura cortando, ondeante e crystallina...

E a sorrir, a agua impelle e a côma ideal desata,
E, sólta no ar, sacóde um rutilo thesouro,
Como um chuveiro astral de perola e de ouro...

E o delphim, agitando a cauda, os olhos cheios
De volupia, o alvo torso espia e os roseos seios,
Que a espuma beija e envolve em floculos de prata...

IV

ANTE UM BUSTO DE PAN

> ... no tempo de Tiberio, navegadores gregos perdidos em uma ilha solitaria, ouviram um dia este terrivel clamor: — O Grande Pan é morto!...
>
> **Fr. Nietzsche** — «Die Geburt der Tragoedie».

Vêde! — E' um busto de Pan, o capro deus lascivo,
Entre verdes festões de myrto, meio occulto...
Em seu olhar sem luz, do sol, um raio estivo,
Fulgura e, ao labio, põe-lhe um riso hilare e estulto...

Quando as nymphas, outr'ora, o capripede vulto
Viam, de Pan, rompendo, a custo, o verde crivo
Do bosque, ao rio undoso, em pavido tumulto,
Se atiravam, enchendo o ar de um rumor festivo...

Por todo bosque echoava um fremito de vida!...
E Pan, sob os myrtaes, em rapida corrida,
Das deusas perseguia o alvere e esquivo bando...

E seu olhar gelado, hoje, o bosque perscruta,
Que deserto se estende e mudo e a umbrosa gruta,
Onde a agua cáe, a voz das nymphas evocando...

V

A CONCHA

(*Heredia*)

Quem o tempo dirá e os oceanos frementes,
Que as ondas, as marés, ó concha nacarada,
Fizeram-te rolar, sosinha e abandonada,
Do glauco abysmo, ao fundo, ao sabor das correntes?...

Em calma, sob o céo, longe do oceano, sentes
Hoje a doçura e a paz, na areia, repousada...
Mas, esperança vã!... Longa e desesperada,
Em ti retumba a voz das vagas inclementes...

Minh'alma se tornou uma prisão sonora!...
E, assim como em seu seio ainda suspira e chora
A grande voz do mar, num querulo clamor,

Tambem do coração, onde Ella sempre existe,
Surdo, invisivel, lento e eternamente triste,
Sóbe um rouco marulho, um intimo rumor...

VI

O BANCO MADREPORICO

(*Heredia*)

O sol, do equoreo abysmo ao fundo, numa aurora
Mysteriosa, illumina a selva emmaranhada
De abissicos coraes, que enlaça á extranha flora,
A vicejante fauna, exotica e ignorada...

Do oceano, tudo quanto o sal ou o iodo córa,
— Algas, o ouriço, o musgo, a anemona delgada,
Em sumptuoso desenho á purpura, decora
A madrepora ideal, branca e vermiculada...

Desmaiando o brilhante esmalte das escamas,
Um peixe, a deslisar entre as esguias ramas,
D'agua, o tranquillo espelho, indolente, respalda...

Brusco, movendo no ar a cauda refulgente,
Faz, no morno crystal, azul e transparente,
Correr um friso de ouro e nacar e esmeralda...

CARLOS BRANDÃO.

(Da Academia Mineira de Letras).

A RENASCENÇA E A SUA FLORAÇÃO ARTISTICA (*)

(Continuação)

V

Factores estaticos e dynamicos da Renascença italiana

Antes de encetarmos a apreciação directa das causas que produziram a Renascença italiana, cumpre-nos fazer algumas ponderações imprescindiveis á exacta comprehensão de um problema tão amplo e tão complexo.

Como bem observa H. Lemonnier (51), foi tão brilhante a Renascença italiana e de tal modo se apoderou dos espiritos, que ficaram relegados á penumbra todos os outros phenomenos coetaneos. Ora, seja qual fôr a importancia das producções artisticas e literarias, é mistér reconhecer que a formação das sociedades, as instituições politicas e os inventos industriaes, embora dotados de menos fulgor, não podem ser esquecidos, nem postos em plano inferior ao que devem realmente occupar na evolução humana. E', portanto, contrario ao verdadeiro criterio historico o exclusivismo com

(51) «L'art moderne» (Paris, 1912), pags. 3 e seguintes.

que tem sido encarada a obra da Renascença italiana na symbiose social da Humanidade.

Parece que no occidente europeu, por motivos em cuja indagação não entramos agora, o norte, mais organico dentro da corrente dos tempos, estava destinado a preparar o progresso economico-social, ao passo que o sul, mais entranhado dos ideaes antigos, tinha sobretudo por escopo o progresso artistico-intellectual.

E' grave erro acreditar, — como se deduz de algumas palavras de R. Peyre (*op. cit.*, 380), — que se possa operar nas artes um grande adeantamento sem analogo phenomeno simultaneo nas letras. Em geral, são até estas que despertam aquellas. E de tudo quanto já temos exposto, como ainda do que vamos ver no portentoso movimento italiano, é licito concluir que, a esse aspecto, não ha Renascença *unilateral*.

O que se nota, porém, na marcha ascencional das florações estheticas, é que estas não se realizam nunca num conjuncto perfeito, isto é, com adeantamento identico, nem mesmo se dá a progressão das artes representativas dentro das nórmas naturalmente indicadas. Assim, em vez de ter a architectura precedido a esculptura, esta é que foi a arte por excellencia dos gregos e dos romanos, guardando-se aquella para o regimen catholico-feudal, bem como para a civilização bysantina e para o monotheismo islamico, e reservando-se a pintura para a Renascença italiana, desde a qual se tornou a caracteristica da arte moderna.

Para que se entenda bem a dupla revolução intellectual dos fins da edade-média e começos da edade moderna, é preciso ter em conta a synthese espiritual do passado. Do polytheismo greco--romano geram-se duas artes nitidamente distinctas: a bysantina, resultante de duas componentes, a tradição hellenica, degenerada, e os elementos orientaes; e a romanica, francamente realista, mas entravada em seu pleno desenvolvimento pela incapacidade inspirativa do catholicismo. Durante a maior parte da edade-média, isto é, emquanto subsistiu o regimen catholico-feudal, acharam-se a arte bysantina e a arte romanica em lucta constante para a obtenção do dominio do occidente europeu. Sobre este, pairou aquella, por

muito tempo, « como um pesadelo », na phrase expressiva de S. Reinach (*op. cit.*, 93), mas pesadelo que deixou vestigios na França, na Allemanha, na Scandinavia e na propria Italia, cujo sul foi um feudo da esthetica do Baixo-Imperio. A arte romanica, quando começou a libertar-se da oppressão da Egreja, fructificou no estilo ogival, que teve o seu apogeu no seculo XIII, precisamente quando ruiu, para não mais se erguer, a construcção politico-religiosa maior, mais una e mais organica da occidentalidade. Ahi é que desperta do seu longo lethargo, ao mesmo tempo em que soltava os seus primeiros vagidos o realismo espontaneo dos povos septentrionaes, o realismo adormecido da Italia. Esse realismo, ao sol do humanismo fecundo que jorrou da alma egregia do Dante e dos espiritos luminosos de Petrarcha e de Boccacio, entra logo a peculiarizar-se e a ganhar vigor, mas só em fins do seculo XV é que, cessando de todo a influencia da corrente medieva, resplende triumphal a esthetica da antiguidade classica, ainda viva até agora, por não ter sido abraçada pela parte mais adeantada do orbe uma nova fé, que, a exemplo do polytheismo intellectual greco-romano, fizesse do Amor e da Belleza as divindades unicas da terra.

Dentro do sentido historico acima exposto, e que é, nas suas linhas geraes, o acceito por Laborde, Courajod e Reinach, póde-se affirmar, com este ultimo escriptor (*op. cit.*, 144), que « o papel da antiguidade foi o de educadora, não o de mãe; ella não creou a Renascença, mas orientou-a ».

Contemplada através desse prisma, não foi a Renascença italiana, como têm supposto varios tratadistas atrasados, uma revolução violenta, estalada só em começo da edade moderna e por effeito immediato á vinda dos mestres e modelos greco-romanos de Constantinopla para Veneza e Florença, após a quéda da capital bysantina em poder dos ottomanos. Não foi tambem um phenomeno organico, é certo; mas, em vez de destruir a arte anterior, limitou-se a absorvel-a, accrescentando ao estudo da natureza a imitação de uma antiguidade incomparavel. Todavia, embora a Renascença italiana, no seu periodo de maior resplendencia (fins do seculo XV a meiados do seculo XVI) se caracterizasse pela refinada per-

feição de todas as artes do desenho, é necessario confessar que só na esculptura e sobretudo na pintura foi que a sua floração se tornou maravilhosamente superior a tudo quanto existira antes e até a tudo quanto appareceu depois; não assim no concernente á architectura, porquanto, apesar da decadencia do estilo impropriamente chamado *gothico,* os palacios e templos devidos aos mais eminentes artistas italianos não lograram sobrepujar as cathedraes e os solares da arte ogival.

Mas porque foi a Italia, e não qualquer outro paiz do occidente europeu, o fóco do grande movimento?

A esta pergunta é que passamos a responder, utilizando-nos preferentemente dos magistraes escriptos de Taine (52), — que, a nosso ver, foi quem estudou as origens do impotportante phenomeno com espirito de maior positividade do que Courajod, — Burckhardt, Müntz e tantos outros especialistas deste magno assumpto.

Assim, tendo sempre em mira demonstrar a nossa these fundamental, vamos passar em summaria revista as principaes causas mesologicas, ethnicas, politicas, sociaes, religiosas, intellectuaes e materiaes, que, solidarias umas com as outras e totalizando-se num dado momento da evolução da Humanidade, concorreram para produzir a Renascença italiana, accentuando ahi os effeitos que se derivaram desta, os impulsos que ella recebeu das revoluções, inventos, explorações e, finalmente, os estimulos que promanaram della para as crises da trajectoria social coetanea, — sem o que se não tornaria possivel a sua apreciação methodica e integral.

* * *

Causas mesologicas (*meio physico*). — Embora não deva ser tomado em sentido absoluto, póde ser hoje considerado um truismo o principio de que — « o homem é producto do meio » (53).

(52) « Philosophie de l'art » (2 vols., Paris, 6ª ed., 1893) e « Voyage en Italie » (2 vols., Paris, 12ª ed., 1905).

(53) Merece lido ainda hoje o interessante capitulo que Winkelmann (*op. cit.*, I, 56-75) consagrou á influencia do clima sobre

Não descobriram ainda os physiologistas as regras precisas « que ligam ao ar mais ou menos frio e humido a alimentação, a respiração, a força muscular, a capacidade de emoção, a geração das diversas ordens de idéas, mas é patente que existem taes regras. Por toda parte e necessariamente, o clima, o temperamento physico e a estructura moral estão entre si como os tres annéis successivos de uma cadeia: quem desarranjar o primeiro, desarranja o segundo e conseguintemente o terceiro ». E Taine, de quem é essa phrase que acabamos de citar, diz tambem que « num paiz secco, o que deve ferir os olhos é a *linha;* num paiz humido, é a *mancha* ». Mostra o eminente pensador como « Veneza e o valle do Pó são os Paizes-Baixos da Italia », tendo feito, em linhas anteriores, uma primorosa descripção da zona ridentissima de Florença, onde, como que a justificar esse bello nome da terra natal do Dante, a natureza apenas se deleitara em *florir,* numa perpetua primavera, sob o mais azul e diaphano dos céus.

R. Peyre (*op. cit.,* 433) põe de manifesto, em poucas palavras, as differenças geographicas mais importantes existentes entre a Toscana e a cidade dos doges e a influencia que dahi resultou para as respectivas escolas de pintura. Diz elle: — « Emquanto em torno de Florença e de Siena o olhar é detido por outeiros accidentados e horizontes entrecortados, — em Veneza, em Murano, perde-se o olhar nas fórmas indecisas das lagunas, não se sabendo onde começa a terra e onde acabam as aguas. Emquanto o ar fresco e puro da Toscana deixa perceber tudo com uma nitidez perfeita, — no Dogado, um céu brilhante, sem duvida, mas quasi sempre carregado de humidade, envolve de uma nevoa luminosa todos os objectos. Em Florença, é o traço, é a linha o que primeiro fere a vista; em Veneza, é a mancha colorida, é a degradação dos matizes o que logo desperta a attenção ».

Isto explica tambem porque a arte veneziana só progrediu realmente depois de adoptar o processo da *pintura*

as bellas-artes. Ha ahi idéas boas e observações profundas, notadamente quanto á Italia, que o escriptor germanico do seculo XVIII tanto conheceu e tanto amou.

a oleo, levado para alli por Antonello da Messina. E' que as condições hygrometricas da rainha do Adriatico difficilmente permittiriam vingasse o systema que fizera a gloria do resto do Italia, como, em seu magnifico livro « L'art italien », bem o mostrou Dumesnil, dizendo (pags. 43-44): — « Foi a pintura *a-fresco* que fez a pintura italiana: deu-lhe aquella largueza de execução, aquella simplicidade nobre, aquella libertação do accessorio. O *a-fresco* é para a Italia a verdadeira pintura nacional: está ao mesmo tempo em relação com a espontaneidade do caracter meridional, com o clima conservador e com a transparencia luminosa do ar ».

Ouçamos agora Theophilo Braga (54): — « A doçura do ar ambiente, a estabilidade da temperatura, as aguas crystallinas, o céu puro, fazem o temperamento sanguineo, como observam Cabanis, Chrichton, Haller, Cullen, Pinel e outros. O temperamento sanguineo dá uma carnação viva, um thorax largo, proprio para receber grandes volumes de ar, uma circulação mais forte, de que resulta um augmento de calor distribuido até ás extremas radiculas nervosas: dahi, impressões promptas, facilidade de movimentos, synergia revelada por um bem-estar descuidado, a graça, a jovialidade espontanea. Eis a organização do grego: em um clima brando, suave, em uma natureza risonha, collocado em um justo equilibrio das forças do meio exterior com as do seu organismo, não se sente absorvido como os povos das regiões do oriente, nem provocado na sua individualidade, como na rispidez do norte; gosa a vida por todos os póros e guarda uma juventude perpetua, uma voluptuosidade de communicação, na cidade, no ágora, onde o conflicto dos interesses agita as paixões que criam a obra de arte. A Grecia realizou na civilização o sentimento do Bello ». Ora, não serão perfeitamente applicaveis á Italia e aos italianos todos os conceitos acima exarados? Não eram porventura as mesmas que as da Grecia as condições do meio physico da peninsula central do Mediterraneo?

(54) « Introducção e theoria da historia da litteratura portugueza » (Porto, 1896), pags. 11-12.

Si foi uma Demeter bondosa quem liberalizou aos gregos a terra jocunda, quasi toda circumdada pelo mar sempre calmo, polido como um espelho e « côr de violetas », e encimada pela cupola do firmamento mais ceruleo e transparente, que inspirou os Homeros e os Pindaros, os Phidias e os Praxiteles, — não menos generosa e prodiga foi a Demeter que offereceu por morada a hellenos e latinos, irmanados para a mesma gloriosa missão, a terra privilegiada, a terra excepcional; onde a alegria desce perenne da doçura da atmosphera, irrompe das ondas do Tyrrheno, do Jonio e do Adriatico, jorra do dorso dos Apenninos e se derrama expansiva, sobranceira e empolgante, na alma de todos os viventes, como a causa primeira e ultima da existencia, como a *cellula-mater* da sua destinação objectiva.

Um dos que melhor explicaram a relação de causalidade entre o meio physico e a arte, foi o excelso Goethe, o maior pensador allemão depois de Kant. Ouçamol-o (55): — « E' manifesto que o olhar se fórma de accôrdo com os objectos que vê desde a infancia: o pintor veneziano deve, por isso, ver tudo mais luminoso e mais sereno que os outros homens. Nós, que vivemos numa terra ora enlameirada, ora poeirenta, descolorida, que ensombra todos os reflexos, e talvez por encerrados em aposentos estreitos, não podemos desenvolver este olhar alegre. Certo dia, com o sol a pino, como eu vagasse pelas lagunas e observasse os gondoleiros, sentados nos bancos, e vestidos de côres variadas, a remar, a passar ligeiros e a desenhar-se no ar azul sobre a verde planura, — tive a mais viva e mais fiel imagem da escola veneziana. A luz do sol punha em relevo, de maneira offuscante, as côres locaes, e as partes sombrias eram tão claras, que, guardadas as proporções, teriam, a seu turno, podido servir de luzes. Dava-se o mesmo com o reflexo da agua verde: tudo era claro e pintalgado de claro, de sorte que as ondas espumantes e suas chammas scintillantes eram necessarias para pôr os pontos nos *ii*...»

(55) « Voyage en Suisse et en Italie » (*in* « Oeuvres de Goethe », trad. de J. Porchat, Paris, 1862), IX, 143.

Cumpre, todavia, ter em vista, aqui, como em tudo o mais, a intima solidariedade dos factores. Assim, conforme a justa ponderação de S. Reinach (*op. cit.*, 166), sem a « saúde moral e physica » não se poderia bem comprehender o colorido, a luminosidade e a alegria da escola veneziana; fôra inadmissivel explicar aquelles predicados sómente pelo clima, pois ha ainda mais brilho no céu de Napoles, e os artistas napolitanos pintavam tudo com côres sombrias.

O sólo italiano, á semelhança do sólo grego, encerrava todos os materiaes indispensaveis ao progresso das artes. A natureza especial das pedras de Siena e de Florença facilitou o aperfeiçoamento da architectura toscana, como as terras malleaveis da Lombardia favoreceram a esculptura em terra-cota. Que quadro mais edificante e mais bello poderá haver do que aquelle que foi realmente vivido por Miguel-Angelo, quando o sublime artista desbastava com as proprias mãos, nas jazidas de Carrara, os marmores de que ia sair « a carne dos deuses », na phrase de Rodó, isto é, as obras-primas do *Moysés,* do *David* e do *Pensieroso*?

A volta da Italia ao ideal antigo, como bem percebeu Berthelot (56), foi como si retornasse ella « a uma tradição nacional ». Com effeito, na Italia englobaram-se as duas civilizações, a hellenica e a romana. A maior parte da peninsula, ao sul, foi colonizada pelos filhos da Hellade e do Peloponeso e por isso foi chamada de Magna-Grecia. E é sabido que Roma, em seus primordios, se adstringiu, na esphera intellectual, a imitar a literatura, a philosophia e a arte hellenicas, até que, com o poema de Lucrecio e o advento do monotheismo de S. Paulo, começou a ter uma esthetica propria (improgressiva, comtudo, pela insufficiencia de inspiração provinda do catholicismo), tanto que, no dominio artistico, já em Pompéa, desde o meiado do seculo I, haviam repontado obras de estilo original, de um realismo não muito distante do que celebrizou as télas de artistas modernos.

Como quer que seja, os intellectuaes italianos, vivendo entre ruinas de monumentos erguidos por artistas gregos e por artistas romanos, respirando ainda o perfume ineffavel

(56) « La grande encyclopédie », *in* art. « Renaissance ».

do mais floreo passado da Humanidade, puderam comprehender e amar a antiguidade como filhos dilectos e continuadores directos della, — ao passo que os outros povos do mesmo tronco latino, intensamente barbarizados pelas invasões do seculo V, ainda se conservavam muito afastados da civilização greco-romana, em consequencia do duplo coefficiente do germanismo e do catholicismo.

Roma achava-se coberta de escombros do seu grandioso passado. Delles tiravam-se columnas, doricas, jonicas e corinthias, que ninguem mais sabia então apparelhar; caíam estatuas dos seus pedestaes, e dos sacellos eram arrancados marmores para transformar-se em cal. Emquanto persistia essa obnubilação, oriunda da ignorancia que atrophiava os espiritos e dos preconceitos que abrolharam á sombra da Egreja, era curial que estivessem esquecidos os nomes dos Zeuxis e dos Apelles e que o proprio cysne de Mantua fosse tido na conta de feiticeiro. Bastou, entretanto, que um pouco de instrucção illuminasse essas almas do seculo XIII, que scintillasse no formoso céu da Italia a *Divina Comedia,* que repontasse o vívido clarão do *humanismo,* para que de prompto se religasse a corrente dos tempos, se reintegrasse a tradição, e surgisse o sol inegualavel da Renascença.

Causas ethnicas.— Desfeita a illusão anthropocentrica, depois que se formulou a verdadeira philosophia da historia, tornou-se possivel crear a «geographia moral», como lhe chamou Michelet, ou a moderna anthropogeographia, que explica os factos da evolução humana quer pelo meio cosmico em que operam os individuos, quer pelas taras hereditarias que trazem estes no organismo physio-psychico. Só a *persistencia* dos predicados, a *sobrevivencia* dos costumes (constituindo uma especie le *subconsciencia* etho-ethnica) e a *recorrencia* (ou substituição das reacções, provocada pelas crises collectivas), que formam os requisitos fundamentaes da raça, permittem demonstrar satisfactoriamente porque é que um povo se distingue de outro, tanto ao aspecto do habito externo, quanto ao aspecto social e moral, e porque um certo povo realizou o que outro povo não conseguiu realizar.

A este proposito e visando á these que ora nos preoc-

cupa, externa-se Theophilo Braga (*op. cit.*, 18) muito judiciosamente da maneira seguinte: — « O genio hellenico foi essencialmente especulativo, o romano extremamente pratico ou activo. A Grecia elevou-se á unidade moral pelo ideal artistico e pela concepção philosophica; Roma fez a unidade politica pela realização do Direito. Mas, apesar destas differenças, é pelos caractéres das raças da Italia que se explica como a civilização romana foi conjunctamente agricola e guerreira; como no seu Direito conservou sempre um constante dualismo (*optimo jure* e *minuto jure*); por que motivo cedo abandonou as tradições proprias pela imitação das obras artisticas ou poeticas da Grecia; por que causas se desenvolveram as linguas novi-latinas ou romanicas, e como o genio gaulez chegou a ter importancia na literatura latina (Petronio, Ausonio, Rutilio, Sidonio Apollinario etc.), na época da decadencia ». Winkelmann (*op. cit.*, I, 271) pretende ver a influencia do estilo dos antigos etruscos nos mestres da escola toscana, como Miguel-Angelo e Daniel da Volterra.

Ora, como já vimos que ao sul da peninsula se formou a Magna-Grecia e que o norte era occupado pela raça gauleza, facil é concluir que a civilização italica, desde que os romanos conquistaram e assimilaram as tribus circumdantes, foi o producto das capacidades intellectuaes desses povos e que era obvio viesse a preponderar, nessa totalização de esforços, a adeantada cultura hellenica, que foi a que deu aos filhos do Lacio a literatura, a sciencia, a philosophia e a arte, até que pudessem elles peculiarizar-se nessas manifestações da actividade mental, ponto a que effectivamente chegaram em algumas dellas.

Invadida varias vezes pelos barbaros, após a quéda do imperio romano do occidente, ou teve a Italia a felicidade inaudita de expulsal-os ou assimilou-os integralmente á sua civilização. Assim é que, occupada pelos herulos (476-491) e ostrogodos (491-552), libertou-se inteiramente delles, como tambem dos sarracenos que se assenhorearam da Sicilia, do seculo VII ao seculo IX. Sobrevindo os lombardos em 568, estanciaram dominadoramente na região septentrional, divi-

dindo-se então a peninsula em *Italia lombarda* ou *barbara* e *Italia grega* ou *romana*. Com a victoriosa intervenção de Carlos-Magno em 774, modifica-se aquella divisão para a seguinte: *Italia franca, Italia lombarda* e *Italia grega*. Vê-se por ahi que o elemento hellenico foi um coefficiente infallivel da evolução italiana em todas as suas vicissitudes politicas até á caracterização definitiva da edade-média. Dahi em deante, até á epoca da grande Renascença, não obstante novas incursões ephemeras de allemães e normandos, distingue-se a Italia pela constituição das suas Republicas regionaes, de que trataremos dentro em pouco, e cuja organização subsiste até além do seculo XVI. Atravessando as ambições germanicas, espanholas e francezas, só em fins do seculo XIX logrou unificar-se a gloriosa Patria do Dante.

Como talvez não tenhamos accentuado bem o facto importante de haver a Italia escapado ao guante avassallador da barbarie germanica, á qual preferiu a luminosa cultura hellenica, ouçamos o que a esse respeito informa a penna idonea de Taine (57): — « Esta raça tão intelligente (a raça italiana) teve a vantagem de não ficar *germanizada*, isto é, esmagada e transformada, no mesmo grau em que os demais paizes da Europa, pela invasão dos povos do norte. Os barbaros ahi não se estabeleceram sinão temporariamente ou á superficie. Wisigodos, francos, herulos, ostrogodos, todos abandonaram-n-a ou foram logo della rechassados. Si os lombardos alli permaneceram, não tardaram a ser assimilados pela cultura latina...»

Entre a Grecia e a peninsula italica, que guardava em suas cidades meridionaes do continente e da Sicilia uma porção tão consideravel da familia hellenica, nunca se interromperam as relações de toda especie, facilitadas pela proximidade das costas respectivas, pela serenidade dos mares e pelo avezamento de uns e outros á navegação.

Vasari fala dos bysantinos que ainda no seculo XIII introduziram em Florença os elementos do desenho, e sabe-se que algumas centurias atrás já havia em Veneza artistas

(57) « Philosophie de l'art », I, 142.

gregos tão numerosos, que ahi chegaram a constituir corporações de officios.

Não ha quadro que melhor synthetize o connubio das tradições greco-romanas, então existentes nos espiritos superiores da Italia, do que o traçado pelo genio assombroso do Dante nos seguintes versos da sua altisona epopéa:

«Venimmo al piè d'un nobile castello,
Sette volte cerchiato d'alte mura,
Difeso intorno d'un bel fiumicello.
Questo passammo come terra dura;
Per sette porte entrai con questi savi,
Giugnemmo prato di fresca verdura.
Genti v'eran con occhi tardi e gravi,
Di grande autorità nel lor sembianti;
Parlavan rado, con voci soavi.
Traemmoci così dall'un de' canti
In loco aperto, luminoso ed alto,
Sì che veder si potean tutti quanti.
Colà diritto, sopra il verde smalto,
Mi fur mostrati gli spiriti magni,
Che del vederli in me stesso n'esalto.
.....
Vidi quel Bruto che cacciò Tarquino,
Lucrezia, Iulia, Marzia e Corniglia...
.....
Poi che inalzai un poco più le ciglia,
Vidi il maestro di color che sanno
Seder tra filosofica famiglia.
Tutti lo miran, tutti onor gli fanno.
Quivi vid'io e Socrate e Platone
Che innanzi agli altri più presso gli stanno;
Democrito, che il mondo à caso pone;
Diogenes, Anassagora e Tale,
Empedocles, Eraclito e Zenone;
E vidi il buono accoglitor del quale,
Dioscoride dico; e vidi Orfeo,
Tullio e Lino e Seneca morale;
Euclide geomètra e Tolomeo,
Ippocrate, Avicenna e Galieno...» (58)

(58) *Inferno*, IV, 106-143.

No seculo XV, refugiam-se na Italia varios sabios bysantinos, escapos á furia selvatica dos ottomanos, como Manuel e João Chrysoloras, Theodoro Gaza, Nicolau Sagundini, Jorge de Trebizonda e João Argyropoulos, citados pelos historiographos, e aos quaes cumpre accrescentar aquelle letrado, « messer Demetrio greco », de quem fala Machiavel, em suas « Istorie fiorentine » (59).

Para concluir, não podemos fazel-o melhor do que citando as substanciosas e bellas expressões de Taine (60), quando trata do a que elle chamou « a condição primaria » da pintura da Renascença na Italia: — « Consideremos primeiramente a raça de homens que a fez (a Renascença): si, nas artes do desenho, enveredaram por esta senda, foi por virtude de instinctos nacionaes e permanentes. A imaginação do italiano é classica, isto é, latina, analoga á dos antigos gregos e antigos romanos: a prova disso está não só nas obras da sua Renascença, esculpturas, edificios e pinturas, mas ainda em sua architectura da edade-média e em sua musica moderna... Mas em seu reino, que é o da Fórma, ella (a imaginação do italiano) é soberana: a seu lado, o espirito das outras raças é grosseiro e brutal; só ella descobriu e manifestou a ordem natural das idéas e das imagens. Das duas grandes raças em que esta mais completamente se exprimiu, uma, a franceza, mais septentrional, mais prosaica e mais sociavel, teve por obra propria a ordenação das idéas puras, isto é, o methodo do raciocinio e a arte da conversação; a outra, a italiana, mais meridional, mais artista e mais capaz de imagens, teve por obra propria a ordenação das fórmas sensiveis, quero dizer — a musica e as artes do desenho. E' esse talento innato, visivel desde a origem, permanente em toda a sua historia, impresso em todas as exteriorizações do seu pensamento e da sua acção, que, encontrando no fim do seculo XV circumstancias propicias, produz uma grande mésse de obras-primas.»

(59) VIII, 411 (Florença, 1848, 2ª ed.)

(60) « Philosophie de l'art », I, 134-138.

Pouco adeante, o mesmo illustre pensador resume, numa frisante observação, o senso artistico geral da gente italiana. Diz elle: — « Não ha sinão este paiz, onde se ouvem pessoas do povo exclamar, deante de uma egreja ou de um quadro: — *O Dio, com'è bello !*, — e a lingua italiana possue, para exprimir este arranco do coração e dos sentidos, uma sonoridade e uma emphase admiraveis, cujo effeito é impotente para traduzir a seccura dos mesmos vocabulos francezes (61).

Nada mais nos resta a accrescentar a essa chave de ouro, de que nos soccorrêmos, em apoio da coefficiencia ethnica para o phenomeno extraordinario da Renascença italiana. Diremos apenas que, si as raças pudessem ser classificadas consoante com as suas tendencias psychicas dominantes no conjuncto de sua evolução, á raça italiana, como á raça grega de outróra, devera ser dado o nome de *raça esthetica,* porque ella o é em todos os sentidos (62).

Causas politicas. — Si topographicamente e ethnicamente tem a Italia tanta similitude com a Hellade, não o tem menos na organização politica de éras pregressas. Assim como a Grecia não passou outróra de uma expressão geographica, que não chegou nunca, no remoto passado, a al-

(61) Sobre a belleza das mulheres na Italia, *vide* Winkelmann (*op. cit.,* I, 64-65); e sobre a admiração que, *coram populo,* manifestam por ella os seus patricios, cf. Taine (« Voyage en Italie », II, 191) e Goethe (*op. cit.,* 468), que se servem quasi das mesmas expressões. A formosura das italianas, que serviram de modelos para os Raphaéis, os Giorgiones, os Ticianos e os Correggios, e o influxo do amor na arte da Renascença dariam interessante capitulo, a que a estreiteza do tempo e a carestia do espaço não nos permittem infelizmente consagrar mais do que uma ou outra ligeira nota.

(62) Para evidenciar ainda mais a acrisolada esthesia dos homens da Renascença, narra Taine (« Voyage en Italie », II, 140) que « Nanni Grosso, á hora da morte, recusou o crucifixo que lhe apresentaram no hospital e mandou buscar um lavrado por Donatello, dizendo que, do contrario, *morreria desesperado, tanto lhe despraziam as obras mal feitas de sua arte...* »

cançar a unidade governamental, dividida em cidades-Estados, que successivamente exerceram transitoria hegemonia umas sobre as outras, como occorreu com Athenas, Esparta e Thebas, — assim tambem foi o que se deu na peninsula central do Mediterraneo, egualmente multipartida em pequenas e diversas dominações, indigenas e alienigenas, e onde o phenomeno da Renascença coincide com o das cidades-Republicas, a cuja formação, progresso e decadencia acompanha aquella floração esthetica inexcedivel.

Aos tyrannos gregos correspondem os *doges* e *podestàs* italianos, aos *strategos* correspondem os *condottieri,* a Pericles corresponde Leão X. Só os hellenos não tiveram o *mecenatismo,* que é creação da edade moderna.

E' innegavel que o estado politico da Italia, notadamente desde o seculo XIV até ao seculo XVII, favoreceu sobremaneira a expansão dos talentos e a fecundidade da producção artistica ou literaria.

Si é certo que a Italia não teve feudalismo, não é menos certo que tambem ahi se manifesta a tendencia á desaggregação territorial, não, porém, durante o regimen que dominou quasi todo o resto da Europa occidental, pois que surgiu na peninsula central do Mediterraneo precisamente quando se extinguia o duplo poder da Egreja e dos barões. Ora, formadas as Republicas na região centro-septentrional da Italia (o sul, pelos asares das luctas coetaneas, escapou a esse movimento), as suas capitaes desde logo porfiaram entre si sobre qual mais se embellezaria e mais cresceria á custa das outras. Foi assim que na peninsula central do Mediterraneo repontaram muitos fócos intellectuaes e artisticos, cuja emulação contribuiu efficazmente para o extraordinario fulgor da Renascença.

Estas modalidades politicas de federalismo, equipollentes ás antigas *lucumonias,* mantiveram as differenciações ethnicas, que transparecem nas respectivas escolas. Cada qual apresenta aspectos locaes, obedecendo tambem a successão dellas ao influxo dos antecedentes historicos. Stendhal (63)

(63) «Histoire de la peinture en Italie» (Paris, 1845), pags. 37 e 50.

faz notar que «o primeiro passo para vencer a rudeza morta da pintura bysantina foi a idéa de aperfeiçoar os baixos-relevos; sente-se ahi a transição da estatua para o quadro. Começou este movimento a Toscana, aquella antiga Etruria, onde primeiro appareceram as artes e as sciencias na peninsula italica. Nicolau Pisano imitou na pintura as effigies, em relevo, dos tumulos antigos; vendo mais a fórma material, que apalpava, do que a *linha,* cujo ideal procurava, não podia deixar de ser um excellente architecto». A escola de Florença e a de Roma são correctas no desenho: as figuras, reproduzidas de modo severo, têm muitas vezes, como pondera Michelet (64), «a seccura architectural». A' altivez e terror «seguiram-se a graça e a delicadeza: tal o estilo do florentino Cimabue». «A escola da Lombardia eleva-se na pintura á *graça* (Leonardo da Vinci, Correggio) e ao *movimento*; a escola de Napoles descobre os effeitos da luz; a escola de Veneza não tem rival no *colorido* (Paolo Veronese, Giorgione, Ticiano), e, na faina de uma Republica mercantil, que precisa de emoções fortes, esse *colorido* é vivo e exaggerado (Tintoretto pintando com furia quadros descommunaes). A escola de Bolonha pertence a uma epoca em que acabava a creação inconsciente; formada depois de todas as outras, fixa as regras da technica e é naturalmente eclectica (os Carraccis, Domenichino, Primaticcio)».

Além dos concursos publicos, que contribuiam a manter a rivalidade entre as corporações e os artistas, era intensa a emulação das capitaes e dos chefes dessas cidades-Republicas. Emquanto ao norte da Europa, no seculo XIII, — como bem observa Burckhardt (65), — a liberalidade dos soberanos só se manifestava para com os seus cavalleiros, pagens ou menestréis de origem nobre, os caudilhos ita-

(64) «Introduction à l'histoire universelle» (Paris, 1842), 208.

(65) «La civilisation en Italie au temps de la Renaissance» (trad. de M. Schmidt, Paris, 1885), p. 1ª, cap. II, pags. 8. Este trabalho é o mais conceituoso, mais profundo e mais completo, que conhecemos, quanto ao estudo das causas da grande Renascença na Italia. Não existe na Bibliotheca Nacional, nem nas livrarias desta capital. A custo conseguimos adquiril-o.

lianos, em quem era vehemente a paixão da gloria, o desejo da immortalidade, desvelavam-se em proteger os poetas e os artistas, fosse qual fosse a estirpe destes. Petrarcha refere-se, cheio de reconhecimento, aos principes da sua Patria que acolhiam generosamente os homens de talento, ainda que saidos da mais baixa esphera social, — e como que o *mecenatismo* se tornou um dos meios de timonear superiormente os pequenos Estados italianos.

Póde-se affirmar que, no julgamento proferido pela posteridade com relação a esses despotas esclarecidos, — predecessores dos mais celebres monarchas do seculo XVIII, — os seus crimes politicos ficaram totalmente obumbrados ou lhes foram completamente perdoados em face dos inestimaveis ou suppostos auxilios que prestaram ás letras e ás artes. Foram elles: os Medicis, em Florença; os Viscontis e os Sforzas, em Milão; os della-Scala, em Verona; os d'Este, em Ferrara; os Gonzagas, em Mantua; os Malatestas, em Rimini; os Montefeltros, em Urbino; os Bentivoglios, em Bolonha; e os principes angevinos ou aragonezes, em Napoles.

Mas é mistér confessar que esses serviços têm sido por vezes levados a exaggeros inconciliaveis com a verdade historica, como, por exemplo, assevera Alexis Rio (66) no tocante á protecção que a escola de Ferrara recebeu dos duques d'Este.

A seu turno, Dumesnil, no capitulo de sua obra intitulado «Os Medicis, a arte pela arte» (*op. cit.*, 86-104), restabelece criteriosamente o verdadeiro papel do *mecenatismo* dos celebres banqueiros e chefes de Florença. Fazendo ver que na Renascença literaria, que foi uma *imitação*, não uma *creação*, os Medicis se distinguiram tão sómente pela frivola restauração do neoplatonismo, tenta demonstrar que, tambem na Renascença artistica, elles, que a acharam feita ao sabor da corrente democratica, envidaram apenas aristocratizal-a, esterilizando assim e empuxando á deca-

(66) «De l'art chrétien» (Paris, 1841-1867).

dencia, pelo mais deploravel egoismo (67), o brilhante movimento que começara sem elles, que sem elles saira da expansão municipal e das luctas sangrentas, mas fecundas, da Republica florentina (68).

De todas as cidades italianas, foi Florença, effectivamente, a que teve influencia mais decisiva na floração da Renascença. No seculo XV, contava ella 90.000 habitantes entregues a uma enorme actividade industrial e commercial, e foi a riqueza adquirida por esses meios praticos que lhe permittiu cobrir-se de monumentos grandiosos e tornar-se um inegualavel museu de arte. Tendo em consideração o superno goso dessa quadra indeslembravel, é profundamente verdadeira e suggestiva a phrase de Lemonnier (*op. cit.*, 18), quando diz que «os florentinos são, indubitavelmente, *o povo que mais viveu*».

Até as luctas domesticas ou facciosas das cidades italianas contribuiram para o movimento da Renascença. Esta, de facto, procede em grande parte, nos seus primordios sobretudo, — como bem o patentearam Dumesnil, em seu primoroso escripto «L'art italien», e Quinet, em suas «Révolutions d'Italie», — das perseguições exercidas pela nobreza contra o povo e das proscripções com que eram castigados os que mais extremadamente se envolviam nos conflictos partidarios.

Desherdados de todos os direitos politicos, devotaram-se inteiramente ás artes e ás letras os mais capazes espiritos daquella epoca excepcional. Magistrado de Florença, o Dante, si não fosse coagido a fugir da terra do berço, como houvera de colligir as lendas da Patria e formar do seu poema, qual depois fez tambem Camões, uma verdadeira encyclopedia

(67) Ao «égoisme du mécénat» dos Medicis, abundando nas mesmas idéas de Dumesnil, tambem se referem Lavisse et Rambaud, «Histoire générale du IVe siècle à nos jours» (París, 1894), IV, 8-9.

(68) Vale a pena comparar o retrato de Lourenço de Medicis, feito por Voltaire em seu «Essai sur les moeurs» («Oeuvres complètes, Paris, XII, 170), e o que traçou do principe magnifico o seu conterraneo, contemporaneo e adversario politico, Machiavel, nas «Istorie fiorentine», VIII, 410-412.

nacional? A vagabundagem de Giotto por grande extensão da Italia é que tambem explica como foi que tanto se espalhou a sua escola, tornando-se realidade fructuosa a fundação, que indubitavelmente lhe cabe, da pintura moderna, creação estupenda da Renascença.

Veneza domina todo o Mediterraneo oriental por suas frotas, chega a possuir « um quarto e meio do imperio grego », e é potencia politica de grande vulto, até que os portuguezes descubram o caminho maritimo das Indias. Contemporanea e producto da pasmosa prosperidade economica da rainha do Adriatico, é a sua floração artistica, a qual Taine (69) synthetizou do modo seguinte: — « E' de 1454 a 1572, entre a instituição dos inquisidores de Estado e a batalha de Lepanto, entre a demão coronal do despotismo interior e o derradeiro dos grandes triumphos exteriores, que apparecem as obras esplendorosas da pintura veneziana. João Bellini nasce em 1426, Giorgione morre em 1511, Ticiano em 1576, Veronese em 1572, Tintoretto em 1594. Nesse intervallo de seculo e meio, a cidade guerreira, senhora do Mediterraneo, rainha do commercio e da industria, tornou-se um *casino* de mascaradas e de cortezãs ».

Estas linhas bastariam, por si sós, a dar uma frisante amostra do poderoso influxo que o estado politico da Italia exerceu em sua maravilhosa Renascença esthetica.

Causas sociaes. — Graças ás suas condições sociaes, poude a Italia conseguir, antes e mais que as outras nações da Europa, todos os requintes estheticos que distinguem a civilização moderna da civilização medieval. Foi alta a coefficiencia de taes condições para a producção da Renascença.

Basta assignalar, como tão claramente o fez Taine (70), que, no seculo XV, — emquanto os inglezes saíam da barbara guerra dos Cem-Annos, viviam em cabanas rusticas, dormiam em grabatos de palha e comiam em escudellas de pau; emquanto na Allemanha se desencadeiava a guerra atróz e inexpiavel dos hussitas, os nobres ignorantes e insolentes

(69) « Voyage en Italie », II, 324-325.

(70) « Philosophie de l'art », I, 143-145.

appellavam entre si para o direito do *punho,* fidalgos e letrados (qual se infere dos informes de Luthero e das memorias de Hans Schweinichen) levavam aos maiores excessos a embriaguez e outros vicios não menos destestaveis; emquanto na França, devastada pelos inglezes ou posta no equuleo pelos capitães de aventura, a fina flor da sociedade, como o evidenciou Rabelais, vivia, até meiados do seculo XVI, ainda engolfada na grosseria lutulenta e na bestialidade persistente dos costumes gothicos: — a Italia era « muito mais sabia, muito mais rica, muito mais polida, muito mais capaz de embellezar a vida, isto é, de gosar e produzir obras de arte ». Em summa, emquanto no resto da Europa « o regimen é ainda feudal, e os homens, como animaes féros e fortes, apenas cuidam de comer, de beber, de bater-se e de agitar os musculos », é a Italia um paiz quasi moderno, onde todos se entregam tranquillamente á vida pratica, á vida artistica e á vida intellectual, constituindo, pela primeira vez, depois da quéda da civilização antiga, « uma sociedade que dá logar culminante aos gosos do espirito ».

Antes de mais nada, devemos accentuar que, por não se haver radicado em seu sólo a planta do feudalismo, deixou a Italia de soffrer a profunda discriminação de classes que se deu alhures, no occidente europeu. Em geral, alli, a nobreza, nobreza militar, creada pelos imperadores da Allemanha e afinal abandonada por estes, présto se alliou á burguezia contra o povo, tornando-se dominante e absorvente desde fins do seculo XIII, até que, refugiado nas artes, o povo, o povo *magro,* subisse até á burguezia, que era o povo *gordo,* confundindo-se por ultimo com ella. Si se pesquisar a genealogia da legião de eminentes artistas da portentosa Renascença italiana, verificar-se-á que quasi todos sairam da camada plebéa e das profissões mais humildes: — Giotto foi pastor e pastor foi tambem Andréa Mantegna; Masaccio, de origem obscura, viveu e morreu quasi em meio da indigencia; Bramante veiu ao mundo em lar de gente sem fortuna e sem brasões, bem como Donatello e Luca della Robbia; Andréa del Sarto era filho de um alfaiate, e o Tintoretto, como tambem indica esse agnome, descendia de um tintu-

reiro; o pae do Domenichino era sapateiro e o de Guido Reni era musico; Salvator Rosa ficou cedo em miseranda orfandade; Giorgione era pobre e de baixa extracção; Caravaggio subiu do mistér de servente de *atelier* á gloria de artista, como tambem Antonio Solario (*il Zingaro*), que, antes de ser pintor, foi caldeireiro ambulante (71).

A aristocracia estimulava o pendor natural daquelles homens sem fortuna, mas talentosos, que já encontravam no seu meio physico e no seu ambiente social uma excitação continua para os lavores estheticos.

Um dos institutos creados pela sociabilidade medieval, e que vingou na Italia com grande proveito para o seu progresso artistico, foi o das corporações de officios. Mas estas, na peninsula central do Mediterraneo, não eram exclusivistas como alhures. O menino, aos 12 ou 13 annos, mal aprendera na escola a ler e a escrever, ia para a officina de um ourives, de um pintor, de um architecto ou de um esculptor. Ora, como bem observam Dumesnil e Taine, — a floração esthetica do seculo XV foi devida á forte base do grande espirito de conjuncto, pois de ordinario o mestre era tudo aquillo ao mesmo tempo, « e o aprendiz estudava assim não um fragmento da arte, mas toda a arte », tendo-se tornado os architectos e os esculptores os mestres dos pintores, como, entre outros, o provam os exemplos de Brunelleschi e de Bramante.

Não podem ser postas em olvido duas modalidades sociaes, duas heranças da Hellade e da *Princeps Urbium*, amplificadas pelo contacto do oriente asiatico, que não deixaram de contribuir grandemente para o esplendoroso movimento artistico da Italia: — o *hetairismo* e o *banditismo*.

Nas capitaes das Republicas italianas, particularmente em Veneza, a opulencia accumulada desenvolveu aquillo que Taine chamou tão expressivamente de « sensualidade magnifica e impudente ». A licença que imperava então na rainha do Adriatico, como em Roma, como em Florença, e que

(71) Cf. Paolo Mantegazza, « Le glorie e le gioie del lavoro » (1912,) 111; R. Peyre, *op. cit.*, 389, 437 e 542; e A. Dumesnil, *op. cit.*, 49-104 (« La démocratie dans l'art »), 178 e 287.

tanto pasmo causou no seculo XVI a Luthero, quanto havia de causar depois ao presidente de Brosses, explica a sobrevivencia das bacchanaes, a que se deu o nome moderno de *carnaval*, e das orgias realizadas no proprio Vaticano (Alexandre VI) ou deante do papa (Leão X), orgias « em que se viam corridas de homens nús, como nos antigos jogos da Grecia, e em que se viam *priapéas*, como nos circos do imperio romano ». O grande numero de cortezãs, que em Veneza eram o duplo das de París, facilitava e constituia a nota dominante dessas festas ruidosas e prolongadas, inenarraveis pela sumptuosidade e despudor, que vêm esboçadas nas memorias de Gozzi, Goldoni e Casanova e perpetuadas nos painéis de Tiepolo, em quem se inspiraram todos os grandes decoradores do seculo XIX. O influxo desses habitos sociaes, — o *hetairismo* e a exhibição de corpos desnudos, — reconheceu-o nitidamente Augusto Comte (72), que, ao referir-se ás perfeições introduzidas pelos gregos na triplice arte da fórma, assim se exprime: — « Limitaram-se elles essencialmente á esculptura, onde a execução attingiu a um progresso excepcional, devido sobretudo a costumes que procuravam muitas vezes *o espectaculo publico da nudez*, cuja efficacia technica era ainda accrescida por *amores infames* ». Na Italia da Renascença, tanto a esculptura, como a pintura, e principalmente esta, deveram muito da sua insobrepujavel perfeição technica tanto ao *espectaculo publico da nudez*, quanto aos *amores infames*.

O *banditismo*, — que é outro *survival* do genio grego e dos proprios primeiros povoadores de Roma, e que ainda em pleno seculo XIX campeava alcandorado nas grimpas dos montes insulanos e no dorso dos Apenninos da Calabria, — dominou toda a Italia nas centurias gloriosas da Renascença. Eis o que a esse proposito diz Taine (73): — « Por um contraste extraordinario, emquanto as maneiras se tornavam elegantes e os gostos delicados, os caractéres e os corações permaneceram ferozes. Estes individuos são letrados, eru-

(72) « Système de politique positive ». III, 287.

(73) « Philosophie de l'art », I, 203.

ditos, eloquentes, polidos, homens do mundo; mas, ao mesmo tempo, são homens de armas, assassinos e bandidos. Praticam actos de selvagens e raciocinam como civilizados: são lobos intelligentes». A personificação desse *banditismo*, que, para distinguir-se do outro, do da gente ignava e perversa que só descia das montanhas para as vindictas e para os latrocinios, póde ser chamado de *banditismo da cidade* ou *banditismo de salão*, é Cesar Borgia, «o maior assassino e o mais perfeito traidor do seculo», o heróe de Machiavel. Foi grande nas artes a influencia dessa falta de policia e de justiça, dessa presença constante de perigos extremos, porquanto obrigava os homens a uma observação mais attenta das attitudes do corpo e despertava nas almas uma sensibilidade mais viva, mais aguçada pelo exercicio frequente de paixões energicas.

Para que esta parte, consagrada ás causas sociaes da Renascença italiana, não venha a tornar-se ainda mais extensa, em virtude da obrigação que temos de referir-nos a outros habitos domesticos e civicos daquella grande epoca, soccorremo-nos da seguinte exposição, lapidar e synthetica, devida á penna magistral de Ramalho Ortigão, no prefacio que, com o titulo «A Renascença e os Lusiadas», escreveu para a edição do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, commemorativa do tricentenario de Camões (74):

— «Nesta hora de revivescencia geral, um raio de sol enxuga as lagrimas vertidas pela Humanidade em tres seculos de superstição, de terror e de miseria. Um sorriso de bondade paira por um momento no ar.

«Com as novas fórmas sociaes, transformam-se rapidamente as condições da vida e os aspectos exteriores da existencia. Com as viagens, com os descobrimentos, com as conquistas, estabelece-se o commercio e desenvolve-se a industria. As artes ornamentaes, as artes decorativas, as artes de luxo tomam um rapido incremento. Com as fórmas gothicas e acastelladas da casa feudal, modificam-se as mobilias e alfaias domesticas. Aos contrafortes e ás pontes levadiças

(74) «Os Lusiadas» (Lisboa, 1880), pags. X-XII.

dos seculos anteriores succedem-se os porticos e vestibulos venezianos. Nascem os ornatos minuciosos de uma variedade caprichosa e delicada na architectura; e, dentro das casas, vulgarizam-se os grandes leitos de columnas e baldaquino, os bufetes, as credencias, os formosos armarios esculpidos ou marchetados, que vêm substituir os catres duros, os bancos de linhas ogivaes e as grandes arcas da edade-média, recamadas de ferragem, boas para arrecadar os pesados morriões e os arnezes chapeados.

« O largo e longo montante dos homens de guerra é destituido pela espada fina e leve dos cortezãos. Os homens despem as pesadas armaduras de barões feudaes, para se vestirem segundo as modas italianas, espanholas, francezas, de velludo e setim, camisas de renda, sapatos bordados a ouro e longa pluma no chapéu molle pespontado de perolas.

« Já não é o jogral que vae de castello em castello cantar as lendas dos amores desgraçados e a historia das peregrinações longinquas. Nas côrtes dos novos reis, são os cortezãos, os cavalleiros, os fidalgos, que, além das prendas de voltear a cavallo, de jogar lanças e cannas ou de correr touros, se prezam de possuir o talento de trocar egualmente bem uma estocada com um homem e uma glosa com uma dama.

« As ruas aplanam-se e alargam-se, para deixarem rodar as primeiras carruagens. As casas agasalham-se, revestindo as janellas de caixilhos envidraçados. Nas camas, os travesseiros de um tóro de madeira são substituidos pelas almofadas, e nos utensilios domesticos principia a empregar-se o estanho e a prata. O desenvolvimento do fabrico das lãs modifica confortavelmente o vestuario e enriquece a alimentação pela abundancia dos rebanhos.

« As mulheres, que, no tempo do amor de Petrarcha, tinham apenas, como Laura, uma ou duas camisas, e que, nas bodas do conde de Flandres com a filha do duque de Brabante, traziam ainda á cinta duas adagas e na cabeça enormes mitras terminando em ponta ou bipartidas em cornos, cultivam com esmero todos os requintes do vestuario; as rendas preciosas elevam-se, com as golas de brocado, a toda

a altura das cabeças; os corpetes são constellados de pedras preciosas. Na guarda-roupa da rainha Elisabeth encontram-se tres mil vestidos.

«A Humanidade parece retomar subitamente posse dos sentidos, atrophiados no mysticismo enervante e no dogmatismo absoluto da Egreja, e, immergindo na vida com um deleite victorioso, com uma sensualidade triumphal, a Humanidade gosa avidamente, abundantemente».

E' um quadro minucioso e perfeito, que, encarado ao aspecto geral, precisa de completar-se com a pagina seguinte, em que o profundo sociologo já tantas vezes citado, Taine, deixa inilludivelmente evidenciado o influxo da sociabilidade italiana na floração artistica da Renascença (75): — «Para um nobre ou cavalleiro da Renascença, o primeiro cuidado é pôr-se nú, de manhã, em frente ao seu mestre de armas, com um punhal em uma das mãos e uma espada na outra; assim é que o representam as estampas. Em que é que ha de occupar a vida e qual o seu prazer maior? São as cavalgadas, as mascaradas, as entradas nas cidades, as pompas mythologicas, os torneios, as recepções dos soberanos, onde elle figura a cavallo, magnificamente vestido, ostentando as rendas, o collete de velludo e os bordados de ouro, orgulhoso de sua bella presença e da vigorosa attitude com que, auxiliado pelos companheiros, sustenta a dignidade do seu principe. Quando sae durante o dia, põe muitas vezes sob o gibão uma cota-de-malhas completa, pois cumpre prevenir as punhaladas e os golpes de espada, que podem attingil-o ao dobrar o canto de uma rua. Não vive tranquillo no proprio solar: os angulos de pedra, as janellas gradeadas de espessos varões de ferro, a solidez militar de toda a estructura, indicam que a casa, á semelhança da couraça, deve defender o dono contra attentados possiveis. Tal homem, quando está bem fechado em seu palacio e se acha em frente de uma bella figura de cortezã ou de virgem, deante de um Hercules ou de um Padre-Eterno grandemente empannejado ou vigorosamente emmusculado, é mais capaz que

(75) «Philosophie de l'art», I, 230-231.

um moderno de comprehender-lhes a belleza e a perfeição corporeas. Sentirá, ainda que não tenha educação technica, por uma sympathia involuntaria, as nudezes heroicas e as musculaturas terriveis de Miguel-Angelo, a saúde, a placidez, o olhar simples de uma das Madonas de Raphael, a vitalidade audaciosa e natural de um bronze de Donatello, a attitude contornada, extranhamente seductora, de uma figura de da Vinci, a soberba volupia animal, o movimento impetuoso, a força e a alegria athletica das personagens do Tintoretto e de Ticiano».

Causas religiosas.— Convertida ao catholicismo, e em grande parte á força, a região septentrional da Europa recebeu a nova doutrina como uma succedanea da sua fé antiga, e a ella se conservou rigorosamente, extremadamente fiel, buscando observar em tudo a letra expressa dos mandamentos das Sagradas Escripturas.

A Italia, porém, tendo abraçado o monotheismo de São Paulo como um aperfeiçoamento da sua velha crença, adaptou-o aos moldes desta; e, assistindo, sem escandalizar-se, ás fraquezas do clero e ao declinio da Egreja, superpondo aos rigores dos canones e ás tristezas dos dogmas a licença pagã e as volupias moraes do mysticismo, soffreu menos que qualquer outra nação da Europa o jugo da religião.

Já vimos, no capitulo inicial do presente trabalho, quanto era inaccessivel á limitada comprehensão dos cerebros humanos a divindade suprema que resultara do Iahveh ou Jehovah mosaico-christão. Mas, como que para transigir com o polytheismo antecedente, o fundador do novo credo estabeleceu a *trindade,* a qual, mysteriosa embora em sua definição e conceito dogmaticos, já era, entretanto, susceptivel de representações concretas, tanto mais que a terceira pessoa tinha por symbolo uma pomba.

Ora, o polytheismo romano era um simples derivado do polytheismo hellenico e, qual este, anthropomorphico. Assim, a adaptação dos attributos do deus ou deuses do christianismo aos numes do paganismo não foi difficil, principalmente depois que se systematizou o culto dos santos.

Michelet (*op. cit.*, 61, 211) já havia salientado essa parallelização religiosa, occorrida na Italia. Conforme elle observou, muitos costumes persistiram, mudando-lhes apenas o christianismo o sentido por uma lenta evolução: os milagres da Medéa são attribuidos pelos napolitanos a San-Domenico di Cullino; o templo de Romulo e Remo pertence hoje aos gemeos S. Cosme e S. Damião; e no sitio donde se precipitou Anna Perenna, está a capella de Santa-Petronilha.

O seculo XIII, entretanto, assistira, nos seus primeiros albores, á fundação de duas ordens religiosas, uma devida a S. Francisco de Assis (italiano, nascido em 1181) e a outra a S. Domingos (espanhol, nascido em 1170), que se dispunham a luctar contra a corrupção dos costumes e a degradação innominavel do clero. Áquelles dois apostolos cumpre juntar o maior de todos os doutores da Egreja, S. Bernardo (923-1008), o fundador do culto da Virgem (76), que substituiu por toda parte o culto de Deus, tornando-se, na phrase suggestiva de Augusto Comte, « a verdadeira deusa dos corações meridionaes ».

Dumesnil, num dos melhores capitulos de sua primorosa obra « L'art italien » (77), attribuindo á epopéa dantesca a divulgação do typo da *Madonna*, — que se tornou para cada italiano o ideal individual e nacional, qual era Beatriz para o cantor florentino, — demonstra como a significação da Renascença consistiu em rehabilitar « a natureza maldicta, condemnada pelo christianismo ». Aquella creação poetica, que cada artista italiano via objectivar-se em suas formosas, tão amadas e amantissimas patricias, nada teve de inconciliavel com a retrogradação polytheica, pois era, afinal, um mytho que se confundia com o de Venus e como esta susceptivel de ampla ubiquidade e accrescimos attributivos. São tambem muito interessantes e verdadeiras as seguintes observações

(76) Diz Augusto Comte (« Système de politique positive », III, 485): — « No seculo XII, o incomparavel S. Bernardo veiu fornecer, a todos os respeitos, o melhor typo do catholicismo completo, principalmente em sua digna victoria sobre um perigoso sophista, honrado por um amor immerecido ».

(77) « L' idéal italien. — La Madone », 22-37.

do citado escriptor (*in loc. cit.*): — « Decide-se a arte italiana, quando refuga os typos bysantinos, os typos consagrados, quando estuda a natureza. Esta natureza, antiga ou viva, é toda pagã. Assim, os artistas italianos passam naturalmente, sem esforço, da pintura christã ás representações pagãs, aos retratos dos contemporaneos. A hostilidade de principio apaga-se ante a seducção da natureza; esta serve de medianeira entre idéas tão antagonicas, e tudo se apazigúa por ella na obra do artista. E' então que a Italia se vinga da Egreja, pois o papa protege uma arte mais pagã que christã, que não tem de catholica sinão a apparencia, e cuja verdadeira mira é a rehabilitação da natureza. O imperador, ella submette-o, emprestando-lhe, pelos pincéis de Ticiano, o esplendor da Republica de Veneza » (78).

O genio clarividente do Dante comprehendeu, com profunda justiça, o papel social de S. Francisco de Assis e de S. Bernardo, dos quaes diz (*Paraiso,* XI, 37-39):

« L'un fu tutto serafico in ardore,
L'altro per sapienza in terra fue
Di cherubica luce uno splendore.»

Sobre o excelso prégador das cruzadas e polemista contra Suger, o autor da *Divina Comedia,* tendo na devida conta a creação do mais sublime ideal humano, representado na utopia da Virgem-Mãe, ainda assim se pronuncia (*Paraiso,* XI, 112-114):

« Ai frati suoi, sì com'à giuste rede,
Raccomandò la sua donna più cara,
E comandò che l'amassero à fede...»

Entretanto, as ordens mendicantes do seculo XII, que se destinavam a levantar o espirito abatido da Egreja, não

(78) Diz R. Peyre, *op. cit.*, 362: — « Os progressos do culto da Virgem no seculo XII desde ahi exercem na arte uma influencia, que se extende muito aquem da edade-média ». Mais expressivo é Max Gossi, em sua conhecida obra « L'histoire du christianisme et de la papauté » (Bruxellas, 1881), 214-215: — « Produz-se uma re-

tardaram, seguindo o exemplo das ordens precedentes, a entrar por sua vez na mesma lamentavel degeneração (79). Ainda é o immortal cantor da cavallaria quem o assevera mais expressivamente, censurando pela fórma seguinte os dominicanos (*Paraiso,* XI, 124-132), que adquiriram tão lugubre, tão sinistra nomeada, como inquisidores:

«Mà il suo peculio di nuova vivanda
È fatto ghiotto, sì ch'esser non puote
Che per diversi salti non si spanda;
E quanto le sue pecore remote
E vagabonde più da esso vanno,
Più tornano all'ovil di latte vote.
Ben son di quelle che temono il danno,
E stringonsi al pastor; mà son sì poche,
Che le cappe fornisce poco panno...»

Eis, agora, como abrangeu elle na mesma estigmatização os franciscanos do seu tempo (*Paraiso,* XII, 112-120):

«Mà l'orbita, che fe' la parte somma
Di sua circonferenza, è derelitta,
Sì ch'è la mufa dov'era la gromma.
La sua famiglia, che si mosse dritta
Coi piedi alle sue orme, è tanto volta,
Che quel dinanzi à quel di retro gitta;
E tosto si vedrà della ricolta
Della mala coltura, quando il loglio
Si lagnerà che l'arca gli sia tolta...»

Apesar da decadencia que bem depressa lhes sobreveiu, é innegavel que essas ordens religiosas exerceram acção de-

novação das artes, graças a Giotto, e é a Virgem, a mãe de Deus, quem principalmente disso se aproveita; acha a architectura o seu brilhante estilo ogival, e é a Nossa-Senhora, á Virgem, que se erguem essas cathedraes esplendidas, ainda hoje objecto da nossa admiração... Por toda parte reina a Virgem, o seu culto apaga o do filho de Deus, e em toda a historia do christianismo raramente se trata do *Deus-Pae...*»

(79) Diz Augusto Comte (*loc. cit.*): — «O seculo final foi nobremente inaugurado pelo grande S. Francisco, que tentou em vão a unica reforma compossivel com o catholicismo, substituindo por um clero necessariamente pobre o sacerdocio deploravelmente enriquecido.»

cisiva no catholicismo do seculo XIII, tornando-o «uma religião de ternura mystica e de ascetismo exaltado». Reinach (*op. cit.*, 158), de quem é essa expressão, accrescenta: — «Não se averiguará nunca o papel nimiamente grande que teve na arte da alta Renascença a revolução effectuada pelos discipulos de S. Francisco».

O que nos cumpre, entretanto, deixar bem evidenciado é que o catholicismo, por só admittir uma belleza, a divina, e condemnar a humana como fonte de todo peccado e de toda perdição das almas, deixou de ter a menor capacidade inspirativa ao pleno desenvolvimento das letras e das artes: assim se deu com os povos que o abraçaram sinceramente e seguiram com inteiro rigor, ao passo que os italianos, transformando-o num perfeito paganismo, ou superfetando este no seu pouco firme christianismo, puderam ter a floração esthetica sem egual que realizaram desde o seculo XIII até fins do seculo XVI.

O melhor depoimento para a comprovação da nossa these é o fornecido por Luthero. Ainda monge agostiniano, dirigiu-se á cidade onde pontificava para toda a extensão do orbe o successor de S. Pedro, e eis o que concluiu de tudo quanto observou alli (80): — «Eu não quizera, nem por mil florins, ter deixado de ir a Roma; havia de doer-me a consciencia, si eu fizesse injustiça ao papa. Os crimes em Roma são inacreditaveis... Nós outros, os allemães, empanturramo-nos de bebidas até arrebentar, ao passo que os italianos são sobrios; são, porém, os mais impios dos homens, zombam da verdadeira religião, e mofam de nós, os christãos, porque cremos em tudo que está nas Escripturas... Na Italia, quando vão á egreja, dizem: *Vamos conformar-nos com o erro popular.* — *Si fossemos obrigados,* dizem tambem, *a crer em tudo a palavra de Deus, seriamos os mais desgraçados dos homens, e não puderamos ter jamais um momento de alegria...* Os italianos são ou epicuristas ou supersticiosos. O povo tem mais medo de Santo-Antonio ou de São Sebastião do que do Christo, por causa das chagas que aquelles mandam... Eis como vivem numa superstição pro-

(80) *Apud* Seignobos, *op. cit.*, pags. 241-242.

funda, sem conhecer a palavra de Deus, não acreditando nem na resurreição da carne, nem na vida eterna. Celebram o carnaval com uma inconveniencia e uma insania extremas, durante varias semanas, e nelle introduziram muitas extravagancias, porque são homens sem consciencia, que vivem em peccados publicos » (81).

Esse quadro, gizado com tanta franqueza e verdade pelo inglorio fundador do « fetichismo dissidente » a que se deu o nome historico de *Reforma,* palpabiliza bem como o povo italiano era pagão por indole e por atavismo.

A literatura e a philosophia italianas, do seculo XV, sobretudo, servem a confirmar o testimunho de Luthero. Em vão contra o desmedido retrocesso ao passado greco-romano se ergueu a voz eloquente de Jeronymo Savonarola (1452-1498). Foi ephemero o seu triumpho contra os Medicis e contra a Renascença, e a esse arrojo sobrehumano do celebre monge dominico bem pudera ser applicada a imagem que vem na « Velhice do Padre-Eterno » de Guerra Junqueiro a proposito mais generico, porquanto apagar o rubro e vívido clarão da Renascença, qual tentara o tonsurado titã, fôra

> «... o mesmo que apagar o sol, quando flammeja,
> Com um apagador de lata de uma egreja...»

Aquelle que prégara contra as obras de arte, contra os poemas, contra o luxo, contra a alegria exuberante daquella quadra excepcional da evolução humana, e que fizera queimar, em solenne auto-da-fé, as producções sublimes do Dante, de Petrarcha e de Boccacio, bem depressa caiu do seu mal esteiado throno, para evolar-se aos céus, em que tão piamente cria, no martyrio de uma fogueira: — tal foi o talião da Renascença (82).

(81) Seignobos, em nota, pondera que o termo *epicurista,* empregado por Luthero, equivale a *incredulo,* e que na Italia o povo cria então que certas molestias de pelle eram mandadas por Santo Antonio.

(82) Muito opposto ao austero e rigido Savonarola era o frade carmelita de quem refere Taine (« Philosophie de l'art », I, 179) o

Seria clamorosa injustiça negar o muito que a Renascença italiana deve ao papado. O que cumpre accentuar é que os chefes da Egreja foram contaminados pelo espirito do seculo e se subordinaram á onda crescente e avassalladora do retrocesso ao paganismo. E' interessante acompanhar a progressão desse movimento no pontificado romano: — Nicolau V (1447-1455) iniciou a bibliotheca vaticana e a collecção de manuscriptos; Paulo II (1464-1471) mandou restaurar varios dos monumentos antigos da Cidade-Eterna; mas, quando a esthetica latino-hellenica, já em todo o seu esplendor nas capitaes das Republicas italianas, invadiu a Sé Apostolica e ahi dominou victoriosa, foi com Alexandre VI (1492-1503), com Julio II (1503-1513) e com Leão X (1513-1521), a trindade inolvidavel da Renascença, tanto que á centuria da sua mais prodigiosa floração artistica já se tem dado a denominação de « seculo de Leão X » (83).

Essa paganização do papado foi um dos pretextos capitaes que fizeram estalar a Reforma lutherana, isto é, a opposição do barbaro genio germanico ao culto genio latino, porém que, conforme bem observou Lemonnier (*op. cit.*), « foi a unica força do seculo XVI capaz de agir em face da Renascença. »

seguinte: — « Sabeis a historia de fra Filippo Lippi, que havia raptado uma religiosa; os paes desta queixam-se; mas os Medicis poem-se a rir. O mesmo fra Filippo era tão apaixonado por suas amantes, que, si os Medicis o aferrolhavam para obrigal-o a acabar um trabalho, fazia uma corda com os lençóes do leito e escapava-se pela janella. Cosme, por fim, disse: — *Deixem-lhe a porta aberta; os homens de talento são essencias celestes e não bestas de carga: é preciso não os metter em prisão, nem constrangel-os* ». Como se vê da « Histoire des peintres », de C. Blanc et P. Mantz (*in* « Ecole florentine »), chamava-se Lucrezia Buti a freira-modelo de quem se gerou Filippino Lippi.

(83) Sobre Alexandre VI, cujas bacchanaes, realizadas no proprio Vaticano, excèderam até as da antiguidade, ha o livro do seu capellão Burchard (escripto em latim e publicado em Hanover, no anno de 1697), que as descreve por menor. Quanto ás festas pagãs de Leão X, leia-se a carta de uma testimunha ocular, transcripta na « Philosophie de l'art », I, 181-187. E' edificante e conclusiva...

O principe dos poetas portuguezes, sublevado contra a formação da grei protestante, — a cuja crise aguda assistia, — não poupou as suas válidas zargunchadas contra o « gallo indigno », contra o « duro inglez » e especialmente contra os allemães (84),

«... soberbo gado,
Que por tão longos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor e nova seita inventa.
Vedel-o em feias guerras occupado
(Que inda com o cego error se não contenta)...»

A Reforma e a contra-Reforma não podiam deixar de ser obnoxias á Renascença. A' reacção catholica é que em grande parte se deve a decadencia das artes no seculo XVII. A prova está em que Adriano VI, successor de Leão X, odiava os pintores, e Paulo IV (1555-1559) mandou cobrir por Daniel da Volterra, que foi, por isso, alcunhado « il braghettone », a nudez, « impudica aos olhos ecclesiasticos, das academias de Miguel-Angelo, no quadro do *Juizo-Final* » (85). Essa reacção da Egreja, extendendo-se das artes á philosophia e á sciencia, que ainda mais temerosas lhe eram, torna-se mais violenta no ultimo anno do seculo XVI, prolongando-se pelo seculo seguinte, pois, como regista Mabilleau (*op. cit.*, 61), « foi em 1600 que se queimou em Roma a Giordano Bruno, foi em 1619 que se queimou em Tolosa a Vanini, foi em 1624 que o parlamento de París comminou a pena de morte a quem sustentasse ou ensinasse outras doutrinas que não as approvadas, foi em 1628 que Campanella saiu do carcere após uma reclusão de 27 annos, e foi, emfim, em 1633 que a Galileu, septuagenario, se obrigou a retractar-se genuflexo. »

Imagine-se, por um momento, que as artes, sciencias e letras tivessem sido sempre apanagio exclusivo dos conventos,

(84) « Lusiadas », canto VII, ests. 4, 5 e 6.

(85) Ramalho Ortigão (*op. cit.*, pags. XXV) attribue erradamente a Paulo III (1534-1549), baptizador da Sociedade de Jesús, a ordem estupida cumprida por Volterra.

que a ferrenha inquisição houvesse surgido desde os primeiros albores da edade-média e que no solio do bispo de Roma tivessem tido assento, — em vez de um Leão X ou de um Julio II, que fazia calar os escrupulos de Raphael, obrigando-o a tratar assumptos profanos, — um rancoroso esthetophobo como Adriano VI ou um sacrilego como Paulo IV. Pergunta-se: — Teria sido possivel, em taes condições, a sobrehumana revolução intellectual que se operou desde o seculo XIII até ao seculo XVI na peninsula central do Mediterraneo?

Evidentemente não, — porque a Renascença italiana não se teria produzido, si as artes e letras não houvessem deixado de ser christãs e monasticas, para se tornarem leigas e pagãs.

Outra conclusão, contrária a essa, é impossivel tirar-se dos elementos probantes que acabamos de succintamente recensear.

E a Renascença, — reacção victoriosa contra o obscurantismo da Egreja, que via em tudo o terrivel anathema do peccado original e condemnava a Humanidade viva a um inferno de fealdades, espurcicias e flagicios tão hediondo qual o com que tambem lhe acenava *post-mortem*, — só assim poude realizar aquellas figuras ideaes, eternizadas no marmore, no bronze e em télas sublimadas, « pelas quaes ensina o homem á natureza como é que esta deveria tel-o feito e como foi que o não fez...»

Causas intellectuaes. — Já dissemos que não ha floração artistica que não seja contemporanea de identica floração intellectual. Mas, no caso particular da Renascença italiana, tomada em seu conjuncto, isto é, desde o seculo XIII até ao seculo XVI ou mesmo até ao seculo XVII, deve-se reconhecer que em começo a revivescencia literaria foi superior á artistica, tornando-se esta, entretanto, logo depois, incomparavelmente mais brilhante do que aquella.

Já dissemos egualmente que não se concilia com os factos averiguados a asserção de que a Renascença italiana tenha tido por determinante essencial a entrada dos sabios bysantinos e dos modelos antigos na peninsula central do Mediter-

raneo, depois da quéda de Constantinopla em poder dos turcos ottomanos.

E' agora occasião opportuna de demonstrarmos essas proposições, o que é sobremaneira facil.

Toda a producção artistica do seculo XIII e do seculo XIV, apesar do assombroso genio espontaneo de Giotto, não vale a *Divina Comedia,* que foi, na phrase competente de quem melhor estudou o conjuncto do passado (86), « a epopéa incomparavel, na qual reside, até ao presente, o melhor titulo da arte humana ». E, coincidindo com os ultimos dias do Dante (1265-1321), o seculo XIV vê tambem surgir o delicado poeta das *Rime,* o primoroso Petrarcha (1304-1374), e o elegante autor do *Decamerone,* o seu amigo e contemporaneo Boccacio (1313-1375).

Todos elles se inspiraram na antiguidade greco-romana, de cujas tradições era a Italia a herdeira dilecta e a guardiã zelosa, e por isso tem-lhes sido dada a denominação erronea de « precursores » da Renascença pelos historiadores de vista curta, para quem o importante phenomeno só é enxergado no seculo XV ou XVI.

Contrária por essas influencias, assim como pelas do meio physico e da raça, á estreiteza das creações dos povos europeus septentrionaes, sobreexcedeu-os a Italia pelo amplo descortino e pela scintillante cultura, repellindo tudo quanto não fosse invenção propria ou imitação classica. E' isto o que explica porque foi que alli não penetraram sinão raras lendas dos cyclos celto-germanicos; como foi que se ridicularizou alli o vasto estendal dos *lais* carlovingios; como foi que alli não teve hospedagem, sinão como um intruso indesejado, o estilo ogival; como foi, finalmente, que até se oppugnou alli, a principio, a arte da imprensa, por ser esta, na phrase dos eruditos italianos, *invenção dos barbaros do norte, feita numa cidade da Allemanha*... Entretanto, o descobrimento de Gutemberg auxiliou sobreposse a Renascença literaria e veiu a ser um dos raros titulos gloriosos com que se poem os allemães a par dos povos que promoveram o progresso moderno.

(86) Augusto Comte, « Système de politique positive », III, 542.

Como quer que seja, emquanto a França, por exemplo, consoante com a observação de de Crozals (*op. cit.*, 310), « se exgottava então em girar, como uma inutil mó sem grãos, a pesada machina escholastica, o espirito da Italia applicava-se ás coisas, aos pensamentos, e tornava-se, não mais um controversista de palavras sonoras, mas um artista combinando realidades ». Em vez de deixar que os seus olhos, como os dos povos celto-germanicos, se ennevoassem sob as densas brumas da metaphysica e que os seus ouvidos se atordoassem com as logomachias dos inanes escholasticos, as gentes ladinas da Italia foram sómente olhos e ouvidos para os fructos inegualaveis da elaboração greco-romana, tanto na plastica como na poesia, e souberam fazer acordar, sob a inspiração do classicismo, o seu realismo espontaneo.

Tratando da epopéa dantesca, a Augusto Comte (87) ahi se deparou « um cégo amor da antiguidade », e Gebhart (88) refere como Petrarcha, que estudava ansiosamente a lingua grega, fazia procurar manuscriptos e estimulava todos os seus amigos a propagar o culto das tradições helleno-romanas.

E' certo, comtudo, que só na segunda metade do seculo XV foi que se deu na Italia a invasão do hellenismo, dahi promanando a renovação literaria da peninsula. Mas, no ponto de vista da cultura especulativa, de accôrdo com a justa ponderação de Buhle (89), os gregos que de Bysancio vieram refugiar-se na Italia em nada contribuiram para ahi reintegrar o platonismo e o aristotelismo em sua pureza; « a philosophia, propriamente dita, que traziam, era um syncretismo bizarro..., mais proprio a desviar os espiritos do que a esclarecel-os. »

Note-se que, nessa migração de sabios constantinopolitanos para a Italia, não veiu nenhum philosopho, nenhum poeta, nenhum artista de merito. Vieram, porém, excellentes

(87) « Système de politique positive », III, 542.

(88) « Les origines de la Renaissance en Italie » (Paris, 1893), 333.

(89) « Philosophie de la Renaissance », 103 (*in* « Histoire de la philosophie moderne », trad. de Jourdan, Paris, 1816).

professores de grego, vieram manuscriptos, vieram esculpturas, — e isto bastou ás intelligencias promptas da formosa Patria do Dante. Honra, pois, lhes seja!

Só um povo de cultura mental superior á dos outros, qual o italiano, podia votar-se á benemerita cruzada de salvar de inevitavel perdição a maior parte do escrinio esthetico accumulado pela diviciosa elaboração intellectual da Hellade e de Roma. Começou essa faina ingente no seculo XIV, com o apostolado de Petrarcha, e extendeu-se, com uma dedicação perseverante e illimitada, até fins do seculo XV. Refere Boccacio (90) como se lhe depararam livros preciosos da antiguidade classica completamente mutilados pelos monges de Monte-Cassino, que, para ganhar algum dinheiro, os transmudavam em psalterios destinados ás creanças. Foram os admiradores italianos da brilhante producção do passado polytheico que, pesquisando de convento em convento por toda a Europa, conseguiram impedir que se sumissem os unicos exemplares restantes das cartas de Cicero e das obras de Tacito, duas figuras primaciaes da aurea latinidade. A Poggio Bracciolini deve-se o primeiro Quintiliano completo (que elle descobriu na abbadia de Saint-Gall), assim como oito discursos de Cicero, obras de Columella, uma grande parte do poema de Lucrecio e doze comedias de Plauto. João Aurispa trouxe de Constantinopla duzentos e trinta manuscriptos, entre os quaes vieram um Pindaro, um Xenophonte, um Arriano, um Diodoro Siculo e a primeira collecção completa das obras de Platão (91). Assim, não admira que os eruditos disputassem então, até pelo roubo, esses escriptos tão ambicionados, á semelhança do que no seculo XIII faziam os frades com relação ás reliquias de santos; não admira que Guarino encanecesse subitamente, no espaço de uma noite, pelo pesar de ter perdido uma das duas caixas de obras antigas que trazia de Bysancio para a Italia; não admira que o cardeal Bessarion

(90) *Apud* Seignobos, *op. cit.*, pags. 223-224.

(91) *Vide* L. L. Buron, « Histoire abrégée des principales littératures de l'Europe ancienne et moderne » (Paris, 2ª ed., 1876), 265.

(1393-1472) gastasse 30.000 escudos de ouro para a excellente collecção de 600 manuscriptos gregos que legou a Veneza em 1468, nem que Cosme de Medicis despendesse 36.000 ducados para formar a bibliotheca do convento de San-Marco.

E' no seculo XV que, por toda parte, se fundam na Italia escolas e academias, ou se transformam os institutos antigos, qual a universidade de Padua, creada no seculo XIII; é no seculo XV que na Italia os eruditos falavam e escreviam em latim, de preferencia á lingua consolidada pelo Dante na *Divina Comedia*; é no seculo XV que o invento de Gutemberg se introduz em Veneza, onde Aldo Manuccio deu a *editio-princeps* das obras dos melhores pensadores e poetas da Grecia e de Roma, não se dedignando de ser revisor daquella primeira typographia italiana o celebre cardeal Bembo, agnominado «o Ciceroniano.»

Eis ahi como, em opposição á vã e rançosa *escholastica,* repontou o *humanismo,* isto é, o espirito que buscava avidamente e fructuosamente na limpida caudal greco-romana os verdadeiros principios orientadores da evolução moderna da Humanidade.

Em conclusão: — a Italia, que tinha conservado no seu *latin sangue gentile* o senso pratico que tornara grandes os romanos, que ao regimen feudal da Europa contrapuzera, sobre o molde dos municipios, as communas e as cidades-Republicas, retornou ao antigo, «e a antiguidade ensinou-lhe ao mesmo tempo o verdadeiro e o bello», diz F. Flamini (92). Nas aguas puras da torrente classica foi que ella bebeu os seus novos pensamentos e constituiu a sua critica, a sua historiographia, a sua sciencia politica. O influxo dessa revolução intellectual na arte era fatal. Dil-o bem o autor que acabamos de citar: — «Quanto mais exclusivo se fez o estudo dos romanos e dos gregos, tanto mais em nossos artistas o culto da fórma andou prevalecendo sobre o pensamento... E foi um enthusiasmo sem limite pela represen-

(92) «Il Cinquecento» (*in* «Storia letteraria d'Italia», Milão, s. d.), pags. 1 e 4.

tação objectiva da natureza, foi como que uma embriaguez de goso esthetico...»

Causas materiaes.— Não nos é licito olvidar as causas materiaes ou economicas, quer as de ordem particular ou technica, quer as de ordem geral, que entraram com o seu contingente na producção da Renascença italiana.

Si para ella contribuiram forçosamente as grandes invenções, a polvora, a bussola e a imprensa, — não menos devem ter contribuido os descobrimentos maritimos, que alteraram os destinos politicos das Republicas italianas e abriram novos horizontes á actividade da intelligencia humana.

Mas o que nos importa agora essencialmente assignalar é o papel que as artes menores desempenharam na Renascença italiana. Entre ellas, distingue-se desde logo a ourivezaria. Era raro o artista italiano que não fosse solicitado a decorar os cofres ou escrinios destinados a presentes de nupcias, e as joias, cujo uso o contacto com o levante e o enriquecimento das cidades foi tornando cada vez maior. Graças a essa operosidade, os ourives, — affirma R. Peyre (*op. cit.*, 383-384), — «contribuiram em grande parte para a unificação das artes do desenho, o que constituiu uma das forças e um traço caracteristico daquella epoca privilegiada. O ourives, com effeito, tinha que ser architecto, para levantar a planta da obra; tinha que ser desenhista, esculptor e tambem pintor, para o emprego das tauxias e dos esmaltes, que não eram só ornamentaes, mas representavam muitas vezes scenas variadas e importantes. Varios dentre os grandes pintores e esculptores da Renascença foram ourives e começaram a distinguir-se como taes: Ghiberti, Donatello, Francia, Verrocchio, Ghirlandaio e os Pollajuoli. Outros, como Miguel-Angelo, Leonardo da Vinci, Andréa del Sarto, foram discipulos de artistas que tinham sido ourives ou exerciam ainda essa profissão. Outros, finalmente, consagrando-se só á ourivezaria, grangearam fama egual á dos maiores artistas, como Maso Finiguerra, a quem se attribue (1460) a invenção da gravura.»

A gravura, — base desse ramo especial das artes a que se deu o nome de *glyptica,* — nasceu, por uma coincidencia singular, quasi ao mesmo tempo que a imprensa: a gravura em cobre foi inventada na Italia, e a gravura em madeira (xylographia) foi iniciada na Allemanha.

As necessidades novas determinam a creação de processos novos, na Italia como alhures. Desde o tempo de Giotto, — observa W. Lubke (*op. cit.,* II, 99), — caiu em descredito a velha pratica da *pintura a tempera,* e assim foi que se começou a applicar o processo chamado do *a-fresco,* cujos tons claros, luminosos e solidos cada vez mais se recommendaram para as obras de grande folego da pintura mural.

Quanto á *pintura a oleo,* não se deve temer o insistir sobre ella, — pondera Lemonnier (*op. cit.,* 13), — « quando se trata da Renascença, em que a arte teve logar tão conspicuo, pois que ella contribuiu para a formação e evolução da pintura moderna: deu-lhe caractéres novos, libertando-a, por um lado, da decoração monumental, e, por outro lado, da illuminuração dos manuscriptos. Além disso, os van Eyck, que foram os primeiros a applicar aquelle processo, si é que não o imaginaram, attingiram immediatamente na execução a uma notavel superioridade artistica tanto quanto material. Grande numero de artistas, até italianos, foram formar-se em sua escola e levaram para a peninsula o fructo do que aprenderam.»

Cabe aqui a conceituosa obtemperação do autor do « Essai d'histoire de l'art » (*loc. cit.*): — « Si a arte moderna se enriqueceu de processos, justo é dizer que a materia-prima, fonte da inspiração, cresceu na mesma proporção. Desde o momento em que os artistas não se contentavam mais com o bello religioso e aspiravam á expressão do bello humano, universal, não tinham mais necessidade alguma de encerrar-se no dominio da legenda sagrada. A mythologia antiga, restabelecida pela Renascença das letras, a historia, restituida pela sciencia, abriram então á sua phantasia, e pelo mesmo motivo, filões novos e inexhauriveis. Depois vieram o genero e a paizagem, a natureza, emfim, a todos os seus

aspectos. Porque, uma vez que a arte está no coração do homem, não ha mais objecto incapaz ou indigno de revestir-lhe os caractéres eternos.»

As condições economicas da Italia, na quadra historica que estudamos, já ficaram sufficientemente esboçadas em linhas anteriores, para excusar-nos de repetir aqui que foi com o enriquecimento das cidades-Republicas da peninsula central do Mediterraneo que repontou o clarão inextinguivel da grande Renascença e que a decadencia desta coincidiu com o exhaurimento daquella opulencia, quando a supremacia commercial foi transferida, graças ao descobrimento do caminho maritimo das Indias, para Portugal, que, a seu turno, passou o sceptro do oceano á Hollanda, como esta mais tarde á Inglaterra, a definitiva *empress of the sea*.

E' sabido que, em toda parte, o progresso intellectual tem sempre a sua base no progresso material, do mesmo modo que o cerebro não póde prescindir do seu pedestal corporeo, ou, para servir-nos de uma das mais expressivas observações do immortal pensador de Montpellier, — « os phenomenos mais nobres estão, infelizmente, na dependencia dos phenomenos mais grosseiros.»

* * *

Alongou-se este capitulo, não porque intencionalmente o quizessemos, mas por assim o exigir a importancia do assumpto.

Agora, para dar-lhe remate que se exorne de brilho, recorramos á graciosa lenda com que F. Loliée (*op. cit.*, 178-179) refere como foi que no sólo italiano se veiu a achar um dia a imagem da Belleza perdida, da Belleza que se julgava estivesse morta, porém que estava apenas adormecida.

Eis a formosa allegoria:

— « Foi num dia de floração primaveral, 18 de abril de 1485. Operarios lombardos, que excavavam a terra na Via Appia, em Roma, descobriram um tumulo antigo, de marmore branco. Levantada a pedra sepulcral, que pasmosa apparição ! Uma joven morta ahi se revelava com as côres

da vida. Pela virtude dos aromas ou pelo prestigio de magia antiga, parecia ella prestes a erguer-se e a reabrir os olhos. As faces eram roseas e os labios sorriam. Que emoção a que despertou essa doce maravilha! Reuniu-se o povo, como que embriagado de amor e de enthusiasmo. Em seu leito eburneo, foi a Virgem conduzida para o Capitolio. A cidade toda accorreu a contemplal-a longamente, naquelle encanto silencioso, quasi divino, a tal ponto que a Egreja se alarmou. Iria nascer um culto novo, um culto impio, aos pés do idolo adormecido? O papa ordenou que a joven fosse retirada do Capitolio, a favor das sombras da noite, e de novo inhumada em segredo. Mas, disse o poeta, não tinha sido emvão que os homens lhe haviam contemplado o semblante: — Ella era *a Belleza antiga; por tel-a sómente entrevisto, poz-se o mundo a reflorir*. Apenas a bella resuscitada se mostrara em sua sobria elegancia, ficaram todos deslumbrados.

« A natureza tinha sido reencontrada, atrás dos véus que desde muito a occultavam, os véus espessos da escholastica e do ascetismo monachal. Ella reapparecia, provocando primeiro a curiosidade do descobrimento, depois o enthusiasmo artistico e poetico, — reunindo o culto da Belleza e da Força, — e, por fim, a consagração gloriosa de um modelo ideal, que, do paiz mais vizinho da civilização antiga, da Italia pagã, havia de ganhar pouco a pouco, modificando-se no caminho e adaptando-se aos caractéres differentes das raças, a França e a Espanha, a propria Allemanha e a Inglaterra.»

BASILIO DE MAGALHÃES.

(*Continúa*).

ROMANCE MEDIEVAL

(DO CYCLO CARLOVINGIO)

A Jorge Jobim

— Nuno Vero, Nuno Vero,
Bom amigo a toda prova,
Salta do cavallo féro,
Vem trazer-me grata nova.

— Sevilha, bella Sevilha,
Teu famoso paladino,
O esforçado Valdivino,
Já não obra maravilha...

— Senhor, isso me desgosta
E do que dizes suspeito:
A quem o perigo arrosta
Sorri da Fortuna o aspeito.

—... Partimos em cavalgada
Esta noite, sendo meia;
Brilhava a lua cheia,
E houve triste debandada.

— Meu doce Amor, cavalleiro,
Que a morte no campo affronta
Como bravo e audaz guerreiro,
Não era entre os dessa conta.

— Sim; dos fugidos não era,
Porque o golpe de uma lança
Cortou-lhe, flôr de esperança,
A vida, na primavera.

— Si tanto verdade fora,
Não estarias rendido
A' magoa avassaladora,
Junto de nosso vencido?

— Das formosas ó formosa,
Acredita em minha jura
E a gosar dá-me a ventura
Nesses teus labios de rosa...

— Ah! de rosa estes meus labios
Elle os beijou toda a noite.
E de seus beijos os resabios
Apagar ninguem se afoite!

Sevilha, bella Sevilha,
Teu famoso paladino,
O esforçado Valdivino,
Fez mais essa maravilha?

— Nuno Vero, Nuno Vero,
Meu amigo a toda prova,
Remonta ao cavallo féro,
Vai-te com a ingrata nova.

Campinas.

ALBERTO FARIA.

NOTAS

BOLETIM MUNDIAL

Recebemos do Dr. Mario Bulcão a seguinte carta sobre o apparecimento do *Boletim Mundial*:

« Levamos ao seu conhecimento que vamos dar publicidade ao *Boletim Mundial,* cujo programma ser-lhe-á facil verificar pelo fac-simile do nosso artigo de apresentação, que junto lhe remettemos.

« O *Boletim Mundial* é um dos orgãos de publicidade da Empreza Editora Sul-Americana, que tambem publica a *Revista Sul-Americana*.

« O *Boletim Mundial* será publicado semanalmente. O seu principal fim é fornecer á imprensa em geral (como fazem as publicações similares estrangeiras) collaboração assignada e inedita. Os nossos artigos poderão ser transcriptos pelo seu jornal todas as vezes que isso lhe aprouver. Forneceremos, graciosamente, a nossa publicação, pedindo-lhe apenas que, transcrevendo os artigos della, V. S. declare de onde foram hauridos, convindo não esquecer as respectivas assignaturas.

Além do *Boletim Mundial,* mantemos annexa uma agencia geral de publicidade. Fornecerá esta agencia, mediante prévio

ajuste, collaboração directa especial para cada jornal, não só por meio de cartas (correspondencia), como serviço telegraphico. Para estes serviços dispomos de pessoal apto e de representantes nossos junto aos altos poderes da Nação. A nossa agencia de publicidade intitula-se *Agencia Sul-Americana*.

« Para entramos em permuta, necessitamos saber qual o preço minimo especial que V. S. nos concede, para lhe mandarmos, além do *Boletim Mundial,* que é gratuito, materia retribuida, annuncios. etc.

« No caso de V. S. acceitar estas idéas e quizer entrar em combinação comnosco, pedimos suas ordens e esclarecimentos. Si possivel, designação de quem possa receber nesta capital as importancias que, futuramente, tivermos de pagar.

« A « Empreza Editora Sul-Americana » conta no seu corpo de redacção elevado numero de nomes festejados na imprensa e nas lettras patrias, como terá V. S. occasião de verificar pelos que assignam os artigos do *Boletim Mundial*. Assim tambem é selecto o nosso corpo de *redactores-correspondentes epistolares* e *telegraphicos*.

« Nestas condições, sendo realmente util a collaboração do *Boletim Mundial,* que lhe offerecemos gratuitamente, esperamos que sejam modicos os preços que nos fizer para os casos das transcripções que solicitarmos em seu jornal, ou pela publicação de annuncios que lhe remettermos.

« Aguardando suas estimaveis ordens, pedimos nos envie sua tabella de preços, e, pelo menos, dois exemplares do seu jornal.

Muito attentamente,

MARIO BULCÃO,

Director.

XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS

Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas — Rio de Janeiro, de 18 a 30 de Junho de 1909.

Conforme ficou convencionado no Decimo Nono Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Washington, Capital dos Estados Unidos da America, de 27 de Dezembro de 1915 a 8 de Janeiro de 1916, o Vigesimo Congresso terá logar tambem num dos paizes do Continente Americano, por causa da lastimavel conflagração do Continente Europeu, sendo para tal escolhido o Brasil em cuja capital elle se reunirá na segunda quinzena do mez de Junho de 1919.

A sessão do Rio de Janeiro terá logar sob os auspicios do Museu Nacional, Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Bibliotheca Nacional, Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Archivo Nacional e Instituto Historico e Geographico Fluminense em cooperação com a Academia Nacional de Medicina, Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, Club de Engenharia, Serviço Geologico do Brasil, Serviço de Protecção aos Indios, Repartição Geral dos Telegraphos, Observatorio Astronomico e Escola Nacional de Bellas Artes.

Durante a sessão, independente das excursões, quer de caracter scientifico, quer de simples recreio, serão feitas visitas aos museus, institutos historicos e geographicos, faculdades de ensino superior e demais repartições que se relacionem ás materias tratadas no Congresso.

Para evitar demoras nas communicações do congresso e para facilitar a organização da sessão áquelles que desejarem tornar-se membros desse certamen, urge dar, tão cedo quanto possivel, ao Secretario geral os titulos das suas memorias acompanhados de um breve summario de cada uma.

As communicações perante as sessões poderão ser feitas verbalmente ou por escripto. O tempo permittido para a leitura de cada memoria é, no maximo de 15 minutos, com

excepção apenas para assumptos de especial interesse e de reconhecida importancia. Quando um autor queira apresentar mais de duas memorias, sujeitar-se-á a deliberação do conselho. O tempo permittido para qualquer membro discutir uma memoria é apenas de cinco minutos. Todas as memorias apresentadas á sessão serão submettidas, uma vez concluido o Congresso, ao Comité de Publicação, e, approvadas, serão impressas, com um limitado numero de illustrações, caso seja necessario, nos annaes do congresso.

Tornar-se-á « Membro » todo aquelle que pagar 20$ (quota de inscripção).

Os « Membros » teem o direito do voto participarão de todas as funcções do congresso e receberão, gratuitamente, todas as suas publicações.

A quota de inscripção para « Membro Associado » é de 10$000. Os membros associados poderão assistir a todas as sessões do congresso, sem entretanto, gozar do direito de voto e em receber gratuitamente as publicações do congresso.

O competente « Cartão de Congressista » será remettido logo ao ser recebida a respectiva quota de inscripção.

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA,
Secretario geral.

Sociedade de Geographia.
Rio de Janeiro. Brasil. Junho. 1917.
Exmo. Senhor.

A proxima sessão do « Congresso Internacional de Americanistas », que é a Vigesima, terá logar no Rio de Janeiro, Capital dos Estados Unidos do Brasil, de 18 a 30 de junho de 1919.

V. Ex. acha-se convidado, desde já a concorrer a esse congresso, como um dos seus membros e participar de todos os seus actos.

Os titulos das memorias a serem apresentadas ás sessões desse congresso devem ser enviados, tão cedo quanto possivel, ao Secretario geral. E' tambem necessario que a synopse de cada memoria se encontre em poder do Secretario geral antes de 30 de Maio de 1919.

As sessões terão logar no Archivo Nacional, Sociedade Geographia e na Bibliotheca Nacional. Todas as facilidades serão proporcionadas para o completo desempenho das respectivas exposições que tenham de ser feitas ao congresso e, bem assim, para a illustração das conferencias por meio de lanternas electricas de projecções.

Os demais assumptos referentes ao congresso, inclusive o programma preliminar, serão dados a conhecer aos interessados, no principio do anno de 1919.

Esperando pela activa cooperação de V. Ex. favorecendo os importantes designios deste congresso.

Subscrevemo-nos de V. Ex., Att. servos e const. admiradores.

LAURO MÜLLER, Presidente do Comité Organisador.

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA, Secretario geral.

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1918

HEINRICH HANDELMANN

Doutor em Philosophia e privat-docent de Historia Moderna,
na Universidade de Kiel (1860)

HISTORIA DO BRASIL

Traducção do allemão
de RAPHAEL MAYRINK (do Ministerio das Relações Exteriores).
Revista por A. G. DE ARAUJO JORGE

Edição da REVISTA AMERICANA

A *Revista Americana,* encetando a publicação da notavel GESCHICHTE VON BRASILIEN do Professor Heinrich Handelmann vertida para o vernaculo, pelo Dr. Raphael Mayrinck, e revista pelo nosso director Araujo Jorge, prestará, sem duvida, não pequeno serviço ás lettras patrias, salvando do olvido aquella obra magistral.

Ninguem melhor do que Oliveira Lima a julgou, nos seguintes termos:

« A historia de Handelmann, que chega aos meados do seculo XIX, quando a escreveu esse distincto professor da Universidade de Kiel, dedicando-a ao Principe Adalberto da Prussia, que, por sua vez, viajou extremamente e escreveu notavelmente sobre o Brasil, é um grosso volume de quasi mil paginas in-8º, de que não se deita fora uma linha. Merecia muito mais uma traducção do que uma reedição a de Varnhagen. Para aquilatar do seu merito, é sufficiente percorrer-lhe o summario e adquiril-o na intelligente disposição dos successos historicos e na profunda discriminação das correntes moraes, desde o primitivo feudalismo até o unitarismo imperial; ou então lançar a vista sobre a sua bibliographia e verificar a abundancia e variedade das fontes. Com uma traducção da obra de Handelmann, corrigida, num ou noutro pormenor, e commentada com discreção e competencia, começará o Brasil a ter o que todos dizem faltar-lhe, sem que ninguem se commetta ao emprehendimento de traçar a sua verdadeira historia.»

A Sua Alteza o Principe Adalberto da Prussia, Almirante e Commandante em chefe da Armada.

Augusto e Magnanimo Principe e Senhor!

A historia de um paiz cuja formação e evolução tanta analogia offerece com a da nossa patria; a historia de um povo que, como o nosso, luta entre esses dois sentimentos oppostos, a solidariedade de um nacionalismo integral e o particularismo provincial, não podia deixar de interessar a todo patriota esclarecido e habituado a procurar no conhecimento do passado a chave para a explicação do presente. Accresce que personagens eximios, filhos do nosso povo e da nossa raça, representaram papel saliente na historia do Brasil, e que aquella nação abre aos nossos patricios, animados do espirito de aventura, os braços de uma segunda patria, impondo-se assim á nossa immediata attenção e constituindo-se em objecto dos nossos estudos. De modo que o escriptor que se esforçou por compôr, com seriedade e imparcialidade, uma imagem fiel do grande Imperio sul-americano, se atreve a nutrir a esperança de que o seu trabalho não passará despercebido.

Mas, quem melhor do que Vossa Alteza Real poderá sympathisar com o meu tentamen. Ha já alguns annos que Vossa Alteza Real conhece o Brasil, por lá ter estado e, por isso, ouso esperar que a minha obra Lhe despertará boas recordações do passado. Além disso, por indole e vocação, Vossa Alteza Real tem de attender aos interesses de Allemães em terras remotas, auxiliando-os nos seus negocios, e todos sabem quanto Vossa Alteza Real se preoccupa com a questão da emigração alleman para o Brasil. Talvez se

dignará Vossa Alteza Real de tomar em consideração as observações e os conselhos que me atrevi a formular com relação a esse assumpto.

Queira Vossa Alteza Real permittir-me que Lhe dedique este livro e para elle solicite o seu benevolo julgamento.

Kiel, em 11 de Julho de 1859.

De Vossa Alteza Real, respeitoso subdito,

HEIN. HANDELMANN.

PREFACIO

Cumpro aqui a promessa que fiz, ha tres annos, no programma da minha « Historia da Colonisação e da Independencia da America ». A presente « Historia do Brasil » é a continuação immediata da « Historia dos Estados Unidos — 1ª Parte » e da « Historia da Ilha de Haiti » (ambas foram publicadas em Kiel em 1856), e assim terminei a exposição historica daquelles tres Estados americanos, que eu indicava como sendo os « *Estados de raça branca e negra* ». O Brasil, porém, pelo menos na bacia do Amazonas, possue uma raça indigena, cuja importancia historica e politica se não póde negar, e constitue a transição natural para o segundo grupo, mais numeroso, dos Estados americanos que eu synthetiso sob o nome de « *Estados de raça branca e vermelha* ». Cabe ao futuro decidir se poderei levar a cabo esse emprehendimento.

Circumstancias superiores á minha vontade fizeram com que se desse uma certa solução de continuidade no meu trabalho, de modo que a minha « Historia do Brasil » se apresenta como uma obra independente. Essa circumstancia não carece, entretanto, de justificativa. A riqueza crescente das fontes historicas e o interesse do assumpto obrigaram-me a romper o primeiro molde em que estava vasada essa historia, avolumando-a a um ponto tal, que ella bem póde pretender formar um estudo a parte.

Não quero entrar em pormenores sobre o modo por que tenciono tratar e desenvolver a narrativa, pois já o fiz varias vezes, e especialmente nas considerações preliminares de cada capitulo. Não desconheço que, ao lado de qualidades, ha

defeitos, isto é, em certos trechos, rectificações que me não foi possivel evitar. Além disso, é preciso que o bondoso critico tenha em vista que na historia minuciosa de um estado devem, forçosamente introduzir-se alguns erros, a despeito das pesquizas as mais conscienciosas. Peço, portanto, toda a indulgencia. Mas, creio que, graças a uma revisão cuidadosa, não passou engano algum de redacção, nem de impressão. Emfim, vi com grande satisfação que varios orgãos da imprensa reconheceram e celebraram que o editor não poupou gastos nem trabalho no interesse da boa impressão deste livro.

Peço venia para concluir, agradecendo mui cordialmente ás bibliothecas e aos numerosos protectores e amigos que me auxiliaram na composição deste volume, com conselhos, communicações e inspiração litteraria.

INDICE

INTRODUCÇÃO

PRIMEIRA PARTE

A LUTA PELA POSSE DO BRASIL

CAPITULO I

A descoberta

Os monumentos prehistoricos. A lenda de Santo Thomaz. Os habitantes primitivos. Os povos da Peninsula Iberica e a divisão da terra. A descoberta da costa. O commercio costeiro. O nome Brasil. A descoberta do Rio da Prata. A descoberta do rio Amazonas. Os dois grandes rios brasileiros e o seu futuro.

CAPITULO II

Os feudos portuguezes

Inicio da colonisação na costa. Os doze donatarios e suas capitanias. Organização das capitanias feudaes. Insuccesso da colonização no norte do Brasil. Insuccesso da colonização na Bahia. Insucesso da colonização, nos Campos dos Goitacazes. As capitanias feudaes: I) de S. Vicente; II) de Santo Amaro; III) do Espirito Santo; IV) de Porto Seguro; V) dos Ilhéos; VI) de Pernambuco; VII) de Itamaracá. O Brasil como logar de degredo.

CAPITULO III

A corôa de Portugal e a primeira guerra com a França

A nova organização. A fundação da primeira capitania real da Bahia. A Companhia de Jesus e a Egreja. A administração do pri-

meiro e do segundo Governador Geral. A colonia dos Huguenotes francezes no Rio de Janeiro. Mem de Sá e a segunda capitania real do Rio de Janeiro. A origem da questão dos Indios. A administração de Mem de Sá. Os seus successores.

CAPITULO IV

O dominio hespanhol e a segunda guerra com a França

O Brasil sob o dominio hespanhol. Incursões de flibusteiros inglezes no Brasil. O periodo de 1581-1602. Tres novas capitanias reaes: 3) da Parahyba; 4) de Sergipe; 5) do Rio Grande do Norte. O Brasil em fins do seculo XVI. O periodo de 1602-1624. Tentativas de colonisação no norte do Brasil. A 6ª capitania real do Ceará. Estabelecimento dos francezes no Maranhão. A 7ª capitania real no Maranhão. A 8ª capitania real no Pará. Retrospecto.

CAPITULO V

Os hollandezes no Brasil

Piratas hollandezes e as medidas de defesa tomadas para o Brasil. A Companhia Neerlandeza das Indias Occidentaes. Conquista da Bahia. Reconquista da Bahia. Conquista de Olinda e Recife. Insuccessos dos hollandezes. O mulato Calabar. A Nova-Holanda Brasileira. O Conde Moritz de Nassau-Siegen. A sua acção militar. Subida ao throno da dynastia de Bragança. O armisticio. A luta pela posse do Maranhão. Administração interna do Conde de Nassau. Os seus successores.

CAPITULO VI

A guerra da libertação de Pernambuco

João Fernandes. A conjuração. O principio da guerra da libertação. O combate no Monte das Tabocas. Auxilios da Bahia. Successos da insurreição pernambucana. A luta no norte. Sitio e libertação do Recife. A Hollanda e Portugal. Continuação da guerra no Brasil. O Gabinete de Lisboa e a Diplomacia. Fundação da Capitania luso-brasileira. A capitulação do Recife. A Casa de Bragança pensa em emigrar para o Brasil. A Paz da Haya.

SEGUNDA PARTE

A COLONISAÇÃO DO BRASIL

CAPITULO VII

O Estado do Maranhão

A questão dos Indios. Antonio Vieira. O levantamento de 1661, 1662. Novas leis. O monopolio da Companhia do Maranhão. A revolta de Manoel Beckmann. Abafamento da revolta e suas consequencias. Periodo que se lhe seguiu. Restauração transitoria de uma Companhia do Maranhão. As Missões durante os seculos XVII e XVIII. A acção do Marquez de Pombal. Continuação da questão dos Indios. Separação das Provincias: 1) do Pará; 2) do Alto Amazonas (A navegação do Amazonas); 3) do Maranhão; 4) do Piauhy; 5) do Ceará.

CAPITULO VIII

A capitania geral de Pernambuco

Terminação do Feudalismo. A nova organisação. Instituições collectivas. As Provincias: 6) do Rio Grande do Norte; 7) da Parahyba; 8) de Pernambuco. A terra e o povo (a bacia do S. Francisco). Organisação dos engenhos de assucar. Importação de negros e a sua escravidão. Emancipação e situação dos libertos. Escravos fugitivos e a policia encarregada da sua prisão; os Quilombos. O Estado Negro dos Palmares. Motins na provincia de Pernambuco. Hostilidades contra o Recife. O levante de 1817. O de 1824. Revoltas ulteriores. Pernambuco na época contemporanea. A 9ª Provincia de Alagoas.

CAPITULO IX

O governo geral (vice-reinado) da Bahia

Terminação do Feudalismo. Os Vice-Reis, seus poderes e privilegios. O Arcebispado da Bahia e a Egreja Brasileira. O clero secular. Conventos de homens e mulheres. A Sociedade de Jesus e a duplicidade do seu procedimento. Desenvolvimento da superstição. A inquisição e os Neo-Christãos. (Os ciganos). A terra e povo do Governo Geral. As Provincias: 10ª) de Sergipe; 11ª) da Bahia. Bahia no XVII e XVIII seculo. O motim de 1711-12 em S. Salvador (Bahia) no XVII e XIX seculo. A guerra da independencia de 1822-23. Agitações ulteriores. A immigração estrangeira e a colonisação. Situação em 1855.

CAPITULO X

A capitania geral (vice-reinado) do Rio de Janeiro

A terminação do feudalismo no sul do Brasil. A nova organisação. Successão dos ultimos Vice-Reis. A 12ª Provincia: o Espirito Santo. Colonias estrangeiras. Tentativas para tornar navegaveis os rios da costa. A Companhia do Mucury e a Colonia Saxonia (Minas Geraes). A 13ª Provincia: Rio de Janeiro; a terra e o povo. Rio de Janeiro no XVII seculo. A incursão do Capitão Duclerc. A incursão do Almirante Du Gua-Trouin. Rio de Janeiro no XVIII e XIX seculo. A immigração européa: Nova Friburgo, Petropolis e outras colonias. A immigração africana e chineza. A Provincia e o Municipio da Côrte, em 1855. Os meios de communicação no Rio de Janeiro e em geral no sul do Brasil). A 14ª Provincia: Santa Catharina. Colonias estrangeiras. A 15ª Provincia: S. Pedro do Rio Grande do Sul; a terra e o povo. S. Pedro no XVIII e no XIX seculo. Periodo revolucionario. A colonia alleman de S. Leopoldo. Outras colonias estrangeiras.

CAPITULO XI

A terra e a colonisação. A 16ª Provincia: Paraná. A 17ª Provincia: S. Paulo. A questão dos Indios no sul do Brasil. Destruição das reducções hespanholas no Paraná. Agitações no anno de 1640 e seguintes. Agitações no anno de 1660 e seguintes. Perseguições dos Paulistas contra os Indios no sertão. Terminação da questão dos Indios. Descoberta do ferro e do ouro em S. Paulo. Descoberta das Minas Geraes. O ouro e a politica portugueza. Situação primitiva nas Minas Geraes. Luctas entre os Paulistas e os Emboabas. Successos ulteriores até a separação das Minas. A Provincia de S. Paulo depois desses acontecimentos. As colonias de parceria. A 18ª Provincia: Minas Geraes. A febre do ouro. A febre dos diamantes. A época da decadencia. O resurgimento. A 19ª Provincia: Goyaz. A 20ª Provincia: Matto Grosso. Retrospecto.

ANNEXOS Á SEGUNDA PARTE

I. Quadro comparativo das Provincias do Brasil.

II. Movimento commercial do Brasil no anno de 1854-55.

III. Augmento do commercio brasileiro e dos impostos desde 1836.

IV. Listas das colonias estrangeiras estabelecidas no Brasil de 1812-1855.

CAPITULO XII

Formação historica dos limites

Os limites com a Guyana franceza (A divisão das Guyanas; A India Hanauiana). Os limites com a America-Hespanhola. A Nova-Colonia portugueza do Sacramento. Luctas com a Hespanha por causa da colonia do Sacramento e da Banda Oriental. Desenvolvimento do Brasil até 1750. A primeira Convenção de limites. A guerra das Sete Missões. Annullação da Convenção de limites de 1750. Novas desavenças e guerras por causa dos limites. A Segunda Convenção de limites de S. Ildefonso. As suas modificações ulteriores. A questão de limites depois da Independencia do Brasil. As ilhas do oceano.

TERCEIRA PARTE

A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL

CAPITULO XIII

A colonia e o reino absoluto

O Brasil e a politica portugueza colonial e commercial. A constituição colonial. (Administração da justiça no passado e nos tempos modernos). (Instrucção Publica). Influencia do espirito novo. Principios do nacionalismo brasileiro. A immigração da Casa de Bragança. Emancipação politica do Brasil. (Commercio, legislação aduaneira e industrial). O Governo do Rei D. João VI. Motivos da sua queda. A revolução portugueza. A sua repercussão no Brasil. Os acontecimentos até ao regresso a Portugal de D. João VI.

CAPITULO XIV

A independencia nacional

A situação do Brasil em 1821. Successos de 5 de junho de 1821, no Rio de Janeiro. O Decreto das Côrtes portuguezas, de 24 de abril de 1821. O Principe Regente e a opinião no Brasil. Decretos das Côrtes de setembro e outubro de 1821. A Crise. O 9 de Janeiro de 1822. As tropas portuguezas são afastadas do Rio de Janeiro. O Ministerio Andrada. Convocação dos Procuradores Geraes. Successo simultaneo na Bahia e em Pernambuco. Novos erros das Côrtes portuguezas. Dom Pedro «Defensor Perpetuo do Brasil». O 23 de maio de 1822. Convocação de uma «Assembléa Nacional».

A situação na Bahia. O Manifesto de 1 de agosto de 1822. O 7 de setembro de 1822: «Independencia ou morte». O 12 de outubro de 1822; D. Pedro Imperador. Insignias do novo Imperio. Relações com as Côrtes portuguezas. Relações com as tropas da guarnição portugueza. Situação interna. Expulsão das tropas portuguezas da guarnição. Tregoa com Portugal. Abertura da Assembléa Constituinte. A Constituição outorgada. A attitude das Provincias, especialmente Pernambuco. Revolução Pernambucana e «Confederação do Equador». Lord Cochrane no Maranhão. O systema de governo de Dom Pedro. Accordo com Portugal.

CAPITULO XV

Continuação e terminação do periodo revolucionario

Observação preliminar.

I. A queda do Imperador. Commercio com a Bolivia. Commercio com os Estados do Prata e Montevidéo. A revolução na Provincia Cisplatina. Guerra com os Estados do Prata. Complicações com Portugal. Primeiro Parlamento regular. Fallecimento da Imperatriz Leopoldina. Campanha no sul de 1826-27. Intervenção das Potencias maritimas. Recrutamento de colonos e soldados estrangeiros. Os batalhões estrangeiros. Motim desses batalhões. (Sua dissolução). Complicações com Portugal. Paz com os Estados do Prata. Recomeça a opposição na imprensa e no Parlamento. Complicações com Portugal. Terminação da primeira sessão legislativa. O Ministerio Barbacena. A Sessão de 1830. A opinião na capital. A viagem de Dom Pedro a Minas Geraes. Regresso a capital. A conjuração. O dia 7 de abril de 1831 no Rio de Janeiro.

II. A Regencia (1831-1844).

III. Consolidação dos principios constitucionaes.

Consideração final:

O Brasil e a emigração. Ordem chronologica dos Regentes do Brasil. Explicação sobre as moedas mencionadas. Bibliographia sobre o Brasil.

HISTORIA DO BRASIL

INTRODUCÇÃO

O Imperio do Brasil, possessão da raça portugueza na America, unico Estado independente daquelle continente em que haja ainda um throno, herança de uma casa real européa, occupa a terça parte da America do Sul, voltada para o Oriente. A sua superficie, (de accôrdo com a avaliação do Imperial Instituto Historico e Geographico), é de 3.956.000 milhas quadradas inglezas, ou sejam mais de 160.000 leguas quadradas geographicas, e a população conta 6.065.000 habitantes, (segundo as ultimas estatisticas, ella sobe a 7.677.800 habitantes), dos quaes perto de metade são escravos.

O territorio do Imperio divide-se, naturalmente, em tres grandes grupos. Um planalto central, cuja formação geologica é, geralmente, de quartzite, gneiss e granito, constitue o nucleo e a massa principal do systema. Elle se apresenta, quasi todo coberto por densa matta virgem, ou, em alguns pontos, como uma planicie de parca vegetação. As suas vertentes para o Oriente, isto é, do lado do Oceano Atlantico, são por assim dizer abruptas, emquanto que, ao occidente, elle se apoia sobre os primeiros contrafortes da Cordilhera dos Andes. Ao norte do planalto escava-se a bacia do Amazonas, e, ao sul, a do Prata, interpondo-se entre ellas os referidos contrafortes andinos como o grande divisor das aguas. Essas duas rêdes fluviaes que se estendem muito além do territorio brasileiro, para dentro dos Estados visinhos, ainda não foram bafejadas senão superficialmente pela civilisação de modo que conservaram, em toda a sua pureza, seu cunho original, isto é, a bacia amazonense offerece-nos o typo do sertão

tropical, e a do Prata compõe-se de campinas (*prairies*), peculiares á zona americana temperada. Por esses tres grandes grupos naturaes se dividem, mais ou menos, as seguintes vinte provincias:

I. Bacia do Amazonas que contem: 1) a provincia do Alto-Amazonas; 2) a provincia do Pará (indigena «rio»).

II. O planalto central e as suas vertentes orientaes abrangem as provincias: 3) de Goyaz; 4) Maranhão; 5) Piauhy (indigena «agua piscosa»); 6) Ceará; 7) Rio Grande do Norte; 8) Parahyba (indigena «rio mau»); 9) Pernambuco (indigena «o braço de mar»); 10) Alagôas; 11) Sergipe; 12) Bahia; 13) Espirito Santo; 14) Rio de Janeiro e 14 *b*) o Municipio Neutro, districto independente desta ultima provincia; 15) Minas Geraes com o districto «diamantino», outr'ora autonomo.

III. A bacia do Prata com as seguintes provincias: 16) S. Paulo; 17) Paraná (indigena «agua grande»); 18) Santa Catharina; 19) S. Pedro ou, mais commummente, Rio Grande do Sul; e 20) Matto Grosso. Nesta provincia os rios das bacias do Amazonas e do Prata correm parallelamente e alguns até confundem as suas aguas.

O pavilhão brasileiro tremula para além do territorio continental e das suas dependencias immediatas sobre algumas ilhas pedregosas de somenos importancia, tal como o grupo de Fernando de Noronha e o da Trindade, ambos em pleno Oceano Atlantico e muito afastados da costa.

O Imperio do Brasil conservou, durante toda a sua evolução historica, uma continuidade rara. Desde o seu principio pertenceu a totalidade do seu territorio a um povo unico, e ainda quando outras nações tentaram invadil-o ou que elementos estranhos para ali foram attrahidos, nunca, nem uns, nem outros exerceram uma influencia duradoira. Assim tambem, as desordens que acompanharam a moderna transformação politica deixaram intactos, apezar da sua immensa repercussão no Imperio, não só o alicerce do regimen, o throno, mas a propria organisação da nacionalidade e do paiz. Além disso a evolução não se manifestou egualmente por toda a parte. A dispersão dos pequenos grupos de immi-

ANNO VII FEVEREIRO-MARÇO — 1918 Ns. 5-6

REVISTA AMERICANA

SUMMARIO

		PAGS.
I. RIO-BRANCO	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II. D. SILVERIO GOMES PIMENTA	Á paixão de Nosso Senhor	12
III. A. AUSTREGESILO	O mal da vida	14
IV. MARCO FIDEL SUAREZ	Conmemoracion del tercer centenario de la muerte de Don Miguel de Cervantes Saavedra	27
V. JANUARIO LUCAS GAFFRÉE	Spinoza (continuação)	60
VI. MAX HENRIQUEZ UREÑA	Problemas de nuestra America	64
VII. RENATO ALMEIDA	Machado de Assis	73
VIII. BASILIO DE MAGALHÃES	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	90
IX. LUIZ FRANCO X. ALBERTO SOUZA XI. ALBERTO FARIA	Pesadello de um asceta (Traducções brasileiras do soneto *Le Cauchemar d'un ascète* de Maurice Rollinat	107
XII. JOÃO PEREIRA BARRETO	Imperio da mulher	111
XIII. LUIS GASPERI	El codigo civil brasilero	142
XIV. JACKSON DE FIGUEIREDO	Bibliographia	165
XV. H. HANDELMANN	Historia do Brasil (continuação)	17

NOTAS. — O centenario de 1817, por Oliveira Lima. Saudação dos escriptores e artistas Norte-Americanos aos collegas do Brasil. Sobre dois livros brasileiros, por Julio Dantas. Shakespeare e sua obra, por Cyro de Azevedo. Padre Raphael Maria Galanti. Conferencia feita pelo Dr. Oliveira Lima na Associação Christã de Moços no Recife 177

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

1918

REVISTA AMERICANA

FEVEREIRO-MARÇO — 1918

1200 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

REVISTA AMERICANA

FEVEREIRO-MARÇO — 1918

Redacção e Administração
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

BIOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

(VISCONDE DO RIO-BRANCO)

PELO

BARÃO DO RIO-BRANCO

(*Continuação*)

A lei da reforma do elemento servil, promulgada em 28 de Setembro de 1871, foi obtida depois de uma luta sem igual nos nossos annaes parlamentares. Essa luta para sempre memoravel, os grandes dotes de orador e estadista que o Visconde do Rio-Branco então pôs em relêvo, a energia, o calor, o tino e a prudencia com que defendeu o projecto do govêrno, augmentaram a justa nomeada de que gozava e tornaram-no o mais prestigioso e popular dos nossos estadistas.

« Nenhum ministro, disse com razão Alvarenga Peixoto, teve entre nós occasião de desenvolver tanta actividade e de revelar tanta energia, de provar tanta constancia e tão imprevistos recursos como o Visconde do Rio-Branco nos cinco longos meses da sessão legislativa que acaba de findar. Era raro o dia que não tinha de subir a tribuna em alguma das casas do Parlamento. Se estava no Senado, forçavam-no a falar duas e três vezes: depois, tinha de correr á Camara dos

Deputados, onde o chamava a discussão da reforma, ou alguma interpellação dos deputados dissidentes».

Sem os esforços e a habilidade de Rio-Branco a opposição teria conseguido embaraçar a passagem do projecto, pois os deputados da maioria eram apenas 64, e bastava que faltassem três, para que a Camara não pudesse funccionar. Os opposicionistas não concorriam para a abertura das sessões, retiravam-se sempre que havia votação, e não raro recorriam ao tumulto para interromper os trabalhos da Camara, e ás aggressões violentas, na esperança de intimidar o govêrno e a maioria, lançando mão e abusando de todos os expedientes protelatorios autorisados pelos nossos pessimos habitos parlamentares.

Durante a sessão legislativa de 1871 teve o Visconde do Rio-Branco necessidade de pronunciar no Senado e na Camara dos Deputados 41 discursos. Nesta ultima Camara a opposição á reforma compunha-se de 45 Deputados, dirigidos pelo illustre Conselheiro Paulino de Sousa. Entre elles figuravam José de Alencar, Duque Estrada Teixeira, Andrade Figueira, Perdigão Malheiro, Pinto Moreira, Pereira da Silva, Ferreira Vianna, Belisario e Almeida Pereira. No Senado os orarores contrarios á reforma eram Zacarias de Goes, Itaborahy, Três Barras (depois Visconde de Jaguarí), Muritiba, Carneiro de Campos (Visconde de Caravelas) e Antão. O Senador Silveira da Mota combateu também todos os artigos do projecto menos o primeiro (1).

No dia 28 de Setembro o Senado approvou, em ultima discussão, o projecto do govêrno. Os espectadores prorom-

(1) A seguinte estatistica dos discursos proferidos nas duas Camaras pró e contra a reforma, mostra que o esfôrço principal coube ao Visconde do Rio-Branco.

A favor:

Presidente do Conselho (Rio-Branco) 21 discursos; Ministro da Agricultura (Teodoro) 12; da Justiça (Sayão Lobato) 3; da Marinha (Duarte de Azevedo) 1; da Guerra (Jaguaribe). Deputados: Junqueira 7; Alencar Araripe, Teixeira Junior e Araújo Lima, 3 acda um; Pinto de Campos, Benjamin Pereira, Luis Carlos e Menezes Prado, 1 cada um. Senadores: Marquês de S. Vicente, 3; Sousa Franco, Salles Torres Homem, Nabuco, São Lourenço, Fer-

peram em estrondosas acclamações, e uma chuva de flores caíu das galerias no rerinto da Camara, onde o Visconde do Rio-Branco era abraçado por muitos Senadores e Deputados, pelos espectadores e por varios membros do Corpo Diplomatico. O Presidente não pôde conter os enthusiasticos vivas ao chefe do gabinete e á maioria do Senado. O Ministro dos Estados Unidos mandou apanhar algumas flores, e, recebendo-as, exclamou: — « Quero que em meu país se saiba que o que lá custou tanto sangue, no Brasil apenas custou flores ».

As manifestações de regozijo continuaram. Muitas corporações fôram saudar o Visconde do Rio-Branco. Por espaço de alguns dias verdadeiras procissões se dirigiram á sua residencia precedidas por bandas de musica. Para commemorar tão grande acontecimento, a maçonaria mandou cunhar uma medalha, tendo de um lado a effigie de Rio-Branco e do outro uma allegoria.

Numerosas felicitações de Camaras Municipaes e Assembléas Provinciaes chegaram as mãos do Presidente do Conselho.

O Senador Francisco Octaviano proferiu na discussão as seguintes palavras (12 de Setembro):

« E' justiça confessar-se que cabe ao actual Presidente do Conselho uma boa parte de gloria por ter ouvido a vontade

nandes da Cunha, Figueira de Mello, Octaviano, C. Mendes e Vieira da Silva 1 cada um. Total 71 discursos.

Contra a reforma:

Deputados: Duque Estrada Teixeira 6 discursos; José de Alencar 4; Andrade Figueira 4; Perdigão Malheiro 4; Paulino de Sousa 3; Pinto Moreira 3; Pereira da Silva 2; Ferreira Vianna 2; Barão da Villa da Barra 2; Belizario 2; Almeida Pereira 2; Capanema 2; Nebias, Cobra, Gama Cerqueira, Mello Matos. Monteiro de Castro, J. Calmon e Sousa Reis 1 cada um. Senadores: Zacarias de Goes 15; Barão das Três Barras (Visconde de Jaguarí) 12; Silveira da Mota 7; Visconde de Muritiba 5; Antão 4; Visconde de Itaboraí 3; Carneiro de Campos (Visconde de Caravelas) 1. Total, 90 discursos. Cumpre notar que o Senador Silveira da Mota acceitou o artigo 1 do projecto, falando e votando contra todos os outros.

da nação e procurado satisfazê-la, expondo-se á má vontade de seus proprios correligionarios.

« Um escriptor contemporaneo, examinando com imparcialidade a historia da reforma das leis dos cereaes na Inglaterra, depois de confessar que ao illustre Cobden e seus amigos se devia o progresso da razão publica em semelhante assumpto, accrescenta:

« Mas nem por isso é menor o serviço prestado por « Sir Robert Peel, tomando a si a difficil e espinhosa tarefa « de lutar com seus amigos para acceitarem a reforma liberal ».

« Se não fôra o seu concurso a reforma se faria, é verdade: porém, mais tarde, com maior azedume, talvez com maiores exigencias, e seguramente com o vexame e aniquillamento do partido conservador, partido essencial no mechanismo das instituições democraticas ».

O Senador Nabuco de Araujo, outro adversario de Rio-Branco, disse o seguinte (26 de Setembro):

«... Vou concluir e concluindo, aproveito a occasião para felicitar o nobre Presidente do Conselho. Qualquer que seja a responsabilidade do nobre Ministro para com o seu partido, quaesquer que sejam os inconvenientes da divisão e transformação delle, é innegavel que S. Ex. cobriu-se de gloria, servindo de instrumento desta grande obra de civilização e do chistianismo. O projecto tem imperfeições: eu as notei: mas tem uma inscripção magnifica que me obriga a votar por elle. Eis aqui a inscripção — « Na terra de Santa Cruz ninguém mais nasce escravo ».

O Dr. Theophilo Ottoni, filho do illustre tribuno liberal, disse o seguinte no seu artigo « Alea jacta est », publicado na *Reforma*:

«... Todavia, no momento de sua sancção legal, manda a justiça esquecer as odiosidades partidarias, e dirigir duas palavras ao digno estadista, que levou nosso batel até o porto desejado.

« Na vespera de Trafalgar, Nelson dizia aos seus lugares-tenentes: « Amanhan conquistarei uma cadeira na Camara dos Lords ou um tumulo em Westminster ».

« Golpeando de morte o estado servil, tornando-se apos-

tolo da emancipação, o Sr. Visconde do Rio-Branco, de ha muito chegado ao apogeu de sua gloriosa carreira politica, adquiriu um lugar no Pantheon da immortalidade.

« Ligando seu nome á historia desta grande transformação social, o illustre estadista filiou-se a esta pleiade de homens, que, na expressão de Mme. Staël, pelo porte do seu merecimento, pelos rasgos da audacia pessoal, são os contemporaneos das gerações futuras.

« Como Robert Peel, o nobre Presidente do Conselho não teve a prioridade da idéa, viu-a nascer e acompanhou-a em seu curso: quando ella, amadurecida, tinha calado na opinião, o homem de estado appareceu, dominou os obstaculos do proprio partido e inscreveu-a no livro da lei.

« Durante a luta, muitos dos seus paladinos tiveram occasião de desanimo, outros fraquearam receosos de conflagração: o chefe supremo da situação foi o unico, que, á força de perseverança e tenacidade, não esmoreceu, preparou o resultado, que hoje todos applaudimos.

« Os erros politicos de José Maria da Silva Paranhos não chegarão á posteridade: elle está sagrado: — o levita da emancipação ha de repetir-lhe o nome entre os de Buxton e Wilberforce. »

O Conselheiro Saraiva, disse ainda ultimamente (30 de Outubro de 1880) no Senado:

«... O Brasil deve muito ao nobre Visconde do Rio-Branco, e recordar-se-á sempre com profunda saudade do Ministerio de então e da habilidade que S. Ex. desenvolveu no Parlamento, defendendo contra uma parte de seu partido uma idéa generosa que teve a solução que convinha tivesse nessa epocha ».

A Lei Rio-Branco foi recebida com applauso por todo o mundo civilizado, pois com a liberdade dos nascituros, o fundo da emancipação, e a abolição do trafico, a escravidão estava condemnada a desapparecer.

« Un jour viendra, disse Michaux Bellaire (2), un jour

(2) *Considerations sur l'abolition de l'esclavage et sur la colonisation au Brésil*, par Michaux-Bellaire, avocat au Conseil d'Etat et à la Cour de Cassation de Paris.

viendra, et sans doute il est proche, où l'esclavage sera completement abolie dans l'Empire. Mais cela se fera danger, sans commotion, parce que la loi que nous examinons a sagement preparé la transition ».

« Quinconque est au courant des affaires brésiliennes, disse Julien Penel, reconnaîtra que formulant cette loi, M. de Rio-Branco est allé jusq'aux limites extrêmes du possible ».

O economista A. de Malarce ainda ultimamente escrevia o seguinte no *Journal des Debats*: « Rio-Branco a posé les bases de l'affranchissement des nègres au Brésil, et il a fait cette grande oeuvre par le mode le plus ingénieux et le plus sage, et dans le pays du monde où la production nationale, presque exclusivement agricole, exigeant plus qu'ailleurs le travail des bras, rendait plus difficile le problème de l'émancipation des esclaves ».

Hoje, passados dez annos (*), póde-se e deve-se pretender ir além do que, com tanto custo, foi obtido em 1871, pois a evolução abolicionista provocada pela Lei de 28 de Setembro, tem feito verdadeiros prodigios nesse periodo. Póde-se tratar desde já de modificar e desenvolver as disposições dessa Lei, supprimindo, por exemplo, a indemnização aos senhores pela desistencia dos serviços dos menores filhos de escravas: augmentando o fundo de emancipação, executando com todo o rigor a Lei na parte relativa á matricula, e restringindo ou supprimindo, como propôs no Conselho de Estado o Visconde do Rio-Branco, o direito de transmissão dos escravos por herança, legado ou doação. Póde-se também com o fim de preparar os actuaes escravos para o regimen da liberdade, estabelecer que elles devem ser enumerados pelos seus senhores, concedendo-lhes estes dois ou três dias de trabalho remunerado durante a semana, e exigir que em todos os estabelecimentos ruraes de certa importancia haja uma escola de primeiras letras. E' injustiça, porém, injustiça e ingratidão pretender amesquinhar a grande obra do Visconde do Rio-Branco. A esses que suppõem augmentar a propria gloria,

(*) Escripto em 1882.

NOTA DA REDACÇÃO.

diminuindo a daquelle illustre brasileiro, lembraremos que em 1871 não havia neste país quem julgasse possivel ir além da Lei de 28 de Setembro. A posteridade, como os contemporaneos, ha de fazer justiça a Eusebio de Queirós, que aboliu o trafico de africanos, e a Rio-Branco, que libertou as novas gerações. A missão dos actuaes abolicionistas ficou, graças áquelles dois estadistas, muito simplificada, porque apenas tem por fim apressar o momento da completa extincção da escravidão. Aos injustos censores da Lei de 28 de Setembro (felizmente mui poucos) lembraremos as seguintes palavras proferidas na Camara dos Deputados no dia seguinte ao funeral do Visconde do Rio-Branco, por um juiz insuspeito, o brilhante orador Joaquim Nabuco, presidente da Sociedade Brasileira contra a Escravidão:

« O homem que nós lamentamos não fez uma obra incompleta: Ha uma parte definitiva nesta grande obra: ha dez annos ninguém nasce escravo: e quando mesmo não fôssemos além da Lei de 28 de Setembro de 1871, se esquecessemos o dever da nossa geração e do nosso tempo, ainda assim ella bastaria para deixar desassombrado o futuro, para assegurar que um dia a escravidão não existirá mais no nosso país.

. . . . . .

« Foi esta a sua gloria e eu venho affirmá-lo do alto da tribuna, porque esta gloria é patrimonio da nossa idéa, é a riqueza da nossa causa, é a grande herança que elle aponta a ambição dos nossos homens de estado, mas que, como Alexandre, elle só deixou ao mais digno ».

(*Continúa*).

A' PAIXÃO DE NOSSO SENHOR

Si quis quid gratum tibi cogitat, optime Jesu,
Ærumnas semper reficet ille tuas.
Nil certe jucumdium hoc tibi credimus esse;
Nil melius servis, utiliusve tuis.
Arescentem animum cælesti flumine inunda;
Facque tuo subito captus amore flagrans
Et mentis nostrae offusae caligine tetra,
Tu miserans tenebras discute luce bona;
Tormenta ut digne possimus tanta referre,
Ac prius haec alte figere mente pia,
Principio, facinus terra cæloque stupente,
Vili a discipulo venditur œre Deus.
Judicibus coram gentis productus iniquae,
Quid Jesus tulerit mens memorare fugit.
Indignis alapis vultum percussus honestum,
Plectitur os barba, crine plisque caput.
Costa flagellis, frons spinis torquetur acutis
Unigenaeque Patris nulla datur requies.
Ictus, spectamen, ludibria; verba probrosa
Omnia conveniunt; nullaque pœna deest...
Brachia, colla, lacertos duro funo revinctus
Ludus fit populi, Christe Redemptor, herus.
Compulsus veris insontem saepe fatetur
Judex; et damnat! Cœditur ante flagris.
Saxo quod duro cor durices ac adamante,
Non stillet lacrimas viscera aperta videns!
Rompuntur latera atroci laniata flagello;
Ossa patent carnis sectaque frusta volant;
Milite stipatus dux ut, sociusque latronum,
Terre ad supplicium cogitur ipse crucem.
Occurrit Nato Mater transfixa dolore,
Ni Deus intersit, mortua et ipsa foret.
Pervenit Calvariae ad alta cacumina montis
Isaacus, mortis fercula ligua gerens.
Protinus éxuitur cœlestis vestibus Agnus,
Nostra verecunde victima nuda marret.

Os sacrum festinant hostes urere felle,
Figuntur clavis pesque manusque Dei.
Noster jam pendet Dominus moriturus in alto
Oppletus plagis opprobüsque satur
Nos salvete, pedes palmaeque tenentia cœlum;
Quae clavis hostes, ordine fixit amor.
Tunc Matri de Nato prospicit atque latronem
Jam resipiscentem sede micante locat.
Nedum ab amicis insuper a Genitore relictus,
Quaeque ferunt vates cuncta peracta videns,
Nudus, derisus supremum Christus inhalat
Una salus miseris; hostia digna Patris.
O mors, qua sola mortales vivimus omnes.
Sanguis quo vitam mortius omnis habet.
Jesu mi dulcissime cernens te morientem
Etsi rupes sim, deficio; opto mori
Ærumnas per tantas per sacrumque cruorem
Fac ut te vivens et tempore mortis amem.

D. Silverio Gomes Pimenta
Arcebispo de Marianna

(Minas-Geraes — Brasil).

O MAL DA VIDA

A' Jorge Jobim.

O mal da vida está em sermos incontentaveis, e a causa maior reside nos termos de comparação que tomamos para os marcos da nossa existencia. Se cada um procurasse sempre executar a fio o programma inicialmente traçado para o seu inteiro viver; se todos se contentassem com a medida das suas forças, ninguem se consideraria feliz ou infeliz, vocabulos absolutamente sinonimos apezar de, em aparencia, surgirem antiteticos, e apezar de parecer, esta afirmativa, um paradoxo. Os homens são felizes ou infelizes por igual: tudo está em encararmos as situações. Muitos se consolam com os males alheios, ou por outra, *mal de muitos consolo é*; pelo carnás do postulado, a ventura de outrem sempre irrita e causa ciume aos não contemplados. A desgraça de alguem é consolo para outrem que sofre; a felicidade de qualquer é desespero para muitos. Constitue isto, ou não, um paradoxo? Se somarmos as venturas e as desgraças dos grandes e dos pequenos, orçam pela mesma decimal. Maior a nau, maior a tormenta; grandes venturas, grandes soffreres, de modo que o prazer e a dor que servem de coeficiente apresentam quase sempre a mesma relação, uma constante, no computo geral dos actos, das comoções na vida das criaturas humanas. Em conclusão: os

homens são felizes e infelizes por igual; e muita razão tinha uma das minhas clientes, que sempre me repetia esta lição enganadora de moral: « regra do bom viver — não gozar para não sofrer ».

O homem deve sempre trazer nos ombros a cruz pesada dos projectos a realizar; ir de vagar, mas ir com acerto, porque o bem e o mal são companheiros constantes da existencia, e na longa ou curta viagem da vida temos que provar e tragar os dois. Qualquer deles em abundancia, nos prejudica. Todos os nossos sonhos de felicidade são erros de refracção dos olhos da alma. A realização de desejos, de anhelos possiveis, deve ser o nosso programa da vida; não raro, nos proprios anélitos, ha bem e mal, ha ventura e desgraças e, por conseguinte, não ha necessidade de nos considearrmos infelizes ou felizes — apenas na vida executaremos desejos e ambições.

Analizando um pouco mais o problema da fortuna, em inicio, afirmei que a ansia de ser feliz é a pan-nenrose que aflige a alma humana. Não é metafora, nem filosofia inutil.

Os Cresos, na tortura dos seus milhões, almejam, em crises de aperturas e desesperos, a vida elementar e pobre do operario. Tive um amigo tres vezes milionario, que em epoca de crise do pais, confessou-me que mil vezes desejava ser qualquer dos seus artezãos, pois, não achava meios de solver os compromissos. O governo não lhe pagava, e ele era obrigado a afrontar as dividas da Companhia da qual era o director e maior acionista.

Conheço uma moça riquissima, que se acha neurastenica, porque o noivo, em rasgo de dignidade infundada, desmanchou o casamento, pois alguem da familia da noiva lhe havia dito que ele se casaria por méro interesse. E essa moça de inteligencia peregrina e alma sensivel e algo romantica confessou-me que se aborrecia de ter fartos haveres, porque duvidava sempre do afecto dos pretendentes á sua mão nubil.

A pobreza, visada em certos momentos pelos ricaços atormentados, por crises, ou maus negocios, não póde ser o reduto exclusivo da felicidade, porque todos os pobres se lamentam dos parcos meios de subsistencia ou da miseria em

que vivem; ser pobre é para muitos sinonimo de desgraçado ou malafortunado.

O genio não é expressão de ventura, pois, infelizes foram Byron, Comte, Poë, Baudelaire, Wagner, Schumann, Napoleão, Galileu, Chenier, Lavoisier, Castro Alves, Varella, Casimiro de Abreu. O genio quanta vez é maldito, apezar de, pelas criações sublimes, trazerem veuturas a mancheias para a humanidade.

Os homens de talento ou genio invocam o desejo da demencia, da loucura, da inconsciencia, como simbolo da vida serena ou irresponsavel e calma.

Grande mentira dos insatisfeitos. Quereis a prova?

Nunca desejareis que um filho nasça idiota, nem quereis ao menos ouvir falar que algum ente querido tenha enlouquecido!

O! os loucos sofrem! Sofrem e fazem sofrer. O riso deles é a dor; a perseguição e a angustia conduzem-n'os ao suicidio ou ao assassinio! O! a inconsciencia, o delirio, o sonho triste e amorfo, loucos que estão acordados, formam as grandes magoas do *homo sapiens*.

O elogio de Erasmo é a pagina viva do cepticismo desfarçado em filosofia brilhante.

A loucura pesa na alma humana amargamente, não só de quem dela sofre, como de quem assiste ao sofrer de alguem. Nós, medicos alienistas, sabemos o abismo de desgraças que sintetiza um cerebro demente ou alucinado e o Eclesiaste dizia: « Non irridias homo in amaritudinem animis.»

A alienação mental, é a imensa desfortuna, a tragedia das almas cujos actores são as desilusões e os delirios morbidos e só por erro grave, ou gravissimo desconcerto de paciencia ou do bom senso, alguem, em falso pensamento, ou pessimismo absurdo, poderá invejar a inexpressão de cerebros vazios e alucinados.

A consciencia é a grande prenda, o previlegio maior que pode o homem alcançar na vida; e a dor consciente é mais util, mais educadora, mais *feliz,* perdoem-me o paradoxo, que a dor inconsciente, a dor desesperadora e irresponsavel dos

loucos, a dor negra dos insanos, que os leva ás vezes ao suicidio!

Entre a loucura alegre e o genio torturado, não ha escolher; a inteligencia magoada é maior ventura que a vesania alvar e risonha.

A beleza de Apolo fe-lo rei soberano do Olimpo, a beleza nos homens condu-los aos padecimentos. Belo foi Byron e desgraçado no amor e na patria; Cleopatra pela beleza arrastou homens e povos ao descalabro; Helena foi a mais desgraçada das mulheres, cujos tipos nacionais estão em *Xica Maria* de Xavier Marques, de Fabio Luz e *Maria Bonita* de Afranio Peixoto.

As mulheres belas de plasticas não se estimam como as mais infelizes; Venus, pela beleza sofreu; talvez Ninon de Lenclos fosse a mais querida dentre as belas. Varios casos conheço em que damas de peregrina beleza foram infelizes no lar. Ainda não tive noticia de que as mulheres mais belas do meu pais fossem as mais venturosas; talvez o contrario. Desejada por todos, adorada por muitos, a mulher bela faz sofrer e sofre, porque nunca encontra o ideal na terra, «nem no céo...» A lindeza fisica é uma condição de vitoria na existencia, jamais de felicidade, no conceito exacto do vocabulo.

O *amor* é o maior atrativo dos epicuristas. O amor de todas as castas, romantico, honesto, sensual, aparece aos olhos da humanidade como grande veutura. Que erro que ilusão!... Os grandes quadros das fortes paixões terminam na dor ou na indiferença. Antonio e Cleopatra, Romeu e Julieta, Tasso e Eleonora, Petrarca e Laura, Camões e Catarina, Dante e Beatriz, Filemon e Baucis, Otelo e Desdemona, Paulo e Virginia, Cecy e Peri, a verdade e o romance, a vida e o sonho, pintam o amor como o ideal inatingivel, e quando tal, coroado pela dor, pelo sofrimento, pelo espinho ou pela saciedade. O amor é a vida, jamais o simbolo da felicidade. Amar é sonhar ou procriar, não é ventura nem fortuna. O amor na humanidade não deve entrar em conta dos elementos de felicidade; lede os poetas e roamncistas, perscrutai os filosofos, os autores dramaticos e os moralistas, todos eles

cantam ou prégam que o amor é a tortura, o o amor a morte, o amor o erro, o amor é a fatalidade da vida, a *epilepsia brevis*, o bem e o mal, a polarização fecunda da humanidade, a casualidade da vida, mas tambem o germe da dor. O amor, pois, não póde ser computado nos elementos da boa fortuna, por ser instavel, movediço, torturante, dubitativo, soluço e carinho, luxuria e inocencia, sentimento e sensação.

Janus, Mercurio, Venus, Jupiter, Vulcano, todos os simbolos dos triunfos, dos erros, das maguas, dos enganos e das esperanças e desesperações, criaram Madalena, Otelo, Pafinucio, Clotilde, Pedro e Inez.

A felicidade não é a morte nem o Nirvana. Çaquiamuni idealizou a finalidade na paz absoluta da inactividade incorporea; sintetizou a consistencia dos ideiais na propria negação deles.

Almejar a morte como ventura é uma aberração. Da morte não pode surgir nem a fortuna, nem a esperança. A morte na velhice, é segundo Metschnikoff a sensação do bem; a euforia da finalidade natural da vida, longamente, proveitosamente, vivida, com os trabalhos, os percalços indispensaveis a ela. Pedir a morte como cessação da dor é absurdo; desejar morrer como parada de males é expressão doentia de cerbros fracos, a inconsciencia ao serviço do egoismo, é interjeição para maguas humanas. Os suicidas são verdedeiros doentes ou covardes, os debeis da vida moral, os apagados da consciencia; raramente são nobres de caracter, no rigor do termo.

A elegancia de muitos escritores condu-los ao pessimismo, ao menospreço aos homens e ás coisas do seu tempo, e os inconsolados, semicovardes, os fracos e os doentes, pensam na morte porque se não encorajam para a luta, para a resolução dos desastres morais da vida, para a purificação da alma, para a tortura do pensamento, para a educação d consciencia, para a conquista da paz instavel, que é o premio ..rial dos nossos esforços. A morte só é util em resgate da honra ou do bem coletivo. Pela honra, pela patria e pela humanidade poderemos morrer; jamais em proveito do egoismo pessoal. Quando morremos pela patria ou pela humanidade não pensamos em nós,

e não pensamos nas belezas individuais, senão no que paira fora de nós ou além da nossa personalidade. A morte não pode ser nunca a conquista da fortuna pessoal, nem jamais deve ser almejada como paz, ventura, descanço.

* * *

Sim a felicidade existe, afirmam os optimistas, certos filosofos e escritores de talento, como Mantegazza, Lubboch, Zbinden, Dubois e quantos mais... Tudo está em sabermos ao certo o que é boa fortuna. Uma deusa, talvez; talvez a miragem dos desertos, ou espelhaço dos Andes; a propria humanidade mascarada, para que ela se não conheça a si propria.

Zbinden afirma que é feliz quem quer, porque a felicidade é mera representação mental, e eu já disse em uma lição a mesma coisa.

Para a conquista da fortuna não sei ao certo se é preciso ser-se optimista, estoico, indiferente ou fatalista. Parece que a condição da ventura humana está na opportunidade. Abramos sincera excepção para os que nasceram aleijados, deformados, para os que foram tomados por doenças graves, incuraveis *quoad valetudinem*, porque um postulado fica de pé, antes de qualquer outro: a saude é o socalco onde se póde erigir a figura da felicidade pessoal. A saude absoluta é quimerica, mas a saude regular, instavel, como é comum ver-se nas grandes cidades nos centros de civilisação, pois os pequenos sofreres ou incomodos são os impostos da vida nas cidades.

A fortuna humana possue uma psicologia muito melindrosa, cheia de duvidas, de coisas sibilinas, amontoado de doutrinas, de palavras, de acções estranhas, pequenos e grandes misterios, e se apresenta á argucia humana como o mais caprichoso dos calidoscopios. A primeira condição para ser feliz está em adoptar uma filosofia pessoal. Ora, isto positivamente não é facil, porque é dos manjares mais dificeis, ao gosto da alma, uma san filosofia. O conceito da felicidade traz sempre em si um problema filosofico, e não é facil aos

homens criar filosofias sinceras. Se seguirmos idéas alheias, já o conceito da boa fortuna se torna incompleto, porque é a ventura conquistada por imitação, por sugestão, jamais a felicidade adquirida pelo raciocinio pessoal de cada um.

Sempre que olho para um rio lembro-me da felicidade que é agua que corre, que embevece, que encanta, que é almejada, mas que foge cantando e nos embala nos seus marulhos, na saudade do seu cristal, e nas fraguas sentimentais do seu fugir. O rio é o melhor simbolo da felicidade; corre, corre sempre para o mar que é o futuro; muita gente nele mergulha, nele se refresca, mas sempre nos deixa a cada passo, no recanto da alma, duvidas, saudades e lembranças melancolicas. Pensar assim, é involuntariamente ser pessimista; porem creio que, alguem pode gozar o sentido do vocabulo felicidade sendo optimista ou estoico.

Que é felicidade?, em sintese, perguntar-me-eis, leitor amigo e já impaciente.

Não vale a pena defini-la. Com a fortuna dá-se o mesmo que com a energetica universal; é causa de todos os fenomnos; conhecemos as suas consequencias, mas a essencia ideal é-nos desconhecida. Assistimos os sucessos da materia; sabemos que a *energia* se transforma em luz, actividade quimica, eletricidade, magnetismo, movimento e calor; mas ficamos no mesmo, ignorando o que seja a *energia* propriamente dita;e só nos acodem metaforas; a energia está para a materia como a sombra para a luz; é causa da fenomenologia universal; é a alção universal. O mesmo paralelo pomos para definir a fortuna: é a causa do bem, e do mal sobre a terra.

Um conceito, porem, predomina na questão: é o da relatividade.

Já me referi em inicio que a idéa de ser feliz é tão variavel, que as mutações morais ou sentimentais a este respeito esmam-se multifariamente. O homem pensa amiude que a fortuna reside em cinco ou seis principios: riqueza, amor, saude, gozo, mocidade e posição social; em torno destes elementos gira uma lei, que é a de ser forte, para atingir os anélitos acima referidos. A riqueza constitue quase sempre a mais ambicionada base das venturas: os premios, as grandes

heranças, os negocios faceis arrancam habitualmente interjeições de ciume a favor de quem adquire pingues proventos. O dinheiro é para a maior parte dos homens o apice das venturas terrenas. Em opposição, a antitese está na pobreza ou miseria que represnta o maximo das desventuras.

Esta intuição filosofica não é felizmente universal, e depende do aspecto social do individuo. Por preceitos eclesiasticos, por exemplo, a pobreza e a humildade são ambicionadas, como em muitas companhias religiosas, cujos membros fazem votos de requestação do mundo, e entregam-se á vida simples, singela, á ascése, ao misticismo, que para eles aparecem como o grande bem, o grande sonho. Em um trabalho muito bem feito, e traduzido entre nós por Esposel, o pensador americano Marden julga que o dinheiro só vale como elemento feliz quando bem manejado por um grande homem. Muitos individuos riocs terminam habitualmente no esgotamento, no jogo e no suicidio. « Outros definham de remorso ou de vergonha, e acarretam com eles a desonra da familia » apezar de viverem em castelos suntuosos, fazerem excursões aos pontos indicados pelas flechas da rosa dos ventos.

Mantegazza em um livro interessante e digno de leitura de toda a gente, *Arte de ser feliz*, conta-nos o episodio pitoresco, que não posso furtar-me de resumir, da vida de *Barba Menin* e do *Principe X*. Barba Menin é um velho marinheiro, de mais de oitenta anos, sempre risonho, « embora possua um rico repertorio de sorrisos, ora alegres, ora francos, ora imperceptiveis, graves; ora grandes, ora pequenos; ora rumorosos, ora mudos. »

« E' um marinheiro rude, sempre em trabalho. Casou-se cedo e a mulher é mais velha do que ele. « Eu nunca conheci outra mulher, sinão a minha mulher, posso jura-lo sobre o Evangelho. Eis porque estou são e sempre robusto. »

Barba Menin é fortunoso, porque é sadio, e possue um sonho que é o mar. Pobre, vive do pão de cada dia. Não conta de seu, nem terras ou propriedades, mas as suas filhas tem-nas, e vae apanhá azeitonas e uvas nas plantações que são como suas. Julga-se feliz ao lado da mulhezinha, do mar, do cachimbo e do barco.

E o principe X?

Não póde ser visto; jaz em rico mausuleu, depois de uma vida de luxuria, dissipações, desesperos e vicios.

Herdou grandes dinheiros. «Desde a primeira infancia teve em torno de si corruptores e adulantes. Vivia na basta fortuna. Quando adolescente foi viajar e levaram-no a Berlin, Paris, Londres, onde provou o tentador fruto da sensualidade dos superluxados centros europeus. Houve educação cientifica defeituosa. Amou o vicio, aprofundando-se no absinto. A historia é rial. Do absinto, ao jogo, do jogo á luxuria. Casou-se para tornar-se mais desgraçado, e infelicitar a esposa. De *Monte-Carlo* ao conhaque, era a sua excursão de todos os dias.

Embriagado quotidianamente, sofrendo de *delirium tremens*, ridicularizado á socapa, pelos famulos, torturando a infeliz consorte, assim viveu, e «morreu na plena florescencia de sua maturidade, consumido pelo alcool, unica alegria dos desesperados, estejam eles no trono ou na lama, quer tenham espungido do coração todos os sentimentos puros e delicados, e quebrado no cerebro todas as mólas da actividade e de nobre ambição.»

Esta historia verdadeira contada pelo notavel publicista italiano, confirma o conceito emitido por quase todos os filosofos, moralistas, que o dinheiro, só constitue elemento fortunoso quando em mãos de um homem honrado; e por conseguinte por si só não constroe edificios de venturas. É indubitavelmente alguma coisa das muitas que entram na argamassa do castelo da felicidade; para sermos felizes, porem, podemos perfeitamente dispensa-lo.

Na minha pratica de clinico, sobretudo de neurologista hei verifcado que os grandes sofrimentos morais, quase sempre de fonte neuropatica, originam-se de pessoas abastadas ou de posições fartas da sociedade. Poderia, mas não posso fazer, por causa do segredo profissional, contar varios episodios e sucessos de individuos de grande fartura monetaria em que as lamurias e os padecimentos morais entristecearm-me sobremodo, fizeram-me meditar e instigaram-me a escrever este livrinho. «Como as aparencias iludem!» Esta maxima po-

pular encerra uma verdade imensa! Quanta tortura existe nas almas dos ricos e nos poderosos da vida! Não preciso lembrar a excelente novela de Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, e aquela expressão usada sempre pelo Jacinto, o principe da grande ventura.

« Que séca, que maçada!... e para a qual o seu criado, o Grilo, como sintese filosofica admiravel, repetia sempre: « Sua ex. sofre de fartura.» Esta frase sintetiza admiravelmente a idéa que a abundancia se torna, varia vez, tortura, que resvala sempre para as molestias de animo.

Muitos pensam ou exclamam: « Como quizera ser criança, como desejava voltar á meninice!...» E' esta a maior confissão de fraqueza que se pode imaginar; anelar o que se não pode volver é criar no peito a ansia do impossivel, procurar a tortura, a irrealidade como aspiração, preparada pelo proprio pensamento a angustia da desesperação. A criança é feliz, porque nós a julgamos assim, como nos persuadimos que os passaros são venturosos. Ora, isto é soberanamente erroneo.

A infancia sem responsabilidade, sem *compos sui*, sem discernimento é um parasito amavel quando nossos filhos, porque somos nós mesmos. As qualidades e as graças dos pimpolhos, dos insontes são dadas por nós, pelo nosso juizo que os acha bonitos, felizes, graciosos. Nada são do que julgamos, senão o fruto imaturo, o animal em evolução. O cerebro do menino é insatisfeito; a curiosidade, e os desejos, a instabilidade, as qualidades instintivas dominantes, são infinitos; elas sofrem muito mais do que nós, porque pequenos escravos do lar, das escolas, do pão, ainda meio animalizados, não atingida a maturidade da especie, são conduzidos pelos tacteios, á vida, á formação do caracter, aos acidentes da adolescencia, da puberdade, ás torturas do apredizado obrigatorio, do internato, do despotismo dos pais, das madrastas e dos patrões.

Apezar da alegria das crianças que é puramente fisica ou psicomotora, pendulo inconsciente do desenvolvimento dos orgãos, e não a alegria psiquica que nós imaginamos, o menino, a moçoila e o rapazola têm um mundo de torturas e ansias que nós adultos, já não podemos avaliar, porque já as

esquecemos. Basta sabermos que o maior desejo da criança é crescer, que aliás é um instinto de ordem psiquica, ser homem ou mulher, ter personalidade, actuar por si. Em um inquerito por mim feito a varios meninos, quase todos almejavam ser adultos, ou possuir coisas que só os homens possuem. Nenhum desejou realizar sonhos infantis. A meninice é o estado provisorio, indisciplinado das forças e dos sentimentos e por conseguinte não póde ser cubiçado por nenhum adulto ou velho.

O que mais seduz na infancia, aos que desejam voltar á puericia, é a falta de responsabilidade.

Não conheço maior covardia do que esta: fugir á responsabilidade é o egoismo mais infeliz que possue o homem; e tanto é erro pensar assim, que os homens de maiores lutas, de maiores deveres sociais são quase sempre os mais invejados pela população e pelos outros homens, apezar de eles proprios se julgarem infelizes. Em resumo, almejar ou desejar a volta á infancia é prova de egoismo, anomalia do instinto da conservação de ordem psiquica, desanimo mental, isto é a tortura do irreal, expressão corrente da *grande molestia*.

Governar povos não é fortuna senão contingencia. Na vida uns nasceram para mandar e outros para serem mandados; todos não são iguais; e não se sabe ao certo se o que manda é o mais venturoso. A' primeira vista parece que sim, porque o mandatario representa a força, a sintese de um grupo, o delegado da maioria no momento. Não se computam, entretanto, como mais felizes no mundo, os sultões, imperadores, presidentes e chefes politicos ou militares. O numero de soberanos desgraçados é muito alto, e os homicidios, assassinios que se operam nas camadas elevadas da politica demonstram que a ninguem deve causar inveja o ser mandão, ou despota. As preocupações, os sofrimentos morais, as aperturas das situações molestam sempre os chefes, mandantes, ou dirigentes que sempre oscilam em equilibrio instavel, e a queda dels assinala-lhes desastres morais e a morte civica de muitos.

Cesar, Napoleão, Luis XVI, Umberto I, Sadi Carnot, o sultão Abdul Hamid, Carlos I de Portugal, o tzar Nicolau da Russia e qauntos mais sofreram as grandes molestias da vida e terminaram alguns como vitimas de bruto assassinio de cele-

rados, outros escorraçados por ondas sinistras e contrarias á politica deles.

Ser governado, não constitue sempre prazer. O ostracismo, as preterições dos desprotegidos, o valimento da corte e as injustiças dos governantes, a paixão dos senhores do poder, tudo, põem em máos lençóes quem está «em oposição.» Quando, porém, não nos achamos no torvelinho inquizidor da politica ou da politicagem; quando trabalhamos por nós e para nós, para o país, sem mira ás rebatinhas politicas, a vida é mais serena, e ser mandado é melhor do que mandar. Nas democracias ainda mal constituidas, a politicagem mostra-se como loucura dos adolescentes, bregeirice maldosa de criança, ou toma formulas de caprichos femininos, sobretudo quando querem exercer vinganças; perpetram-se até hediondos crimes, maxime nos Estados pequenos. Porém, apezar disso, ha menos responsabilidade em ser mandado que em mandar. Não me julguem que sou partidario da passividade e da subserviencia. Apenas, o meu pensar está em afastar do problema da felicidade a posição politica do momento.

Fulano não pode ser considerado feliz por ocupar um lugar de responsabilidade. Vai ser util ao seu meio, mas, sofrerá mais do que todos a grita de milhões de bocas que insaciaveis e irritadiças quase sempre querem ver no chefe a desgraça do país. Os sofrimentos de quem governa são muito maiores do que de quem é mandado. Ha absoluto engano na visão humana em julgar que o mandatario é o feliz. Tendes o exemplo conhecido de Robespierre — açougueiro de vidas humanas, regente da orquestra infernal da revolução francêsa. Pagou com a vida as muitas mortes justa ou injustamente arrancadas pelo grupo politico a que estava filiado. Como Robespierre são todos os cabeceiras, caudilhos, governadores, chefetes. As amarguras enchem-lhes tanto o coração como as suas ambições; quem os vê de longe, julga-os logo felizes; e quem os observa de perto, percebe que o sono e os repastos são sempre amargurados pelas preocupações, agressões do inimigo, favores dos amigos.

Isto indica que as altas posições não são expoentes de fortuna ou ventura, senão contingencias de responsabilidades.

Uns nasceram para mandar, outros para serem mandados. Sofrem mais os chefes, mas aparentemente são julgados mais felizes. Esta ilusão estimula-os, e por ela os homes, como as mariposas são atraidos pela luz, apezar de muita vez encontrarem no deslumbramento a morte ou a queda fatal.

Em resumo: não é felicidade mandar ou ser mandado; ha apenas realização de tendencias, manifestações de temperamentos, definições sociais de personalidades; a ventura ou a desgraça podem empolgar as duas ordens sociais, e que devem ser excluidas por si do problema enganoso da felicidade.

A. Austregesilo.

Conmemoración del tercer centenario de la muerte de Don Miguel de Cervantes Saavedra

DISCURSO PRONUNCIADO EN LA SESIÓN SOLEMNE DE LA ACADEMIA COLOMBIANA DE LA LENGUA, PARA CONMEMORAR EL TERCER CENTENARIO DE LA MUERTE DE D. MIGUEL CERVANTES SAAVEDRA

Excelentísimos e ilustrísimos señores:

Señores académicos:

Ha querido la Academia Colombiana conmemorar por médio de la presente festividad el tercer centenario de la muerte de Miguel de Cervantes Saavedra, y entre los números de su programa ha puesto el discurso que voy a pronunciar. Él contrastará por su aridez con la otra pieza de esta velada, en la cual han corrido los primores de la forma a porfía con la belleza y sublimidad de las ideas. De esta suerte me quedará siempre la satisfacción de haber contribuído para el follage de la corona ofrendada por la Academia a una de las primeras glorias de la literatura española y universal.

Para cumplir mi cometido, no he podido hacer otra cosa que recurrir a la obra maestra de Cervantes, y volver a leerla

atentamente, a fin de admirar una vez más su inimitable estilo, su lengua castiza y abundante, su filosofía profunda y su inmenso poder como obra de entretenimiento. Autores tan competentes como imparciales, especialmente de raza anglosajona, ponen el *Don Quijote* de Cervantes al lado de los libros más insignes de todos los tiempos y naciones, considerándolo no sólo como sobresaliente obra nacional, sino como una de las obras pertenecientes al género humano, y apareando a su autor con el que escribió la más grande de las epopeyas antiguas, con el autor de la *Divina Comedia* y con el primero de los trágicos modernos. Este dictamen de la crítica tiene en favor de Cervantes un lado que lo enaltece de manera singular, aun respecto de esos otros ingenios gigantescos, pues si bien es cierto que su libro cede el paso, en muchos sentidos, a las obras maestras de Homero, Dante y Shakespeare, las vence y supera en punto de popularidad.

Para probar esta tesis no es menester someterla al crisol de una refinada crítica. De otros libros podrá discutirse el mérito y la perfección, y podrá ponerse en balanza su superioridad o inferioridad, comparándolos con otros monumentos de la literatura. Pero la popularidad del *Quijote* es asunto de simple observación, pues en tanto que Ayax y Andrómaca son conocidos apenas de los iniciados en las lecturas clásicas, y en tanto que no todos pueden admirar los retratos de Hugolino o de Francesca de Rímini, y mientras que Otelo y Hamlet conmueven solamente los corazones de aquellos que contemplan sus tragedias, Don Quijote de la Mancha es tal vez tan conocido de las gentes como Napoleón, y Sancho Panza parece que anduviera por la historia tan vivo como Julio César.

Se ha cumplido, pues, a este respecto, lo que el mismo Cervantes anunció, cuando Sancho decía a Don Quijote que antes de no mucho tiempo no habría bodegón, venta, ni mesón o tienda de barbero donde no anduviese pintada la historia de sus hazañas; o cuando al bachiller Sansón Carrasco se le traslucía que no habría nación ni lengua donde esa historia no fuese traducida; o cuando el héroe manchego informaba así a Don Diego de Miranda: « Treinta mil volúmenes se han

impreso de mi historia, y lleva camino de imprimirse treinta mil veces de millares, si el cielo no lo remedia».

Así no hay duda de que entre todas las fábulas, la del ingenioso hidalgo es la más popular, a lo menos en los tiempos modernos. Los letrados la estudian, los eruditos la escudriñan y comentan, las lenguas la adoptan, el teatro le abre sus puertas, las bellas artes la ilustran, los filósofos rastrean sus recónditos significados, todos saborean sus donaires y todos admiran sus vivas pinturas y sus ingeniosas enseñanzas. Sus figuras principales, así como sus principales dichos y sucesos, se han apoderado de la imaginación del hombre civilizado. Hasta los niños aplican la imagen del Caballero de la Triste Figura y del Gobernador de la Barataria a ciertos tipos de la vida real y cotidiana, y todos sabemos de Rocinante, de la sin par Dulcinea, de los molinos de viento, de la cueva de Montesinos, del manteamiento de Panza, de las bodas de Camacho, y de otros cuadros, episodios, lances y ocurrencias que hormiguean en la novela más sencilla y más complicada, más idealista y más real de cuantas ha forjado el ingenio.

¿Cuál será la causa de esta popularidad extremada, inaudita, vencedora y univerasl, que confiere a Miguel de Cervantes en cierto modo el cetro de la fama literaria? ¿Por qué una fábula cuyos personajes principales son dos locos aquejados de opuestas manías, está más alta que el Olimpo en que se mueven y destellan los dioses de Homero, y que los campos de dolor en que peregrinan los muertos inmortalizados por el inmortal Gibelino? ¿Por qué vence y supera las figuras que contemplamos con estremecimiento en los dramas escritos por el pintor sublime de Yago y de Desdémona?

No seremos atrevidos a afirmalo; pero sí sospechamos que este señorío que ejerce el libro de Cervantes sobre la imaginación de una gran parte de los hombres, proviene de ser el libro que mejor retrata la vida humana en las varias formas de su sicología y de su actividad, con sus pasiones ruines o levantadas, con sus nobles virtudes o sus vicios despreciables, con su sabiduría práctica o literaria, con la experiencia acumulada por el estudio, los viajes, las tribula-

ciones, todo en un consorcio de verdad y de hermosura, y formando el perenne contraste de que procede el fenómeno de la risa. De aquí el manantial de emociones que produce el *Quijote*, pues en él se mezclan lo satírico, lo patético y lo cómico, con la filosofía de las costumbres, con el arte del gobierno, con las alusiones literarias, con los episodios del amor y el infortunio, todo ello bordado y esmaltado sobre la tela de una especie de mitología exprimida de la caballería andante, y todo ello saturado de sentimientos de alegría y al mismo tiempo de tristeza.

El libro de Cervantes parece, pues, ser el más popular, por ser el más variado en sus pormenores, el más natural y real en sus pinturas, el más profundo en su significado y el que pulsa con más acierto las fibras del corazón, no bajo la forma de una poesía más o menos artificial, sino bajo la forma de lo que diariamente vemos y sentimos. Mientras que los inmortales de Grecia, Italia, Inglaterra, hacen descender los dioses del cielo a la tierra, o trasladan las almas de la tierra al infierno, o convierten en ambas cosas el corazón poseído de intensísimas pasiones, este inmortal de España, este soldado estropeado, este poeta más versado en desdichas que en versos, este modesto terciario y este agente corredor de negocios que solicita una plaza de contador en Santa Fe de Bogotá o en Caratgena de Indias, pone en su libro toda la vida real con sus vaivenes y amarguras, con sus exaltaciones y caídas, que degeneran unas veces en locura sublime y otras en vulgar locura.

Escogió Cervantes como personaje principal de su leyenda a un hidalgo ingenioso, esto es, juicioso y entendido como lo define él mismo en varios lugares de la historia, pero aquejado de la manía de practicar la caballería andante. De esta manera, desde el título de la fábula se percibe la idea del contraste o contraposición y la intención que tuvo Cervantes de hacer de ella una obra singularmente cómica, pues el héroe al mismo tiempo que se presenta sabio se presenta loco. Llamólo *Don Quijote*, nombre explicado en la misma historia, especialmente en la disputa que tuvo el caballero con el canónigo de Toledo y en que se declaró

descendiente por línea recta de varón del valeroso Gutierre Quijada, quien junto con Pedro Barba desafió y venció en Borgoña a los hijos del Conde de San Polo.

La caballería andante o aventurera, a que se entregó Alonso Quijada el Bueno, fué de generación fantástica de la verdadera caballería que durante siglos prevaleció en Europa. Su origen y desarrollo es objeto de prolijos estudios; pero a los no iniciados en los secretos de la erudición nos basta observar que ella fue propensión espontánea en aquellos tiempos, pues satisfaciendo la necesidad de lo maravilloso que tienen el espíritu y el corazón del hombre, reemplazó las mitologías griega y septentrional con el poder sobrehumano de la personificada injusticia de los bárbaros, combatida por el heroísmo del valor y de la generosidad. Ese heroísmo suplía con una idea informe de justicia la legalidad que faltaba en aquellos tiempos, y por eso obraba sin sujeción a leyes ni autoridades. Con ese esfuerzo se mezclaba el concepto exagerado del honor como un culto a lo bueno y se unía igualmente el entusiasmo religioso en la época en que la cruz y el creciente se disputaban el imperio del mundo y en que las expediciones cruzadas confundían la fe, la poesía y el amor en los torneos y en las batallas.

La caballería verdadera, no la fantástica, tuvo adeptos que combatían, en defensa de la religión, de los desvalidos y necesitados, de los gobiernos y de las sociedades que formaban algo como el embrión de los Estados modernos. Seguidores de ella fueron ilustres campeones, especialmente en España, donde quedó imperecedera la memoria de héroes como Rodrigo Díaz, Fernán González, Alonso de Guzman, Suero de Quiñones, Manuel Ponce de León, Diego de Paredes, Gonzalo de Córdoba y tantos otros cuya espada y cuyo esfuerzo echaron las bases o causaron los aumentos de la nacionalidad española.

Pero las exageraciones de la fantasía reemplazaron esa caballería efectiva y patriótica con otra disparatada y fantástica, en que la tiranía y la arbitrariedad recibían la forma de gigantes, monstruos, endriagos y encantamientos, contra quienes luchaban los héroes de un modo sobrehumano, vini-

endo a ser mutuos enemigos y a ejecutar las más inverosímiles hazañas. De aquí provinieron los Orlandos y Amadises, los Palmerines y Esplandianes, cuyas sergas o empresas formaron un ramo especial de la literatura, particularmente de España, en que toda era un atentado seguido contra la verdad y la verosimilitud, tan pernicioso para las letras como para las costumbres.

Contra esos libros se desató el ingenio de Cervantes, por medio de la sátira más brillante y poderosa. En concepto de Don Quijote, la caballería era el valor puesto al servicio de los oprimidos y menesterosos y en obsequio de la propia fama y buena reputación, pero dejando aparte la justicia. «¿Dónde has visto tú o leído jamás — decía el caballero a Sancho, cuando éste le recordaba el peligro de la Santa Hermandad, después de la aventura del vizcaíno — dónde has visto tú que caballero andante haya sido llevado ante la justicia, por más homicidios que haya cometido?» Cuando iba a dar libertad a los galeotes, les decía a los guardas: «Me parece duro caso hacer esclavos a los que Dios y naturaleza hizo libres; allá se lo haya cada uno con su pecado; Dios hay en el que no se olvida de castigar y premiar, y no es bien que los hombres honrados sean verdugos de los otros hombres, no yéndoles nada en ello». Y cuando Sancho en conversación con el cura y maese Nicolás, disculpaba la parte que en aquella aventura había tocado a su amo, éste le respondió: «Majadero, a los caballeros no les toca ni atañe averiguar si los afligidos, encadenados y opresos que encuentran por los caminos, van de aquella manera o están en aquella angustia por sus culpas o gracias: sólo les toca ayudarles como a menesterosos, poniendo los ojos en sus penas y no en sus bellaquerías».

Para el héroe de Cervantes, la caballería era una especie de religión, que convertía a sus adeptos en hombres virtuosos y perfectos. «De mí sé decir, decía Don Quijote, que después que soy caballero andante soy valiente, comedido, liberal, bien criado, generoso, cortés, atrevido, blando, paciente, sufridor de trabajos, de prisiones, de encantos.» Y considerando la caballería como ciencia universal, que

encierra todas las demás, pues el caballero tiene que ser justiperito, teólogo, médico, astrólogo, matemático, y ha de estar adornado de las virtudes teologales y morales, y nadar como el peje Nicolao, y saber herrar un caballo y aderezar una silla y un freno, torna a describirlo así: « Ha de ser en las obras, valiente en los hechos, sufrido en los trabajos, casto en los pensamientos, honesto en las palabras, liberal caritativo con los menesterosos, y finalmente, mantenedor de la verdad, aunque le cueste la vida el defenderla ».

Estas ideas trastrocadas e invertidas que formaban, como se dice hoy, el criterio de Don Quijote de la Mancha, son la base de su carácter, que no pudo ser más firmemente delineado, más íntegro ni más constante. Al entrar en un breve análisis de esa noble índole, observad, señores, cuánta es la verdad literaria de la fábula de Cervantes, pues a veces olvidamos que no se trata sino de un personaje fingido, y lo consideramos como un sujeto que respiró en realidad en el mundo, y cuyo corazón alentó realmente para la virtud sobre esta tierra de malandanza y de miseria. Tracemos uno que otro rasgo de esa singular fisonomía, que en cierta manera puede servir de ejemplo, de reproche y de atractivo a los mortales.

Cuando Dorotea, haciendo de princesa de Etiopía e hija de la reina Jaramilla, decía al licenciado y al barbero que las nuevas de Don Quijote la habian movido a buscarle para fiar su causa en el valor de su invencible brazo, el héroe replicó: « No más, cesen mis alabanzas, porque soy enemigo de todo género de adulación, y aunque ésta no lo sea, todabía ofenden mis castas orejas semejantes pláticas.»

Si Don Quijote se muestra enemigo de la adulación en este lugar, en otros da pruebas de su liberalidad extremada. Aunque el rucio pareció, no por eso revocó él la cédula de los tres pollinos, que en reemplazo de aquél había mandado a Sancho. Después de hacer tirzas los títeres de maese Pedro, se condenó él mismo en costas por lo que pidiese el agraviado, a quien pagó en buena y corriente moneda castellana. Cuando Sancho, después de concertar su salario en dos ducados por mes, alegaba que la promesa de la Insula tenía veinte años

de data y que desde esa fecha tenía que liquidarse la cuenta, el caballero le respondió. «Dices, Sancho, que ha veinte años que te prometí la Insula? Yo digo que quieres que se consuma en tus salarios el dinero que tienes mío; y si esto es así, y tú gustas de ello, desde aquí te lo doy y buen provecho te haga, que a trueco de verme sin tan mal escudero, holgaréme de quedarme pobre y sin blanca.» Llegó día en que Sancho se resolvió a desencantar a Dulcinea, mediante los tres mil y trescientos azotes, y entonces don Don Quijote le declaró que todo el tesoro de Venecia y las minas de Potosí fueran poco para pagarle, y le facultó para que, tomando el tiento a los dineros que llevaba, propios del amo, pusiese el percio a cada azote. «Ellos, respondió Sancho, son tres mil y trescientos, que a cuartillo cada uno, hacen ochocientos y veinticinco reales. Estos desfalcaré yo de los que tengo de vuesamerced, y entraré en mi casa rico y contento, aunque bien azotado.» «¡Oh, Sancho bendito, oh, Sancho amable! respondió Don Quijote, y cuán obligados hemos de quedar Dulcinea y yo a servirte todos los días que el cielo nos diere de vida.»

No menos brillaba su probidad. Camino de la cueva de Montesinos y disertando con el primo, preguntó Sancho cuál era el primer volteador del mundo, y no pudiendo los otros atinar al acertijo, él mismo lo resolvió con decir que había sido Lucifer, cuando cayó a los abismos dando vueltas, a lo que observó Don Quijote, volviendo por los derechos literarios contra el plagiario Sancho Panza: «Esa pregunta y respuesta no es tuya, a otro lo has oído decir.» Al salir del castillo, y estando Altisidora dirigiéndole la amorosa canción en que por broma le reclamaba ciertos tocadores y ligas, Don Quijote no pára mientes en los requiebros, sino que mirándola como distraído, vuelve el rostro a Sancho para preguntarle: «Díme una verdad: ¿llevas por ventura, los tres tocadores y las ligas que dice esta enamorada doncella?»

La historia del ingenioso hidalgo es un espejo de patriotismo y de lealtad política, como cuando dice al mancebo que iba a la guerra: «Tenga a feliz ventura el haber salido de la corte con tan buena intención, porque no hay cosa en

la tierra, más honrada ni de más provecho, que servir a Dios, primeramente, y luégo a su rey y señor natural.» A Dorotea que de rodillas le pedía el dón de favorecerla, le respondió: «Yo a vos le otorgo y concedo, como no se haya de cumplir en daño o mengua de mi rey, de mi patria y de aquella que de mi corazón y libertad tiene la llave.» Y ponderando el denuedo de los valientes, dice que, llevados en vuelo de las alas del deseo de volver por su fe, por su nación y por su rey, se arrojan por la mitad de mil contrapuestas muertes que los esperan.

La honestidad del héroe se ostenta cuando ruega a los duques que en la ausencia de Sancho dispongan que él mismo se sirva y que otra persona no éntre en su cuarto; cuando dice a las claras que quiere huír de las tentaciones, porque al cabo de los años no venga a caer donde nunca ha tropezado; cuando, hablando del *Quijote* contrahecho por Avellaneda, declara que de las cosas obscenas y torpes los pensamientos se han de apartar, cuanto más los ojos; y cuando prorrumpe contra los requiebros: «*Fugite, partes adversae*: dejadme en mi sociego, pensamientos malvenidos.»

De su veracidad da idea lo que respondió a Panza, que le aconsejaba darse las calabazadas na contra los árboles, como don Roldán, sino en el agua o sobre algodones: «El hacer una cosa por otra es lo mismo que mentir.» Para ponderar el candor de Don Quijote, respondió Sancho al escudero del Bosque: «Mi amo tiene una alma como un cántaro; no sabe hacer mal a nadie, sino bien a todos; ni tiene malicia alguna; un niño le hará entender que es de noche en la mitad del día, y por eso le quiero como a las telas de mi corazón.»

«Mal cristiano eres, dice a Sancho, porque nunca olvides la injuria que una vez te han hecho,» lo cual prueba la virtud de la religión en el ánimo piadoso de Don Quijote. Platicando con Sancho sobre el deseo de alcanzar fama, que es activo en gran manera, le enseñaba: «Los cristianos católicos y andantes caballeros más habemos de atender a la gloria de los siglos venideros, que es eterna en las regiones etéreas y celestes, que a la vanidad de la fama que en este presente y

acabable siglo se alcanza.» Su teología y religión campean en su modo de pensar acerca del mona de maese Pedro, pues observando que no responde sino a cosas pasadas y presentes, lo atribuye a influjo del diablo, cuya sabiduría no se extiende a más, pues a sólo Dios está reservado conocer los tiempos y momentos, y se admiraba por eso de que aquella bestezuela no hubiera sido presentada al Santo Oficio. «La ley que profesamos, dice hablando con los dos pueblos del rebuzno, que iban a reñir, nos manda que hagamos bien a nuestros enemigos y que amemos a los que nos aborrecen: mandamiento sino para aquellos que tienen menos de Dios que del mundo, que aunque parece algo dificultoso de cumplir, no lo es y más de carne que de espíritu: porque Jesucristo, Dios y hombre verdadero, que nunca mintió, ni pudo ni puede mentir, siendo legislador nuéstro, dijo que su yugo era suave y su carga liviana; y así no nos había de mandar cosa que fuese imposible el cumplirla.»

El honor más subido, el amor de la fama y de la gloria, son el móvil y el de las hazañas del ingenioso Hidalgo. Por eso cuando el desabrido y severo capellán de los duques, lo baldona, llamándole alma de cántaro y Don Tonto, él responde, refrenando con el respeto el enojo: «¿Por ventura es asunto vano, es tiempo mal gastado el que se gasta en vagar por el mundo, no buscando los regalos dél, sino las asperezas por donde los buenos suben al asiento de la inmortalidad?» Y cuando el maleante y burlador Don Antonio Moreno, lo sacó a pasear por las calles de Barcelona, con su nombre en un rótulo que leído por todos, arrebataba de todos las miradas, él decía: «Grande es la prerrogativa que lleva en sí la andante caballería, pues háce conocido y famoso al que la profesa por todos los términos de la tierra; y si no, mire vuesamerced, Sr. D. Antonio, que hasta los muchachos de esta ciudad sin nunca haberme visto me conocen.»

Una de las virtudes que más enaltecen a Don Quijote es la del reconocimiento, como puede verse en las palabras que dirigió a las pastoras de las redes del bosque: «No es otra profesión mía que mostrarme agradecido y bienhechor con todo género de personas»; y en pago de las mercedes y buen

acogimiento que le hicieron, salió al camino y desafiando a todos los viandantes retó a singular batalla a todo el que negase que, exceptuando a Dulcinea, aquellas pastoras se llevaban la palma de la hermosura y de la discreción. Alzados los manteles de la comida en la misma aventura, alzó también la voz Don Quijote para decir: « Entre los pecados mayores que los hombres cometen, aunque algunos dicen que es la soberbia, yo digo que es el desagradecimiento, ateniéndome a lo que puede decirse que de los desagradecidos está lleno él infierno.» Cuando el duque confiere a Sancho la gobernación, el amo le manda que se hinque de rodillas y bese los pies a Su Excelencia por la merced que le ha hecho; y se colgó del cuello de Sancho dándole mil besos en la frente y en las mejillas, cuando el socarrón escudero aceptó la penitencia de los tres mil azotes para el desencanto de Dulcinea.

El valeroso caballero, en cuyo pecho jamás tuvo entrada el miedo, era tan humilde cristiano, que en su vida se pueden hallar edificantes ejemplos de aquella santa virtud. Escribiendo al Gobernador Panza, dícele que Dios sabe levantar de la basura a los pobres y de los tontos hacer discretos. « Haz gala, le aconsejaba antes de que Sancho partiera para la Insula, haz gala de humildad de tu linaje, y no te desprecies de decir que vienes de labradores.» Pide perdón al escudero por el enojo que le ha dado y se humilla diciéndole que los primeros movimientos no son en manos del hombre, y volviendo Sancho a hablar del disgusto pasado, le ruega con ternura: « No tornes a esas pláticas, Sancho, por tu vida, que me dan pesadumbre.»

Un gran sentido moral guiaba al héroe y le hacía excelente consejero, como cuando persuadía a Panza de que no hiciera caso de los maldicientes, con estas palabras: « No te enojes ni recibas pesadumbre de lo que oyeres, que será nunca acabar; ven tú con segura conciencia y digan lo que dijéren, y es querer atar las lenguas de los maldicientes lo mismo que querer poner puertas al campo.» Al oír a Roque Guinart el buen deseo de salir de su rota y desastrada vida, le responde: « Sr. Roque, el principio de la salud está en conocer la enfermedad: el cielo, o Dios, le aplicarán me-

dicinas que le sanen, las cuales suelen sanar poco a poco y no de repente y por milagro, y más que los pecadores discretos están más cerca de enmendarse que los simples, y pues vuesamerced ha mostrado en sus razones su prudencia, no hay sino tener buen ánimo y esperar mejoría de la enfermedad de su conciencia.»

Cervantes pone en ridículo la caballería andante en la persona del virtuoso Don Quijote; pero pinta a éste con tal colorido de virtudes mezcladas de locura y le exalta con tan nobles prendas, que la desventura en que coloca al caballero para mostrar vencida la caballería, hace que de lo cómico resulte lo patético, y que los hombres en lugar de ver al héroe con el desprecio que merece su profesión, lo miren con verdadera simpatía.

Así parece como si el público de los siglos dijera a Cervantes: ¿Por qué a un modelo de valor y generosidad lo habéis convertido en un Edipo perseguido por el más cruel infortunio? La venganza se ceba en él por medio de los palos de los yangüeses, de las pedradas de pastores, galeotes y comediantes, y de los golpes del ventero y de los cuadrilleros. La burla y el escarnio lo persiguen cuando Dª Tolosa y Dª Molinera le sirven en la venta, cuando la moza asturiana le da tormento suspendiéndolo de aquella mano tan vigorosa como honrada, cuando los ociosos duques y su servidumbre hacen aparatosas fiestas divirtiéndose con el noble hidalgo, cuando D. Antonio le hospeda para deshonrarle, y siempre que Panza le hace objeto de sus engaños y mentiras. Hasta la beneficencia se convierte para él en negra fortuna, pues por curarle le denuesta el eclesiástico del castillo ,le encierra en una jaula tirada por bueyes el licenciado Pero Pérez y le rinde el bachiller Sansón Carrasco. El muchacho Andrés y el galeote Ginés de Pasamonte le pagan los beneficios con ingratitud, acíbar que destila sobre el corazón una amargura que aceda la miel de la beneficencia. El mismo Sancho, aquél a quien él llama Sancho bueno, Sancho amigo, Sancho hijo, lucha con su señor y lo pone bajo sus pies; y hasta fatalidad sirve de instrumento a su desgracia, burlándose de él la naturaleza por medio de los batallones, de los molinos de viento

y de la locura de Cardenio. Finalmente, la pobreza, que es la piedra que más pesa sobre los hombros del bueno, lo aflige en el castillo avergonzándolo con la ruina de sus medias y obligándole a calzarse las botas del ausente Gobernador. ¿Por qué, por qué a tánto valor y a tánta virtud no les dais más premio que el de despertar a la razón al cerrar los ojos a la vida?

Contrapuesto al carácter de Don Quijote es el de Sancho Panza, lo cual explica por qué el libro de Cervantes es un minero de gracias y donaires, pues según muchos filósofos lo esencial del ridículo es siempre cierto fondo de oposición y de contraste. Aunque tampoco es cierto que los dos personajes están siempre animados de sentimientos opuestos, personificando el uno el ideal de las nobles aspiraciones y el otro la realidad del egoísmo con todas las pasiones que de él nacen. No, porque Sancho es a veces capaz de bondad, caridad y hasta valor, y su corazón siente también el aguijón de la fama. Lo más exacto en este punto sería decir que hay oposición entre Don Quijote, cuyo carácter es el sumo posible de la constancia, la sinceridad, la rectitud y la firmeza, y Sancho que aunque distinguido siempre por ciertas inclinaciones vulgares, es versatíl, sin embargo, y simboliza por eso a los que el mundo suele llamar hombres sin carácter.

Gran malicioso se muestra el Sr. Gobernador y muy perspicaz en varios lugares de la novela. «Para estar tan herido este mancebo mucho habla», decía en la escena en que Basilio desempeña la farsa de herirse con un estoque que en realidad no podía herirle, en las bodas de Camacho. ¡Y cómo nos admira Panza al mostrarse prelombrosiano en aquella ocasión en que disculpándose con su amo, alega suplicando: «Vuesa merced me perdone y se duela de mi mocedad y advierta que si hablo mucho, más procede de enfermedad que de malicia.»

Sus embustes y mentiras son la ocasión principal de la parte cómica del libro. Persuade a su amo de que vio a Dulcinea y al cabo de algún tiempo, olvidando la mentira, asegura que jamás la ha visto, a lo cual responde el caballero: «¿Cómo que no la has visto, traidor, blasfemo? ¿Pues

no acabas de traerme un recado de su parte? — Digo que no la he visto despacio que pueda haber notado particularmente su hermosura y sus buenas partes punto por punto.» Más refinado fué el engaño que empleó con su amo en el hallazgo de la señora Dulcinea, pues en seguida de un soliloquio en que pondera los peligros que correrá si los del Toboso saben que anda sonsacándoles sus princesas, dice para sí: « Siendo mi amo loco, como lo es, y de locura que las más veces toma unas cosas por otras, no será muy difícil hacerle creer que una labradora, la primera que me topare por aquí, es la señora Dulcinea, y cuando él no lo crea juraré yo, y si él jurare, tornaré yo a jurar, y si porfiare, porfiaré yo más, de manera que tengo de tener la mía siempre sobre el hito, venga lo que viniere.» Sus facultades mentirosas suelen ser el colmo del desenfado, y así se ve cuando jura y perjura que no puso los requesones en el yelmo de Mambrino, cuando describe pontualmente las siete cabrillas en el viaje celeste de Clavileño, diciendo que las dos son verdes, las dos encarnadas, las dos azules y la una de mezcla, y cuando engaña al bueno de Don Quijote dándose de seguida tres mil azotes que reciben los troncos de las hayas: en vano el caballero trata de disuadirlo de prolongar tanto su martirio, porque Sancho le reponde: « A dineros pagados brazos quebrados, no ha de decirse por mí: apártese vuesamerced y déjeme dar otros mil azótes, que a dos lavadas de éstas habremos cumplido la partida.» Condescendiente luégo en suspender cuando apenas le faltan unos pocos, diciendo: « Sea en buena hora y écheme su ferreruelo sobre estas espaldas, que estoy sudando y no quiero resfriarme », con lo cual queda Don Quijote desnudo por obrigar al azotado.

El escudero es hombre goloso de suyo y más aún a causa de las fatigas del oficio. Así en el episodio del cabrero Eugenio dice y hace de esta manera: « Saco la mía, que yo a aquel arroyo me voy con esta empanada, donde pienso hartarme por tres días, porque he oído decir a mi señor Don Quijote que el escudero de caballero andante ha de comer cuando se le ofreciere hasta no poder más.» No menos valiente en esta materia se mostró en el banquete impro-

visado sobre la verde yerba por el escudero del Bosque, a quien dijo: «Vuesamerced sí que es escudero fiel y legal, moliente y corriente, magnífico y grande, como lo muestra este banquete, que si no ha venido aquí por arte de encantamiento, parécelo a lo menos, y no como yo, mezquino y malaventurado, que sólo traigo en mis alforjas un poco de queso tan duro, que pueden descalabrar con ello a un gigante.» Se desvive por las ollas podridas, particularmente en el gobierno de la Barataria, cuando el Dr. Pedro Recio de Agüero, natural de Tirteafuera, lo pone a desesperante dieta: «Aquel platonazo — dice — que está más adelante vahando me parece que es olla podrida, que por la diversidad de sus cosas no podré dejar de topar conalguna que me sea gusto y provecho.» Y otra vez dijo: «Lo que el maestresala puede hacer es traerme de estas que llaman ollas podridas, que mientras más podridas son mejor huelen, y en ellas puede embaular y encerrar todo lo que él quisiere como sea de comer.»

Con su gula corre parejas su codicia, por más que él diga lo contrario respondiendo a Ricote cuando lo invita a ir a buscar el tesoro: «Yo lo hiciera, pero no soy nada codicioso, que a serlo, un oficio dejé esta mañana de las manos, donde pudiera hacer las paredse de mi casa de oro y comer antes de seis meses en platos de plata.» Los desengaños y desventuras del gobierno se le mitigan con el bolsico de doscientos escudos que le dio el mayordomo para suplir los menesteres del camino. Ya vimos cómo negoció con su amo los tres mil y trescientos azotes, que a cuartillo cada uno montaron ochocientos veintecinco reales. Casi pone pleito a su amo por su salario, pues poco o mucho, sobre un huevo pone la gallina, y en caso de recibir la ínsula prometida, él no será ingrato para impedir que se aprecie la renta y se descuente el salario. Cuando su amo le manda por albricias o el primer despojo de la primera aventura, o las próximas crías de las tres yeguas, dice Sancho: «A las crías me atengo.» Halla por su cuenta, conversando con D. Fernando, que no le está bien que Don Quijote llegue a ser arzobispo, porque Sancho es inútil para la Iglesia siendo casado, y concluye: «Andarme ahora a traer dispensaciones

para poder tener renta por la Iglesia sería nunca acabar.» En la aventura de los frailes benitos y de la señora vizcaína, Panza arremete al religioso caído y le comienza a despojar de los hábitos a fuer de botín de guerra. Y después de oir a Don Quijote ponderar los maravillosos efectos del bálsamo de Fierabrás, dice resueltamente: « Si eso hay, yo renuncio desde aquí el gobierno de la prometida ínsula, y no quiero otra casa en pago de mis muchos y buenos servicios, sino que vuesamerced me dé la receta de ese extremado licor que para mí tengo que valdrá la onza a dondequiera más de a dos reales, y no he menester yo más para pasar esta vida honrada y descansadamente: aunque es de saber primero si tiene mucha costa el hacelle.»

Cree Sancho a pie juntillas en la ínsula, y sin embargo se burla de lo que cuenta Don Quijote acerca de sus visiones en la cueva en Montesinos: « De todo cuanto aquí ha dicho vuesamerced, lléveme Dios, que iba a decir el Diablo, si le creo cosa alguna.» Cuando habla Don Quijote de que vio en la cueva a Dulcinea encantada en la misma forma en que Sancho se la mostró saliendo del Toboso, el escudero piensa perder el juicio o perecerse de risa, pues está seguro de que todo aquello fue fruto de una de sus más grandes mentiras; y sin embargo, la duquesa le persuade de que esa mentira es verdad, como sucede con ciertos mentirosos que de tanto repetir sus embustes les dan cabida en su propia convicción.

A pesar de sus codicias y mentiras, y a despecho de su egoísmo, Sancho era caritativo y limosnero, como lo mostró en el lance del triste viejo que lloraba de enfermo y lacerado cuando iba en la cadena de los galeotes y a quien Panza le ofreció un real de a cuarto. A maese Pedro, a quien le oía lamentarse de la ruina de su hacienda, fincada en el retablo de los títeres y en el mono advino, Sancho le decía: « No llores, maese Pedro, ni te lamentes, que me quiebras el corazón, porque te hago saber que mi señor Don Quijote es tan católico y escrupuloso cristiano que te pagará con ventaja.» Cuando la duquesa le encargaba que mirase bien por sus leales vasallos, le respondía él: « Eso de gobernar bien no hay para qué encargámelo, porque yo soy caritativo

de mío y tengo compasión de los pobres.» Finalmente, Cide Hamete Benengeli, a quien Cervantes endosa a título gratuito su propia gloria, dice que Panza era caritativo además, y que al regresar de la gobernación, sacó de sus alforjas medio pan y medio queso de que venía proveído y se los dió a los moriscos dizfrazados de peregrinos.

Panza no deja de sentir afición a la fama, si bien mezcla ese mismo gusto con algún grano de egoísmo, y así dice: « Desnudo nací, desnudo me hallo ni pierdo ni gano, aunque por verme puesto en libros y andar por ese mundo, de mano en mano, no se me da un higo que digan de mí todo lo que quiiseren.» Y en otra parte explica el mismo afecto diciendo: « Pues que tengo buena fama y según oí a mi señor, que más vale el buen nombre que las muchas riquezas, encájenme ese gobierno, y verán maravilias.»

Sancho es quien hace el principal gasto de las gracias y donaires en la novela más donairosa y graciosa del mundo. Dejando emboscado a su señor, éste le observa que parece estar menos cuerdo que el mismo Don Quijote, a lo cual Sancho replica: « No estoy tan loco, pero estoy más colérico », y cuando el andante iba a acometer a los leones, lo cual dio lugar a que el caballero de lo Verde dijese que Don Quijote era loco, el escudero le responde: « No es loco sino atrevido.» A Sansón, que le trataba de averiguar por el paradero de los cien escudos de la maleta, le observa que cada uno debe meter la mano en su pecho y no ponerse a juzgar por blanco lo negro y lo negro por blanco, porque cada uno es como Dios le hizo y a veces peor. Observa a los duques que si no les parece bien la carta por él dictada para su mujer, no hay sino rasgarla y hacer otra nueva que podría ser que fuese peor, si se dejaba a su caletre. « Déme de comer, clamaba en el gobierno, o si no tómense su Gobernación, que oficio que no da de comer no vale dos habas » y tornaba a lo mismo diciendo: « Dénme de comer y llevan casos y dudas sobre mí, que yo las despabilaré en el aire.» En el asalto de sus dominios exclamaba todo atribulado e impedido: « Ah, si mi señor fuese servido que se acabase ya de perder esta ínsula y me viese yo o muerto o fuera de esta

grande angustia.» «¿Qué es esto, quién me toca y desencinta? exclamó despertándose, cuando a su amo le vino en voluntad ir a suplir la falta de Sancho y a aplicarle mal su grado los tres mil azotes necesarios para desencantar a Dulcinea, y teniendo a su amo en el suelo en virtud de una oportuna zancadilla, respondía a sus denuestos: «Ni quito rey ni lo pongo, sino ayúdome a mí mismo que soy mi señor.»

Dijimos que el Gobernador propiamente no era el reverso del carácter de Don Quijote, sino más bien un carácter versátil y variado, falto de atributos bien definidos. Ahora promete seguir a su amo hasta los términos del mundo si ello es necesario, para quitar las barbas de las dueñas, pero en vista de Clavileño declara que busquen ellas otro modo de alistarse. El, como su mujer, vacila y fluctúa en cuanto al Condado de Sanchica, asegurando aquélla que ese Condado no será de su consentimiento; pero después, en la misma plática, Teresa dice a Sancho que lleve consigo a su hijo para que desde luego le vaya enseñando a tener gobierno. Esta versatilidad del genio de Sancho Panza era lo que hacía decir a Don Quijote: «Tiene a veces unas simplicidades tan agudas que el pensar si es simple o agudo causa no pequeño contento; tiene malicias que le condenan por bellaco y descuidos que le confirman por bobo: duda de todo y créelo todo: cuando pienso que se va a despeñar de tonto sale con unas discresiones que le levantan al cielo.»

De aquí la especie de mancomunidad que presentan los dos personajes en su locura, que es lo que hacía pensar al discreto licenciado que los dos estaban forjados en una misma turquesa y que las locuras del uno sin las necedades del otro no valían un ardite. El mismo Sancho informaba a su señor que el vulgo tenía a Don Quijote por grandísimo loco y a él por no menor mentecato. Todos hallaban que el hablar de Don Quijote era concertado, elegante y bien dicho, y que aquello que hacía era un disparatado, temerario y tonto. En resolución, Don Quijote era entreverado loco, lleno de lúcidos intervalos, como decía Don Lorenzo de Miranda, y Sancho era más loco y más gracioso, como sentía la duquesa, aunque el mismo Sancho, en su correspondencia con

Teresa Panza aseguraba que Don Quijote era un mentecato gracioso y un loco cuerdo, de suerte que sus obras desacreditaban su juicio, y su juicio sus obras. Lo peor era que la aureola de gracia que rodeaba la locura del caballero influía sobre el genio positivo del escudero, y la locura de ambos casi daba al traste con el genio de D. Antonio Moreno y de los duques, que no estaban a dos dedos de parecer tontos cuando disfrutaban de la dolencia espiritual de aquellos dos hombres.

Esta común locura despertó en el uno constante flujo de ufanía y vanagloria, y en el otro la ambición de mando y de poder. « Yo soy Don Quijote de la Mancha, aquel que de sus hazañas tiene lleno el orbe », decía a los salteadores de Barcelona; y cuando el gato le tenía asido de las narices él exclamaba: « Déjenme mano a amno con este demonio, con este hechicero, que yo le daré a entender quién es Don Quijote de la Miranda.» Después de limpiarse cabeza, rostro y barbas del suero de los requesones, se afirma en los estribos y mirando al carro del leonero que se aproxima, prorrumpe en estas palabras: « Ahora venga lo que viniere, que estoy con ánimo de tomarme con el mismo Satanás en persona.» Cuando Sancho, atándole, pugna por hacerlo desistir de la bajada a la cueva, él responde: « Ata y calla, que esta empresa para mí estaba guardada.» Sancho en ocasiones, no obstante su ordinaria pusilanimidad, saca también fuerzas de flaquezas y se torna atrevido y valiente, como cuando el caballero del yelmo de mambrino trata de arrebatárselo. Don Quijote, a su turno, sabe también templar su vanagloria con una sana filosofía y con verdadera humildad, como cuando dice a la asturiana: « Podéis llamaros venturosa por haber alojado a mi persona, que si yo no la alabo, es por lo que suele decirse, que la alabanza propia envilece.» Y al caballero del Verde Gabán le advierte que aunque las propias alabanzas envilecen, le es forzoso decir las suyas por no hallarse presente quién las diga.

Una de las causas que hacen regocijada sobre modo la novela de Cervantes es el frecuente empleo de baldones, denuestos e improperios en que prorrumpen los personajes

de la novela cuando viene la ocasión de amenazar, reprender o zaherir a otras personas. «Gente endiablada y descomunal, decía Don Quijote a los frailes benitos, dejad a la princesa o recibiréis presta muerte en castigo de vuestras malas obras.» Como Sancho hiciera notar a los pastores que su amo no podía ser loco, pues tantas cosas ingeniosas sabía decir, Don Quijote le interrumpió con estas voces: «¿Es posible, Sancho, que haya persona que diga que no eres tonto aforrado de lo mismo con no sé qué ribetes de malicioso y de bellaco? ¿Quién te mete a tí en mis cosas y en averiguar si soy discreto o majadero?» A maese Nicolás el barbero, que junto con el señor Cura se afanaban por reducir a juicio a Don Quijote, lo apodaba éste con los términos del señor rapista y señor bacia. Entre el ama y Sancho Panza ocurre un diálogo en que ella lo llama mostrenco y él le responde ama de Satanás, en el momento en que alterna la sobrina diciéndole: «Malas ínsulas te ahoguen, Sancho maldito, golosazo y comilón.» Al leonero lo denuesta Don Quijote así: «Voto a tal, don bellaco, que si no abrís luego las jaulas, que con esta lanza os he de coser con el carro.» El pobre de Sancho entra temblando en el barco encantado y entonces escucha estas palabras de su amo: «De qué temes cobarde criatura? de qué lloras corazón de mantequilla? ¿qué te persigue o acosa, ánimo de ratón casero»? Y cuando se excusaba de azotarse escuchó estas: «Tomaros he don villano, y amarraros he a un árbol y no tres mil y trescientos sino seis mil y seiscientos azotes os daré, bestión indómito.» Al empezar la refriega con los cueros de vino, exclama Don Quijote: «Ténte, ladrón, maladrín, follón, que aquí te tengo y no te ha de valer tu cimitarra.»

Uno de los improperios más frecuentes en la novela es el de *ladrón*, que suele tomarse en significado genérico en cierto modo, cual sucede con otros adjetivos de significado penal. Así dice el Andante a Sancho Panza: «Dime, ladrón vagamundo, no me acabas de decir que esta princesa se había trocado en una doncella llamada Dorotea?» Al mismo Don Quijote le decía el ventero: «¿No ves ladrón que la sangre no es otra cosa que el vino que nada en este aposento?»

Y cuando Sancho agonizaba de ansias y bascas, trasudores y desmayos por haber bebido el bálsamo de Fierabrás preparado por su amo, maldecía el bálsamo y al ladrón que se lo había dado. Aplícase pues el nombre de *ladrón* en el *Quijote* como otros nombres de significado infamatorio, tales como *cautivo*, en aquellos tiempos ,y como *condenado* y *bandido*, en la actualidad, en un sentido que no cuadra con el propio y que es lo mismo que observamos hoy cuando oímos a ciertos muchachos llamar ladrón a la acémila que sirve fiel y silenciosa, y cuando leemos que uno de los más famosos coroneles del mundo llama de bandidos a aquellos a quienes ha cercenado su tierra.

Uno de los campos en que más luce la gracia del libro de Cervantes es el campo de la política. Disertando Sancho sobre su futuro gobierno con el canónigo de Toledo, éste le advertía: « En eso entra la habilidad y buen juicio y principalmente la buena intención de acertar, y así suele Dios ayudar al buen deseo simple como desfavorecer al malo del discreto.» « Si Dios me ayuda y hago lo que debo con buena intención, duda que gobernaré mejor que un jerifalte », decía Sancho a los Duques. La buena intención, es tema repetido frecuentemente por Cervantes como condición primera del gobierno por lo cual dice que los que mandan aunque sean unos tontos, talvez los encamina Dios en sus juicios, y por eso se observa, según que aquella intención falta o asiste, que los oficios y cargos graves o adoban o entorpecen los entendimientos. Con estas reflexiones aludía Cervantes al tino y agudeza, asombrosos, ciertamente, con que Sancho resolvía por el estilo de juez salomónico los casos y dudas que se le presentaban de repente con tanta presteza y habilidad como si fuera hombre avezado a las dificultades más ingenioass y a los rompecabezas más difíciles del sofisma y de las atracciones lógicas. En ese número pueden contarse, ante todo, el dilema formidable del puente y de la horca y las dudas referentes al sastre de las caperuzas, al negociante de los cerdos, al viejo del báculo y a otros semejantes.

No se escapó de la sátira de Cervantes la costumbre de entonces y de ahora de alertar o alarmar a los hombres

políticos con avisos de conspiraciones, dados a veces por verdadero celo en favor de ellos, pero otras por efectivo celo en favor de quien los da. A esto mira la carta dirigida por el duque al Gobernador de la Barataria, concebida en estos términos: « A mi noticia ha llegado, señor Don Sancho Panza, que unos enemigos míos y desa ínsula la han de dar un asalto furioso no sé qué noche: conviene velar y estar alerta porque no le tomen desapercibido. Sé también por espías verdadeiros que han entrado en ese lugar cuatro personas disfrazadas para quitaros la vida porque se teme de vuestro ingenio: abrid el ojo y mirad quien llega a hablaros y no comáis de cosa que os presentaren.»

Vengamos a contemplar, siquiera sea superficialmente, las condiciones literarias del libro de Cervantes. Aunque su objeto principal es el descrédito o menosprecio de la caballería andante, el autor no pierde ocasión de satirizar otras cosas censurables. A él mismo se critica cuando advierte que en la segunda parte de la historia ha evitado ingerir novelas sueltas y pegadizas, como *El curioso impertinente* y *El cautivo*, que publicó en la primera parte y que, valga la verdad, aunque interesantes e ingeniosas, interrupen el hilo de la historia y quitan interés a la fábula principal. Advierte, pues, que sólo se ha permitido episodios nacidos de los mismos sucesos, de suerte que se le deben alabanzas no por lo que escribe sino por lo que ha dejado de escribir. Rondando la ínsula, habló Sancho de limpiarla de las casas de juego que se le traslucían como muy perjudiciales; pero entonces el observó un escribano que aquella que acababan de ver no podía ser cerrada por no tenerla un gran personaje que perdía más él jugando que lo que sacaba de los naipes. Lamentábase Sancho cuando con todo y asno cayó en el subterráneo que salía del castilol, y entonces decía al rucio: « Perdóname y quiera la fortuna sacarnos de este trabajo, que yo prometo de ponerte una corona de laurel en la cabeza de modo que no parezcas sino un laureado poeta.» Hablando del gobierno y de las ocasiones que brinda para prevaricar, decía: « Bueno soy yo para encubrir hurtos, pues a quererlos hacer, de paleta me había venido la ocasión en mi gobierno.» « Traed dineros,

LIVRARIA EDITORA

Estabelecimento modelar
de livros novos de sciencias, artes, industria,
commercio, etc.

Secção completa de todas
as publicações periodicas, inclusive jornaes
de modas e trabalhos femininos

Leite Ribeiro & Maurillo

CORRESPONDENTES NA EUROPA
E NAS DUAS AMERICAS

Aceitam-se assignaturas da REVISTA AMERICANA

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

JUNTO Á AVENIDA RIO BRANCO

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio 889 || Codigo Telegraphico A. B. C., 5ª edição || End. Telegraphico ETIEL

TELEPHONE CENTRAL 250

Revista Americana

Sciencias, Artes, Letras, Politica, Philosophia, Historia, Religiões

Director: ARAUJO JORGE

A maior publicação internacional com circulação em todo o Continente

PUBLICAÇÃO MENSAL

Distribuição gratuita em todos os estabelecimentos de ensino europeus e americanos, cafés, hoteis, restaurantes, barbearias, gabinetes de leituras, transatlanticos, ingleses, francêses, alemães, italianos, etc

COLLABORAÇÃO

de todos os homens de letras e publicistas mais notaveis da America

ASSIGNATURAS

RIO DE JANEIRO . .	um anno	15$000
ESTADOS DO BRASIL.	um anno	20$000
ESTRANGEIRO	um anno	1 £
Numero avulso		2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

3, Rua Santo Antonio, 3 — Livraria Editora

RIO DE JANEIRO — BRASIL

marido, decía Mari Gutiérrez a Sancho, sean ganados por aquí o por allí, que como quiera que los hayáis ganado no habréis hecho usanza nueva en el mundo.» Hablando con un joven poeta respecto de la glosa que éste traía entre manos y que podía entrar en justa literaria, o en concurso como ahora se dice, le aconsejaba el ingenioso hidalgo que procurase llevar el segundo premio, porque el primero se lo llevan siempre el favor o la calidad de la persona, de forma que el segundo es primero y el tercero segundo. Al mozo que iba a la guerra le decía que aunque la vejez lo llegara a coger en el honroso ejercicio y aunque se viera herido, estropeado o cojo, siempre lo cogería con honra y le evitaría, la pobreza, «cuanto más que ya se va dando orden — agregaba el caballero — de cómo se han de mantener los soldados viejos, pues no es bueno que con ellos se haga lo que hacen los que ahorran a sus negros, echándolos de la casa libres y haciéndolos esclavos del hambre.»

Las pinturas del libro de Cervantes son a veces maravillosas, como esta del león enjaulado: «Pareció de grandeza extraordinaria y de fea y espantable catadura. Lo primero que hizo fue revolverse en la jaula donde venía echado y tender al garra y desperezarse todo: abrió luégo la boca y bostezó muy despacio y con casi dos palmos de lengua que sacó fuera se despolvoreó los ojos y se lavó el rostro: hecho esto, sacó la cabeza fuera de la jaula y miró a todas partes con los ojos hechos brasas, vista y ademán para poner espanto a la misma temeridad. Sólo Don Quijote lo miraba atentamente, deseando que saltase del carro y viniese con él a las manos, entre las cuales pensaba hacerlo pedazos; pero el generoso león, más comedido que arrogante, no haciendo caso de niñerías ni de bravatas, después de mirar a una y otra parte, volvió las espaldas y enseñó las ancas.» Pero nada tan vivo, nada tan cómico y natural como la descripción de la reyerta que acerca de la alabarda se armó en la venta entre los cuadrilleros y Don Quijote, en torno de los cuales se forma la riña más complicada entre los personajes más varios y de más diversas condiciones. Ni nada tan hermoso y pintoresco como la descripción de los dos ejércitos en que

se convirtieron los carneros y en que se enumeran con incomparble belleza y colorido los primeros personajes de la fama, las razas y los pueblos más notables del orbe y los más afamados de la geografía.

Las descripciones son a veces tan acabadas que embargan la atención hasta casi confundirse con la realidad, debido a su espontaneidad extraordinaria. Así sucede con aquella que tiene por objeto la riña entre Don Quijote y el cabrero Eugenio, cuando encontrándose los dos asidos en furiosa y sangrienta lucha, suena de repente una triste trompeta que alborota al caballero y le hace creer en una nueva aventura. Entonces hay un momento en que al lector le parece que la lucha ha sido cierta y que en pos de ella se comienza una aventura ilusoria.

La naturalidad de ciertas observaciones pone a lo vivo las personas y los objetos. En la aventura de los comediantes que representan las Cortes de la Muerte, el demonio bailador sube sobre el rucio, le sacude con las vejigas y entonces el animal despide volando por la campaña: « Miraba Sancho la carrera de su rucio y al mismo tiempo veía la caída de su amo con quien Rocinante había venido a tierra, y no sabía a cual de las dos necesidades acudiría primero.» Cuando Don Quijote estaba listo para descender a la cueva dijo: « Inadvertidos hemos andado en no haber traído un esquilón pequeño que fuera atado junto a mí en esta soga con cuyo sonido se entendiera que todavía yo bajaba y estaba vivo; pero, pues ya no es posible, a la mano de Dios que me guíe.» Curioso Don Quijote y amigo de saber, no se le cocía el pan hasta oír una historia que le había de contar el hombre conductor de ciertas armas, quien acosado de preguntas le dijo: « Déjeme vuesamerced, señor bueno, acabar de dar recado a mi bestia, que yo le diré cosas que le admiren.— No quede por eso, respondió Don Quijote; yo os ayudaré a todo, y así lo hizo echando la cebada y limpiando el pesebre.»

Lo natural del asomo de envidia recíproca que despieratn en los corazones de Don Quijote y de Panza el gobierno del uno y las fortunas amorosas del otro, es incomparable. Respecto del gobierno de Don Quijote: « Infinitas gracias

doy al cielo, Sancho amigo, de que antes de que yo haya encontrado con alguna buena dicha te haya salido a recibir y encontrar la buena ventura; yo me veo en los principios apenas, y tú te ves ya premiado en tus deseos»; y respecto de las fortunas amorosas dice Sancho: «¡Crueldad notoria! ¡Desagradecimiento inaudito! Yo de mí sé decir que me rindiera y avasallara la más mínima razón amorosa de Altisidora. ¡Qué corazón de mármol! Pero no puedo pensar qué es lo que vio esta doncella en vuesamerced que así la rindiera y avasallara.» En este antagonismo de sentimientos en medio de la amistad, está pintado el corazón humano.

¡Con cuánta delicadeza están descritas algunas escenas del *Quijote!* Alborozadas la mujer y la hija de Sancho con la carta del Gobernador y con los presentes de la duquesa, dice Sanchico: «Mire, madre, que me ha de dar la mitad de la sarta de corales, que no tengo yo por tan boba a mi señora la duquesa, que se la hubiera de mandar toda a ella»; y Teresa a fuer de madre, le responde: «Toda es para tí, hija, pero déjamela traer algunos días al cuello.» Al descubrir Sancho a su aldea, se hinca de rodillas y dice: «Abre los ojos, deseada patria, y mira que vuelve a tí Sancho Panza tu hijo.» La ventera enojada juraba que le habían de pagar los cueros de vino, en cuyas amezanas la ayudaba la moza de Asturias, y agrega el autor: «La hija callaba y de cuando y cuando se sonreía.»

De la elocuencia de la obra son muestras acabadas el discurso sobre la edad de oro que dijo Don Quijote la noche en que se albergaron los cabreros, y el discurso sobre las armas y las letras que corre en la mayor parte de las antologías. Al encontrar el morisco a la prenda que buscaba, exclama: «Oh, Ana Félix, desdichada hija mía, yo soy tu padre que volví a buscarte por no poder vivir sin tí, que eres mi alma.» Y viendo Don Quijote la imagen de bulto de San Pablo que le enseñaron los labradores cuando la llevaban con otras a su pueblo, exclama de esta manera: «Este fue el mayor enemigo que tuvo la Iglesia de Dios Nuestro Señor en su tiempo, y el mayor defensor suyo que tendrá jamás: caballero andante por la vida, y santo a pie quedó por la

muerte, trabajador incansable en la viña del señor, doctor de las gentes, a quien sirvieron de escuelas los cielos y de catedrático y maestro el mismo Jesucristo.»

El autor del *Quijote* revela sin quererlo grande erudición, dejando deslizar alusiones tácitas a las grandes obras, entre ellas la Divina Escritura. «Dime, Sancho amigo, qué es lo que dicen de mí por esos lugares? ¿En qué opinión me tiene el vulgo, en qué los hidalgos y en qué los caballeros?», palabras que hacen recordar las que emplea el Evangelio hablando de Nuestro Señor y del Bautista. Tratando Don Quijote y Sancho de la segunda salida, relinchó Rocinante, cuya voz tomó el caballero por agüero felicísimo, lo cual hace recordar lo que dicen las historias acerca de Darío o de Alejandro. Refiriendo la aventura de la cueva de Montesinos, donde vio encantados a Durandarte y a Belerma, cuenta cómo vio del mismo modo a Dulcinea y a sus compañeras, en la propia figura en que Sancho se las había señalado; «Hablela — dice — pero no me respondió, antes me volvió la espalda, la llamé y se fue huyendo con priesa», palabras que recuerdan el encuentro de Eneas con Dido en el libro VI de *La Eneida*. Sin esfuerzo alguno y sin traer las cosas por los cabellos parece recordar Cervantes sus estudios teológicos, mencionando de paso y como quien no lo quiere el canon *si quis suadente* y las gracias *gratis datas*. En el escrutinio de los libros hecho en casa del manchego por el cura, maese Nicolás, el ama y la sobrina, se muestra Cervantes gran conocedor de la literatura castellana, condenando al fuego casi todos los libros de caballería, pero salvando a *Amadis de Gaula*, a *Palmerín de Inglaterra* y a *Tirante el Blanco*; y en el otro escrutinio de los libros del ventero, salvó las verdaderas historias de Gonzalo Fernández y Diego García, héroes humanos y realmente históricos.

El canónigo personifica en el *Quijote* la ilustración clásica que defiende las tres unidades contra las comedias que en una escena presentan a un niño en mantillas y en otra lo sacan hombre hecho y barbado, y contra los libros de caballerías, que relatan aventuras tan desordenadas e inverosímilles como las del lago encantado que el hidalgo manchego relata

al señor conónigo. Pero aunque Cervantes no puede ocultar su gran saber y erudición, no por eso los ostenta haciendo gala de ellos y fastidiando al lector con citas inoportunas, antes por el contrario destinó el prólogo de su libro a criticar la erudición vanidosa y ridícula, que se cubre de acotaciones, dedicatorias y listas alfábeticas de los autores citados. En esto se muestra el talento satírico del autor, cuyo libro no sólo se mueve por la intención principal de zaherir la disparatada caballería andante, sino que censura otras muchas cosas criticables en literatura, en política y en las costumbres.

Es distintivo de la lengua de Cervantes el ser figurada y pintoresca, en lo cual conviene con la de los otros grandes escritores de los siglos XVI y XVII, cuyo lenguaje es opuesto al lenguaje abstracto e inanimado de muchos autores modernos y especialmente al habla artificial y culterana de los modernistas. « La temerosa visión remató el ánimo de Sancho Panza », quiere decir que lo acobardó del todo. Para significar el desaliento dice: « Como la codicia rompe el saco, a mí me ha rasgado mis esperanzas.» En vez de decir que no se le olvidarán las burlas, afirma que no se le caerán de la memoria. « No hay que dejar pasar la ocasión que ahora nos ofrece sus guedejas », equivale a decir « que se nos presenta.» Para significar que su amo anda loco asegura que está lastimado de los cascos, y la misma idea expresa Eugenio cuando asegura que el gentil hombre debía de tener vacíos los aposentos de la cabeza. Para dar a entender que una idea se le ocurrió, afirma Don Quijote que le cayó en las mientes. « Renovaron la República de suerte que parecían haberla puesto en una fragua para sacarla otra de la que habían puesto », significa que dos políticos hablaban y discutían, censuraban y levantaban falsos testimonios, tratando de reformas y modos de gobierno. « Todos los designios de Sancho se destroncaron y borraron de allí a dos días con el gobierno », quiere decir que se acabaron. « Venid al punto, sin rodeos ni callejuelas, ni retazos ni añadiduras », decía Sancho al socarrón que le pedía dote para la hija, y con esto le mandaba que evitara digresiones.

Este lenguaje figurado de Cervantes no es el compuesto

de metáforas y demás figuras retóricas, sino aquel en que abundan las frases hechas, los modismos y refranes, que son notas del castellano castizo. En la primera parte de la novela la crítica de refranes no se presenta sino rara vez, mientras que en la segunda es tan abundante, que forma uno de los recursos principales de que se valió Cervantes para armar la contraposición frecuente entre el caballero y el escudero. Sancho ensarta y enhila refranes sin cuento, vengan o no a él; pero Don Quijote los repele y zahiere con furia y denuestos, aunque hay ocasiones en que, llevado de su característica curiosidad, ruega a Sancho que le diga los dos refranes que el socarrón ha dejado en el tintero. Sería interesante descubrir por qué la segunda parte de la historia, y no tanto la primera, es fertilísima en esta preciosa flor del idioma castellano.

Sin darse humos de preceptista hace Cervantes, en forma festiva y ligera y sin abandonar la naturalidad que le distingue, observaciones que lo gradúan de gran conocedor de la literatura y sus reglas. Entre los consejos que da a Sancho Panza para su gobierno está el procurar que su lenguaje no sea grosero y villano, y a propósito del vocablo *erutar*, le advierte que aunque algunos no entiendan ciertos términos, el uso irá haciendo que con facilidad se comprendan, lo cual enriquece la lengua, sobre quien tienen poder el vulgo y el uso. En otra parte observa que el lenguaje puro, el propio, el elegante y claro está en los discretos cortesanos, aunque hayan nacido en Majalahonda, advirtiendo que deben ser discretos, porque la discreción es la gramática del buen lenguaje que se acompaña con el uso. El doctor Clemencín, con todo el mérito que le granjean sus admirablemente eruditas notas al *Quijote*, aplicó a la obra un criterio no siempre atinado en materia de lengua, que después ha sido muy rectificado merced a los adelantos de la crítica gramatical, sobre todo en manos de los Sres. Cejador y Rodríguez Marín, insignes entre los más ilustres comentadores de Cervantes. Este adelanto, en vez de desfavorecer la pureza del lenguaje del libro inmortal, saca casi siempre ileso su mérito, tal que se cuentan en los dedos los solecismos que ál contiene, como

aquellos de «Hablara yo mas bien criado si fuera *que* vos» y «En este tiempo no he visto *que* el sol del cielo de día y la luna y las estrellas de noche.»

Respecto de traducciones decía Don Quijote en su visita a la Imprenta de Barcelona: «Me parece que el traducir de una lengua en otra, como no sea de las reinas, de las lenguas griega y latina, es como quien mira los tapices flamencos por el revés, que aunque se ven las figuras, son llenas de hilos que las oscurecen y no se ven con la lisura y tez de la haz», comparación brillante que después han repetido grandes escritores, entre ellos quizá un moderno autor italiano de estudio sobre historia universal.

De la poesía expresa Cervantes en el *Quijote* una idea tan exacta como original y que concuerda con la de aquellos que han considerado aquel arte como una profesión y como la profesión más digna de los hombres a quienes el cielo concedió el dón de expresar la belleza por medio de la música de las palabras. «La poesía — dice — es hecha de una alquimia de tal virtud, que quien la sabe tratar la volverá en oro purísimo de inestimable precio; el que la tuviere la ha de tener a raya, no dejándola correr en torpes sátiras ni en desalmados sonetos: no ha de ser vendible en ninguna manera si ya no fuere en poemas heroicos, en lamentables tragedias o en comedias alegres y artificiosas: no se ha de dejar tratar de los truhanes, ni del ignorante vulgo, incapaz de conocer ni estimar los tesoros que en ella se encierra».

El estilo del *Quijote* se distingue, ante todo, por ciertas enumeraciones llenas de eufonía y riqueza, como cuando refiere que el ingenioso hidalgo hacía gran falta en el mundo según eran los agravios que pensaba deshacer, tuertos que enderezar, sin razones que enmendar, y abusos que mejorar y deudas que satisfacer. Del pastor Crisóstomo dice que fue único en el ingenio, sólo en la cortesía, extremo en la gentileza, fénix en la amistad, magnífico sin tasa, grave sin presunción, alegre sin bajeza. Cuando Sancho despierta y halla menos el rucio, exclama: «Oh hijo de mis extraños, nacido en mi misma casa, brinco de mis hijos, regalo de mi mujer, envidia de mis vecinos, alivio de mis cargas, y finalmente sustentador

de la mitad de mi persona, porque con veintiséis maravedises que ganabas cada día mediaba yo mi despensa.» En uno de sus soliloquios decía así Don Quijote: «Oh Dulcinea del Toboso, extremo de toda hermosura, fin y remate de la discreción, archivo del mejor donaire, depósito de la honestidad y ultimadamente idea de todo lo provechoso, honesto y deleitable que hay en el mundo»: «Halléla — dice también — encantada y convertida de princesa en labradora, de hermosa en fea, de ángel en diablo, de olorosa en pestífera, de bienhablaba en rústica, de reposada en brincadora, de luz en tinieblas, y finalmente de Dulcinea del Toboso en una villana de Sayago».

El pleonasmo se le perdona al estilo de Cervantes en la inmortal novela en gracia de la riqueza y sales del lenguaje, como cuando dice que las cartas de Sancho y Teresa fueron solenizadas, reídas, estimadas y admiradas: o que el gobierno de Panza se acabó, se consumió, se deshizo, se fue como en sombra y humo; o que a D. San Diego Matamoros le han visto visiblemente en las batallas derribando, atropellando, destruyendo, desbaratando y matando los agarenos escuadrones; o que la apuesta entre los dos desafiadores que pesaban el uno once arrobas y el otro cinco debía cumplirse igualándolos para la carrera, no por medio de un peso que se pusiera al flanco, sino, como dijo Sancho, de suerte que el gordo se escamonde, monde, entresaque, pula, regane y atilde y saque seis arrobas de sus carnes.

La elegancia de algunos pasajes consiste precisamente en aquella redundancia en que Cervantes hace lucir su dominio e imperio sobre la lengua que por eso se llama suya, y así se observa en pasajes como éstos: «Quedó pasmado Don Quijote, absorto Sancho, suspenso el primo, atónito el paje, abobado el del rebuzno, confuso el ventero y finalmente espantados todos los que oyeran las razones del titerero: Pasmóse el duque, suspendióse la duquesa, admiróse Don Quijote, tembló Sancho Panza, y finalmente hasta los mismos sabedores de la causa se espantaron: La historia de Carlote y Valdovinos es sabida de los niños, no ignorada de los mozos,

celebrada y aun creída de los viejos, y con todo eso no más verdadera que los milagros de Mahoma».

Otra fuente de elegancia en el estilo del *Quijote* es la forma de frases que da Cervantes a los epítetos, como cuando dice: «Oh sobre las bellas bella Dulcinea del Toboso: El siempre vencedor y jamás vencido timonel de Carcajona: La sin ventura hasta que tú quieras y desdichada Dorotea: La por mí y no por él engañada Antonomasía.» Y otra es el hipérbaton con que comunica al castellano algo de la flexibilidad de las lenguas clásicas, y en cuya virtud nuestro romance brilla a veces con tornasol de belleza y ostenta juegos parecidos a las aguas de una piedra preciosa, cual se ve en estas expresiones: «Así era discreta como bella y era a más bella de todas: Los consejos y la compañía del maestro le fue y le fueron de singular provecho: No es otra mi desgracia ni mi infortunio es otro: Os juro por aquella enemiga dulce mía: ¿Pues qué cuando prometen al fénix de Arabia, la corona de Ariadna, los caballos del sol, del sur las perlas, de Tíbar el oro y de Pancaya el bálsamo»?

Con crítica de taracea, como la de aquel que tiene que suplir con la paciencia la falta de ingenio, hemos probado a delinear los caracteres de los dos principales personajes del querido libro de Cervantes, así como su literatura, lengua y estilo. Ahora, para concluír, séanos lícito agregar dos palabras sobre la persona del autor, esto es, sobre su ingenio literario, sobre su genio moral y sobre las acciones que más brillan en su vida pública.

Así como el *Quijote* ha sido objeto de exageradas alabanzas, atribuyéndole algunos un significado oculto y maravilloso y considerándolo como cifra de todos los conocimientos, así Miguel de Cervantes Saavedra ha sido calificado como hombre de ciencia infusa y de virtudes de santo. Estas opiniones, tan perjudiciales al crédito del libro como a la gloria del autor, pues toda exageración provoca reacciones en sentido contrario, filizmente están hoy reemplazadas por la sentencia de una crítica ilustrada, justa y tranquila.

El *Quijote* no es la suma ni el talismán de todas las ciencias, sino la primera de las novelas que posee la litera-

tura universal; y Cervantes no fue el sabio inspirado ni el santo canonizable que algunos piensan, sino simplemente un hombre de bién, un sujeto ilustrado, un gran patriota, un buen cristiano y un republicano benemérito, en el sentido que los antiguos daban a esta palabra, usándola como sinónimo de amigo y servidor de la causa pública.

La figura de Cervantes, tiene sin embargo, tanto en lo intelectual como en lo moral, lados que lo presentan como héroe extraordinario por sus virtudes y por los talentos de su ingenio sublime. Estuvo en Navarino y asistió a la batalla de Lepanto, levantándose del lecho donde yacía postrado de fiebres para ir a pelear cuerpo a cuerpo en el esquife de un navío, donde perdió una mano y recibió dos arcabuzazos en su noble pecho. Ejecutó durante cinco años la hazaña seguida de conspirar casi constantemente por la libertad de sus hermanos y compañeros de cautiverio, desafiando las iras de los más crueles tiranos y exponiéndose, él sólo al suplicio y a la muerte. Como escritor produjo entre varias obras de fama imperecedora una que se califica como la primera entre todas las de su clase y que forma las delicias de las naciones cultas.

De este modo Cervantes ha merecido y conquistado un lugar entre los pocos ingenios que ocupan la cumbre del Parnaso, lugar que nadie le disputa y que le reconoce la verdadera crítica después de una observación de tres siglos. Su reputación se acrecienta y enaltece, en vez de rebajarse y disminuír, pues no sólo subsistirá para siempre en el *Quijote*, sino que se halla físicamente vinculada a un hecho que puede durar indefinidos siglos. Ese hecho es un fenómeno material y espiritual que constituye el medio de que se sirven muchos millones de hombres para expresar sus ideas y sentimientos en una grande extensión de la tierra; ese hecho es una lengua no nacional, sino imperial; esa lengua es quizá la segunda entre todas las que hablan los hombres civilizados, la lengua castellana, de cuyo caudal opulento es uno de los principales ingresos la obra maestra de Miguel de Cervantes Saavedra.

La fama y la gloria de Cervantes están fincadas en un libro, pero lo están de un modo especial y mucho más vivo

en esta rica y majestosa lengua y subsistirán mientras ella se agite en el ambiente que bulle y discurre por los montes y valles de la noble España, por la tierra que dominan y riegan las cordilleras y ríos gigantescos de América, y por muchas de las islas que tachanan las llanuras de ambos Océanos. Trescientos años han corrido ya después de la muerte de Cervantes, y cada sol que durante ese tiempo ha pasado sobre el mundo ha echado menos el sepulcro del grande hombre, pero en compensación ha hallado su gloria cada día más luminosa.

He dicho.

MARCO FIDEL SUAREZ.

SPINOZA

(Continuação)

CAPITULO III

A VIDA SOLITARIA E OS PRIMEIROS TRABALHOS PHILOSOPHICOS

XIX

Spinoza, portanto, em virtude da excommunhão, se encontrava de todo apartado da communidade judaica; não era mais possivel uma ponte, um traço de união entre elles.

Ao excommungado só lhe restava encetar a propria vida com independencia e confiança em si mesmo, concentrando-se no seu *eu*, afim de poder meditar profundamente sobre a propria comprehensão dos altos problemas philosophicos.

Desdenhando as polemicas religiosas, abandonando familia, amigos, raça e nação, para simples e obscuramente viver dentro do proprio pensar, mostrou Spinoza, no seu modo de proceder nessa emergencia, quão grandes são as forças da cogitação bem orientadas.

Elle não tinha mais a religião dos seus paes, nada significando para elle as outras confissões, fôssem ellas quaes fôssem.

Desdenhando as improficuas e inuteis polemicas religiosas, abandonando raça e nação, para simples e obscuramente viver no imo do proprio pensar, mostrou o philosopho, no seu modo de

proceder, na emergencia da excommunhão, a sua grandeza de convicções e a sua admiravel firmeza de animo.

Tendo deixado atrás de si os preceitos religiosos que lhe haviam inculcado desde a infancia, não tinha nem enthusiasmo nem mesmo a minima inclinação para se abraçar a quaesquer outras confissões ou seitas, que para elle nenhum interesse moral ou intellectual poderiam offerecer; e nem mesmo calculos de posição social ou de qualquer lucro pecuniario poderiam desvia-lo da sua recta e rigida via de pensar transcendente.

Esse modo de ser e essa sua firmeza de proposito determinaram, depois de pronunciada a sua excommunhão, a inteira vida ulterior do philosopho até seu ultimo suspiro.

Obrigado a ganhar os meios de subsistencia, e com o intuito de se não constituir devedor á pessoa alguma, aproveitou a habilidade que adquirira na escola dos rabbinos, fazendo-se polidor de vidros opticos.

E é certo que neste mister adquiriu proficiencia extraordinaria, a julgar pelos pareceres dos famosos Huyghens, Leibniz e Uddenius.

Seja-nos permittido explicar a razão por que quis o nosso philosopho seguir o referido officio, o qual, apezar de demandar conhecimentos scientificos, mormente geometricos e mathematicos, é, antes de tudo, mecanico.

Determinava, porém, aos seus estudiosos o Talmud que, além de sua applicação aos problemas da Lei, da Thora, aprendessem e praticassem uma arte mecanica qualquer que lhe aprouvesse; porque, era essa a sua theoria, ao mesmo tempo que distrahe do peso da cogitação, os afastados prazeres mundanos, e, simultaneamente, lhes permitte attenderem ás exigencias da vida material.

Era, pois, uma medida de impecilho á negligencia e á dissipação.

Dado o espirito de escol de Spinoza, não se tornava mister impor-lhe tal regra: contra elle não era necessario cogitar-se de taes meios de correcção.

Elle, porém, estabeleceu comsigo mesmo ser-lhe util e precisa uma occupação, a qual, dando-lhe os meios de vida e subsistencia,

que lhe permittia entregar-se desembaraçadamente aos altos problemas especulativos.

E nesse officio mecanico adquiriu reputação que traspassou os limites do seu país, conforme affirmam os coevos.

XX

Com taes resoluções tomadas com mente deliberada, resolveu Spinoza retirar-se da Cidade de Amsterdam e, escolhendo para a sua moradia um dos suburbios da mesma Cidade, nelle permaneceu durante quatro annos.

Mudou-se posteriormente e installou-se em localidade vizinha de Amsterdam, denominado Rynsburg, d'onde, depois de uma moradia de quatro annos, se transferiu para outro suburbio, Voorburg, onde viveu muito tempo.

E finalmente fixou-se definitivamente na Haya.

E' um pouco fastidioso enumerarmos as localidades que mencionámos ; era-nos, porém, necessario fazer ; pois que, quando Huyghens se refere ao « Juif de Voorburg » (Van Vloten II, pag. 315) ou quando uma carta é destinada ou endereçada por elle, sempre procuramos o lugar para onde foi mandada ou aquelle donde procedeu. Prosigamos, porém. A vida do pensador era tão solitaria que se poderiam enumerar em poucas linhas os nomes dos amigos que lhe frequentavam a casa ou com elle se correspondiam.

Alguns delles se interessavam pêlas sciencias, das quaes Spinoza era assiduo cultor ; outros desejavam conhecer as suas opiniões religiosas e politicas.

Entre esses amigos, seja-nos licito citar Simão de Vries, um dos mais fervorosos admiradores do philosopho, e Luiz Mayer, que foi editor das obras postumas de Spinoza.

Ainda, entre outros, poderiamos mencionar Bresser e Scheller, estudantes de medicina. E ainda Alberto Burgh, cuja conversão ao Catholicismo occasionou uma interessante troca de cartas entre elle e Spinoza, ás quaes nos teremos de referir com minucia em tempo.

Os amigos de Amsterdam constituiam, no que dizia respeito a Spinoza, uma especie de escola, á qual elle transmitia as suas lições.

Além dêsses aos quaes indubitavelmente podemos chamar de discipulos e aos quaes communicou as primicias de suas doutrinas, encontrou tambem amigos entre membros das seitas Mennonita e Arminiana, entre elles, Jarrig Jellies, de quem constam cartas na collecção epistolographica de Spinoza, e o livreiro Jan Riemwertz, que lhe publicou as obras, editadas em vida, sómente com excepção do *Tractatus Theologico — Politico*.

Os Arminianos, mal vistos pêla egreja official Hollandesa, viviam em retrahimento bem comprehensivel, em communidades. Tinham sido excommungados por um Synodo de Dordrecht, no mesmo anno em que a Synagoga enhermára o nosso philosopho ; e successivamente um outro Synodo prohibiu a leitura das obras de Descartes.

Comprazia-se Spinoza no convivio com a mansidão e a humildade dêsses sectarios que não faziam questão nem de dogmas nem de sacerdotes, mas viviam pacata e honestamente em suas communidades ; nelles não teve écho a noticia da excommunhão de Spinoza.

JANUARIO LUCAS GAFFRÉE.

NOTA DA REDACÇÃO — Este trabalho fica interrompido pela morte de Januario Lucas Gaffrée. De seu talento e da sua capacidade philosophica dirá num dos proximos numeros nosso collaborador Jackson de Figueiredo.

PROBLEMAS DE NUESTRA AMÉRICA

LECTURAS DE BUNGE Y RODÓ

I

Carlos Octavio Bunge estudia en su libro *Nuestra América*, de sobra conocido por las varias ediciones que ha alcanzado, el problema sociológico de la América hispana, y atribuye a la pereza el origen de todos los vicios de la raza. La raza hispanoamericana, producto de tres razas inferiores, lleva sobre sus hombros un cúmulo de herencias fatales. Los españoles, que abundan en rasgos típicos de cáracter, aportaron a la nueva raza *arrogancia* e *indolencia*; los aborígenes, *resignación*, *pasividad* y *venganza*; y los africanos, *volubilidad* y *servilismo*. De la amalgama de esas tres razas ha resultado el tipo hispanoamericano, en el cual predominan como *rasgos comunes*, fundamentales, la *pereza*, la *tristeza* y la *arrogancia*.

La pereza — dice Bunge — se manifesta de dos maneras: la absoluta inacción es la una; la falta de disciplina, de método e higiene en el trabajo, es la otra. Unos no trabajan; otros trabajan mal. La *pereza colectiva* manifiesta su influencia donde quiera que hay un mal: pereza de la sensibilidad y la

imaginación es la falta de ideales; pereza de la voluntad, a falta de iniciativas prácticas; pereza de la inteligencia, la ausencia de originalidad, de previsión y de precisión; pereza de los músculos, la decadencia física; pereza en el ejercicio de los derechos y deberes políticos, las ridículas parodias de la democracia, que el pueblo, por no tomarse la tarea de fiscalizar y dirigir, acepta; pereza el odio al extranjero, porque comprenderlo e imitarlo serían trabajo; pereza el culto del coraje, porque ninguna hazaña exige menos esfuerzo que las impulsivas de la cólera y la propia defensa; pereza la mentira, que es un continuo engaño de acomodamiento a una inacción instintiva, el *dejar-hacer* transformado en *dejar-fingir*; pereza la inacción; pereza el orgullo; pereza, en fin, el aticismo criollo, la espiritualidad sutil que exige menos esfuerzo a la imaginación que la firme actividad del pensamiento entregado al estudio de arduos problemas.

Esa pereza imaginativa se manifiesta, en la literatura hispanoamericana, aniquilando la alta labor del pensamiento y creando una legión de escritores estérilmente fecundos, « banqueros de palabras y mendigos de ideas », que hablan y escriben porque ello no exige gran esfuerzo intelectual, pero que no piensan. ¡Y el público hispanoamericano, indolente y apático, sanciona con su aplauso esa labor ligera e infecunda porque hay menos esfuerrzo en deleitarse con la lectura de frivolidades espirituales que en comprender una alta concepción del espíritu humano!

La tristeza, dolencia de los agotados, es hija de la pereza: un individuo laborioso y activo, absorto en su trabajo, aunque se sienta herido por la adversidad, lleva en su pecho un ruiseñor; en tanto, aquel que charla y ríe constantemente en los cafés, lleva en sí la tristeza y el tedio de la vida. La herencia, ¡siempre la herencia! nos trajo en sus entrañas la tristeza: triste y resignada era la raza de los aborígenes; triste era la española conquistadora, en al cual la vieja risa goda y la franca alegría morisca fueron extirpadas por la Inquisición; triste era la raza africana, que aunque alegre en su tierra nativa, fué agobiada en América por los rigores de

la esclavitud. Por eso nuestra raza lleva en sí la tristeza, diosa de la derrota, que agota el ánimo de la producción y el trabajo.

La arrogancia, valor de los vencidos, herencia directa de la raza hispana, es hija también de la pereza, porque generalmente es una faz de la mentira: es el orgullo de la pereza, el alarde de una fuerza que no se posee, de una superioridad ficticia. El soneto *Soy español*, de Enrique de Alarcón, es magnífico para señalar ese rasgo típico de la raza.

Bunge se extiende sobre la faz más peligrosa de la pereza: la inacción o inconsciencia del pueblo respecto a sus derechos, origen de innobles e injustificadas preponderancias que él llama *caciquismo*. ¡Aún perdura, con el antifaz de república, el *caciquismo* indigena! Verdaderos *caciques* son los hombres que gracias a un golpe de estado ó a un ridículo sainete electoral, escudados siempre en la fuerza o en su prestigio personal, ocupan incesantemente en América, por largo tiempo, la cumbre del poder público. En muchas repúblicas hispanoamericanas los partidos o agrupaciones políticas son esencialmente personalistas, y siempre tienden al encumbramiento de determinado prestigioso caudillo, que una vez en el poder es el cacique omnipotente, pero no al triunfo de principios liberales o democráticos. Bunge presenta y estudia tres diversos tipos de *caciques*: Rosas, el cacique sanguinario; García Moreno, el cacique inquisidor; y Porfirio Díaz, el cacique progresista, como los más salientes ejemplos del caciquismo de América (1).

El origen del régimen de caciquismo está en la pereza colectiva del pueblo; el pueblo tiene en sus entrañas la aspi-

(1) En el libro de Bunge figuran unos párrafos, falsamente attribuídos a Tolstoy, en los cuales se hace un elogio fervoroso de la labor política de Porfirio Díaz. Los párrafos attribuídos a Tolstoy fueron escritos por el señor Adolfo Carrillo, mexicano, por mero pasatiempo, y publicados con la firma de Tolstoy para ganar una apuesta que el señor Carrillo hizo con otro periodista respecto a que el público no pondría en duda el origen del artículo. El propio señor Carrillo se encargó de referir el caso en un periódico mexicano, en el año de 1908, y el autor de estas líneas, que a la sazón se encontraba en la jefatura de redacción del diario bilingüe *The Monterrey News*,

ración de ser bien gobernado, pero no es capaz de realizar el trabajo de opinión que sirva de orientación a sus destinos, ni de imponer el libre ejercicio de sus derechos. Prefiere descansar a la sombra de los árboles, bajo el gran sol ardiente, conseguir sin grandes afanes el sustento diario, y dejar que se consume la parodia de la democracia.

Todos los progresos y todas las decadencias — sigue diciendo el escritor argentino — pueden reducirse a la mayor o menor actividad de los pueblos. El trabajo es progreso, la pereza es decadencia. El europeo, a la inversa hispanoamericano, es activo y alegre. La civilización es la riqueza; la riqueza es el trabajo; el trabajo es el frío. La razón de nuestra decadencia está en la pereza para el trabajo. ¿Es incurable el mal? ¡No podemos cambiar de clima ni transvasarnos la sangre! Necesitamos *europeizarnos*; ¡europeicémonos por el trabajo! Cortemos radicalmente el cáncer que nos roe las entrañas. Mientras no dominemos nuestra pereza idiosincrática, América no podrá tomar un firme derrotero en la civilización.

Tales son, en síntesis, y condensadas en lo posible con sus propias palabras, las ideas que expone Carlos Bunge en *Nuestra América*. Señala el mal, exagerando su intensidad, según dice Rafael Altamira, y esboza vagamente el medio de curación. Europeicémonos por el trabajo, démosle carácter a nuestra civilización. Pero, ¿cómo?... José Enrique Rodó había indicado antes, en su libro *Ariel,* que ya ha alcanzado diez ediciones, la necesidad de un ideal de civilización y de raza en la clase dirigente. De las diversas fases de la pereza, la primera que debe desaparecer es la intelectual; y puesto que pereza de la imaginación y la sensibilidad es la falta de ideales, es necesario, ante todo, que la clase dirigente adquiera esos ideales y, arrojando en el fecundo surco de la muche-

en Monterrey, capital de Nuevo León, comentó el hecho en las columnas de dicho diario. Por más que nunca se encontrará en ningún volumen de Tolstoy el artículo que fué el fruto de esa superchería, pues se publicó en periódicos de la América española, no está de más dejar diáfanamente aclarado de nuevo el punto, ya que el propio Bunge fué llamado a engaño.

dumbre la simiente redentora, trace la vía segura y franca de la civilización robusta sobre la cual debe descansar nuestra América en el porvenir.

II

Tenemos una gran tradición étnica que mantener, dice Rodó en *Ariel*. La América hispana está llamada a levantar el crédito de su raza, y para esa empresa magna necesita grandemente de su juventud.

Toca a la juventud intelectual embrazarse a un ideal de civilización. La juventud, que posee las fuerzas nuevas; la juventud, cuya voluntad no está aún definitivamente quebrantada, debe compenetrarse bien de la ímproba labor que le toca realizar, frente a la muda esfinge del tiempo que no espera. La masa ignorante necesita instrucción; la clase dirigente necesita ideales. A la juventud intelectual, llamada a formar en su día la clase dirigente, predica Rodó la necesidad de mantener un ideal de raza y un concepto alto y definido de la civilización.

Para el sostenimiento de ese ideal invoca Rodó, como fuerzas poderosas, las prendas del espíritu joven: el entusiasmo y la esperanza. El entusiasmo y la esperanza, padres de la alegría, presidieron la civilización adorable de la Grecia antigua. Esa civilización enseñaba a cultivar no un solo aspecto, sino la plenitud del espíritu, y a no despreciar ninguna noble y fecunda manifestación de la naturaleza humana. La belleza incomparable de Atenas — agrega Rodó — nace de que esa ciudad de prodigios fundó su concepción de la vida en el concierto de todas las facultades humanas. Atenas, a la vez, con su *ocio griego*, con la reflexiva tranquilidad del pensamiento, enseñaba a cultivar como un sagrario el reino interior, que debe ser estancia impenetrable y nunca profanada de lo más íntimo de nuestro ser.

Aboga Rodó por el sentido del cultivo estético, del buen gusto, como « rienda firme del criterio ». El sentimiento de la belleza es una gran cualidad para el bien. El que sepa distinguir lo delicado de lo vulgar, lo feo de lo hermoso, fácil-

mente distinguirá lo malo de lo bueno. La doctrina de Jesús no era nueva, pues que podía reconstituirse sin salir de la moral de la Sinagoga; pero su gran influencia benéfica viene de que él hizo sensible con su prédica la belleza íntima, la poesía del precepto.

Luego se extiende el escritor uruguayo sobre el desbordamiento del utilitarismo en el siglo XIX, atribuyendolo a la muerte de muchas idealidades por los adelantos de la ciencia de la naturaleza y, principalmente, por la universal difusión y el triunfo de las ideas democráticas. Ciertamente que no debemos, con Renán, condenar la democracia como el guía que lleva a la humanidad hacia lo mediocre y lo utilitario, ni debemos creer que los *intereses ideales* de la especie son opuestos a ella; pero es necesario evitar que la democracia mal entendida autorice el desenvolvimiento de todas las ambiciones individuales, con lamentable perjuicio para la alta cultura. Dentro de la universalidad e igualdad de derechos hay que mantener muy en alto la noción de las legítimas superioridades huamnas. América es buen ejemplo de los daños causados por la democracia mal entendida, porque las injustificables y innobles supremacías del *caciquismo*, que denuncia Bunge, no tienen otro origen. La mediocridad predominante odiará el mérito como una rebeldía y consagrará al pontífice « cualquiera », coronando al monarca « uno de tantos ». Hay que evitar los perjuicios que ocasiona la mediocridad envalentonada por la nivelación y la irresponsable tiranía del número.

Pero es innegable que la democracia y la ciencia son y deben ser los grandes factores de la civilización moderna; hay que *educar* la democracia, haciendo concebir a las masas la noción de las superioridades verdaderas. La selección es una necesidad social. Dentro de la democracia debe quedar al alcance de todos el desarrollo de la inteligencia y debe despertarse el sentido de la emulación, demonstrando que los más aptos y los mejores han de obtener el premio de la preponderancia. Asimismo los « mejores » deben saber que esa preponderancia les ha sido concedida para hacer el bien de los demás, que esa superioridad moral debe ser, también, superior capacidad de amar.

Continúa Rodó diciendo que la concepción utilitaria, como idea del destino humano, y la igualdad en lo mediocre, como norma de la proporción social, componen, íntimamente relacionadas, la fórmula de lo que ha solido llamarse en Europa el espíritu de « americanismo ». Los Estados Unidos de Norte América, que encarnan el verbo utilitario, ejercen una conquista moral, pacífica, sobre los países hispanos del Continente. Esa conquista ha invadido el campo económico y, por último, el campo político. La admiración por su grandeza y por su fuerza es un sentimiento que se difunde cada día más, a pesar del recelo que ese mismo poderío pueda inspirar. Es necesario oponerse a que por ese camino lleguemos a la *deslatinización* de nuestra América (2). No son los Estados Unidos el modelo absoluto, ni mucho menos el único, que debemos seguir. América debe alimentar en el seno de su civilización un formidable espíritu de perfectibilidad y un alto ideal de elevación intelectual, dentro del genio propio que le señalan su tradición, su historia y su cultura.

Es innegable que los americanos del Norte tienen el sentido absoluto, innato, de la libertad; han demostrado, nuevos Robinsones, la virtud y el poder del trabajo; han hecho del espíritu de asociatión el instrumento de su grandeza y de su imperio; han hecho de la escuela un taller prodigioso; tienen el culto de la destreza, de la fuerza, de la voluntad, y de su civilización en vías de desarrollo se desprende una nota de salud y de fe.

No es en esa civilización donde podemos encontrar la imagen perfecta, el modelo de lo que debe ser la nuestra. Por centuplicar la actividad del trabajo y del espíritu utilitario, los norteamericanos han descuidado otros aspectos de la civilización contemporánea. La civilización de aquel pueblo, por

(2) Sin necesidad de referirnos á problemas étnicos, dentro de los cuales sería candoroso llamar « latinos » a los hispano-americanos, cabe hablar de « deslatinización ». La cultura, el espíritu, la tradición y, en fin, la civilización de los hispano-americanos, son *latinos*. Romper con esa cultura, con ese espíritu, con esa tradición, con esa civilización, es obra de « deslatinización ».

asombrosa que sea, es hoy solamente *voluntad* y *utilidad*; es hasta ahora, ha dicho Rodó, un boceto tosco y enorme que ha de pasar por sucesivas rectificaciones. Aquel titánico organismo social tiende a ser y es también, en gran parte, inteligencia, sentimiento, idealidad; pero no lo tomemos como guía; asimilemos solamente sus rasgos más valiosos para la finalidad de una civilización firme y ecléctica.

Toda civilización tiende a producir un fruto de alta cultura que ha de pasar, consagrado, a la posteridad. América debe fundar su civilización, perdurable y fuerte, sobre la base de un grande ideal que se abra como flor de gloria a los besos del sol del porvenir.

III

En *Nuestra América* señala Carlos Octavio Bunge graves males, y sólo esboza el remedio. En *Ariel*, José Enrique Rodó predica un noble ideal a la juventud y formula un definido concepto de lo que debe ser nuestra civilización.

Bunge señala los males típicos de la raza: pereza, tristeza y arrogancia. Rodó, sin aludir a la existencia de esos males, predica el cultivo asiduo y especial de la intelectualidad, porque la primera actividad que debe suscitarse es la de la inteligencia, que es la más alta. ¡Extirpemos la pereza, estimulando el desarrollo de las actividades intelectuales y físicas!

Rodó predica la imitación de Atenas, el cultivo del entusiasmo y la esperanza. ¡Dominemos la tristeza con una sonrisa de esperanza que recuerde la cultura helénica!

Por último, Rodó, manifiesta el ideal de una democracia justiciera, que establezca las legítimas superioridades humanas, pero donde toda superioridad sea reconocida como superior capacidad para el bien y el amor de todos. ¡Desterremos la arrogancia, estableciendo un orden social basado en el reconocimiento de las superioridades legítimas!

La voz de la civilización imperiosamente nos llama. Tenemos sobre nuestras espaldas el peso abrumador de cuatro siglos ávidos de luz. No es hora de descanso estéril ni de

adormecimientos infecundos. La roja aurora del porvenir inunda los cielos con fulguraciones trémulas, y los primeros rayos de luz caen sobre terrenos sin cultivo. Es hora de arar la tierra y arrojar la simiente en el fecundo surco.

MAX HENRIQUEZ UREÑA.

MACHADO DE ASSIS

« Sed nil dulcius est, bene quam munite tenere
Edita doctrina sapientium templa serena,
Despicere unde queas alios, passimque videre
Errare, atque viam palantes quærere vitæ,
Certare ingenio, contendere nobilitate,
Noctes atque dies niti præstante labore
Ad summas emergere opes, rerumque potire.»

Foi o sabio Lucrecio quem escreveu esses versos, olhando o mundo romano, do alto do outeiro de sua sabedoria. E o conselho não foi em vão... Como de todos os grandes ensinos, delle bem poucos se aproveitaram e a tal ponto, que o delicioso recanto da superioridade se tornou o *habitat* dos grandes genios, dos espiritos de escól que, de lá, como Braz Cubas do polo, sonhado em seu delirio, vêm o grande lufa-lufa humano, o enorme transcorrer dos seculos.

Ahi se recolhem, os que, comprehendendo não valer corrigir o mal, se convencem, antes, de sua necesisdade e de que a vida vêm dos sentimentos oppostos, por isso que, não raro, o mau é bom e vice-versa, á maneira dos olhos, que o vêm e das almas, que o sentem.

O melhor é a duvida, que o sorriso exprime em feição de graça e bom humor.

Porque, ao fundo, a suprema sabedoria está em saber acceitar a contingencia: mais vale o vencido, que busca tirar proveito da derrota, que o vencedor, que malbarata o triumpho.

Não ha vicio, como não ha virtude, só existe o viver e somos nós, que fazemos boas e más as acções. O leitor que se recorde quanta vez, agindo hoje, como fizéra hontem, foi tido por virtuoso do mesmo acto censurado na vespera; e ainda, num só dia, não vos aconteceu se unirem, em torno de um proceder, louvores e reprovações?

E' que a variante caracteriza os homens, não é só um deleite do proverbio latino, senão necessidade das mais necessarias.

Ainda bem. Deus, não fazendo duas almas eguaes, semeou a disputa, entre os homens, que é a mais deliciosa das cousas e o motivo supremo do tédio não anniquillar com tudo. A constancia cança em sua monotonia e pouco importa que tudo se repita, dês que a segunda aprezentação varie da terceira, como da primeira.

Tem de ser mesmo assim; « é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal », que, « acaba por trazer á alma do mundo a variedade necessaria, e faz-se o equilibrio da vida ».

O que é preciso é mudar, e o homem, comprehendendo á maravilha, esse proprio sentir, começou por si mesmo.

Não só da mulher deveria Virgilio ter dito: *varium et mutabile*, mas de tudo que existe neste e nos outros mundos, si é que nelles ha habitantes, e nos são semelhantes. Dahi, ser o homem o mais interessante dos seres, porque é o mais mutavel. Não é que hoje elle seja diverso, no fundo, dos seus primeiros, mas vae fazendo o mesmo, o mesmissimo, em fórmas outras, modos diversos.

E muda tudo: os regimens, como os costumes e nem melhoram aquelles, nem peioram estes, mas basta a idéa de lhes trocar os nomes para valer revoluções, onde muito sangue corre, em torno de um erro, que não é mais prejudicial ao mundo, que o anterior, pela razão de, em essencia, ser o mesmo.

E para que tudo isso? para o homem correr « deante da fatalidade das cousas atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho do impalpavel, outro do improvavel, outro do invisivel, cozidos todos a um ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura — nada menos que a chiméra da felicidade — ou lhe fugir perpetuamente, ou deixar-se apanhar pela fralda, e o homem a cingir ao peito, e então ella vir, como um escarneo, e sumir-se como uma illusão.»

Não, não vale avisar... Já no *Ecclesiastes*, Salomão escrevera: *nil novi sub sole* e, todavia, não passa hora sem que o homem busque cousas novas e, si não encontra (como de facto acontece), elle as inventa ao sabor de sua imaginação, cheia de recursos.

Por fim, tudo está bem e o mundo muito bem feito. Não vale pensar que vos digo sem convicção, senão ouvi essa historia, a mim contada: um hespanhol concebeu reformar o Universo e, por fim de innumeras locubrações, encontrou a solução formidavel. Foi ter, com seus amigos e lhes explicou que o certo seria collocar a noite antes e não depois do dia. Um garoto, que, por accaso, parou a ver a reunião, mal ouviu a exposição do sabio, gritou: *Es lo mismo!...* e desandou a correr.

A verdade é que, infelizmente, todos os homens são como este nosso hespanhol e suas doutrinas não valem mais que a descoberta delle. Variando o conceito, que tinha da ordem das cousas, acreditou decifrar o enigma eterno, todos assim o fazem, talvez com menos ridiculo, nunca com mais verdade.

O mundo está muito bem feito, é, quasi sempre, a conclusão primeira dos que sobem ao templo de Lucrecio. Receber tudo com um sorrizo e não desesperar nunca... Observar sorrindo, porque a ironia é indulgente, como affirmou Machado de Assis, que foi um dôce companheiro do auctor do poema da Natureza, no isolamento dos semi-deuses, si me permittis o elogio, com que separo da immensa especie os que, da altura, contemplam a humanidade, a fazer « philosophia desegual, ora austera, ora brincalhona, cousa que não

edifica nem destróe, não inflamma nem regela, e é mais que passa tempo e menos que apostolado.»

Machado de Assis, vendo na vida a tragedia do não-conseguir, se resignou a acceital-a, como se nos dá, evitando a derrota por fugir á luta e desprezando a victoria por descrer da peleja.

Isto é a solução do conselho de Rabelais: *vives bien!*, dito entre o estrilhar de uma gargalhada, em que apurava sua sensibilidade.

Nesse sentido, Machado de Assis viveu deliciosamente.

Eu creio não andar longe do razoavel, si vos disser que Machado teve a philosophia daquelle «pobre diabo», que dormia á porta da egreja de São Francisco de Paula e que, roto, andrajoso, immundo, mirava o «céo estrellado, socegado, olympico» e, por elle, era fitado «numa especie de jogo de sizo, com certo ar de majestades rivaes e tranquillas, sem arrogancia, nem baixeza, como se o mendigo dissesse ao céo:

«Afinal, não me has de caír em cima.

E o céo.

— Nem tu me has de galgar».

Assim o grande escriptor recebia a existencia, crendo nas possibilidades reaes, desprezando os devaneios da imaginação e, fosse mendigo ou céo, se contentaria tanto de seus farrapos, quanto de seu manto azul ponteado de mundos brilhantes.

Não teve, é certo, a philosophia de Quincas Borba, que «a dôr é uma illusão», mesmo porque poderia soffrer a terrivel refutação que Mr. Longuemare fazia aos stoicos, em lhes provando que Zenon «était un imbécile».

De facto, estamos convencidos, o leitor e eu, que, sob as pinças do famoso René de Longuemare, como suas rãs, desprezar a dôr seria «une affectation insipide» e que Machado de Assis não discordava delle, julgando-a necessaria á salvaguarda dos seres, talvez por outros motivos mais subtis que: «si par exemple, la flamme ne nous causait pas, dès la première atteinte, une excitation intolérable, nous nous rôtirions jusqu' aux os, sans nous en apercevoir». E Machado foi dos que nascem sob o influxo da dôr, que recebeu num sorrizo,

com essa suprema serenidade de « philosophia do supremo desengano, em que a duvida é menos que duvida, pois desapparece na certeza do irreparavel », nas bellas palavras de Alcides Maya.

O desengano era visto com harmonia e equilibrio, mais ainda, com justeza.

« O mundo era estreito para Alexandre, um desvão de telhado é infinito para as andorinhas. »

O conceito vale por todos os commentarios e os despensa desde logo.

Por isso, esse bom senso em receber a vida por que modo se apresentasse, mudava seu pessimismo numa ironia, toda piedade, com que dizia o ridiculo da enormissima farça, que levamos a representar, talvez á maneira de opera, como queria aquelle maestro amigo de D. Casmurro.

E se vae passando (o necessario é passar), cada qual a querer sua chimera e a illudirmo-nos, uns aos outros, como aquelles sabios de Lião, que, separados tinham seus collegas por « camellos » e juntos, cantavam — « Gloria a nós que somos o arroz da sciencia e a claridade do mundo! »

Tudo se quer pelo desejo do inédito e quando saciada a vontade se prefere a situação anterior. O leitor se recorda do « Capitulo dos Chapéos »?

Marianna pedíra ao marido trocasse o chapéo, que lhe servía ha cinco annos, ou mais, e, como lh'o não prometesse o consorte, ella soffreu, quiz se vingar, alliou-se a uma amiga, fez tolice e o chamou de *aquelle senhor*.

Pois bem, quando á tarde o marido lhe appareceu de chapéo novo Marianna, em caricias, lhe pediu «...bota este fóra, antes o outro.»

Quantas vezes tendes agido como a mulher deste bacharel? (esqueceu-me de dizer que o dono dos chapéos era bacharel).

E agimos todos nós por essa mesma maneira — contentai-vos com isso —, porque levamos a girar em torno dos mesmos pontos e, quando somos da esquerda para a direita, volvemos ao contrario para, de novo, voltar e assim, de cá para lá e de lá para cá, não saimos do mesmo logar.

Foi quanto comprehendeu Machado de Assis e recebeu a vida, á maneira do gyro que dava, e nunca tentou dizer-lhe que errava, evitando, comtudo, affirmar que acertava. De resto, sabia lá elle? Tenho que duvidava...

Duvidas ha, porém, que torturam: a dos que buscam acertar, mas a de Machado de Assis não era dessas, porque estava convencido de que a verdade é uma illusão instavel e se não deu ao trabalho de procural-a.

Accresce que era cordato, como o Conselheiro Ayres: « tinha o coração disposto a acceitar tudo, não por inclinação á harmonia, senão por tédio á controversia ».

Queria o homem para observal-o, não para se entreter com elle, mesmo porque nada ha de mais desagradavel que seu convivio: se nos são eguaes levam-nos ao tédio, se superiores inspiram despeito e odio, se inferiores suggerem temor.

O melhor é viver á parte e duvidar delles.

Já sei que ides objectar-me que Flora morreu de duvida e que, pela duvida, o Dr. Felix renunciou a felicidade; mas, não só eram duvidas mais objectivas, bem como eu sei que esse estado nos espiritos medios e frageis é o anniquilamento.

A de Machado de Assis, porém, era superior e fina, como a de Anatole France, posto com muito mais amargor...

D. Casmurro supportou o adulterio de Capitú com outro desespero e tortura que, em mesmas circumstancias, soffreu Mr. Bergeret. Influencias, talvez, de espirito mais culto, mas, para mim, não creio na acção dellas, sobre um homem em tal estado.

E' que Machado de Assis tinha um estofo muito amargurado, mercê talvez de Schopenhauer, cuja moral lhe era cara e a leitura de seus livros uma predilecção. Tinha em seu gabinete o retrato do antipathico philosopho de Francfort...

A dôr de Machado de Assis se resolvia, comtudo, na placidez do desengano e a certeza quasi absoluta, do erro humano lhe não insuflava revolta, antes piedade, que se esvaía num sorrizo ironico.

Su'alma era triste, dessa tristeza da vida, que se lê atravez das retinas rebrilhantes dos humoristas, que está em Aristophanes como em Rabelais, La Fontaine, Molière, Sterne, Goethe, Anatole France, Machado de Assis. Mas, o triste que sorri affirma a superioridade de seu espirito, a alma se não entrega aos impetos proprios do desespero e se não choca na negação absoluta, descrê duvidando e foge de affirmar; não solta gargalhadas de despeito nem têm o choro convulso do desgraçado, o sorrizo a separa, desde logo, da vulgaridade. Machado com o mundo imperfeito não tentou melhoral-o, desenganado ao completo, foi um pessimista, sem forçar tudo á sua descrença, senão mostrando que, a elle, não escapa na vida quotidiana, mesmo num meio restricto, como o Rio de Janeiro, dos seus livros. Não creou maus pela maldade e não encheu de perversidade seus typos, mostrava, apenas, como o mal vém mesmo da natureza humana no seu viver simples, como a ambição brota em espiritos mediocres, o dever claudica em beneficio de um gozo, a incerteza devora os fracos, a inveja fareja aqui e acolá, as mulheres rezam e se entregam aos amantes, emfim, como a maldade se espalha por todo o ambiente, o ventila e o domina.

Machado de Assis nada censura, nos conta apenas, e deixa a vós, leitor, a conclusão; tirae-a a vosso sabor: louvareis a acção de Venancia, applaudireis o proceder de D. Casmuro, censurareis Braz Cubas... como quizerdes, nos seus livros o grande escriptor vos não peou o julgamento nem preconcebeu o espirito. Bem sabia com Anatole France que, no espectaculo da Humanidade «... il est fâcheux d'être le vers qui soulève le rire ou la colère».

Ficava com os materiaes, que lhe dava o mundo e, com elles construia a vida, não buscava mais que quanto tocava os sentidos, dahi reconhecer a enorme fragilidade que o entristecia e amargurava. O homem a correr e a correr não produz a perfeição, antes... muito antes, pelo contrario...

Braz Cubas inventariando, *post-mortem*, o que fizéra em vida depara com um saldo em seu favor por não ter tido filhos: «não transmitti a nenhuma creatura o legado da nossa miseria».

E Braz Cubas é quem está com a razão.

O fundo pessimista de Machado de Assis procede do observar perfeito de todo o ondular humano, ora mais alto, outras vezes mais afundado, mas sempre o mesmo, « as cousas deste mundo correm sempre pela mesma fórma », lá está escripto no meu Lucrecio.

O sorrizo foi de compaixão: ao pé do doente em delirio se lhe não deve contrariar o absurdo, que a febre obriga a dizer, antes fazer-lhe bom assentimento e boa cara.

Por essa fórma piedosa, Machado cuidou dos homens, com ironia «... elle est douce et bienveillante. Son rire calme la colère, et c'est elle qui nous enseigne à nous moquer des méchants des sots, que nous pouvions sans elle avoir la faiblesse de hair.»

Jamais Machado de Assis teve um laivo dessa fraqueza, jamais o odio lhe ensombreou uma pagina sequer. No grande espectaculo que Braz Cubas contemplou, em seu delirio, que viu, por toda parte, senão a dôr? e quando esta « cedia alguma vez, cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda ». E deante disso o delirante espectador se poz a rir, posto « de um riso descompassado e idiota ». Sim, porque, apezar de tudo, confessou que « a cousa é divertida e vale a pena.»

Não, não vos fieis sómente no que cito a guisa de completar meu pensamento, vade abrir o grande livro em seu cap. VII e relêde todo o delirio. Encontrareis o motivo da dôr de que procede o desengano de Machado de Assis e o porque de sua ironia.

Dessa visão foi que lhe nasceu a certeza do mal; « não é a occasião que faz o ladrão; o proverbio está errado. A forma exacta deve ser esta: a occasião faz o furto; o ladrão nasce feito ». E' que elle viu a maldade ingenita ao homem, tudo varía da opportunidade.

Vêde aquelle sacristão, que ficou com a nota de dois mil reis, que lhe deu, afinal, fortuna, Quincas Borba a furtar o relogio de Braz Cubas, que lh'o restituiu por fim, não em especie, desde que uma herança lhe deu melhoria aos dias, e este mesmo se deixando ficar com o embrulho de cinco

contos encontrado, ao passo que, na vespera restituia ao chefe de policia uma meia-dobra que achára na rua.

Pois nem a Providencia castigou o sacristão, nem Braz Cubas deu importancia ao furto do antigo collega, nem o destino impediu que o dinheiro encontrado servisse para beneficiar D. Placida...

Nessa feição de encarar a vida, como se nos dá, está o *humour*, a melhor das attitudes dos tristes, dos que têm a « ruga sardonica no coração ».

« A vida é boa » resumia Machado de Assis moribundo, toda sua philosophia. A questão é saber vivel-a, sem encarar todo gesto, como uma aggressão, ou uma caricia, mas como um gesto, sem ver em todo horizonte surgír um sol, ou descer uma noite, mas, de manhã a madrugada e á tarde o crepusculo, ver o mal como o mal e o bem como o bem, duvidando sempre para evitar o erro, emfim, não endeosando o homem nem o rebaixando a mais que o que nelle ha de divino e mesquinho.

Eu vos recordo daquele dialógo dos burros, que refere uma chronica de Machado de Assis: eram dois burros emparelhados; o da esquerda — um sonahdor, o da direita — um razoavel, posto tido pelo seu collega de lugubre. Porque? simplesmente pela razão de que emquanto aquelle — o da esquerda — acreditava na vida do burro tendendo ao idéal da liberdade, mercê da esperada « justiça deste mundo » que, em uma gratificação, premio, ou aposentadoria, lhe assegurasse a velhice, este — o da direita — o razoavel por estar convencido que « esperança é propria das especies fracas, como o homem e o gafanhoto » e que « o burro distingue-se pela sua fortaleza sem par » tinha a certeza mais segura que emquanto valesse physicamente (pois que sempre se despreza a intelligencia dos burros, excepção de alguns poetas) iria levando a vida a custa de chicote, no que « o homem tinha razão », e, por fim, apodreceria em qualquer terreno.

Pois leitor amigo, este burro da direita era um burro perfeitamente logico, não seria, quasi o affirmo, feliz, antes devera ser um triste, dessa nostalgia humoristica e bôa, dos que reconhecem a superioridade no sorrizo e, estou certo que, si os burros têm um sorrizo, este nosso receberia as lambadas

Pensemos como Braz Cubas: « estou farto de philosophias que me não levam a cousa nenhuma » e leiamos este grande livro que é a Natureza, onde tudo tem sua razão de ser e seu motivo e que nos ensina, nos melhóra, ao menos, nos consola.

O Dr. Fausto, mandando á breca philosophia, medicina, jurisprudencia, theologia, exclama «... si a Natureza te faz teu Mestre, em ti surgirá o poderio da alma, como um espirito respondendo a outro espirito ».

Já observaram o que se nos dá que estrellas não mais existam, si nós recebemos todas as noites seus raios fulgidos; e, com razão, consideremos nossos olhos da ventura de vel-as, porque são mais claros que as intelligencias dos astronomos, para quem ellas já se apagaram, de ha muito...

Machado de Assis não construiu seu mundo (todos nós temos o nosso) de frangalhos de esperanças, de crenças, de sonhos insuflados na vacuidade, fel-o com o que lhe deram, armou-o com graça, e, si o achou esdruxulo e grotesco, não o destruiu, ficou a mirar sorrindo, porque, ao fim, não ha duvida, « a cousa é divertida e vale a pena ».

Entristecia-lhe não poder creal-o sublime, mas, convencido da impossibilidade e desenganado, ficáva com o mal amanhado, que foi o melhor que poude conseguir. Com esse estado d'alma — vendo as cousas como são e as estrellas que, no céo, brilham — elle sorria, porque « a vida é boa ».

Ruy Barbosa — o grande Mestre — disse todo o espirito de Machado de Assis, nestes periodos lapidares:

« Nascido com uma dessas predestinações sem remedio ao soffrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltosos.

« A dôr lhe aflorava ligeiramente aos labios, lhe tocava de leve a penna, lhe reçumava sem azedume das obras, num scepticismo, entremeio de timidez e desconfiança, de indulgencia e receio, com os seus toques de malicia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as duvidas e as tristezas do artista. A ironia mesmo se desponta, se embebe de suavidade no intimo desse temperamento, cuja compleição, sem desegualdades, sem espinhos, sem asperezas, refractarja

sorrindo, como a perdoar a inferioridade do homem, d'onde procede este mau habito de bater nos pacientes asnos. Positivamente — haveis de me conceder a observação — este burro não era vulgar e via a vida do alto de seu desdem philosophico. E' que deve de haver tambem, um recanto elevado de sabedoria para os burros...

Nesta pagina Machado deixou uma das mais humanas, toda ella em torno do seu conceito interior de existencia.

Os grandes erros humanos procedem das affirmações prematuras e das negações systhematicas, por isso os humoristas, que duvidam entre as duas situações extremas, se contentam, sem despeito ou enthusiasmo, em acceitar as cousas pelos sentidos, quaes se nos dão.

Assim elles ascendem.

Na vida, «o voluptuoso, o exquisito, — escreve Braz Cubas — é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheiado, inaccessivel, ausente. O mais que podem dizer, quando elle torna a si, — isto é, quando torna aos outros, — é que baixa do mundo da lua, esse desvão luminoso e recatado do cerebro, que outra cousa não é senão a affirmativa desdenhosa da nossa liberdade espiritual?

Esse isolamento, que nos leva a um plano superior — o templo de Lucrecio, ou o mundo da lua — vém da inteireza do espirito em se conformar que Anatole France tem razão: «La verité est que la vie est délicieuse, horrible, charmante, affreuse, douce, amère, et qu'elle est tout», o que varia é o modo por que se a vê e este não é menos instavel.

Na obra prodigiosa de Machado de Assis se lhe descortina a visão esclarecida, triste da nossa contingencia, resignada todavia, e a sorrir boamente...

Deixemos o tempo correr, que passe, que passe... cara alegre si a gloria vos coroar, mas vêde bem si nas flores ficou algum espinho, ou mesmo uma ponta de arame, que vos pode fazer móssa á cabeça; cara resignada á tristeza, que ella vos ensinará alguma cousa de proveitoso, e, emfim, alegrias ou infelicidades tinham de ser...

aos antagonismos e aos conflictos, dir-se-ia emersa das mãos da propria Harmonia, tal qual essas creações da Hellade, que se lavraram para a immortalidade num marmore cujas linhas parecem relevo do ambiente e projecções do céo no meio do scenario que as circunda.»

* * *

Afinal, porque todas essas impressões, sobre Machado de Assis, me vieram, como suaves evocações, ao espirito? Respondo-vos que m'as trouxe o livro do Sr. Alfredo Pujol, com as sete brilhantissimas conferencias, que proferiu na « Sociedade de Cultura Artistica », em São Paulo, nas quaes a vida e a obra do mais fino de nossos artistas se debuxam num grande painel feito, todo elle com esmero e perfeição, para nos trazer aos olhos, num colorido vibrante e harmonioso, a expressão verdadeira do espirito e da arte de Machado de Assis.

O commentario preciso clarea a vida e explica a obra, o cuidado pelo detalhe, a perfeição da authenticidade, tudo, feito em fórma elegante e com suggestivo encanto, affirma o criterio do julgamento e o estylo limpido e de bom gosto do literato tão illustre. Elle nos trás Machado de Assis de sua juventude attribulada á velhice consagrada e, com que justeza e brilho o creador de « D. Casmurro » atravessa a vida, nas paginas deste livro de conferencias, observado em copiosa documentação e sentido no mais franco enthusiasmo do seu Auctor. Nem imperfeições nem excessos. A harmonia evita nossos naturaes arroubos de elogios, tão prejudiciaes á boa critica.

O livro do Sr. Alfredo Pujol não pretende criticar a obra de Machado de Assis, senão « o estudo documentado da vida e da obra do Mestre »; mas, elle não sómente « desbravou o caminho para a futra glorificação de Machado de Assis » mas o percorreu, lustrôsamente, e, como esse monumento não pode ser obra de um escriptor, apenas, mas de todas as gerações, que hão de admirar e glorificar o Artista sublime, o Sr. Pujol deixou, para elle, a sua pedra, que brilhará sempre

ao pé das que já lá ha e das outras, muitas outras, que se virão juntar.

Bem andou o notavel biographo, em deixando de parte quantas polemicas e lutas houve em torno do artista de « Esaú e Jacob », só lhe interesou a personalidade isolada, como o foi no nosso meio literario, e não deixou, em seu estudo magnifico, afóra a referencia necessaria, a bem da verdade na narração, o que de absurdo se tentou para chasquear tão explendida grandeza.

Entre o contar da vida do Artista não esquece chronica ou facto, que lh'a elucide, e a precisão anda a par com a perfeição.

Vém o poeta, como o contista, o romancista e o critico e não ha formosura de espirito, que não accentue, pela citação propria do verso, ou do trecho precioso, da referencia.

As paginas de oiro de Machado de Assis — si assim podemos distinguir preciosidades de preciosidades — estão, quasi todas, no livro do Sr. Pujol, buscadas com o mais admiravel senso artistico e sabedoria critica.

Ahi se vive a vida de Machado de Assis e se entendem as subtilezas de su'arte, é um auxilio valioso aos estudiosos de sua obra, fulguração de um espirito superior, filho dessa grande familia de humoristas, tão amaveis, tão deliciosos...

E o que ha, nessas conferencias, de evocações; desde a « pobre habitação de aggregados, dependencia da antiga chacara do morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro », onde « nasceu a 21 de Junho de 1839 Joaquim Maria Machado de Assis » até o discurso de Ruy Barbosa ao pé de sua sepultura o « melhor epitaphio para o tumulo que encerra tamanha gloria ».

A evocação do Artista nos favorece tanto entendel-o... de resto evocar é delicioso.

Não me posso mesmo furtar a uma evocação pessoal, da unica vez que vi Machado de Assis.

Era eu então menino, no anno de 1907.

Um sabbado, á noite, ia num bonde quando meu Pae, tocando-me ao braço, apontou ao pé de uma arvore, no refugio do Largo do Machado, um velho de barbas brancas, vestindo

um pezado sobretudo, lunetas prezas a um trancelim preto, de ar concentrado e olhar penetrante, e me disse:

— E' Machado de Assis.

Não sabia, é certo, a grandeza que meus olhos de creança contemplavam, mas cá me ficou a impressão, que narrei em sua simplicidade e que hoje recordo, atravéz do culto que lhe dedico.

E' pois com encanto que se acompanha o trabalho do Sr. Alfredo Pujol, onde a cada momento a figura bondosa e affavel de Machado de Assis nos apparece, quando não em pessôa, no seu perfil, que anda por todos seus personagens: um pouco em Braz Cubas, um laivo em D. Casmurro, alguma cousa no Conselheiro Ayres, emfim, por toda parte, como é bom habito fazerem os humoristas, que vão dando a cada typo um pouco de si mesmo, ora em feição espiritual, outras vezes em factos de suas vidas.

E' um artificio interessante e sincero.

Reside ahi, sem duvida, um relevante motivo da difficuldade em commentar os humoristas, nenhum conceito, nenhuma opinião ás claras, tudo emerge do conjuncto de circumstancias, onde o imprevisto e o inédito resolvem no comico, direi melhor, no tragi-comico, a philosophia singular desses escriptores.

Quero pois, accentuar o brilho com que se houve, nesse particular, o Sr. Alfredo Pujol; evita o commentario, cita a propria fonte, com o sentido de opportuno, o que permitte bem a visão de espirito subtil e esquivo de Machado de Assis.

E' mistér ter feito uma penetração perfeita na obra de um humorista, para entender o sorrizo, que lhe aflora aos labios: de zombaria, ou amargurado e triste.

O Sr. Luz Pinto disse que « o sceptico é, as mais das vezes, a ruina de um grande sonhador » e, até certo ponto, com razão; quem lhe não descobrir o motivo de mallogro, não raro, recondito e imperceptivel, lhe não sentirá a impressão fiel do sorrizo.

Afranio Peixoto, em sua conferencia sobre *Aspectos do humour na literatura nacional*, apresenta algumas variantes dessa desillusão, que se transmuta em desengano, não só em Machado de Assis, como em Swift, Sterne, João Paulo

Richter, Renan e Anatole France, para concluir que « a ironia é assim uma attitude de despeito intellectual (despeito justo se o quizerem, mas despeito, ainda assim) contra os desenganos da vida.»

Avida, já por si, é a melhor escola da desillusão e Machado de Assis a atravessou, ao meio das agruras, como quem leva um fardo pezado e incommodo. Assim, o Sr. Pujol não encontraria melhor meio de nos dar a alma de Machado que antepondo á existencia o seu fructo, o desengano vindo da ironia, a extrema sensibilidade dilacerando-se ante as contingencias e resolvendo-se num sorrizo tão triste, que chega a ser doloroso, pois revela um pessimismo agudo, uma descrença total.

Muito bella e muito feliz esta imagem de Afranio Peixoto: « E' como essas fructas dôces machucadas, cujo sumo vem a travar: descobre-se-lhe no mel o vestigio do máo trato.»

Ao Sr. Alfredo Pujol não escapou nenhuma dessas móssas, mostra-nos na simplicidade de sua linguagem, prova de seu bom gosto, uma por uma, sem lhes augmentar, ou diminuir, a intensidade.

Mas, para accentuar todo o motivo da descrença de Machado de Assis bastou, ao seu illustre commentador, dar-nos sua vida, na singeleza de seus aspectos, sem lances empolgantes, apenas vivida na simplicidade, d'onde tirou sua philosophia. Ahi mórava o idéal... o idéal do humorista... encontrareis um paradoxo no que digo e, é provavel, que tenhaes até essas palavras por falhas de sentido.

Bem sei que não serei capaz de vos dizer da essencia desse idéal, sente-se, apenas, que lateja, por detráz da mófa, do desdem, da indifferença ou do despeito...

Eu não duvido mais da vossa perspicacia, leitor amigo, que da argucia humana, mas não creio m'o expliqueis melhor aquillo, que, afinal, não tem explicação, embora sua existencia, morna como as cinzas de um incendio mal extincto, se perceba no indefinito de toda vida humorista.

Reparae que o Sr. Alfredo Pujol, depois de citar a phrase de Paul Stapfer que « a arte de Sterne faz comperhender mais do que elle diz » que o grande creador de *Tristam Schandy*

« finge não saber o que vae escrever mais adiante e sentir prazer na inversão dos capitulos, nas paginas em branco, e outras excentricidades semelhantes »... E no excentrico, nas paginas não escriptas, nos vazios não estará, esfrangalhado que seja, o idéal? Não o caracterizará aquelle imprevisto e inédito, aquella desharmonia apparente, que motiva o rizo e obriga a meditação pelo contraste? Por mim, tudo ignoro e vos deixo a pensar no Capitulo LV: *O velho dialogo de Adão e Eva*, nas MEMORIAS DE BRAZ CUBAS.

O Sr. Alfredo Pujol, com sua fina observação, nos mostra na figura de Luiz Garcia, o funccionario modesto, pae de Yáyá Garcia, o proprio Machado de Assis, que, na descripção deste personagem deixa esta phrase: « Um observador attento poderá advinhar, por trás daquella impassibilidade amparente ou contrahida, as ruinas de um coração desenganado ». Lêde as conferencias do Sr. Pujol meditae com vossa sagacidade a vida e a obra de Machado de Assis e haveis de encontrar no homem, que — descrente, sorri de seu meio acanhado e delle se afasta, confundindo-o no ridiculo de suas attitudes e no grotesco de suas situações — um pouco de tortura, por ter de agir por essa fórma, o que o faz soffrer e sangra seu idéal recondito.

Machado de Assis foi um isolado. Não ha como, no seu paiz, explicar-lhe filiações, surgiu e brotou sem que o ambiente o pudesse supportar quasi, estando sempre a asphixial-o, e não sei como se haveria a critica a Taine para explicar esse phenomeno...

«... com a extrema originalidade que o caracteriza, escreve o Sr. Pujol — não soffreu a acção ambiente de sua época; superior ao seu tempo, viveu a vida interior do pensamento, creando com carinho a obra extraordinaria, de rara unidade e seductora belleza, que é o monumento mais perfeito e mais solido de nossas letras.»

Passou sem que o conhecessem e,afóra a grita que, em torno de si, fizeram a tentar apoucar-lhe, ao que não deu ouvidos e a admiração de alguns espiritos de escól, que o comprehenderam aqui e em Portugal, ninguem sentia viver

entre nós, a crear uma obra immorredoura, uma grandeza explendida, que seria expoente de nossa cultura.

Com graça e justeza, disse o Sr. Afranio Peixoto: « o publico nunca o entendeu e a gloria quasi só lhe veiu no dia do do entêrro, com a collaboração do Estado, e o espanto das ruas, pêlo grande homem desconhecido e esquivo, que dessa vez não conseguira evitar o apparato de uma grande solemnidade ».

E' que Machado de Assis é dos que se glorificam a si mesmo, pela convicção intima da superioridade, que sorriem, não por um effeito do comico, senão a mando da sensibilidade, para fugir ao vulgar e ao commum.

Na satisfação de sua obra elle tecia, para sua fronte, a melhor corôa de gloria que, em vida, a cingiria e, depois de passar á immortalidade pela morte, teria seu monumento construido de pedras preciosas.

De resto, Machado de Assis, não é um artista que possa passar o circulo de escól: seus romances têm no enredo, um facil de encaminhar a observação e nelles, como na vida, as cousas acontecem ao imprevisto e ao desordenado.

Felizmente Mr. Brotteaux já dizia: « la vie d'un homme serait intolérable, s'il savait ce qui lui doit arriver.»

Mas o grande publico não tem a immensa sabedoria deste philosopho epicurista e prefere o romance de enredo fatal, ou aventuras de fim provavel, á philosophia de Quincas Borba, ou D. Casmurro.

Não sei que mal pode haver nisso: não accusarei jamais o povo de ter endeosado Macedo e esquecido Machado de Assis...

Agora, leitor amavel, vinde commigo agradecer o Sr. Alfredo Pujol o beneficio que fez ás nossas letras com seu livro brilhante de conferencias e o prazer, que nos proporcionou sua leitura, por onde tivemos o contacto com a excelsa grandeza de Machado de Assis — o mais bello e o mais fino dos escriptores brazileiros.

RENATO ALMEIDA.

Rio — Julho — MCMXVII.

A RENASCENÇA E A SUA FLORAÇÃO ARTISTICA (*)

(Continuação)

VI

Alta Renascença italiana (seculo XIII a meiados do seculo XV)

O ultimo seculo do regimen catholico-feudal « é o mais bello da edade-média e um dos mais bellos da historia da civilização ».

Na França, — é o seculo de S. Luiz, — o derradeiro abencerrage das Cruzadas, — é o apogeu do estilo ogival, é o ninho dos troveiros, é o derramamento da civilização, pela arte, pela lingua, pela politica, sobre quasi toda a Europa e até sobre a Asia-Menor; na Allemanha, é o seculo dos Hohenstaufen e dos Minnesinger; na Inglaterra, é o seculo de Rogerio Bacon e da « Magna-Charta »; na Espanha, é o seculo em que os mouros recuam vencidos para os lindes maritimos de Granada, á espera de que Fernando e Isabel definitivamente os expulsem; em Portugal, é o seculo em que se remata a integração territorial e em que funda d. Diniz a universidade de Coimbra.

A Italia, a seu turno, caracteriza-se, no seculo XIII, por uma fecunda actividade politica, religiosa, intellectual e artistica. Montam-se universidades, ou por iniciativa das cidades livres, ou graças ao esclarecido influxo de Frederico II, de quem se conhece a famosa circular com que offereceu ás escolas superiores da peninsula uma collectanea de traducções latinas das obras de Aristoteles, executadas, a mando seu, por Miguel Scot. S. Francisco de Assis e S. Domingos, como já vimos, installam as novas ordens religiosas, destinadas a moralizar o clero degenerado. E, emquanto o Dante creava a verdadeira poesia e Giotto creava a verdadeira arte plastica, Santo-Thomaz rematava o edificio da metaphysica espiritualista. A escholastica, entretanto (*vide* Mabilleau, *op. cit.*, 86-87), não proporcionou, felizmente, á Italia o surto de nenhuma systematização escudada nas theorias da « Summa theologica ». A faina philosophica estava alli reservada para o seculo XV e para o seculo XVI, em que appareceram os dois maiores pensadores italianos da edade moderna: — Pietro Pomponazzi, mantuano, nascido em 1462, e Cesare Cremonini, ferrarez, nascido em 1550.

No seculo XIII é que se estréa fecunda a Renascença italiana, porque só então é que se abandonam de todo os modelos architectonicos, esculpturaes e pictoricos de Bysancio, cuja rigidez, imperfeição linear e falta de vida não conseguiam ser disfarçadas pela « riqueza de côr dos mosaicos, pelos metaes preciosos, pelas vidrarias scintillantes, través as quaes se coava o ouro inflammado dos poentes », na linda phrase de E. Valton (93); só então é que em grande parte se desvanecem os lobregos terrores do inferno, que torturavam em vida os pobres espiritos medievaes; só então é que, inspirando-se nas producções estheticas da Grecia e de Roma, bem como nas obras-primas das cathedraes gothicas, surge na Italia uma arte mais humana, mais viva, que, quer se chame *realismo*, quer se chame *naturalismo*, consiste apenas em obedecer á fórma geometrica dos elementos observados no mundo exterior, em dar ás figuras o movimento, as pro-

(93) « Les monstres dans l'art » (Paris, 1905), 101.

porções e a expressão naturaes, e, finalmente, em pôr alma nessas concepções reaes ou phantasticas da existencia. Ainda a este aspecto, o papel do sentimento foi inquestionavelmente superior ao da intelligencia. Bem o comprehendeu Vasari (*apud* Dumesnil, *op. cit.*, 60), que, falando do momento em que cairam em deshabito as praticas da arte bysantina no seio da Italia, teve estas palavras profundas: — « A arte moderna nasceu no dia em que se poz um ar de mais bondade nas cabeças ». Assim, o facto indubitavel é que a Renascença surgiu na Italia, quando alli houve *più di bontà* nas almas e nos corações (94).

Não contestaremos as theorias recentes que fazem esse movimento haurir grande parte das suas impulsões iniciaes nos modelos gothicos. Notaremos apenas que essas impulsões só podiam dar-se, como realmente se deram, no seculo XIV, prolongando-se ainda, embora cada vez mais diminuidas de intensidade, até dois centennios depois, que foi quando, dil-o S. Reinach (*op. cit.*, 145), « a esthetica greco-romana tomou definitivamente a primazia e começou o movimento de propaganda offensiva, que lhe assegurou o dominio até aos dias de agora ».

Devemos assignalar que é impossivel proceder á apreciação da alta Renascença italiana discriminadamente pelas tres modalidades das artes representativas ou ainda por escolas regionaes. Com effeito, nesta phase syncretica da luminosa revolução da esthesia humana, os artistas são ao mesmo tempo architectos, esculptores e pintores, e a sua actividade não se limita á terra do berço, mas expande-se largamente pela superficie da Patria.

(94) Eis como Burckhardt (*op. cit.*, I, 216) resume admiravelmente os factores politico-sociaes: — « Sómente no seculo XIV foi que a Italia toda inteira se apaixonou pela antiguidade. Para que este facto se produzisse, eram imprescindiveis certas condições de existencia que não se encontravam sinão nas cidades italianas: reunião e egualdade effectiva da nobreza e da burguezia; formação de uma sociedade que experimentava a precisão de cultivar a intelligencia e que para isso dispunha de lazer e de meios ».

Diremos, comtudo, que este primeiro vicejar das artes na peninsula central do Mediterraneo teve por fócos exclusivos Siena e Florença e extendeu-se até meiados do seculo XV.

Si tivessemos de encarar syntheticamente o assombroso movimento da alta Renascença italiana, fal-o-iamos personificando-o em seus dois maximos expoentes: — Dante, o fundador da epopéa moderna, e Giotto, o fundador da pintura moderna.

Mas, considerado analyticamente, e no rigoroso ponto de vista das artes plasticas, póde elle ser dividido em tres periodos capitaes, que attendem sufficientemente á justa importancia dos corypheus e á delimitação temporal mais approximadamente exacta, pela maneira seguinte: — I) Periodo de Nicola d'Apulia ou preponderancia da esculptura (de meiados do seculo XIII a meiados do seculo XIV); II) periodo de Giotto ou surto da pintura moderna (de fins do seculo XIII a fins do seculo XIV); e III) periodo de Masaccio, Donatello e Brunelleschi ou da pintura naturalista, da esculptura naturalista e da architectura moderna (de fins do seculo XIV a meiados do seculo XV).

I) *Periodo de Nicola d'Apulia ou preponderancia da esculptura (de meiados do seculo XIII a meiados do seculo XIV).*

Encetando pelo seculo XII em fóra um realismo *à outrance,* que nas portas e fachadas das egrejas vinham inscrevendo Barisano da Trani e varios esculptores anonymos, em completa ruptura com a tradição bysantina, a plastica italiana encontrou o seu genio em Nicola d'Apulia, a quem E. Bertaux (95) reivindicou o verdadeiro berço, e cuja existencia se extendeu de 1206 a 1280 (96). Deste homem

(95) «L'art dans l'Italie méridionale» (Paris, 1903), I, 787.

(96) Quanto ás datas e graphia de nomes proprios, cumpre-nos declarar que nos guiámos principalmente, no que diz respeito á Italia, pela ainda recente 2ª edição da «Storia dell'arte italiana» de Luigi Serra (Casa Vallardi, 1913), assim como, subsidiariamente, pelos monographistas allemães, que em taes investigações são de minucia e probidade inatacaveis.

extraordinario, cuja apparição no seio da edade-média é « quasi inexplicavel », diz W. Lubke (*op. cit.*, I, 416) que « produziu desde o meiado do seculo XIII uma série de obras, nas quaes se vê a arte antiga renascer de subito, esplendorosamente. Reinado ephemero, é verdade, mas de brilho maravilhoso, incomparavel. O seu estilo não o vincula nem ás escolas da Allemanha, como se tem querido pretender, nem ainda ás da Italia meridional: elle não procede sinão do seu proprio genio e do estudo da antiguidade » (97). Devem-se-lhe: o « Descimento da cruz », executado na cathedral de Lucca; o ediculo chamado « pulpito do baptisterio de Pisa », — a sua obra-prima, — onde elle esculpiu o « Nascimento do Christo », a « Adoração dos reis magos », « Jesús conduzido ao templo », a « Crucifixão » e o « Juizo-Final »; varias figuras do Campo-Santo de Pisa; a arca de S. Domingos, na egreja dos Dominicanos de Bolonha; o pulpito do *duomo* de Siena; e, por fim, tambem se lhe attribue a decoração da bella fonte de Perugia. Nicola d'Apulia, em summa, conforme o douto parecer do historiador teutonico acima citado, foi « o renovador da arte italiana, á qual transmittiu uma herança desde esse tempo inalienavel: o genio da antiguidade ».

Deixou « o renovador da esculptura » um filho (ou afilhado), Giovanni Pisano (1250?-1328?), que, a principio collaborador do pae, depois reagiu contra a restauração muito absoluta da antiguidade por este realizada, e veiu a tornar-se um « artista energico, apaixonado, convicto, fecundo e forte », segundo a phrase enthusiastica de W. Lubke. Devem-se-lhe: — as esculpturas executadas no pulpito de Santo-André de Pisa, — a sua obra-prima, — e onde se vêem a « Natividade », a « Adoração dos Magos », a « Degollação dos innocentes », a « Crucifixão » e o « Juizo-Final »; trabalhou no tumulo de Bento XI; na egreja de S. Domingos, em Perugia;

(97) Preferimos o juizo de W. Lubke ao de S. Reinach sobre Nicola d'Apulia, porque o autor allemão está de accôrdo com a these que defendemos, e, a nosso ver, com a verdade, ao passo que o escriptor francez exaggera o papel da influencia celto-germanica no surto da alta Renascença italiana.

no pulpito do *duomo* de Pisa; e é delle a « Virgem com o menino Jesús », esculpida numa das portas meridionaes da cathedral de Florença. O historiador allemão, de quem nos estamos soccorrendo para este resumo, assim conclue a sua apreciação sobre Giovanni Pisano: — « Giovanni deixou uma escola numerosa cujos trabalhos multiplos, altares, pulpitos, tumulos, espalhados por toda a Italia, testimunham a influencia extraordinaria por elle exercida na arte da sua Patria ».

Poder-se-ia encerrar este periodo com o « original e distincto » discipulo de Giotto (de Giotto, que, por sua vez, recebera inspirações de Giovanni Pisano, como assegura S. Reinach), que foi Andréa Pisano (1270?-1350), celebrizado pelas portas occidental e meridional do baptisterio de Florença, onde elle esculpiu vinte e oito assumptos, consagrados á vida de S. João Baptista e á representação das virtudes e vicios.

Mas sabe-se que tambem pertenceram a esta época os artistas: Arnolfo di Cambio (1232-1302?), que deixou varios trabalhos em Roma; Agostino e Agnolo di Siena, que esculpiram, em 1330, para a cathedral de Arezzo, o cenotaphio do bispo Guido Tarlati; Giovanni di Balduccio, autor da arca de Pedro-Martyr, em 1333, na egreja de Santo Eustorgio de Milão; Giovanni di Francesco e Betto di Francesco, que executaram, de 1369 a 1375, o altar do *duomo* de Arezzo.

Do grande mèstre florentino Andréa di Cione, mais conhecido pelo nome de *Orcagna,* esculptor, architecto e pintor, trataremos mais adeante, pois não foi tanto pelo escopro, como pelo pincel, que elle eternizou o seu nome na alta Renascença italiana.

II) *Periodo de Giotto ou surto da pintura moderna* (*de fins do seculo XIII a fins do seculo XIV*).

No prefacio da « École florentine » (98), Paul Mantz attribue a Margaritone d'Arezzo (fallecido presumivelmente em 1293) a iniciativa de romper com a somnolencia bysantina, pondo na pintura religiosa um sentimento mais pessoal, como se vê das representações do Christo, que deixou.

(98) *In* « Histoire des peintres de toutes les écoles » (Paris, 1876), por Ch. Blanc e P. Mantz.

Com effeito, davam-se ensaios, por esse tempo, em varios pontos da Italia, para a libertação decisiva da arte, que assim apparelhava as asas para o grande vôo em demanda de melhores modelos e de novos ideaes. Sabe-se que floresceram então mosaicistas famosos, como Jacopo Torriti e Andréa Tafi. Dessa epoca é tambem Giunta Pisano, que floresceu na primeira metade do seculo XIII.

Mas, antes de tratarmos de Giotto, cumpre-nos consagrar algumas palavras á chamada escola sieneza, que apresenta no seculo XIII dois pintores notaveis: Guido da Siena, o autor da « Madonna » da egreja de S. Domingos, e Duccio di Boninsegna (1255-1319), cujas pinturas, outróra traçadas no altar-mór da cathedral de Siena, mostram, como assevera S. Reinach (99), ter sido elle o primeiro que « transformou em verdadeiros quadros, isto é, em aggrupamentos artisticos de figuras, as chronicas pintadas da edade-média, que as almas piedosas tinham decifrado durante seculos, qual si foram uma especie de Biblia dos illetrados ». Diz P. Mantz (*loc. cit.*) que, « no grande concerto que encantou o fim do seculo XIII », não se sabe bem si foi Florença ou Siena que fez ouvir a primeira nota. Entre os artistas de que foi predecessor Duccio di Boninsegna, merecem nomeados: os dois irmãos Pietro e Ambrogio Lorenzetti, ao ultimo dos quaes se devem as grandiosas allegorias que representam « O bom governo » e « O mau governo », executadas de 1337 a 1343 no palacio publico de sua terra natal; e Simone Martini (1283-1344), que conheceu e retratou a *Madonna Laura,* tão exaltada pela lyra de Petrarcha, e foi amigo deste, indo morrer em Avinhão, depois de haver traçado varias pinturas celebres pela tonalidade clara. Ao alvorecer do seculo XV, já estava exgottada a inspiração desta escola, supplantada

(99) *Op. cit.*, 146. Cf. W. Lubke (*op. cit.*, I, 423), para quem Duccio, « bysantino ainda, por educação, sabe, comtudo, desviar-se da róta batida e achar em si mesmo a expressão calorosa, ideal, da belleza e da vida ». Vê-se, pois, que Duccio foi o Giotto da escola sieneza, mas, não obstante o seu valor, não póde ser equiparado ao inclito innovador florentino. Ainda sobre Duccio, *vide* Taine, « Voyage en Italie », 59-60.

tambem pelo esplendor da de Florença. W. Lubke (*op. cit.*, II, 89) julga-lhe o declinio em poucas e conceituosas palavras: — « Enclausurada em sua veia elegiaca, conservou-se extranha aos progressos da arte; deixou passar, sem que se lhe reunisse, a illustre cohorte dos pintores do seculo XV, e, finalmente, crystallizou-se numa tautologia esteril ».

A pintura florentina inicia-se com Cimabue (Cenni di Pepi, 1240?-1302?), a quem S. Reinach, seguindo uma certa corrente moderna de criticos allemães, nega até a qualidade de autor de quadros, dando-o como um simples mosaicista, quanto mais o ter sido o descobridor do talento de Giotto. Não podemos, entretanto, acompanhar nisso o erudito escriptor, porque, além das asserções de Vasari (*apud* Taine, «Voyage en Italie», II, 115-117), ha o depoimento incontroverso do Dante, contemporaneo dos dois artistas e provavelmente amigo do que era da sua edade (o poeta immortal nascera em 1265), e que, falando de Oderisi (*Purgatorio*, XI, 80-81),

> « L'onor d'Agobbio, e l'onor di quella arte
> Che *alluminare* è chiamata in Parisi »,

assim faz falar o illuminurista de Gubbio, tambem famoso no fim do seculo XIII (vs. 94-96):

> « Credette Cimabue nella pittura
> Tener lo campo, ed ora a Giotto il grido,
> Sì che la fama di colui è oscura... »

E' difficil empresa o resumir, de modo claro e proveitoso ao nosso intento, tudo quanto, — afóra Dumesnil, Taine, P. Mantz, W. Lubke, R. Peyre e S. Reinach, cujas obras frequentemente estamos citando, — vem sobre Giotto em trabalhos ainda recentes de Thode, Perkins, Müntz, Zimmermann, Ruskin e outros.

Giotto (100), nascido em 1266 e fallecido em 1334, foi

(100) O verdadeiro nome é Ambrogio di Bondone. De Ambrogio deriva o diminutivo *Ambrogiotto* e deste o hypocoristico *Giotto*.

pintor, esculptor, architecto, engenheiro-militar e poeta. Acceite-se ou não a lenda da sua origem humilde (101), tenha tido por mestre a Cimabue ou ao mosaicista romano Pietro Cavallini (1250?-1330), — o certo é que elle, como bem pondera R. Peyre, foi « um genio comparavel aos maiores, e, si houvesse apparecido dois seculos mais tarde, teria hombreado com Raphael e Miguel-Angelo », foi « não só um artista inspirado, como tambem um dos homens mais sabios, um dos espiritos mais profundos do seu tempo... Foi, com effeito, o creador da pintura moderna, pela variedade que deu á composição e á expressão, pelo sentimento da natureza e da vida que introduziu em suas figuras ».

Citando adeante a phrase de Vasari: — « Trabalhou em tantas obras, que, si se contasse, ninguem o acreditara », — diz Taine (« Voyage en Italie », II, 117) que « Giotto descobriu o bello, pela viva invenção espontanea de um genio completo, feliz e até alegre, á italiana. Nascido embora num seculo mystico, elle não era mystico, e, si foi amigo do Dante, não se parecia com este. Antes de tudo, foi um espirito abundante, variado, facilmente e ricamente creador: em Florença, Assis, Padua, Roma, Ferrara, Rimini, ha capellas e egrejas inteiras pintadas por elle ».

Tres obras capitaes bastam a immortalizar o extraordinario artista: as pinturas da capella do Bargello (Florença), onde ha, tambem delle, um retrato do Dante quando moço; as da egreja de S. Francisco, de Assis, onde traçou toda a vida do orago e deixou nas abóbadas a representação symbolica dos tres votos da ordem, a « Pobreza », a « Castidade » e a « Obediencia »; e as *a-fresco* do templo de Santa-Maria dell'Arena, de Padua, das quaes diz Lafenestre que « toda a pintura do futuro ahi foi presentida e preparada ». Si é

(101) De diversos assumptos tratados em Santa-Maria dell'Arena e do quadro « S. Francisco prégando ás aves » (museu do Louvre), conclue R. Peyre (*op. cit.*, 392-393, nota) que Giotto soube aproveitar-se do que observou como zagal: — « Os animaes que introduz em suas obras são sempre traçados com um justo sentimento de fórma, que falta aos artistas da grande Renascença, sobretudo a Raphael e Correggio ».

certa, como relata J. J. Ampère (102), a tradição de que com Giotto aprendeu a desenhar o grande Dante, nada obsta o acreditar-se que este tenha collaborado com aquelle, como affirma R. Peyre, na composição das allegorias de Santa Maria dell'Arena.

Podem as figuras de Giotto (que foi um dos primeiros artistas que fizeram verdadeiros retratos) resentir-se de imperfeições anatomicas, porém « cada um dos seus movimentos corresponde á realidade, e só o gesto indica, com uma precisão pungente, os sentimentos mais intimos, ainda os mais violentos » (103).

Por causa da immensa superioridade de Giotto, ficaram sem grande relevo os seus proselytos, os *giotteschi,* que por todo o seculo XIV prolongaram, principalmente na arte toscana, o caracter e a doutrina do fundador da escola. Os seus discipulos mais conhecidos não foram propriamente o neto e o bisneto, Stefano e Giottino (este, autor de interessantes pinturas sobre o tumulo de Bettino dei Bardi); foram antes, além de Maso di Banco, Bernardo Daddi, Giovanni da Milano e Francesco Neri: Taddeo Gaddi (1300?-1366), o mais famoso de todos, que lhe succedeu no *Campanile* de Florença e deixou uma « Vida da Virgem », dedicando-se depois á industria bancaria; o filho deste, Agnolo Gaddi (1333-1396), mestre de Cennino Cennini, que, no seu « Libro dell'arte », documentou aquella epoca inolvidavel. Ligam-se ainda

(102) « La Grèce, Rome et Dante » (Paris, 1884, 6ª ed.), 290.

(103) Sobre o aspecto psychologico da esthetica de Giotto merecem lidos os trabalhos de Zimmermann, « Giotto und die Kunst Italiens im Mittelalter » (Leipzig, 1899-1900), e de J. Ruskin, « Giotto and his works in Padua » (Londres, 1900). Na « Revista Americana », n. 3 do anno VI (dezembro de 1916), ha um lindo artigo de Ronald de Carvalho, sob a epigraphe « O gesto nas figuras de Giotto ». E o inspirado poeta Luiz Murat assim já se havia pronunciado sobre o grande fundador da pintura moderna (« Ondas », Rio de Janeiro, 1890, pags. 250):

« Giotto é o hymno da téla, a alegria italiana,
Vibrante em cada traço, audaz em cada tom.
As suas virgens tem a graça e a voz humana,
O colorido vivo e triumphal do som ».

á escola de Giotto: Nicola di Pietro (fallecido em 1390); e Spinello Aretino (de Arezzo), que pintou com muito *humour* scenas da vida de S. Bento na egreja de San-Miniato.

O mais notavel discipulo e successor de Giotto, na pintura, foi Andréa di Cione (1308?-1368), mais conhecido por *Orcagna*, que teve um irmão e collaborador por nome Bernardo. Além de outros trabalhos de esculptura e de pintura, attribuem-se-lhe tambem, á fé tradicional de Vasari (contestada por Crowe e Cavalcaselle), o «Juizo-Final» e o «Triumpho da Morte» do Campo-Santo de Pisa. Neste cemiterio, dil-o bem Dumesnil (*op. cit.*, 42), «realiza-se a mysteriosa transição da edade-média para a Renascença. Alli começa Giotto a liberdade e alli remata Orcagna o terrorismo mystico da velha Egreja; mas a phantasia logo o exalça nas asas do Dante, e elle transfigura os typos que visa a consagrar». Não foi propriamente o «Decameron» de Boccacio, como affirma Lubke, o que alli poz o genial artista; foram, sim, os «Triumphos» de Petrarcha e a «Divina Comedia» do immortal florentino. Da assombrosa composição, «shakespeareana antes de tempo», na phrase suggestiva de P. Mantz (*op. cit.*, V), não conhecemos melhor descripção que a dada pelo poemeto «Le Campo-Santo» de A. Barbier (104). Deploramos não dispor de bastante espaço para inserir aqui os formosos alexandrinos em que o olympico poeta de «L'idole» movimenta as cavalgadas, os banquetes, os idyllios, toda a alegria pagã e sensual da empolgante pintura, fazendo-os deter-se de subito ante as mais horridas miserias da existencia e ante a pavorosa apparição da Morte, que é afinal a soberana que triumpha de tudo e de todos.

Deante de tão portentoso artista, era natural ficassem na penumbra outros que, de 1350 a 1450, exerciam na Italia a sua actividade e que tambem soffreram o influxo de Giotto, como Altichieri da Zevio, Gentile da Fabriano, Antonio Vivarini e Giovanni Alemano, a alguns dos quaes havemos ainda de referir-nos mais adeante. De Colantonio del Fiore, de quem se disse que foi «o derradeiro pintor da edade-média

(104) «Iambes et poèmes» (Paris, 1861, 12ª ed.), 111-124.

ou o primeiro da Renascença », duvida-se hoje, até, que tenha existido.

Póde-se considerar extincta a escola giottesca nos fins do seculo XIV ou aos primeiros diluculos do seculo XV, que foi quando surgiu na Italia a escola naturalista de Masaccio. Esta creança genial, sob as irradiações da alma de Giotto e de Orcagna, foi quem soube crear uma nova formula da arte.

III) *Periodo de Masaccio, Donatello e Brunelleschi, ou da pintura naturalista, da esculptura naturalista e da architectura moderna* (*de fins do seculo XIV a meiados do seculo XV*).

Assim como, antes do naturalismo de que foi Donatello o introductor na esculptura, surgiram os lavores de Ghiberti, — assim tambem, antes de apparecer « o mais ousado pioneiro da pintura moderna », como de Masaccio diz Lubke (*op. cit.*, II, 158), foi elle precedido pelo pintor veronez Pisanello (Vittore Pisano, 1397-1456), creador da escola dos medalhistas; por Gentile da Fabriano (1370-1428), que « ebbe la mano simile al nome », no expressivo dizer de Miguel-Angelo; e pelos florentinos Andréa del Castagno (Andréa di Bartolomeo, 1390-1457), autor do admiravel « Pippo Spano », Paolo di Doni (1397-1475), conhecido por Paolo Uccello, por causa do seu amor ás aves, e Tommaso di Cristoforo di Fino, vulgarmente chamado Masolino da Panicale (por nascido em Panicale por 1383), fallecido em 1440. Paolo Uccello, cujo *chiostro verde* de Santa-Maria Novella tanto se celebrizou, foi o primeiro pintor de batalhas e mais que ninguem contribuiu a propagar o estudo da perspectiva na Italia. Refere delle Dumesnil (*op. cit.*, 71), baseado em Vasari: — « Paolo Uccello, que desvendou o caminho a Masaccio, applicou-se sem descanso, durante a sua longa e triste vida, ás pesquizas mais arduas da perspectiva, que o retiveram, até morrer, na pobreza e obscuridade. No seu ultimo periodo de existencia, não saía mais de casa, e a esposa contava que, como ficasse elle toda a noite no gabinete de trabalho, lhe respondia a ella, que o chamava para deitar-se: — *Oh ! que doce coisa que é a perspectiva* ! »

A todos elles e ao seu proprio mestre Masolino, embora

de muito os precedesse na morte, sobrepujou desde cedo « a maior figura do seculo XV, antes de Leonardo, Miguel-Angelo e Raphael », no conceito de W. Lubke.

Tommaso di Ser Giovanni, popularmente conhecido por Masaccio (105), nasceu em 1401 e morreu em 1427 ou 1429. As suas pinturas *á-fresco,* da capella Brancacci, na egreja florentina de Santa-Maria del Carmine, patenteiam que elle foi um dos primeiros que souberam estudar o nú e o escorço, observar a perspectiva e traçar retratos inimitaveis em ponto grande. De suas figuras empannejadas affirma W. Lubke que nem Raphael nem o proprio Miguel-Angelo as fizeram melhor; Lafenestre affiança que só elle logrou « realizar o accôrdo do ideal e do real, da poesia e da exactidão, da grandeza e da verdade »; e Dumesnil, exclamando que elle trazia não se sabe que flor moral mais fecunda que toda realização, diz que os assumptos tratados por seu pincel não eram frios nem convencionaes, porque o joven artista ia surprehendel-os no coração do povo, durante a impressão ainda quente da lenda.

Sabe-se que o genio precoce foi apagado pela morte aos 26 ou 27 annos, « nel bel del fiorire », diz Vasari, que admitte a hypothese de ter sido Masaccio envenenado e accrescentando que foi enterrado nos Carmelitas de Florença sem a menor inscripção epitaphica, « per essere stato poco stimato vivo » (106).

A. Barbier (*op. cit.,* 125) resumiu essas tradições num interessante soneto, que assim traduzímos:

« MASACCIO

Ah ! si existem no mundo aspectos dolorosos,
Quadros que ferem fundo o coração mais frio,
E' Florença a soffrer annos e annos a fio,
E' o pallido tropel de artistas inditosos...

(105) De *Tommaso,* por apherese, resulta *Maso,* que, com os suffixos diminutivos *lino* e *accio,* produz os hypocoristicos *Masolino* e *Masaccio,* applicados, no caso pertinente, ao mestre e ao egregio discipulo.

(106) Cf. P. Mantz (*op. cit.,* art. « Masaccio ») e Taine, « Voyage en Italie », II, 142-143.

És tu, joven pintor de incomparavel brio,
És tu, Masaccio, tu, de cabellos sedosos
E longos, a findar teus dias luminosos,
Pobre victima, em flor, de um destino sombrio...

Golpeou-te a morte, quando occupavas na téla
Ambas as mãos, e ao céu da Arte, — sublime estrella, —
Arrebatou-te cedo, antes do teu trintennio,

E ao veneno lethal, que te arrancou a palma,
Apagou tua chamma e devorou tua alma,
De nada te valeu o antidoto do genio!»

Apesar de morrer tão prematuramente e de ter um fim tão triste, Masaccio exerceu grande influencia em seus contemporaneos e discipulos, dominando tambem, como Giotto, a geração que se lhe seguiu e que não o excedeu.

Guido di Pietro da Vicchio ou fra Giovanni da Fiesole (1387-1455), com razão alcunhado de *fra Angelico,* foi o ultimo representante da escola giottesca, aperfeiçoado pela lição das pinturas de Masaccio. Delle diz judiciosamente Reinach (*op. cit.,* 148): — «E' o pintor por excellencia do christianismo, seguindo a S. Francisco. Ninguem exprimiu melhor do que elle a alegria de crer, a doçura de soffrer pela fé, a beatitude dos eleitos... As suas Virgens e os seus Anjos encantam-nos a principio e cansam-nos depois pela suavidade; fôra para desejar ver alguns lobos nesse curral devoto...»

Além de fra Angelico e do seu auxiliar e discipulo predilecto Benozzo Gozzoli (1420-1497), o mais ingenuo pintor da Renascença, que parecia traduzir «sonhos dourados de creança», filiam-se ao grupo que recebeu a influencia de Masaccio artistas eminentes como: fra Filippo Lippi (1412-1469), seu imitador Pesellino (Francesco di Stefano, 1422-1457); Piero della Francesca (1420-1492) (107), «cujas

(107) A este contemporaneo de Paolo Uccello é que se deve um compendio sobre a perspectiva, que ficou manuscripto; e accusa-se Luca Pacioli de ter-se apropriado de seus trabalhos e notas,

figuras hirtas e pallidas têm algo de inquietante e espectral» (diz Reinach), e seu proselyto fra Carnevale (trabalhou entre 1451 e 1472), autor de uma poetica «Natividade»; Alesso Baldovinetti (1425-1499), Antonio del Pollajuolo (1432-1498), Piero del Pollajuolo (1443-1496), Melozzo da Forlì (1438-1494) e Antonello da Messina (fallecido em 1479), o primeiro que espalhou pela Italia o processo da pintura a oleo. A varios destes havemos ainda de referir-nos mais adeante.

Lorenzo Ghiberti (1381-1455), encarregado, em consequencia de um concurso a que compareceram todos os grandes esculptores da Italia, de executar as portas septentrional e oriental do baptisterio de Florença, mereceu que Miguel-Angelo, julgando-as mais tarde, as achasse dignas de figurar á entrada do céu. Os seus baixos-relevos de assumptos biblicos, á maneira de quadros com planos em perspectiva, inspiraram toda a escola florentina.

Mas o verdadeiro fundador da esculptura moderna é Donatello (Donato di Niccolò di Betto Bardi, 1382-1466), que não hesitou em sacrificar a belleza ao caracter, como o attestam seus muitos lavores, quaes o «S. João Baptista», o «Zuccone» (retrato do Poggio), o «Gattamelata» (a primeira estatua equestre fundida em bronze e levantada na praça publica, após o advento do christianismo) e outros.

Discipulos e sequazes de Donatello foram, entre outros: Verrocchio (1435-1488), que no monumento a «Colleoni» em Veneza creou, dil-o S. Reinach (*op. cit.*, 154), «a mais bella figura equestre da Renascença», e Desiderio da Settignano (1428-1464). A' escola de marmoristas, de que foi chefe o autor do «Monumento a Carlo Marsuppini», pertencem: Mino da Fiesole (1430-1484), Bernardo Rossellino (Bernardo di Matteo Gamberelli, 1409-1464) e seu irmão Antonio (1427-1478), que esculpiram retratos, baixos-relevos

para compor o tratado da «Divina proporzione». Cf. Ch. Blanc e P. Mantz, *op. cit.*; e Luigi Serra (*op. cit.*, 307), que escreve Piero della Francesca, mas informa que o verdadeiro nome é Piero di Benedetto dei Franceschi.

votivos, altares e tumulos. Desta epoca é tambem Luca della Robbia (1400-1482), «cujos baixos-relevos esmaltados e polychromos foram uma das fontes do genio de Raphael», industria que foi continuada, até cerca de 1530, por outros membros da familia, Luca, Giovanni, Girolamo e Andréa della Robbia (este, 1435-1525). Ainda á escola florentina se liga Jacopo della Quercia (Jacopo di Pietro, 1374-1438), cuja originalidade se revelou na «Fonte Gaia» de Siena, assim como o lucquez Matteo Civitali (1436-1501), autor da «Eva» da cathedral de Genova.

O maior esculptor da Italia, entre Donatello e Miguel-Angelo, foi o florentino Andréa Contucci (1460-1529), chamado o *Sansovino,* autor do grupo «O baptismo do Christo» do baptisterio de Florença (Andréa Contucci, como veremos mais adeante, trabalhou nove annos ao serviço do rei de Portugal, d. João II), e cujo discipulo e conterraneo, Jacopo Tatti (1485-1570), tambem herdeiro do agnome famoso, exprimiu nobremente, conceitúa Reinach, «o genio esculptural da Renascença, porque soube, como Raphael na pintura, conciliar o espirito classico e o espirito christão».

Brunelleschi (Filippo Brunelleschi, 1377-1446), florentino, já notavel como esculptor, entregou-se exclusivamente á architectura e foi o verdadeiro fundador desta, na primeira Renascença: elevou a cerca de cem metros de altura a cupola da cathedral de Florença (108) e começou o palacio Pitti, acabado por Bartolomeo Ammanati (1511-1592) em 1568.

São sequazes ou discipulos de Brunelleschi (109): — Michelozzo Michelozzi (1391-1472), constructor do palacio

(108) Edificio romano, começado em 1294 por Arnolfo di Cambio e modificado, a partir de 1357, por um plano de Francesco Talenti, o mesmo que acabou em 1358 o *Campanile,* como successor de Giotto. Referindo-se á capacidade assombrosa de Brunelleschi como architecto, diz Ch. Blanc («Grammaire des arts du dessin», 304) que «teve o merito de inventar a cupola de abóbada dupla, que permitte dar á abóbada interior uma curva differente da da abóbada exterior, deixando um vacuo entre a convexidade da primeira e a concavidade da segunda».

(109) Referindo-se simultaneamente a Brunelleschi, o architecto do *duomo* de Florença, a Donatello, que decorou de estatuas o *Cam-*

Medicis (depois Riccardi); os irmãos Giuliano da Majano (1432-1490), que terminou a capella Pazzi, e Benedetto da Majano (1442-1497), que iniciou em 1489 o palacio Strozzi; Leon Battista Alberti (1404-1472), que, segundo Peyre (*op. cit.*, 400), em Rimini e em Mantua «começou a introduzir na architectura os exaggeros da imitação classica», tendo deixado tres compendios relativos á arte que cultivou («De re aedificatoria», «Trattato di architettura» e «I cinque ordini architettonici»); e os irmãos Giuliano da San-Gallo (1445?-1516), constructor da egreja da Madonna delle Carceri, e Antonio da San-Gallo (1455-1534), engenheiro militar, que fortificou o castello de Sant'Angelo.

A alta Renascença foi, assim, um como energico preparo da grande Renascença, — a epoca mais gloriosa da evolução humana para as tres artes representativas.

panile, e a Ghiberti, que fez as duas portas do Baptisterio, Taine («Voyage en Italie», II, 108-109) mostra que nasceram quasi ao mesmo tempo, que foram «todos os tres amigos e rivaes, tendo todos os tres começado pela ourivezaria e pela observação do corpo vivo, todos os tres apaixonados pela antiguidade, Brunelleschi desenhando e medindo os monumentos romanos, Donatello copiando em Roma os baixos-relevos e as estatuas, Ghiberti fazendo vir da Grecia torsos, vasos, cabeças, que restaurava, que imitava e que adorava».

(Continúa)

BASILIO DE MAGALHÃES.

LE CAUCHEMAR D'UN ASCÈTE

La vipère se tint debout sur ma savate,
me fascina, fondit sur moi du premier coup,
et se laissant glisser de ma tête à mon cou,
me fit une onduleuse et sifflante cravate.

Puis elle déroula ses longs anneaux; et fou,
tout mon corps possédé du monstre à tête plate,
ressentis au milieu d'une brume écarlate
la froide ubiquité d'un enlacement mou.

Mais voilà que la bête, humectant son œil louche,
prit des seins, des cheveux, des membres, une bouche,
et resserra ses nœuds d'un air passionné:

Oh! redeviens serpent! — hurlai-je — horrible dame,
j'aime mieux, si je dois mourir empoisonné,
cent morsures d'aspic qu'un seul baiser de femme!

MAURICE ROLLINAT.

(*) Damos a seguir tres traducções do soneto de Maurice Rollinat, para as quaes chamamos a attenção dos leitores da « Revista Americana ».

(« Redacção »).

PESADELO DE UM ASCETA

(MAURICE ROLLINAT)

Elevou-se ante mim o vulto da serpente,
e, de um salto, lançou-me o seu bote fatal.
Em volta do pescoço eu senti de repente
em fórma de gravata o nojento animal.

Depois desenrolou seus anneis, molemente,
em meu corpo enlaçando o seu corpo glacial,
cuja pelle senti viscosa e repellente
na fria sensação desse abraço lethal...

Mas de subito o monstro o olhar tornou mais brando,
tomou seios, quadris e labios, transformando
o aspecto, a me estreitar num gesto apaixonado.

Clamei: — « Que eu te não veja um momento siquer.
« Prefiro, si tiver de ser envenenado,
« Cem boccas de serpente a um beijo de mulher...

LUIZ FRANCO.

PESADELO DE UM ASCETA

(MAURICE ROLLINAT)

A serpente saltou da beirada do leito...
A sua pelle tinha uns reflexos de prata.
Lenta e fria avançou e enroscou-se ao peito
E ao redor do pescoço em fórma de gravata.

Desdobrou os anneis com vagaroso geito,
Têsa, eréctil, de pé, a oval cabeça chata;
E, a esse corpo gelado achando-me eu sujeito,
As pupilas cégou-me uma névoa escarlata.

Subito adoça o olhar... Cria seios e trança...
Ouço, em logar de um silvo, um quérulo suspiro...
E um corpo de mulher nos meus braços descansa...

« Tornas de novo serpe! » — exclamo; pois prefiro,
Se empeçonhado agora eu tenho de morrer.
Cem dentadas de cobra a um beijo de mulher!

ALBERTO SOUSA.

PESADELO DE UM ASCETA

(MAURICE ROLLINAT)

Ergue-se a vibora, em rodilha, na alpercata,
E vem, dum bote, a mim, que fascinado a via;
Da frente ao collo baixa, em lerda acrobacia,
Fazendo-me ondulosa e silvante gravata.

Depois, longos anneis desdobra, e já cingia
Meu corpo inteiro, afita a oval cabeça chata:
Senti, por sobre a vista uma nevoa escarlata,
Do frouxo enlaçamento a ubiquidade fria.

Mas, eis que o monstro, o vesgo olhar tendo humectado,
Ganha seios, quadris e bocca rosicler,
E, agora, aperta os nós com geito apaixonado...

« Horrivel dona, — uivei — ophidio volta a ser!
Prefiro, si acabar eu devo empeçonhado,
Cem picadas de cobra a um beijo de mulher! »

ALBERTO FARIA.

IMPERIO DA MULHER (*)

A SUBORDINAÇÃO SOCIAL DA MULHER E A INFLUENCIA NEFASTA DESTE ERRO NA CIVILISAÇÃO

I. Moça dos olhos formosos e da alma inexperiente, á semelhança de um passaro encantador, que o homem não sómente prendesse como ainda privasse do ar sadío e da luz profusa, a Mulher viveu muitos seculos subjugada e envolvida em sombras por tal fórma densas que não via ou só raramente via os muros da prisão lobrega em que se arrastava.

Desse jugo longo e cruel, as scismas indefinidas ficaram ennevondo-lhe a fronte pensativa, e as mudas agonias lhe enoitecem ainda os olhos sonhadores.

Nascida para ser bella, isto é, para imperar sobre o coração masculino pela formosura do corpo e da alma, como esposa e como mãe, o homem — nascido della, que se nutre primeiro de seu sangue, em sua entranha, e contínua depois alimentando-se de sua vida, na fartura de seus seios abundantes; nascida para ser bella e imperar no mundo sobre o coração desse parasita temporario, que só a abandona depois de lhe ter sugado a vida no leite e no sangue — o Homem não a quiz bella, imperando no mundo sobre seu coração pela formosura do corpo e da alma, e reduziu a mulher á condição de escrava.

(*) Capitulos de um livro a publicar-se.

Que importa lhe tivesse elle dado, aquí, um harem delicioso, ali, uma alcova magnifica ? Que importa lhe tivesse elle preparado vestiarias caprichosas e escrinios deslumbrantes ? Que importa lhe tivesse prodigado perfumes que inebriam e construido toucadores que fascinam ?

— A Soberana desse harens magnificas e dessas alcovas deleitosas, onde o Tyranno não se peja de beijar-lhe as plantas ; a Dona dessas vestes e dessas joias soberbas com que o despota a quer adereçada ; a Dissipadora desses perfumes exquisitos, que o Senhor acha mais deliciosos misturados ao cheiro de sua carne ; a Fada desses toucadores magicos, cujos mysterios o esposo respeita para não desilludir-se : a soberana dona, a dissipadora, a fada de tudo isso, apezar de tudo isso, se conservou tão escrava na opulencia dos palacios fulgurantes quanto na escuridão das cavernas, das tabas, das viellas soturnas :

Por que ? — Porque, amando-lhe embora a formosura plastica, o homem lhe desdenhava o espirito, convencido de sua inferioridade natural... Subtrahindo-a opiniaticamente aos influxos mais fecundos da civilisação, o homem lhe desenvolveu a volupia, lhe requintou a vaidade; mas, desdenhando-a afinal realmente, não lhe cuidou do coração nem do cerebro, e a civilisação passou por ella, ensinando-a a ser futil, sem permittir-lhe a gloria de ser bella.

Por isso, ainda as mais felizes, ainda as que mais depressa pela formosura, pelo nascimento ou pela riqueza puderam sacudir de si bronzeos grilhões a cujo pezo vergam ainda as mais infelizes, as menos formosas, as mais humildes, as mais pobres, em verdade, sómente as sacudiram para trocal-as por umas manilhas de oiro menos pezadas.

Por longo tempo atrávez da Historia curvada ao pezo dessas cadeias que lhe maceravam os pulsos, foram necessarios desoito seculos de civilisação christã para a mulher conquistar um salão. Millenios e millenios se passaram antes que seu voluptuoso algoz vendo-a sempre á meia luz dos harens e das alcovas, pudesse, attentar na melindrosa compleição de seu espirito, e reconhecesse a insensatez do preconceito que o levava a considerar-se seu superior natural :

Como póde a pobre ave captiva, na melhor hypothese abysmada na obscuridade das alcovas deleitosas, como póde a mulher,

porque milagre de vontade pode ella fazer ver emfim que tambem seu coração podia estremecer pela humanidade e sua intelligencia apprehender os arduos problemas que interessam á especie?

— Roxelana, a Risonha, que entrou como escrava no harem de Solimão, o grande, e reinou sobre este Sultão tão completamente quanto elle reinou sobre seu vasto Imperio; Roxelana nos diz, na revelação de seu genio admiravel, como foi que a mulher pôde enfim emergir do encanto dos harens e do mysterio das alcovas para, á grande luz, fazer ver afinal que o preconceito de sua pretendida inferioridade natural perante o homem é tão sómente o producto da ignorancia e da prepotencia lastimaveis.

Roxelana é um symbolo; e esse symbolo significa que aquelle preconceito foi tão funesto para a mulher quanto para o homem, quanto para a civilisação; porque — considerada ainda até ha pouco, geralmente, na propria Europa, como um simples objecto de goso, de duplo gozo, sensual e esthetico — á mulher coube, não obstante, desde o principio, a funcção social mais importante que poderia caber-lhe: *modelar durante o periodo de sua maior plasticidade o espirito da especie*, e essa funcção, ella não poderia desempenhar senão á altura em que o homem lhe collocara o proprio espirito.

Fazendo a civilisação, por assim dizer, unilateral, o homem, não se occupando em dilatar o coração, em desenvolver a intelligencia, enrijar a energia feminil, conservava a mulher num circulo de dependencia estreita, de sentimentos mesquinhos, de idéas apoucadas; e — sem ver que o espirito da especie modelado por essa creatura de coração e cerebro atrophiados, havia de por força reproduzir-lhe as inperfeições — teimando em descurar a elevação espiritual da mulher, persistia em confiar-lhe a execução daquella obra formidavel — *a modelação espiritual da especie*, obra melindrosa que ella só podia realizar com as forças do proprio espirito, mantido pelo homem em lastimavel atrazo.

Quer dizer: descurando a elevação espiritual da mulher, e, apezar de fazel-o encarregando-a de modelar o espirito da especie, o homem acreditava certamente que pela só virtude de sua pretendida superioridade natural, o espirito masculino, esclarecido

pela experiencia e pela instrucção corrigia os defeitos da educação e, dest'arte, levantaria sobre não importa que base fornecida pela mulher uma construcção espiritual perfeita, o que era não ver que uma tal construcção seria sempre pelo menos incompleta, porquanto o espirito humano não é sómente o espirito masculino ; e pudesse este realmente — o que só em raros casos acontece —emancipar-se á influencia de educação, restaria sempre na especie, escravisado a essa influencia, o espirito feminino.

Não se póde evocar outra crença que, mais do que essa, tenha sido funesta á civilisação e ao desenvolvimento espiritual da humanidade.

Basta lembrar a differença de sentimentos e de idéas observavel entre duas proles em condições sociaes identicas, mas educadas, uma, por uma mulher superior, e outra, por uma mulher ordinaria, para comprehender-se quão prejudicial ha sido para a humanidade o descuido das faculdades espirituaes da mulher.

Dai a um homem superior uma esposa ordinaria, e a sua prole, educada por ella, resentir-se-ha sempre da grosseiria materna : dai a um homem ordinario uma esposa superior, e a prole desse homem grosseiro manifestará sempre a superioridade moral que lhe communicou a mulher que lhe modelou o espirito.

Não obstante essa verdade, de observação tão comesinha, a exemplo de um marceneiro insensato que teimasse em exigir troncos contorcidos para delles tirar vigas linheiras, o homem teimou durante millenios em conservar a mulher numa condição obscura, e, confiando-lhe a primeira educação dos filhos, persistiu em acreditar que ser-lhe-hia possivel tirar homens e mulheres moralmente superiores dos rapazes e raparigas que ella não lhe podia fornecer senão imbuidos dos sentimentos mesquinhos e das idéas acanhadas que eram os unicos que ella possuia e poderiam transmittir-lhes pela educação.

A funcção de educar — *modelar o espirito do educando pelo do educador*, essa funcção social, a mais elevada que a mulher possa desempenhar, foi sempre mal comprehendida pelo homem, que insensatamente convencido da supposta inferioridade natural da formosa metade de sua especie, não cogitava de lhe melhorar as condições espirituaes, e, mantendo-a numa dupla inferioridade

atrophiante — em sua pretendida inferioridade natural, pelo descuido de suas qualidades physicas e psychicas, e em sua despotica inferioridade social pela mutilação de seus direitos civis e pela negação dos seus direitos politicos — outra coiza não fazia que difficultar o desenvolvimento integral do ser humano e entorpecer, dest'arte, a marcha da civilisação, prejudicando-se, por essa fórma, a si mesmo, e á mulher.

Quando, em virtude da força indestructivel de seu genio manietado, a mulher pôde enfim mostrar-se aos espiritos attentos no esplendor de sua belleza, o homem superior, o revolucionario— considerando revolucionario o formulador de novos conceitos, o portador de idéas originaes, claras e definidas — o homem superior, commovido de seu longo martyrio bradou que a supposta inferioridade natural da mulher era um preconceito insustentavel, com o traduzirem-se em injustiças bradantes, eram tão fataes para o homem e para a civilização quanto para a mulher.

Desde então, dando inicio á campanha feminista, esses homens de coração recto e espirito esclarecido começaram pela palavra, pelo livro e pela acção a demolir o velho preconceito deshumano da pretendida inferioridade feminil e a construir com as pedras que lhe arrancam o deslumbrante monumento levantado á justiça da emancipação da mulher.

E se até aqui, na propugnação desse objectivo reivindicador, um erro central de consequencias funestas formidaveis, póde ser em razão e verdade attribuido aos feministas, não obstante o mal immenso que esse erro representa, certo é que, entre aquelles que o sustentam, muitos o fazem de bôa fé, por deficiencia das philosophias em que se baseam, e que a acção dos feministas ainda assim ha que ser abençoada, porquanto, uma vez estabelecida uma philosophia capaz de esclarecer esse erro, ninguem mais poderá sustental-o, e não haverá mais, portanto, razão para temer-lhe as consequencias.

Esse erro é o que não chegando a affirmar abertamente que a *concupiscencia masculina é a conducta natural e por ella se deve reger a conducta feminina em amor,* usa de um circumloquio e sustenta que *a liberdade masculina em amor é a conducta natura pela qual se deve reger em amor a conducta feminina.*

Em momento opportuno esforçar-me-hei por esclarecer suficientemente esse erro fatal ; aprenda, porém, a mulher a distinguir desde já entre os homens de sangue morno, incapazes de bolir num calhau das tortuosas estradas construidas no passado, os quaes até hoje só lhe viram a formosura plastica, e esses revolucionarios de fronte flammejante, capazes de incendiar um templo para substituil-o por um monumento á verdade, e ame estes, porque só estes lhe entreviram e procuraram conhecer a belleza.

Ame-os ainda nas demasias de suas idéas, nas exorbitancias de sua acção, porque os revolucionarios podem enveredar por desvios logicos e chegar talvez a erros e anticipações lamentaveis : mas, aiuda assim, são elles que arrastam o mundo ao rumo dos grandes, dos nobres, dos bellos ideaes humanos.

Os conservadores— campeões da ordem estabelecida, simulam acreditar ou, por ignorancia, acreditam realmente que essa ordem foi sempre a mesma em toda parte e em todo o tempo e, por isso, têm sempre na bocca uma palavra amarga de condemnação para os revolucionarios que se propõem a reformal-a ; todavia, esses homens morosos não deviam esquecer que, sem o concurso altruistico dos revolucionarios, insaciaveis de reformas progressistas, as liberdades e regalias de que hoje gozam nos paizes civilizados seriam ainda *a roda e o chicote applicados na maioria, sem direitos, por uma minoria privilegiada.*

A' acção desses homens tardos é que se deve a permanencia da subordinação da mulher no lar e na sociedade e a repercussão de todas as terriveis consequencias dessa anomalia no desenvolvimento moral da humanidade, desenvolvimento que é, em verdade, apenas apparente, porquanto, á acção civilisadora dos revolucionarios se oppõe a selvageria impenitente das classes dominantes, selvageria que, ainda quando parece ter capitulado realmente, não se submette de facto, e não faz mais que encobrir-se sob exterioridade enganadoras.

Com effeito, os sentimentos selvagens que era já tempo da civilização ter destruido, não se extinguiram á sua acção eliminadora, porque o terreno em que esta acção tinha de se exercer, era e continúa a ser improprio para recebel-a e efficientemente : a alma humana, modelada pela mulher atravéz das gerações que se succe

deram até hoje, não podia se ter differenciado muito do seu typo ancestral selvagem, porque esse typo, apezar das alterações superficiaes que o modificam apparentemente, foi conservado, no fundo, pela ignorancia e pela rudeza moral em que o homem manteve a mulher.

Impotente, por isso, para matar, e não podendo, na melhor hypothese, fazer mais que narcotisar a ferocidade primitiva, a civilização, de ponto de vista moral, não realizou a obra cuja elaboração lhe competia.

Seria necessario fazer uma longa dissertação especial, que o plano deste livro não comporta, para mostrar o que é de facto, do ponto de vista moral, a civilisação — causa de insano orgulho para todas as almas simples, destinadas a pasmar diante das conquistas da intelligencia e a não ver ao lado delles, a estagnação de sentimentos em que se quedou a especie.

Não obstante, direi ao menos que, se no conceito de civilisação se abrange completa, como em geral se pensa, a idéa de desenvolvimento integral desenvolvimento material, desenvolvimento intellectual e desenvolvimento moral — então, certo é que, ainda consideradas como civilizadas sómente as sociedades européas e americanas mais cultas, a civilização não passa de uma grande construcção descurada, porque nessa construcção, ao innegavel progresso realisado no dominio material e na esphera intellectual, corresponde a mais chocante estagnação no terreno moral.

A civilisação, por isso, póde com propriedade ser comparada a uma gigantesca mole granitica que o homem se tivesse proposto a reduzir a uma pyramide primorosa e collossal e da qual, não obstante o claro plano assentado, houvesse esculpido sómente duas faces, deixando-lhe a terceira em estado bruto ou apenas mordida pelo escopo.

Ahi, nessa face bruta da pyramide collossal, se encontra o terreno anfractuoso e inculto onde vegetam agrestemente os sentimentos humanos, cujas raizes, embebendo-se na entranha do solo ingrato, vão encontrar ao fundo a aridez do granito.

Essa rocha que forma o substractum do terreno sentimental é a animalidade : e se é certo que ella fica abysmada nas profundezas da sensibilidade, menos certo não é que a terra que a encobre

é ainda a mesma terra miseravel de que se nutria a primitiva selvageria humana e de que se nutre ainda a apparente delicadeza moral de grande parte da humanidade dita civilisada.

Com effeito, se é incontestavel que, enriquecendo a cada dia mais os seus conhecimentos, o homem pôde a cada vez melhor conhecer e dominar a natureza bruta, progredindo incessantemente nas artes, nas industrias, nas sciencias, nas philosophias e até nas religiões, certo é que os seus conhecimentos não chegaram ainda a esclarecel-o sufficientemente nem no que diz respeito á philosophia nem no que diz respeito á religião, e o seu progresso moral, que devia ser uma consequencia de seu progresso em philosophia e em religião, ficou abaixo de seu progresso material e, portanto de seu progresso intellectual, pois com a sua sciencia já elle pudera ter construido uma philosophia cuja deducção suprema pudesse servir de fundamento scientifico de uma moral posta á altura da moral christã, *que é a moral definitiva*.

As religiões não são mais que anticipações philosophicas, neste sentido: o progresso real das creações religiosas implica um progresso moral intuitivo que á philosophia cumpre depois esclarecer, amparada na Sciencia; e desde que, por uma dessas anticipações philosophicas verdadeiramente admiraveis foi pregada ao mundo a moral christã, á philosophia, que lhe devera ter conhecido o caracter definitivo, porque a simples razão lhe reconhece immediatamente o caracter inalteravel, á philosophia, que o devera ter conhecido logo, não cumpria mais que procurar uma explicação do mundo e do homem capaz de esclarecer aquella intuição moral irreformavel.

Quer dizer: desde que o Christo appareceu no mundo, pregando a sua doutrina moral indestructivel, toda philosophia cuja deducção moral não a sanccionasse ou não fosse a sua confirmação scientifica, por esse só caracter se mostraria insufficiente; porque se a deducção suprema de uma philosophia não póde ser senão a moral que se deduza della, e se a moral christã, da confissão do bom senso universal, é a moral definitiva, certo é que toda philosophia, cuja deducção moral não se conformar com a moral christã ou não a confirmar, esclarecendo-a, está aquem da possibilidade philosophica, é insufficiente.

Esta affirmação de que a moral christã, da confissão do bom senso universal, é a moral definitiva, não é aqui feita na simples fórma de um desses vagos appellos que é de habito se fazerem vagamente ao vago testemunho do bom senso humano, em sua fórma susceptivel dos erros mais grosseiros ; essa afirmação é feita, sim, *numa citação definida do bom senso humano, abrangendo claramente no juizo commum e no juizo dos philosophos*, perguntando-se: — Que homem vulgar ou que philosopho ha ai, capaz de em bôa fé sustentar que a moral chrstã póde ser modificada para melhor ? E se acaso póde ella ser alterada nesse sentido qual é a formula destinada a substituil-a que possa ser acceita indiscutivelmente ?

Quando for dada resposta satisfactoria a estas interrogaçôes, que julgo irrespondiveis, demonstrado ficará que a moral christã não é a moral definitiva ; emquanto, porêm, não for dada essa resposta convencitiva do erro em que acaso laboram os que julgam a moral christã inalteravel, continuarei a sustentar esta minha opinião em relação á moral e a dizer que se a phisolophia não póde confirmal-a, esclarecendo-a, dando-lhe uma base scientifica incontestavei, não foi porque acaso á philosophia lhe fallecessem dados scientificos ; foi, sim, *por não ter apparecido uma compleição philosophica perfeitamente autonoma, perfeitamente emancipada dos preconceitos e das conveniencias sociaes e escholasticas.*

A verdade religiosa, sabe-se, não é feita para ser discutida : é formulada para ser admittida dogmaticamente. Ora, a crença dogmatica é incompativel com a independencia do espirito, e este, tendendo necessariamente a avançar em busca dessa independencia, havia por força de attingil-a, pondo-se em conflicto com o Dogma.

Foi isso o que aconteceu, dando origem ao dissidio que reina entre a Religião e a Sciencia ; aquella que é feita de uma intuição mais ou menos obscura, porém integral, esta que é feita de um conhecimento claro, mas incompleto da natureza e do homem.

Como supposta synthese integral das sciencias e das hypotheses da sciencia, ou simplesmente como construcção systematica baseada nas deducções das sciencias, das hypotheses scientificas e das intuições religiosas, como quer que seja, certo é que a philosophia, em suas deducções moraes, ou não póde confirmar a moral

christã sufficientemente, e deixou logar á duvidas em relação á verdade moral dogmatica, ou pretendendo infirmal-a, mas não podendo fazel-o satisfactoriamente, abria logar á negação, e nem conseguiu, afinal, destruir a crença nem anniquilar a duvida.

Por isso, a incomprehensão, decorrente da ignorancia da maioria, e a duvida e a negação, produzidas pela insufficiencia philosophica da minoria, é tudo quanto existe no mundo christão em relação á moral christã, degradada, afinal, ainda nas pretendidas sociedades mais civilisadas, á repugnante hypocrisia que as caracterisa.

A prova dessa hypocrisia é a guerra actual em que se travam as principaes dessas sociedades; as quaes, ou allegando bater-se em legitima defeza, ou pretendendo fazer acreditar que se batem por justas reivindicações da soberania propria ou dos mais altos ideaes humanos, não fazem em realidade senão dar ao mundo este entristecedor espetaculo: *destruir-se mutuameute com uma tão requintada crueldade que a crueldade dos mais brutaes selvagens, comparada com essa ferocidade civilisada, fica reduzida a proporções diminutissimas, por assim dizer imponderaveis.*

E é de mister aceentuar: a expressão mais horrenda dessa ferocidade inaudita, que revela o effectivo atraso moral em que jaz a humanidade, cujo desenvolvimento no dominio dos sentimentos assim se revela evidentemente inferior ao seu progresso intellectual, não são as carnificinas incomparaveis dessa guerra; são, sim, *as monstruosas crueldades inuteis que os belligerantes se attribuem uns aos outros*, dando testemunho nessas tremendas accusações reciprocas, de que em qualquer caso, ou ellas são verdadeiras, e elles são realmente tão feroses que as praticam, ou ellas são falsas, e elles, de facto, são tão selvagens que as inventam e as attrituem uns aos outros, calumniando-se assim mutuamemte por não terem senso moral.

Como quer que seja, do facto de se terem levantado essas accusações a conclusão é a seguinte: ou houve, em verdade, belligerantes que *systematicamente amputaram mãos a creanças, coraram seios a mulheres, vasaram olhos a prisioneiros e diffundiram germens pestiferos entre amigos da vespera*, e, nesse caso, a ferocidade das gentes que o fizeram excede immensuravelmente a

ferocidade dos selvagens, ou não houve na guerra actual belligerantes que o tivessem-feito systematicamente e, nesse caso, aquelles que se attribuiram mutuamente a pratica systematica de acções tão monstruosas, revelaram na calumnia uma falta de senso moral tão profunda que a sua crueldade ultrapassa toda a malvadeza tradicional dos selvagens; e assim, de quelquer forma, certo é que *ou por actos de truculencia inaudita ou por accusações de impiedade incomparavel*, certo é que gentes ditas civilizadas se mostraram na guerra actual, materialmente e moralmente, mais crueis, mais ferozes, muito mais crueis, muito mais ferozes que os mais crueis e mais ferozes selvagens.

Nem pelos meus sentimentos pessoaes me sinto inclinado a admittir a veracidade aquelles factos, nem — dada a sequestração das communicações de alguns dos belligerentes a quem foi supprimido o poder de se communicar com os neutros — pude ter elementos sufficientes para faser a respeito uma convicção inabalavel; é forçoso, porem, confessar lisamente que para avaliar devidamente a crueldade incomparavel de alguns dos povos travados nessa guerra basta lembrar que um dos seus planos de combate consistiu em bloqueiar, *para assassinar á fome*, *para anniquilar grandes nações centraes*.

Um tal plano, posto em pratica friamente, depois de se terem isolado essas nações do resto do mundo, concebido fosse por que motivo fosse, fosse contra que inimigo fosse, esse plano, elle só, revela da parte de quem foi capaz de concebel-o e pol-o em pratica uma crueza tão extraordinaria, tão empedernida que melhor fôra para a especie desapparecer totalmente do que ter á testa de sua civilisação, exprimindo-lhe a falta de senso moral, umas gentes tão crueis, tão deshumanas.

Essas gentes são as mais civilisadas do mundo; dizem-se christãs, e allegam ir á guerra, depois de confessar aquelle intuito, na defeza do direito, da justiça e das liberdades humanas.

Não será isso o cumulo da ferocidade hypocrita?

Cruel e mentiroso, feroz e hypocrita, mais feroz em sua apparente doçura, muito mais feroz que os selvagens, eis ahi, moça dos olhos formosos e da alma inexperiente, o homem civilisado tal qual pôde preparal-o a mulher civilisada.

Producto de uma civilização, tão brilhante do ponto de vista material e intellectual quão cega e estupida do ponto de vista moral, a mulher que sahiu da meia luz das alcovas deleitosas para o esplendor deslumbrante dos salões, não se transportou para elles trazendo polida mais que a superficie da alma.

E que podia fazer essa alma, ainda a meio abysmada na caligem da ignorancia e do atrazo moral, que mais podia fazer ella, ao modelar a alma masculina, senão modelar-a por ella mesma?

O preconceito da pretendida inferioridade natural da mulher, que a manteve subordinada no lar e na sociedade e que a tornou incapaz de attingir um alto nivel de desenvolvimento moral, tornou-a tambem incapaz de modelar o espirito masculino á tamanha altura e teve, e não podia deixar de ter tido, essa repercussão funesta na civilização.

O espirito masculino, reflector fiel ao espirito daquella que lhe modela a alma, attestando, como na guerra actual, a sua ferocidade hypocrita, mais impedernida que a ferocidade dos selvagens, dá eloquente testemunho das terriveis consequencías daquelle preconceito na civilização.

E assim hade ser sempre até ao momento em que o homem, reconhecendo a iniquidade, a injustiça, a estupidez daquelle preconceito, se resolver a repudial-o e a elevar a mulher intellectualmente e moralmente á altura que elle deseja occupar, que julga occupar, mas não occupa, de facto.

A PRETENDIDA INFERIORIDADE NATURAL DA MULHER DIANTE DA SCIENCIA

II. Encarregada de demonstrar a igualdade natural dos dois sexos, a Sciencia tem feito tudo quanto com esse intuito lhe era possivel fazer: provar que, a não serem as peculiaridades organicas e physiologicas sexuaes feminis, é perfeita a identidade histologica e estructural e completo a homologia physiologica do organismo humano no Homem e na Mulher.

Com effeito, se, examinados histologica e anatomicamente o organismo masculino e o organismo feminino, nenhum elemento histologico, nenhum apparelho anatomico se encontra naquelle que

não se encontre igualmente neste, e se nenhum detalhe estructural osseo ou muscular ha na organisação do corpo masculino que não haja tambem, correspondentemente, na organisação do corpo da Mulher, se as differenças organicas e physiologicas notadas entre os dois organismos provem da differença sexual; e se essa differença, que colloca a Mulher em situação de realisar um fim natural que o Homem não realisa, não é um signal da inferioridade natural della — nada, nem histologica, nem anatomica, nem physiologicamente, na comparação do organismo feminino com o organismo masculino, nada justifica a pretendida e apregoada inferioridade natural da Mulher em comparação com o Homem.

Realmente, nada — nem nas celulas fundamentaes dos tecidos — considerados singularmente no sangue, na limpha, nos epithelios, nos conjunctivos, nos musculos, nos nervos; nada — nem nas celulas fundamentaes das cartilagens e dos ossos, nem no plano esqueletico, nem no plano muscular, nem no plano symetrico, nem na divisão das partes essenciaes do corpo, nem na repartição geral de seus orgãos, nem nos apparelhos de nutrição e relação; nada — nem nesses apparelhos, nem em suas funcções respectivas; nada, realmente, a não ser na estructura dos orgãos sexuaes, do apparelho reproductivo, e na especialisação de suas funcções nada, a não ser isso, no organismo dos dois sexos se differencia substancialmente, e muito menos indica que a Mulher é naturalmente inferior ao Homem,

A unica differença organica e funccional notada entre os dois sexos é, pois, aquella — differença estructural e funccional do apparelho reproductivo, proveniente da differenciação sexual; fôra, portanto, preciso estabelecer previamente que a differenciação sexual importa numa differenciação de valor natural entre os individuos dos dois sexos, para se poder com razão fallar de uma desigualdade de valor natural entre os sexos, suppondo um naturalmente inferior ao outro.

Mas, se a differença sexual não importa numa desigualdade de valor natural entre os individuos dos dois sexos, porque, rigorosamente considerada, a differença estructural e funccional oriunda dessa differenciação o que significa realmente é que, na acção natural que mais interessa a especie — sua perpetuação no tempo e

no espaço — o concurso do sexo feminino é indispensavel; evidente é que aquella differença unica notada na comparação do organismo masculino com o organismo feminino, não deve ser, como tem sido, erigido em prova da inferioridade natural da Mulher diante do Homem, porquanto essa differença, longe de ser a prova dessa pretendida inferioridade, é, ao contrario, a prova de que, na acção natural que mais interessa a especie humana, o concurso da Mulher é indispensavel.

Com effeito, na fecundação — processo natural da perpetuacão da especie — a acção fecundante do Homem não é sufficiente; nesse processo o concurso feminino é indispensavel, e só por este facto já se póde ver a igualdade dos dois sexos na realisação do acto natural que mais interessa á especie. Este facto, que só por si basta para destruir todas as razões em que em geral se assenta a pretendida inferioridade natural da Mulher diante de Homem, assume ainda maior valor quando é examinado com attenção maior.

Realmente, no processo da perpetuação da especie, a acção principal é a da Mulher, porquanto, se, para furtar-se aos incommodos e aos riscos da concepção, da gestação, da parturição, da aleitação e da primeira educação, a Mulher quizesse illudir a Natureza, ou esterilisando-se previamente ou abortando, a acção fecundante do Homem exercer-se-hia em vão, e, para o fim que mais interessa á especie, seu poder fecundador ficaria, portanto, annullado.

E se, por outro lado, é igualmente certo que para a fecundação não basta a acção fecundadora da mulher, e o concurso do poder fecundante do homem é igualmente indispensavel, todavia menos certo não é que, consideradas em rigor diante de uma das duas funcções fundamentaes da vida — a reproducção — as peculiaridades organicas e physiologicas feminis, longe de constituirem a prova da inferioridade natural diante do homem, são, ao contrario, a prova pelo menos de sua igualdade natural com o homem, pois o homem, na realização do acto natural que mais interessa á especie, não póde dispensar a collaboração insuprivel da mulher.

Ho, porém, ainda outras considerações de mais pezo, pelas quaes se demonstra irrefutavelmente a insensatez da opinião que

deduz a inferioridade natural da mulher da existencia de sûas peculiaridades organicas e physiologicas.

Com effeito, se a interdependencia necessaria da acção conjuncta dos dois sexos no inicio do acto reproductivo é manifesta, e significa que a igualdade natural dos dois agentes é insophismavel, e certo é que, mais das peculiaridades organicas e physiologicas da mulher que da pura e simples acção fecudante do homem é que depende o acabamento perfeito desse acto, essencial á perpetuação da especie; se esta, afinal, é a verdade incontestavel, evidente é igualmente que o concurso da mulher na realisação perfeita desse acto é realmente muito mais importante que o concurso inicial que lhe presta o homem, e não ha como, portanto, com razão erigirem-se em prova da inferioridade natural da mulher peculiaridades sexuaes que lhe tornam o concurso não sómente indispensavel no inicio como ainda principal no acabamento de um acto fundamental da vida e essencial á existencia e perpetuação da especie.

A' permanencia, á perpetuação da especie, isto é, ao fim principal da vida, os dois actos que mais interessam são os seguintes: primeiro — conservação do individuo, pela nutrição; este, tanto o homem quanto a mulher póde realizar isoladamente, sem necessidade de um concurso mutuo; segundo — conservação da especie, pela reproducção; este acto nem o homem nem a mulher póde realizar isoladamente; e, se para o seu inicio o concurso dos dois sexos é indispensavel, menos certo não é que para o seu acabamento perfeito o concurso feminino é o principal.

Se o homem não póde sósinho iniciar e concluir um dos dois actos fundamentaes da vida, os que mais interessam á conservação e á perpetuação da especie — a reproducção; e se no acabamento perfeito desse acto, o concurso da mulher apta a prestar esse concurso insuprivel é principal, não ha como com razão se poder erigir essas peculiaridades do organismo feminino em prova da inferioridade natural da mulher diante do homem.

Essa opinião, originada de uma inintelligencia lastimavel da philosophia biologica, é a que defendem os antifeministas, os quaes em virtude della são forçados a sustentar outros erros não menos lastimaveis, e que iremos examinando em momento e logar opportunos.

INFERIORIDADE DA FORÇA PHYSICA DA MULHER EM COMPARAÇÃO COM A DO HOMEM

III — Se a existencia das peculiaridades sexuaes feminis, allegada como prova da pretendida inferioridade natural da mulher comparada com o homem, é inacceitavel, menos inacceitaveis não são as outras allegações que de habito mais particularmente se produzem como prova dessa pretendida inferioridade natural : superioridade de força physica e superioridade da capacidade mental do homem com a mulher.

Accentuemos desde já que essa pretendida superioridade masculina é um facto, e se esse facto actual, visto superficialmente, parece auctorisar a supposição de que a mulher é naturalmente inferior ao homem em força physica e mental, essa supposição é divida tão sómente á crença em que laboram aquelles que consideram que aquelle facto actual é tambem um facto natural.

Mas, em verdade, aquelle facto actual é realmente um facto natural ? Quem já o verificou ? Quando e onde foi elle verificado ? Onde se encontram, onde estão o homem e a mulher em perfeito estado primitivo para deixar ver que, realmente, no estado originario, o organismo é naturalmente inferior ao organismo masculino em força physica e em capacidade mental ?

A impossibilidade de conhecer e de observar o ser humano em perfeito estado originario é, pois, manifesta ; nenhum facto positivo havendo realmente que autorise a supposição de que a actual inferioridade da força physica e da capacidade mental do organismo feminino comparado com o do homem, com ser um facto actual é tambem um facto natural.

Essa ponderação, já de si só importante, porque faz ver que o estado actual em que se encontra o ser humano do ponto de vista physico e mental, póde não ser identico ao seu estado natural, originario, essa ponderação adquire ainda maior alcance quando se reflecte que, em verdade, as condições geraes exteriores da vida tendo certamente modificado o estado natural do ser humano, foram sempre, desde o principio, no que se refere ás funcções activas e mentaes, antes prejudiciaes que favoraveis ao desenvolvimento physico e mental da mulher.

Essa circumstancia, de valor incontestavel, que nos induziria a acreditar que as condições geraes da vida tem sído por igual tão favoraveis ao desenvolvimento physico e mental do homem quão prejudiciaes ao desenvolvimento physico e mental da mulher ; essa circumstancia é, porém, sómente valida no que se refere ao desenvolvimento mental do homem e á atrophiação mental da mulher, porque, em relação ao desenvolvimento physico, as condições geraes da vida tem sido por igual tão prejudiciaes ao homem quanto á mulher, que se encontram por igual atrophiados do ponto de vista physico.

Sendo, portanto, certo que no estado actual, sob o aspecto physico, o homem e a mulher se apresentam por igual atrophiados, o que é de mister averiguar é se este estado actual do ser humano indica realmente, como se pretende, que a mulher é naturalmente inferior ao homem.

Como averigual-o, porém, se o ser humano não pòde ser observado em seu perfeito estado primitivo, originario, natural ?

Diante dessa difficuldade, o que nos resta a fazer, para attingir a rigorosa verdade procurada, é guiar-nos pela observação da existencia animal, na qual vemos em geral, comparadas com os machos da mesma especie, todas as femeas apresentarem, ao lado de uma maior delicadeza estructural e de um vigor physico menor, uma capacidade mental perfeitamente igual á masculina.

E agora, se da apreciação desse facto geral, observado na existencia animal, se deve induzir um facto analogo na existencia humana, certo será que, no estado natural, primitivo, originario, comparada com o homem, a mulher devia apresentar, ao lado de uma maior delicadeza estructural e de um menor vigor physico, uma capacidade mental perfeitamente igual á do homem.

Sustentando por isso, a perfeita igualdade mental natural do homem e da mulher, nada nos custa admittir que realmente, desde o principio, e ainda quando em perfeito estado primitivo, originario, natural, a mulher foi sempre algo inferior ao homem em volume, em massa e em força physica ; e nada, em verdade, nos custa admittir esse facto, porque, em bôa razão, delle exclusivamente não se hade inferir a inferioridade natural da mulher diante diante do homem.

E por diversas razões se demonstra a insufficiencia do raciocinio que da inferioridade da força physica do organismo feminino induz a inferioridade natural da mulher diante do homem.

Com effeito se do facto exclusivo de ser a mulher inferior ao homem em força physica, se ha de induzir que ella lhe é naturalmente inferior, certo a igualdade natural dos dois sexos se ha de estabelecer, não em virtude da identidade da histologia, da estructura e das capacidades physiologicas e mentaes dos respectivos organismos, e, sim, tão sómente em virtude do grau de força physica que elles apresentem.

Quer dizer : a igualdade natural dos dois organismos não se ha de julgar pela identidade de seus elementos, de sua estructura e de suas capacidades physiologicas e mentaes ; a verificação da identidade total dos dois organismos é desnecessaria. Para estabelecer-lhes a igualdade ou a desigualdade natural basta comparar-lhes a respectiva força physica... Essa força é igual em ambos os sexos ? A igualdade natural delles é evidente. Essa força é inferior no organismo feminino ? A inferioridade natural da mulher diante do homem é inquestionavel...

E essa é, em verdade, uma fórma de julgar muito simplista, e tanto que não póde ser acceita sem discussão e depois de discutida só póde ser recusada.

Com effeito, da inferioridade da força physica da mulher comparada com a do homem não se ha de induzir a inferioridade natural da mulher diante do homem, porque nunca, na existencia animal se tomou para criterio da inferioridade ou superioridade do ser vivo o valor de seu volume, de sua massa, de sua força physica, pois se esse fosse o criterio da inferioridade ou da superioridade natural do ser vivo, então forçoso seria confessar lisamente que o homem primitivo era naturalmente tão inferior ao urso e ao mastodonte quanto o homem civilisado é ainda naturalmente inferior ao cavallo e ao tigre.

Esse criterio, pois, que não póde ter uma applicação racional na existencia animal, que é a existencia geral, não póde tão pouco ter uma applicação racional na existencia humana, que é uma forma particular daquella existencia.

E, se, em virtude de uma excepção odiosa, esse criterio ser-

visse para medir a inferioridade ou a superioridade entre os homens e os homens e entre as mulheres e as mulheres, e, levada a esta particularisação extrema, o que se reconheceria afinal, por esse criterio, seria que, fosse qual fosse seu sexo, superior naturalmente seria o ser humano que maior volume, maior massa e maior força physica apresentasse. Dest' arte, ainda na mesma raça, no mesmo povo, na mesma familia, superior ao homem seria naturalmente a mulher que o superasse no desenvolvimento physico.

Estão de accordo com esta conclusão os que inferem a inferioridade natural da mulher de sua inferioridade physica ? — Não estão.

Ainda, portanto, admittindo que a mulher tem menor volume, menos menos massa, menor força physica que o homem, e que assim foi desde o principio, este facto não é razão para sobre elle se estabelecer a idea da inferioridade natural da mulher diante do homem, pois esse facto não é criterio pelo qual se possa com razão medir o valor natural do ser humano.

A demais, a inferioridade physica da mulher comparada com o homem não é um facto tão geral quando se quer fazer acreditar, pois ha no mundo, entre todos os povos, um numero immenso de mulheres physicamente superiores a um numero não menor de homens que lhes são physicamente inferiores, e estes homens, por aquelle criterio, deveriam ser julgados naturalmente inferiores a taes mulheres.

A inferioridade ou a superioridade da força physica não é, pois, um facto que sirva de criterio para medir a inferioridade ou a superioridade natural do ser vivo nem na existencia geral entre o homem e os demais seres vivos, nem na existencia humana entre o homem e a mulher, nem, mais particularmente nessa existencia, para medir a inferioridade ou a superioridade natural entre os homens e os homens e entre as mulheres e as mulheres.

Essa allegação, pois, a inferioridade physica, que não é um motivo de que se infira racionalmente nem a inferioridade natural do homem perante um animal, nem a inferioridade natural de um homem perante outro homem ou perante uma mulher, essa allegação não é tambem motivo de que se infira em verdade e razão a inferioridade natural da mulher perante o homem.

A maior delicadeza estructural, o menor vigor physico obser-

vados no organismo feminino o que estão claramente indicando ao homem, não é, como lhe apraz julgar em sua pretenciosa vaidade, a inferioridade natural da mulher; é, sim, que o homem não passa de um selvagem quando a desfeia, associando-a em sua insaciavel sede de amor, quando a extenúa com uma sobrecarga de labor que arrebenta e até quando, sem a consumir ao fogo de sua ardencia amorosa e sem a depauperar pelo trabalho excessivo, todavia a deixa definhar, confinada entre quatro paredes, á mingoa de uma completa oxygenação, de uma intelligente actividade tão necessarias para elle quanto para a mulher.

Não obstante a maior delicadeza estructural, o menor vigor physico do organismo feminino, a igualdade natural dos dois sexos em que se biparte o ser humano se firma indestructivelmente na razão philosophica que adduzimos em paginas anteriores, considerando-os conjunctamente em face do fim supremo da especie. Diante dessas considerações a allegação que examinamos perde todo o valor e mais não representa que a incomprehensão lastimavel dos factos naturaes.

Com effeito, se, ainda insistindo na analyse emprehendida, nós reconhecemos que, organisando a materia, a natureza não o fez tendo em vista preparar organismos tanto mais perfeitos quanto maior força possuissem, nem, differenciando as especies, assignou a cada especie, respectivamente, um grau especial, invariavel de força physica, tanto mais elevado quanto mais elevada acaso fosse a especie; se nós o reconhecemos, a verdade é que forçados somos a reconhecer tambem que, differenciando os sexos, a natureza não se propoz a preparar na mesma especie dois individuos de valor natural diverso: um, o macho — superior, outro, a femea — inferior, e quiz, sim, tão sómente aperfeiçoar o processo reproductivo de todas as especies, dualisando em sexos differentes o mesmo ser originario assexuado.

Esta é que é a explicação natural da differenciação sexual; diante della o grau de força physica que apresentem os individuos da mesma especie e de sexo differente nenhum valor teria se, em verdade, não se pudesse alegar com apparente razão que o grau da força physica deve estar em relação com a capacidade vital do organismo.

Da supposição, porém, de que esse nexo natural deve existir, relacionando o grau da força physica do organismo ao grau de sua vitalidade, não se póde com razão inferir que, incontestavelmente, o organismo dotado de um grau superior de força physica é naturalmente dotado de maior vitalidade do que outro que lhe é inferior em força physica ; e, nem portanto, sob este unico aspecto que seria tambem o unico capaz de legitimar a conclusão de que o organismo dotado de maior força physica é naturalmente superior a outro organismo que a não possue no mesmo grau ; nem ainda sob esse aspecto, que poria em relação o grau da força physica com o grau da vitalidade dos organismos, se póde acceitar a conclusão que infere a inferioridade natural da mulher diante do homem do facto de lhe ser este superior em força physica.

E nem ainda sob aquelle aspecto se póde acceitar uma tal conclusão, porque nos individuos de uma mesma especie, principalmente nos individuos da especie humana, são innumeros os casos de individuos debeis que vivem mais do que outros vigorosos ; e, se nesses casos a maior vitalidade, do ponto de vista da duração, não guarda correlação com maior vigor physico, certo é tambem que a maior vitalidade, do ponto de vista da intensidade, em muitissimos casos se manifesta independente do grau da força physica possuido pelo organismo. São, com effeito, incontaveis os individuos debeis que possuem mais intelligencia, mais sensibilidade, mais vontade do que outros que lhe são superiores em vigor physico e que mais do que estes, portanto, vivem intensamente.

Se, portanto, parece exacto, por um lado, que o grau de vigor physico deve estar em relação com a capacidade vital do organismo, por outro lado, não menos exacto parece igualmente que o de vitalidade organica e psychica indepente do vigor physico do organismo.

Releva accentuar que o grau de força physica possuido pelos individuos da mesma especie, principalmente da especie humana varia grandemente com as condições de hereditariedade e de meio, de desenvolvimento e de idade, havendo realmente entre o minimo e o maximo do vigor physico desses individuos uma gradação variadissima ; e se, não obstante essa graduação variavel do grau do vigor physico observado nos individuos humanos, é possivel

affirmar que o vigor physico da mulher é inferior ao do homem, odavia da possibilidade dessa affirmação não se ha-de concluir incontestavelmente que, por isso, a mulher é naturalmente inferior ao homem.

Diante daquelles factos, a conclusão imparcial que um juiz ponderado póde e deve tirar é que, se, em verdade ha um nexo natural relacionando o vigor physico dos organismos com a sua vitalidade, esse nexo não se manifesta na observação dos organismos humanos actuaes por se encontrarem certamente alteradas as condições naturaes adequadas á sua manifestação normal.

Talvez nos individuos humanos originarios ou numa raça regenerada e restituida ás condições puramente naturaes, adequadas ao seu desenvolvimento normal, talvez naquelles individuos ou nessa raça pudesse realmente manifestar-se um nexo natural relacionando o vigor physico com a vitalidade do organismo. Póde-se, com effeito, suppor que nos individuos humanos originarios ou numa raça regenerada e restituida ás condições mais adequadas ao desenvolvimento normal do ser humano, se manifeste, incontestavel, aquelle nexo natural ; todavia, ainda nessa hypothese a reação que se observasse, incontestavel, entre o vigor physico e a vitalidade do organismo limitar-se-hia certamente a pôr em relação aquelle vigor com a vitalidade organica, nada, absolutamente nada autorisando a supposição do que essa relação pudesse estender-se á vitalidade psychica do organismo.

Realmente o grau da vitalidade psychica, que o vigor, a saude physica innegavelmente favorecem, não parece depender originariamente, por fórma alguma nem do vigor nem da saude physica do organismo, a não ser nos casos excepcionaes em que a debilidade e a morbideza organicas implicam o atrophiamento ou a alteração funccional do cerebro.

A conclusão, pois, que infere a inferioridade natural da mulher, diante do homem do facto, aliás não geral, de sua inferioridade physica é, como já o dissemos, demasiado simplista ; para ser incontestavel, a affirmação da inferioridade natural da mulher diante do homem, deduzida de uma comparação feita entre os dois organismos, não deve resultar de uma comparação restricta ao grau de sua força physica, e sim de uma comparação integral dos dois or-

ganismos em seus elementos, sua estructura, suas capacidades physiologicas e mentaes, não considerados abstractamente, mas diante do fim supremo da especie — sua perpetuação no tempo e no espaço.

E, se, como já o demonstramos, feita a comparação integral do organismo masculino e do organismo feminino, as unicas differenças notadas entre esses dois organismos se limitam á differença da estructura dos orgãos sexuaes, á especialisação das funcções do apparelho reproductivo e á maior delicadeza estructural, ao menor vigor physico do organismo feminino comparado com o do homem; da comparação integral dos dois organismos só se verificam essas differenças, as quaes de nenhum modo, em face do fim supremo da especie no tempo e no espaço, collocam o organismo feminino em inferioridade natural diante do organismo masculino, certo é que a allegação dessa inferioridade, baseada no facto da maior delicadeza estructural, do menor vigor physico da mulher comparado com o homem, é uma conclusão demasiado simplista, inacceitavel por sua falta de rigor scientifico e philosophico.

INFERIORIDADE DA FORÇA OU CAPACIDADE MENTAL DA MULHER COMPARADA COM A DO HOMEM

IV — Moça dos olhos formosos e da alma inexperiente, o terceiro motivo mais de habito allegado para justificar a pretendida inferioridade natural da mulher comparada com o homem, é a sua supposta inferioridade intellectual.

A intelligencia é uma funcção, e seu orgão é geralmente considerado como sendo o cerebro. Ora não se póde estabelecer a inferioridade natural da funcção sem se ter previamente estabelecido a inferioridade natural do orgão que lhe corresponde; e assim como para explicar a inferioridade do vigor physico feminino comparado com o do homem, nós encontramos a sua maior delicadeza estructural natural, aggravada pela defeituosa divisão do trabalho feita entre os sexos, assim tambem para explicar a supposta inferioridade mental da mulher perante o homem, mais particularmente allegada sob sua fórma intellectual, certo os que fazem essa allegação a fundamentam em algum facto devidamente averiguado.

Em que facto rigorosamente demonstrado, rigorosamente verificado, de ordem histologica, anatomica ou physiologica assenta porventura a allegação de que o cerebro da mulher é naturalmente inferior ao do homem ?

Já acaso se demonstrou rigorosamente, scientificamente, que os elementos histologicos, a compleição anatomica, a capacidade funccional do cerebro, são de natureza differente no homem e na mulher, e, dessa differença acaso verificada, foi que se pôde inferir rigorosamente, scientificamente, a allegação da inferioridade natural do orgão intellectnal feminil ?

Não ; e se, nem por seus elementos histologicos, nem por sua compleição anatomica, nem por sua capacidade funccional, é possivel allegar differença natural entre o cerebro do homem e o da mulher, em que prova positiva assenta afinal a allegação da pretendida inferioridade intellectual feminina diante do homem ?

A unica prova, apparentemente positiva, que se encontrou para basear uma tal allegação foi o pezo do cerebro...

Mas, que valor scientifico tem acaso essa supposta prova ? Verificando-se que o cerebro de alguns homens notaveis pela intelligencia ou por outras quaesquer qualidades espirituaes, pezava mais que o cerebro dos homens communs, em media, estabeleceu-se uma relação directa entre o grau da intelligencia e o pezo do cerebro ; e verificando-se, por outro lado, que em media o cerebro da mulher pezava menos que o cerebro do homem, concluiu-se que mulher seria menos intelligente do que o homem.

Ora, além de que o estabelecimento daquella relação é mais arbitrario que scientifico, porquanto está verificado que o cerebro do homem intelligente nem sempre é mais pezado que o do homem commum e *póde ser inferior ao pezo do cerebro de muitissimas mulheres*, além disso, que é já sufficiente para desautorizar aquella prova, tirando-lhe o caracter scientifico ; além disso, a verdade rigorosa é que, scientificamente, nem ao menos se póde affirmar que o cerebro é, de facto, o orgão exclusivo da intelligencia.

Todavia, de accordo com as conclusões mais geraes da Sciencia, dado que seja realmente o cerebro o orgão da intelligencia, preciso é não esquecer que Buchner, segundo citação de Novicow, ensina claramente : « Se o pezo absoluto do cerebro é menor na

mulher, o seu pezo relativo (comparado com o pezo total do corpo) *é bem maior na mulher que no homem.* A mulher é em geral menor que o homem, e o seu cerebro, *necessariamente menor, está em relação com as necessidades de sua vida motriz.* Se, não obstante, comparado com o pezo total do corpo, o seu cerebro é, relativamente, mais pezado isto prova que o cerebro feminil tem maior numero de cellulas aptas para a funcção mental.

Com Buchner estão de accordo muitos outros autores, e de suas affirmações se verifica que, realmente, nenhuma prova positiva existe, que demonstre rigorozamente, scientificamente a pretendida inferioridade intellectual da mulher, baseando-se na demonstração positiva da inferioridade natural de seu orgão intellectual.

Histologica e anatomicamente identico ao do homem, o cerebro da mulher lhe é tambem physiologicamente igual porquanto o homem não tem um sentido, não possne uma faculdade intellectual que a mulher igualmente não possua : dotado de todos os centros que se encontram no cerebro do homem, não ha funcção que o deste realise e o da mulher igualmente não realise.

Em que facto, pois, fóra da identidade histologica, estructural, organica e funccional, que é completa entre o cerebro da mulher e do homem, se hade achar uma prova positiva que justifique a allegação da pretendida inferioridade intellectual natural feminina ?

O unico facto real em que possa assentar a idéa dessa supposta inferioridade, é que, através da historia, o homem apresentou sempre uma somma maior de conhecimentos e produziu um maior numero de creações intellectuaes do que a mulher.

Mas, a invocação desse facto para demonstrar a inferioridade intellectual natural da mulher, e accentuar que em virtude delle a sua collaboração na civilisação tem sido inferior á do homem, é tão sophistica quanto iniqua...

E' sophistica, porque, invocando-se esse facto para servir de criterio á medida da intellectualidade natural do homem e da mulher, não é, entretanto, o criterio natural o que se invoca e serviria para medir a intellectualidade em potencia ; é, sim, o criterio actual que serve apenas para medir a intellectualidade em acção ; e a invocação daquelle facto, com um tal intuito, é iniqua, porque seria preciso que desde o principio as condições de actividade da

intelligencia tivessem sido as mesmas para o homem e para a mulher, para se poder inferir agora, com razão, da maior somma de conhecimentos e de creações intellectuaes que o homem apresenta, a supposta inferioridade natural da intelectualidade da mulher.

E é aqui o logar de accentuar que. se a equivalencia natural do organismo da mulher e do organismo do homem, já não é tão perfeita quanto deveria ter sido originariamente, em relação á capacidade mental, este facto se explica facilmente pela razão de ter havido, desde o principio, desde o momento em que se formaram mais remotas sggremiações sociaes, uma rudimentar divisão de trabalho entre os sexos, cabendo á mulher ou uma sobrecarga de labor material extenuante ou um encargo de funcções puramente domesticas, mal entendidas, que não lhe favoreciam e antes lhe prejudicavam o desenvolvimento physico e mental.

Esta é a razão que, mais em harmonia com a verdade, se póde allegar como explicação da actual inferioridade mental da mulher diante do homem ; mas essa razão, que não inffirma *o facto actual da inferioridade mental da mulher em comparação com o homem*, essa razão, por nós mesmos allegada, parece collocar-nos em contradicção comnosco mesmos, porquanto, implicando ella a confissão da inferioridade physica e mental da mulher diante do homem, nós, que a fazemos, sustentamos, apezar della, a igualdade natural do homem e da mulher...

Essa contradicção é, porém, apenas apparente, por que a *igualdade* que nós sustentamos é *a igualdade natural do organismo feminino e do organismo masculino em face do fim supremo da especie — sua conservação e sua perpetuação no tempo e no espaço, e a inferioridade que nós confessamos é a inferioridade actual do organismo feminino diante do organismo masculino, em relação á força physica e mental, consideradas abstractamente.*

Sustentaudo a igualdade dos dois organismos, nós o fazemos não sómente dando razão eventual de sua inferioridade actual, como ainda fazendo ver, como o fizemos, que o conceito da inferióridade natural do organismo feminino comparado com o organismo masculino, não poderia resultar, incontestavel, de uma comparação incompleta, restricta á força physica e mental actuaes dos dois organismos, mas de uma comparação completa, que os

abrangesse em sua histologia, em sua estructura, em sua organisação e em suas capacidades physiologicas e psychicas, vistas em absolutas condições naturaes e consideradas em face do fim supremo da especie.

E' desta comparação integral dos dois organismos, vistos em absolutas condlções naturaes e considerados perante o fim supremo da especie, que se induz a inferioridade natural do organismo feminino?

— Não; esse conceito é induzido unicamente de uma comparação restricta *á força physica e á força mental actuaes do homem e da mulher*, e esse conceito, portanto, resultante de um raciocinio defeituoso, é insufficiente, e, sendo insufficiente, é tambem innacceitavel por não ser feita a comparação de que elle resulta entre individuos vistos em perfeito estado natural, e sim entre o homem desenvolvido e a mulher atrophiada pela civilisação; esta, atrophiada do ponto de vista physico e mental, aquelle, desenvolvido do ponto de vista mental e atrophiado do ponto de vista physico.

Isso que allegamos para não deixar em aberto a questão da *inferioridade actual da força physica e da força mental da mulher em comparação com o homem*, isso é o que, com maior approximação da verdade, se póde allegar, a querer-se exigir uma perfeita *igualdade de força physica e mental nos dois sexos, para se admittir a sua perfeita igualdade natural.*

Até aqui argumentamos como se pressuppozessemos essa exigencia e a julgassemos necessaria e justa não sómente em relação á força physica como ainda em relação á força mental; accentuando agora que, em verdade, julgamos uma tal exigencia necessaria e justa em relação á força mental, porque o grau da intensidade da vida está em relação directa com o desenvolvimento das capacidades mentaes do organismo, todavia recordaremos que, em relação á força physica, demonstramos diante dos factos observados, não se manifestar no estado actual da humanidade nenhum nexo natural relacionando o grau de seu vigor physico com a sua vitalidade, nem do ponto de vista da duração nem do ponto de vista da intensidade.

A igualdade natural dos organismos é sua *igualdade potencial perante o fim supremo da especie*, e se o que a historia nos ensina

é que sempre, através della, as condições de desenvolvimento physico e do desenvolvimento mental da mulher foram de muito inferiores as condições do desenvolvimento masculino, e se é das leis biologicas que a funcção póde crear o orgão e o desenvolve fatalmente, e que falta de uso póde atrophiar um orgão já existente ; uma vez que a maior delicadeza estructural e o menor vigor physico do organismo feminino são naturaes, e nada originariamente explica a inferioridade intellectual da mulher, só as condições inferiores do seu desenvolvimento, que explicam sua atrophiação e a atrophiação physica do homem, podem explicar tambem *sua actual inferioridade mental.*

Esta explicação, porém, de nenhum modo justifica a idea da supposta inferioridade natural da mulher diante do homem, nem considerando-se essa inferioridade do ponto de vista physico nem do ponto de vista intellectual.

Do ponto de vista physico essa idéa é inacceitavel, porque já demonstramos que o dado physico, considerado abstractamente não serve para medir o valor natural dos organismos perante o fim supremo da especie ; do ponto de vista intellectual ou mental tambem não, porque, não obstante a desigualdade das condições de desenvolvimento mental dos dois organismos, nada autorisa supposição da *inferioridade mental natural da mulher diante do homem.*

Com effeito, além do numero já notavel de mulheres que se têm distinguido na philosophia, na politica, na guerra, na sciencias, nas lettras e nas artes — o que serve para demonstrar que apesar das pessimas condições de desenvolvimento mental feminil, grande é a phalange das mulheres que, rompendo obstaculos asperrimos, souberam se elevar pelo sentimento, pela vontade e pela intelligencia á altura de onde os grandes typos masculinos dominam o commum de seus semelhantes, homens e mulheres — além disso, a verdade é que o numero de mulheres intellectuaes superiores ao commum dos homens é immenso.

O numero dessas mulheres parece diminuto quando se affirma que a collaboração feminil na civilisação tem sido nulla ou quasi nulla, porque os que formulam essa affirmação esquecem que a obra da civilisação não é do homem, *mas de alguns homens.*

Num povo europeu qualquer, entre os mais adiantados, quantos homens verdadeiramente intellectuaes se encontram ? Entre os milhões de francezes, de allemães, de inglezes, de italianos, de russos, de suecos, de hollandezes, de norueguezes, nascidos em meio de uma civilização apurada, da qual mais podem aproveitar os homens que as mulheres, quantos homens autonomamente intellectuaes e capazes, por isso, de collaborar originalmente na civilisação, quantos homens, nessas condições intellectuaes, em cada povo daquelle existem ?

A massa de homens entre aquelles povos e, mais do que entre elles, no resto das populações humanas é intellectualmente passiva ; seria para desesperar de sua funcção na civilisação, se a natureza não lhe tivesse dado ao menos a capacidade mechanica de realizar as concepções do genio e de acompanhar inconscientemente os grandes reformadores, embora sob a condição de lhe consentir que de vez em quando, em sua inconsciencia, lapide ou crucifique algum.

A verdade, pois, moça dos olhos formosos, que as sombras de longas scismas atavicas ennoitecem, a verdade é que nenhuma razão scientificamente demonstravel justifica o preconceito da inferioridade intellectual da mulher de que se induza o preconceito de sua inferioridade natural perante o homem, preconceito que se invoca para legitimar a sua inferioridade social.

Socrates, moça dos olhos formosos, que foi como deves saber, um dos maiores philosophos e um dos mais nobres espiritos que se tem revelado no homem, definindo a mulher disse que era ella um homem incompleto, e essa definição seria perfeitamente justa se o grande pensador atheniense lhe tivesse juntado a definição do homem, dizendo tambem com a verdade philosophica que é elle uma mulher incompleta, pois o ser humano é uno em sua dualidade sexual, e só apparece completo sob sua dupla fórma masculina e feminina.

A unidade do ser humano, bipartido em dois individuos de sexo differente, como, aliás, a de todos os animaes differenciados sexualmente a partir de certos insectos, é que é a verdade scientifica ; e quer anatomica, quer physiologica, quer mentalmente, o homem, *considerado perante o fim supremo da especie e visto izoladamente*, é um ser tão incompleto quanto a mulher, *considerada perante aquelle fim natural e vista só na natureza.*

Não é justo, pois, não é, pois, racional nem scientifico que algum desses individuos incompletos, que necessita aggregar-se ao outro de sexo differente para voltar a apparecer completo na natureza ; não é justo nem scientifico que algum desses individuos se attribua uma qualquer superioridade natural — physica, physiologica ou mental, e, baseado nessa pretenção irracional, se outorgue privilegios sociaes que se resolvem afinal numa vergonhosa violencia ao direito natural do outro individuo privado desses privilegios.

A idéa de que o ser humano — homem e mulher — é uma unidade bipartida em metades irmãs ; de que o homem não é um ser completo, de que a mulher não é um ser completo, de que a reintegração natural do ser humano numa unidade perfeita só se realisa com a integração do homem na mulher, da mulher no homem, essa idéa não m'a suggeriu a definição da mulher dada por Socrates e nem se quer m'a espertou este versiculo da Genese biblica : « E Deus creou o homem á sua imagem ; á imagem de Deus o creou : e macho e femea os creou ».

Essa idea, que em verdade se encontra diffusa e na sciencia e na philosophia modernas, eu a encontrei formulada numa antiga e formosa lenda oriental, certamente filiada a tradições religiosas da India.

Narra essa lenda que Deus, quando crêa as almas, as biparte em metades irmãs, e, differenciando-se em masculina e feminina, as atira, no mesmo momento, ao mesmo mundo, afim do que essas metades gemeas se encarnem, se procurem, se encontrem, se reconheçam, se amem e pelo amor se reintegralisem e vivam ditosas, reunindo-se, como eram no céu, numa alma só.

Essas metades de almas irmãs, destinadas por Deus a reunirem-se sob a forma de homem e mulher, facilmente encontrar-se-hiam, reconhecer-se-hiam, amar-se-hiam, reintregar-se-hiam e viveriam felizes, recompondo pelo amor sua unidade originaria celeste, se acaso Lusbel — o sombrio perturbador do plano divino, não as dispersasse malevolamente, fazendo-as encarnarem-se em mundos e momentos diversos, e impossibilitando, desta arte, a cada qual encontrar sua metade gemea.

Lusbel, principe da desharmonia universal, é o homem desvariado pelo preconceito senão pelos sentimentos mesquinhos.

cego pelo orgulho de sua força e de sua intelligencia, pela vaidade de seus sentimentos despoticos, quer dizer selvagens, não percebe a harmonia da natureza, não lhe penetra a grandiosidade do plano universal, originariamente simplissimo e, por isso, nascido da mulher, nutrindo-se primeiro do seu sangue, em sua entranha sagrada, alimentando-se depois de sua vida, na fartura de seus seios formosos e abundantes, não descobre que ella é sua metade irmã, tão fraca, tão incompleta perante o fim supremo da especie, vista sósinha na natureza, quanto elle proprio é fraco e incompleto perante aquelle fim natural, visto isolado no mundo.

E porque, apesar de seu orgulho e de sua vaidade, é um ser tão inintelligente que ainda seus representantes mais intelligentes, através de millenios, foram incapazes de comprehender aquella verdade tão intelligivel, o homem rumina ainda o preconceito da inferioridade natural feminil e até quando já não participa nelle e quer a refórma social, não sabe querel-a resguardando os verdadeiros interesse moraes da mulher.

Moça de olhos formosos, o individuo rustico que é teu irmão na natureza e que, não obstante sua rusticidade ancestral a todo proposito te fala de amor, não comprehende a funcção natural desse sentimento, e, quando fala de amor, ou eleva a mulher, como o simples poeta, a uma altura mystica, inattingivel ao resto dos mortaes, ou como a maioria destes, a rebaixa á condição de instrumento do gozo sensual, desse gozo que elle procura sem cuidar em que delle póde rezultar uma prole sem formosura plastica e sem belleza moral.

E, porque seja a intelligencia da funcção natural do amor a questão que mais interesse á mulher e á especie, eu darte-te-hei, moça dos olhos formosos e da alma inexperiente, as armas da poesia e da sciencia, não para combaterem em lucta aberta o teu insensato irmão na natureza, que o não poderias nessa lucta vencer, porque elle é forte e opiniatico, mas para o dominares pela tua belleza triumphal, fundando-lhes sobre o coração e sobre a intelligencia o Imperio da formosura de teu corpo e de tua alma que são o complemento natural indispensavel da formosura do corpo e da alma delle.

João Pereira Barreto.

EL CÓDIGO CIVÍL BRASILERO (*)

A don Silvano Mosqueira

Precede al Código una ley de Introducción de 21 artículos, todos ellos alusivos a la fecha de su vigencia, su obligatoriedad con relación al territorio, su inescusabilidad por ignorancia, y en que el legislador define algunos conceptos jurídicos, tales por ejemplo, los derechos adquiridos, los actos jurídicos perfectos y la cosa juzgada, a los que la ley no perjudica, y enuncia el principio director de la capacidad civil, de los derechos de familia, las relaciones personales de los cónyuges y el régimen de los bienes en el matrimonio, ley que es la de la nacionalidad, por oposición a la del domicilio, consagrada por nuestro derecho, aunque no del todo excluida del brasilero, en que subsidiariamente se la aplica a las personas sin nacionalidad y a las que tienen dos nacionalidades por conflicto, no resuelto, entre la ley del país de origen, caso en que prevalece la ley brasilera, cuando una de ellas fuese la del Brasil.

Enúnciase igualmente en la Ley de Introducción los principios que rigen los bienes muebles e inmuebles, la forma intrínseca de los actos públicos y particulares, los medios de prueba, la sustancia y los efectos de las obligaciones, las sucesiones legítima y testamentaria, la competencia, la forma del proceso y los medios de defensa, los cuales son: la ley del

(*) Veja *Revista Americana,* n. 4, Janeiro, 1918.

lugar de su situación en cuanto a los bienes; la del lugar y tiempo en que fueron practicados, en cuanto a los actos; la del lugar del acto que se tiene que probar, en cuanto a los medios de prueba; la del lugar en que fueron contraidas en cuanto a las obligaciones, salvo estipulación en contrário; la ley nacional del fallecido, en cuanto a las sucesiones, y la ley en que se promovió la acción, en materia de procesos.

Acerca de las reglas de Derecho Internacional seguidas por el Código, dice Bevilaqua: « Sin un previo acuerdo de las naciones cultas a este respecto, no es lícito esperar una codificación de las materias constitutivas del Derecho Internacional privado; pero, mientras esa aspiración no se condense en realidad, (y nada autoriza a suponer que será en breve) es indispensable afirmar algunos principios que sean punto de apoyo para la funcción de juzgar. No podiamos continuar enteramente entregados a las vacilaciones de la doctrina, que en este asunto, a pesar de su intenso brillo, es menos consistente que en cualquier otro del Derecho privado. Mas el ejemplo de las conferencias de La Haya y del Código Alemán, evidenciando el estado de fluidez en que hasta ahora permanece gran parte de esta materia, aconsejan a los legisladores actitud de discreción y de reserva.

« El actual Proyecto del Código Civil brasilero, perfiló la doctrina de la personalidad del derecho subordinado a la idea superior de la nacionalidad, pero no le quiso prestar una forma tan inflexible que no se amoldara allí donde las condiciones indicasen claramente que debía ser otra la norma reguladora de la relación de derecho.

« En referencia al régimen de los bienes entre cónyuges, por ejemplo, adoptó un camino intermedio, procurando interpretar la voluntad presunta de las partes, a ejemplo de lo que hacen la jurisprudencia francesa y la neerlandeza y otras, con la diferencia de que allí la doctrina fluctúa al impulso de los actos y de las opiniones de los juzgadores, y aquí queda presa en las mallas, suficientemente elásticas, de algunos dispositivos extraidos de la observación detenida de los actos ». (Observações para esclarecimento do Código Civil Brazileiro, vol. I, pág. 16).

La ley de Introducción de lCódigo brasilero es semejante a la ley de Introducción que precede al Código Civil suizo de 16 de Diciembre de 1907 y sigue al alemán de 18 de Agosto de 1896.

El Código Civil suizo contiene en este punto un dispositivo relacionado con la facultad de los jueces, que resulta bien extraño para nosotros, con el sistema de la separación de los poderes. El juez suizo tiene facultades de legislador en determinados casos, por mandato expreso de la ley, al paso que según nuestra Constitución, « toda sentencia de los jueces inferiores y del Superior Tribunal deberá expresamente estar fundada en la ley », (artº. 118). Según nuestra ley civil «los jueces no pueden dejar de juzgar bajo el pretexto de silencio, oscuridad o insuficiencia de las leyes »; (artº. 15, Código Civil) y « si una cuestión civil no puede resolverse, ni por las palabras, ni por espíritu de la ley se atenderá a los principios de leyes analogas; y si aún la cuestión fuere dudosa, se resolverá por los principios generales del derecho, teniendo en consideración las circunstancias del caso », (artº. 16 idem). Y nuestro derecho procesal dispone: « El juez debe siempre resolver según la ley. Nunca le es permitido juzgar del valor intrínseco o de la equidad de la ley », (artº. 60 C. de Proceso Civil). El juez debe interpretar la ley, según su ciencia y conciencia, con relación al caso que debe decidir, (artº. 61 idem). El Código Civil Brasilero dispone que el juez no puede eximirse de decidir las causas sometidas a su conocimiento por motivo de silencio, oscuridad o ambigüedad de la ley. (Artº. 5c. Ley de Introducción). El Código Civil suizo va mucho más allá, al establecer que a falta de una disposición legal aplicable, el juez pronuncia según el derecho consuetudinario y, a falta de una costumbre, *según las reglas que él establecerá*, habiendo lugar para que haga acto de legislador. El se inspirara en las soluciones consagradas por la doctrina y la jurisprudencia. (Artº. 1º, segundo aparatado). Es una disposición que reconoce por fuente el Derecho Civil alemán. (Vide nota de Virgile Rossel).

Sigue a la ley preliminar el Código, con numeración independiente. Divídeselo en dos grandes partes, la una general y la otra especial. Precedida va la primera de una disposición preliminar en que se establece que el Código regula los derechos y las obligaciones, de cáracter privado, de las personas, sean naturales, sean jurídicas entre sí y en relación a los bienes, como materia exclusiva del derecho privado. Síguenla tres libros que se ocupan de las personas, de los bienes, y de los actos jurídicos, respectivamente. Dejamos para posteriores estudios la materia propia de cada uno de estos libros. A la parte general, sucede la parte especial, a su vez dividida en libros. El primero de ellos está destinado al Derecho de Familia, el segundo al de las Cosas, el tercero al de las Obligaciones y el cuarto al Derecho de Sucesiones.

Desde el punto de vista de la clasificación de sus preceptos, el Código Civil brasilero sigue la orientación más científica, que es el método lógico de la generalización decreciente. Repútase capital en la codificación el orden en que deben ser agrupadas las relaciones jurídicas.

El doctor Baez, dice a propósito de la forma en que se debe estudiar el derecho civil: « sería más lógico comenzar por las obligaciones y seguir luego con las cosas, porque la teoría de las obligaciones contiene principios comunes a los derechos de bienes, de familia y de sucesión; y, además, porque los bienes son una extensión de las obligaciones, como la sucesión lo es del derecho de familia », (vide El Derecho de las Obligaciones en el Código Civil Argentino. Teoría y Legislación comparada, en la Revista del Centro Estudiantes de Derecho, pág. 134, año II, nº. 2).

Clovis justifica su clasificación diciendo:

a) « En el grupo de las relaciones jurídicas de la familia, la idea predominante es el de la persona, como en el derecho de las cosas la idea predominante es el de la propiedad en sus diferentes aspectos, en el derecho de las obligaciones es el del crédito, y en el de las sucesiones es la de la transmisión hereditaria de los bienes que el hombre acumula para el aumento de su fuerza de expansión vital.

« Si bien la idea de hombre es más extensa de la de persona, para el Derecho privado en su pureza, todo hombre es persona; por tanto, la consideración social y la propia lógica aprueban el argumento que el buen sentido y el criterio jurídico habían suministrado al eximio Gayo, y que las Institutas de Justiniano reproducen (1, 2 § 12): *prius de personis videamus... quarum causa jus constitutum est.*

« Es el hombre, la persona, el sujeto de derecho que primero se debe destacar, encabezando la serie de los grandes grupos de relaciones civiles;

b) « Adoptando el criterio clasificador de la generalización decreciente, después de la parte general, en la cual se incluyen, bajo una ficción abstracta, los principios aplicables a todos los momentos, situación y formas del Derecho privado, debemos estudiar los institutos jurídicos del derecho de familia, que son partes integrantes de los fundamentos de toda sociedad civil. Interesan, como dice Menger, a la base natural de la sociedad y tienen, por tanto, mayor generalidad que las instituciones jurídicas de la propiedad;

c) « Si el hombre socialmente considerado tiene primacía sobre el hombre como individuo; si los intereses altruistas prefieren a los egoistas; si, como reconoce Savigny, los bienes son una extensión del poder del individuo, un atributo de su personalidad, cabe la precedencia, por amor de sociología y de lógica de los institutos de familia, círculo de organización social, sobre los institutos económicos, medios de asegurar la conservación y el desenvolvimiento de la vida social;

d) « Savigny, cuya exposición de materias de la parte especial del Derecho Civil comienza por el Derecho de las cosas, reconoce que el orden natural, según el cual nos aparecen los institutos, sería partir del derecho de familia puro, pasar en seguida al Derecho de las cosas, al de obligaciones, volviendo al de familia aplicado y terminar con el de las sucesiones.

« Pero, para no dividir el derecho de familia en dos porciones, resuelve transportar lo que él denomina Derecho de familia puro al lugar donde se debe hallar el aplicado.

« Hallo preferible considerar las relaciones de familia en su integridad, en el punto en que ellas se nos presentan; porque, si la idea capital ahí se encuentra, sus naturales desenvolvimientos deben ser por ella atraidos, mas no dislocados.

e) « Es cierto que al levantar la influencia de las relaciones de familia sobre los bienes, iremos a encontrar las nociones de propiedad y de obligaciones.

« No obstante ese inconveniente, que no será fácilmente debilitado, mayor sería si iniciásemos la serie de los grandes institutos civiles por las obligaciones, porque éstas implican forzosamente la noción de la propiedad, desde que transponen el círculo restrictísimo de las prestaciones de servicios recíprocos, y ofrecen, en su conjunto, un concepto más complejo y menos general que el de la propiedad.

« No seríamos mejor aventurados si aceptáramos como punto de partida de nuestra exposición el derecho de las cosas, pues basta recordar las limitaciones impuestas al dominio por las relaciones de vecindad, por la indivisión y por las cargas reales para evidenciar cuánto la teoría de las obligaciones interesa al conocimiento de los diferentes institutos que forman el grupo del derecho de las cosas.

« Conclúyese de esta observación que hay manifiesta interdependencia de conceptos y de normas, en toda la materia del derecho civil; que los institutos, como órganos pertenecientes a un sistema más dilatado, presentan en su estructura, préstamos recíprocos y contactos frecuentes. Por tanto, esa circunstancia, que se reproduce en todas las secciones del derecho civil, no puede ser una objeción contra la precedencia concedida a una de ellas ». (vide Observações, pág. 14).

Conocida es la metodología del Código Civil argentino. Inspirada está el en la clasificación de Freitas, modificándola en algunas partes.

Freitas dice: « La Consolidación de las Leyes Civiles presenta en su primera división dos grandes categorías, que forman su Parte Especial. A esta Parte Especial antecede una Parte General, que le sirve de prolegómenos.

« La Parte General trata en dos títulos de las Personas y de las Cosas, que son los elementos constitutivos de todas las

relaciones jurídicas, y por tanto, de las relaciones jurídicas en la esfera del Derecho Civil.

« La Parte Especial compónese de dos libros, en correspondencia con la fundamental división de las dos categorías. El primer libro tiene por objeto los derechos personales, el segundo libro los derechos reales.

« El valor de estas locuciones jurídicas, cuyo sentido tanto varía según la necesidad o arbitrio de las aplicaciones, hállase determinado; y conveniente será repetir, que nuestra distinción es el producto del análisis de todos los derechos posibles en su extensión.

« Derechos reales son todos los que inmediatamente recaen sobre las cosas, o en unidad verdadera, formando el derecho de dominio, o la propiedad corpórea; o en unidad artíficial, distribuidos por dos o más agentes.

« Derechos reales derechos personales, son los dos elementos de propiedad, los dos valores componentes de toda la riqueza pública, de toda la riqueza particular.

« El primer libro sobre los derechos personales hállase dividido en dos Secciones.

« La primera Sección trata de los derechos personales en las relaciones de familia, cuyas partes son el casamiento, la patria potestad y el parentesco; completándose por la institución supletoria de las tutelas y curatelas.

« La segunda Sección trata de los derechos personales en las relaciones Civiles, describiendo sus causas productoras, que son los contratos y los delitos (actos lícitos e ilícitos), y las causas de su extinción.

« El segundo libro sobre los derechos reales contiene cuatro Títulos que tratan del dominio, servidumbre, herencia, hipoteca; y un Título final, que trata de la prescripción adquisitiva (usucapio).

« El derecho de herencia, no es derecho real, es uno de los derechos absolutos. La herencia es una continuación del dominio y derechos reales del muerto, que se transmiten a su heredero, o herederos. La herencia es un patrimonio, una universalidad, es la propiedad en complejo ideal; conteniendo no sólo derechos reales, sino también derechos personales,

activa y pasivamente; y de esta manera ella se resuelve en cantidad pura, que puede ser negativa, o igual a cero. La herencia, por tanto, tiene naturaleza común, que la hace entrar en las dos especies de derechos.

« El concurso de acreedores para ser pagados por un solo deudor insolvente, también tiene cualidad común.

« Atendiendo a los acreedores reivindicantes (son los acreedores de dominio), a los acreedores separatistas (son los acreedores o legatarios de aquel, de quien el deudor común fué heredero), a los acreedores de la masa (es necesario distinguir de los acreedores de la masa, como tal, los acreedores que ya lo eran antes de la apertura del concurso), es preciso regular la colisión (el concurso de acreedores en general comprende a los acreedores reivindicantes, los separatistas y los acreedores de la masa. El concurso en sentido restringido supone excluidos a esos acreedores, y sólo dice respecto de los otros), entre acreedores quirografarios, entre acreedores quirografarios e hipotecarios, y entre acreedores meramente hipotecarios; y la hipoteca es un derecho real de donde proviene para el acreedor concurrente el derecho de preferencia.

« Esta materia, no obstante que deberá ser tratada en el mismo lugar, hállase fraccionada en dos libros.

« Lo mismo acontece con la prescripción, que en parte, como uno de los medios de extinguir derechos personales (prescripción extintiva) está en el Tít. 4°. Cap. 3°, del Lib. I; y en parte, como medio de extinguir derechos reales, y como medio de adquirir dominio, (prescripción adquisitiva), está en el Tít. 5°, del Lib. II.

« Este resultado, a que llegamos con la rigurosa demarcación de las dos clases de derechos, convéncenos de la necesidad de un 3er. Libro, que, conteniendo las disposiciones comunes a los derechos reales y a los derechos personales, se divida en tres Títulos, el 1°, para la herencia, el 2°, para el concurso de los acreedores, y el 3°, para la prescripción ». (vide Introducção, de la Consolidação das Leis Civis, pág. CXII).

Vése que la clasificación de Freitas reposa sobre la distinción de los derechos en reales y personales, es decir *sobre*

el carácter de las relaciones jurídicas, y no sobre sus elementos, como son las personas, las cosas y las acciones.

El Código Civil argentino sigue las huellas de Freitas. Apártase de éste en cuanto rechaza su división en una parte general y otra especial, sustituyendo aquella con el Título Preliminar que contiene algunas declaraciones relativas al carácter obligatorio e irretroactivo de la ley, la capacidad e incapacidad de las personas, el régimen de los bienes y sobre el modo de contar los intervalos del derecho.

Los principios generales que sirven de prolegómenos al Proyecto de Freitas y que constituyen los tres primeros libros de la Parte General del Proyecto de Clovis, se hallan en la introducción de los capítulos sobre los mismos derechos en el Código Civil argentino.

El Código Civil suizo de 10 de Diciembre de 1907, comprende: un *título preliminar* (art°. 1 a 10, que trata esencialmente de la aplicación de la ley y contiene algunas reglas generales); cuatro libros (*Derecho de las personas,* art°. 11 a 89; *Derecho de familia*, art°. 90 a 456; *Sucesiones*, art°. 457 a 640; *Derechos reales*, art°. 641 a 977) y un título final, art°. 1 a 61, que ha recibido una numeración especial con el objeto de que el derecho de las obligaciones revisado pueda ser fácilmente incorporado al texto del Código. Por último el *Derecho de las obligaciones* que constituye un Código aparte y está destinado a ser el quinto libro del Código Civil.

El orden de las materias del Código Civil alemán es el orden seguido en la enseñanza del derecho civil en Alemania, y parece más lógico que el seguido por el Código Napoleón, el cual, bajo un mismo título trata de materias distintas y sin ningún carácter común, como por ejemplo el Libro primero que legisla sobre las personas, el matrimonio, sobre el derecho de familia y las incapacidades. El Código argentino le semeja en este punto.

El título preliminar del Código alemán encierra los principios jurídicos aplicables a todas las relaciones de derecho, cualquiera sea su objeto, como en el Código Civil brasilero. Después vienen cuatro grandes divisiones: Derecho de las Obligaciones, Derecho de las Cosas, Derecho de Familia y

Derecho de Sucesiones. Como se ve, estos dos Códigos difieren fundamentalmente en el orden de sus Libros. El alemán da preponderancia a las obligaciones, al paso que el brasilero lo da al Derecho de Familia, siguiendo el dictado de Gayo y de las Institutas.

El Código Civil alemán, dice Raoul de la Grasserie, ha sido concebido y redactado con cualidades maestras: el orden, la lógica, el desarrollo de fórmulas generales, la ausencia de formalismos inútiles, el espíritu práctico, no obstante las apariencias contrarias, la disposición científica, el esfuerzo para ser completo. (vide Code Civil Allemand et Loi d'Introduction, aut. cit. pág. XXV).

Como los hemos dicho anteriormente, el ordem de materias no es uniforme en ninguno de los Códigos lo mismo que la opinión que sobre el particular han sustentado los autores. Parece, dice Henry Chaudé, más racional el tratar, como lo ha hecho el legislador suizo, de las personas y de la familia, antes de abordar el derecho de las cosas y el de las obligaciones. Y no podríamos suministrar mejores razones que las que él mismo ha dado: « El derecho de las personas y el derecho de familia, dice Huber, comprende las instituciones mismas sobre las cuales reposa todo el derecho realtivo a los bienes (Exposé des motifs, pág. 18, vide in aut. cit. Le Nouveau Code Civil Suisse dans L'Oeuvre de la Codification moderne, edit. 1909)». El debe, por tanto, ser estudiado en primer lugar, y debe acordársele la precedencia. Pero el derecho de sucesiones estrechamente unido a la familia toma su lugar inmediatamente después del estatuto personal, como un suplemento de la organización de los fundamentos del derecho civil, en consideración a la consecuencia de las generaciones. Este orden de materias, personas, familia, sucesiones, derechos reales, obligaciones, es el que mejor corresponde a la tradición histórica. (Huber, Exposé des motifs, pág. cit.).

En resumen, podemos decir que el Código Civil brasilero, ocupa uno de los primeros puestos entre los de su clase, en cuanto al método seguido en la distribución de materias, y en este sentido no sería aventurado señalarlo como modelo de severidad lógica y de sobriedad científica.

La precedencia de una Parte General, en que se agrupan sistematicamente los principios casi abstractos del derecho privado y aplicables, como lo dice Clovis, a todos sus momentos, facilita el estudio de las demás instituciones jurídicas, esclarece su concepto y evita las antinomias de que tanto padece el nuestro, confeccionado, como fué, en una mora premiosa, e inspirado en las más diversas fuentes del derecho civil.

Confórmase con la razón natural en cuanto comienza con el instituto de la familia, como círculo de organización social, y continúa con el derecho de las cosas, como que la propiedad no es sino el resultado de la actuación de la esencia humana, una continuación de nuestra personalidad, y no con el de las Obligaciones, cual acontece en el derecho alemán, desde que las obligaciones presuponen el desarrollo completo de la noción de propiedad, para terminar con el derecho de sucesiones, donde se aplican y desenvuelven las relaciones jurídicas anteriormente legisladas. La más seria objeción que en este punto podría hacérsele, sería recordar el orden de materias del Código Civil suizo, donde el derecho de sucesiones sigue inmediatamente al de familia, continúa con los derechos reales y termina con las obligaciones.

Conviene recordar aquí el método de exposición seguido en nuestra Facultad de Derecho, donde se comienza con el Libro de las Personas, se sigue con el de los Derechos reales y se termina, unas veces con el de lasSucesiones, otras con el de las Obligaciones, quebrantando así la metodología del Código argentino. Abonando el orden seguido en nuestra Facultad, dice el Dr. Zubizarreta: « las relaciones civiles exigen como términos indispensables para su existencia las personas y las cosas, que deben conocerse en si mismas, antes de estudiar como se relacionan entre sí, por el vínculo de la obligación ». (ver Elementos de Derecho Civil, aut. cit. t. II, prólogo).

PERSONAS NATURALES

Con el título de Personas Naturales comienza la Parte General del Código Civil brasilero. Declárase en él que todo sér humano es capaz de derechos y obligaciones en el orden

civil; que la ley no reconoce distinciones entre nacionales y extranjeros para la adquisición y el goce de los derechos civiles y que la personalidad civil del hombre comienza del nacimiento con vida, aunque desde la concepción la ley pone a salvo los derechos del concebido. Distingue al absolutamente incapaz del que solo es relativamente. Entre los primeros coloca a los menores de diez y seis años, a los locos de todo género, los sordomudos que fueren innibidos de hacer conocer su voluntad y los ausentes declarados tales en juicio; y entre los segundos los mayores de diez y seis años que no hubiesen completado veinte y uno, las mujeres casadas en cuanto subsista la sociedad conyugal, los pródigos y los selvícolas. La minoridad termina a los veinte y un años. La incapacidad cesa por concesión del padre o de la madre, habiendo fallecido aquél o por sentencia de Juez, oido el tutor, si el menor estuviese bajo tutela, para los menores que hubiesen completado diez y ocho años; por el matrimonio; por el ejercicio de empleo público efectivo; por el recibimiento del grado científico de los cursos superiores. Dispónese que en el registro público se inscriban los nacimientos, casamientos y muertes, la emancipación, la interdicción de los locos y la sentencia declaratoria de ausencia.

Como se ve, el legislador brasilero sigue la escuela según la cual la vida jurídica de la persona comienza con la concepción y termina con la muerte, escuela a la cual pertenecen los Códigos de Austria, de Frisburgo, de la República Argentina, por oposición a aquella que la hace comenzar recién con el nacimiento, reservando para el concebido una espectativa de derechos y es seguida por los Códigos alemán, portugués, español y mejicano.

Sigue al Código alemán y al suizo en cuanto fija la mayoría a los veinte y un años, criterio aceptable en países como el nuestro en que a tal edad el hombre adquiere la capacidad mental necesaria a su actuación en la vida civil.

La emancipación instituida el matriomnio mediante en el Código argentino, con el efecto de habilitar al incapaz para los actos de aquel carácter, aunque inhibiéndole de vender los fondos o rentas públicas que tuviese, de contraer deudas

mayores de quinientos pesos, de recibir pagos que pasen de mil, de hacer transacciones y de estar en juicio, (artº. 135, C. Civil argentino), mientras por la ley comercial toda persona mayor de diez y ocho años puede ejercer el comercio, estando emancipada, entendiéndose por emancipación la autorización expresa del padre o de la madre hecha pública por su inscripción en el Registro (artº. 10 y 11 del C. de Comercio) es una contradicción que debe desaparecer. Es así cómo el Código Civil brasilero, el alemán y el suizo hacen cesar la incapacidad de los menores que hubiesen completado diez y ocho años por concesión del padre o de la madre o por sentencia de juez.

Contra la opinión de Clovis y de Freitas, el Congreso brasilero ha establecido la interdicción de los pródigos, dando así legalidad a la tradición de las ideas jurídicas expresadas en los proyectos del doctor Felicio dos Santos, del Consejero Nabuco y del doctor Coelho Rodrigues, y en los Códigos de Alemania, de Portugal, de España y Austria.

« Creo que estas últimas traducen mejor las aspiraciones del derecho moderno, dice Clovis, refiriéndose a las legislaciones que excluyen la interdicción por prodigalidad: 1º, porque se afeccionan mejor las nociones de propiedad individual y de autonomía personal; 2º, porque la libertad individual sólo debe ser limitada en la medida del interés público; 3º, porque la exagerada interferencia del poder social en los negocios de orden privado es un yugo del cual la humanidad se ha libertado a costa de muchos y demorados esfuerzos; 4º, porque no se puede prefijar el máximo de los gastos de un hombre en proporción con su fortuna y según las exigencias de las circunstancias, y, si fuese posible, sería inconveniente esa prefijación ». (vide Observações pág. 18).

Nótase en el Código brasilero la falta de la interdicción por ebriedad consuetudinaria, consagrada por el Código Civil alemán, y que Raoul de la Grasserie considera una de las más felices innovaciones del segundo proyecto y el medio más eficaz de reprimir el alcoholismo.

En cuanto al Registro Público y a los hechos que en él deben de inscribirse, solo se dedica una disposición, en la

inteligencia de que su desenvolvimiento corresponde a las leyes y reglamentos especiales. El Código argentino dedica a esta materia todo el título V de la Sección I del Libro I, abundando en disposiciones de carácter reglamentario, extrañas a la naturaleza y finalidad de una ley destinada a regular los derechos y las obligaciones del orden privado.

DE LAS PERSONAS JURÍDICAS

Siguiendo el orden natural en que se desenvuelven las ideas, desarróllase en el Código Civil del Brasil la teoría de las personas jurídicas después de la teoría de las personas naturales, al revés de lo que acontece en el Código argentino, que comienza por aquellas y termina con las personas de existencia visible, como si el concepto de éstas no fuese más general que el de las personas jurídicas.

El Capítulo II del tít. I, Lib. I, de la Parte General, divídese en cuatro secciones, todas ellas consagradas a la institución y regulación de los derechos y obligaciones de dichas personas.

En la primera de ellas que es la de las disposiciones generales, establécense los dos grandes grupos de personas jurídicas: las de derecho público y las de derecho privado.

Las de derecho público, son de orden interno y de orden externo.

Personas jurídicas de orden interno son: 1°. La Unión; 2°. Cada uno de sus Estados y el Distrito Federal; 3°. Cada uno de los municipios legalmente constituidos.

Ellas son civilmente responsables por los actos de sus representantes que en esa cualidad causen daños a terceros, procediendo de modo contrario al derecho o faltando al deber prescripto por la ley, *salvo el derecho regresivo* contra los causantes del daño.

Son de derecho privado: 1°. Las sociedades civiles, religiosas, pías, morales, científicas o literarias, las asociaciones de utilidad pública y las fundaciones; 2°. Las sociedades mercantiles. Ellas son representadas activa e pasivamente, en

los actos judiciales y extrajudiciales, por aquel a quien los estatutos designaren, y a falta de designación, por sus directores.

En la segunda de dichas secciones, legíslase sobre el registro civil de las personas jurídicas, instituido para la inscripción de sus contratos, actos constitutivos, estatutos o compromisos, momento desde el cual comienza su existencia legal.

El registro declarará la denominación, los fines y la sede de la asociación o fundación; el modo por el que se administra o representa, activa y pasiva, judicial y extrajudicialmente; si los estatutos o el contrato o compromiso son reformables en lo atañedero a la administración, y de qué modo; si los miembros responden, o no, subsidiariamente por las obligaciones sociales; y por último las condiciones de extinción de las personas jurídicas y el destino de su patrimonio en tal caso.

Estatúyese en la tercera de ellas que las personas jurídicas tienen existencia distinta de sus miembros.

No se podrán constituir, sin previa autorización, las sociedades, las agencias o los establecimientos de seguros, montepíos o cajas económicas, salvo las cooperativas y los sindicatos profesionales y agricolas, legalmente organizados.

Termina la existencia de las personas jurídicas *por su disolución, deliberada* entre sus miembros, salvo el derecho de la minoría o de terceros; por su disolución, *cuando la ley lo determine*; por su disolución *en virtud de un acto de Gobierno*, casándole éste la autorización de funcionar, cuando la persona jurídica incurra en actos opuestos a sus fines o nocivos al bien público.

Extinguiéndose una *asociación de fines no económicos*, cuyos estatutos no dispogan en cuanto al destino ulterior de sus bienes, y no habiendo los socios adoptado a tal respecto deliberación eficaz, *devolveráse el patrimonio* social a un establecimiento municipal, estadual o federal, de fines idénticos o semejantes.

Extinguiéndose una *sociedad de fines económicos*, el remanente del patrimonio social *se repartirá entre los socios o sus herederos*.

La cuarta sección está destinada a las fundaciones.

Para crear una fundación, le hará su institutor, por escritura pública o por testamento, donación especial de bienes libres, especificando el fin a que la destina, y declarando, si quisiere, la manera de administrarla.

Si los bienes donados fuesen insuficientes para constituir la fundación se los convertirá en títulos de la deuda pública, si otra cosa no dispusiese el institutor, hasta que aumentados con los rendimientos de nuevas donaciones, completen capital bastante.

Velará por las fundaciones el Ministerio Público.

Aquellas personas a quienes el institutor cometiese la aplicación del patrimonio, en cuanto tuviese conocimiento del encargo, formulará luego, de acuerdo con sus bases, los estatutos de la fundación proyectada, sometiéndolos, en seguida, a la aprobación de la autoridad competente.

Para poder alterar los estatutos de la fundación es menester que la reforma sea deliberada por mayoría absoluta de los competentes para administrar o representar la fundación; que no contraríe a los fines de ésta; que sea aprobada por la autoridad competente.

La minoría vencida en la modificación de los estatutos podrá, dentro de un año, promover su nulidad, recurriendo al Juez competente, salvo el derecho de terceros.

Verificado ser nociva, o imposible el mantenimiento de una fundación, o vencido el plazo de su existencia, el patrimonio, salvo disposición en contrario del acto constitutivo, o de sus estatutos, será incorporado a otras fundaciones, que se propongan fines iguales o semejantes.

Tales son, sin puntualizar detalles, los rasgos principales de las personas jurídicas en el Código Civil brasilero.

Observando el orden de colocación de las distintas figuras de personas jurídicas reconocidas en esta legislación, nótase desde luego el rigor científico con que se procedió a distribuirlas. En primer lugar se hallan las personas jurídicas del dercho público, que se constituyen políticamente; en segundo lugar las del derecho privado, las asociaciones civiles y mercantiles, que se constituyen civilmente y por último las

fundaciones que son una universidad de bienes, obra exclusiva de la voluntad de una persona, la intervención mediante del Estado.

Esta división tripartita, se debe al proyecto de Coelho Rodrigues que con el « Esboço » de Freitas constituye una de las más ricas fuentes de la actual codificación.

En cuanto a la orientación científica, lo dice Clovis: « Ella diverje poco de la que fué precedentemente afirmada, y porque, en relación a las condiciones exigidas para el reconocimiento de la personalidad jurídica, el sistema adoptado es el mismo, *el de registro* con una limitada interferencia del Poder Ejecutivo en los casos de más grave responsabilidad. Es un término medio entre la plena libertad de algunos regímenes y la restricción atrofiante del derecho francés y de aquellos que le siguieron ciegamente, desconociendo, tal vez, que, aún en Francia, esas ideas están anticuadas a pesar de lo que dice Huc ». (Observações, pág. 20).

Las personas jurídicas del derecho privado se distinguen por sus fines. Desde este punto de vista ellas pueden ser de fines económicos o no. En consecuencia los principios que regula su existencia son también distintos.

En lo que respecta a las personas jurídicas de derecho público externo, la ley de introducción contiene un artículo según el cual dichas entidades no pueden adquirir, o poseer, por cualquier título, propiedad inmueble en el Brasil, ni derechos suceptibles de desapropiación, salvo los predios necesarios para el establecimiento de legaciones y consulados.

Depende de la aprobación del Gobierno Federal los estatutos o compromisos de las personas jurídicas extranjeras de derecho privado, para poder funcionar en el Brasil, por sí mismas, o por agencias, establecimientos que las representen, quedando sujetas a las leyes y tribunales brasileros.

Su capacidad es determinada por la ley nacional de las personas jurídicas.

Esta restricción al derecho de adquirir bienes inmuebles, impuesta a las personas jurídicas del derecho público externo, consulta el alto interés social de mantener íntegra la soberanía de la Nación y la necesidad de excluir los peligros que podrían

derivar del ejercicio extremado de la libertad. Es prudencia enseñada por los juristas alemanes, frente al sistema liberal seguido por los belgas, para quienes los Estados extranjeros gozan del derecho de propiedad como cualquiera otra persona jurídica, sin cercenamientos ni limitaciones.

Consideramos útil extractar el pensamiento del codificador sobre la responsabilidad de las personas jurídicas del derecho público por los actos de sus representantes.

Destituidas de razón y de voluntad, las personas jurídicas sólo pueden deliberar y obrar, mejor dicho obligarse por los actos de sus representantes en la ejecución de sus funciones. Regla es esta tan general que comprende a las del derecho público. Sólo que la teoría de la responsabilidad se complica respecto a ellas, porque de sus representantes, unos hay que obran como delegatarios de la soberanía de la nación y son lo que los autores franceses llaman funcionarios de autoridad, al paso que otros circunscriben su acción al puro dominio del derecho privado y son aquellos a quienes dichos autores llaman funcionarios de gestión, porque el vínculo jurídico que los une al Estado puede ser una relación contractual de mandato, o de locación de servicios, por onde viene la distinción de la culpa aquiliana y contractual, con ocasión de los daños que aquellos puedan causar, los primeros en ejercicio del poder y los segundos en los límites de sus atribuciones. En cuanto a estos últimos no se discute la necesidad de declarar la responsabilidad del Estado, porque de lo contrario no se hallaría la persona con quien se pudiese contratar los servicios inherentes a sus fines. Acontece lo contrario respecto de los funcionarios de autoridad, cuyos actos escapan a los preceptos del derecho privado, el cual sólo pretende apreciar *los efectos* de sus acciones en cuanto afectan el patrimonio de los individuos.

Varios son los sistemas que en esta materia se disputan el dominio de la verdad. Uno de ellos afirma la *responsabilidad directa* del Estado, y, entre nosotros, puede citarse a Baez como partidario decidido de él, en cuanto dice que « el Estado debe responder de la mala fe o de la insolvencia de sus empleados, pues vale más que se perjudique el Estado (cual una

compañía de seguors) y no el individuo, que vive amparado bajo sus leyes y paga la prima del seguro o con sus contribuciones pecuniarias y el servicio militar ». Otro sistema enseña la *responsabilidad indirecta* del Estado, como garante de los funcionarios que le sirven. Por último mencionaremos el sistema según el cual el Estado y las otras personas jurídicas similares son *absolutamente irresponsables* por los actos de sus empleados.

Agrega Bevilaqua que, a su parecer, de todos ellos, el más conforme con la razón jurídica es el del profesor Chironi, según el cual *el Estado (las provincias y las comunas) — comitentes — es responsable de la injuria causada por culpa imputable a sus funcionarios — agentes — en su cualidad de tales, y en el ejercicio de sus funciones, cuando la ley no hubiese dispuesto la mera responsabilidad personal de éstos.*

Excusado es decir que la responsabilidad del Estado tiene lugar mediando la reunión de los siguientes requisitos: 1°, que el funcionario haya obrado en el ejercicio y límites de sus atribuciones; 2°, que el acto sea un *mal uso* (abuso del poder) de atribuciones legítimas; 3°, que la ley no haya expresamente eximido a las personas jurídicas del derecho público de la responsabilidad civil resultante del acto perjudicial de su agente.

El Código Civil brasilero consagra la primera de las citadas teorías, salvo, como lo establece el artº. 15, *el derecho regresivo* contra los causantes del daño.

Antes de pasar al estudio del sistema del Código argentino, resumiremos en breves palabras, el de los Códigos alemán y suizo.

El primero de ellos distingue las *asociaciones (Vereine), las fundaciones (Stiflungen) y las personas jurídicas del derecho público*. Las asociaciones pueden tener por objeto operaciones de índole económica, y entonces adquieren su capacidad por su *inscripción* en el Registro de asociaciones del Tribunal competente, o bien operaciones que no sean de índole económica y entonces adquieren su capacidad por *con-*

cesión pública. El poder para hacer esta concesión corresponde al Estado. El Código alemán no admite el sistema del registro para las asociaciones mercantiles, las cuales se rigen por el Código de Comercio.

Las asociaciones del Código alemán corresponden a las personas jurídicas del derecho privado, en el Código brasilero, las cuales, como hemos visto, pueden tener o no, un objeto económico y comprende a las sociedades mercantiles. Las que tienen un objeto ideal, comienza a existir *desde su inscripción*; las que tienen un objeto económico, *desde la autorización*. La autorización es dada por el Estado, en cuyo territorio tiene que funcionar. El Código brasilero no regula el funcionamiento de las sociedades comerciales, que se rigen exclusivamente por el Código de Comercio, pero las menciona al lado de las que tienen fines económicos, con el objeto de dejar establecido que dicho Código reconoce su personalidad.

Desde el punto de vista de las condiciones exigidas en el derecho alemán para que las sociedades adquieran capacidad jurídica, existen tres sistemas, que son: el *de concesión*, el *de la libertad corporativa* y el *de la concesión ajustada a determinadas reglas*.

El primer sistema exige un decreto del Gobierno. El segundo no lo exige, y por el contrario considera que toda sociedad organizada corporativamente y legalmente existente, tiene capacidad jurídica por virtud de los principios generales del derecho, cuando actúa públicamente como tal sociedad. El Tribunal Supremo del Imperio ha establecido en varias de sus sentencias que ellas pueden en tales condiciones adquirir derechos, contraer obligaciones y comparecer en juicio, como demandante o demandado.

El tercer sistema es intermedio entre los dos primeros. Según este sistema, la adquisición de la capacidad jurídica depende de que la sociedad reuna ciertas condiciones determinadas en la ley, que garanticen una organización interna bien ordenada y la seguridad, en sus relaciones con terceros, y que se confirme esta circunstancia con la autoridad. (vide Texto y Comentarios al Código Civil del Imperio Alemán, traducción revisada por Alejo García Moreno, pág. 23). Estos

sistemas son los que Raoul de La Grasserie designa con los nombres de: *autorización, libertad simple y libertad condicionada* por la existencia de una organización interna y externa y por la publicidad. (vide Code Civil Allemand XXXI). El régimen de las comunidades religiosas en Alemania es más liberal que el adoptado en Francia. En efecto, en Alemania ellas adquieren la personalidad jurídica por el solo hecho de su existencia, al paso que en Francia se les exige una autorización para existir de hecho y otra autorización para tener personalidad civil.

Omitimos dar los detalles numerosos en que el Código Alemán abunda sobre la materia de las asociaciones. Los lineamientos principales están dados y ellos bastan al objeto de nuestro estudio.

El Título II del Libro I del Código Civil suizo se divide en tres capítulos, el primero de los cuales se dedica a las disposiciones generales, el segundo a las asociaciones y el tercero a las fundaciones. Todos ellos se ocupan de las personas morales. Es el nombre de que se sirve el legislador suizo para designar a las personas jurídicas, que se conocen en el derecho civl argentino y en el alemán (juristichen Personen). Autores hay, que no dan a este asunto la importancia que verdaderamente tiene. No es una cuestión de nombres elegidos al arbitrio del legislador. Ella es fundamental, porque atañe al concepto de esta laya de personas que tienen el ejercicio y el goce de nuestros derechos civiles, y cuya capacidad difiere de la del hombre, sólo cuantitativamente, pero no cualitativamente.

El legislador suizo considera impropio decir *personas jurídcas*, porque esta denominación: « hace nacer la idea de que el ser humano es siempre una persona, en el sentido de la ley, al paso que los grupos de personas no adquieren su personalidad sino en virtud de un privilegio o de una ficción. Esta idea es errada, porque en los dos casos, la *personalidad reposa sobre el reconocimiento de una situación de hecho por el derecho mismo*... En la primera hipótesis, la persona es

la obra de la naturaleza; en la segunda, ella no resulta sino de un acto jurídico». (vide Exposé des motifs, pág. 38 et 39).

Desde el punto de vista de la adquisición de la personalidad, el Código Civil brasilero se aproxima al sistema liberal consagrado por el Código Civil suizo, pero se diferencia de éste, en que, la inscripción es exigida para todas las personas jurídicas del derecho privado, sin distinción de fines, al paso que en el derecho suizo son dispensadas de esta formalidad no sólo las corporaciones y los establecimientos de derecho público, sino también las asociaciones que no tienen un objeto económico, las fundaciones eclesiásticas y las fundaciones de familia. Las demás, que se organizan corporativamente y los establecimientos que tienen un objeto especial y una existencia propia, adquieren su personalidad por su inscripción en el Registro de Comercio. Exclúyense, pues, las restricciones impuestas por el Código alemán que la hace depender de una concesión o de una decisión especial de la autoridad.

La adquisición de la personalidad no debe confundirse con el ejercicio de los derechos civiles. Esto último tiene lugar en el derecho suizo desde que las personas morales posean los órganos que la ley y los estatutos exijan a este efecto, porque la voluntad de ellas se expresa por medio de sus órganos. Excusado es decir que ellas gozan de los mismos derechos civiles que las personas naturales, con excepción de aquellos que derivan del sexo, la edad y el parentesco, y que se reputan inseparables de su condición también natural.

En cuanto al *destino de los bienes* de las personas morales, el Código brasilero hace distinción entre el destino de las asociaciones de fines no económicos y el de la de fines económicos. Los bienes de las personas jurídicas de fines ideales, cuyos estatutos nada dispongan a este respecto, una vez extinguidas, pasan a un establecimiento municipal o fiscal de fines idénticos o semejantes. Los bienes de una sociedad de fines económicos, extinguida, se reparten entre los socios o sus herederos.

El Código suizo estatuye, salvo disposición contraria de la ley, de los estatutos, del acta de fundación, o de los órganos competentes, que la fortuna de las personas morales disueltas

se devuelva a la corporación pública de que ella dependa por su objeto. Esta devolución tendrá lugar, no obstante cualquiera disposición en contrario, si la disolución ha tenido lugar *judicialmente*, porque su objeto era ilícito o contrario a las costumbres.

En el Capítulo II, que trata de las Asociaciones, se consagran algunos artículos aplicables subsidiariamente, cuando los estatutos no encierran reglas concernientes a la organización de la asociación y sus relaciones con los asociados, tales por ejemplo las asambleas, su competencia, forma de las decisiones, derecho de voto, privación de este derecho, entrada y salida de socios, cotizaciones o contribuciones a que se hallan obligados los socios, efectos de la salida o exclusión de éstos, la disolución voluntaria y la de pleno derecho, y la pronunciada por los jueces a solicitud de la autoridad competente o de un interesado.

Las fundaciones del derecho suizo son, con pocos variantes, constituidas, organizadas, vigiladas y disueltas como en el derecho civil brasilero.

LUIS DE GÁSPERI.

BIBLIOGRAPHIA

A Idéa do Direito na philosophia de Farias Brito. As pessoas juridiacs no Direito Romano. These de concurso na Faculdade de direito do Ceará. Fortaleza, 1917, por José Sombra.

As poucas paginas que fazem este opusculo são paginas reveladoras de uma forte intelligencia, armada de solida cultura, e dotada de um poder de expressão pouco commum. Do que diz respeito a Farias Brito só tenho a repetir que, a meu ver, o Sr. José Sombra nos deu um dos melhores, um dos mais serios trabalhos que têm apparecido, nestes ultimos tempos, sobre o grande brazileiro. A sua critica ao espiritualismo de Farias Brito que não tem o caracter negativo do idealismo moderno, a sua exposição admiravel do que faz a originalidade do methodo introspectivo, tal como o entendia o philosopho d'*O Mundo Interior*, e tudo quanto disse da idéa do direito no systema do nosso philosopho, e onde encontro aliás alguns pontos em que discordamos, todas estas paginas, pelo vigor e segurança, lhe dão desde já logar distincto entre os capazes de enfrentar a ardua tarefa da critica philosophica em nosso paiz, critica esta quasi desapparecida sob o montão das louvaminhas positivistas.

A segunda das suas theses é tambem desenvolvida com criterio superior ficando clara a tendencia do A. para filiar-se á corrente moderna que, considerando as pessoas juridicas seres reaes, dellas faz, por analogia, organismos sociaes, animados pela idéa sob a qual se formaram; O A. faz o historico das pessoas juridicas no Direito Romano, indo até o limite em que apparecem as pessoas juridicas do direito privado, de menos interesse que as de direito publico.

* * *

Em Relevo. Rio, 1917. RENATO ALMEIDA.

O Sr. Renato Almeida é sem duvida uma intelligencia vibrante, uma sensibilidade de fremitos e ancias e torturantes analyses raras em nosso meio. Não sei porém se o seu gosto accentuado pelo que é exotico, estrangeiro, longinquo, lhe garante uma verdadeira victoria nas letras nacionaes. Porque penso tambem que o A. não escreve para o estrangeiro. O seu descaso por tudo quanto é nosso, pelo que já constitue a base para a nossa futura autonomia intellectual, é de tal ordem que, dos quinze ensaios de que se compõe este livro, só um se refere ás letras nacionaes. Trata o A. do Sr. Ronald de Carvalho em que vê « o mais forte e rutilo dos poetas brasileiros do nosso tempo ». Sem intenção de desfazer no Sr. Ronald, parece que é demais... Sei que ao menor dos escriptores « nacionaes » ainda pesará como um insulto quasi o mais leve conselho e assim avalio que o Sr. Renato Almeida me levará a mal o que lhe vou dizer... Mas são os ossos do officio... e, convencido disto, ouso lembrar ao A. que, com o talento que possue, muito bem pode fazer ainda aos intellectuaes que fazem a galeria heroica do nosso soffrimento, em face da vida, nas terras americanas. A Rodenbach ou Laforgue pouco ou nada adianta o que de um delles disser o A. Entretanto, neste paiz em que ainda são tão desamados os verdadeiros artistas e pensadores, avalie o A. que bem o que faria se projectasse um pouco de luz sobre as figuras mais ou menos esquecidas de um Cruz e Souza, Auta de Souza, Raymundo

Corrêa e tantos outros que não mereceram ainda estudos que esclareçam definitivamente o que representaram, o que desejaram, o que fizeram no circulo das nossas aspirações intellectuaes. Sou dos que pensam que os grandes originaes só foram aquelles que synthetizaram o genio, o espirito de um dado povo. Eis porque, sem desconhecer os talentos e a poesia que revelam as paginas *Em relevo*, condemno francamente as tendencias cosmopolitas do A., tendencias que aggravam o mal proprio da Arte, pois continuo a pensar que ella é eminentemente desnacionalizadora, quando faz de si mesma a sua propria finalidade, e esquece que o homem é, antes de tudo, um ser moral.

* * *

Carrilhões. MURILLO ARAUJO.

O Sr. Murillo Araujo e a D. Laura da Fonseca e Silva são, a meu ver, os nossos poetas de intuição, os mais notaveis dos da nova geração. O Sr. Murillo Araujo, ainda um pouco incerto do rumo do seu espirito, trae no proprio verso estas indecisões, mas, muzicista que elle é, o que poderia ser defeito, se faz rythmo original de sua poesia. Sobretudo o que mais impressiona neste livro é a alma que elle revela, angelical, recolhida na propria luz de que empresta suavidade, ternura e melancolia a todas as cousas. Triste? Nem podia deixar de ser uma alma assim delicada, vivo sonho que se vai arrastando na estrada aspera. Um exemplo sómente desta poesia que, mais de uma vez, quasi me arranca lagrimas porque eu pensasse em quanto de milagre existe na vida de quem se sustem de pé, temendo-se até da propria sombra...

Sei que perigo é o meu...
Commigo ha a dor que eu urdo.
Meu inimigo surdo
Fui eu, sou eu, pois eu...

Tantas angustias! e ai!
O mal que assim me assombra
E' apenas minha sombra
Que é negra, negra! Olhae!

E quanto mais eu for
Vivendo, e o Sol baixando,
A sombra irá ganhando
Mais cor, oh!, mais horror!

E cresce... não se esvae?
O mal que mais me assombra
E' apenas minha sombra
Que assim crescendo vae!

Verei quando morrer,
Verei quando succumba,
A morte, em minha tumba
Ser noite e escurecer?

Noite das noites! Cae!
O mal que mais me assombra
Se ao Sol é apenas sombra
Na noite some e sae.

* * *

Juca Mulato. Itapira, 1917. MENOTTI DEL PICCHIA.

Ha alguns annos atraz quem teria coragem de publicar um poema com este titulo? Penso que ninguem. A cousa seria chocante. A campanha de diffamação ao nosso mestiço fazia-se livremente em proveito do lusitanismo de exploração, baseada em noções de sciencia de fancaria, e tudo isto emquanto, esquecido dos detractores, este mesmo mestiço ia-nos conquistando a Amazonia e povoando o interior do Brasil, fazendo silenciosamente mais do que todos os brancos do littoral, como já o haviam feito os mamelucos bandeirantes que nos garantiram fronteiras em que a fraqueza de Portugal não podia imaginar sequer... E o que tentou o Sr. Menotti del Picchia foi justamente a glorificação da raça sonhadora, generosa e desprezada. E da sua tentativa resultou, em verdade, alguma cousa de vivo, de verdadeiramente vivo, alguma cousa que fructificará. O poeta, aliás, já firmara reputação rara na poesia nacional, isto é, a de um constructor, a de um auctor capaz de planejar e desenvolver com sabedoria a sua idéa, sem perder por isto a graça, a vivacidade do instincto, da intuição poetica, fonte da eterna e verdadeira poesia, o que

se revela em cada um dos seus versos. No «Moysés», que é o livro anterior a «Juca Mulato», o thema eminentemente religioso e de caracter universal requeria os largos voos de imaginação, e o A. teve, a meu ver, grande felicidade em todos elles, apezar de já ser explorado o assumpto, e ser a imaginação ahi mais de caracter idealista do que lyrico. Explico-me: o A. não podia exaltar os sentimentos e as paixões que fazem a nota predominante da poesia lyrica, e antes dar todo relevo ao ideal de felicidade que foge sempre e só se alcança na amargura da propria desillusão que, assim purificada, ainda constitue a mais alta gloria do espirito. Em «Juca Mulato», porém, poude o Sr. Menotti del Picchia mostrar que não se distancia da corrente dominante em nossa poesia, que é eminentemente lyrica, e que ahi tem logar de destaque incontestavel.

* * *

Stalactites, Rio, 1917. MARIO MENDES CAMPOS.

Este livro foi publicado no Rio, mas o A., ainda muito moço, vive em S. José de Tocantins, em Minas Geraes... vive, por conseguinte, em verdadeiro isolamento intellectual. Mas a força do seu talento poude ficar acima da aridez da vida quotidiana, e neste livro de versos ha, nitidamente, a affirmação de uma natureza lyrica de primeira ordem. Quando o A. esquecer um pouco os seus mestres e, fazendo menos literatura, der mais liberdade ao seu proprio temperamento, ha de ser um dos mais emotivos dos nossos poetas, uma luminosa e suave expressão da melancolia brazileira.

* * *

Farias Brito. Edição da *Brazilea*. Rio, 1917. NESTOR VICTOR.

Nestor Victor é, incontestavelmente, um dos mestres mais dignos de respeito deste mundo em formação que é o

do espirito brazileiro, e a sua palavra é sempre uma expressão da profunda ancia de autonomia, que nos domina de alguns annos para cá, autonomia que se requer nas letras, na politica, na vida economica da nação. Deste modo não é de admirar que elle nos desse a pagina soberba a que nos referimos nesta simples noticia, pois sendo Farias Brito a maior affirmação mental que temos tido, o homem que levou mais longe a audacia do pensamento em terras americanas, Nestor Victor, como mestre entre os mais dignos que exercem a critica, entre nós, deveria surgir, como surgiu, demonstrando claramente os fundamentos do nosso orgulho e do nosso amor ante o monumento espiritual que nos foi legado pelo philosopho da « Finalidade do Mundo ».

Ademais, tendo sido um dos seus melhores amigos nos annos de vida decorridos no Rio de Janeiro, Nestor Victor poude conhecer, melhor que a maior parte dos nossos criticos, o que em Farias Brito, como homem, assombrava e prendia, como manifestação milagrosa de uma consciencia a que as forças do coração emprestavam clarões divinos. Dahi, afóra a parte critica propriamente do seu livro, e a exposição magistral que conseguiu fazer, em poucas paginas, das principaes attitudes do pensamento de Farias Brito, dahi, digo, a luz intensa, que derrama sobre a pessoa mesmo do philosopho, e luz de amor, luz carinhosa como merecia quem foi a bondade mais irresistivelmente poderosa que tenho conhecido.

Sendo a obra de Farias Brito de uma multílicidade quasi infinita de horizontes, teve Nestor Victor que abordar aspectos os mais diversos da nossa vida collectiva e não foi menor a sabedoria do A. em todas estas paginas. Assim, quanto disse sobre o problema religioso no Brasil é o que de mais elevado tenho lido, apezar de que nem sempre eu concorde com as conclusões do A. Analysando a lucta de escolas litterarias que entre nós se travou, Nestor Victor alcançou tambem a victoria de uma imparcialidade que honra sobremodo a critica nacional. Mas uma das partes mais interessantes do seu livro, e além de interessante, admiravelmente conceituosa, é a em que trata das consequencias sociaes

da libertação em massa do elemento que importaramos da Africa.

Nestor Victor, mais uma vez, poude alcançar uma verdadeira victoria intellectual, verdadeira porque é daquellas que, honrando o A., concorrem sobretudo para que a nação, em geral, o povo, na sua média cultura, se conheça melhor, se sinta mais digno e mais fartamente lembrado de Deus, vendo as grandes forças que, na realidade, possue, avistando-se a si mesmo na heroica exaltação dos grandes espiritos nascidos no seu seio.

* * *

Influencia do Catholicismo na literatura brasileira. NAZARETH MENEZES. Rio, 1917.

O Sr. Nazareth Menezes é dos raros jornalistas que, em nosso meio, ainda conservam a dignidade dos crenças catholicas, militando nellas, sem sacrificar ao respeito humano, baixio onde têm naufragado tantas esperanças.

Esta conferencia que acaba de publicar num pequenino volume merece a leitura de todos os catholicos brazileiros, pois ella muito os exaltará na fé dos nossos avós, dado que o A., mostrando a influencia do Catholicismo em nossa litteratura, não se descuidou de fazer realçar que o Brazil, no que já lhe garante a infinita e futura grandeza, é obra da Igreja que nos deu os nossos verdadeiros heroes, e protegeu a bondade ultrajada do indio, e, aos ouvidos da patria rude e primitiva, cantou os primeiros hymnos ás glorias da nossa natureza.

* * *

Tropas e Boiadas. H. CARVALHO RAMOS; Rio, 1917.

O Sr. Carvalho Ramos vem de firmar com a sua estréa uma invejavel reputação de escriptor, e nada mais justo.

Este livro apresenta com raro vigor todas as forças de um joven espirito observador, de visão agudissima, severo nas linhas traçadas pelo paysagista e commovente como evocador do heroismo obscuro e selvagem dos nossos sertões. Estes contos não são mais as promessas de uma intelligencia juvenil — são as primeiras producções de real valor de quem será amanhã o emulo de Affonso Arinos e Lucio de Mendonça neste genero já bem explorado, mas com muita infelicidade, na maioria dos casos, e em que o sincero amor pelo Brazil faz a glorificação artistica da rustica e admiravel nobreza dos caracteres que representam o verdadeiro typo do brazileiro, aquelle que longe do cosmopolitismo dissolvente, ainda conserva intacto o coração e o espirito americano, primitivo, sim, mas digno de admiração pela agudeza do instincto e pela coragem que é a principal virtude conservadora dos povos.

* * *

Maria Lucia; ANISIO MELHOR. Bahia, 1916.

O Sr. Anisio Melhor é um discipulo distincto do nosso grande romancista Xavier Marques, grande, porque no silencio e na humildade, nenhum dos nossos homens de letras actuaes, já deixou ver obra mais vasta e ao mesmo tempo mais commedida, mais rica pela gloria de um estylo proprio, mais nobre pela pureza da lingua. O Sr. Anisio Melhor tentou o genero em que Xavier Marques firmou a sua gloria de grande escriptor nacional, e « Maria Lucia » é uma novella praieira, com muitas das boas qualidades que se encontram em « Jana e Joel » e « Maria Rosa », novellas do mestre. O Sr. Anisio Melhor, dotado de mais imaginação é, por isto mesmo, um pouco excessivo as vezes, e não tem, como o autor do « Sargento Pedro » aquella sobria e suave maneira de encantar, ao mesmo tempo, o coração e o espirito, mas, muito moço ainda, e, dando-nos um livro de estréa no genero, é de esperar que possa ganhar muito ainda em perfeição, honrando ao mestre e á Bahia intellectual.

* * *

Casa de Pais, Escola de Filhos. AGOSTINHO DE CAMPOS, 1917.

O Sr. Agostinho de Campos é um dos mais notaveis escriptores do Portugal contemporaneo e aqui mesmo, no Brazil, é grande o seu prestigio intellectual. O presente livro, já em terceira edição, é fructo de uma natureza amadurecida, e parece traduzir bem a plenitude de um espirito. O Sr. Agostinho de Campos, pode-se dizer, realiza-se neste livro, que é todo elle producto do bom senso longamente experimentado, mas, por isto mesmo que demasiadamente reflectido, deixando ver tambem quanto ficou na alma do A. de certos preconceitos intellectuaes, adquiridos numa vasta leitura um pouco superficial e eivada de paixão contra o Catholicismo, de que não poude apprehender a immensa obra civilizadora. Baseando quanto aconselha num extremado amor pela independencia da creança, foi levado á apologia da Reforma e suas desastrosas consequencias, esquecido de que esta independencia, quando assim eleva a um tão radical absolutismo, é a morte mesmo da educação moral ou intellectual, pois, desapparecida a autoridade, fôra inutil todo methodo e todo esforço de systematização pedagogica. Preoccupadissimo com o conforto material, apezar da moderação e simplicidade do quanto aconselha para a sua realização sempre possivel, mesmo na relativa pobreza, esqueceu, no emtanto, que, se os Paes não têm adquirido tambem o conforto espiritual, que não nos vem dos moveis luzidios, nem mesmo de uma janella aberta para o mar, os filhos poderão vestir bem, andar a passo inglez, ser mechanicos, homens de negocio, optimos caixeiros ou droguistas, mas em nada concorrerão para a maior belleza da vida humana, e formarão sómente uma legião de mediocres, mais ou menos vistosos, mais ou menos satisfeitos. Se para isto só estamos aqui trancafiados no planeta, tem toda a razão o Sr. Agostinho de Campos, mas não vejo porque se entenda que é justo civilizar-se a tiro de carabina o pobre negro dos sertões africanos que tambem sabe tirar seu pouquinho de deleite do meio em que vive, e é forte sem precisar de mestre

de gymnastica. Agora, se alguma cousa mais póde aspirar o homem, se alguma cousa mais póde fazer, ha de concordar o Sr. Agostinho de Campos que um pai, descuidando a educação religiosa dos seus filhos e não procurando incentivar umas tantas outras preoccupações moraes e intellectuaes, além das em que se reflecte a necessidade de não maltratar os gatos ou os creados de casa, ou a ancia de conhecer alguma cousa do parlamentarismo inglez, ha de concordar, digo, que este pai roubou ao filho a possibilidade de ser um verdadeiro homem, e não só um representativo bem rotulado da mediocridade mais ou menos feliz, mais ou menos inutil, peso morto que a verdadeira humanidade vae arrastando neste circulo de soffrimentos e esperanças.

* * *

O secular problema do nordeste. Discurso pronunciado na Camara dos Deputados em 15 de outubro de 1917, por Ildefonso Albano. Rio.

O Sr. Ildefonso Albano não quiz felizmente fazer litteratura sobre o terrivel problema do Nordeste, mas com simplicidade de alma e forças do coração, alinhando factos, reunindo documentos, expondo com desassombro toda a magoa, toda a revolta em que mergulha o seu espirito quando imagina o que tem visto naquelle esquecido pedaço da patria brazileira, deu-nos um dos livros mais preciosos de 1917, pagina dolorosa, pagina que poderia pezar como uma maldição na consciencia dos responsaveis pelos destinos deste paiz, desde que elle chamou a si deveres que correspondem á liberdade.

Mas a consciencia dos responsaveis não está no Brasil, passeiou sempre e passeia...

O livro, reflectindo a tragedia secular em que se debate o brazileiro do Nordeste, mostrando o horror do exodo augmentando os rigores da natureza, protestando contra a indifferença dos que só se lembram do Norte quando o Brazil precisa de soldados, não é só um livro verdadeiro: pelo desmesurado soffrimento que arrasta á scena deslembrada a

longinqua dos nossos sertões, e, por sua vez, arrastando-nos o espirito até aquellas paragens feridas de morte, é mais alguma cousa que simplesmente verdadeiro, é empolgante, tem toda a belelza da Verdade, da Verdade que aterra os homens incapazes de sacrificio, incapazes de amor.

O Governo do Ceará devia mandar distribuir este livro por todo o Brazil, e, aqui no Rio, fazer uma distribuição semanal na Avenida Rio Branco... Talvez fossem grandes os resultados... Gasta-se muito entre nós em attenção á vaidade, e póde ser que a piedade mesma não falte a muitos destes corações vaidosos... Ora, se a piedade sincera, a caridade verdadeira, levar a melhor a força do exhibicionismo, póde ser que vejamos, canalisados para o Ceará os protestos de solidariedade que damos a todo mundo, e os auxilios reaes que vão tanto para a China como para a Patagonia, cheguem, mais de uma vez, a esta região ainda mais afastada e ignorada, onde o Cearense soffre e cresce para ir depois conquistar o Amazonas e povoar o interior do Brazil. Os jornaes que não dispensam o noticiario das festas elegantes farão o barulho necessario para accordar o Governo do somnambulismo das eleições, e ao quarto poder, todos sabem, devemos quantos somos, quanto realizamos, tudo o que nos envergonha, mas tambem todos os remedios com que nos curamos do desamor a nós mesmos.

* * *

Anita e Plomark aventureiros; Theo Filho e Roberto Bedarieux. Rio, 1917.

Um romance, o que não é demais nas nossas letras. No caso presente os autores, um brazileiro e outro francez, quasi nada adiantam as nossas letras propriamente e o livro, contendo aspectos brazileiros e europeus, pertence a um genero cosmopolita, que destoa, neste momento, das terriveis preoccupações nacionalistas, e não só do Brazil, do mundo inteiro.

O livro é prefaciado pelo Sr. Patrocinio Filho que casa bem seu nome de aventura a estas paginas de requintadas sensações e desabusadas attitudes, vindas de um meio de que

pouco ou nada entendo, onde perpassam entontecedoramente, rufiões elegantes, mulheres de luxo, aventureiros de toda especie, intellectuaes furiosos e sobretudo, a sombra da policia que, em verdade, é a quem mais deve interessar toda aquella gente. Escripto mais ou menos em portuguez, póde-se advinhar alli com mais facilidade, as caracteristicas do talento do Sr. Theo Filho, espirito singular, convulsionado, irritante, selvagemmente civilizado, fantasticamente requintado, allucinadamente livre de todas as peias da tradição, sem lhe faltar, porém, no tumulto mesmo das suas emoções, notas melancolicas, nostalgia talvez de quem, tendo patria e amando-a, e desejando a sua grandeza, ficou como um atordoado, preso pelo espirito ás bellezas e sobretudo ás miserias de uma civilização extranha.

* * *

Pedro II e a arte no Brazil. Discurso de recepção no Instituto Historico, 1917. LAUDELINO FREIRE.

Um pequenino volume em que o Sr. Laudelino Freire, autor de valiosos trabalhos sobre philosophia moral e arte no Brazil, affirma, uma vez ainda, os seus principios moderados e altamente moralizadores na sua funcção de critico. Destes dois trabalhos o que resalta é uma nota um pouco intensa do que poderá parecer pessimismo do presente, mas que, em verdade, é a de uma dolorosa convicção que repousa na real decadencia do nosso genio artistico, desde o desapparecimento de Pedro II do nosso scenario social.

JACKSON DE FIGUEIREDO.

* * *

Trataremos no proximo numero dos seguintes livros: « Redenção », por Gil Campesino; « A' margem da Musica », por Julio dos Reis; « Delmiro Gouveia e sua obra », por Plinio Cavalcanti; « Mundos », por Augusto Amado; « Liberdade economica e instrucção publica », por Andrade Furtado; « Carlos Peixoto e o seu Parlamentarismo », por Manuel Duarte.

NOTAS

O CENTENARIO DE 1817

Discurso official pronunciado pelo dr. M. de Oliveira Lima, presidente da Commissão executiva das festas, por occasião da Sessão Magna realisada, em a noute do dia 6, no Theatro Santa Izabel, no Recife.

Exmo. Sr. Governador do Estado, Minhas Senhoras, Senhores:

Celebrando festivamente o primeiro centenario da revolução de 1817, o Estado de Pernambuco e os Estados visinhos, em direcção ao norte, por onde ella se propagou, a saber, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, perdendo de intensidade á medida que se afastava do seu centro de impulsão, prestam adequada e merecida justiça aos que luctaram, soffreram e morreram pelo seu ideal politico, que foi um ideal de liberdade. Nem se pode acoimar de tardia essa justiça: os martyres de 1817 foram venerados desde o primeiro dia e os seus vultos crescendo sempre na tradição popular. O recuo de um seculo não é demasiado para dar a essas figuras as devidas proporções historicas, que entretanto as não privam do relevo adquirido.

O Estado de Pernambuco nomeadamente recorda e commemora por esta forma solemne a sua iniciativa pratica no movimento da Independencia Brasileira, cuja data auspiciosa o Brasil inteiro se dispõe a saudar dentro em pouco. Tal iniciativa assentava aliás perfeitamente a gente que no seculo XVII defendera com singular desassombro a soberania portugueza neste hemispherio e lográra conservar intacta a integridade da nação que se estava formando atravéz de variadas peripecias, todas se cifrando na conquista, mediante a penetração pelos exploradores dos sertões, da immensidade territorial á qual já cabia o nome de Imperio antes que a esta denominação se recorresse para mostrar que o nosso paiz não constituia mais um reino pelo puro direito dynastico, mas uma nacionalidade regida por um governo de acclamação popular na forma monarchica e hereditaria.

Estaria a capitania que os democratas de 1817 pretenderam subtrahir á autoridade real e ao dominio lusitano, em condições de constituir um Estado independente e uma communidade republicana?

A pergunta impõe-se: impunha-se desde logo, mas entretanto só agora parece possivel responder a ella ou pelo menos esboçar uma opinião a respeito.

O padre João Ribeiro, a mais notavel e a mais tocante das personagens da revolução, teve a prompta intuição de que era pouco viavel a organização autonoma de tantas pequenas republicas. Ellas deviam formar constellação, ligar-se por laços politicos indissoluveis e consagrar essa união erigindo uma capital geographicamente central.

O historiador da revolução, monsenhor Muniz Tavares, cujo trabalho o Instituto Archeologico acaba de mui opportunamente reeditar, duvida mesmo, apezar dos seus sentimentos acendradamente democraticos, que a experiencia fosse feliz, julgando-a antes temporã. Elle não só chama a attenção, com agudo senso sociologico, para o perigo de transplantarem-se intsituições estrangeiras sem levar em conta o espirito local que poderá achar-se ou não em situação capaz de perfilhal-as, e rende homenagem insuspeita á bondade do monarcha que viera erguer seu throno sob o céo dos tropicos,

como declara concordar com o martyr José Luiz de Mendonça em que a mudança instantanea da escravidão á liberdade representa um salto mortal. Seria aliás possivel conceber uma democracia associada á instituição servil?

A democracia americana tentou semelhante consorcio, por uma manifesta contradicção, em virtude da qual o Sul conservava toda a gente de côr na escravidão ou no aviltamento, quando a Declaração da Independencia, bebida por Thomas Jefferson na philosophia franceza do seculo XVIII, proclamara que todos os homens tinham sido creados iguaes.

Um historiador americano escreve porém que os seus patricios daquelle tempo nem eram todos iguaes, nem o queriam ser. Os nossos revolucionarios quereriam bem sel-o, mas não ousavam, medindo suas responsabilidades do momento. Elles acreditavam que o governo cabia aos capazes antes do que aos ricos e á gente bem nascida, e no intimo de suas almas tanta repugnancia havia á propriedade do ser humano que o consul de S. M. Britannica escrevia officialmente, a 12 de Março, que estava assente a abolição do trafico negreiro (*it is given that the slave trade is to be abolished*).

O conceito expresso por José Luiz de Mendonça sobre o perigo de uma brusca transição politica podia tão pouco ser refutado pelos argumentos da razão que Domingos José Martins quiz, para combatel-o, recorrer á violencia, recurso de que de ordinario lançam mão precisamente os que não teem razão.

Em todo movimento politico se desenham estas duas correntes — a dos moderados e a dos exaltados; em toda revolução se contrapõem os audazes aos timoratos. José Luiz de Mendonça era destes; Domingos José Martins pertencia ao numero daquelles, que são habitualmente os que levam a melhor. Os jacobinos da Revolução Franceza destruiram os girondinos — Lamartine narrou esta pathetica historia em termos que fizeram o deleite das nossas leituras juvenis; os convencionaes sobrepuzeram-se aos constitucionaes pelo processo radical da eliminação, até que tiveram de dobrar a cerviz sob a ferrea mão de um general que era ao mesmo tempo um

estadista e restituiu á França deliquescente a reorganização vigorosa de que ella carecia.

Entre nós a violencia não chegou na pratica a substituir a brandura: não tivemos um systema de terror. Eram revolucionarios um tanto originaes esses, que conservaram nos seus postos os funccionarios publicos do regimen colonial; que não se deram ao luxo de fuzilar, nem enforcar adversario algum; que respeitaram escrupulosamente os cofres do Estado, deixando-os intactos aos inimigos, tendo os membros do governo começado por declarar que abriam mão de todo vencimento. Não ha duvida que tal governo provisorio peccava pela excentricidade!

A insurreição de 6 de Março, que tem sido tratada de imprevista mas que na verdade o não foi, pois que a antecedeu longo preparo no seio de sociedades secretas, viu-se levada de vencida e apagada sua modalidade republicana, não tanto porque faltasse ao povo — como de facto faltava — educação para comprehendel-a e defendel-a conscientemente, como porque provaram ser fracos os recursos proprios com se afoitaram seus dirigentes e provou ser grande o desamparo que se lhes deparou fóra. Faltaram-lhe os que, dentro mesmo do paiz, se achavam compromettidos numa solidariedade que se esfarelou quando se mallogrou o levante concertado e faltaram-lhe os que no estrangeiro, melhor dito, no resto da America, andavam pelejando por identicos anhelos ou já os tinham realizado.

Si não havia ainda no Brasil um sentimento nacional, que só annos depois aprenderia a formar-se, não admira que não existisse a garantil-o um sentimento continental. Pouco importa entretanto para a celebração do grande acontecimento historico — o maior no seu genero dos fastos brasileiros — a circumstancia da republica não haver então vingado, ou mesmo que não estivesse em gráo de vingar. O gesto foi bello, e já houve quem dissesse que o gesto é tudo. Nem careceria neste caso que assim fosse.

O movimento de 1817 continha mais do que um gesto: tinha em si a essencia dos movimentos regeneradores. Paixões decerto as encerrava, visto que a paixão e o interesse são

inseparaveis das creações humanas, mas purifica-o destas faltas a rajada de idealismo que o sacudiu. Elementos antagonicos chocaram-se nessa occasião: as forças conservadoras e as forças liberaes pugnaram entre si e naturalmente accusaram-se de sombrios intentos.

Na verdade, nem as listas de proscriptos que o capitão general encheu ao tocar o seu auge a conspiração a que elle fechára os olhos por longanimidade e de calculo, eram vastas como o quizeram fazer crer as proclamações dos rebeldes, nem estes, ao pegarem em armas, se mostraram movidos pelo odio que se não sacia com pouco sangue, e apenas pelo vivissimo desejo de converterem numa realidade o seu sonho de governo autonomo e responsavel exercido em nome da soberania popular.

A mudança que quasi podemos capitular de evolutiva, da capitania dependente para Estado independente, custou muito menos vidas e sobretudo muito menos barbaridades do que motins promovidos pelo tempo adeante sem um ideal que os justificasse, se num programma tão comprehensivo, tão levantado, tão constructivo, tão proprio de homens á altura da direcção de um Estado, como esse que consta da Lei Organica ou conjuncto de disposições constitucionaes, offerecido ao exame e discussão das camaras municipaes.

E' difficil saber exactamente quantas victimas causou o 6 de Março. Nunca se chega a apurar essas cousas. O calculo orça entre 16 e meio por cento. A legação ingleza podia mandar dizer para Londres com justiça, conforme consta da sua correspondencia, que a revolução procedera com a maior moderação e compostura, poderia até ter accrescentado com a maior honestidade e clemencia. Este será aliás seu titulo maximo e perenne de gloria.

Devemos á equidade ajuntar que tampouco existia deliberada e cruel tyrannia, por mais deshumana que possa depois ter sido a repressão brutal e descaroavel. As faltas, os atrazos, os abusos, as prepotencias mesmo que se notavam eram o fructo da autoridade exercida sem o contrapeso ou antes o freio da sancção popular. Escusado é portanto procurar odios irreconciliaveis que não lavravam, porque não ouso qualificar

de taes, antipathias por mais alvoroçadas que chegassem a ser, entre gente da terra e gente de fóra, entre o elemento nacional, que se apresentava a reivindicar seus direitos de maioridade, e o elemento europeu, quer dizer portuguez, que pretendia conservar o outro numa dependencia que este julgava prejudicial, sob uma tutela considerada humilhante.

A revolução de 1817 foi, bem examinada, muito mais do que um movimento local: foi um movimento nacional. Geographicamente circumscripta, amplia-se sociologicamente. Nacional era o seu pessoal: promoveram-na os factores da intelligencia, da actividade e da riqueza, do reino brasileiro — padres, officiaes e agricultores. Combateram-na e venceram-na factores tambem de riquezas, de actividade e de intelligencia — commerciantes, generaes e magistrados — mas todos estes impregnados de um espirito que já era estranho ao corpo que pretendia animar, um espirito de exclusivismo, de predominio e conseguintemente de compressão.

As crueldades da reacção, que por longo tempo eivaram de resentimento o coração pernambucano, foram a manifestação do desespero da causa para sempre batida, de cujo fim se suspeitava e que por isso mesmo se apegava á ultima taboa de salvação, que é sempre a do exterminio. Os homens são assim feitos que se persuadem que levam a melhor quanto calcam o adversario aos pés; pelo contrario, muito mais proveito derivariam de congraçar-se com elle, de juntos cooperarem para a felicidade humana.

Si a revolução tivesse vingado e houvesse estabelecido um governo permanente, os interesses conservadores ter-se-iam deslocado e passado a celebrar novos accôrdos: assim os agricultores eram pela manutenção da escravidão, que aos idealistas logicamente repugnava. O padre João Ribeiro, como José Bonifacio, achava iniqua e immoral a instituição servil; mas a crença geral era que a exploração do solo dependia absolutamente do trabalho escravo, e que a abolição seria a ruina economica do Brasil. A revolução contemporizou; nem espanta que assim houvesse procedido, porquanto agir diversamente seria cavar desde logo sua ruina.

Quanto deveria isto ter custado ao padre João Ribeiro, não teve elle desgraçadamente tempo de nol-o deixar dito; mas podemos imaginal-o com precisão porque no seu cerebro se aninhara, abrira as azas e voejava uma só idéa — a idéa do progresso humano indefinido, com que sonhara Condorcet. Illuminado, chamou ao nosso patricio o observador francez a quem devemos, por um feliz acaso, que o fez estacionar entre nós no anno de 1817, a chronica vivida do movimento que estamos recordando. Vidente, elle na verdade o foi e o futuro apenas poderá dizer quanto havia de previsão e acerto nos seus devaneios philosophicos, em que a grandeza da patria se combinava com o bem estar individual dos que a compõem.

A igualdade estava bastante nos habitos, mas não estava ainda nos espiritos, ou por outra a igualdade apparecia como o resultado natural da fusão das raças, a que o colonizador portuguez se entregára com tanto amor quanta repugnancia ou hypocrisia nisso punha o colonizador saxão. Que igualdade mais completa do que a de formar descendencia de todas as cores! Completal-a nos codigos; tornal-a civil e politicamente perfeita, seria apenas o seguimento de uma tarefa muito bem iniciada.

A republica de 1817 foi coherente nos seus methodos instituindo o *vós*; não se atreveu porém a ir até o *tu* da Revolução Franceza. As formulas cerimoniosas da linguagem portugueza repelliram transição tão brusca, e as excellencias e senhorias voltaram a prosperar sob este céo ameno, tão favoravel á sua pujança.

O genio do nosso idioma ficou sem esse desvio e os classicos podem decididamente dormir em paz, que a republica de 1889 fez todos cidadãos sem os obrigar a intimidades de tratamento.

Havia de resto um quê de convencional, de artificial nessas adaptações de formulas estrangeiras que tão mal condiziam com as tradições nacionaes: de formulas e tambem de instituições. E' verdade que si se fosse a respeitar religiosamente as tradições, nunca se alteraria cousa alguma, e a condição do progresso não é por certo a immobilidade. Os homens de 1817 só não queriam caminhar com demasiada preci-

pitação. Nutriam-se elles pela maior parte de theorias, mas queriam conceder algum tempo á sua applicação, á sua transformação pratica. Por isso sua obra de algumas semanas pouco poude ultrapassar a phase negativa: o que houve de positivo quasi que não passou da preoccupação primordial da defesa. A organização constitucional mal podia verificar-se em plena agitação militar, a qual teria por termo a innocua dictadura de Domingos Theotonio, apóz dissolver-se a pentarchia em que Domingos José Martins foi o espirito de acção, a mola real, o padre João Ribeiro o fanal projectando sua concepção democratica sobre a marcha a seguir, e Correia de Araujo o elemento resignado, antes passivo, que em todas as revoluções forma a massa fluctuante, prompta sempre a saudar a reacção.

Houve comtudo um esboço de organização politica, baseada na liberdade de cada cidadão; pode assim dizer-se que houve um ensaio de democracia, a qual presuppõe tal liberdade. E esta doutrinariamente chegou a extender-se ao negro: não se limitou ao branco. Uma das proclamações do governo provisorio ousava affirmar que a suspeita de abolicionismo era uma suspeita que honrava esse governo, o qual não queria enganar pessoa alguma e não trepidava em descobrir que o coração se lhe sangrava ao ver tão longinqua uma épocha tão interessante. Não a queria porém prepostera — estou repetindo suas palavras —, e por mais horror que lhe inspirasse o cancro da escravidão — uma locução que o abolicionismo, retomou dezenas de annos depois e, como o seu senso politico lhe aconselhava prudencia e habilidade, a junta patriotica de 1817 traçou ao Brasil futuro o programma da emancipação « lenta, regular e legal ».

Foi assim que o Brasil imperial a comprehendeu e a praticou, dando ao mundo um exemplo de tino administrativo. A republica de 1817 foi entretanto quem indicou o caminho, e no dizer do seu chronista Muniz Tavares, bastaria esse seu acto para fazer-lhe perdoar seus erros. Quantos são realmente os governos que como esse, na expressão do referido historiador, « não se valeu de subterfugios no annuncio da verdade »?

Conspirava aliás contra a liberdade dos brancos o *status* politico existente, já porque o orientava a idéa então commum de autocracia, já porque uma fracção da communidade se considerava privilegiada com relação á outra e era a que, oriunda do Velho Mundo, sujeitara o Mundo Novo e deste fizera campo de exploração, julgando-se com mais direitos, com titulos aos proventos e ás posições superiores aos do que tinham visto a luz nesse meio assenhoreado.

A rivalidade entre filhos da metropole e filhos da colonia, que é o remate usual desses prolongamentos de nacionalidade, tornava cem vezes mais pesadas as contribuições a satisfazer e leva os motivos economicos a figurarem entre as causas da revolução. Não foram comtudo os decisivos, porque só os motivos moraes são capazes de fornecer pasto ao sacrificio. A fome pode ser conselheira de levante, mas não é inspiradora de martyrio. O despota venezuelano Castro, com quem tive o prazer de tratar, opinava até que convinha manter o povo indigente, porque os esfomeados não possuem fibra para revoltar-se, ou pelo menos para sustentar uma revolução.

Nós estamos acostumados a pensar litterariamente de modo diverso, que o desespero da fome não conhece obstaculo, mas ha que tomar em consideração opiniões de um especialista e acatar-lhe a theoria.

Si não foram as causas economicas as predominantes, foram-no então as moraes, e de facto o ensaio geral de autonomia que o paiz estava tendo dera-lhe, juntamente com a tendencia geral das idéas politicas e com o exemplo dos Estados Unidos, a consciencia da sua independencia. O governo de D. João VI apparelhava o Brasil para a vida publica na modalidade nacional: a republica completaria condignamente essa obra — assim pensavam os que conspiravam e tramavam a libertação. O progresso humano é feito de forma que todos cooperam para elle, voluntaria ou instinctivamente, e até contra a vontade.

Este resultado é seguro: a terminologia politica pouco faz ao caso, comtanto que o governo seja representativo no nome. As eleições, sem base popular, si tivessem sido introduzidas em 1817 — o que era fatal, si a revolução houvesse

vingado — seriam as mesmas que foram posteriormente, com o intervallo da experiencia honesta da eleição directa, e que continuam pela maior parte a ser, indifferentes ao regimen, seja elle monarchico ou republicano.

A revolução de 1817 foi a obra de uma minoria de certo: todos os movimentos dessa natureza o são. Mas na minoria em questão figuravam em largas proporções o elemento especulativo e o elemento activo. A revolução que celebramos não se pode talvez dizer que fosse levada a cabo pelo clero e pelo exercito; foi porém uma revolução de padres e de officiaes seduzidos por uma miragem.

E' sempre possivel encontrar em todo levantamento motivos de interesse pessoal, a serem contados entre as razões do estomago; mas as razões do cerebro ou porventura do coração foram sem duvida ahi mais poderosas e mais efficazes. Questões de patentes e de dizimos poderiam contribuir, mas nunca seriam bastantes para levar tantas pessoas a jogarem suas vidas. Seu influxo foi deveras diminuto, e o contagio que se estabeleceu foi o contagio da liberdade, que é o que torna este movimento altamente suggestivo e o fará sempre relembrar com desvanecimento pela terra que lhe serviu de theatro.

Os que o dirigiram, comprehendiam e mediam todo o seu alcance, apezar de em parte obedecerem a instinctos menos generosos taes como os produzidos pelo resentimento. Na verdade mais o impellia a feição idéal do que a feição positiva. Aquelles dirigentes eram sem excepção sonhadores de uma democracia sem jaça: militares, civis e religiosos, algumas dezenas de padres e frades de vida pouco canonica, esquecidos do celibato, afeitos aos conchegos de familia, dividindo entre Marilia e a patria o seu ardor espiritual. O encarregado de negocios da França, que era um reaccionario bourbonico, trata num de seus officios o padre Roma de *scelerado*, por ter filhos: a expressão é forte e não a merecem absolutamente sacerdotes que não esqueciam em todo caso os preceitos evangelicos e praticavam a caridade, dando o exemplo da sobriedade, da cordura e da abnegação.

Não é mistér ser mui velho para se ter conhecido exemplares dessa raça de clerigos politicos, cuja fama se extendera mesmo além mar, pois que a proposito de um delles, lettrado de reputação, me perguntou um dia, assustado, o grande folhetinista portuguez Julio Cesar Machado, si realmente o padre fôra, como lhe tinham contado, bandido. Respondi-lhe que não, a menos que lhe podesse valer tal designação sua participação activa em luctas politicas, no decorrer das quaes corria o rumor que o alludido sacerdote fôra visto abandonando a galope de cavallo uma villa saqueada e carregando na garupa uma moça que raptara. Julio Cesar Machado concordou commigo que furtar moça não constituia requisito bastante para ser bandido.

A revolução de 1817 mostrou duas cousas ainda: a vaidade, que pelo tempo adiante se tornaria quasi morbida, dos inexgottaveis recursos brasileiros, para utilizar os quaes é entretanto preciso muito esforço e muito trabalho — os chefes do movimento proclamavam, como os do Risorgimento italiano, que o Brasil *fara da se* — e certo espirito de organização civil que não teve infelizmente tempo para accentuar-se, mas que aflorou de dentro da insurreição militar com a representação das classes na junta, de um modo promettedor para o futuro da administração autonoma que, sob a Regencia e o Imperio, afastou a preponderancia que o 7 de Abril — não tanto o 7 de Setembro — tinha dado ao elemento militar no governo.

Caracterizou além disso o movimento um escrupulo, perfumou-o uma honestidade que nem sempre depois distinguiu a gestão dos negocios publicos. Os membros do governo provisorio logo de começo declararam, conforme vimos, que não receberiam vencimentos: bastava-lhes a consciencia do dever civico, cumprido por isso mesmo com tanto maior ufania. A democracia não era para elles uma palavra vã — mesmo porque democracia não quer dizer o governo da plebe (este é demagogia) e sim o governo para o povo e pelo povo, a saber, dos que o representam e o guiam.

Juntamente com essa probidade, os homens de 1817 foram notaveis pela tolerancia, tambem nem sempre posteriormente

praticada. Elles proprios foram as victimas interessantes e lastimaveis de crudelissima repressão. Mal mereciam todavia alguns delles que neste antigo campo do Erario, depois Campo da Honra e hoje Praça da Republica — onde se ergue o theatro em que nos reunimos para festejar-lhe a obra immorredoura evocando suas figuras patheticas — seus corpos se tivessem balouçado na forca antes de serem mutilados e arrastados a cauda de cavallo para a valla dos suppliciados ou para a escuridão das catacumbas.

O Brasil não conta caracteres mais elevados nem espiritos mais attrahentes: a humanidade não conta martyres mais dignos de piedade e de veneração. Seu sangue generoso cimentou nossas tradições, ás quaes a lucta contra os hollandezes outorgára fóros de reivindicação patriotica, e deu-lhes uma consistencia e uma vibração que não mais se poderão extinguir.

A reacção immediata foi assignalada por uma dureza, uma selvageria, um delirio de punição, que não mereceriam indulgencia si o tempo se não encarregasse de abrandar todos os sentimentos e ainda mais os de odio que os de admiração. Quem hoje verbera as ambições de Cesar quanto as de Napoleão? Quem hoje abomina as crueldades de Nero quanto as de Luiz do Rego, com quem os patriotas costumavam comparal-o? Nero poderia vir passear entre nós que apenas causaria sensação pelo seu monoculo de esmeralda, ao passo que Luiz do Rego não andaria muito seguro de não encontrar um novo João Souto Mayor.

A indulgencia ha de porém vir para os algozes de 1817, dessa revolução quasi unica na historia que, no dizer do mais philosopho dos nossos historiadores da actualidade, o Sr. João Ribeiro, não concedeu lugar conspicuo a nenhum desacreditado, não tendo contado um só dirigente que mentisse ás suas convicções por baixo interesse ou que infamasse o seu nome por sordida conveniencia — revolução em que as ambições foram quasi nenhumas e o amor da patria foi quasi tudo.

Responsabilizar-se-á então a épocha e suas ruins paixões para desculpar um tanto aquelles que num dado momento encarnaram as peores d'entre estas. Si seus crimes não

sahirem justificados da prova, ficarão pelo menos attenuados. O que ha de entretanto ir sempre crescendo é a nossa veneração pelos martyres de ha um seculo, o culto desses apostolos do amor da patria, cuja memoria viverá para sempre em Pernambuco e em todo o Brasil pela elevação moral de que elles deram mostra na adversidade. Suas phrases lapidares na occasião do supplicio — sejam taes phrases rigorosamente authenticas ou tivessem sido sujeitas a um arranjo posthumo que lhes não altera a substancia — constituirão versiculos de um evangelho de liberdade e de paz — evangelho ensopado no seu sangue, sangue derramado, não numa lucta ingloria por primazias de poder, mas numa lucta fecunda pelo triumpho da dignidade humana, por tudo quanto ennobrece o cidadão e o torna apto para a vida numa democracia.

Familia e terra natal eram as duas grandes preoccupações daquelles espiritos de poucos refolhos e muita sinceridade. O mais calculista delles, Domingos José Martins, horas antes de marchar para a execução, compunha no carcere estes versos que dão toda a psychologia da geração heroica de 1817:

— Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade!
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voai, narrai meus fados!

* * *

SAUDAÇÃO DOS ESCRIPTORES E ARTISTAS NORTE-AMERICANOS AOS COLLEGAS DO BRASIL

O Sr. Dr. Helio Lobo, Secretario da Presidencia da Republica, dirigio á Associação Brasileira de Imprensa o seguinte officio:

« Sr. João Guedes de Mello, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa — Sr. Presidente — Entre as manifestações com que me honrou, em minha ultima viagem, a sociedade de Nova York, uma sobretudo é de relevar. Refiro-me á alta incumbencia que me confiou, a 13 de Janeiro

deste anno, no « National Arts Club », o « Joint Committee of the Literary Arts ».

Como V. S. não ignora, o « Joint Committee of the Literary Arts » é uma federação de todas as associações litterarias e artisticas dos Estados Unidos da America do Norte. Sua séde é em Gramercy Park, 15, Nova York, e seu Presidente Hamlin Garland.

Preoccupa-se o « Joint Committee of the Literary Arts » em estreitar cada vez mais os laços litterarios e artisticos existentes entre os Estados Unidos da America do Norte e as Republicas latinas deste continente. E, para isso, procura desenvolver o conhecimento entre os paizes da America por todos os meios possiveis, como, por exemplo, a troca de producções litterarias e artisticas, a traducção de livros e outros impressos, a creação de centros de cultura pan-americana, e a ampliação das communicações postaes e telegraphicas.

Estão na verdade os paizes americanos longe daquelle conhecimento reciproco que fôra de desejar. Além das difficuldades de transporte e de communicação do pensamento, uma mal fundada desconfiança existio sempre entre os paizes latinos de um lado e sua grande irmã septentrional de outro. Hoje destruio-se felizmente essa desconfiança, porque verificou afinal a America Latina que nada tinha a receiar dos Estados Unidos da America do Norte, emquanto estes, num esforço inegualavel de progresso jámais visto, provaram não se moverem de outros cuidados senão os do trabalho fecundo e da justiça entre os povos.

Documento de democracia e anti-colonização, a Mensagem de Monroe deu a este continente a independencia em que vive. Não que representasse um principio de protecção, incompativel com a autonomia de paizes livres, mas porque imprimio á corrente dos acontecimentos internacionaes o curso que deviam ter e realmente tiveram.

Firmou o quinto Presidente um alto principio de moral internacional, segundo o qual a America, nascida e creada para a democracia e a independencia, não podia supportar o despotismo nem cahir em vassalagem forasteira.

Primeiro a reconhecel-o, o Brasil o proclamou em 1824,

delle não se apartou em toda sua vida de povo livre, e agora o ratifica de feição definitiva.

Com o Brasil vão pensando, uns após outros, todos os paizes do Novo Mundo. Se algum bem se póde auferir da agonia sem nome que é a da Europa ha quasi tres annos, esse é o da união das nações da America. Assume vigor novo o pan-americanismo, *the greatest and most charming spectacle of nature*, conforme já se escrevia, em 1808, neste continente.

Os portos do Atlantico e do Pacifico abrem-se, uns aos outros, cheios de navios da carga pesada. Visitam-se a miude os Norte, os Centro e os Sul-Americanos. E o continente inteiro reune-se em torno dos principios que personalizou, numa hora tragica e bella da historia, o Presidente Woodrow Wilson.

Que ao menos se salvem, nestas terras de liberdade e trabalho, as conquistas liberaes da humanidade, tão profundamente golpeadas na grande guerra européa.

Da obra commercial e politica, que assim se vai consolidando magistralmente, é complemento necessario a litteraria e artistica. E aqui é o ponto em que de alta valia será a cooperação de V. S. A Associação Brasileira de Imprensa tem naturalmente a primazia na execução da tarefa que bondosamente me confiaram os pensadores e artistas de toda a America do Norte. A Academia Brasileira de Lettras, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a Escola Dramatica, a Sociedade dos Homens de Lettras, o Instituto de Musica, a Escola de Bellas Artes, e a Agencia Americana, a Agencia Havas, e a *Revista Americana*, que sei eu? todos os homens de lettras e artistas do Brasil, e o nosso jornalismo e os nossos centros litterarios e artisticos desta Capital e dos Estados ficarão notificados, pelo alto intermedio da Associação Brasileira de Imprensa, da saudação americana e dos intuitos que a ditam.

Em Janeiro deste anno tive a honra de discorrer, perante as Universidades de Harvard, em Boston, e Columbia, em Nova York, dos velhos e sempre cordiaes laços de sympathia que uniram o Brasil aos Estados Unidos da America do Norte. *Amizade tradicional* — pude então chamar a essa cor-

rente invariavel da historia que, desde 1822 até hoje, através de factos de toda ordem e documentos diplomaticos de porte, nos vem unindo a ambos. Antecedentes politicos, commerciaes, litterarios e artisticos, a todos alinhei perante professores e alumnos, e estou que me não enganei. A imprensa alli, os homens de responsabilidade, os artistas, os prosadores, os poetas, seguros dessa corrente, não pediam senão que ella crescesse, comnosco della orgulhosos. Não pensa menos a Nação Brasileira, a quem a America do Norte, unida agora mais do que nunca, se dirige pelo orgão autorizado de V. S.

A moção a mim confiada pelo « Joint Committee of the Literary Arts » é do teôr seguinte:

« Em um almoço offerecido pelo « Joint Committee of the Literary Arts » ao Sr. Dr. Helio Lobo, autor, Secretario da Presidencia da Republica do Brasil, adoptou-se a seguinte resolução, depois de discutida pelo mesmo « comité », a maneira de desenvolver o pan-americanismo litterario e artistico:

« Acreditando que as questões internacionaes, que vão surgindo a cada passo, exigem a cooperação intellectual de todos os cidadãos da America, e que, independentemente de quaesquer considerações politicas ou commerciaes, seria desejavel estreitar os laços de amizade e sympathia entre os artistas e pensadores do Novo Mundo, nós abaixo assignados, em nome das lettras e artes nos Estados Unidos da America do Norte, enviamos uma saudação cordial aos homens de lettras e artistas da America Latina, e incumbimos dessa missão ao Sr. Dr. Helio Lobo no Brasil, na esperança de que nesse paiz, como em cada um dos outros da America, se vão formando pouco a pouco associações destinadas a actuar como centros de influencia no sentido de tornar cada vez mais intima a solidariedade pan-americana na litteratura e nas artes.

National Arts Club, Nova York, 13 de Janeiro de 1917. — *August Thomas*, Presidente do « National Institute of Arts and Letters ». — *Robert Underwood*, Secretario Perpetuo da « American Academy of Arts and Letters ». — *Hamlin Garland*, Presidente Honorario da « Author's League of America ». — *Franklin Giddings*, Presidente do « Author's Club ». — *Edward P. Wheeler*, Presidente da « Poetry Society of

America».—*Ernest Peixotto*, Presidente do «Mac Dowell Club of New York».—*Harry E. Barry*, Secretario Perpetuo da «Pan-American Society».—Visto, *Hamlin Garland*, Presidente do «Joint Committee of the Literary Arts.»

Tenho a honra de apresentar a V. S. os protestos da minha alta estima e mais distincta consideração.»

O Sr. João Guedes de Mello, presidente da Associação de Imprensa, dirigiu ao Dr. Helio Lobo, Secretario da Presidencia da Republica, o seguinte officio:

«Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1917.—Exmo. Sr. Dr. Helio Lobo—Ao accusar o recebimento do officio que V. Ex. teve occasião de me dirigir, relativamente á saudação que os representantes da intellectualidade americana enviaram, por intermedio de V. Ex., aos homens de lettras e artistas da America Latina, no sentido de estimular, nos seus paizes, a formação de associações destinadas a tornar cada vez mais intima a solidariedade pan-americana na litteratura e nas artes, devo declarar que esse auspicioso movimento de fraternal approximação foi recebido com especial interesse e satisfação em nosso meio.

A relevante moção do «Joint Committee of the Literaty Arts» é signal de que não estão longe os dias em que o congraçamento das Americas, feito agora, mais do que nunca, no terreno politico, se realizará proveitosamente no das lettras e das artes.

No momento que estas linhas chegarem ao conhecimento de V. Ex., estarão no dominio publico desta cidade e de outros centros de civilização brasileira, assim como nos dos Estados Latino-Americanos, as aspirações dos presidentes das associações intellectuaes dos Estados Unidos, porque o telegrapho terá levado aos pontos cardiaes do Continente a noticia amistosa dos intuitos de fraternidade e progresso dos pensadores e artistas da grande Republica do Norte.

De nossa parte, posso informar a V. Ex. que está nos planos da Associação Brasileira de Imprensa essa approximação intellectual, pois os nossos estatutos prescrevem a obrigação de realizarmos, periodicamente, congressos de jornalismo pan-americano, além dos de caracter puramente nacional.

Ainda este anno, em Setembro proximo, deverá aqui reunir-se o primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas, no qual serão tratados assumptos da historia e da vida do nosso jornalismo, e discutidas as bases do proximo Congresso Pan-Americano de Jornalistas, annunciado para 1922, no momento em que o Brasil commemorar o centenario de sua Independencia.

Resta-me, Sr. Dr. Helio Lobo, agradecer a V. Ex. a primazia conferida á Associação Brasileira de Imprensa para conhecer os termos da moção de saudação confiada a V. Ex. pelo « Joint Committee of the Literaty Arts » e pedir a V. Ex. que transmitta ao Sr. Hamlin Garland, presidente desta federação das associações litterarias e artisticas dos Estados Unidos da America do Norte, a maneira elevadissima e agradecida pela qual recebemos e encaramos os declarados intuitos da approximação pan-americana das lettras e das artes.

Tenho ainda a honra de apresentar a V. Ex. os meus protestos de estima e consideração distincta.—*João Guedes de Mello*, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.»

* * *

SOBRE DOIS LIVROS BRASILEIROS

Fiel ao compromisso tomado de consagrar mensalmente uma das minhas « Quintas-feiras » ao moderno Brasil mental, venho falar-lhes hoje de duas obras que nos dão a medida da representação brilhante que, no actual movimento da livraria brasileira, têm os estudos de critica literaria e de critica historica: *Machado de Assis*, por Alfredo Pujol, e *Ensaios de historia e critica*, por Araujo Jorge.

O Dr. Alfredo Pujol, reunindo em volume as sete admiraveis conferencias que pronunciou na Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, acerca de Machado de Assis, levantou á memoria do grande escriptor brasileiro, gloria do seu paiz e da lingua portugueza, o monumento a que elle tinha incontestavel direito. O autor notabilissimo das *Memorias posthumas de Braz Cubas*, o primeiro presidente da Academia

Brasileira de Letras, aquelle que foi, no seu tempo, o patriarcha eleito de uma literatura, vive na obra austera e nobre do Dr. Pujol, em quem Jules Lemaitre reconheceria um discipulo directo, com a mesma expressão de verdade flagrante e de força creadora com que nos apparece no retrato de Bernardelli e no busto de bronze de Magrou. Todos sabem quanto, em Portugal, Camillo e Eça respeitavam o mestre insigne do romance brasileiro. No Brasil, porém, alguns espiritos eminentes fizeram restricções na admiração devida ao estylista modelar do *Memorial d'Ayres*, e emquanto José Verissimo e Araripe Junior, Oliveira Lima e Magalhães de Azeredo, exaltaram Machado de Assis; emquanto o conselheiro Ruy Barbosa considerava as suas novelas « exemplares vivos de elegancia e de graça, de atticismo e de singeleza », emquanto Olavo Bilac via na sua obra « um monumento perenne votado á gloria da lingua vernacula », Sylvio Romero, perturbado na limpidez do seu espirito critico pela idolatria por Tobias Barreto, desdenhava do « estylo gago » do creador de *Braz Cubas*, e o cultissimo e mallogrado Raul Pompéa, o artista admiravel do *Atheneu*, chamava-lhe impiedosamente « escriptor correcto e diminuido ». O livro do Dr. Alfredo Pujol, além de ser um livro magnifico, é tambem um livro opportuno; apparece no momento proprio, e, revelando em toda a sua esplendida grandeza a figura literaria de Machado de Assis, realiza uma obra de perfeita, de escrupulosa, de definitiva, de serena justiça. O illustre critico brasileiro analysa successivamente a phase romantica e a phase naturalista do autor da *Mão e da Luva*; consagra dois capitulos a Machado de Assis poeta e a Machado de Assis chronista e *diseur-deriens*, e detem-se, com vivo brilho e notavel agudeza critica, no estudo do periodo culminante do progresso esthetico do romancista, a que corresponde, como expressão do pleno dominio de todas as suas faculdades creadoras, o soberbo triptico — *Quincas Borba, D. Casmurro, Esaú* e *Jacob*. Livros como este são, para a memoria de um escriptor, o melhor marmore e o melhor bronze. O mestre scintillante da chronica, que é Medeiros e Albuquerque, tem razão quando affirma, numa carta ao autor ,que o livro do Dr. Alfredo Pujol constitue a

mais bella homenagem que poderia prestar-se á memoria de Machado de Assis.

Não é menos interessante o outro volume de critica de que me propuz falar-lhes hoje. O Dr. Araujo Jorge, creador da *Revista Americana*, literato e diplomata, espirito de rara distincção que, como Helio Lobo, consagra ao culto voluptuoso de uma erudição elegante as horas que lhe deixa livres o palacio Itamaraty, acaba de reunir tambem em volume oito interessantissimos estudos publicados em differentes épocas no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e na esplendida revista que elle proprio fundou. O livro intitula-se *Ensaios de historia e de critica*, e lê-se mais do que com interesse — com encanto. Em cada um dos seus vastos capitulos, onde simultaneamente se admira a limpidez dos conceitos, a sagacidade da critica e a elegancia da composição geral — ou se levanta uma figura, ou se analysa uma obra. Agora, é Alexandre de Gusmão, o avô dos diplomatas brasileiros, que surge nesse vago fundo de aguarella que foi a vida do seculo XVIII em Portugal; logo, a proposito de um grande livro — *A' margem da historia*, é Euclides da Cunha que apparece, no gabinete da Westphalia, em Petropolis, « meudo, rachitico, mirrado, anguloso, quasi envergonhado de mostrar o seu rosto de cobre », nos dois traços de um retrato que se diria um Steinlen impressionante e vigoroso; detem-nos um momento a figura do illustre Paul Groussac, director da Bibliotheca Nacional de Buenos Aires, e a questão, lucidamente posta, do direito da Republica Argentina ao dominio das ilhas Falkland; interessam-nos, a seguir, as bellas paginas consagradas a Guglielmo Ferrero, a cuja obra falta, diz com inteira justiça Araujo Jorge, « a intuição historica e a potencia generalizadora do philosopho » e o volume termina pela magistral analyse critica de quatro obras recentes em que se discutem a existencia e a authenticidade de Christo, os elementos formadores da sua individualidade, os sindromas da sua degegenerescencia psychica, colhidos nos textos evangelicos, e a possivel reconstituição historica das linhas essenciaes do christianismo: os livros de Emilio Bossi, de Nicolas Notovitch, de Binet-Sanglé e de Clemente Ricci. Todo o volume é excel-

lente; a ultima parte, porém, como affirmação de uma vasta cultura historica e philosophica, alliada a uma natural e sobria elegancia literaria, parece-me especialmente notavel. Araujo Jorge, que já nos magnificos *Ensaios de historia diplomatica do Brasil* revelara o cunho de distincção da sua individualidade, poderia dizer com Barbey, numa das cartas a Trébutien: — « A's 5 horas, meu amigo, visto a casaca para escrever ».

JULIO DANTAS.

(Do *Primeiro de Janeiro*, de 22 de dezembro de 1917)

* * *

SHAKESPEARE E SUA OBRA

Falar de Shakespeare, cuja vida é pouco conhecida, pois que só em 1707 Nicolau Rowe fez della um esboço biographico, seria perdermo-nos na incerteza de velhos documentos, mais ou menos gastos pela inventiva ou pela argucia dos commentadores. Tentar fazer agora a critica da sua obra, sem repetir o que disseram Lessing, Herder, Emerson, Taine, Paul de Saint Victor e tantos outros, seria como que desfear com um collar de perolas falsas o nú olympico duma estatua de Scopas.

Para que o maior dos poetas dramaticos, depois de Eschylo, Sophocles e Euripides, se revele ao mundo, basta que deixemos falar o proprio Shakespeare. A sua obra demonstra que nunca houve um melhor conhecedor da natureza e da derivação das idéas, dos maiores sentimentos, dos mais rapidos traços emotivos.

A notação é tão precisa e tão completa, que os episodios, as acções, mesmo os extravios da paixão fluem dos personagens com um determinismo sentimental que assombra, e que, ao mesmo tempo, ensina e deleita.

Para este ensaio e estudo, permitti-me escolher tres das obras que representam as tres grandes correntes da sua

poetica: *Julio Cesar*, drama historico e politico; *Othelo*, drama de paixões; e o *Sonho duma noite de verão*, comedia duma desbordante phantasia.

Todos conhecem o argumento de *Julio Cesar*. Correndo o anno 42 antes de Christo, Marco Junio Bruto, como chefe, Cassio, Casca e outros, conspiram contra a dictadura de Cesar e matam-no no Capitolio. O povo, excitado por Marco Antonio, revolta-se; os conjurados fogem e levantam tropas para atacar Roma; Antonio, Octavio e Lepido organizam um exercito, perseguem-nos e vencem-nos numa batalha decisiva. Bruto e Cassio suicidam-se. Sobre este grande incidente ou accidente historico, narrado por Plutarcho, baseia-se o drama. As variadas scenas dos cinco actos dão uma informação perfeita do ambiente social e politico, das alternativas da rude peleja, do caracter de cada personagem. Homens e factos vivem: estes nas suas diversas consequencias que engendram effeitos dramaticos; aquelles talhados em carne viva, como si Shakespeare os tivera resuscitado com os seus musculos, os seus nervos, os seus cerebros do passado.

Mal se inicia o drama, revela-se o caracter de Junio Bruto, nesta prhase rica de pensamento: « O poder chega a ser perigoso, quando separa o remorso da consciencia ». Mais tarde, reunidos os conjurados no jardim de sua casa, e exigindo Cassio um juramento de todos, elle protesta: « Não, nada de juramentos! Si a situação dos homens, a dor das nossas almas, os abusos do tempo não são motivos sufficientes, separemo-nos; volte cada um preguiçosamente para o seu leito; faça a tyrannia orgulhosa o que melhor lhe parecer; ponha-se em loteria o destino dos homens ». O modelo humano completa-se quando, para reprimir o furor sanguinario de Cassio, elle diz: « Quem me déra destruir o espirito de Cesar sem tocar no corpo de Cesar... »

Ao lado da figura tragica desse homem, que incarna e incorpora toda a anciedade, todo o temor civico, toda a indignação de Roma, surge a delicada silhueta de Porcia. Observando a tristeza do marido, como que refugiado na soledade da noite, indaga das suas penas e, com o direito de companheira fiel, reclama uma parte da dôr e o santo privilegio da

consolação. Mas, si junto de Bruto suspira o amor de Porcia, junto de Cesar vivia o amor de Calpurnia, que, ao tentar impedir a sua sahida para o Capitolio, ouve esta resposta admiravel: «Os poltrões morrem muitas vezes antes de morrer. Parece-me extraordinario que os homens possam ter medo, quando a morte é uma cousa inevitavel e vem quendo deve vir». De Cassio, cumplice principal do attentado, agitador impetuoso na sua propaganda de morte, o melhor juizo é o de Cesar: «Cassio não gosta de musica; nunca ri, ou, si o faz, é para se ridicularizar a si mesmo por ter cedido á alegria. São perigosos os homens como elle, cujo coração não está tranquillo, emquanto exista alguem maior que lhes faz sombra.»

Morto Cesar, apparece Marco Antonio solicitando timidamente o favor de expor o corpo do amigo e de falar ao povo, segundo o costume. Bruto afasta-se; Marco Antonio sobe á tribuna. O discurso é um exemplo de habilidade oratoria, de conhecimento da psychologia collectiva, da arte de prender, persuadir e inflammar a alma proteica das multidões. Honrando a virtude de Bruto, a pouco e pouco vai realçando os serviços e a gloria de Cesar; impressiona, perturba, commove e, observando a turba arrependida e exaltada, parece deixar-se arrastar pela turba furiosa, e em furia a deixa, tendo assegurada a vingança. Então, tudo muda; Cesar faz-se maior aos olhos de Roma; os seus assassinos ha pouco triumphantes fogem apedrejados. Com a derrota, termina o drama, cujo episodio final, o suicidio de Bruto, é uma resultante dos factos. Ao vel-o morto, Marco Antonio exclama: «Foi o unico que obedeceu a uma nobre idéa e ao interesse geral. Foi pura a sua vida; e os elementos combinaram-se nelle de tal maneira que a natureza podia erguer-se e dizer ao mundo: era um homem.»

A' primeira vista, parece que Cesar apenas passa nesta obra que tem o seu nome; todavia, é elle que domina todas as scenas e que dirige todos os personagens. Vive nas preoccupações de Bruto; no odio ou no receio de Cassio; no famoso discurso de Marco Antonio; na piedade e na revolta

do povo humano; e até na batalha, quando o remorso de Bruto o desenha em forma de apparição.

Consta que *Julio Cesar* foi representado pela vez primeira num theatro de Londres. Não o comprehendo sinão num amphitheatro como o de Verona ou de Nimes, com trinta mil espectadores, onde se possa mover o povo romano, onde Marco Antonio tenha espaço para que a sua palavra alada e ignea vá voando de cerebro em cerebro, inflammando a plebe, a nobreza e o Senado.

Essa obra, exclusivamente, póde autorizar um juizo sobre Shakespeare? Si o acontecimento historico não perde transformando-se em drama scenico, seja no seu significado social e politico, seja no valor dos personagens, desde que o seu pensamento e as suas acções correspondam ao que sabemos daquelles tempos, a obra por si só garante o merito do dramaturgo, sobretudo tendo em conta o vigor, a riqueza e a faculdade ou qualidade suggestiva da linguagem.

Do pintor das ambições politicas podemos passar ao modelador dos sentimentos basicos em todos os homens: o amor e o odio.

Othelo, que, segundo Mallone, foi escripto em 1611, e segundo Collier em 1602, é seguramente mais conhecido. Tres figuras destacam-se em alto relevo da turba dos personagens: Othelo, o *condottiere* mouro ao serviço de Veneza; Desdémona, a moça aristocratica que o ama e com elle se casa secretamente; Yago, official do mouro e seu inimigo por inveja e por ciume. Elles constituem o drama; as suas paixões determinam os factos, e quando a sua imaginação parece mais fertil ou mais enganadora é quando a realidade se manifesta mais intensa e mais tragica. Como occorreu este amor entre a moça elegante, fina, pudica e o aventureiro acobreado, mais costumado a golpear capacetes e a furar couraças que a « versificar suspiros », segundo a phrase de Hamlet? Othelo explica-se assim: « Seu pae amava-me. Frequentemente me convidava para sua casa, me interrogava sobre a minha vida, anno por anno, sobre as batalhas e assaltos a que assisti, os perigos corridos. Desdémona comprazia-se escutando-me e muitas vezes derramou lagrimas. Amou-me pelos perigos que

eu arrostara. E eu amei-a pela piedade que esses perigos despertaram nella. Ahi têm os processos magicos de que me servi.»

A narração do mouro perante o doge, quando o pae de Desdémona o accusa e pede o seu castigo, indica uma lei do atavismo feminino. A mulher ama os fortes e é uma enamorada da gloria. Engana-se? E' falso muitas vezes o dourado do idolo? Nem por isso deixa de obedecer ao culto irresistivel, embora as decepções lhe esmaguem o coração. Mas Othelo será a força brutal, desbordando em ciumes incoherentes? Será um degenerado? Os actores e cantores que interpretam o drama de Shakespeare ou a opera de Verdi assim o parecem entender. Com poucas excepções, fazem delle um negro e não um mouro; altivo; immutavelmente selvagem; extravagante no passo ataxico; a bronca voz de melodrama; torcendo a vista; a bocca em rictus de tigre e em esgares epilepticos; um verdadeiro monstro clinico. No emtanto, Shakespeare desenha-o como um homem de guerra do seu tempo e do meio em que viveu, mesmo sem os artificios aleivosos dum Borgia, sem a fria crueldade dum Gatemalata. E', sobretudo, um homem de acção, de pouca imaginativa, de sentimentos simples. «O Mouro é dum caracter franco e aberto», diz Yago: «a menor apparencia de honestidade leva-o a acreditar na honradez das pessoas; é um caracter nobre, estavel, amoroso e será um esposo modelo para Desdémona». O proprio Othelo define-se melhor quando, antes de matar-se, e para explicar o drama, pede aos enviados de Veneza que escrevam ao Senado: «Digam-lhe que fui um homem que não soube amar razoavelmente, mas que amou com excesso; um homem não propenso aos ciumes, mas que, uma vez excitado, perdeu todo o equilibrio; um homem cuja mão, como a do judeu ignorante, desejou uma perola mais preciosa que todas as riquezas da sua tribu.»

Ahi tendes o homem cheio de candura e facil de enganar, o honesto cujo espirito é inconciliavel com a aleivosia. Numa alma simples e integra, a rajada dos ciumes enlouquece; para um homem de guerra, a vingança só tem um desafogo, o homicidio; num homem violento, as reflexões

são rapidas e a idéa ou as sensações depressa se convertem em acto. Para o mouro, a cousa sentida ou pensada era tão immediatamente uma realidade objectiva, que elle se considera perdido assim que o dominam os ciumes. « Adeus para sempre, serenidade do meu espirito! » exclama elle. « Adeus, minha ventura; adeus, tropas emplumadas e valentes guerras, que fazem da ambição uma virtude; adeus, cavallo relinchante, sons de clarim, toques de tambor, estandartes reaes, tudo o que faz o orgulho e a pompa da guerra gloriosa. Adeus! Othelo nada mais tem que fazer na terra! »

Embora pareça declamatoria, esta soberba queixa do heróe revela a sua diatése sentimental. Nutrido de gloria e consciente da sua força, no seu amor havia tambem o culto de si mesmo e a sua amada era uma presa cuja perda significava humilhação e deshonra. Othelo não podia possuir a philosophia ideal que tudo perdôa porque tudo comprehende; não podia cahir nas abdicações da volupia cynica, nem nos laços da disciplina social, astuta ou tyrannica. Nada mais tinha a fazer na vida, desde que decidira matar e morrer.

Fazendo conhecer Othelo, Shakespeare explica a acção e o prestigio de Yago. Nenhuma literatura possue um typo tão completo de invejoso e de habil calumniador. O *Tercites* de Homero é um intrigante tortuoso, um ironista sceptico que intenta fazer vibrar o cascavel grotesco do sarcasmo nas cousas sagradas de heroismo, de dôr suprema, de amor preclaro; Tartufo é, para Molière, o hypocrita que sabe viver. Yago tem, dum, o cynismo e a vezania iconoclasta; do outro a apparencia perfida de honestidade. Mas tem muito mais... E' melhor que a si proprio se retrate. A Rodrigo diz elle: « Si eu fôra o Mouro, não quizera ser Yago. Servindo-o, só a mim mesmo me sirvo. Si alguma vez o meu procedimento revelasse o que se passa na minha alma, quando obro sómente por calculo, preferiria entregar o meu coração, para que o picassem os abutres. Logo, odeio o Mouro. Dizem que teve amores com minha mulher. Ignoro si é verdade; mas basta a suspeita para que eu proceda como si fôra certo. Elle estima-me, o que torna mais facil de executar o plano que concebi. Trata-se de enganar Othelo, dizendo-lhe que Cassio é

muito familiar com sua esposa. Deixar-se-á conduzir pelo nariz como um asno. O meu plano está prompto. O inferno e a noite trarão á luz do mundo essa concepção monstruosa ». Quando Othelo abraça Desdémona ao chegar a ilha de Chypre, Yago grunhe: « Estais em consonancia, mas eu quebrarei as cordas que produzem essa harmonia. »

Yago sente volupia na intriga e considerando os seus meritos superiores ás suas condições, cultiva a astucia para combater a força. Tudo o serve, tanto a virtude como o vicio dos outros. Aqui, simula a franqueza rude; acolá, descobre a sua vileza, servindo-se duma e doutra como de armas de combate. Investigador de paixões, descobre depressa o ponto fraco das pessoas e vive no drama como uma força invencivelmente corrosiva. Pouco a pouco, a sua figura adquire um relevo extraordinario; domina o enredo, dirige-o com um afinco, um carinho, uma arte e uma sciencia insuperaveis. Não tem um esquecimento, um cansaço, desde a primeira suspeita que insinua no espirito de Othelo até que enlouquece e o impelle ao assassinio de Desdémona. Por isso, é Yago um modelo de observação e de experiencia psychologicas. Si os ciumes são, como elle diz, « o monstro que cria o alimento de que se nutre », é elle quem os faz viver.

Entre a violencia e a perfidia, Shakespeare colloca a figura elegante, delicada e suave de Desdémona. Devo notar, de passagem, pois que o tempo me escasseia, que no theatro do grande poeta as mulheres são quasi sempre typos de harmonia, de consonancia entre a belleza do corpo e a dos sentimentos. Taes são Miranda, Julia, Ophelia, Porcia, Cordelia, Ermia, Helena, Isabella, Imogenea, lyras de Orpheu, vibrantes de amor e de encanto. Quando as desenha perversas ou crueis, dir-se-ia que a sua penna se irrita contra a excepção, como na sua « Macbeth ».

Desdémona, na sua ingenuidade, nos seus impetos de criança mimada, nas suas imprudentes supplicas em favor de Cassio, destituido pelo Mouro, é sempre natural, sempre nobre e pura. As suas paixões e actos articulam-se sem dissonancia, obedecendo á sua condição social, á sua caracteristica sensoria; e ella é o que não póde deixar de ser, dadas as

circumstancias em que se encontra. Estrangulada por Othelo, a sua ultima palavra é de perdão. Quando Emilia, mulher de Yago e dama de companhia de Desdémona, entra no quarto, a vê quasi morta e exclama: « quem commetteu este crime? », a moribunda murmura: « Ninguem. Eu mesma. Adeus. Recommenda-me ao meu querido senhor. »

Talvez este modesto resumo possa dar uma idéa concreta da obra prima que é o « Othelo », pela intensificação admiravel de paixões humanas, que permittem a creação de typos inolvidaveis, pela eurythmia entre a concepção e o desenvolvimento do drama. Emquanto á fórma em que se molda o pensamento, não é sómente eloquente, energica, viva; é muitas vezes dum realismo atrevido, até parecer grosseira. E' que Shakespeare, pintor vigoroso e sincero, não tinha medo aos determinados acidos e aos apodos viris. Todavia, poucos como elle conhecem os matizes suaves das phrases ternas e puras.

Sinto ser incompleto; mas, estudar Shakespeare numa conferencia, é necessariamente fazer um schema. Shakespeare, philosopho e psychologo extraordinario, é tambem o creador risonho de contos de fadas e de fantasias curiosas. E' prova disso o *Sonho duma noite de verão*. Numa floresta proxima de Athenas, genios e homens passeiam, dormem, ensaiam uma comedia ou soffrem penas de amor. Os genios são Oberon, Puck, Titania e varios sylphos. Os homens, quatro enamorados e uma companhia de improvisados comicos.

Oberon, para experimentar sua esposa, Titania, emprega um filtro que a obriga a amar qualquer cousa ou pessoa que veja ao despertar; manda a Puck lançar uma mascara de asno sobre a cabeça de Botan, o mais ridiculo dos comicos, e Titania acaricia o monstro, arrulhando phrases suaves como beijos. Haverá um symbolo nessa illusão que cega, ensurdece e entontece? Será necessario irmos á floresta magica para contemplar amores parecidos com os de Titania?...

Dos quatro enamorados, dois jovens, Lysandro e Demetrio, disputam a bella Ermia, ao passo que a formosa Helena se desespera por ver-se abandonada de Demetrio. Oberon pretende harmonizar a contenda, mas Puck engana-se, dando

o filtro ao que não carecia delle. Por isso Lysandro abandona Ermia e ama Helena, a quem Demetrio inesperadamente rende culto. A rivalidade persiste e assim, loucos, andam e desandam, até que tudo se arranja por obra e graça do filtro symbolico.

Será excessivo imaginar que Shakespeare quiz indicar por forma ironica quantas vezes a dôr de amar é, como diz Lysandro, « uma cousa momentanea como um som, fugitiva como uma sombra, curta como um sonho, rapida como um relampago illuminando o céo e a terra na noite negra, antes que o homem tenha tempo de dizer: olha! »

Mas são de Shakespeare esses dramas, essas comedias, essa obra monumental e extranha? Além do genio não exige esta obra literaria uma erudição scientifica, historica e artistica superiores á condição social e aos meios de fortuna de William Shakespeare? Não exige um conhecimento directo e pessoal de varios paizes, cousa impossivel para quem, como viagem, não fez mais do que a de Strafford a Londres, e de Londres a Strafford?

O primeiro indicado como autor da obra shakespereana foi Bacon, orador, philosopho, lexicologo e homem de Estado. Desde alguns annos que os criticos se aturdem uns aos outros com argumentos, conjecturas, objecções capciosas; e, com tudo isso, a verdade recusa-se a apparecer. Será possivel que o autor da obra, assistindo ao triumpho de tantos dramas, não haja tido um impeto de orgulho, um deslise de vaidade? E' humano que o segredo tenha sido tão bem guardado?

Em 1912, o escriptor belga Celestino Demblon apresenta « lord » Rutland como autor da obra de Shakespeare. Li então esse livro, acompanhando as curiosas approximações de datas, de logares e de circumstancias e não achei nada de positivo, nada de provado.

« Sir » Sidney Lee escreveu ha pouco uma vida de Shakespeare com o respeitavel desejo de transmittir a sua convicção de ser elle o unico e verdadeiro autor das suas obras. Mas, como o calculo de probabilidades entra em muito na defesa da these, a incognita literaria fica ainda sem so-

lução. Si especialistas tão estimaveis não puderam vencer as difficuldades do debate, é que o problema é irresoluvel e, como tal, perde todo o seu interesse.

Aguardemos, todavia melhores provas e, emquanto ellas não chegam, continuemos a lêr Shakespeare.

Quer o leiamos com os olhos envelhecidos por tudo o que o passado nos fez vêr, quer o leiam jovens a quem o presente ensina, a nossa admiração irá augmentando, como succede com tudo o que é intensamente vivo, realmente grande e superiormente bello.

(Conferencia feita em Montevidéo pelo Dr. Cyro de Azevedo, Ministro do Brasil junto a Republica do Uruguay).

* * *

PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI

Falleceu em Friburgo, no Collegio Anchieta, o Revmo. Padre Rafael Maria Galanti, que foi, durante muitos annos, professor daquelle estabelecimento de ensino e deixou o seu nome inscripto entre os dos maiores e mais eruditos historiadores da nossa patria.

Nascido no dia 15 de Novembro de 1840, em Ascoli (Italia), naturalizou-se mais tarde no Brasil.

A 30 de Setembro de 1860, em Roma, o Revmo. Padre Galanti alistou-se na Companhia de Jesus.

Pouco tempo depois foi enviado á França, para completar o seu biennio de noviciado, na cidade de Avinhão. Ahi estudou ainda rethorica e voltou a Roma, onde concluio esses estudos.

Designaram-lhe, então, os seus Superiores a Terra de Santa Cruz como vasto e fertil campo a cultivar durante os annos de primeiro magisterio.

Em 1869 teve que regressar á Cidade Eterna, afim de continuar os estudos universitarios. Vieram os acontecimentos de 20 de Setembro do anno seguinte arrancal-o do seu remanso

e atiral-o ás praias da Inglaterra onde, em 1 de Janeiro de 1872, foi ordenado sacerdote na capella domestica do noviciado, em Londres.

Até 1874 andou o Revmo. Padre Galanti pelo Paiz de Galles e pela Belgica, até que, em fins desse anno, voltou definitivamente para o Brasil, que S. Revma. estimava como sua verdadeira patria, e pelo qual se interessou e dedicou até os ultimos annos de sua vida, do que temos boas e exhuberantes provas nos profundos e valiosos estudos que fez da nossa Historia.

Trabalhou como missionario em diversos Estados: São Paulo, Amazonas, Rio de Janeiro e Pará, onde foi professor no Seminario Episcopal de Belém e assiduo companheiro do inolvidavel D. Antonio de Macedo Costa, nas penosas visitas pastoraes que esse Prelado fazia á extensa Diocese paraense.

Numa das suas viagens ao Rio Madeira, evangelizou tambem os indios, com grande proveito espiritual.

Mais tarde, o Padre Galanti foi por dilatados annos professor de Historia no Collegio S. Luiz, de Itú, e em Friburgo, no Collegio Anchieta, aproveitando esses longos annos de magisterio para se entregar ás suas aturadas lucubrações e escrever as obras de largo folego, que tanto lhe illustraram o nome de historiador consciencioso, imparcial e veridico.

Estão impressos os volumes seguintes: *Compendio de Historia Universal*, 1 vol.; *Compendio de Historia do Brasil*, 4 vols.; *Historia da Republica*, 1 vol.; *Biographias de Brasileiros illustres*, 1 vol.; *Lições de Historia do Brasil*, 1 vol.; *Breve Historia do Brasil* (destinada ás crianças do curso preliminar), 1 vol.; *Grammatica ingleza*, 1 vol.

O Revmo. Padre Galanti era socio honorario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, da Academia de Lettras Pernambucana e do Centro de Campinas; — socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, do da Bahia, do Ceará, de Santa Catharina, e do Instituto Archeologico Pernambucano.

Moreu aos 77 annos de idade, rodeado por todos os padres do Collegio Anchieta, que como os demais padres jesuitas, muito o consideravam, pelo seu saber e pelas suas virtudes.

O Padre Galanti vio passar pelas suas aulas naquelle estabelecimento de ensino e nos demais onde leccionou, muitas gerações de filhos das principaes familias brasileiras, hoje espalhados por todos os Estados da Federação.

* * *

CONFERENCIA FEITA PELO DR. OLIVEIRA LIMA NA ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS, NA NOITE DE 10 DE MARÇO DE 1917

Senhores:

Si me perguntassem do que carece o mundo hoje em dia mais urgentemente, eu responderia que de juizo, o que seria equivalente a dizer de paz, porque não se pode comprehender a sangue frio, quero dizer sem paixão, que estejam sendo destruidas tantas vidas, que já sobem a milhões, nem mesmo pela mais santa das causas. Ora, eu começo por não estar persuadido da santidade de nenhuma das que estão em jogo. Podem disfarçal-as como quizerem: deixar-se-hão sempre descobrir sua vulgaridade e sua ganancia.

Si me perguntassem em seguida qual a segunda cousa de que carece o mundo, eu responderia que de um club de informações mundiaes, com ramificações por todos os paizes e servido por todos os paizes e servido pela verdade, não pela falsidade. Porque as informações de que estamos sendo suppridos, apparecem geralmente marcadas com carimbo da mentira

Os povos dotados de cultura pretendem conhecer-se, mas si assim é, não dão mostra de tal conhecimento. Cada um trata sobretudo de denegrir o adversario, de fazer crer que a bestialidade nelle sobrepujou a racionalidade. Cada um quer pintar as cousas como melhor lhe convém e neste intuito não trepida em disseminar noticias inexactas, que vão sendo propaladas pelos que as leem — uns sem acreditarem nellas, por interesse e por paixão, outros acreditando e são talvez os peores, porque são os obsecados, os que não cedem a argumento

algum, mesmo quando este é de natureza a convencel-os, os que timbram em ser desta ou daquella parcialidade e acabam mais realistas do que o rei e mais papistas do que o papa. Deus nos acuda com elles e com o que elles repetem!

Um club como o que hoje se inaugura, pelo simples facto de ser cosmopolita e de ter assim uns laivos de fraternidade universal, tende a ser um centro de informações idoneas e verdadeiras. Nos Estados Unidos os clubs cosmopolitas que eu conheci — e os ha em todas as Universidades — eram essencialmente pacifistas, ou pelo menos eram tão pacificos que chegaram naturalmente ao pacifismo. Em Harvard fallei num delles com assistencia de americanos do norte, hindús, negros da Liberia, mulatos de Porto Rico e europeus de varias nacionalidades. A convivencia podia não se prolongar fóra do club, mas nos seus confins era perfeita e todos se sentavam á mesma meza para beber as bebidas da temperança, porque os clubs cosmopolitas descobriram, antes dos governantes europeus, que a efficiencia não se harmoniza com o alcool.

Si me não engano, a idéa é um pouco ou mesmo bastante a que aqui prevaleceu: a de permittir entre os associados a troca de idéas, cordial e instructiva — reparai bem nestes adjectivos, que constam do aviso distribuido — sobre os acontecimentos correntes. Infelizmente os acontecimentos mais correntes são agora os de sangue e miseria, mas isto não ha de durar sempre e virão actualidades mais convidativas e attrahentes. Mensalmente haverá, ao que se annuncia, conferencias sobre assumptos internacionaes — de certo como as que eu ouvi nos clubs cosmopolitas dos Estados Unidos, conferencias indistinctamente feitas por pessoas de opiniões oppostas, das quaes só se exigia sinceridade, isto é, probidade... Revistas francezas, inglezas e americanas estarão á disposição dos leitores para os ajudar a recolher dados sobre o que vai pelo mundo.

Apenas noto neste ponto a falta de revistas allemãs, tanto mais quanto não pode significar uma exclusão intencional, pois que o allemão figura no programma do departamento educacional como é aliás de justiça. Não sei como vai acabar a guerra — ninguem o sabe, nem mesmo os que se affoitam a

vaticinios —; não sei si a alguma nação ficará cabendo a hegemonia, que me parece antes dever dar lugar a uma mais equitativa distribuição de dominio: o que todos podem porém prever é que a Al emanha não será destruida, como se assegurava no começo da guerra, e que o seu povo continuará a ser um dos grandes povos do mundo, um dos maiores povos da historia. Dão-lhe a este titulo direito o seu espirito de organização e o seu espirito de sacrificio.

Pode-se dizer isto numa associação como esta, de origem americana, si bem que nacional em cada paiz e apenas internacional nas suas relações, porque os Estados Unidos não entrarão na conflagração porque o desejem. Si entrarem, é porque entendem fazer prevalecer no direito os sentimentos de humanidade, ainda que não esquecendo os seus interesses materiaes. Deus e Cesar são ambos dignos de receber o que lhes é devido. Longe do pensamento dos Estados Unidos o quererem anniquilar qualquer outro povo. Na sua historia ha actos de conquista que traduzem a sua filiação: mas não lhes peza na consciencia o esmagamento de outras nacionalidades.

O presidente Wilson mostrou ha pouco, no caso do Mexico, como se pode encaminhar uma questão internacional sem violencias inuteis. Uma potencia forte não repudia sua altivez e dignidade tratando com longanimidade uma potencia fraca.

Fallei do espirito de sacrificio do povo allemão, sem querer com isso dizer que o não teem outros povos. A França especialmente o ha revelado no mais subido gráo. Não se trata neste momento e neste lugar de indagar si lhe assiste muita ou pouca razão no que se chamam responsabilidades da guerra. No decorrer della o seu heroismo tem sido extraordinario, como extraordinario tem sido o heroismo allemão. Si desappareceram ou se eclipsaram outros sentimentos christãos, ficou pelo menos patente, na sua modalidade patriotica, portanto mais acanhada, a abnegação, a renuncia a todo goso e á propria vida, que é não só um idéal christão quando o sacrificio é feito pela crença, como o fundamento da doutrina, o que constitue seu principal caracteristico.

Quem diz christianismo, diz espirito de sacrificio. A vida de Jesus é um tecido de soffrimento e de abnegação — activa, deve ajuntar-se, proselytica, evangelizadora, differente da bondade mais passiva e mais contemplativa do buddhismo, cuja renuncia aspira á quietude. Por isso é a moral chritã superior a qualquer outra, e denominando-se christã, quer esta associação significar que adhere a essa moral, que se consubstancia com ella, que, conforme proclama, seu escopo é o desenvolvimento do caracter christão na vida humana.

A concepção actual da vida humana já se não regula, quer pelo idéal do epicurismo pagão, quer pelo do ascetismo catholico: nem a exuberancia animal, nem as privações. Hoje chegou-se a um meio termo, entre os dous, ou por outra á persuasão, que já vem dos tempos classicos, mas que outros elementos contrariavam, impedindo-a de generalizar-se bastante, de que um espirito são depende muito de um corpo são. As excepções, como sempre, conformam a regra.

Um corpo são desenvolve-se com gymnastica e mantem-se com hygiene, a saber, com moderação na alimentação e no exercicio, para que não haja excesso tanto na accumulação como no dispendio de energia. Neste ponto temos o que aprender pelo nosso proprio esforço, porque nos Estados Unidos o athletismo tem sido n'alguns meios levado a um extremo prejudicial, da mesma fórma que no Brasil a reacção sportiva contra a chamada antiga apathia está sendo levada mais longe porventura do que convém num clima tropical e a uma raça depauperada.

Os exercicios violentos não são os unicos a fazer musculos, nem são talvez os melhores. O pedestrianismo e a equitação são fórmas excellentes de exercicio. Só teem o defeito de serem praticadas sem intenção sportiva, sem se saber que são desportos, como Monsieur Jourdain fazia prosa na peça de Molière. Um individuo depois de haver feito tres leguas a cavallo ou uma legua a pé, sob o nosso céo calmoso, está entretanto tão exercitado quanto o fez uma hora de *tennis* ou meia hora de *foot-ball*.

E' verdade que naquellas formas de exercicio, praticadas por necessidade, não ha opportunidade para o jogo, que é o

irmão gemeo do *sport*, e o que sobretudo o promove, quer se trate de corridas de cavallos, sob pretexto de animação ao melhoramento hippico, quer de um simples *baseball*, para envigorar os musculos. O jogo é porém sabidamente um dos grandes inimigos da felicidade da especie humana, correndo parelhas com o alcool e com a avaria, e por isso o departamento social desta associação, que tanto bem tem produzido, procura estabelecer entre os seus membros uma convivencia que possa tornar-se agradavel sem ser preciso recorrer ao forte estimulante do vicio — as cartas ou a bebida.

A palestra é uma das fórmas mais deleitaveis da convivencia, e pode ajudar a illustrar o espirito, ao mesmo tempo que o entretem. O club de informações mundiaes que decidistes estabelecer e manter para uso dos que adherem á vossa sympathica e moralizadora instituição, pode muito bem vir a ser dentro em pouco um refugio para as informações dotadas de verdade e de sinceridade — a verdade e a sinceridade relativas que é possivel esperar num tempo de guerra como esta.

Nós não sabemos o que vai ser o dia de amanhã e como se irá liquidar a conflagração que se desencadeou, mil vezes peor do que uma dessas crises medievaes de guerra, fome e peste, em que os espiritos attribulados enxergavam o fim do mundo. Nós não sabemos o que vai acontecer antes da liquidação que cada vez mais se difficulta e complica, a menos que do excesso da complicação não provenha a extrema simplicidade — a *peace without vicory*, a paz sem victoria que o Presidente Wilson desassombradamente proclamou recentemente como a melhor solução para o mundo. D'isto estou pessoalmente tão convencido que ha dous annos o escrevo.

Si nós nem sabemos o que está succedendo hoje! Por isso nos mettemos a conjecturar. Um espirito inclinado ao pessimismo explicava-me ha poucos dias o que está para succeder. A Europa já se acha quasi toda em fogo: a America tambem vai ficar convulsionada; os Estados Unidos entrarão fatalmente na lucta, e tal attitude determinará não só gravissimas discordias no seio da grande Republica, como provocará a resistencia em sentido contrario do Mexico, declarando-se este paiz em favor da Allemanha e facultando ao

Japão, que no intimo pouco se importa com alliados, convindo-lhe ora uns, ora outros, um ponto de apoio continental no Novo Mundo para o proseguimento da sua politica ultra-ambiciosa. Assim fallou esse amigo.

E' facto que Carranza tanto quanto Villa se encontra imbuido do espirito nativista, muito forte no Mexico e, pela força das circumstancias, hostil aos Estados Unidos, e que o Japão tem andado por aquellas bandas em confabulações diplomaticas de que se desconhcee o segredo. Mas ainda se não chegou áquella situação. O meu amigo pessimista foi comtudo mais longe, e predisse que a guerra envolveria tambem na sua rêde sinistra a America do Sul, occasionando attritos serios e porventura rompimento e conflicto entre a Argentina, mais inclinada á Allemanha, e o Brasil, mais inclinado á França. Eu penso antes que em ambos os paizes as preferencias individuaes andam repartidas, e que os respectivos governos são escrupulosamente neutraes. Não se pode porém ir contra opiniões que assim se chrystallizam. As outras nações neo-hespanhoals acompanhariam — sempre no seu dizer — a Argentina por um sentimento de raça e por affinidade politicas. No entender desse estudioso de sociologia, a America Castelhana nunca poderá sinceramente associar-se á America Portugueza. São entidades incompativeis. O Brasil ficaria entretanto isoaldo e preso de correntes divergentes chocando-se dentro dos seus confins.

Achei o quadro sombrio em demasia, e contra elle se ergue meu optimismo incuravel, que eu talvez deva pela maior parte aos annos que passei nos Estados Unidos e ao muito trato que tenho tido com gente americana, que é a mais sadia portanto a mais satisfeita, não a atormentando sobretudo esse mal sombrio da inveja entre individuos, que é um cancro a roer algumas sociedades menos robustas. Para começar, porque esposaria a Argentina, que é uma nação tumida de bom senso, na sua governança como na sua vida comesinha, interesses germanicos que lhe não dizem directamente respeito, sendo como é, uma nação que chegou ao gráo de prosperidade extraordinaria que accusa, graças á fortissima immigração recebida de toda a Europa e ás relações commerciaes entretidas

com tantos paizes, constituindo ella um dos grandes celleiros do mundo e uma das grandes potencias d'amanhã? Porque procederia de modo analogo o Brasil com relação ás potencias alliadas? Não precisa igualmente nosso paiz do braço europeu, e do consumidor europeu, seja este flamengo ou teutão, italiano ou slavo? O que fariamos sem o industrial europeu, que nos fornece machinismos, e sem capitalista europeu, que nos tem fornecido dinheiro para tudo, até para a saturnal politica?

Politicamente o conflicto não nos toca, a nós americanos do Sul, e só nos affectará si o quizermos. A briga é toda por supremacias e primazias que pouco nos devem interessar, a não ser doutrinariamente, emquanto se conservarem a distancia de nós, promptos sempre a repellirmos qualquer ingerencia indebita nos nossos negocios, que por acaso venha a derivar-se daquellas rivalidades.

Economicamente, o mais acertado é sem duvida conservarmo-nos independentes, para opportunamente zelarmos nossos interesses materiaes. Não vejo porque ou para que enfeudarmos a um ou a outro campo, ajudarmos estes contra aquelles, por um sentimentalismo que é antagonico com o senso pratico, por um esquecimento das nossas conveniencias essenciaes, que nos mandam estar bem com todos, comprar onde nos venderem melhor e mais barato, vender onde nos pagarem maior preço e nos fizerem maiores vantagens.

Aquillo que nos Estados Unidos se chama *preparedness*, é a defesa do paiz em todos os terrenos, militar, economico, industrial, mercantil: não é o auxilio prestado por quixotismo acobertado mesmo com um manto juridico, aos que o não solicitaram, ou solicitaram por titulos que não devem ser attendidos. Os Estados Unidos cuidam de si antes de cuidarem dos outros e nem por isso são estranhos ao sentimento humanitario, que é o que, como o nome o está dizendo, distingue a creatura humana e concomitantemente a eleva.

Póde mesmo dizer-se que na quadra actaul são elles a unica grande potencia — a Hespanha não é mais uma grande potencia, se bem que seja um grande paiz, tanto tradicionalmente, pelo seu passado glorioso de que o presente está sendo digno, como moralmente pelo que respeita á historia da cultura

— que tem dado mostra, na actual emergencia da civilização de espirito christão. Os Estados Unidos e o Papado, que é uma grande potencia espiritual.

A civilização christã representa o que todos vos sabeis, o predominio da moral sobre a força, do direito sobre a iniquidade. Terá ella sido por acaso invariavelmente applicada pelas nações que se dizem christãs?

Que o diga a historia, cuja trama é feita de conquistas, seja por interesses dynasticos, seja pelo principio das raças, sempre por motivos cupidos ou hypocritas! Que o diga sobretudo este mundo de 1917, o triste, cada vez mais triste espectáculo que a Europa culta está offerecendo ás outras partes do globo, que ella se gabava de dirigir e de encaminhar na senda da ordem e do progresso! O que vemos? Ruinas de civilização, que não sei quando se conseguirá restaurar de fórma a offerecer de novo o conjuncto a que, com tamanho esforço, se chegará, de menos instavel equilibrio e de relativa tolerancia.

O que pode haver de christão nesse morticinio que não descontinúa, nesses actos de selvageria que se succedem num mar revolto de vergonhas, de infamias e de crimes mais atrozes do que os que os codigos preveem? E' de repudiar-se a civilização da qual procedemos, denuncial-a como adulterada e falsa e proclamar que neste Novo Mundo se veio abrigar uma vez a verdade da doutrina de concordia, de mansuetude e de perdão, que foi a doutrina prégada por Jesus. A America, berço da liberdade religiosa, viveiro das liberdades politicas, está sendo a guarida das liberdades civis.

O Presidente dos Estados Unidos declarou com razão, ha pouco amis de um anno que o seu paiz, melhor dito que a America, tinha conservado accesa em seu altar a chamma do direito internacional, que o vendaval das paixões tinha apagado em todos os outros altares. Com effeito durante dous annos contemporizou elle antes de tomar uma attitude mais decidida na defeza dos direitos e das vidas dos seus compatriotas, sem entretanto deixar de protestar contra as violações e as durezas que do outro lado occorriam e provocaram a represalia que vinha affectar a condição dos neutros. E da

sua neutralidade, como da neutralidade official da nossa America Latina, não é licito descrer.

Agora mesmo, por uma iniciativa que muito honra e que aqui no Brasil, tem passado quasi despercebida, por ignorada, devendo o Club de informações mundiaes reparar tal omissão, o Presidente Wilson definiu os termos americanos da paz. Os alliados tinham desenrolado seu estendal de exigencias; recusára-se a Allemanha, em vista dellas, a fazer conhecidas suas condições. Os Estados Unidos indicaram então a especie de paz que lhes mereceria a sympathia e a dos outros neutros, e que constituiria uma garantia effectiva do futuro. Semelhante paz deve comportar moderação nos seus termos; opportunidade para todos os povos desenvolverem livremente suas energias em terra e no mar, e repudio dos principios de aggressão pela reducção dos armamentos navaes e militares.

Esta é a paz que convém á America, a que não envolve uma humilhação amarga, geradora de novos conflictos, e que se baseia na liberdade e na humanidade. A America tanto tem que receiar da oligarchia dos alliados banindo dos seus favores quem não fôr subserviente, como do predominio exclusivo de um collossal imperio allemão. As nações pequenas e fracas devem preservar seu direito de vida e seu direito de igualdade juridica. Ao futuro devem ser alheios factos como a partilha da Persia, a invasão da Belgica e a occupação da Grecia.

O mundo tem ainda immenso que fazer para se tornar christão, mesmo o que se gaba de o ser. Os armenios teem tanto jus ao respeito dos turcos, quanto os finlandezes ao respeito dos russos; a Austria deve a fortaleza de que tem dado prova, em desmentido a todos os vaticinios de desaggregação, á extensão e amplitude que nos tempos recentes tem recebido no seu seio o principio dos direitos das nacionalidades que compõem essa federação, que a Inglaterra reputava modelar.

Na ultima parte da sua mensagem abordou o Presidente Wilson um assumpto, o mais momentoso dos que se acham em discussão e cujo interesse é mundial como o de nenhum outro. Os caminhos oceanicos devem ser livres tanto de facto como de direito, disse elle: a liberdade dos mares é a con-

dição *sine qua non* da paz, da igualdade e da cooperação. Realmente, si tal liberdade existisse, isto é, si a propriedade privada fosse immune no mar em tempo de guerra — como os Estados Unidos sempre reclamaram, esta guerra já estaria concluida para honra da humanidade, e os neutros pouco nella teriam tido que soffrer. Cessando as leis de contrabando e de bloqueio, a lucta, quero dizer a destruição, fica circumscripta aos belligerantes; deixa de exercer-se sobre o commercio do mundo. Não haverá mais populações torturadas pela fome, nem fabricas sem trabalho por falta de materias primas, nem nações neutras soffrendo privações no seu consumo e arbitrariedades na sua producção, por effeito da tyrannia maritima de qualquer potencia.

Para ser completa a liberdade dos mares, a que a humanidade tem direito, devem ficar neutralizados sob a garantia das nações esses estreitos e canaes cuja obstrucção em tempo de guerra pode paralysar o commercio de uma parte do mundo. Não deve mais assistir á Turquia o direito de fechar os Dardanellos á marinha mercante de qualquer paiz; nem á Inglaterra o direito de fechar os estreito de Gibraltar e o canal de Suez; nem aos Estados Unidos o direito de fechar o canal do Panamá.

Desde que não seja mais preciso proteger linhas sem fim de communicações maritimas, nem seja mais licito destruir no mar o commercio inimigo e neutro, para que os armamentos navaes levados á extrema capacidade? E uma vez reduzidos os armamentos navaes, os terrestres terão que se submetter á escala descendente.

« Estes, exclamou perante o Senado americano o chefe da maior communidade repubilcana do mundo, segunda vez investido da confiança dos seus concidadãos por não ter querido a guerra, « são os principios americanos, esta é a politica americana. São os principios e é a politica de todos, homens e mulheres, os que em qualquer parte descortinam o futuro, de todas as nações, de todas as communidades esclarecidas. São os principios do genero humano, os que hão de prevalecer ».

Hão de prevalecer graças á America. Ai da humanidade hoje si não fosse a America! Ella é o raio de luz neste mar de trevas em que o mundo navega sem lume. Ella é o continente da paz, onde o espirito publico abomina as guerras de exterminio, máu grado certa disposição combativa, oriunda da sua mocidade no ajustar as desavenças domesticas. No proprio dia em que o Presidente Wilson se dirigia ao Senado de Washington, o Instituto Americano de Direito Internacional, que hoje constitue o nucleo de uma federação de sociedades dessa natureza, apresentava na sua sessão annual effectuada na Havana, um plano, organizado por suggestão do Secretario de Estado Lansing, para uma cooperação internacional apóz a guerra no intuito de tornar real a liberdade dos mares, isto é, a liberdade do commercio neutro com relação aos belligerantes.

O plano determina que em caso de guerra as nações neutras, se reunam em conferencia e estabeleçam a lista dos artigos que devem ser considerados contrabando de guerra, sendo empregada contra os transgressores a força internacional. Bloqueios commerciaes cessarão de ser legaes, e nenhuma embarcação neutra ou belligerante, poderá mais ser destruida, ficando apenas sujeita á destruição a carga quando fôr de contrabando de guerra, e não podendo em caso algum ser apprehendida a corespondencia postal. Emquanto não fôr possivel abolir a guerra, deve-se confinar os males que della decorrem aos que escolheram tal modo de dirimir suas differenças, não sendo justo que soffram os que não são partes no pleito, nem adversarios na peleja.

O nosso sentimento humanitario padece de ver immoladas vidas innocentes pelo torpedeamento de um navio de passageiros, mas não menos innocentes as vidas dos que se acham ameaçados na sua existencia pela privação dos alimentos e já estão soffrendo em sua saude — milhões de seres, notai bem — por motivos de uma alimentação insufficiente. Mas o bloqueio pelos submarinos, que torna possiveis aquelles attentados homicidas, é uma illegalidade monstruosa, dirão alguns. Sim: lembrai-vos porém que se navios neutros pretendessem ir de encontro ao bloqueio estabelecido pelos alliados e se aventurassem a ir levar comida aos allemães, seriam do mesmo

modo postos a pique pelos cruzadores britannicos, caso se recusassem a parar e a deixar-se capturar.

Barbaros são todos os belligerantes; barbaros são todos os processos de guerra; barbara é a guerra em si.

Vêde como ella muda os homens! O senador d'Estournelles de Constant, pacifista de profissão, frequentador de congressos de paz, premio Nobel da paz, acaba de escrever que não respondeu ao seu antigo collega da Haya, o professor Zorn, porque sendo este allemão e elle francez, um abysmo os separa. Que bella linguagem para um pacifista! Porque esse abysmo tratando-se de dous filhos do mesmo continente, do continente por excellencia, donde irrompem e se espalham pelo mundo todas as ideas generosas? Não são ambos europeus, não são ambos christãos, não são ambos creaturas humanas? E só responde agora o senador francez, para aconselhar a punição do Imperador da Allemanha, culpado do crime nefando de patriotismo, como qualquer outro chefe de Estado, o Imperador da Russia, o Rei da Inglaterra ou o Sr. Poincaré. Porque sacrificar aquelle só e com elle o seu regimen, em holocausto aos innocentes que morrem?

Innocentes são de facto os povos; culpados são os governantes. Outr'ora faziam-se guerras por interesses dynasticos; hoje se as fazem por gloriolas de estadistas, e com o apoio dos pacifistas de hontem, dos *ci-devant* do pacifismo, que resultam peores de que quanto von Bernhardi e quanto Treitscke, os theoristas do direito da força.

Não vos faltará materia de palestra no vosso club de informações mundiaes, e estou certo de que a discutireis sempre de animo sereno e imparcial, porque eu creio que a America, tratando-se da politica estrangeira, pratica, senão sempre consciente, pelo menos instinctivamente, o espirito do christianismo. Ella deve seu nascimento e seu desenvolvimento á liberdade, e outra não foi a doutrina prégada por Jesus: a liberdade dentro da lei. O mesmo espirito deve porém prevalecer na ordem domestica, na politica interna, e neste campo muito ha a fazer.

Si esta associação, composta de gente moça, da gente do futuro, e visando a formar tanto a intelligencia como o ca-

racter, o que é um idéal bem americano, empregar seus esforços para que a tolerancia e o respeito das opiniões alheias, a saber, da independencia moral dos nosos semelhantes, sejam consideradas entre seus membros virtudes sociaes, e virtudes capitaes, prestará um serviço relevantissimo a esta communidade, que precisa sobretudo, para ser feliz, de que a não perturbem com miragens, de que a não arrastem para aventuras, de que a ensinem a trabalhar e a ler, a utilizar os recursos creados pelo engenho humano e a discernir a verdade da mentira, para poder ter fé no seu destino e confiança nos que a governarem honradamente, escrupulosamente, para a elevar e não para a explorar ».

1200 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

grantes por um immenso territorio, o enorme afastamento entre esses agrupamentos, e a diversidade das condições naturaes em regiões tão differentes umas das outras deram logar, naturalmente, a muitas particularidades na vida da raça luso-brasileira, de accôrdo com o modo de colonisação de cada um dos grupos, o seu *habitat* e o seu ramo de actividade. Emfim, essa disseminação geographica contribuiu, difficultando de uma maneira constante a vida em commum, para o desenvolvimento do bairrismo e do isolamento provincial, que com demasiada frequencia degeneraram na desconfiança mutua. A corôa, pela organisação que deu ao paiz, fortificou ainda mais esse espirito de divisão. As Provincias do Brasil não são, pois, simples districtos administrativos: ellas formam partes distinctas de um todo. Cada uma se desenvolveu mais ou menos por si, tem a sua historia particular; e é um laço muito frouxo, imposto pelas relações interiores e exteriores, que enfeixa todas essas tendencias provinciaes numa historia geral do Imperio. A seguinte exposição historica procurou abranger todas essas considerações. Ella foi dividida em tres partes, comprehendendo, a primeira o periodo que vae de 1500 a 1600, durante o qual a raça portugueza se apossou gradualmente de toda a costa do Brasil, tornando-se porém, insegura a posse definitiva por causa da rivalidade de outras potencias. A administração unitaria da colonia e o perigo estrangeiro, que obrigaram á uma acção commum, como que impuzeram, pela força, o desenvolvimento historico dos acontecimentos. Mas, passado o perigo, cessa tambem aquella necessidade; a raça portugueza derrama-se, depois da sua victoria, pelo vasto continente e forma um grande numero de estados, desapegados uns dos outros, porém continuando todos na dependencia da Corôa. A segunda parte trata da colonisação de cada um dos grupos de estados ou de cada um dos estados numa serie de monographias e narra os acontecimentos até á época contemporanea, fazendo-se num capitulo, que serve de conclusão, o estudo dos poucos factos que se relacionam com a politica exterior, assim como a formação historica dos limites do Imperio. A terceira parte, finalmente, expõe a situação geral

interna, a redacção segundo as idéas modernas da Constituição, a transição do Imperio colonial para um Reino e um Imperio independente, a transformação do estado absoluto em constitucional, e, formúla emfim a opinião de que a monarchia federal parece ser a melhor forma de governo para o Brasil. Está claro que para esses resultados concorre, apenas, uma pequena parte do Brasil, mas as outras provincias interveem intermittentemente, e os resultados aproveitam portanto a todos. Assim é que na terceira parte, como na primeira, encontram-se todos os caracteres de uma historia geral do Imperio.

PRIMEIRA PARTE

A LUTA PELA POSSE DO BRASIL

CAPITULO I

A DESCOBERTA

A prehistoria do Brasil é tão desconhecida como a dos Estados Unidos da America do Norte, e talvez mesmo ainda mais envolta em densas trevas, porque lá, ao menos, atravessa, de vez em quando, a noite escura um pallido raio de luz. Entretanto foram encontrados no Brasil, tambem, documentos isolados de um antigo passado. Perto do Tijuco, no Districto Diamantino (Minas Geraes), mostraram os habitantes do logar ao explorador S^t^. Hilaire uma inscripção, representando, quasi unicamente, passaros pintados com côres vermelhas sobre uma lage liza e era considerada como um legado de um povo primitivo. « Esse documento do passado americano », accrescenta elle, « foi o unico que encontrei durante as minhas longas viagens em toda aquella parte sudeste do Imperio. » O explorador Koster conheceu, porém, mais ao norte, no Ceará, um padre que possuia uma copia de hieroglyphos semelhantes; os academicos de Munich, Spix e Martius, descobriram no sertão da Bahia, na Serra do Anastacio, varios caracteres gravados grosseiramente nos rochedos; assim tambem, parece que existem identicas inscripções runicas no interior, apenas desbravado, do Piauhy. Os mesmos sabios, estudando a bacia do Amazonas, deram, na provincia do Alto Amazonas, quasi ao chegar á fronteira oeste do Brasil, na margem do rio Hyapurá (Japurá), com um penedo coberto de esculpturas representando figuras humanas e outras que, tanto quanto se sabe, excedem todos os documentos brasileiros dessa especie, pela sua clareza, nitidez e acabamento do

desenho; o naturalista inglez Wallace vio tambem esculpturas parecidas com as mencionadas por Spix e Martius e pinturas primitivas em Montalegre, no Amazonas (Provincia do Pará), no Rio Negro e no Rio Uaupés. Creio que essa enumeração é sufficiente. Está claro que foram achadas ainda mais inscripções semelhantes e documentos diversos. Elias Herckmann (1641) era de opinião que as pedras trabalhadas artisticamente e amontoadas pela mão do homem, no interior de Pernambuco, devem ser comparadas ás sepulturas dos hunos espalhadas pela Hollanda; o Dr. Alexandre Ferreira (fins do seculo XVIII) diz que encontrou baixos-relevos artisticos numa grande gruta de estalactites de Matto-Grosso; e, certamente o numero desses monumentos historicos crescerá á medida que o immenso Imperio fôr explorado em todos os seus recantos; — mas a historia nada lucrará com isso. E' evidente que esses documentos são, na maioria dos casos, obra de tribus indigenas desapparecidas ou emigradas para muito longe, de modo que os actuaes habitantes de pelle vermelha, desses logares, veem nelles um enygma tão insoluvel como os seus descobridores brancos. E, quando se não dá esse caso, isto é quando a mesma tribu ainda vive nos logares celebrisados por essas inscripções, os seus descendentes, nossos contemporaneos, se olvidaram ha muito do que os seus avós nellas quiseram exprimir ou desnaturaram o seu sentido com lendas phantasticas. Porém, ainda que chegassemos á solução desse enygma nada mais aprenderiamos além do destino obscuro de um povo indigena que exerceu uma influencia pouco duradoira numa zona restricta e cujo nome se apagará dentro de algumas gerações sem nunca ter tido a menor importancia historica.

Entretanto, devemos nos deter ainda uns momentos no estudo de certos documentos que apezar de não serem devidos á mão do homem interessam á historia do Brasil. São bastante conhecidas em todas as partes do mundo umas excavações profundas que se veem em pedras duras e que fazem lembrar pégadas ou impressões de mãos humanas. Assim, por exemplo, os vestigios de patas de cavallo, de dedos e de pés humanos, esparsos em tão grande numero pelo territorio da Europa, e que a lenda attribue a uma raça de gigantes; na

Asia, as pégadas que se encontram no Pico de Adão, na ilha de Ceylão e que, dizem, foram do deus Buddha; na America, mostram os indigenas, com veneração, pégadas semelhantes, em varios logares, e que deixou na terra, Boshica, o homem santo dos Muyscas (Nova-Granada) ou Quetzalcoatl, o reformador dos Toltecas (Mexico). Do mesmo modo no Brasil, indios mansos da Provincia da Bahia, mostraram ao Jesuita portuguez Manoel da Nobrega (1550) e mais tarde a outras pessoas impressões de pés immensos em pedras duras e contavam uma lenda antiquissima e meio esquecida. « Ha muito tempo », rezava a lenda, « appareceram nesta terra dois santos homens, dos quaes um se chamava Zomé ou Sumé, e ensinaram a lavrar os campos, e a cultivar e preparar a mandioca; mas os nossos avós brigaram com os seus bemfeitores e perseguiram-n'os com os seus arcos retezados. Zomé revelou então o seu poder divino: as settas que lhe eram disparadas voltaram-se contra os ingratos atiradores e os mataram; as mattas e os rios separavam as suas arvores e as suas aguas para dar passagem ao santo que fugia. Assim deixou Zomé a terra, desgostoso com a maldade dos homens, promettendo, porém, voltar, em fé do que deixou na pedra rija o signal dos seus pés. »

A lenda indigena formou o ponto de partida para uma historia fabulosa do Brasil. Nesse tempo, em principios do seculo XVI, usavam os descobridores europeus, imbuidos por uma falsa sciencia, alterar os nomes geographicos americanos para assim poderem reconhecer nelles outros que melhor correspondiam ás suas theorias, aos seus desejos e intuitos. Sabemos que Colombo dizia ter ouvido dos naturaes de Haïti, Cuba e Veragua, nomes de cidades que Marco Polo visitara, e descrevera, na China e no Indostão; não é, pois, para admirar que os Portuguezes pensassem do mesmo modo e vissem no brasileiro Zomé o proprio S. Thomé! E, não acabavam elles de encontrar nas Indias Orientaes, tão longe da acção da Egreja Catholica, communhões de chistãos convertidos por aquelle Apostolo? Dahi se originou, talvez inconscientemente, a principio, um erro historico, que, logo depois, o clero catholico adoptou com pleno conhecimento de causa, fundamentando-o com argumentos forjados por uma pretensa

erudição e dando vasta publicidade a essa lenda. « Christo disse aos seus discipulos: « Ide pelo mundo e pregae o Evangelho a todas as creaturas »; « logo, — assim argumenta o Jesuita Vasconcellos (1589) « deve ter ido á America, e, especialmente ao Brasil, um Apostolo; e quem outro pode ter sido senão S. Thomé? » « E, justamente para esse Apostolo », — assim pregava o Padre Antonio Vieira, — « fôra essa missão ao Brasil uma justa penitencia; que, tendo elle teimosamente negado a Resurreição de Christo, coubera-lhe converter os povos mais obstinados e incredulos da terra. As pedras do Brasil guardaram a sua memoria; mas não se encontra no coração do gentio nenhum rastro da fé que elle lhe ensinou ». Para o crente era certo que S. Thomé viera ao Brasil pregar o Evangelho e a superstição religiosa auxiliada pela piedosa fraude, tratou de trazer á luz do dia novas provas que confirmassem o facto. Ora aqui, ora acolá, descobriam novas pégadas do Apostolo, os buracos que o seu bordão cavara no chão, cruzes e inscripções; mais para oeste, lá no remoto sertão de Goyaz e de Matto Grosso, contava-se que havia uma serra em cujos rochedos se viam gravados todos os instrumentos da Paixão. Seguiram os passos do santo missionario através do Brasil até ao Perú, e para coroar condignamente a lenda, retiraram finalmente, intactos, do vulcão Arequipa, o manto e as sandalias do bom Apostolo.

Terminemos essa fabula pouco interessante e tratemos dos habitantes primitivos do Brasil. A lenda do apparecimento e expulsão de Zomé parece indicar que houve uma invasão de elementos civilisadores no paiz, ou antes, que a raça autochtone, na época em que se fez o descobrimento do Brasil, tinha vencido, conquistando o seu territorio, populações já bastante civilisadas e assimilado os seus costumes e conhecimentos. Comparando-se essa interpretação da lenda com as inscripções symbolicas, as pedras amontoadas artificialmente e outros monumentos a que já alludimos, ser-nos-ha licito talvez admittir que, assim como no centro dos Estados Unidos, existio no Brasil um povo immemorial que desappareceu na noite dos tempos e era mais adeantado moral e materialmente do que os seus successores sem, comtudo, poder igualar os habitantes do planalto do Perú, da Nova Granada, da America

Central e do Mexico. Essa hypothese está de accôrdo com o testemunho dos mais antigos escriptores, os quaes contavam que cada um dos grupos de povos do Brasil se tinha na conta de mais antigo do que o outro. Naturalmente foram ambos invasores e igualmente estranhos ao povo primitivo e aos seus monumentos. Mas, a differença entre elles não era menor, se bem que vivessem ao lado um do outro e as vezes tambem convivessem. Uns, os Tapuyas (os Inimigos), ou Indios do Matto, cujas tribus mais conhecidas são os Aymorés ou Botocudos (assim chamados por causa da rodella de madeira que mettiam nas orelhas e nos labios fendidos para esse fim), habitavam na costa do mar; os Muras e os Mundurucus povoavam o valle do Alto Amazonas. Essas tribus eram inteiramente selvagens e viviam da caça e da pesca, não conheciam a lavoura e contentavam-se com o que lhes fornecia a natureza inculta, chegando mesmo, em caso de necessidade, ao extremo de aplacar a fome ingerindo barro. Formavam mui pequenos nucleos e eram extremamente nomadas, motivo pelo qual os descobridores pensavam poder distinguir entre elles de 76 a 100 nações e linguas diversas. O segundo grupo comprehendia as tribus tupis-guaranys, ou de indios mansos que se subdividiam em tres grandes familias: os Tupis no planalto interior e na costa; os Guaranys na bacia do Rio da Prata e os Omaguas no Alto Amazonas, fraccionando-se uns e outros, em varias tribus. Todos esses povos ficavam, no entanto, intimamente vinculados entre si pelo idioma que era commum a todos, de modo que mais tarde a lingua guarany, enriquecida com alguns vocabulos de dialectos estrangeiros, poude ser usada em todo o sul da America como lingua geral dos Indios. Esses povos haviam chegado a uma civilisação mais elevada do que os Tapuyas e estavam no mesmo nivel que os Indios norte-americanos; elles conheciam a cultura do milho e da mandioca e o seu preparo; mas essa occupação era accessoria e da alçada das mulheres, as quaes deviam tambem fiar e tecer o algodão, fabricar a olaria e compôr os artefactos de toda a especie com que se ornamentavam as mulheres e os guerreiros. Ajudavam-n'os apenas, a desbravar o terreno inculto, a construir a palhoça e a canoa, passando o resto do tempo a caçar, a pescar e a dormir pregui-

çosamente. Ao contrario dos Tapuyas viviam os Tupys em collectividades de mais de 5.000 almas, as suas ladeias eram extensas e cercadas por uma paliçada feita de grossos troncos de arvores. Elles tambem, raras vezes, passavam muitos annos no mesmo sitio, por isso que a caça existente na zona circumvisinha era perseguida até completa extincção.

Essas eternas mudanças de domicilio, peculiares, mais ou menos, a todos os Indios do Brasil, davam ensejo, como se comprehenderá facilmente, tanto antes como depois da chegada dos Europeus, a relações inconstantes na sua fórma e frequencia entre as diversas tribus aparentadas ou não. Quando uma tribu enxotava a outra dos seus dominios decorria desse acontecimento uma serie de allianças e de contra-allianças, de victorias e de derrotas. Desenvolvia-se durante a contenda uma selvageria barbara e feroz. Os Tapuyas serviam-se de flechas envenenadas contra os seus inimigos; e, se bem que os Tupys já se indignassem contra esse modo de fazer a guerra, elles não trepidavam, no entanto, em imitar os seus adversarios na matança dos prisioneiros de guerra e na anthropophagia. E não eram os guerreiros vencidos as unicas victimas desses horrendos festins; os filhos destes com as mulheres tupys, concebidos durante o tempo da detenção, eram igualmente immolados. A vingança constituia um dever sagrado e impedia para o futuro uma reconciliação sincera, de modo que as hostilidades cessavam unicamente com a destruição de uma das tribus contendoras. Em vão esforçaram-se os missionarios, sobretudo os jesuitas, por pôr um paradeiro a esses morticinios e por constituir um direito das gentes que fôsse acceito e respeitado pelas tribus. O unico resultado que alcançaram foi o de chamar a si algumas das tribus mais susceptiveis de civilisação e de as reunir em aldeias fortificadas. A sua influencia sobre as outras foi nulla ou pouco duradoira. Prevaleceu a velha tradição da guerra de todos contra todos, de modo que os colonos europeus que entravam em contacto com os Indigenas se viam obrigados a amoldar-se ao costume geral e a fazerem, elles tambem, a guerra de exterminio. Além disso, dissolveram-se as communhões indigenas formadas pelo piedoso ardor do sacerdocio catholico; a principio, foram ellas destruidas e saqueadas pelos

colonos da visinhança e os seus habitantes reduzidos á escravidão, de modo que os bons padres se viram, repetidas vezes, obrigados a emigrar com milhares de familias convertidas para além das fronteiras do Brasil, indo procurar no Paraguay uma nova patria. Enfim, as aldeias das missões que ainda restavam, ou desappareceram ou voltaram á barbaria, quando, ao deixarem de ser dirigidas pelos padres, passaram á administração leiga.

Avalia-se actualmente a população indigena de todo o immenso Imperio em cerca de 500.000 almas. Uma diminuta parte della vive em contacto immediato e permanente com os colonos brancos assimilando os costumes europeus; o resto conserva quasi intacta a selvageria primitiva. Existem aldeias de Indios espalhadas por todo o territorio do Brasil e ellas são bastante numerosas nas Provincias populosas do planalto central e da costa, e estabelecidas de preferencia nos arredores das povoações dos brancos. E' que ao contrario do anglo-saxão, o brasileiro não repellio brutalmente o gentio; elle se tem contentado em vel-o afastar-se expontaneamente e internar-se na matta virgem, ao ouvir o tinir dos machados dos lenhadores ou o estampido das escopetas. Mas a grande maioria dos Pelles Vermelhas habita o longinquo occidente e o norte, nas bacias do Prata e do Amazonas, vivendo ora da caça ora da pesca, ou nos illimitados campos sul americanos tornaram-se elles audaciosos cavalleiros que, inconscientes das fronteiras, galopam dia e noite entre o Brasil e os Estados limitrophes. Não póde haver duvidas sobre o futuro desses povos. Até agora as provincias as mais povoadas apenas possuem um numero diminutissimo de habitantes, porém quando os nucleos coloniaes se agglomerarem tanto na costa como no interior, quando se abrirem mais numerosas e extensas clareiras na matta virgem, então o branco se apoderará ou por bem ou por mal dos territorios ainda occupados pelas tribus elvagens. E quando, como, certamente acontecerá e não poderá deixar de acontecer, uma corrente immigratoria forte e ininterrupta subir o curso do Prata e invadir os campos riquissimos daquella bacia, perderá o gentio a sua melhor morada. Mas, restar-lhes-á, durante seculos ainda, para ultimo poiso, o immenso sertão deserto e coberto

de mattas virgens do territorio amazonense, pois não é crivel que tão cedo possa ahi penetrar a immigração européa, que, só lentamente e muito mais tarde, se infiltrará pelo interior, quer partindo da costa maritima, quer subindo o Amazonas. Mas, essa hora tambem, um dia, soará e o indigena brasileiro, salvo algumas rarissimas tribus desapossadas dos seus territorios, desapparecerá da superficie da terra, assim como na America do Norte, se extinguiu o Pelle Vermelha.

Deixemos agora a raça a quem o Brasil pertenceu para tratarmos do povo que o conquistou definitivamente. E' sabido que de todas as nações européas foram as da Peninsula Iberica as que mais se distinguiram na navegação scientifica e mais numerosos loiros conquistaram no mar, especialmente no Atlantico sul. Os primeiros, porém, entre os Hespanhoes, foram os Catalães. Com effeito, a ilha de Mayorca se tornara desde o seculo XIII o centro dos estudos scientificos necessarios á arte difficil de navegar. Muito antes de 1286 serviam-se os Mayorquinos e Catalães de cartas maritimas. Construiram-se naquella ilha instrumentos que Raymundo Lulio inventara e que, apezar de muito defeituosos, eram ainda assim sufficientes para que um marinheiro pudesse calcular o ponto em que se achava na vastidão dos mares. Espalharam-se pouco a pouco pelo Mediterraneo os conhecimentos que Mayorca aprendera, por sua vez, dos Arabes. Mas, desde o principio do seculo XV passou a primazia, nessa sciencia, dos Catalães para os Portuguezes, os quaes animados e auxiliados pelo Infante Henrique « o Navegador », (1463) progrediram e tornaram-se marinheiros audaciosos e felizes. De todos os lados se dirigiam para Lisboa homens de grande experiencia e saber, desejosos de fazer valer os seus conhecimentos e assim começou uma serie de descobertas importantes coroadas pela do caminho das Indias por Vasco da Gama, em 1497-1498. E Portugal só viu a sua gloria empannada pelo genio audacioso do Genovez Colombo, que, sob o pavilhão hespanhol, atravessou todo o Oceano Atlantico 1492-1498, e entregou á actividade humana um novo mundo: as Indias Occidentaes e o Continente Americano.

Portugal e Hespanha haviam duplicado os conhecimentos geographicos daquelle tempo e entrado em relações com paizes

até então quasi inaccessiveis aos Europeus ou mesmo inteiramente ignorados. Era muito natural que exigissem para si, exclusivamente, como recompensa, a posse daquelles paizes e o commercio com elles. Nesse intuito dirigiram-se os Governos de Portugal e Hespanha á Santa Sé, a quem, de accôrdo com as idéas correntes naquella época, cabia o direito de dispôr, livremente e sem peias, de todos os paizes e de todos os povos, maxime daquelles que viviam fora da communhão christan. Assim o Infante D. Henrique, Grão Mestre da Ordem de Christo de Portugal, foi quem primeiro, obteve, em 8 de Janeiro de 1454, do Papa Calixto III uma Bulla, concedendo ao Grão Mestrado da Ordem de Christo a posse sobre as conquistas feitas em Africa desde o Cabo Não e o Cabo Bojador até á India. Essa concessão foi confirmada pelo Papa Sixto IV numa segunda Bulla, de 21 de Junho de 1481, passando esses direitos para a coroa de Portugal quando, por morte do Infante D. Henrique, a ella se incorporou o Grão-Mestrado da Ordem de Christo. O mesmo requeriam os Reis Catholicos, Fernando e Izabel, e, justamente, occupava a Santa Sé, um Hespanhol, o Papa Alexandre VI, que em Bulla de 3 de Maio de 1493, gostosamente, extendeu aos Monarchas Hespanhoes os mesmos direitos em relação ás descobertas na America que os que gozavam os Portuguezes em Africa. Mas, para afastar todo e qualquer motivo de desharmonia, para o futuro, entre os dois Reinos, o mesmo Papa expediu, dias depois, uma segunda Bulla, estabelecendo como linha divisoria um Mèridiano que passasse a cem milhas a oeste do Cabo Verde e dos Açores; de modo que á Coroa de Hespanha pertenceria o que ficasse a oeste desse meridiano e á de Portugal o que estivesse ou fôsse descoberto a leste do mesmo. Porém, como por essa divisão se excluisse, por completo, Portugal do continente occidental, o Rei D. João II queixou-se á Curia Romana e á Côrte de Hespanha de que o direito adquirido pelos seus antepassados fôra de tal maneira cerceado que, certamente, arrefeceria o espirito de emprehendimento dos seus marinheiros, e assim, depois de algumas negociações, conseguiu elle importante concessão. Pelo Tratado de Tordesillas, de 7 de Junho de 1494, sanccionado doze annos mais tarde, em 24 de Janeiro de 1506, por

uma Bulla papal de Julio II, consentiu o Rei Catholico abandonar a linha de demarcação do Papa Alexandre VI e adoptar outra que devia passar a 370 milhas a oeste do archipelago do Cabo Verde. Tomando-se como base para a determinação dessa nova linha o ponto mais occidental daquelle grupo de ilhas, ella deveria corresponder, mais ou menos, a 31° de Long. Oeste de Ferro, e cortaria, unicamente, a America do Sul, ao norte na ilha de Marajó, cerca da cidade de Belém do Pará; ao sul, perto da bahia e cidade Paranaguá (Provincia de Paraná) e, terminando, na cidade e bahia da Laguna (Provincia de Catharina). Passava, pois, em virtude de tratado e laudo papal, para o dominio portuguez quasi todo o planalto interior do Brasil com o estreito talude que o separa do Atlantico, além das costas e ilhas de S. Paulo e Santa Catharina, emquanto que ao Rei Catholico da Hespanha cabia a posse do resto da America e, especialmente, no continente brasileiro as duas immensas bacias fluviaes do Amazonas e do Prata.

O que uma assim perdêra, o que a outra ganhara, claro está, nem uma nem outra das duas nações ibericas o podia então suppôr, por isso que só cinco annos depois do Tratado de Tordesillas é que descobridores europeus deram com a costa do Brasil. Cabe nisso a primazia ao Hespanhol Vicente Yanez Pinzon, companheiro de Colombo na sua primeira viagem e que agora se fazia ao mar para descobrir por conta propria. Em 30 de Dezembro de 1499 deixou Pinzon o porto de Palos, sua cidade natal, fez rumo ao sudoeste, e, primeiro entre todos os europeus que cruzaram aquellas paragens, perdeu de vista a estrella polar. Finalmente, appareceu no horizonte, a oeste, um grande promontorio, onde elle desembarcou em 20|26 de Janeiro, ou em 20 de Fevereiro. Era a extremidade mais oriental do continente sul-americano, o Cabo Santo Agostinho que elle denominou Cabo de Santa Maria de la Consolación, e ao qual outros navegantes que o descobriram posteriormente deram os nomes de Cabo de Rostro Hermoso e Cabo de Santa Cruz. Pinzon tomou posse da nova terra, em nome da Corôa de Hespanha e depois de ter feito varias inscripções nos rochedos e nas arvores, e de haver, em vão, tentado atar relações

amistosas com os indigenas, partiu, continuando a navegação ao longo da costa com rumo noroeste. Elle descobriu assim a foz do rio Maranhão (Prov. de Maranhão) onde teve que sustentar um encarniçado combate com os indigenas e, em seguida, penetrou unm «Mar de Agua Dôce». Era a formidavel cunha que o rio Amazonas mette pelo Oceano numa distancia de muitas milhas e, finalmente, chegou Pinzon ao rio Oyapock que fórma actualmente o limite entre o Imperio e a Guyana Franceza. Não entra no quadro desta obra descrever o resto da sua viagem ao longo da costa colombiana e atravéz das Indias Occidentaes, mas é interessante mencionar que Pinzón voltou a Palos em fins de Setembro de 1500, recebendo, como recompensa pelos seus serviços, o direito, concedido por Ordenança de 5 de Setembro de 1501 de governar e colonisar, sob a soberania da corôa de Hespanha as terras que elle acabava de descobrir, — direito de que elle não gozou. Poucas semanas depois da partida de Pinzón appareceu nas aguas do norte do Brasil um outro Hespanhol, Diego de Lepe, que sahiu tambem de Palos, ao que consta nos ultimos dias do anno de 1499, e attingiu o Cabo de Santo Agostinho, porém contornou-o para o sul e verificou que a costa se dirigia de um modo constante para esse quadrante. Assim é que se lhe deve ter-se podido já em 1500, determinar, de uma maneira precisa, a configuração pyramidal da America do Sul. Infelizmente não continuou Lepe o caminho que lhe daria ensejo para novas descobertas e deixou a costa do Brasil, segundo a mesma derrota que Pinzón.

Antes mesmo de regressarem á patria os dois navegantes hespanhoes, sulcava as aguas brasileiras uma esquadra portugueza que devia ampliar os primeiros descobrimentos. Poucos mezes antes, em 10 de Julho de 1499, Vasco da Gama, que descobrira o caminho maritimo das Indias, havia voltado ao Tejo. Animado pela relação dessa viagem resolvêra El Rei D. Manoel de Portugal (1495-1521) enviar uma esquadra que, passando pelo mesmo caminho iria a Calicut assentar feitorias e relacionar-se de um modo duradoiro com a gente do paiz; treze velas singraram da foz do Tejo em 9 de Março de 1500. O Almirante Pedro Alvares Cabral, segundo instrucções redigidas pelo proprio Gama, devia, á altura de

Guiné, afastar-se o mais possivel da costa africana, a fim de fugir ás calmarias daquella região calida e insalubre. Elle seguiu o conselho, mas, como, governasse demasiado a oeste, entrou naquella corrente maritima, chamada brasileira, que o impelliu para a mesma costa visitada havia pouco tempo por Pinzón e de Lepe, se bem que um tanto mais ao sul do lugar onde aquelles aportaram. Foi na semana de Paschoa, em 22 de Abril de 1500, que de bordo das caravellas se avistou uma terra desconhecida, — ou como a principio se pensou uma grande ilha, — era um monte alto de forma redonda; desdobrava-se ao sul uma serra (a serra dos Aymorés), cujo dorso, dôcemente arqueado estava coberta com uma bella matta. O Almirante achou que lhe não podia dar melhor nome do que Monte Paschoal e á terra ao redor o de Terra de Vera Cruz. Elle se fez transportar para a terra no mesmo dia e encontrou um grande numero de indigenas que vinham saudar a esquadra, mas foram baldadas todas as tentativas de se entender com elles por meio dos interpretes quer asiaticos, quer africanos. Cabral resolveu deixar os seus navios refrescarem um pouco e completarem as suas provisões. Foi costeando aquella terra em direcção ao norte, afim de procurar um bom abrigo para a sua esquadra de 12 velas, desfalcada já de um navio, que Cabral encontrou a umas dez milhas do Monte Paschoal uma bahia, á qual, pela sua excellencia, deu o nome de Porto Seguro; nome que ella conserva até hoje (Prov. da Bahia). A esquadra deu fundo por oito dias, e durante esse tempo entreteve relações com os indigenas, embarcou agua e provisões. O mais importante foi que na sexta-feira, 1° de Maio de 1500, Cabral mandou erigir, sobre uma altura que a tornava visivel de muito longe, uma grande cruz de madeira com as armas e a divisa de El Rei D. Manoel e, fazendo rezar uma missa solemne, tomou posse da nova terra para a corôa de Portugal.

Dias depois suspenderam ferros, deixando naquella costa dois criminosos condemnados á deportação, a fim de apprenderem a lingua dos indigenas e servirem, mais tarde, de interpretes. Cabral continuou, com onze velas, a sua viagem para as Indias Orientaes, incumbindo Gaspar de Lemos, que commandava a decima segunda nau, de levar á côrte de Por-

tugal a boa nova, assim como o relatorio official, redigido por Pedro Vaz Caminha, Secretario da expedição. No seu regresso bordejou Lemos pela costa brasileira até o cabo São Roque, (na provincia do Rio Grande do Norte), de modo que já naquella época conseguiu estabelecer a continuidade entre as descobertas de Pinzon e Lepe, e as de Cabral.

E' facil imaginar a alegre surpreza com que foi recebida, em Lisboa, a mensagem de Gaspar de Lemos; era, em poucos mezes, um novo continente que se offerecia ao genio emprehendedor dos Portuguezes. Naturalmente, não se podia comparar, naquelle tempo, o Brasil com o Indostão, por isso que não era licito esperar os mesmos resultados das relações com os indigenas brasileiros, que, no entanto, adviriam certamente das que se tivessem com os Indianos, cuja civilização era antiquissima e brilhante. Mas, não passou despercebida a importancia que teria um paiz, situado a meio caminho do Cabo de Boa Esperança, para a navegação em direcção do Oriente, (e já podemos accrescentar para a navegação na costa occidental da America e na Australia). E, já em 29 de julho de 1501, escrevia El Rei D. Manoel uma carta aos seus reaes visinhos, chamando a sua attenção para esse facto. Ainda que não houvesse outra bastava essa consideração para continuar a exploração da costa brasileira, e, nesse intuito, deixou a foz do Tejo uma segunda divisão composta de tres naus. E' inutil investigarmos quem a commandou; em todo caso sabemos que o homem de mais nomeada que ia a bordo era o cosmographo florentino, Americo Vespucci, o qual já havia sido o companheiro de Alonso de Hojeda (Maio de 1499 a meiados de junho de 1500) na expedição, sob o pavilhão hespanhol, ás costas da Goyana e a Colombia, e que acabara de entrar ao serviço de Portugal a convite especial do seu rei. Esses barcos encontraram-se na altura do Cabo Verde com a frota de Cabral que voltava das Indias, e d'ahi fizeram rumo a oeste e reconheceram a cósta do Brasil nas immediações do Cabo São Roque, no dia de São Roque, 16 de Agosto de 1501. A partir desse ponto dirigiram-se para o sul, bordejando pela costa, e foram, sem duvida, elles, que deram os nomes de accôrdo com os santos do kalendario catholico romano, festejados nos dias em que nelles apor-

tavam, a alguns pontos do litoral, taes como: Cabo de Santo Agostinho, 28 de Agosto; Rio São Francisco, 3, Cabo São Thomaz, 18 de Setembro e Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1501, na Provincia do mesmo nome; na Provincia de São Paulo, Ilha de São Sebastião, 20 de Janeiro de 1502; o porto de São Vicente, 22 de Janeiro e, finalmente, a bahia de Cananéa. Na altura da Provincia do Rio Grande do Sul, ou mesmo do visinho Uruguay (Cabo Santa Maria, 34 a 35° S.) Vespucci abandonou a costa da America do Sul e, descrevendo um grande arco para sudeste, entrou felizmente no porto de Lisboa, a 7 de Setembro de 1502, depois de longa e penosa viagem.— Vespucci acompanhou, no anno seguinte, uma segunda expedição portugueza, a qual fôra incumbida em 10 de Maio de 1503, sob o commando, talvez, de Gonçalo Coelho, de descobrir uma nota, pelo occidente, para a Peninsula de Malacca e as Molucas. Se bem que não tivesse conseguido esse intento contribuiu essa viagem para enriquecer os conhecimentos sobre o Brasil. Em primeiro logar descobriram os Portuguezes a Ilha de Fernando de Noronha, em cujas agoas se perdeu a nau capitanea e a esquadra se dispersou. Vespucci ahi permaneceu algum tempo para embarcar provisões e fez se depois ao mar com as duas velas que lhe restavam, chegando á Bahia de Todos os Santos (provincia da Bahia), a 1 de Novembro de 1503, e foi costeando o litoral numa extensão de 260, em direcção ao sul. Ancorou, então, em Porto Seguro, onde se demorou cinco mezes, travando relações amistosas com os indigenas, que acompanharam alguns marujos portuguezes numa exploração que os levou a quarenta milhas no interior. Fundou-se uma feitoria fortificada a que denominaram Santa Cruz, o primeiro estabelecimento dos Portuguezes no Brasil e guarnecendo-a com 24 homens, com as necessarias munições bocca e de guerra para 6 mezes, Vespucci carregou o seu navio com pau brasil e chegou ao Tejo, em 28 de junho de 1504, após uma viagem de 77 dias.— Assim se tornara conhecida, nos seus contornos geraes, a costa do actual Imperio. Porém, o principal merito de Vespucci fora o ter firmado que não se tratava de uma « Ilha de Vera Cruz », como pensara Cabral e que, ao contrario, (como elle já o escrevia

2

REVISTA AMERICANA

PUBLICAÇÃO MENSAL

3, RUA DE SANTO ANTONIO — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL

DISTRICTO FEDERAL. . 15$ ESTADOS . . . . . 20$

Numero Avulso . . . . . 2$

A importancia das assignaturas pode ser remettida em sellos, cheque ou vale postal ao Director da REVISTA AMERICANA ou paga nas livrarias e agencias do Rio de Janeiro e dos Estados.

ALAGOAS (Maceió)— Livraria Fonseca, de M. G. Fonseca, 40, rua do Commercio — Livraria Universo, de Arnobio Valente.

AMAZONAS (Manáos)— Livraria Academica, de J. F. Coceillo, 25, rua Henrique Martins.

BAHIA (S. Salvador)— Livraria e Papelaria Catilina, de Romualdo dos Santos, 6 rua Santos Dumont.

CEARÁ (Fortaleza)— Casa Americana, de F. Rosa & Comp.

ESPIRITO SANTO (Victoria)— Domicio Gonçalves do Nascimento, 20, rua Dona Julia.

GOYAZ (Goyaz)— Escriptorio Commercial, de Luiz Altino da Cunha e Cruz.

MARANHÃO (S. Luiz)— Livraria Universal, de Ramos d'Almeida & Comp. 3, rua da Palma.

MATTO GROSSO (Corumbá)— Livraria de Frederico Teixeira. **Corumbá** — « A Gentil Pastora », de João Antonio Esteves. **S. Luiz de Caceres** — Dr. José Rizzo.

MINAS GERAES (Bello Horizonte)— Giacomo Aluotto & Irmão, 860, rua Bahia. **Juiz de Fóra** — Campos & Comp., 793, rua Halfeld. **Uberabinha** — Zacharias A. de Mello. **Ubá** — Agencia de Jornaes, de Dias & Comp. **Ouro Fino** — Livraria Progresso, de Ananias Gomes da Silva, rua Julio Brandão.

PARÁ (Belém)— Livraria Universal, de Tavares Cardoso & Comp., 50, rua Conselheiro João Alfredo. Agencia Martins, de José Martins & Irmão, 15, travessa Campos Salles.

PARAHYBA (Parahyba)— Ildefonso Bezerra.

PARANÁ (Curityba)— Livraria Economica, de Leopoldino Rocha, 53, rua Quinze de Novembro.

PERNAMBUCO (Recife)— Casa America de Evaristo Maia, 26, praça da Independência. Livraria Economica, de M. Nogueira de Souza, 17, rua Barão da Victoria.

RIO GRANDE DO NORTE (Natal)— Livraria Cosmopolita, de Fortunato Aranha.

RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre)— Livraria Universal, de Carlos Echenique, 260, rua dos Andradas, Selbach & Comp., 94, rua Marechal Floriano. **Pelotas** — Livraria Universal de Echenique & Comp. **Uruguayana** — Livraria Guarany, de Pedro Antonio Dias, 48, rua Duque de Caxias. **Cachoeira** — Dr. Benjamin Camozato.

RIO DE JANEIRO (Districto Federal)— Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 3 rua de Santo Antonio.— Livraria Garnier, 109, rua do Ouvidor. Livraria Briguier, 27 rua Sachet. Livraria Aives, 166, rua do Ouvidor. Casa Moura, 114, rua da Quitanda.

SANTA CATHARINA (Florianopolis)— Livraria Moderna, de Paschoal, Simone & Filho, 26, Praça Quinze de Novembro.

S. PAULO (S. Paulo)— Casa Garraux, Hildebrand & Bressane, 40, rua Quinze de Novembro. Francisco Alves & Comp., 120, rua Libero Badaró. **Santos** — Bazar Americano, de J. B. Gaspar de Sá, 139, rua Quinze de Novembro. José de Paiva Magalhães, 3, rua de Santo Antonio. A. P. Correia da Silva. Dr. Nilo Costa (Corresp.). **Campinas** — Casa Genoud, 33, rua Barão de Jaguara. Prof. Erasmo Braga (Corresp.). **Ribeirão Preto** — Casa Selles, de José Selles, 45, rua Amador Bueno. **Taubaté** — José Olegario de Barros. **Casa-Branca** — Petit Basar, de J. Raphael Bonvicino. **Amparo** — Juvenal Cruz. **Itapira** — Dr. Menotti del Pichia (Corresp.). **Botucatú** — Casa Carlos, de Cesar, Toledo & Comp. **Piracicaba** — Gustavo Teixeira (Corresp.)— Agencia de jornaes e revistas. **Piracicaba** — Express — 84, rua Moraes Barros. **Dois Corregos** — Bazar Americano, de Bernardino Machado. **S. Pedro de Piracicaba** — José Correia da Silveira.

TERRITORIO DO ACRE (Cidade do Rio-Branco)— Dr. Luiz Barreto Correia de Menezes (Corresp.).

SANTIAGO DE CHILE — Libreria Inglesa. Hume y Walker, 357, Ahumada.

MONTEVIDÉO — Libreria Nacional. Barreiro y Comp. 25 de Mayo (esq. Juan C. Gomes).

ANNO VII — ABRIL — 1918 — N. 7

REVISTA AMERICANA

SUMMARIO

		PAGS.
I. RIO-BRANCO	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II. HELIO LOBO	Relações entre os Estados Unidos e o Brasil (1822-1916). Conferencias realizadas na Universidade de Harvard	12
III. ALFREDO DE ASSIS	Horas de sonho (Versos)	57
IV. GONZALO ZALDUMBIDE	José Enrique Rodó	59
V. AFFONSO DIONYSIO GAMA	Machado de Assis (Maximas, pensamentos e observações extrahidas de suas obras)	79
VI. A. MORAES COUTINHO	Despropositos em torno de um livro (*Rondonia*, de E. Roquette Pinto)	91
VII. BASILIO DE MAGALHÃES	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	112
VIII. H. HANDELMANN	Historia do Brasil (continuação)	33
NOTAS. — Os donos dos nossos versos (Humberto de Campos). Uma rectificação (Mello Moraes Filho). Conselheiro Alvaro de Oliveira (Redacção).		123

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

1918

Brevemente iniciaremos a publicação do terceiro volume inedito da «Guerra da Triplice Alliança, contra o Governo da Republica do Paraguay», por L. Schneider, traduzida do allemão por Manuel Thomaz Alves Nogueira e annotada pelo Barão do Rio Branco. Esse trabalho, cujo valor não precisamos encarecer, foi encontrado no archivo do Barão do Rio Branco adquirido pelo Governo do Brasil, e sua publicação na «Revista Americana» gentilmente autorizada pelo Exmo. Sr. Dr. Nilo Peçanha, Ministro das Relações Exteriores.

REVISTA AMERICANA

ABRIL — 1918

1409 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

REVISTA AMERICANA

ABRIL — 1918

1409 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

INDICE DO VOLUME VI

(JANEIRO — FEVEREIRO — MARÇO)

NUMEROS 4. 5. 6

1918

I.	**Rio-Branco**	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II.	**A. Velloso Rebello**	Dois patriotas de 1640	9
III.	**Felix F. Palavicini**	D. Venustiano Carranza	19
IV.	**Georgino Avelino**	A nossa Guerra. (Seus fins politicos e seus effeitos sociaes)	29
V.	**Luis Gasperi**	El código civil brasileño	46
VI.	**J. C. Gomes Ribeiro**	O precursor da Independencia hispano-americana	54
VII.	**Barão Homem de Mello**	Discurso que devia ser pronunciado na Academia Brasileira de Letras	60
VIII.	**Ventura Garcia Calderón**	Los primeros versos de Rubén Dario	67
IX.	**Paulo Brandão**	A taça. O cyatho. O camafeu. Ante um busto de Pan. A concha. O banco madreporico (Sonetos)	76
X.	**Basilio de Magalhães**	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	81
XI.	**Alberto Faria**	Romance medieval (Do cyclo-carlovingio)	123
XII.	**Redacção**	NOTAS. Boletim Mundial. Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas	125
XIII.	**H. Handelmann**	Historia do Brasil (Separata)	
I.	**Rio-Branco**	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II.	**D. Silverio Gomes Pimenta**	Á paixão de Nosso Senhor	12
III.	**A. Austregesilo**	O mal da vida	14
IV.	**Marco Fidel Suarez**	Conmemoracion del tercer centenario de la muerte de Don Miguel de Cervantes Saavedra	27
V.	**Januario Lucas Gaffrée**	Spinoza (continuação)	60
VI.	**Max Henriquez Ureña**	Problemas de nuestra America	64
VII.	**Renato Almeida**	Machado de Assis	73
VIII.	**Basilio de Magalhães**	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	90
IX.	**Luiz Franco**	Pesadello de um asceta (Traducções brasileiras do soneto *Le Cauchemar d'un ascète* de Maurice Rollinat	107
X.	**Alberto Souza**		
XI.	**Alberto Faria**		
XII.	**João Pereira Barreto**	Imperio da mulher	111
XIII.	**Luis Gasperi**	El codigo civil brasilero	142
XIV.	**Jackson de Figueiredo**	Bibliographia	165
XV.	**H. Handelmann**	Historia do Brasil (continuação)	17

NOTAS. — O centenario de 1817, por Oliveira Lima. Saudação dos escriptores e artistas Norte-Americanos aos collegas do Brasil. Sobre dois livros brasileiros, por Julio Dantas. Shakespeare e sua obra, por Cyro de Azevedo. Padre Raphael Maria Galanti. Conferencia feita pelo Dr. Oliveira Lima na Associação Christã de Moços no Recife 177

REVISTA AMERICANA

ABRIL—1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

BIOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

(VISCONDE DO RIO-BRANCO)

PELO

BARÃO DO RIO-BRANCO

(*Continuação*)

Não deixaremos de mencionar aqui a « Festa da Emancipação » celebrada na noite de 2 de Março de 1872 pela Maçonaria Brasileira, em honra do seu Grão Mestre, Visconde do Rio-Branco. Nessa solennidade inaugurou-se o retrato do benemerito emancipador, e foi-lhe entregue uma medalha de ouro, de 22 quilates, pesando 73 oitavas e tendo 70 millimetros de modulo. Essa medalha e a cadeia, que a prende, tambem de ouro, fôram ultimamente offerecidas ao Museu Nacional pelos herdeiros do Visconde do Rio Branco. Tem no verso um grupo allegorico e a seguinte inscripção: « Lei n. 2.040 de 28 de Setembro de 1871.— Presidente do Conselho de Ministros o Visconde do Rio-Branco ». No anverso, o retrato do Visconde e esta inscripção: « O Gr. Or. do Brasil ao Val. do Lavradio ao seu Gr. M. Visconde do Rio-Branco ».

Transcreveremos os seguintes trechos do discurso então proferido pelo Visconde do Rio Branco, a fim de que o leitor

possa ter um exemplo da modestia com que esse illustre cidadão sabia sempre exprimir-se:

«..... As distincções que me conferistes, muito superiores ao merecimento de quem as recebe, são outros tantos factos e symbolos commemorativos do vosso civismo e dos vossos sentimentos philantropicos, expostos ás vistas das gerações presentes e vindoura. O merito real é vosso: a honra desta solennidade vos cabe principalmente. Eu sou apenas a expressão personificada do vosso generoso pensamento pela dupla e transitoria qualidade que recebi de vossa confiança e do certamen da vida politica.

« Vosso enthusiasmo tem os mais nobres incentivos. A reforma social que o Poder Legislativo do Brasil acaba de decretar, é de certo um triumpho assignalado da nossa civilização: é a remissão de uma grande divida para com Deus e os homens (*apoiados*), é o marco de uma nova era de regeneração moral e material, preparada pela razão, reclamada pela justiça e favorecida pelo tempo: bella e salutar, como todas as obras que a moral universal inspira: obtida a custo, como tudo o que é verdadeiramente grande, mas incruenta, como padrão eterno do caracter elevado e raro bom senso do povo brasileiro (*Muito bem*).

« O feito social que hoje celebraes com tanta effusão do vosso patriotismo, illustrado pela mais san philosophia, parecia o esfôrço mais arriscado da sociedade brasileira. Não encontrava contra si as differenças de castas, os preconceitos aristocraticos das republicas gregas e romana, as idéas falsas e egoistas dos tempos de Platão e Aristoteles: mas oppunham-se-lhe habitos seculares, a organização de todo o trabalho industrial, as apprehensões naturaes de interesses legitimos, e tão valiosos, que nelles se cifra toda a nossa riqueza publica e particular. A resistencia era inevitavel: em todo o caso seria energica, mas causas artificiaes ou as paixões dos homens lhe augmentaram as proporções, lhe desfiguraram o caracter e ameaçaram torná-la tempestuosa.

« Triumphou, porém, e sem prolongada luta a idéa do progresso: triumphou porque era a verdade e a justiça (*apoiados*), e este duplo sol das consciencias bem formadas

illumina e attrahe a si os proprios que se desviam da estrada real da felicidade publica, para correrem desvairados pelos atalhos dos erros e das illusões momentaneas. Fata viam invenient. (*Muito bem*).

« Quem venceu nessa luta pacifica (seja-me permittida á expressão) foi a sociedade brasileira. E' uma victoria que agrada a Deus e a Catão, que honra a todos, que confunde vencedores e vencidos á luz refulgente da imagem da patria, aos olhos da historia e sob as inspirações do Omnipotente (*Muito bem*).

« Ninguém tem direito á gloria exclusiva desse feito, como ninguém deve deixar de adherir á lei dictada pela vontade da maioria nacional e applaudida pela voz unanime do mundo civilizado.

« A pedra de toque de uma acção grande e benefica está no sentimento geral que provoca. A reforma de que tratamos foi acolhida com enthusiasmo pelos habitantes dêste solo e mereceu os louvores desinteressados dos outros povos. Não se lhe pode recusar o caracter de um verdadeiro melhoramento social.

« A memoravel Lei de 28 de Setembro livrou o futuro dos males do presente, e proveu á extincção gradual do que não podia ser cortado pela raiz sem abalar desde os alicerces o edificio social desta grande nação (*Apoiados*). E' um progresso reflectido, progresso racional, que melhora, conservando, e cuja divisa deve ser essa: Motus alit, non mutat opus.

« Prudente e inspirada pelos mais santos principios, a reforma de 28 de Setembro ha de ser fecunda em beneficios para a communhão brasileira. Associo-me cordialmente á expansão dos maçons aqui reunidos.

« E bem que não deva considerar, nem considere, como mero apreço pessoal as honrosas demonstrações de que me fizestes alvo, acreditae que ellas penhoram minha gratidão, sentimento para mim indelevel e sempre dos mais caros.

« Eu as recebo por mim, por meus collegas de gabinete, por todos os cooperadores dêsse grandioso acto legislativo, como um exemplo que animará aos que podem prestar mais

relevantes serviços ao Brasil, que eu amo estremecidamente como uma das mais bellas provincias da humanidade (*Applausos*)».

Em Abril de 1872 S. M. o Imperador voltou da Europa e no mês seguinte estava reunido o Parlamento.

A reforma do estado servil e as tempestuosas discussões a que dera lugar produziram uma scisão no seio do partido conservador. A principal resistencia á passagem da reforma dera-se nas provincias do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo. Na provincia do Rio de Janeiro, em principio de 1872, o govêrno soffrera um revés na eleição senatorial, com a derrota do Conselheiro Teixeira Junior. Esse facto encheu de coragem os conservadores dissidentes. Aberto o Parlamento, aproveitando a demora de alguns amigos do Govêrno, a dissidencia conservadora levantou na Camara dos Deputados uma questão de confiança, e reuniu 51 votos contra 50 que teve o gabinete. O Visconde do Rio Branco pediu e obteve do Imperador, a dissolução da Camara. A execução da reforma não podia ser entregue aos seus implacaveis e apaixonados adversarios.

Na eleição a que se procedeu em Agosto, triumphou o Govêrno sendo, entretanto, eleitos quarenta e tantos opposicionistas, entre conservadores dissidentes e liberaes.

A nova legislatura começou a funccionar em Dezembro de 1872 e graças á habil direcção do Gabinete de 7 de março, foi das mais fecundas que temos tido.

A historia do Ministerio Rio-Branco mais espaciadamente poderia ser feita. Não ha um só ramo da administração em que elle não tenha deixado claros vestigios do seu vehementissimo desejo de promover o bem da patria. Nenhum outro fez mais, nem tanto pelo progresso nacional.

Proclamou a liberdade dos filhos de mulher escrava, emancipando as novas gerações, e tornando a extincção total da escravidão simples questão de tempo: instituiu um fundo especial para a emancipação gradual e fez a primeira destribuição dêsse fundo, organizou e regulou, sem vexame nem constrangimento dos proprietarios, o importante serviço da matricula especial dos escravos.

Ampliou o *habeas-corpus,* constituiu a fiança provisoria, regulou sôbre bases equitativas a prisão preventiva: augmentou os tribunaes de segunda instancia, creando relações no Pará, Ceará, Minas, S. Paulo, Goiaz, Mato Grosso e Rio Grande do Sul: deu novo regulamento a esses tribunaes e melhorou a sorte da magistratura.

Deu grande impulso á instrucção publica na capital e nas provincias: reorganizou a antiga Escola Central em Escola Polytechnica: creou a Escola de Minas, de Ouro Preto: reformou as Escolas Militares e restabeleceu os cursos de infantaria e cavallaria no Rio Grande do Sul: creou o Asylo dos Meninos Desvalidos: organizou e apresentou ás Camaras um projecto notavel em que consagrou os mais generosos e fecundos principios para o aperfeiçoamento e disseminação do ensino.

Reorganizou o Archivo Publico: quasi restaurou a Bibliotheca Nacional: dotou o ensino com varios edificios: multiplicou as escolas, deu regulamento ao registro civil: organizou e fez executar o primeiro e unico recenseamento geral do Imperio: fundou a directoria geral de estatistica, cujos trabalhos vieram a merecer distincta menção entre estranhos: reformou varias secretarias de estado, e outras repartições.

Substituiu o velho systema de recrutamento, que grangeara a justa denominação de «caçada de homens»: desobrigou o cidadão dos incommodos e rigores da antiga guarda nacional: reorganizou os arsenaes: melhorou e desenvolveu com sagacissimo empenho o material do Exercito e da Armada: deu novas regras á promoção nesta ultima classe, e melhorou, como de muito era reclamado, os vencimentos de ambas.

Diminuiu os impostos, iniciando a sabia politica da reducção dos direitos de exportação, deu regulamento ás Caixas Economicas e aos Montes de Soccorro, creando estabelecimentos dêsses nas capitaes de Provincias, podendo ter caixas filiaes nas cidades e villas do interior cujas necessidades o exigissem: melhorou o regimen do credito territorial numa productora e extensa zona agricola, e deixou pendente um projecto que deu origem á Lei de 6 de Novembro de 1851

mandou proceder aos estudos necessarios e organizou o projecto para as obras do abastecimento de agua á capital do Imperio: activou a construcção da Estrada de Ferro de Pedro II: decretou as de S. Pedro do Sul, e fez proceder aos estudos preliminares dessas linhas e das vias ferreas do Paraná a Mato Grosso, de Cuiabá a Lagoinha e do prolongamento das de Pernambuco e Bahia: iniciou o levantamento da carta itineraria e da carta geologica do Imperio, trabalhos suspensos pelo ministerio seguinte: promulgou a importante Lei de 24 de Setembro de 1873 concedendo garantia de juros ás estradas de ferro provinciaes: fez estudar melhoramentos em varios portos do Imperio: fomentou a navegação, concedendo-lhe favores, e expedindo o regulamento concernente á marinha mercante nacional: desenvolveu a rêde telegraphica terrestre, e fez as concessões para os cabos transatlantico a costeiro, pondo a capital do Imperio em communicação com os principaes portos desde o Pará até a fronteira do Rio Grande, com a Europa e o Rio da Prata, Pacifico e Estados Unidos: promoveu activamente a colonização conseguindo estabelecer o que até então debalde se havia tentado — a corrente immigratoria que ainda hoje perdura apesar dos muitos erros commettidos pêlo Govêrno nestes ultimos três annos: auxiliou a creação do Asylo Agricola, da Fazenda Normal e do Museu Industrial, fez construir varios edificios publicos, como o da Typographia Nacional, a Secretaria da Agricultura, a Caixa de Amortização e Correio, escolas e alfandegas: restaurou alguns, como o Thesouro Nacional e o edificio em que funcciona hoje o Lyceu de Artes e Officios: comprou outros, como os em que hoje se acham a Secretaria do Imperio e o quartel de artilharia em S. Christovão: fez ajardinar o antigo Campo da Acclamação, convertendo-o em um parque digno da capital do Imperio.

Deixou a ponto de converter-se em Lei, já approvado pêla Camara Temporaria, um projecto de reforma eleitoral, consagrando, além de outros, estes grandes principios: — qualificação permanente, representação das minorias pêlo voto incompleto, incompatibilidades parlamentares e desenvolvimento das incompatibilidades eleitoraes.

O Gabinete Rio-Branco atravessou mais de quatro annos de uma vida laboriosa e agitada, sempre a braços com opposição numerosa e activa no Parlamento. Em 1871 venceu duas campanhas pêlas reformas do elemento servil e judiciaria. Em 1872 o nosso Plenipotenciario no Rio da Prata e Paraguai, barão de Cotegipe, foi autorizado, a vista dos embaraços e systematicas delongas do Govêrno Argentino, a celebrar em separado com o Govêrno de Assumpção, os tratados definitivos de paz, de limites, commercio, e navegação e de extradição. Isso provocou as iras e o despeito do Govêrno Argentino, obrigando-nos a linguagem dêsse Govêrno e da sua imprensa, bem como os seus preparativos militares, a collocar as nossas fôrças de terra e mar em pé respeitavel. A situação melhorou um tanto com as negociações celebradas no Rio de Janeiro entre o Plenipotenciario Brasileiro Marquês de S. Vicente, e o argentino, General Mitre. Em 1875 fôram reatadas as negociações com os enviados Argentino e Paraguayo, Dr. Tejedor e Jaime Soza, sendo Plenipotenciarios Brasileiros o Presidente do Conselho, Visconde do Rio-Branco, e o Ministro dos Negocios Estranjeiros, Visconde de Caravelas.

O Ministro Argentino Tejedor, abusando da ingenuidade e ignorancia do seu collega paraguaio, obteve deste um tratado que o Govêrno de Assumpção repelliu. A questão ficou no mesmo pé em que se achava antes, e só foi resolvida algum tempo depois, estando já então no poder o Gabinete Caxias-Cotegipe. O Govêrno Argentino acceitou afinal o arbitramento que Rio-Branco e Caravelas haviam proposto para a fixação de limites no Chaco, desde a Villa Occidental até a Bahia Negra, e, nomeado arbitro o Presidente dos Estados Unidos, decidiu a pendencia, como era de justiça, a favor do Paraguai.

(Continúa).

RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O BRASIL

1822-1916

(Conferencias realizadas na Universidade de Harvard)

« A amizada historica que existe entre o Brasil e os Estados-Unidos não é, nem foi jámais, mera formalidade. Baseou-se sempre no seguro fundamento da estima, da administração e do respeito mutuos. E nossos sinceros desejos são que a força e os recursos dos nossos grandes paizes, possam sempre ser utilizados não sómente para o seu respeito e proveito reciprocos, mas tambem para os mais nobres fins da humanidade».

Mensagem do Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil ao Congresso Nacional na abertura da primeira sessão da sexta Legislatura, em 3 deMaio de 1906.

« Tenho a grande satisfação em ver que cada vez mais se estreitam as relações de cordial amizade entre o Brasil e os Estados-Unidos da America. Concorrendo para isso, não tenho feito mais do que seguir a politica traçada desde 1822 pelos fundadores da nossa independencia e invariavelmente observada por todos os Governos que o Brasil tem tido.»

William Mac Adoo, Secretario do Thesouro dos Estados-Unidos, de bordo do cruzador *Tennessee*. ao deixar o Rio de Janeiro, ao Exm. Sr. Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, 27 de Março de 1916.

I

PRIMEIRAS RELAÇÕES

(1822)

Precederam a quaesquer outras as relações diplomaticas do Brasil com os Estados-Unidos da America.

E' sabido que, acossado pela invasão napoleonica, teve que retirar-se D. João VI de Portugal com destino ao Brasil (1808).

Sua permanencia no Rio de Janeiro foi a carta de alforria da colonia. Provado nos habitos do governo autonomo, não volveria o Reino á sujeição primitiva.

E a prova é que, tendo permanecido no Brasil como Regente, logo que regressou seu Pae para a Europa, publicou o Principe D. Pedro, futuro Imperador do novo Imperio, um *Manifesto aos Governos e Nações Amigas,* no qual escreveu: «Estarei prompto a receber os seus Ministros e Agentes diplomaticos e a enviar-lhes os meus...» (6 de Agosto de 1822).

A 12 de Agosto do mesmo anno 1822 foi assignado o decreto nomeando Encarregado de Negocios do Brasil nos Estados Unidos da America a Luiz Moutinho Lima Alves e Silva, official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Era Ministro de Estrangeiros José Bonifacio de Andrada e Silva.

Foi a nossa primeira nomeação diplomatica. Dois decretos posteriores, do mesmo dia, designaram o Marechal de Campo, Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois Visconde de Barbacena, e Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, mais tarde Visconde de Itabaiana, ministros do Brasil em Londres e Paris. Anterior a essas nomeações só houve a designação, a 24 de Maio de 1822, de M. A. Corrêa da Camara para consul em Buenos Aires.

Nossa representação na America do Norte creava-se assim antes de qualquer outra, e anticipou-se de quasi um mez á declaração da Independencia.

Esta realizou-se a 7 de Setembro de 1822. A proclamação do Imperio foi a 12 de Outubro seguinte.

Era sabido o cuidado que aos homens do norte inspirava a independencia brasileira. Em 1787, em França, Thomas Jefferson discorrera della com estudantes brasileiros, á frente dos quaes se achava José Joaquim da Maia.

A 15 de Janeiro de 1823 foi nomeado Consul do Imperio nos Estados Unidos da America, Antonio Gonçalves da Cruz.

O Encarregado de Negocios, Luiz Moitinho, não pôde, porém, assumir seu posto, visto achar-se retido em serviços extraordinarios na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Por decreto de 21 de Janeiro de 1824 foi nomeado para substituil-o José Sylvestre Rebello, de experiencia e luzes, e assim conceituado por Porto Alegre em nosso Instituto Historico: « Como enviado aos Estados Unidos, elle desempenhou a sua missão de fazer reconhecer a independencia de uma maneira rapida e satisfactoria; como homem de letras, possuia raros conhecimentos de historia e geographia; como membro do Instituto, era uma columna firme, trabalhador, zeloso e modesto; além destas especialidades tinha muitas idéas de archeologia, mumismatica e esthetica...» (*Elogio dos socios do Instituto pelo orador Porto Alegre em* 1844).

Sylvestre Rebello chegou a 28 de Março de 1824 a Baltimore, e a 3 de Abril seguinte a Washington.

Presidia o paiz James Monroe. Suas declarações de anti-colonização e anti-conquista, feitas em mensagem de 2 de Dezembro de 1823, tinham causado sensação. Era Secretario de Estado John Quincy Adams.

Escreveu logo a Adams pedindo fosse marcado dia para apresentação de suas credenciaes. Começaram as conferencias entre ambos. Deixou o Encarregado de Negocios do Brasil nas mãos do Secretario de Estado uma memoria justificativa, sob este titulo: « *Succint and true exposition of the facts that lead the Prince, now Emperor, and Brazilian People, to declare Brazil a free and independent nation.* (20 de Abril de 1824).

Poucos dias depois, a 26 de Maio, era Sylvestre Rebello apresentado a James Monroe e acreditado no caracter de Encarregado de Negocios do Imperio do Brasil. Frisou a occurrencia o *Daily National Intelligence*, de Washington, n. 3.354, do dia immediato, 25. A 26 escrevia Sylvestre Rebello para o Rio de Janeiro e concluia: « Foi, pois, o Imperio do Brasil reconhecido por este Governo no dia 59.º depois que desembarquei em Baltimore... Dou a V. Exa. meus parabens.»

Eduardo Prado na sua *Illusão Americana*, de que se falará adiante, consignou: « Por occasião da independencia do Brasil não recebemos prova alguma de bôa vontade dos

americanos, e só depois de outros paizes reconhecerem a emancipação do Brasil foi que os Estados Unidos reconheceram a nossa independencia ».

Bem se está a apurar como a informação é menos verdadeira.

O auctor classico da nossa lei internacional deixou dito (Pereira Pinto, *Apontamentos para o direito internacional*, Rio de Janeiro, 1865, II, pag. 386) : « Foi a União Americana a primeira potencia que reconheceu a independencia do Brasil. Emquanto a Grã-Bretanha, impellida de um lado a favor de nossa emancipação pelas suas exigencias commerciaes, pelo systema liberal de Governo e pelas suas tenazes aspirações a abolir o trafego de escravos, oscillava, de outro lado, nesse empenho pelas deferencias que era obrigada a guardar com a sua antiga e sempre fiel alliada, a nação portugueza; emquanto a Austria, ligada por vinculos bem estreitos ao fundador do Imperio, era ainda mais ligada aos compromissos da Santa Alliança que encarava com os olhos vesgos a independencia dos paizes americanos; os Estados Unidos, consequentes com a esclarecida politica que haviam adoptado em referencia a todos os povos que, na America, separando-se da metropole, se tinham constituido regularmente, estende-nos mão fraternal e convida-nos a tomar assento no grande congresso das nações do Globo. Consagremos, pois, neste momento, um voto de gratidão ao povo dessa nação, a mais poderosa nação do Novo Mundo ».

II

JAMES MONROE E SUA MENSAGEM

(1823)

Estabelecidas as relações diplomaticas, estreitaram-se para logo as espirituaes, politicas e economicas.

A lição de um aproveitava ao outro. O que faltava ao norte, tinha o sul em abundancia; e vice-versa.

Fundava-se uma solida amizade internacional, que nada destruiria.

« S. M. o Imperador do Brasil, disse o Ministro de Estrangeiros, Marquez de Aracaty, do Rio de Janeiro para Washington, a 6 de Abril de 1827, em sua alta politica, muito bem calculada, conhece muito bem o que é o que vale essa Nação e quanto interessa a ambos os paizes que seus respectivos Governos estreitem com muita especialidade suas relações e se deem mutuamente as mãos.»

E' sabido como se edictou, e em que condições internacionaes surgiu, a declaração de anti-colonização e anti-conquista: a ella deve este continente a soberania integral, em que vive. « Sem a attitude dessa grande e poderosa nação perante a Europa, escreveu um dia Rio-Branco em documento reservado (18 de Novembro de 1905), os paizes fracos da America hespanhola, dilacerados pelas guerras civis, empobrecidos por exploradores politicos e pretensos salvadores de patrias, estariam expostas aos ataques das potencias européas e até á conquista.» (Archivo do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil).

Cedo comprehendeu-o o Brasil, fazendo justiça ao nobre gesto do presidente americano. Mais do que isso: quando viu periclitar sua independencia apenas estreada, para ali volveu-se, logo, em busca de um accôrdo defensivo.

E' sabido o caso, que um estadista brasileiro, amigo pessoal e admirador de vosso John Bassett Moore, o nosso Rio-Branco, expoz em anonymo e hoje se estampa, depois de sua morte, na *Revista Americana*. (Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo, fasciculos de Maio e Junho de 1912).

Cincoenta e nove dias depois de promulgada a declaração de James Monroe, a 31 de Janeiro de 1824, era o Encarregado de Negocios do Brasil em Washington habilitado com instrucções do Governo Imperial no sentido de « sondar a disposição desse Governo para uma liga offensiva e defensiva com este Imperio, como parte do continente americano, comtanto que semelhante liga não tenha por base concessões algumas de parte a parte, mas que deduza tão sómente do principio geral da conveniencia mutua proveniente da mesma liga ».

O fito de assegurar a independencia approximava, dessa

feita, os dois maiores paizes do novo continente. Abundando em considerações dessa natureza, escreveu o Ministro de Estrangeiros Carvalho e Mello, a 15 de Setembro de 1824, a Sylvestre Rebello:

« Certamente, as nações daquelle hemispherio (Europa) não deixarão de prever ou receiar a união ou alliança que poderemos fazer com o Governo dos Estados-Unidos, *formando assim uma politica totalmente americana*, que lhes dará cuidado pelos acontecimentos que daqui podem decorrer. A' vista disso, S. M. Imperial deseja que V. Mercê promova junto desse Governo, o dar-se um caracter de Ministro Plenipotenciario, com poderes eventuaes, a Mr. Conty Raguet que já aqui se acha, ou mesmo a qualquer outra pessoa, medida esta que contribuirá a firmar o reconhecimento; encarregando, outro sim, S. M. Imperial a V. Mercê proponha uma alliança relativamente a conservar e fomentar a liberdade das potencias americanas; mas V. Mercê ficará na intelligencia de que esta sua proposta será por ora para ouvir as condições em que esses Estados quereriam tomar parte activa em semelhante alliança, dando logo em conta, o mais breve possivel e pelas vias adoptadas, do que a este respeito se lhe disser. Sobre isto refiro-me ás informações que se lhe deram tendo em lembrança a fala do Presidente dos Estados Unidos ali citada (2 de Dezembro de 1823) na qual claramente diz, o mesmo Presidente, que aquelles Estados não extranhariam que por parte das metropoles se fizessem tentativas para recobrarem as suas colonias; mas não permittiriam intervenções de outras potencias, principio este que tambem foi admittido pelo Governo Britannico...»

Podia acaso haver mais remontado espirito de panamericanismo? E' ao Brasil, entretanto, que se vae accusar mais tarde, na America hespanhola, de desertar a causa commum.

Dando execução ás suas instrucções, escreveu Sylvestre Rebello, a 28 de Janeiro de 1825, ao Secretario de Estado John Quincy Adams:

« O Governo do Brasil, convencido de que é effectiva a declaração feita pelo Governo dos Estados-Unidos na Men-

sagem de S. Exa., o Sr. Presidente, na primeira sessão do 18.º Congresso, na qual foi dito que relativamente áquelles paizes da America que haviam declarado a sua independencia e a mantinham e cuja independencia este Governo tinha reconhecido, fundado em profundas razões e principios de justiça, este Governo não veria imparcialmente interposição alguma com o fim de opprimir ou diminuir, de qualquer modo que fosse, o destino dos mesmos por qualquer potencia européa, senão como uma declaração de sentimentos inimigos para com os Estados-Unidos; e supposto que seja de esperar que as sobreditas Potencias européas, esclarecidas pelas verdadeiras idéas que todos os Governos devem ter sobre a justiça e principios em que o Brasil firmou a sua independencia, não se entremetam na questão que elle tem com Portugal, comtudo, como é dos homens errar e aquelles Governos são de homens, e, portanto, como é possivel que alguns dos mesmos Governos queiram auxiliar o exhausto Portugal para recolonizar o Brasil, pelo que tão inconsideradamente anhela; e devendo em tal caso o Governo dos Estados Unidos pôr em pratica os principios de politica annunciados na sobredita Mensagem, dando provas de generosidade e consequencia que o anima, o que não póde fazer sem sacrificio de homens e capitaes; e não sendo conforme á razão, justiça e direito que o Governo do Brasil receba gratuitamente taes sacrificios, está este prompto a entrar com o Governo dos Estados Unidos em uma Convenção que tenha por objecto a conservação da independencia do Brasil, no supposto de que alguma potencia auxilie Portugal nos seus vãos e chimericos projectos de recolonização.»

Como o tempo se encarregou de provar, e o previram na sua condicional os pro-homens de nossa independencia, esta consolidou-se logo sem auxilio de especie nenhuma. Isso não diminuiu em merecimento a offerta do Brasil, recebida com toda bôa vontade nos Estados Unidos. Não podia fazer nenhuma liga a politica norte-americana, pois defendiam seus principios cardeaes de procedimento exterior, consubstanciados no *Fareul Adress* de Washington. Alhear-se de compromissos externos, quaesquer que fossem, tinha sido

a palavra de adeus; mas a sympathia era integral por nossa causa: « O Presidente dos Estados-Unidos, respondeu Henry Clay, já Secretario da Presidencia Adams, a 16 de Abril de 1825, adhere aos principios do seu antecessor exactamente como estão formulados na sua Memsagem, de 2 de Dezembro, do Congresso Americano. Mas no tocante á vossa primeira proposta, como se não percebe presentemente nenhuma probabilidade de que Portugal consiga obter auxilio de outras potencias para recolonizar o Brasil, parece não haver opportunidade alguma para uma convenção fundada nessa improvavel contingencia. Pelo contrario, o Presidente vê com prazer claros indicios de uma prompta paz entre Portugal e o Brasil sobre a base da independencia brasileira, que o Governo dos Estados Unidos foi o primeiro a reconhecer. Declinando, por isso, entrar no ajuste da proposta convenção, tenho, entretanto, a satisfação de dizer que podeis assegurar ao vosso Governo que a determinação do Presidente não procede de quebra alguma no interesse que os Estados-Unidos constantemente mostraram pelo estabelecimento da Independencia do Brasil, mas resulta sómente da ausencia das circumstancias que seriam necessarias para justificar a assignatura de uma semelhante convenção. Se, pela marcha dos acontecimentos, se poder notar que os alliados europeus renovam demonstrações de ataque á independencia dos Estados Americanos, o Presidente dará a essa nova situação de cousas, caso occorra, toda a consideração que sua importancia reclamaria.»

Com razão se disse, portanto, « que foi o Brasil o primeiro paiz a reconhecer a Doutrina de Monroe ». Sua attitude invariavel no consideral-a depois, marcou-o como a unica nação americana que soube vel-a como devia ser vista, — um anteparo efficiente ás ambições da Europa. A identidade de vistas entre os Estados-Unidos e o Brasil parecia tanto mais relevante, quanto ninguem ignora que a mensagem de James Monroe era sobretudo democratica e o Brasil um Imperio ligado pelo sangue real á casa d'Austria. Esta circumstancia o poz suspeito por algum tempo em toda America, conforme já se demonstrou cabalmente (Ver Helio Lobo, *A's Portas da Guerra*, capitulo *Sós na America*, Rio de Ja-

neiro, 1916, pag. 31). Preciso será mostrar em compensação que a America teve tambem de prevenção a mensagem de 2 de Dezembro, e que foi ao Brasil, já republicano, que coube provar seu engano?

O caso, deste particular, é de hontem. Ideiou o Brasil por occasião da reunião da IV Conferencia Internacional Americana em Buenos-Aires, como homenagem á sua grande irmã do Norte, a apresentação de uma moção, que assim se redigiu:

« O largo periodo decorrido desde a declaração da doutrina de Monroe habilita-nos a reconhecer nella um factor permanente da paz externa do continente americano. Por isso, festejando os primeiros esforços para a sua independencia, a America Latina envia á grande irmã do Norte a expressão do seu reconhecimento por aquella nobre e desinteressada iniciativa, de tão grande beneficio para o mundo ».

« Haveria nada mais natural? perguntamos alhures. Qualquer que seja o juizo sobre a mensagem do quinto presidente, não se pode esconder o beneficio que prestou ao futuro do continente americano. A America, desassombrada do espectro europeu, forrou-se á cobiça das companhias e governos estrangeiros. Festejando o centenario de sua independencia seria demais uma palavra de commum reconhecimento? » (*A Assembléa de Buenos-Aires*, no meu livro *De Monroe a Rio Branco*, Rio de Janeiro, 1912, pag. 75).

A proposta devia ser apresentada no recinto, a juizo da chancellaria brasileira, com o apoio das delegações da Republica Argentina e do Chile. Faltando este accôrdo prévio, foi omittida na discussão. Prevenções mal explicadas estavam alertas. Na Europa teve éco o caso, e o *Temps*, de 29 de Agosto de 1910, não deixou de dizer: « Le berger Monroe s'est fait tour à tour loup puis *policeman*... » Entretanto, quem da America timbrou de defender o gesto brasileiro? O Brasil; e no Brasil, o seu jornalismo.

Assim escreveu o *Paiz*, do Rio de Janeiro, a 30 de Agosto de 1910: « O facto incontestavel é que, durante um largo periodo, em que muitos povos da America Latina vi-

veram enfraquecidos e desacreditados por frequentes desordens, barbaras tyranias e destruidoras guerras civis, as declarações de Monroe contiveram e impediram os projectos da Santa Alliança e os posteriores de alguns Governos europeus, inclinados a expansões coloniaes. A unica Republica americana que os conteve e podia conter foi a dos Estados-Unidos da America. Desconhecer isso é ignorar a historia da America. Ter vergonha de o manifestar, é talvez explicavel nos fracos, mas não nos povos latino-americanos, que hoje devem ter consciencia da sua força.»

III

CONTY RAGUET

O procedimento de um agente, menos comedido, pareceu porém burlar logo a atmosphera de mutua amizade e harmonia então reinante.

Não seria singular o caso. Vae-se ver mais tarde como o temperamento de um homem irado pode comprometter serios e radicados interesses.

Chamou-se ao incidente de Caso Raguet. Conty Raguet era o reyresentante americano no Rio de Janeiro, perante cuja côrte fôra dos mais amistosos seu discurso de apresentação de credenciaes (*Diario Fluminense*, Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1825). Excedeu-se, porém, de tal maneira em sua linguagem com o Gabinete Imperial, que foi immediatamente substituido por William Tudor.

A causa de debates estava na questão das presas feitas no Rio da Prata, por occasião da guerra então recente entre o Brasil e as Provincias Unidas daquelle nome. Das tres guerras em que se empenhou o Brasil, essa podia reflectir ainda o sentimento colonial. Mas não a provocou o Imperio, ao contrario procurou solvel-a do melhor modo para a independencia do paiz por cuja causa irrompeu, isto é, a Republica Oriental do Uruguay.

E' sabido que, tendo as mais severas instrucções para poupar, em caso de bloqueio, a propriedade neutral, desmandou-se por tal modo no apresal-a o Almirante Pinto

Guedes, Barão do Rio da Prata, que foi submettido a Conselho de Guerra e o Brasil obrigado a pagar consideraveis sommas a varios paizes então prejudicados. « Tal era o modo illegal com que se portava, em tão desgraçado bloqueio, aquelle Almirante, disse o Ministro de Estrangeiros do Brasil, em 1834, ás Camaras, que se considerava como dono dos navios neutros que capturava, dispondo delles como sua propriedade, sem sentença dos tribunaes competentes ».

Muita indemnização devida e indevida teve então que pagar o Imperio.

Conty Raguet advogou a de alguns barcos americanos, em 1827. Sua linguagem foi inadequada. *Covarde*, no seu entender, era a esquadra brasileira em operações no Prata; e *povo civilizado* não podia dizer-se o da antiga colonia portugueza.

A' representação do Governo Imperial correspondeu immediatamente o de Washington, despachando para o logar de Raguet a um homem de maneiras polidas e distincto. Porque era o proprio Governo Imperial a sentir-se com o procedimento do seu Almirante.

As tradições de guerra maritima, em que se educava, primaram sempre pela liberalidade. Podia orgulhar-se o Brasil de as ter, e formosas. A prova foi que, pouco a pouco, tratou de liquidar esta questão de presas com todos os reclamantes, e da melhor e mais digna maneira. (Ver Helio Lobo, *Um trecho da guerra maritima e a lição do Brasil*, na « Atlantida », Lisboa, 1916, e do mesmo auctor. *As tradições internacionaes do Brasil*, « Jornal do Commercio », Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1916).

A's reclamações americanas negou, entretanto, o Conselho de Estado fundamento razoavel, opinião que manteve a nota Imperial de 2 de Outubro de 1846. O desejo de liquidar essa pendencia era, apesar disso, tão sincero que conveio o Brasil em assignar, alguns annos mais tarde, a Convenção de 27 de Janeiro de 1849, cujo artigo 1.º é aqui de transcrever-se:

« Conhecendo as duas altas partes contractantes a difficuldade de se entenderem sobre assumpto daquellas reclamações, pela convicção em que ambas estão, uma da justiça

outra da injustiça das mesmas reclamações, e convencidas que o unico meio justo e honroso para chegarem a um perfeito accordo os dois paizes em taes questões, será resolvel-as por via de uma transacção; concordaram mutuamente, depois de maduro exame sobre aquellas reclamações, e para o fim de poder levar-se a effeito aquella transacção, em que por parte do Brasil se ponha á disposição do Presidente dos Estados-Unidos a quantia de quinhentos e trinta contos de réis, moeda corrente do Brasil, como quantitativo razoavel e equitativo que comprehenderá a generalidade das reclamações, qualquer que seja a sua natureza e importancia, e, como compensação plena pelas indemnidades reclamadas pelo Governo dos ditos Estados, as quaes serão satisfeitas em globo, sem referencia a nenhuma dessas reclamações, em cujo merito prescindem de entrar as altas partes contractantes, ficando ao Governo dos Estados Unidos avaliar a justiça que assista aos reclamantes, para distribuir por elles a supradita somma de quinhentos e trinta contos de réis, como julgar mais conveniente.» (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 29).

IV

TRATADO DE 12 DE DEZEMBRO

(1828)

Ao demonstrar ao representante do Brasil, em 1825, que não havia mais razão para temer nenhuma reacção por parte da Europa, com o fito de recobrar Portugal sua colonia na America, falou Henry Clay a Sylvestre Rebello « da conveniencia de se unirem os dois paizes permanentemente pelos laços da amizade, da paz e do commercio ».

Dessa iniciativa, e das negociações que se seguiram, surgiu o Tratado de Amizade, Navegação e Commercio de 12 de Dezembro de 1828, de que foram plenipotenciarios para o Brasil o Conselheiro Marquez de Aracaty, Ministro dos Negocios Estrangeiros, e Miguel de Souza Mello e Alvim, Ministro da Marinha; e para os Estados-Unidos, seu representante no Rio de Janeiro, William Tudor.

Tratados mais ou menos identicos tinha o Imperio assignado com a Grã-Bretanha e a França. Não se podia negar á grande Republica do Norte, o que se concedera para além do Atlantico.

Não é aqui logar para dizer-se dessas Convenções nem dos effeitos que tivèram para o Brasil. Adoptando, por um lado, principios dos mais liberaes, continham, por outro, certas regras que foram origem de graves dissidencias com a França e a Inglaterra. Uma dellas pretendeu conferir aos consules estrangeiros faculdades em desaccordo com a soberania territorial; e a questão d'ahi decorrente prolongou-se annos a fio, assumindo por vezes bem antipathico aspecto. Outra, concedendo favores de entrada a certos productos estrangeiros, foi accusada de opprimir a producção nacional nascente, assáz primitiva e carecedora de animação. Ficou o Brasil escarmentado para accôrdos de tal natureza, e esse receio inspirou depois uma politica de invariavel abstenção.

No seu relatorio ás Camaras em 1847, disse o Ministro dos Negocios Estrangeiros, Barão de Cayrú: «Os maus effeitos dos tratados que o Brasil, alguns annos depois da sua independencia politica, celebrou com varias potencias pelos embates que de continuo neles encontravam os verdadeiros interesses do paiz, as questões e mesmo complicações que sobrevieram nas relações com varios Governos, o futuro embaraçoso que nos legaram certos compromissos que ainda hoje subsistem, estes e outros motivos trouxeram a crença de que os tratados não são os melhores meios de estreitar os vinculos que ligam as nações entre si; que o Imperio, tendo por via delles atravessado uma época de continuo constrangimento para seu desenvolvimento social, deve ser hoje cauteloso, nada conceder em absoluto que não seja a applicação de principios, que tenham merecido o assenso de todos os povos cultos, abandonar tudo mais ás phases que forem apresentando os acontecimentos, e ás conveniencias sociaes, e assim regular sua marcha politica e commercial com as outras nações.»

Dos tres tratados, assignados depois da Independencia, foi o americano o mais conciliador. Não continha a taxa expressa dos quinze por cento que beneficiou, por exemplo,

entre constantes reclamações do Brasil, aos productos francezes e inglezes. Não instituiu o juizo da conservatoria, que tão grandes queixas provocou á soberania territorial brasileira.

O tratado de 12 de Dezembro de 1828 devia vigorar e de facto vigorou por doze annos, « em todas as partes, segundo preceituou, relativas ao commercio e navegação, ficando porém nas outras partes que se referiam á paz e amizade ligando permanentemente e perpetuamente a ambas as potencias.» Aqui vae, mais ou menos, seu contexto.

Preceituado ficou, no artigo primeiro, « paz perfeita, firme e inviolavel, e sincera amizade » entre o Brasil e os Estados Unidos da America; no segundo, que nenhum favor seria concedido a nação alguma em materia de commercio e navegação, que se não tornasse immediatamente extensivo a outra parte contractante; no terceiro, que o commercio e a navegação dos dois paizes fossem postos no pé da mais perfeita reciprocidade e egualdade de tratamento, exceptuando o commercio de cabotagem, que seria reservado aos respectivos subditos e cidadãos; no quarto e quinto, que essa egualdade fosse observada tanto a respeito de direitos de navegação como de alfandega, tanto no commercio de exportação como no de importação, directo ou indirecto; no sexto, que em virtude dos mesmos principios houvesse toda a liberdade para os subditos e cidadãos dos dois paizes de dirigir seus proprios nacionaes; no setimo, que não ficassem sujeitos a nenhum embargo e não fossem detidos sob nenhum pretexto, navios e mercadorias dos subditos e cidadãos dos dois paizes; no oitavo, que se fossem obrigados a buscar refugio ou asylo em um dos paizes, fossem recebidos com humanidade e com todo favor e protecção; no nono e seguintes, preceituou o tratado sobre uma protecção efficaz aos subditos e cidadãos dos dois paizes; isenção para elles do serviço militar e de qualquer contribuição ordinaria que não fosse geral; restituição de navios, mercadorias e effeitos tomados por piratas na jurisdicção de cada um; processo a respeito de navios e objectos naufragados; liberdade de disposição de bens e heranças, conforme as respectivas leis; direitos, prerogativas e immuni-

dades dos agentes diplomaticos e consulares; e, emfim, regras e preceitos a observar em caso de guerra entre os dois paizes contractantes ou com terceira potencia no que respeitasse á propriedade neutral.

Vae-se ver que a reciprocidade commercial, prevista no tratado, não podia existir em egualdade de condições. E por isso, assim que pôde, della desvencilhou-se o Imperio.

Nos seus preceitos geraes foi tratado cheio de garantias para o desenvolvimento commercial entre os Estados Unidos da America e o Brasil. Numa parte, sobretudo, conteve principios dos mais liberaes e formosos, — os que se referiam á protecção da propriedade neutral em caso de guerra.

V

A PROPRIEDADE NEUTRAL E A GARANTIA DO DIREITO

(1828)

Foi um Ministro do Brasil, o Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, quem, em discussão memoravel, escreveu: « Bastantes são os incommodos que a guerra maritima traz inevitavelmente ao commercio dos neutros, e a idéa mais humanitaria e mais liberal foi sempre aquella que limitou quanto possivel os estorvos postos a esse commercio. E' gloriosa para os Estados Unidos da America a parte que nestas discussões tomaram e os esforços constantes que empregaram para fazer prevalecer o bom direito ».

Disse certo o Ministro de Estrangeiros do Imperio. Para não ir mais longe, ha mais consolador documento que as instrucções com que o Governo de Washington habilitou seus plenipotenciarios ao Congresso de Panamá, convocado para 1826? Foram do punho de Henry Clay, e isso diz tudo (Ver *British and Foreign State Papers*, 1825-1826, pag. 496). « Monumento que por si só serve de dignificar uma chancellaria », chamei-as eu num estudo sobre aquella assembléa

fracassada (Ver *A Assembléa do Isthmo*, no livro citado *De Monroe a Rio Branco*, pag. 58).

A abolição do direito da captura, sobretudo, mereceu, da grande Republica, desde cedo, prolongado desvelo. E' um brasileiro ainda, o Embaixador do Brasil na Segunda Conferencia Internacional da Paz, reunida na Haya em 1907, quem o lembrou. « A' ce point de vue, orou o Conselheiro Ruy Barbosa, a 28 de Junho daquelle anno, par rapport à la condamnation du droit de capture, soit qu'il s'exerce par la course, soit qu'il advienne un privilège des marines de guerre, rien de plus remarquable que l'exemple des Etats Unis, dont le langage dans la proposition soumise aux Conférences de la Paix en 1899 et 1907, ne fait que reproduire une thèse contemporaine du berceau de la grande république où elle a été defendue en 1783 dans ses négociations avec la Grande Bretagne, en 1785 dans le traité avec la Prusse, en 1823 dans le projet de Convention avec la Russie, en 1854 dans la réponse de Buchanan a Lord Clarendon, à propos de la guerre de Crimée, et de 1856 à 1858 dans son refus d'accéder aux declarations du Congrès de Paris.»

O Brasil, tambem, não se deixou ficar atraz nessa lucta pela garantia aos direitos neutraes. Nas estipulações que assignou desde o inicio de sua vida independente poz bem expresso seu interesse. Não houve appello em bem dos neutros que nelle não tivesse éco. Um acto seu, dentre tantos outros, ficou memoravel, dadas as circumstancias em que se deu, porque se achava em guerra provocada, e no continente ia viva a campanha contra as suas instituições: o protesto contra o bombardeamento de Valparaiso pela esquadra espanhola no Pacifico. « O Brasil e a maior parte dos Estados sul americanos, escreveu naquelle documento famoso o Ministro de Estrangeiros, José Antonio Saraiva, novos ainda, não dispõem de todos os recursos precisos para se fazerem respeitar; e, disseminados ao longo das costas extensas e indefezas, estão sujeitos aos abusos da força e necessitam por isso que sejam mantidas as maximas da civilização moderna, que constituem sua principal e mais efficaz protecção.»

Já lembrada foi por mim, num estudo sobre as tradições internacionaes do Brasil, nossa pratica nestes assumptos. Falando dos Estados Unidos da America, não seria demais narrar o que occorreu por occasião da adhesão, que se nos pedio, ás declarações do Congresso de Paris.

VI

A GUERRA MARITIMA

(1828)

Não o podia fazer melhor do que transcrevendo o que, a proposito, disse perante a Quarta Commissão da Segunda Conferencia Internacional da Paz, ainda a 28 de Junho de 1907, o Delegado do Brasil (*Deuxième Conférence de la Paix, Actes et discours de Ruy Barbosa*, La Haye, 1907, pag. 3). Discorrendo então do Congresso de Paris e de suas quatro resoluções, orou o Sr. Ruy Barbosa:

« Dès cette époque là, c'est à dire, depuis le premier moment, où la question nous a été posée, le Gouvernement Brésilien a adhéré au principe de l'inviolabilité da la propriété privée sur mer. Comme vous savez, les États-Unis ont refusé de souscrire à l'abolition de la course, en la considérant inconséquente, inique et, comme telle, inadmissible, si l'on ne l'ass ciat à la règle absolue de l'inviolabilité de la propriété prvée dans la guerre maritime. Jamais, depuis le dix-huitième siècle, la République Nord-Américaine n'avait cessé de soutenir l'inséparabilité entre les deux aspirations libérales de la suppression de la course et de l'extinction du droit de capture. En s'opposant par ce motif à l'article 1 de la Déclaration de Paris, qui abolissait simplement la course, le Cabinet de Washington adressa, le 5 novembre 1856, une note à celui de Rio de Janeiro, dans laquelle il l'invitat à l'accompagner sur les deux points. Son langage était le même de du président Pierce, le 4 décembre 1854, dans son message au Congrès:

« Si les principales puissances de l'Europe,
« disait ce président, s'accordent à proposer, comme

«« principe de droit international, d'exempter la « propriété particulière sur l'océan, de toute saisie, « par les croiseurs armés par un État, de même « que par les corsaires, nous sommes prêts à nous « rencontrer avec elles sur ce large terrain.»

« Pareillement dans la note sous-mentionnée, deux ans après, le ministre américain dans la capitale brésilienne disait au gouvernement impérial:

« Le soussigné a reçu du président l'ordre de « proposer au gouvernement du Brésil d'entrer dans « une entente pour acquiescer aux quatre principes « de la déclaration du Congrès, moyennant la mo- « dification du premier de ces principes specifiée « dans la note de M. Marcy, du 28 Juillet 1858, au « Comte de Sartiges. Sans cette modification le « président sera tenu, par plusieurs raisons im- « portantes, dont quelques-unes s'y trouvent ex- « posées, de ne pas accéder au premier principe de « la déclaration.»

« Dans la note à laquelle se rapporte celle-ci, M. Marcy, Ministre d'État à Washington, s'adressait à M. de Sartiges, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de la France eux États-Unis, en renouvelant la même protestation, la même revendication et la même proposition, qui, depuis Benjamin Franklin et Thomas Jefferson, signalait, avec tant de cohérence et de fermeté, dans cette question, la politique nord-américaine.

« Le soussigné — disait le Ministre des États- « Unis au représentant du gouvernement de Napo- « léon III — a reçu du président l'ordre de dé- « clarer qu'il est prêt à donner son assentiment au « principe de protection de la propriété particulière « sur l'océan, de même que sur terre, du moment « qu'on l'applique sans la moindre restriction.»

« Cette note était longuement raisonnée, et, en montrant les facheuses conséquences, pour l'intérêt général des nations, de la pratique maintenue par les termes incomplets de la Déclaration de Paris, concluait :

> « Le président propose, donc, qu'à la première « clause de la Déclaration du Congrès de Paris on « ajoute ces mots : Et la propriété privée des sujets « ou citoyens d'une des puissances belligérantes sur « la haute mer ne pourra pas être saisie par les « vaisseaux de guerre nationaux de l'autre, excepté « dans le cas de contrebande de guerre. »

« Quelques mois après, c'est à dire, le 2 decembre 1856, le président Pierce, dans son message annuel au Congrès, en reproduisant ce qu'il avait dit en 1854, insistait avec la même précision dans cette ligne de conduite :

> « J'ai exprimé — disait-il — de la part de ce « Gouvernement la disposition d'accéder à tous les « principes contenus dans la Déclaration de Paris, « pourvu que l'on altére celui concernant J'abandon « de la course, dans un sens qui réalise l'objet qu'il « a du avoir en vue, c'est-à-dire, l'immunité de la « propriété privée sur l'océan à la capture hostile. « Pour aboutir à ce résultat, nous proposons « d'ajouter à la Déclaration que — la course est et « reste abolie — une addition, qui exempte de la « capture par les vaisseaux de guerre d'un État « belligérant la propriété de sujets et citoyens de « l'autre sur l'océan. Cet amendement — ajoutait-il « — a été présenté, non seulement aux puissances « qui ont demandé notre acquiescement à la décla- « tion qui éteint la course, mais encore à tous les « autres États maritimes. Aucun d'eux, juqu'ici ne « l'a repoussé, et tous ceux qui nous ont répondu, « l'ont accuelli favorablement. »

« En effet, la France, la Prusse, la Russie, les Pays-Bas, la Sardaigne se montrèrent disposées à accepter la propo-

sition américaine d'abolir tout ensemble la course et la capture des batiments de commerce ennemis et leurs cargaisons. La Grande Bretagne elle-même reconnut dans l'amendement proposé par le gouvernement américain le un principe equitable, et déclara qu'elle ne voyait ancune objection à en faire l'objet d'une déliberation commune l'examen des details de la question, à faire quelques réserves, qui pourraient être soumises, en temps et lieu, à l'apréciation des puissances appellées à discuter la matière.

« En répondant à la proposition américaine, le Gouvernement du Brésil ne s'est pas mis d'accord avec elle pour ce qui était de nier son assentiment à l'art. 1 de la Déclaration de Paris. Loin de ça, il l'applaudit. Mais, en même temps, il s'associa avec effusion à l'initiative des États-Unis pour que l'on établit l'immunité complète de la propriété particulière ennemie dans la guerre navale.

« Voici les termes de notre Déclaration, consigné dans la note que la Chancellerie Brésilienne adressa, le 18 mars 1857, à la Legation de la France.

> « L'humanité et la justice doivent certainement « au Congrès de Paris une grande amélioration à la « loi commune des États; mais, au nom des mêmes « principes, il nous faut encore demander aux « puissances signataires du traité de 30 mars 1856, comme conséquence de leur oeuvre de paix et de « civilisation, la conséquence bienfaissante, que se « renferme dans les maximes y proclamées. Cette « conséquence est que toute propriété particulière « inoffensive, y compris les batiments de commerce, « doit rester sous la protection du droit maritime « contre quelconque atteinte des croiseurs de guerre. « Le Gouvernement Impérial adhère ici à l'invi- « tation des États-Unis d'Amérique et, dans l'espoir « de voir s'accomplir l'ampliation proposé par « cette puissance au premier des principes adoptés « au Congrès de Paris, se declare prêt à l'em- « brasser tout de suite comme l'expression entière « de la nouvelle jurisprudence internationale. »

« En se prononçant ainsi, le département des affaires étrangères du Brésil s'empressa de renseigner la Légation Américaine à Rio, par moyen de la note expediée le 18 mars 1857, où le gouvernement de l'Empereur lui disait:

> « M. Trousdale constatera dans le document ci-« joint, auquel le soussigné se rapporte, que le « Gouvernement Impérial a cru devoir donner son ap-« probation aux maximes proclamées par le Congrès « de Paris, d'autant plus qu'elles étaient déjà, en « grande partie, consacrées dans le droit conven-« tionnel de l'Empire. Mais ce qui est extrêmement « agréable au soussigné d'ajouter, M. Trousdale « pourra voir de ce document même oú le gouver-« nement de S. M. l'Empereur, déférant à ces prin-« cipes, se déclara, en même temps, disposé à sous-« crire à l'ampliation proposée par les États-Unis « d'Amérique, comme le complément necessaire et « salutaire de la nouvelle politique internationale. »

« Ces notes mémorables étaient signées l'une et l'autre par le Ministre Silva Paranhos, plus tard Vicomte du Rio Branco, dont le nom, célèbre surtout comme celui d'un des protagonistes de l'émancipation des esclaves au Brésil, a rencontré dans son fils, le Ministre actuel des Affaires Étrangères chez nous, un continuateur de l'esprit et des services de son père; heureuse coincidence, qui imprime une expréssion, pour ainsi dire, d'identité personnelle, à la continuité nationale de notre tradition.

« En vous donnant ce témoignage, Messieurs, je suis heureux de vous signifier, dans ce moment, que ni les sentiments de mon pays, ni ceux de son Gouvernement, qui est tenu de les interpréter, et dont j'observe les instructions n'ont varié, à ce sujet, dans les derniers cinquante ans.

« Nous ne faisons, donc, que préserver un ancien héritage, en adoptant de bon gré la proposition déposée au Bureau de la Conférence au nom de la Délegation des États-Unis, et en répondant, au nom de la Délegation Brésilienne, qu'à notre avis il convient d'abolir la pratique, jusqu'ici en vigueur, de

la capture et confiscation de la propriété ennemie sous pavillon ennemi dans la guerre maritime.»

O Tratado de 12 de Dezembro de 1828 é sob este aspecto da garantia dos neutros, um padrão de gloria para os Estados-Unidos da America e o Brasil. Nem por findar seus effeitos doze annos depois de negociado, ficaram valendo menos seus principios e suas prescripções. Bastará dizer que determinou, entre outras cousas, que as pessoas encontradas a bordo de um navio livre e inimigas de uma das partes contractantes nunca poderiam ser delle retiradas «salvo se fossem officiaes ou soldados em serviço actual dos inimigos»; que a bandeira cobriria a carga; que o contrabando de guerra seria limitado ao que se enumerava no artigo XVI; que o apresamento só poderia justificar-se em caso de bloqueio, quando fosse o navio notificado, e, apezar disso, tentasse passar a linha de assedio maritimo; que, no caso de visita de um navio neutro por um de guerra, o primeiro se conservaria á distancia durante a realização della, «não sendo a parte neutra em nenhum caso obrigada a ir a bordo do navio examinador, para o fim de apresentar os papeis, ou para outro qualquer»; que na hipothese de comboio bastaria ao visitante «a declarção verbal do commandante dando sua palavra de honra que os navios que elle protege pertençam á nação cujo pavilhão tivesse içado, e, si se destinassem a um porto inimigo, que elles não tivessem genero de contrabando a bordo»; que as dividas dos individuos de uma nação a individuos da outra, as acções ou dinheiros que pudessem ter nos fundos publicos ou em bancos publicos ou particulares jámais seriam sequestrados ou confiscados no caso de guerra occurrente, e, finalmente, no caso de infracção de alguma das clausulas do tratado, que nenhuma das partes contractantes ordenaria ou autorizaria «acto algum de represalia, nem declararia guerra á outra por queixas de prejuizos ou damnos, antes que a dita parte contractante, que se considerasse offendida, tivesse primeiro enviado á outra um relatorio daquelles prejuizos ou damnos, verificados com provas competentes, reclamando justiça e satisfação e

tivesse a mesma sido negada ou desarrazoadamente demorada ».

Nesta disposição sadia, que a harmonia e amizade entre os Estados Unidos da America e o Brasil jámais tiveram occasião de executar, está-se a ver a semente de que nasceu, longos annos depois, ha dois annos apenas, o tratado que sob o nome de *Tratado Bryan* unio, a 24 de Julho de 1914, os dois paizes. E' de hontem a assignatura dessa convenção, egual á que a Republica Americana concluio com outros povos da terra. Não é preciso, pois, dizer nem de seus intuitos, nem de seu nobre significado. Baste salientar que pela letra della, assentaram o Brasil e os Estados-Unidos em « submetter á investigação de uma Commissão Permanente, que sobre ellas dará parecer, todas as difficuldades de caracter internacional, que surjam entre elles e não possam ser directamente resolvidas por via diplomatica, nem caibam nos termos da convenção de arbitramento vigente entre ambos; e accordam em não declarar guerra um ao outro, nem começar hostilidades ,emquanto não fôr apresentado o resultado dessa investigação ». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1857, pag. 2.— Relatorio das Relações Exteriores, 1915, 1, pag. 141.— Pereira Pinto, Apontamentos citados, II, pag. 339).

Que diria a Europa conflagrada ante essa sadia e madrugadora messe de bons principios?

VII

UMA DIVERGENCIA DE INTERPRETAÇÃO

(1845)

Sobre o tratado mesmo, levantou-se depois, entre o Governo de Washington e o Rio de Janeiro pequena divergencia na interpretação quanto aos seus cessados effeitos.

Valido por doze annos, estatuio que suas disposições, no que se referiam á paz e amizade, considerar-se-iam perpetuas. Uma amizade sem reservas podia ter seguranças desta natureza. Quasi um seculo depois, vê-se que não errou.

Pretendeu, porém, o Ministro Wise, então acreditado no Rio de Janeiro, que a clausula de perpetuidade devia interpretar-se de modo amplo, abrangendo tambem a attribuição, reconhecida por extensão aos consules americanos, de procederem á arrecadação e administração das heranças jacentes de cidadãos americanos fallecidos no Imperio sem testamento. « O negocio de maior importancia na epoca actual, escreveu S. Ex. em nota de 10 de Julho de 1846, que existe entre os Estados-Unidos e o Brasil, é a perpetuidade do Tratado de 12 de Dezembro de 1828, em certos pontos, assim determinados na primeira parte do disposto no art. 3°. Concordou-se por este artigo em que, um anno depois da notificação da cessação do tratado ter sido feita por uma das partes contractantes á outra, o tratado, em todas as suas partes relativas ao commercio e navegação, cessaria de todo e terminaria; e, em todas aquelas partes que se referissem á paz e amizade, seria permanente e perpetuamente obrigatorio para ambas as potencias. Em conformidade com esta positiva clausula, todas as partes do tratado referiam-se necessariamente a esses qautro objectos respectivos, commercio, navegação, paz e amizade. Os pontos que não diziam respeito ao commercio e navegação naturalmente referiam se, segundo o espirito do tratado, á paz e amizade. Todos os pontos portanto que não eram relativos ao commercio e á navegação, eram permanentemente e perpetuamente obrigatorios para ambas as potencias ».

Respondeu para logo Cayrú, em notas de 21 e 24 de Agosto do mesmo anno de 1846, pondo em claro o engano dessa interpretação. « Se bem, no paragrapho 1.° do artigo 33, escreveu elle, se considerem permanentes e perpetuas todas as partes do referido tratado, relativas á paz e amizade, era evidente que uma tal estipulação devia ser entendida segundo o tem sido eguaes clausulas nos tratados entre os mesmos Estados e varias outras potencias, como termos genericos e indicativos de que entre as duas nações se observariam todos aquelles principios universaes e regras geralmente estabelecidas como protectoras dos direitos individuaes e internacionaes que tendem a firmar a paz e ami-

zade entre os povos, e não abrangem quaesquer disposições regulamentares taes como as que regulamentam a maneira de se fazer a arrecadação e administração das heranças jacentes, e bens vagos existentes no imperio, sobre que houve declaração expressa das duas partes contractantes». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pagina 110).

Tinha acceito tacitamente o Governo Americano a interpretação brasileira, quando um facto occorreu que determinou a retirada de Henry Wise do seu posto.

VIII

DESATTENÇÃO NÃO APPROVADA

(1847)

Em fins de 1846, uma patrulha de policia do Rio de Janeiro prendeu junto do caes de desembarque a tres marinheiros da marinha de guerra dos Estados-Unidos, um dos quaes foi sorprehendido no acto flagrante de puxar uma faca para outro.

Apresentou-se então o tenente Alonso Davis, da corveta *Saratoga*, norte-americana, exigindo que a patrulha entregasse os presos e, «não sendo attendido, foi buscar sua espada, que tinha deixado em um armazem proximo, e com ella desembainhada correu atraz da patrulha, que se dirigia ao Palacio Imperial, pretendendo até nelle entrar nessa attitude offensiva das leis do paiz; foi então preso pelo commandante e remettido, acompanhado por um official brasileiro, para o estado maior do corpo de permanentes emquanto os marinheiros eram conduzidos ao Aljube». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pag. 8).

Entretanto, tinha apparecido o consul dos Estados Unidos exigindo a soltura e protestando contra a prisão como uma offensa (indignity) ao seu paiz; o que fez tambem dous dias depois, o ministro dos Estados Unidos no Rio

de Janeiro, Henry Wise, que, além da soltura, exigia ainda o castigo da patrulha e do commandante da guarda.

O Governo Imperial, attendendo a discordancias e contradicções no relatorio da autoridade e na reclamação da legação, mandou proceder a um summario para se conhecer da verdade. Entretanto, como o *Saratoga* devia seguir no dia immediato para os Estados Unidos, ordenou a entrega do official Davis « dando assim, como disse, uma demonstração da sua deferencia para com o Governo da União, a cujo conhecimento seria levado o summario, para se applicar o castigo correspondente ».

O acto de deferencia Imperial não foi, porém, devidamente apreciado. Henry Wise respondeu que não admittia a soltura de Davis sob condição alguma e, instando pela entrega immediata delle e dos marinheiros, reclamou de novo o castigo dos responsaveis. O ministro americano poz mesmo em duvida o direito de soberania do Brasil em suas praias, desconheceu a força publica por não trajar brilhantes uniformes nem ter rosto claro, qualificou de traição e cobardia a captura do tenente Davis, e vio nella um insulto á bandeira e commando do comodoro Rousseau. Ao receber o Governo Imperial esta nota, já tinha sido entregue a bordo o tenente Davis.

Ordenou, em consequencia o Gabinete do Rio de Janeiro, ao seu representante em Washington, que entabolasse ali a competente reclamação, para o que lhe remetteu toda a correspondencia e documentos necessarios. A discusão tinha sido suspensa no Rio de Janeiro por acto de Henry Wise, que, entre asserções menos verdadeiras e ameaças ambiguas, declarou esperar ordens de seu Governo.

Depois da discussão aberta convidou o Governo Imperial ao representante americano para o acto de baptismo de S. A. a Princesa Isabel; mas o ministro não só não compareceu, como ordenou ou consentiu que o commandante da estação naval dos Estados Unidos se conservasse no porto sem acompanhar os outros navios fundeados, nos respeitos devidos por tão alto acontecimento. O successo repetiu-se a 2 de dezembro seguinte, anniversario do Imperador.

Escreveu o Ministro de Estrangeiros de então, Barão de Cayrú: « Depois de tão estranho como inqualificavel procedimento, faltaria o Governo Imperial á sua dignidade e aos seus deveres para com a nação, se continuasse a entreter relações com o ministro que desconheceu o acatamento devido ao governo junto de quem foi acreditado para promover a paz, bôa intelligencia e todos os interesses que ligam as nações ». Suspendeu em consequencia as relações com Henry Wise, ordenando ao seu representante em Washington que exigisse sua retirada do Rio de Janeiro.

Naquella capital havia, porém, o ministro do Brasil aceito, contra a letra das suas instrucções, uma explicação isolada dos acontecimentos, da qual, segundo se lê no documento official do tempo, « poderia deduzir-se que se propoz dar uma satisfação em vez de solicital-a como lhe foi ordenado ». Teve, por isso, ordem de recolher-se ao Rio de Janeiro, depois de notificado o Governo Americano de que o Brasil havia desapprovado o procedimento de seu agente e insistia nas satisfações a que se julgava com incontestavel direito. Sem duvida não tinha havido nas prisões realizadas « a menor intenção de offender ou insultar os Estados-Unidos, ou sua bandeira; não houve mesmo esse insulto ou offensa, e nessa parte não podia eer censurada a declaração daquelle ministro; o que sustentava o Governo Imperial era que nas ditas prisões não houvera senão o exercicio de um direito perfeito, e que por isso a declaração do ministro, de que o Governo do Brasil adoptaria os meios proprios para prevenir semelhantes occurrencias no futuro, não podia ter o assentimento Imperial, pois seria o mesmo que admittir que a patrulha de policia fora a provocadora quando prendera os marinheiros americanos em semelhante delicto, e que nenhum direito tinha ella de prevenir desordens nas ruas da cidade, direito inconquistavel e emanado da soberania do Imperio ». (Relatorio da Repratição dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 9).

Emquanto pendia o caso de solução, chegou ao Rio de Janeiro o novo ministro americano, designado em substituição

de Henry Wise, David Tod. Foi recebido na fórma do estylo. Seu procedimento cavalheiro, suas maneiras conciliadoras fizeram logo esquecer os actos do antecessor. E as relações com a Legação dos Estados Unidos retomaram o pé de harmonia e cordialidade então quebrado.

A questão pouco depois findou com satisfação para ambos os lados. Em Abril de 1849 o Secretario dos Estados-Unidos declarou á Legação do Brasil em Washington « que tendo o seu antecessor, Mr. Buchanan, reconhecido amplamente o direito das autoridades brasileiras para processar e punir os crimes e infracções de seus regulamentos de policia, commettidos no seu territorio por marinheiros, cidadãos ou subditos de qualquer nação, as questões consideradas pendentes sómente diziam respeito á apreciação dos factos occorridos em 31 de Outubro de 1846; e que, não havendo a menor utilidade, no estado das relações amigaveis que subsistiam entre os dois paizes, e promoviam as boas disposições de seus ministros, em recomeçar essa questão, com prazer lhe manifestava que o Presidente dos Estados-Unidos lastimava áquella occurrencia, que havia infelizmente interrompido, temporariamente, a bôa intelligencia entre os dois Governos, muito principalmente pelo grande desejo de cultivar com o Brasil relações intimas e pacificas, e pelos sentimentos de consideração e amizade que nutria para com o Soberano Constitucional e o Povo Brasileiro ». Tambem foi disso informada a Legação Americana no Rio de Janeiro.

A tal gesto não podia corresponder o Brasil senão da mais amistosa maneira. « A tão benevolas e amigaveis expressões, disse o Ministro de Estrangeiros, Paulino José Soares de Souza, ao Parlamento, respondeu a Legação Imperial que, estando assim reconhecido o direito e esquecidos os factos, pelos sentimentos manifestados pelo Governo dos Estados-Unidos e seu representante no Brasil, não duvidava que o Governo Imperial visse na declaração que lhe era feita um meio honroso de entregar a um completo olvido as desagradaveis occurrencias... O Governo Imperial, approvando o procedimento da Legação em Washington, deu assim por terminado este negocio ».

No seu Relatorio ao Parlamento, em 1846, escrevera o Barão de Cayrú, Ministro de Estrangeiros do Imperio:

> « As nossas relações com os Estados-Unidos da « America tornam-se cada dia mais importantes, « sobretudo pelo desenvolvimento que se nota nos « interesses commerciaes dos dois paizes. As de- « monstrações de verdadeira consideração do Ga- « binete de Washington pelo Governo Imperial, « nomeando successivamente tres enviados extraor- « dinarios para residirem nesta Côrte, foram ulti- « mamente correspondidas, elevando S. M. Imperial « á mesma cathegoria o seu representante junto do « Presidente da União ».

(Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1850, pag. 17. — Pereira Pinto. Apontamentos cits. II, pag. 391. — Clovis Bevilaqua, Direito Publico Internacional, — *A synthese dos principios e a contribuição do Brasil* — Rio de Janeiro, 1910, I, pags. 118 e 257. — Moore *A Digest of International Law* Washington, 1906, IV pag. 495. — Consulta do Conselho de Estado de 9 de Maio de 1847).

IX

PROPOSIÇÃO DE NOVO ACCÔRDO DE PAZ, AMIZADE SOBRETUDO DE COMMERCIO

(1851)

Desembaraçado da letra dos primeiros tratados, cuidou o Brasil de seguir uma politica de reciprocidade com todas as nações, sem se prender por nenhum texto convencional.

Queria ter mãos livres. Paiz novo, precisava tel-as, para sua melhor orientação no commercio mundial.

Dous decretos do anno de 1844 tinham adoptado essa politica.

O primeiro, de 20 de Julho, determinou que « as embarcações das nações que cobrassem, sobre navios brasileiros, ancoragem ou quaesquer outros direitos de porto maiores do

que pagavam seus proprios navios, ficariam sujeitas, nos nossos portos, a mais um terço da ancoragem estabelecida ». O segundo, de 12 de Agosto, preceituou que « um direito differencial fosse tambem arrecadado nas alfandegas do Imperio sobre as mercadorias importadas em navios daquellas nações que cobrassem, sobre queasquer generos importados em seus portos, em navios brasileiros, maiores direitos do que se fossem importados em seus proprios navios ».

Explicou o Ministro de Estrangeiros do Imperio, Antonio Paulino Limpo de Abreu:

> « Estes dous decretos tinham por fim pro-
> « teger a marinha mercante do Imperio, obrigando
> « por um systema de represalias a cessarem contra
> « ella, nos portos das nações estrangeiras, os di-
> « reitos differenciaes que lhe tiravam a faculdade
> « de poder concorrer, no mesmo pé de egualdade,
> « com os navios daquellas nações. A reciprocidade
> « que ahi se exige não consiste em que cada nação
> « cobre sobre os nossos navios o mesmo que co-
> « bramos sobre os della; mas, sim, que cobre sobre
> « os nosso navios o mesmo que sobre os seus, por
> « isso que nós cobramos sobre os seus o mesmo que
> « sobre os nossos. »

Já era, então grande a nossa exportação para os Estados-Unidos da America. Do nosso café figurava como o principal consumidor. Receiou-se então, que, na falta de previo accordo, fossem os carregamentos brasileiros obrigados a pagar um direito differencial de 20 %, instituido por lei do Congresso dos Estados Unidos, de 24 de Maio de 1828, quando não houvesse reciprocidade. Dahi nossa Legação em Washington, ser habilitada a negociar uma troca de reversaes « que assegurassem, para os dois paizes, os princpiios liberaes comprehendidos nos dois decretos de 1844 ».

Correspondeu, inteiramente, aos desejos brasileiros, o Governo Americano, o qual declarou e ordenou na Proclamação Polk, de 2 de Novembro de 1847, « que todas as leis impondo direitos differenciaes de tonelagem e imposto,

dentro dos Estados-Unidos, ficassem e continuassem suspensas e sem vigor relativamente aos navios do Brasil e aos productos, manufacturas e mercadorias importados pelos mesmos Estados-Unidos, quer de procedencia do Brasil, quer de qualquer outro paiz estrangeiro; e a dita suspensão teria effeito desde o dia acima mencionado e continuaria por todo o tempo que da parte do Governo do Brasil continuasse a reciproca isenção dos navios dos Estados-Unidos, e dos productos, manufacturas e mercadorias importadas, no Brasil, pelos mesmos como ficava dito ». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 11).

Nesse regimen viviam os dois paizes quando em 1849, sendo ministro, no Rio de Janeiro, David Tod, propoz o Governo de Washington a assignatura de um tratado de Commercio e navegação, paz e amizade com o Brasil sob as bases, mediante ligeiras alterações, do de 12 de Dezembro de 1828.

Escreveu em sua nota de apresentação, a 13 de Agosto de 1849, o ministro americano:

> « O abaixo assignado, acredita ser este objecto « de grande interesse para ambos os governos. « Para se emprehender com successo o commercio « entre os Estados-Unidos e o Brasil, é necessario « dispôr de um grande capital, e, para proseguir « nelle com vantagem para os cidadãos e subditos « dos dois paizes, devem ser pequenos os lucros: « este fim sómente se poderá conseguir por meio « de uma concurrencia salutar. E nada tenderá « tanto a induzir os capitalistas, a empregar-se « neste commercio, e a fazer apparecer aquella con- « currencia, do que collocar as relações com- « merciaes sobre bases permanentes, por meio de « um tratado de commercio. O Secretario desta « Legação. que acaba de voltar dos Estados-Unidos, « como V. Ex. sabe, assegurou, ao abaixo assignado, « que os negociantes americanos, que commerciam « com o Brasil, dão grande importancia a um tra- « tado de commercio. Elles estão satisfeitos com os

« regulamentos geraes ora em vigor, e muito se « regosijam de saber que existirá amizade e bôa « intelligencia entre os dois Governos e povos, dese- « jando, porém, ardentemente, que se tornem per- « manentes estas bôas relações.

« O abaixo assignado não conta ficar ainda « por muito tempo junto ao Governo de S. M., « porém, posto tenha sido curta sua residencia nesta « Côrte, sempre se interessará vivamente pela paz e « prosperidade do Imperio do Brasil. Concordando « com o Governo e o povo de seu paiz, na opinião « de que traria incalculaveis beneficios para os Es- « tados Unidos e o Brasil, um tratado que regu- « larisasse as relações commerciaes entre as duas « grandes nações americanas, e reiterasse o protesto « feito mutuamente e ao mundo, de que paz e ami- « zade existisse, e continuaria sempre a existir entre « ellas, o abaixo assignado manifesta a esperança « de que V. Ex. convirá em que é chegada a epoca « de obrar, e de que se lhe proporcione a grande « satisfação de levar a effeito, por parte dos Es- « tados-Unidos, um objecto tão importante e dese- « jado.»

Excusou-se, porém, o Governo Imperial ao solicitado. Havia paz mais firme, que a que unia os brasileiros aos americanos? Soffriam, acaso, os interesses da grande Republica de Washington?

Para justificar a excusa recorreu o Governo Brasileiro ao seu Conselho de Estado. O Conselho de Estado era o gremio dos velhos, por cuja voz jámais falou a inexperiencia.

A sabedoria daquelles homens austeros, fundadores da independencia, raro se enganava. Em consulta de 27 de Novembro de 1850, disseram Antonio Limpo de Abreu, Honorio Hermeto Carneiro Leão e Caetano Maria Lopes Gama quaes os motivos da abstenção Imperial. Ainda soavam aos seus ouvidos os aggravos da independencia. Paiz como o

Brasil, que se fizera na defensiva permanente contra o forasteiro, havia de procurar resguardar-se sempre contra as sorprezas do destino.

> « Com que fim iria hoje o Governo de V. M. « Imperial, perguntaram, resuscitar a politica dos « tratados, cujo ensaio, logo depois da sua emanci- « pação, tão funesto foi aos interesses do Paiz? « E' uma triste verdade que, logo que o Brasil pro- « clamou a sua independencia, ou fosse por con- « selho proprio, ou por suggestão da diplomacia « estrangeira, o Governo Imperial apressou-se a ce- « lebrar tratados de commercio e navegação com diversas potencias da Europa. O instincto nacional « pronunciou-se contra taes actos, e não faltaram « ao Governo do Brasil motivos para arrepender-se, « em não poucas occasiões, dos empenhos que con- « trahira nessa epoca, sendo, talvez, induzido a isto « pela consideração de obter mais facilmente o reco- « nhecimento da independencia, ou pela conveni- « encia de firmal-a.»

Accrescia que nada soffriam, antes progrediam sempre, com a falta de um tratado, as relações americano-brasileiras.

Com a estatistica em mãos, os conselheiros de estado vinham á conclusão de que « o commercio americano não tinha deixado de desenvolver e prosperar, mediante a politica liberal e esclarecida do Governo Imperial, aliás completamente desembaraçada da peia de tratados ».

Isso parecia tanto mais logico, quanto a reciprocidade promettida jámais existiria de facto.

« E' notorio, consignava a consulta, que os portos do Brasil são frequentados todos os annos por um grande numero de navios dos Estados-Unidos, carregados de productos daquelle e de outros paizes, e que no Brasil residem muitos cidadãos daquelles Estados no exercicio do commercio, e de outras industrias e profissões. Entretanto raro é o navio brasileiro que se dirige aos portos da União Ameri-

cana, e poucos (se alguns ha) são os subditos brasileiros que ahi residem empregados no commercio ou no exercicio de alguma outra industria ou profissão. A diversidade destas circumstancias estabelece portanto, contra a reciprocidade escripta, a desegualdade effectiva e real na applicação das concessões que se fizeram em qualquer tratado que o Brasil celébre, ou seja com os Estados-Unidos, ou com outro qualquer paiz que tiver uma navegação e um commercio de muito maior extensão e desenvolvimento. Neste caso estão, incontestavelmente, o commercio e a navegação dos Estados-Unidos comparados com os do Brasil.»

A juizo do Conselho de Estado, melhor parecia, portanto, «adiando a questão de tratados, recorrer a outros meios de que não fossem faceis os abusos e que não sacrificassem o futuro do paiz».

Não esqueciam os signatarios do parecer que o Imperio acabava de negar egual favor á Grã-Bretanha. (Archivos do Ministerio das Relações Exteriores, Conselho de Estado, Consultas do anno de 1850).

Foi abundando neste sentido, então reservado, que respondeu o Governo Imperial á Legação Americana.

«O Sr. Tod, escreveu Paulino dle Souza, a 22 de Abril de 1851, durante sua permanencia neste paiz, deve ter conhecido quanto é solicito o Governo Imperial em fazer participantes todos os estrangeiros que chegam ao Brasil, ou nelle residem, de todos os favores e protecção de que gozam os proprios nacionaes nas suas pessoas e propriedades, e nenhum dos artigos do tratado proposto vem estabelecer doutrina sobre a qual não tenham já providenciado convenientemente a constituição do Estado, as leis organicas e regulamentos que a explicam e desenvolvem.

«E, se sobre algum ponto fôr necessario mais alguma providencia ou desenvolvimento, o Governo Imperial pelo seu proprio interesse, e pelos principios largos e liberaes de sua politica, nunca se recusaria a adoptar as medidas convenientes. Nem os Estados-Unidos, nem o Sr. Tod, se queixam da falta de favores e protecção, posto tenham cessado as estipulações do Tratado de 1828. Se as leis fundamentaes

e regulamentos do Imperio são, além de permanentes, garantidoras dos direitos pessoaes e propriedades do estrangeiro, e lhes são applicadas; se as suas disposições são mais desenvolvidas e completas do que as bases geraes contidas no tratado offerecido, não vê o abaixo assignado necessidade de assignar essas bases em um tratado temporario e transitorio ».

Não minguava razão ao Governo Imperial. Se o fim do tratado era estabelecer a reciprocidade commercial, não era ella obtida sem nenhum tratado expresso, mediante a simples applicação do regimen vigente, no qual os navios americanos, que frequentavam os portos do Brasil, « tanto pelo que pertencia aos impostos sobre navegação, como os direitos de alfandega » eram tratados como os nacionaes? « Se as circumstancias, concluio o Ministro Brasileiro, exigissem mudança de marcha e a adopção de estipulações mais positivas, o Governo do Brasil não hesitaria em dirigir-se á mais poderosa nação americana, da qual tinha recebido não equivocas provas de consideração e sympathia ». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 34).

NAVEGAÇÃO DOS RIOS

(1853)

A navegação do Amazonas ia provar que essas mostras de consideração e sympathia não eram vans por parte do Governo dos Estados-Unidos da America.

E' sabido que, antes de ser o grande rio aberto pelo Brasil ao commercio de todas as bandeiras (Decretos numeros 3.749 e 3.920, de 7 de Dezembro de 1866 e 31 de Julho de 1867) foi essa abertura objecto de continuados desejos e reclamações por parte de alguns paizes.

Entre estes figurou, desde cedo, a Republica Americana.

A politica conservadora do Imperio é de louvar-se pelo cuidado e sabedoria com que resolveu a grave questão. Mesmo dentro de nossas fronteiras houve pedidos em favor de uma abertura que a voz conterranea, mal informada contra o Brasil, reclamou sempre com pertinacia.

«« A abertura do Amazonas, disse a 3 de Junho de 1864 no Senado brasileiro, o Senador Pimenta Bueno, importa um systema inteiro, complexo e muito valioso... E' preciso abrir o Amazonas, mas antes de abril-o é preciso assentar com previsão e intelligencia nas grandes condições dessa transcendente questão ».

Desde cedo quizeram varios cidadãos norte-americanos subir o Amazonas. A' Camara dos Deputados do Brasil foi em 1826, apresentada petição de navegação, que, não sendo acceita, deu logar mais tarde, em tempo do Ministro Henry Wise, a 17 de Novembro de 1845, a um pedido de indemnização. Em Junho de 1850 insistio o Secretario dos Estados-Unidos junto ao Governo Imperial pela abertura do Amazonas, cujas despezas de exploração correriam por conta da União. Em Outubro essa insistencia se fez mais precisa pelo orgam de Webster, sendo de então em diante continuamente interpellada nesse sentido a Legação Imperial em Washington.

Era natural o desejo forasteiro de devassar o Amazonas. Em New-York as bellezas do grande rio descreviam-se de maneira exaggerada, e uma dessas descripções, a do tenente Maury, correndo impressa pelos Estados da Confederação, poz em sobresalto as imaginações. De 1853 em diante fundam-se na grande metropole varias companhias exploradoras, uma das quaes, a *Amazon Steam Ship Company* chegou a registrar seu contracto e a annunciar a partida do vapor *Tenobscot*. Avalie-se por este trecho do tenente Herndon sobre o Brasil de como andavam as imaginações: « Cuyabá est au centre de la région aurifère de ce pays superbe. On y trouve de l'or en veine, entre des pierres, dans les fonds des ruisseaux, et en petits grains à fleur de terre: à la suite de chaque pluie, les esclaves et les petits enfants courent le ramasser dans les boues des rues de la ville. Dans la région diamantine, il est certain qu'on trouve des diamants mêlés à la terre, comme on trouve l'or dans les excavations de Californie. Selon Castelnau, un homme, en voulant ficher un pied en terre, trouva um diamant de neuf carats. Quelquefois on trouve des diamants dans le

gosier des petits oiseaux ». (Voir Charles Reybaud, *Le Brésil*, 1856, pag. 165).

Pretendendo a navegação do rio Amazonas, claro é que a queriam os Estados-Unidos de inteiro accordo comnosco. Deve-se dizer que o Governo americano foi solicito sempre em desapprovar e impedir quaesquer expedições que visavam subir o rio. Não houve reclamação nossa nesse sentido que não fosse logo satisfeita. De uma feita, annunciada uma expedição flibusteira, deu della rebate ás autoridades americanas nosso Ministro em Washington, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

« O abaixo assignado, escreveu em resposta Marcy, Secretario de Estado, a 23 de Setembro de 1853, não nega que os cidadãos intelligentes e emprehendedores deste paiz deviam ha muito tempo estar convencidos das vantagens que trariam ao commercio geral a navegação do Amazonas e seus tributarios. Esta convicção póde ter concorrido para induzir alguns delles a quererem ser os primeiros nessa empreza. O abaixo assignado não póde comtudo presumir que elles levem isso a effeito com violação das leis do Brail, sabendo que nunca receberiam apoio deste Governo em uma empreza que importa o desrespeito dos direitos daquella potencia. Se, entretanto, contra sua justa expectativa, tiverem a temeridade de assim proceder, podem contar que incorrerão nas penas que as leis prescrevem ». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo D, pag. 6).

Mas o pedido formal para a abertura do Amazonas foi feito em 31 de Outubro de 1853, pelo Ministro W. Trousdale, ao Gabinete de S. Christovam.

Allegou então o representante americano que, além de interessar ao mundo em geral, essa abertura dizia muito particularmente respeito aos cidadãos americanos cujo commercio com varios paizes, situados na parte superior do rio, já não era pequeno. O argumento principal da Nota era este: « os barcos americanos não derivavam o direito de navegar o Amazonas de nenhum tratado, e só o pretendiam como um direito natural como tinham o de navegar o oceano, direito autorizado pelo Congresso de Vienna com algumas

restricções que os paizes ribeirinhos podiam necessariamente fazer ».

Tal doutrina não podia acceitar, e nunca acceitou, a Chancellaria Imperial. No Brasil era de longa data a regra de que o Estado tem soberania sobre o trecho de rio que atravessa seu territorio, podendo, por isso, o ribeirinho inferior « negar o transito ao ribeirinho superior, desde que este não se conformasse com as clausulas, que julgasse com razão, necessarias á sua segurança ». (Ver Rio Branco, *Notas a Schneider*, 1871 I, pag. 84).

Principio vital para o Imperio, sustentavam-no tambem varios tratadistas como Philimore e Hall, segundo os quaes « aos Estados possuidores do curso inferior de um rio é licito exercer todas as faculdades de unico possuidor, e, tambem, o direito de fechar e abrir as suas aguas ». (Ver Clovis Bevilaqua, *Direito Internacional Publico*, etc., cit. I, pag. 281).

A nota com que o Ministro de Estrangeiros do Brasil, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté, refutou as allegações americanas tem a data de 13 de Setembro de 1854. Foi classificada de *luminosa* e ficou celebre entre quantas discorrem estes themas. Não podia o Imperio, a seu ver, estar de accordo com a nova doutrina segundo a qual se assemelhava o Amazonas ao Oceano.

Della jámais se tinham prevalecido os Estados-Unidos nas questões que sustentaram sobre a navegação do S. Lourenço e do Mississipi com a Hespanha e a Grã-Bretanha, não obstante serem, a esse tempo, ribeirinhos. Como, aliás, assemelhar ao Oceano o Amazonas quando o Brasil delle possuia as margens na vasta extensão de 480 leguas, desde a foz até Tabatinga, limite do Imperio? Quando, assaz largo em varios pontos, tinha logares estreitos onde uma só fortaleza podia impedir a passagem, e a navegação não se fazia sem o respectivo uso de suas margens? Quando o Brasil possuia tudo quanto, segundo os principios recebidos, servia para provar sua soberania sobre as aguas do rio?

« Sendo o Oceano indispensavel ao commercio do mundo inteiro, rematou Limpo de Abreu, nas mesmas circumstancias

se não achava o Amazonas; ainda que seu extenso valle, quando convenientemente povoado, pudesse dar vasto alimento ao commercio das nações, era então quasi inteiramente deserto, e de nenhum interesse e vantagem para as nações que não eram ribeirinhas».

Escreveu nesse documento famoso o Ministro de Estrangeiros do Imperio:

> «A grande parte do valle do Amazonas que «pertence ao Brasil contem duas provincias, a do «Pará na foz, e a do Amazonas no interior. Para «o commercio da provincia do Pará é sufficiente «o porto da cidade de Belém, aberto a todas as «nações estrangeiras. A população da provincia do «Amazonas não excède de trinta mil almas, e sendo «em grande parte da raça indigena, dá escasso «consumo aos productos da industria estrangeira, «e, por isso, não sente necessidade de um com-«mercio directo com as nações productoras. Menos «populoso ainda é o departamento de Maynas, «pertencente ao Perú, que occupa a parte superior «do Amazonas. A população desta Republica que «póde alimentar o commercio estrangeiro, está «separada do valle do Amazonas pelos Andes, e «o caminho natural para os seus supprimentos, quer «no presente, quer no futuro, será sempre o Pacifico. «Os territorios occupados pela Republica de Ve-«nezuela, Nova Granada e Equador, que tem af-«fluentes que desaguam no Amazonas, são escas-«samente habitados. Os centros das principaes ci-«dades e povoações dessas Republicas, nunca po-«derão ser vantajosamente suppridos pela nave-«gação do Amazonas. Ainda quando ella fosse «aberta ao commercio do mundo, continuariam a «ser suppridos exclusivamente pela navegação do «Atlantico e Pacifico. Além disso, os affluentes «do Amazonas que passam por esses territorios e «que podem ser navegados, não serão jámais senão «por embarcações de pequeno porte, incapazes de

« navegar no Oceano, e bôa parte delles precisa
« de obras e trabalhos hidraulicos destinados a faci-
« litar essa mesma navegação. Todas essas cir-
« cumstancias demonstram que na actualidade não
« existem grandes interesses dos Estados Unidos,
« nem de nenhuma outra nação, que possam servir
« de pretexto á pretenção immediata de navegar o
« Amazonas. »

Por esse mesmo tempo teve pretenção igual a Grã-Bretanha. E tal foi a segurança da argumentação Brasileira, que Lord Clarendon declarou ao Governo dos Estados Unidos « que não renovaria instancias a abertura do Amazonas que não fosse feita por muito livre determinação do Governo Brasileiro ».

Tambem não insistio o Governo de Washington. Poucos annos depois, em 1867, realizava o Brasil a abertura, de accordo com os principios de direito internacional e os dictames de sua segurança. Escreveu Abaeté ás Camaras em 1867:

« O desejo de dar impulso á colonização do
« Amazonas, de desenvolver os recursos da nova
« provincia e de assegurar mais o progresso da-
« quellas regiões, mediante a cooperação dos Go-
« vernos vizinhos, induziu o Governo Imperial a
« promover negociações com o Perú, a Venezuela e
« Nova Granada para conceder-lhes a livre nave-
« gação que fora vedada rigorosamente pelos an-
« tigos tratados de 1750 e 1777, entre Hespanha e
« Portugal, e que o Governo Imperial tem sempre
« sustentado que só póde ser concedido por con-
« venção especial. »

Aliás em assumpto de navegação de rios só devia receber encomios a politica brasileira. Mais ou menos ao tempo, um escriptor, estudando estas materias reivindicou para ella « a gloria de haver lançado no Novo Mundo, as bases do moderno direito publico relativo á livre navegação

dos rios, dando largas dessa fórma ao desenvolvimento do commercio, das industrias, e civilisação ». (Convenção preliminar de paz, de 27 de Agosto de 1828, entre o Imperio do Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata. — Pereira Pinto, *Apontamentos* cits. II, pag. 374). Tambem o tratado de 20 de novembro de 1857, assignado entre o Imperio e a Confederação Argentina, estabeleceu a navegação dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay « livre para o commercio de todas as nações, desde o Rio da Prata até os portos habilitados, ou que o forem para esse fim, em cada um dos rios, pelo respectivo Estado ».

Em assumpto de navegação de seus rios internacionaes, não foi sempre olhado com justiça o Imperio do Brasil. Entretanto, este foi um dos casos em que sobrelevou, sem mancha, a lealdade de sua diplomacia. « O que é licito affirmar com justiça, escreveu o maior commentador da lei internacional brasileira, é que o Brasil foi moroso em celebrar essas convenções e em abrir as suas grandes vias fluviaes ao commercio do mundo, attitude que se explica pela desconfiança de um governo monarchico rodeado de republicas, e pela falta de garantias de uma nação fraca deante da cobiça arrogante das Potencias da Europa. Mas, no seu proceder, nada se encontra de contrario ao direito ». — Clovis Bevilaqua, *Direito Internacional Publico* cit., I, pag. 298).

Em relação á navegação dos rios convem ainda salientar que duas vezes solicitou a União Americana licença para subir o Prata nos limites com o Brasil, em expedição scientifica, e foi attendida. Foi o caso com o commandante Jefferson Page, do *Water Witch* em 1853, e do cidadão americano Forbes e seus companheiros, em 1858. Apressou-se o Governo Imperial em conceder a licença « pelo desejo que nutria de ser sempre agradavel ao dos Estados-Unidos ». (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo e, 1855, annexo G, e 1859, annexo J.)

Ainda mais: decretada a abertura do Amazonas, entrou em duvida se essa liberdade se estendia aos vasos de guerra. A doutrina brasileira « é que os navios de guerra necessitam

de licença para penetrar no territorio nacional remontando os seus rios, ainda que franqeados á navegação geral». Assim, em 1878, foi concedida permissão para que um navio de guerra americano subisse o Amazonas até o Madeira, e, em 1898, para que outro — a canhoneira *Wilmington* — subisse o mesmo rio até Tabatinga, em demanda de Iquitos no Perú. (Clovis Bevilaqua, *Direito Internacional Publico*, cit., I, pag. 293 — Relatorio das Relações Exteriores, 1898, pag. 17).

O sentimento nativista do tempo, exaltando-se por informações mal colhidas, não conseguiu arrefecer as relações entre o Brasil e os Estados-Unidos; e o tempo provou como era infundado.

OLHEMOS PARA O NORTE!

Tal já era a força singular do exemplo americano, que homens e gazetas o apontavam, no Brasil, entre gabos e louvores.

Um delles, Tavares Bastos, espirito liberal, foi o portavoz desses sentimentos.

> «Estou, orou elle a 8 de Julho de 1862, na «Camara dos Deputados, convencido de que, mesmo «sob o ponto de vista politico, as relações com os «Estados-Unidos da America do Norte são aquellas «que mais convêm ao Brasil. Devemos cultival-as e «desenvolvel-as, sobretudo porque depois da pre-«sente luta — luta gloriosa, porquanto é a da liber-«dade contra a servidão, do progresso contra a «barbaria, está reservado á grande Republica de «Washington um papel incalculavel nos destinos do «mundo. Não preciso apontar as razões que «prendem o commercio dos dois paizes, as affini-«dades entre os processos da sua agricultura, entre «a constituição moral e material de suas popu-«lações...»

Um livro de Tavares Bastos, que a esse tempo fez sensação, as *Cartas do Solitario* (30 de Março de 1862) havia já tratado o thema:

> « Sou um enthusiasta frenetico da Inglaterra, « escreveu elle, mas só comprehendo bem a gran- « deza desse povo quando contemplo a da Repu- « blica que fundou na America do Norte. Não basta « que estudemos a Inglaterra. E' preciso conhecer « os Estados-Unidos. E' deste ultimo paiz justa- « mente que nos póde vir mais experiencia pratica « a bem da nossa agricultura, das nossas cir- « cumstancias economicas, que têm com as da « União a mais viva semelhança... Queremos chegar « á Europa? Approximemo-nos dos Estados-Unidos. « E' o caminho mais perto, essa linha curva... « Eu tambem sou monarchista, e julgo esse governo « tão necessario ao Brasil, como a Republica é per- « feitamente adequada á constituição social, ás idéas « e ás tradições da America do Norte ».

Mas, foi sobre o thema mesmo da abertura de nossos rios que a mais liberal das gazetas do tempo, o *Correio Mercantil*, prestou homenagem á grande Republica de Washington.

> « A alguns espiritos, escreveu elle a 7 de Abril « de 1865, tem-se todavia antolhado certo receio « pela abertura do Amazonas, especialmente aos « americanos a quem imputam tendencias para « absorpção da raça latina. Não nos impressionam « esses temores. A preponderancia da raça latina « com difficuldade póde ser annullada, principal- « mente na America e a prova é que a União Ame- « ricana, não obstante ter declarado sua indepen- « dencia com precedencia a outros povos deste con- « tinente, não obstante ser uma nação notavel pela « sua energia e actividade, e a despeito de tantos « recursos de que dispõe, e que a tornam temida

« na propria Europa, não tem feito conquistas no « Novo Mundo relativamente ao predominio da « raça anglo-americana. Tal é o nosso pensamento « acerca desse receio; se porém attender-se a outras « circumstancias e a outra ordem de idéas, não se « poderá, com fundamento, sustentar qualquer con- « veniencia que nos faça afastar dos Estados- « Unidos. Os nossos interesses na America são « homogeneos, elles consomem em primeira escala o « nosso mais importante producto, elles por con- « sequencia devem ser o nosso alliado natural, e, « effectivamente, teem procurado com afinco essas « relações. Os factos o demonstram: na questão Wise « não se fizeram exaggeradas reclamações, e para « modificar o genio impetuoso desse ministro « mandou-se ao Brasil um plenipotenciario cordato, « e conciliador... Por ventura a nossa fórma de « governo se opporia a essa intimidade? Cremos « que não. As instituições do Imperio são tambem « democraticas e o elemento monarchico que nellas « foi encarnado, dá realce e fortifica o systema que « rege o Brasil.

« Quanto á navegação do Amazonas a ini- « ciativa da União Americana auxiliará poderosa- « mente o desenvolvimento das industrias e da agri- « cultura, melhorará os seus processos, e estimulará « com o exemplo da actividade os habitantes dessas « regiões a seguil-os no caminho da civilisação. « O colono americano não se assemelha ao colono « europeu, áquelle sabe internar-se pelos sertões, « vadear, e navegar os rios, dessecar os pantanos e « lavrar a terra...»

E eis que nessa atmosphera de tranquilla e mutua amizade, pareceu sobrevir a tempestade. A grande Republica do norte passava pela maior crise que a nenhum paiz foi dado jámais conhecer — a guerra de secessão. O Brasil, por seu turno, e na maior bôa fé, se via arrastado para a hora mais grave de sua vida internacional — a luta com o Paraguay.

Entre as difficuldades de ambos, o figado congesto de um homem ensaiou perturbar uma harmonia, que se fizera para a eternidade. Esteve a pique de o conseguir. Os bons fados que zelavam pelos destinos do Brasil e dos Estados-Unidos não dormiram, porém. A âmeaça passou; e o mau soffreu o seu castigo.

HELIO LOBO.

A « Revista Americana » publicou nos numeros de Fevereiro e Novembro de 1917 o texto portuguez da segunda e terceira conferencias da serie que nos Estados Unidos fez o Dr. Helio Lobo, Secretario da Presidencia da Republica, sobre a historia diplomatica do Brasil nas suas relações com os Estados Unidos, desde 1822, ao ser mandado para Washington o nosso primeiro representante diplomatico, até aos tempos actuaes.

Agora publicamos a primeira serie, ficando deste modo completa a collecção das conferencias feitas pelo nosso illustre collaborador na Universidade de Harvard. Brevemente serão todas publicadas em volume sob o titulo « Uma Amizade Tradicional ».

NOTA DA REDACÇÃO.

HORAS DE SONHO

Homem! si a tua vida é triste e escura,
Esconde-a ao mundo, que ninguem a veja!
Sonha! poder sonhar é uma ventura
Que poucos têm, mas que ninguem inveja.

O sonho é um vinho forte que embebeda,
E enche de risos a existencia triste,
E' a escada de Jacob, de névoa e sêda,
Que nos conduz a um céo, que não existe.

Feliz serás, si dentre a magoa infinda
Dos teus dias nublados e tristonhos,
Puderes ter dentro do peito ainda,
Uma constellação rica de sonhos...

Mesmo que em rede de oiro a gloria embale
Tua existencia esplendida e florida,
Sem um pouco de sonho nada vale,
Somente o sonho dá sabor á vida.

E quando dentro d'alma desabrocha,
Flôr milagrosa, muda em goso as dôres,
Tira, como Moysés, agua da rocha,
E enche um deserto de arvores e flôres.

Tua vida é um deserto? nelle, absorto
No teu sonho terás dôces miragens,
O sonho é como a luz do occaso morto,
Que suavisa os contornos das paysagens...

Tens no sonho uma clava e uma armadura,
Uma a alma vibra, outra a protege e a ampara,
E na floresta da existencia escura
Rasga um fulgor de madrugada clara.

E' a mão fidalga e amiga, que derrama
Um balsamo na chaga mais dorida,
E que sustendo uma esplendente flamma,
Nos ajuda a levar a cruz da vida.

Sonha! que o sonho é o sol para a existencia,
As tormentas da vida abranda e acalma,
E' uma luz para os olhos da conciencia,
E' o pão de cada dia para a alma...

Mas que ventura, emfim, que goso encerra,
O sonho assim? dir-te-á a alma grosseira,
«Fazer um céo accorrentado á terra,
Castello no ar que se desfaz em poeira» ...

Terá talvez razão essa alma fria,
A alma, porém, do poeta melindrosa,
Se alimenta de sonho e de poesia,
Como de orvalho se alimenta a rosa.

Cada um como Deus o fez... procura
Sem mesmo achar razões para essas cousas,
Porque é que os mochos voam para o escuro,
E voam para a luz as mariposas...

ALFREDO DE ASSIS.

Bauru (S. Paulo) 1918.

JOSÉ HENRIQUE RODÓ

Su espíritu: *de la inquietud a la serenidad.*— Su obra: *de «El que cendrá» a los «Motivos de Proteo».*— Su enseñanza: *del diletantismo al sentimiento de una misión.*

Ha muerto el mayor escritor de la América latina. Era también, como Montalvo lo fue en su época, (y lo confiesa un crítico español, muy español, don Andrés González Blanco) el mejor prosador de cuantos al presente escriben en lengua de Castilla. Era, además, para nosotros, quien mostraba de más alto la dirección que siguen nuestras almas...

Ha muerto cuando acababa de ascender, no sin cierta majestad de solitario encumbramiento, a una tranquila, luminosa e incontestada supremacía intelectual sobre el Continente.

A la notícia de su muerte, innumerables voces, sin duda, han clamado en América nuestro duelo. Aquí debemos limitarnos a mostrar brevemente lo que su nombre significa para nosotros.

* * *

Sería preciso evocar la atmósfera, que parecía cargada de presagios, de la época en que Rodó surgió a la vida inte-

lectual, para comprender cuán inevitables eran las inquietudes de su iniciación. Ellas dan, a sus primeros ensayos, aquel tono ansioso, patético, que pronto dejará de resonar en la calma alciónica de su obra.

En su ardor de comprenderlo todo, hizo suyas, hacía 1895, todas las audacias y todas las dudas del pensamiento finisecular. En medío a tantas negaciones y solicitaciones contradictorias como entrechocaban en la grandeza sombría del fin del siglo, el joven pensador buscaba ansiosamente una certidumbre. Pensar, para él, no era, desde entonces, mero ejercicio dialéctico, función superior y aíslada, artificial e inocua. Era iniciación grave, y prueba de una vocación. Las ideas, repercutiendo en el centro mísmo del alma, prolongaban su resonancia sobre la vida, extendían su influjo ledo o su fatídica sombra sobre las cosas más inocentes. Rodó aparecía dotado de esa intuición que percibe, en el fondo de los sistemas, el dramático alcance de las ideas. Comprendía apasíonadamente la tragedia interior de un Amiel, — de quien se apartará más tarde casi con desdén. — Aventuraba en sus fervores y meditaciones la paz del alma frente a la vida de sentido incierto... Pero ya el presentimiento de su inmunidad despertaba en él.

Se acercaba de preferencia a los libros vertiginosos. Recorría con seriedad los *Dialogues Philosophiques* del sonriente profesor de nihilismo, más sensible sin duda al encanto de las páginas aladas, que a la atracción de los abismos sobre los cuales revuelan. Se demoraba en la peligrosa voluptuosidad de no encontrar ya fe alguna, ni caridad que compense, ni esperanza que persuada a seguir buscando. Pera todo aquesto no era, en realidad, sino diletantismo pensativo y grave. En el secreto de su consciencia una luz velaba. Una voz interior persistía como anunciándole que saldría de esa opresión, y hallaría, descampado y libre, su camino proprio.

De la decepción peculiar a la filosofía de la época, pasaba a refrescar su sensibilidad en la poesía. Mas en el juego de ritmos, de imágenes y de acordes, no lograba olvidar del todo sus preferencias. Reclamaba para la emoción poética el fermento humano de sinceridad, el dolor y el misterio del hombre,

la visión de su destino. Como el d'Annunzio convaleciente de exquisitos males, pedía a los poetas « el verso que exalta y consuela ». Pedíales también angurios, presentimientos del rumbo ignoto, o promesas de apaciguamiento. Más malhallados que nunca, los poetas sólo ofrecían vanos nepentes de olvido, y no sabían qué responder.

Sin embargo, Rodó se abandonaba al encanto vario y la parcial verdad de todas las escuelas. Era el tiempo en que, dispersos los últimos cenáculos originales, sus doctrinas e innocaciones llegaban desde París, en confusos ecos, a la América ávida. « Mi temperamento de Simbad literario es un gran curioso de sensaciones », decía. Pero pronto su inteligencia de la realidad y su amor de las grandes ideas le arrancaban al falaz hechizo. No se afilió a escuela alguna; que desde entonces sobrepasaba toda arbitraria limitación, por natural amplitud de espíritu como por celo de libertad. Así, de los parnasianos, — con quienes empero tenía, por la reserva distante y el fiero pudor del alma, tantas afinidades de gusto y de temperamento, — le alejaban la glacial inmovilidad de la contemplación marmórea, y la desesperanza implícita. Alejábale también de ellos el desdén que profesaban por su propia época. Rodó, que sufrió en espíritu tánto de ella, nunca quiso renegarla: amábala a pesar de todo, por todo; y quería más bien que el arte la reflejase en toda su sombría y anárquica aspiración. Por eso, del naturalismo, de quien aborrecía la estrechez y las negaciones, aceptaba con entusiasmo el total denuedo ante la realidade. Y por eso no quiso huir, con el simbolismo, a la « última Thule » del sueño.

Mas, después de apurado el vino de todas las vides, sintió que ninguno aplacaba la sed del alma, vuelta más acerba.

« Sin embargo, — dice Rodó, con aquel fervor que da a sua ardiente perplejidad un irresistible acento, — hay en nuestro corazión y en nuestro pensamiento muchas ansias a las cuales nadie ha dado forma. Todas las torturas ensayadas sobre el verbo, todos los refinamientos desesperados del espíritu no han bastado a apaciguar la infinita sed de expansión del alma humana... En la libación de lo raro y de lo extravagante se ha llegado hasta la hez, y nuestros labios se abrasan

en la ansiedad de algo más grande, más humano, más puro... Sólo la esperanza mesiánica, la fe en el que ha de venir, flor que tiene por cáliz el alma de todos los tiempos en que se exasperan el dolor y la duda, hace vibrar misteriosamente nuestro espíritu.

Revelador! Profeta a quien tienen los empecinados de las fórmulas caducas y las almas nostálgicas esperan! ¿Cuándo llegará hasta nosotros el eco de tu voz dominando el murmullo de los que se esfuerzan por engañar sus angustias solitarias con el monólogo de su corazón dolorido. De todas las rutas hemos visto represar a los peregrinos, y ellos nos han asegurado que ante sus pasos no hallaron sino el disierto y la sombra.

¿De qué nos hablarás tú, Revelador, para que hallemos en tu palabra la vibración que enciende la fe, la virtud que triunfa de la indiferencia y el calor que funde el hastío?... En medio de su soledad nuestras almas se sienten dóciles y dispuestas a seguir un guia... Nos parecemos al viajero abandonado que a cada instante aplica el oído al suelo del desierto para descubrir en el rumor de los que puderan venir un rayo de esperanza; nuestro corazón y nuestro pensamiento están llenos de una ansiosa incertidumbre.

Revelador! Revelador! La hora ha llegado! El sol de ocaso ilumina en todas las frentes la misma estéril palidez, descubre al fondo de todas las pupilas la misma extraña inquietud; el viento de la tarde recoge en todos los labios el balbuciamiento de una misma aspiración indefinida. Es la hora en que la «caravana de la decadencia» se detiene, angustiosa y fatigada, en la profundidad confusa del horizonte.»

Su primera obra, *La Vida Nueva,* está henchida de esta espera y de este clamor. Aguardar respuesta a ansias eternas, ¿no era candor? Pronto dejó de esperar. Advirtió que la inquietud provenía principalmente de la anarquía interior, y volvió la atención hacia sí. Comenzó por ponerse de acuerdo con su verdad íntima. Su dialéctica era ante todo necesidad de concordia.— Lejos de todo narcisismo, lejos de todo contagio o afectación de perversión elegante, lejos también del amielismo inhibidor y cruel, dióse al cultivo del alma, arte que

llevará luego a la perfección. Serenado, pudo mejor escuchar las *voces interiores*. No tardaron en preludiar esa melodía de serenidad que es como la interna música de su espíritu.

Desde entonces, comienza a alzarse, con el don inato de la orientación, la heroica y cándida esperanza de sua optimismo regenerador.

Aquel Rodó juvenil, inquieto, ansioso de hallar rumbo, seria muy interesante de esbozar aquí, en contraste con el pensador ecuánime, norte y guía de generaciones. Pero en esta rápida traza no cabe tal desarrollo.

Fue aquel un Rodó momentáneo, de iniciación. Luego su vida interior avanza y se despeja como esos climas de primavera furtiva y brusca, en que la urgente savia estalla casi repentina y florece toda a la vez, para ceder en seguida el campo a los radiosos días de estío, que instalan su esplendor tranquilo como si hubieran de durar siempre. Páginas hay en su obra, de tan radiosa serenidad, que en verdad inspiran la misma melancolía que esos días demasiado bellos; no tenemos felicidad que resista a su resplandor, ni podemos poner el alma a diapasón de su luz...

* * *

Faltábanos, hasta que le tuvimos em Rodó, completo y acabado, el *escritor* por excelencia, (a modo de un Renán, de un Taine, de un France), que uniendo a un grave y escendido amor de la verdad una sensitiva inteligencia de lo bello, fuese a un tiempo, en igual grado, artista y crítico, poeta y pensador, sabio y espontáneo; — el escritor dueño de sí y de su arte, en quien aparezca tan egregio el don literario como lúcida y estricta la consciencia estética; que ponga tanto escrúpulo en el detalle como medida en las proporciones, y sea tan responsable de cuanto dice como de cuanto calla; — género el más raro, y el más necesario, en países donde la falta de tradición literaria clásica deja a cada uno entregado a la viciosa espontaneidad nativa.

En otros grandes escritores americanos, no sé qué fibra rebelde e irreducible, no sé qué de bárbaro incólume, — excesos

borbollantes con el impetu y el caudal de las fuerzas elementales, o voraginosos vacíos de franca y libre ignorancia, — delataron siempre el pecado original: el de la raza incipiente y contradictoria, la cultura atropellada y la vida nacional caótica. Instintivos casi todos, extraordinariamente dotados muchos, casi sin saberlo, estallaba a menudo en ellos algún monstruoso y desigual talento, en tal o cual página fuerte, en tal o cual insofocable poema, libelo o apóstrofe. (Pienso en Sarmiento, en Martí, en tantos otros.) Así es como hemos tenido, y por modo admirable, poetas « inspirados », pensadores « geniales », oradores « irresistibles », bellos ejemplares de todos los géneros fáciles, en el sentido de requerir casi únicamente una aptitud innata. Mas la *perfección* fue en ellos tan sólo acierto genial; casi nunca voluntad exclusiva, conciencia imperiosa y tenaz: — destella acrisolada em trozos, por lo general vehementes motivos líricos, mientras el conjunto de la obra, casi siempre impulsiva y de primer brote, desborba de incoherencias y desigualdades. En nuestra voluntariosa literatura domina así la impresión de una multiplicidad de fuerzas insignes y desgobernadas, fecundas y mal aprovechadas. Pereza o romantícismo, hostigábales a nuestros escritores el construir sólidamente la morada del pensamiento de un día en paízes instables, convulsos, en perenne aborto de instituciones. Aun de los poetas puede decirse que el anhelo de perfección formal, la exquisita intransigencia de expresión, son cosa de ahora, llevada de la Francia de los parnasianos. A los predecessores, la « inspiración » les hacía titubear como una embriaguez sagrada, privándoles de paciencia para la nimia y exacta adecuación de la palabra al matiz. Los románticos, poetas por « fatalidad », más atentos a las bellezas tempestuosas de la pasión que a las exigencias del « arte severo y del silencio », modularon su alma confusa como les salía, sollozante o huracanada, sin mesura y como sin pudor. — Más libres, los prosistas descuidaron más, con desenfado más negligente, el arte de imponer una arquitectura a sus fáciles concepciones.

Pero he aquí, realizado casi de repente, el tipo del escritor perfecto; y al propio tiempo, la mente más civilizada, la más discreta sensibilidad. — Para admirar sin reservas la calidad

de una prosa de nobleza constante e infatigable elevación, ceñida a elegancia igual página tras página, sin flaquezas para con la abundancia aproximativa ni condescendencias ante la « rebelión de la palabra que se niega a dar de sí el alma y el color »; para admirar asimísmo el decoro de un pensamiento mantenido en belleza por la expresión más hermosa y en libertad por la amplitud más segura de sí, es preciso, en efecto, llegar a Rodó. — La mísma prosa de Montalvo, (autor a quien Rodó ha tributado el más estupendo elogio, con un « ensayo » sin par en lengua castellana, dentro de la crítica, por la magnificencia del estilo, el entono de la concepción y el calor de americanismo) es una prosa aparte, prosa de excepción, admirable a título de alarde personalísimo, de intransmisible secreto.

Rodó consagra egregiamente en América la nueva prosa, vivificada por el ritmo, antes que remozada por modismos o engalanada de construcciones y giros arduos; vivificada por el ritmo, que hace ondular la serie inerte de las palabras con el aliento mísmo del alma, que las concierta conforme a su íntima propulsión.

Así alado de ritmos, libro tan grave como *Ariel* parece leve. Ya la lógica misma del pensador armonioso, toda en suaves curvas y delicados procesos de ennoblecimiento y depuración, le llenaban el espíritu de una como immanente música de ideas. La ondulación de su pensamiento fluía así en ritmo ingénito, y no meramente impuesto como número y medida externos, en la acompasada frase. Por esa infusa armonía, su don de persuasión, al que todo lector se rinde en sereno arrobo, es de virtud musical.

Rodó trajo, asimismo, a la forense declamación de nuestra prosa, la mesura, la reserva, el poder de sugestión indefinida. « Nadie se rehusó, en verdad, con tan cabal sentido de la música a elevar la voz », dice Ventura García Calderón, en un admirable estudio, el mejor de cuantos hasta hoy se han escrito sobre el maestro uruguayo (1).

---

(1) En una Historia de la Literatura Uruguaya, escrita en colaboración con el Sr. H. Barbagelata.

Escritor refractario, si los hubo, a toda melindrosidad, Rodó busca sin embargo las transiciones matizadas y fundidas, la ritmica circulación de las ideas y los sentimientos dentro de un sólo período armonioso y amplio, la gracia de los movimientos graduales para ir de una a otra parte del discurso por declivios suaves llevando rondas de imágenes entrelazadas. Si va a exaltarse su lirismo, es largo y tenue el preludio. Sus cuadros ofrecen siempre las lineas calmas y puras de paisajes clásicos. Aun más tarde, cuando el aliento se hace más largo, y el período, potente y rápido, avanza recogiendo al paso varía copia de riquezas tributarias, las frases se suceden sin remolinarse, con la ondulación tendída de los grandes ríos, en que el tumulto de los crespos torrentes se ha sosegado.

Gracias al más acendrado autoconocimiento, Rodó ha suplido con su cultura universal las deficiencias de su temperamento, o se ha apartado de pasos donde otros, más incautos, habrían talvez revelado su inferioridad. Jamás, en su obra, disparidad alguna, sea entre el asunto y las faculdades, sea entre el intento y la realización. Y menos aún aquella, que sospechamos en tántos otros, entre el hombre y la obra. El alma de sus libros era, por decirlo así, su alma cuotidiana. De ahí esa alta unidad de tono. Desde *El que Vendrá* hasta *Los que allan,* la misma melodía se difunde. Igualdad quizá contraproducente, pues aplana el interés y aduerme la admiración, confiada una vez por todas. En Montalvo, pongo por caso, como en sublime monte fragoso, uno va, por entre enhiestos riscos de pasión que ocultan valles amenos, e por sobre altos y bajos, sin saber adonde, mas de sorpresa en sorpresa, incansable y maravillado. Rodó, con su bella barca, tensa la vela latina a un viento siempre propício, nos lleva en blando movimiento por mares tan aplacados que parecen de eternidad.

Mal acostumbrados, quisiéramos, a veces, verle romper su serena línea ascendente, con alguna fuga audaz, con algún salto mortal al antro de las pasiones; o por lo menos oirle alguna disonancia para resalte mismo de su melodiosa meditación. Pero todo está en ella translúcido; aun ciertas inquietudes espirituales se destacan sobre horizontes de serenidad. Todo está ahi inmune de contagio, por más que, para saber del

secreto de todas las perversiones, haya embebido su inteligencia en los más capciosos filtros; hánsele vuelto inofensivos todos sin más que revelarle le secreto de su composición.

La euritimia interior preside a su elegante ensebanza. Para el, hasta el sentimiento de la justicia no es sino un delicado sentido de la mesura y de la proporción. El mal, el error grosero, la pasión mezquina, son una díscola disonancia en la estética de la conducta. Por eso él cree en la virtud del arte, en la fuerza reguladora del sentimiento de la belleza. Siendo el arte el más amplio dominio, desde el cual la mirada abarca la vastedad del horizonte humano, quisiera que a él suban todos, a fraternizar por lo alto. Quisiera fraternizar no sólo en Cristo, sino también en Renán. La eficacia de un arte generoso, le parece redentora. Predicar el amor a la belleza; probar la virtud de lo hermoso, hacer sentir la poesía del precepto, es para él un « género de oratoria sagrada ». « La virtud es también un género de arte, un arte divino », dice. Y añade: « dar a sentir lo hermoso es obra de misericordia ». Con helénica gracia despoja a sua « virtud » de toda adustez. Y su balsámica unción nada tiene de un misticismo reblandecido. Quisiera despertar en los más remisos, en los más olvidados de sí propios, el sentimiento de la alta nobleza humana; ver en todo hombre, en cada hombre, la integridad de lo humano, y no tan sólo ejemplares más o menos mutilados de la especie. Para eso enseña el cultivo de la vida interior, donde duermen las innumerables posibilidades. Quiere que cada cual, en una tregua íntima, se acuerde de su propio sér y de su verdad, se ayude de la soledad y del silencio, practique la meditación desinteresada, la contemplación ideal, y tienda sobre las cosas una mirada serena y libre.

Por suscitar en cada uno de nosotros el *hombre* total, el partícipe de todo lo humano, como el esclavo de Terencio, el espectador atento al drama del mundo, nadie hizo tanto como este sugeridor de posibilidades y descubridor de « perspectivas indefinidas. » Pero nadie, asimismo, tocó con más precisa eficacia, — como lo hizo por ejemplo en sus gloriosos estudios sobre Bolívar y sobre Montalvo, — los resortes de un orgullo más exclusivamente sudamericano. Nadie, en América, supo

más, ni fue, de cultura más europeo, ni se sintió, con más genuino derecho, ciudadano del universo. Nadie, sin embargo, volvió a su América mirada más cargada de amor inquieto y vigilante afán. Tan sólo Francisco García Calderón, a quien precisamente consideran muchos como el más alto continuador de la impulsión idealista dada por Rodó a las nuevas generaciones, puede equiparársele en el sentido de esta ardua labor generosa.

El amor a América el presentimiento de su importancia en el mundo, le hacían esperar que un día ella se alzaría a colaborar y aun a presidir en la obra inmensa y concorde de la civilización. Para ello creía preciso conformar nuestro espíritu al de los viejos pueblos latinos, todavía conductores de la humanidad, en vez de aislarnos como algunos quieren, en una independencia bravía, guardiana de lo puramente autóctono, con la aspiración, mezquina y orgullosa, de preservar una ilusoria autonomía intelectual. Para eso pedía que tambien la literatura, en vez de ceñirse exclusivamente a cultivar una singularidad local, cada día más precaria y exigua, en vez de exaltar únicamente la sensación del terruño, cada día más pobre de alma y más desnudo de prestigios originarios, prestase culto inteligente a aspiraciones más generales.

Con su ejemplo, Rodó ennobleció las aspiraciones del escritor del Nuevo Mundo, ambicioso ya de horizontes antes que achicado y circunscrito a las pequeñeces del campanario, por lo que toca a la altura de su mirador intelectual: que en cuanto al apego instintivo y la consciente predilección por la propia tierra, ninguna prerogativa les ha mermado en su cosmopolitismo puramente abierto a la libre expansión de las ideas. Lo que Rodó quería, y lo dijo él mismo, era que «al lado del hijo fiel de nuestra América, que lleva entre las cosas propias de su espíritu el reflejo de cierta latitud de la tierra, esté el discípulo de Renán o de Spencer, el espectador de Ibsen, el lector de Huysmans y de Bourget.» Quería, en suma, que mantuviésemos la inteligencia franqueada a los cuatro vientos del espíritu y el corazón plantado con fuerza en lo más hondo del rincón natal. Quería asimismo que éste se sintiese mancomunado en el alma y por todo lazo, al resto de su América,

para formar la patria continental, vasta y una, que él amaba no solamente porque era bella en su variedad y porque la aguardaba un porvenir colmado de dones, sino porque la sentía *suya,* toda, en su unidad moral y su diversidad.

Rodó nos ha hecho sentir magnificamente el calor de su alma, — por lo demás recatada y distante, — en esos retratos de personajes sud-americanos, de distintas regiones todos, pintados con viviente predilección, y en cuyo fondo, con una fuerza potente y enternecida, puso tan vivos toques de americanismo esencial. Por todo ello, por sus evocaciones y por sus pronósticos, por sus sentimientos tanto como por sus ideas, Rodó fue amado en todo el Continente y considerado como nuestro escritor más representativo.

Menos original en la manera, menos genial en el temperamento que Montalvo, en el sentido del candor y la alegría creadores; más cordial, más armonioso que Andrés Bello, Rodó, con ser tan europeo, es, precisamente por esto, el literato que encarna con mayor fuerza la civilización que vamos aprendiendo, la mente que vamos asimilando.

Otro que tuviese alguna sorprendente originalidad distintiva, algún pungente sabor regional, algún incontenible prurito americanizante, no representaría la dirección de nuestros espíritus y el tenor de nuestros hábitos intelectuales, tan genuinamente como este escritor que con sus dones de ampliación y de asimilación, característicos de nuestra general aptitud, ha sabido, por modo tan gallardo y tan persuasivo, disimular nuestra pobreza de invención, nuestra carencia de iniciaciones autóctonas.

Es en su obra donde más altamente se cifran nuestro esfuerzo por llegar, del rápido aprendizaje, a la maestría, nuestra capacidad de reproducir y hasta de agrandar, — ya que no hemos creado, ni lo podríamos, una civilización divergente, peculiar y exclusiva nuestra, — los moldes del mundo moderno. « Mirando hacía el lado del Naciente, dice Rodó, es como hemos de ver alzarse por mucho tiempo todavía la luz que irradiará sobre nuestra organización moral, sobre nuestra vida inteligente ».

Continúa, pues, para América, la antigua espera de los galeones, pero ya convertida a más nobles necesidades.

* * *

En el tupido bosque americano, cada árbol levanta, en pequeño, toda una selva. De su agobiado ramaje cuelga y se desparrama, en exuberancia inútil, la parásita profusión de enredaderas y lianas, musgos y orquídeas, mientras el follaje denso se acopa en domos. A su sombra, entre el sensual boscaje, el cansancio agrava su inercia, el reposo se vuelve sopor. De entre la ahogada calígine, únicamente la palma, solitaria y alta, de talle liso y desnudo, alza su cimera airosa y la abre en haz al viento de los cielos. Parece alzarse por libertarse de la opresora abundancia, nostálgica del desierto, de la purificante soledad nativa... Por el arranque hacia arriba, por la elegancia de su sencillez, por el aislamiento en lo alto y la gracia de la actitud meditativa y dominadora con que atalaya todo el horizonte y se mece, sensible y ligera, a la brisa venida de lejos, la palmera representaría, en nuestra selvática literatura, la alta y serena figura de Rodó...

Desde el comienzo, su actitud fue la de otear el horizonte. Vigía insomne y esperanzado, cuando se le oyó por primera vez en todo el Continente, habló desde la torre de la hermana Ana. Preguntaba por *El que vendrá,* con inquietud presagiosa.

En pocas épocas de la historia, pesó sobre la angustia humana del porvenir, mayor amenaza de desamparo y etserilidad. Hasta en esa América primitiva « virgen que duerme, sobre la arena de la playa », que muchos imaginan preservada aún por un candor de idilio, una generación febril, desencantada tras prematuras iniciaciones, erraba en busca de la palabra que le devolviera, con la fe en sí misma, el amor de obrar. Rodó hubo entonces de repetir, en la remota orilla, la invocación al « axiome, religión, ou prince des hommes », por quien, *Sous l'oeil des Barbares,* clamaba, atormentado y lúcido, el Barrès de entonces.

« Revelador, Revelador, la hora ha llegado... »

La juventud que se levantada, al oír la melopeya de este almuecín, quedó suspensa de su patética espectativa... Y el que debía venir, no ha llegado hasta hoy.

Aquellos jóvenes lo esperaron, sin duba, con una ansiedad que aun nosotros, venidos más tarde, conocimos, en otra forma.

Y debió de aparecerles como el precursor, este *adelantado* que volvía de escuchar y de comprender las más turbadoras revelaciones, y sabía, según la frase de Barrès, de esos «endroits intacts ou veillent mille chefs d'œuvre.» Quizás hubieran preferido, todavía, un cómplice más, que les agravara el delicioso mal de su decadencia; pero vieron sin duda en Rodó, si nó el Maestro que anunciaba él mismo y que a su vez ellos deseaban y no descaban, el hermano mayor libre ya de fiebres aunque estremecido aún, el consultor que sabría acaso, sin desconocer las necesidades de su ambigua y cara sensibilidad, desatar la inerte desesperanza que les tenía paralizados ante la vida ordinaria.

En tanto que se difundía esa especie de espera mesiánica, un milagroso poeta la hacía olvidar. Andaba por el Continente, encantando al són antes inaudito de su cornamusa, a los espíritus juveniles. Pasaba desconcertando a los viejos maestros, y aun a jóvenes decrépitos. La burla de éstos era más senil que la cólera de aquéllos, mas de unos y otros la incomprensión era igual. Aun en el puro ardor y la fe de los admiradores, tal candor de ignorancia había, su anhelo de saber era tan ingenuo y ávido, que acogían cuanto acierto y cuanta incongruencia se daban por signo de la poética nueva. Los mejores la vislumbraban como a la luz de relámpagos lejanos, tenían adivinaciones de niños precoces y viciosos para imaginar encantos no conocidos.

Sin embargo, Darío triunfaba. Mas no obstante la seguridad del triunfo, quería sin duda el poeta que el admirarlo no dispensase de comprenderlo, y aun que se le comprendiese antes de admirarlo. Comenzaba a crisparle el horror del aplebeyamiento de su manera, a manos de los innumerables imitadores, ardorosos y multíparos. Hasta los más remisos, mal manumitidos de otras servidumbres, ingresaban ya a su séquito: y la simiesca cacofonía ahogaba, casi, la música del

Silvano. Nadie había fijado entretanto, la verdad y el alma del iniciador ni las distancias que le separaban de su cohorte. Halló entonces en Rodó, más bien que una sensibilidad gemela o igual concepto ideal del arte, la inteligencia más abierta y mejor preparada, el don del gusto exquisito más reflexivo. Halló el poeta desterrado « de un Versalles doliente » quien le impusiera con ademán regio a la multitud. Poeta y pensador eran espíritus muy disímiles, unidos tan sólo en el puro amor y sutil comprensión de aquel género de belleza hasta entonces no visto en América. Y esa conjunción, feliz como hay pocas en la historia de las literaturas, señala el punto culminante de la nueva era, la más brillante en la cultura literaria de esos países, a menudo mal informados pero inteligentísimos. Gracias a tal conjunción, pasó en un solo estremecimiento, a lo largo de los Andes, el « frisson nouveau » que no había sacudido antes sino a pocos iniciados. Nunca la palabra que comenta y la poesía que sugiere consonaron en música más tenue. Uniéndolas en haz, Darío y Rodó abreviaron, para América y para España, un trabajo de iniciación, asimilación y refinamiento, de quien sabe cuántos lustros, dado lo fragmenrario e intermitente de nuestros aprendizajes directos.

El admirable ensayo, puesto de prólogo a *Prosas Profanas,* salió sin el nombre del autor, por descuido en la corrección de las pruebas. Mas no hubo lector que, recordando el ritmo aéreo, la alta elegancia espiritual de otras páginas de Rodó, vacilase en atribuírselo. ¿Quién sino él? En España, ninguno de los que ya habían elogiado a Darío, ninguno de los escritores conocidos, solía poner en su prosa aquella contenída música palpitante. En América, Ventura García Calderón, que después ha publicado sobre el poeta páginas densas y magnificas igualmente armonisosas, era entonces un desconocido, adolescente apenas.— Aquel saber tan airoso y seguro, aquella sensibilidad de « paysage choisi que vont charmant masques et bergamasques » como en Verlaine, aquella persuasión insinuante y pura, no podían ser sino de Rodó.

El poeta de *Prosas Profanas* está ahí entero. Darío se mostró más tarde algo olvidadizo, al decir, como en són de queja o quizá vago reproche, aludiendo a su *impasibilidad* de

entonces: « se creyó mármol y era carne viva.» Si Rodó no descubrió o, más bien, si no insistió en desentrañar del mármol aquella alma que había de mostrarse luego « sentimental, sensible, sensitiva », fue porque tal alma, si en verdad alentaba ahí secreta e inasible, si en algún ritmo suspiroso pasaba furtiva y leda, también es cierto que más bien rehuía, antes que reclamaba para sí, la atención curiosa, a no ser que el ademán mismo de esquivarse pudibunda y exquisita, hubiese sido encubierta invitación a perseguirla.— Prisionera encantada entre estatuas puras y joyas raras, mostraba los tesoros del recinto, y no sus penas cautivas ni su angustia bajo el encanto. Acaso habría huído más bien de quien hubiese intentado despertarla y traerla a la realidad. Después el poeta avanzó hacia la vida mortal y cantó con alta melancolía. Pero en aquel libro egregio no fue sino el « poeta exquisito », y por lo mismo solitario y egoísta, admirablemente glosado por Rodó.

Delicioso diletantismo el de Rodó en poesía. Pero detrás del crítico ondulante se le adivinaba, madurando ya más serias predilecciones, al pensador que quería recordar a los hombres, por ensima de las innumerables bellezas del arte, la esencial belleza de ser hombre. Su precoz y dulce gravedad no era sinó el sentimiento de esta vocación de apóstol delicado e intimo. El, que parecía no haber conocido de la juventud sino la ansiedad de la espera y esa sed de ideal que sobrepasa todos los credos, conoció también el entusiasmo purificador, y vino, con todas las gracias del arte, a decirnos su evangelio platónico y renaniano, helénico y cristiano.

Cuando Próspero, pues, invocando a Ariel, dirigió a una juventud pensativa su exhortación al ideal, toda América reconoció que un gran guía espiritual había surgido para el continente.— Aquel libro pequeñito, que irradia una helénica gracia de serenidad, fue su obra maestra.

Cundió como el anuncio de la « vida nueva » por la que clamara él mismo en su crisis de juventud. Desataba allí, en plenitud y armonía, las fuerzas que un momentáneo barresismo había mantenido en impaciente inhibición. El don de persuación, la fuerza cordial del llamamiento eran tales, que nadie reparó entonces en lo inadecuado y talvez nocivo para

América de esa enseñanza tan sana. De no sentirse en su acento la imposibilidad de ironía que caracterizó su dulce y austera generosidad, habría hecho sonreír el peligro de predicar el desinterés en casa de pródigos, la devoción del ideal a raza de Quijotes, el culto del héroe en la tierra de promisión de los caudillos, el dulce *otium* clásico a gente de molicie y ociosidad proverbiales, el cultivo de la vida interior a indoles refractarias a la acción, la moral de lo bello, en una época que reñnaba la estética del mal, la universalidad en el país de la improvisación.

Tal evangelio era más bien para predicado en los Estados Unidos, cuyo sentido de la vida analizaba ahí mismo, en páginas de maravillosa sagacidad, dándonos su progreso como el modelo de perfección que, precisamente, no debíamos imitar.

Mas, la inoportunidad no era sino aparente. Y el peligro no estaba sino en no comprender bien. Rodó fijaba, con exquisita precisión y sentido de matices, la parte de la acción y la del ensueño, o más bien el ennoblecimiento de la realidad cuotidiana por la compenetración con el espíritu tutelar e intimo de um ideal, y por el cuidado del perfeccionamiento interior. Celebrada la belleza del bien desinteresado, por encima de aquella *aritméitca moral* que Franklin aconsejaba.

Aunque hubiese sido inactual o superabundante el predicarnos el idealismo, no por eso era menos bella ni menos persuasiva su exhortación. Su verdad estaba en su belleza. Propagóse con el encanto de una religión para hombres buenos y exquisitos.

Todo el mundo, desde entonces, llamóle maestro. Y así comenzó, con el éxito ante la primera prueba de su vocación, la fatalidad de una « misión ».

Con los años y la ciencia de las almas, que él ha profundizado a través de todas sus lecturas; estimulado, además, por la autoridad que se le ha reconocido, este don de persuadir que es su aptitud capital, se convierte en necesidad de guiar, de preservar, de restablecer el orden la belleza en los espíritus desquisiados. Tal fue siempre el lado cordial, la impulsión decisiva de su obra. Es ahora la fuerza viva de perseverancia, su vocación ya irrevocable. Esta se ha exaltado a ideal re-

dentor, casi en forma de piedad. Si los « intereses del alma » fueron siempre su más alta preocupación, quiere ahora servirlos de más cerca, más concretamente, en la conciencia de cada uno. Ve las probabilidades sin número que esperan el llamamiento eficaz, en el alma más devastada. Contempla la infinita virtualidad de la vida, no con el vértigo, la tristeza y la perplejidad de un Amiel, sino con una voluntad operante y lúcida. Su fin es el de suscitar esas resurreciones de tantos vivos como yacen sepultados en su propia inconsciencia. Por su amor de la vida y su orgullo de hombre, quiere compartir con el tiempo y las leyes universales la dirección de nuestros cambios de alma.

Y con una potente abundancia, con una obstinación inventiva de misionero, renueva infatigablemente, — y tales son sus *Motivos de Proteo,* — todas las razones de esperar, cambiantes como nosotros y con nosotros. Inclinase sobre todos los enfermos de la voluntad, sostiene las vocaciones vacilantes, hace brotar nuevas fuentes de esperanza alli donde el total desaliento ha secado las antiguas. Cree salvar riquezas ignoradas aún en los más pobres de espíritu. Ejerce en verdad cura de almas.

Condescendencia generosa pero excesiva. « A veces, nos dice García Calderón, a veces nos importuna que Próspero, para consolarnos, vulgarice los consejos de higiene sentimental que aprendimos en los manuales anglicanos de Smiles » (2). No nos obliga jamás a esa « gimnasia emersoniana que nos hace « ir de cumbre en cumbre » con « una alma toda erecta como de infinitas puntas para el rayo ». Eso asustaria talvez a los que vienen en busca de confianza en sí. Rodó prefiere emplear, inagotablemente, la persuación, lenta y discursiva.

Dado el fin que se ha propuesto, imposible, en verdad, alcanzarlo con arte más gallardo. La confianza optimista en la razón es poco propicia al lirismo que preferimos. Es tan fácil

---

(2) Una nota suscrita por los dos colaboradores de la *Literatura Uruguaya* advierte que las opiniones sobre Rodó que allí se exponen pertenecen al Sr. García Calderón. El Sr. Barbagelata ha enunciado las suyas en otras partes.

commovernos, con las patéticas voces de la duda y la ansiedad del alma, que tanto eco, despiertan en cada cual! Era menester un potente artista para hacer resplandecer de belleza estas esperanzas deslustradas por las familiaridades del sentido común panglosiano. Lo ha logrado Rodó, maravillosamente.

Mas, cuando se piensa en tanta región inexplorada de la vida y la historia de América, que pudieron dar a su pluma la ocasión de pintar frescos tan impresionantes como aquellos en que se destacan las singulares figuras que hizo él mismo revivir poderosamente, de Bolivar y de Montalvo, contrista en verdad ver a tan alta inteligencia y a tan prestigiosa fuerza de composición, empeñadas en probar, largamente, cosas de evidencia immediata.

Olvidando la aérea, la exquisita levedad de *Ariel,* todo el mundo ha creído en esta última obra como en su obra-maestra. Tan grande ánimo eleva, vivifica estas páginas densas. Con ellas nos hace pensar en la alteza de alma de um Marco-Aurelio, más bien que en las lecciones de honesto *savoir-vivre* de un Lord Chesterfield que hubiese sabido escribir en tan grande estilo. El magnánimo aliento que encumbra su propósito educador, bastaría a redimirlo del vago tedío que se desprende de ciertas obras, de cordura excesiva, escritas explícitamente para guiarnos, aconsejarnos y precavernos, si allí no estuviera a recordarnos la presencia de un gran artista, aquella ordenada opulencia, aquel prolijo fausto con que se vierten en cada página las mayores riquezas de la lengua, mil puras imágenes de poesía plástica y sonora, todos los alardes de quien posee, en supremo grado, un sabio don de estilo; y si los pasos más singulares de biografias ilustres, y las más bellas figuraciones de la fábula no dieran forma viviente o representación insigne a todas sus ideas. Y así como Rodó transforma en amplias visiones poéticas las consideraciones de un simple educador, así sus apólogos de moralista sobrepasan en alcance y en belleza aquellos que Franklin, por ejemplo, usaba con familiar bonhomía.

« Por estos cortos relatos, — dice V. García Calderón, en ese estudio que sería necesario citar a cada paso, por lo bien que ha definido todos los aspectos del pensamiento del ma-

estro, — Rodó merece ser considerado como uno de nuestros mejores novelistas.» Puede asimismo considerársele como un poeta de las ideas, en el sentido y manera como impregnó su obra de la harmonía de su alma.

* * *

La muerte ha abatido brutalmente a este pensador que apartó siempre su sombra de delante el alma. Ha muerto casi de súbito, cuando se preparaba a venir acá. Quería conocer de cerca esta dulce Francia que él había amado, siempre, y sobre todo ahora.

La muerte ha venido a sorprenderle, apenas dimidiada la meseta de la vida, antes del descanso, y en el fervor de una nueva vida.— Pues su viaje era doble: para los ojos y para el alma. Este gran cuerdo, que aconsejó alguna vez las necesarias ingratitudes del Hijo Pródigo, para preparar los retornos profundos, habría sabido sacar, de esta peregrinación, emocionantes lecciones para su espíritu, que él quería renovar errando por el mundo antiguo, *padre y maestro*.

La plenitud de la fuerza, de la gloria, de la cordura, le esperaba con todas las coronas. Y habría sabido envejecer con belleza, él, que durante su juventud pensativa y grave, no quiso ser joven de veras. Este hombre sin melancolía ni condescendencia para con las voluptuosidades, no conoció sino tarde, quiz á demasiado tarde, el sufrimiento de los sueños mutilados, de las pasiones malgastadas, de las ambiciones aridecidas. La política no aceptó por entero al hombre de realización serena que en él vivía de acuerdo con el soñador sagaz. Apartóse él suavemente, quizá con desdén compasivo, de la lucha contra las fuerzas inferiores que rigen el mundo de la acción. No tardó en recuperar, con la soledad, la limpidez de sus mejores días.

Trabajó siempre en calma, largamente, con devoción y más que todo por probidad, ignorando la mayor parte de sus conquistas espirituales, sin correr nunca tras el éxito, no coger de él otra cosa que el honor, con puras manos consagradas a abolida caballería. La vida, tan pura, de este solitario amigo de las muchedumbres, es también una enseñanza. Condenado,

por su propia alteza, aún en medio de sus discípulos, a una de las más vastas soledades de espíritu, no se quejó jamás. Y talvez no amó su gloria; de entre sus admiradores más sinceros, sus íntimas predilecciones iban a *los que callan*.

... Nunca, en América, se apagará el eco de la voz de Próspero despidiéndose de sus amigos. Cada generación la escuchará de nuevo; suavemente seria y pensativa, se avanzará hacia la vida terrible, sintiéndose mejor después de haberla oído (3).

GONZALO ZALDUMBIDE.

Paris, Junio de 1917.

---

(3) Rodó deja algunos continuadores de su impulso idealista. Entre ellos, el más fuerte y el más brilhante es, sin duda ninguna, Francisco García Calderón. Rodó puso en él la esperanza de ver crecer y triunfar en América el tipo de escritor que más convenía a nuestro provenir intelectual. En sus libros más notables, *Les Democraties latines d'Amerique* y *La creación de un Continente*, Francisco García Calderón ha desarrollado, dándoles un giro filosófico y cientifico, las razones de este idealismo esencial, cuja generosidad lúcida y ativa, fértil en direciones civilizadoras, es, en suma, para nosotros, la fuerza más constante y realizadora. Habiendo principiado, en *De Litteris*, con una especie de prolongación de *Ariel*, ha dado, en sus últimos libros, la más alta sintesis de nuestra vida moral y política. Nuestras vastas y turbulentas democracias, han tomado en esas obras magistrales, clara conciencia de si mismas y de sus destinos. La autoridad que desde temprano se ha reconocido a este joven maestro, le señala ahora, naturalmente, como el verdadero continuador y sucessor de Rodó.

MACHADO DE ASSIS

(MAXIMAS, PENSAMENTOS E OBSERVAÇÕES EXTRAHIDAS DE SUAS OBRAS)

A minha admiração pela obra litteraria de Machado de Assis vem de ha longos annos, desde os tempos — talvez os mais felizes de minha vida — em que estive na encantadora cidade do Recife, fazendo o meu curso na sua velha Faculdade de Direito. D'ahi para cá, o grande mestre foi melhorando sempre e cada vez mais, até chegar á perfeição lapidar attingida nos seus ultimos annos de vida. Tudo nelle era admiravel — estylo, *humour*, philosophia, conhecimentos dos homens e das coisas, observação e descripção dos factos... O seu *humour*... o seu estylo... « Pela excelencia das paginas que escreveu, disse Afranio Peixoto, é um humorista como os maiores que têm existido; pela perfeição do estylo e a pureza de linguagem como o fez, um artista que não possuiamos e ainda não temos outro; pela abundancia de soffrimento e de genio, capaz só elle de encher uma anthologia, que se não deslustrará no confronto com as peregrinas ». Alliando a todos esses predicados uma grande modestia e uma inexgotavel bondade, — *os que só conhecerem o escriptor, não adivinharão o homem*, são palavras de Mario de Alencar, —

uma e outra tão illimitadas que não pareciam humanas, era natural, mesmo muito natural, que elle fosse querido, admirado e adorado por todos os seus confrades, aos quaes, pelo seu extraordinario valôr e enorme superioridade, não causava inveja, arrastando, igualmente, atraz de seu nome, em um côro de sincera admiração, todos os que tinham o encanto de lêr as suas inimitaveis producções. D'ahi a excepcional posição que, não obstante o seu natural retrahimento, sempre gozou e que nunca lhe foi disputada, de — chefe da litteratura nacional. Elle foi, na verdade, *o mais completo homem de lettras, que tivemos; não só o principal escriptor brasileiro, mas portuguez tambem.*

Não posso precisar o numero de vezes que tenho lido a obra do immortal autor das assombrosas *Memorias Posthumas de Braz Cubas* e do encantador *Memorial de Ayres;* talvez vinte... talvez trinta... Nessas leituras, seguindo um velho costume, fui *notando* as *maximas*, os *pensamentos* e as *observações*, que maior impressão produziram em meu espirito, para mais tarde, nos momentos de tristeza e melancholia, meditar vagarosamente sobre a philosophia, o *humour* e a verdade contidas e encerradas em cada uma d'ellas.

Não sendo egoista, não querendo, sómente para mim, o gôzo intellectual de tão finas joias, resolvi reunir algumas das que me pareceram mais encantadoras, adoraveis e interessantes, offerecendo-as aos leitores da *Revista Americana*, os quaes, na sua qualidade de homens cultos, não deixarão, certamente, de agradecer-me o ineffavel prazer que vão ter com a sua leitura.

* * *

MEMORIAL DE AYRES:

1. A vida, mórmente nos velhos, é um officio cansativo (pag. 23).

2. Ha velhas que não sabem fazer-se entender de moças, assim como ha moças fechadas ás velhas (pag. 29).

3. Nada ha peor que gente vadia, — ou aposentada, que é a mesma cousa; o tempo cresce e sobra, e se a pessôa péga a escrever, não ha papel que baste (pag. 37).

LIVRARIA EDITORA

Estabelecimento modelar
de livros novos de sciencias, artes, industria,
commercio, etc.

Secção completa de todas
as publicações periodicas, inclusive jornaes
de modas e trabalhos femininos

Leite Ribeiro & Maurillo

CORRESPONDENTES NA EUROPA
E NAS DUAS AMERICAS

Aceitam-se assignaturas da REVISTA AMERICANA

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

JUNTO Á AVENIDA RIO BRANCO

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio 889 | Codigo Telegraphico A. B. C., 5ª edição | End. Telegraphico ETIEL

TELEPHONE CENTRAL 250

Revista Americana

Sciencias, Artes, Letras, Politica, Philosophia, Historia, Religiões

Director: ARAUJO JORGE

A maior publicação internacional com circulação em todo o Continente

PUBLICAÇÃO MENSAL

Distribuição gratuita em todos os estabelecimentos de ensino europeus e americanos, cafés, hoteis, restaurantes, barbearias, gabinetes de leituras, transatlanticos, ingleses, franceses, alemães, italianos, etc

COLLABORAÇÃO

de todos os homens de letras e publicistas mais notaveis da America

ASSIGNATURAS

RIO DE JANEIRO . .	um anno	15$000
ESTADOS DO BRASIL.	um anno	20$000
ESTRANGEIRO	um anno	1 £

Numero avulso . . . . . 2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

3, Rua Santo Antonio, 3 — Livraria Editora

RIO DE JANEIRO — BRASIL

4. Tudo são modas neste mundo, excepto as estrellas (pag. 44).

5. Não ha nada mais tenaz que um bom odio (pag. 47).

6. Não se perde nada em parecer mau; ganha-se quasi tanto como em sel-o (pag. 53).

7. Tambem ha ventanias de felicidades, que levam tudo adeante de si (pag. 90).

8. Só se faz bem o que se faz com amôr (pag. 91).

9. Nem tudo se perde nos bancos; o mesmo dinheiro, quando alguma vez se perde, muda apenas de dono (pag. 102).

10. Não gósto de lagrimas, ainda em olhos de mulheres, sejam ou não bonitas; são confissões de fraqueza, e eu nasci com tedio aos fracos. Ao cabo, as mulheres são menos fracas que os homens, — ou mais pacientes, mas capazes de soffrer a dôr e a adversidade (pag. 118).

11. A vida é mesmo assim, uma repetição de actos e meneios, como nas recepções, comidas, visitas e outros folgares; nos trabalhos é a mesma cousa. Os successos, por mais que o acaso os teça e devolva, saem muita vez iguaes no tempo e nas circumstancias; assim a historia, assim o resto (pag. 152).

12. A Egreja andou bem marcando um dia para os que se foram. No tumulto da vida e suas seducções, fique um dia para elles (pag. 178).

13. A maledicencia não é tão mau costume como parece. Um espirito vadio ou vasio, ou ambas estas cousas acha nella util emprego. E depois, a intenção de mostrar que outros não prestam para nada, se sempre é fundada, muita vez o é, e basta que o seja alguma vez para justificar as outras (pagina 181).

14. As theses escolares dedicam-se a paes, a parentes, a amigos; o amor é these para uma só pessôa (pag. 193).

15. Não ha como um grande segredo para ser divulgado depressa (pag. 220).

16. Eu gosto de vêr impressas as noticias particulares, é bom uso, faz da vida de cada um occupação de todos. Já as tenho visto assim, e não só impressas, mas até gravadas. Tempo ha de vir em que a photographia entrará no quarto

dos moribundos para lhes fixar os ultimos instantes; e se occorrer maior intimidade entrará tambem (pag. 230).

17. Nada ha como a paixão do amôr para fazer original o que é commum, e novo o que morre de velho (pag. 239).

Esaú e Jacob:

18. Quando a sorte ri, toda a natureza ri tambem, e o coração ri como tudo o mais (pag. 10).

19. O amor, que é a primeira das artes da paz, póde-se dizer que é um duello, não de morte, mas de vida (pag. 50).

20. As ideias querem-se festejadas, quando são bellas, e examinadas, quando novas (pag. 53).

21. A proposito de chocalhos, dizia que esses instrumentos não deixam memoria de si; alguem que os veja em mãos de creanças, se parecer que lembram os seus, cahe logo no engano, e adverte que a recordação ha de ser mais recente, alguma arenga do anno passado, se não foi a vacca de leite da vespera (pag. 58).

22. O tempo é um tecido invisivel em que se póde bordar tudo, uma flôr, um passaro, uma dama, um castello, um tumulo. Tambem se póde bordar nada. Nada em cima de invisivel é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro (pagina 72).

23. Nem sempre os filhos reproduzem os paes. Camões affirmou que de certo pae só se podia esperar tal filho, e a sciencia confirma esta regra poetica. Pela minha parte creio na sciencia como na poesia, mas ha excepções, amigo. Succede, ás vezes, que a natureza faz outra cousa, e nem por isso as plantas deixam de crescer e as estrellas de luzir. O que se deve crêr sem erro é que Deus é Deus; e, se alguma rapariga arabe me estiver lendo, ponha-lhe Allah. Todas as linguas vão dar ao ceu (pag. 90).

24. Ha phrases assim felizes. Nascem modestamente, como a gente pobre; quando menos pensam, estão governando o mundo, á semelhança das ideias. As proprias ideias nem sempre conservam o nome do pae; muitas apparecem orphãs, nascidas do nada e de ninguem. Cada um péga d'ellas, verte-as

como póde, e vae leval-as á feira, onde todos as teem por suas (pag. 114).

25. Quem é que esquece os discursos que faz? Se não bons, a memoria os grava em bronze; se ruins, deixam tal ou qual amargor que dura muito. O melhor dos remedios, no segundo caso, é suppôl-os excellentes, e, se a rasão não acceita esta imaginação, consultar pessôas que a acceitem, e crêr nellas. A opinião é um velho oleo incorruptivel (pag. 129).

26. Ha virtudes feitas de acanho e timidez, e nem por isso menos lucrativas, moralmente fallando. Não valem só stoicos e martyres. Virtudes meninas tambem são virtudes (pag. 145).

27. Como é que se matam saudades, não é cousa que se explique de um modo claro. Elle não ha ferro nem fogo, corda nem veneno, e todavia as saudades expiram, para a resurreição, alguma vez antes do terceiro dia. Ha quem creia que, ainda mortas, são doces, mais que doces (pag. 182).

28. Não ha mal que não traga um pouco de bem, e por isso é que o mal é util, muita vez indispensavel, alguma vez delicioso (pags. 184-185).

29. Não só de fé vive o homem, mas tambem de pão e seus compostos e similares (pag. 251).

30. Nenhum obsequio, por infimo que seja, esquece ao beneficiado. Ha excepções. Tambem ha casos em que a memoria dos obsequios afflige, persegue e morde, como os mosquitos; mas não é regra. A regra é guardal-os na memoria, como as joias nos seus escrinios; comparação justa, porque o obsequio é muita vez alguma joia, que o obsequiado esqueceu de restituir (pag. 238).

31. Não é a occasião que faz o ladrão: o proverbio está errado. A fórma exacta deve ser esta: «A occasião faz o furto; o ladrão nasce feito» (pag. 236).

32. Ha muito remedio contra a insomnia. O mais vulgar é contar de um até mil, dous mil, tres mil ou mais, se a insomnia não ceder logo. E' remedio que ainda não fez dormir ninguem, ao que parece, mas não importa. Até agora, todas as applicações efficazes contra a tisica vão de par com a noção de que a tisica é incuravel. Convem que os homens

affirmem o que não sabem, e, por officio, o contrario do que sabem; assim se fórma esta outra incuravel, a Esperança (pag. 254).

33. Este mundo é dos namorados. Tudo se póde dispensar nelle; dia virá em que se dispensem até os governos, a anarchia se organizará de si mesma, como nos primeiros dias do paraiso. Quanto á comida, virá de Boston ou de Nova-York um processo para que a gente se nutra com a simples respiração do ar. Os namorados é que serão perpetuos (pagina 291).

34. Os tumulos não são discretos. Se não dizem nada, é por que diriam sempre a mesma historia; d'ahi a fama de discrição. Não é virtude, é falta de novidade (pag. 354).

35. O imprevisto é uma especie de deus avulso, ao qual é preciso dar algumas acções de graças; póde ter voto decisivo na assembléa dos acontecimentos (pag. 343).

Quincas Borba:

36. O homem só commemora e ama o que lhe é aprazivel ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessôa canonisa uma acção que virtualmente a destróe. Ao vencido, odio ou compaixão; ao vencedor, batatas (pagina 12).

37. O maior peccado, depois do peccado, é a publicação do peccado (pag. 51).

38. Principios não morrem: os partidos que o esquecem expiram no lodo e na ignominia (pag. 138).

39. Não ha serenidade moral que corte uma polegada sequer ás abas do tempo, quando a pessôa não tem maneira de o fazer mais curto (pag. 161).

40. Necessidade afflige, mas não envergonha (pag. 162).

41. Emquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monotono, tudo rindo cançativo; mas uma bôa distribuição de lagrimas e polkas, soluços e sarabandas, acaba por trazer á alma do mundo a variedade necessaria, e faz-se o equilibrio da vida (pag. 74).

42. Quem conhece o sólo e o subsólo da vida, sabe muito bem que um trecho de muro, um banco, um tapete, um guarda-chuva, são ricos de idéas ou de sentimentos, quando nós tambem o somos, e que as reflexões de parceria entre os homens e as cousas compõem um dos mais interessantes phenomenos da terra. A expressão: « Conversar com os seus botões », parecendo simples metaphora, é phrase de sentido real e directo. Os botões operam synchronicamente comnosco; formam uma especie de senado, commodo e barato, que vota sempre as nossas moções (pag. 267).

43. As dores guardadas no coração doem mais que as outras. Lagrimas são bôas, porque a pessôa desabafa (pagina 283).

44. Ha uma escala de resentimento e de reprovação. Não é só nas acções que a consciencia passa gradualmente da novidade ao costume, e do temor á indifferença. Os simples peccados de pensamento são sujeitos a essa mesma alteração, e o uso de cuidar nas cousas affeiçôa tanto a ellas, — que, afinal, o espirito não as extranha, nem as repelle. E nestes casos ha sempre um refugio moral na isenção exterior, que é, por outros termos mais explicativos, o corpo sem mácula (pag. 301).

Dom Casmurro:

45. Ha cousas que só se aprendem tarde; é mister nascer com ellas para fazel-as cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde (pag. 44).

46. A alma da gente é uma casa assim disposta, não raro com janellas para todos os lados, muita luz e ar puro. Tambem as ha fechadas e escuras, sem janellas, ou com poucas e gradeadas, á semelhança de conventos e prisões. Outrosim, capellas e bazares, simples alpendres ou paços sumptuosos (pag. 170).

47. Não só as bellas acções são bellas em qualquer occasião, como são tambem possiveis e provaveis, pela theoria que tenho dos peccados e das virtudes, não menos simples que clara. Reduz-se a isto que cada pessôa nasce com certo numero delles e dellas, alliados por matrimonio para se compensarem

na vida. Quando um de taes conjuges é mais forte que o outro, elle só guia o individuo, sem que este, por não haver praticado tal virtude ou commettido tal peccado, se possa dizer isento de um ou de outro; mas a regra é dar-se a pratica simultanea dos dois, com vantagem do portador de ambos, e alguma vez com resplendor maior da terra e do ceu (paginas 203 e 204).

48. Faltar ao compromisso é sempre infidelidade, mas a alguem que tenha mais temor a Deus que aos homens não lhe importará mentir, uma vez ou outra, desde que não mette a alma no purgatorio. Não confundam purgatorio com inferno, que é o eterno naufragio. Purgatorio é uma casa de penhores, que empresta sobre todas as virtudes, a juro alto e prazo curto. Mas os prazos renovam-se, até que um dia uma ou duas virtudes medianas pagam todos os peccados grandes e pequenos (pag. 322).

49. A vida é tão bella que a mesma ideia da morte precisa de vir primeiro a ella, antes de se vêr cumprida (pagina 363).

Yayá Garcia:

50. A vida não é uma egloga virgiliana, é uma convenção natural, que se não acceita com restricções, nem se infringe sem piedade (pag. 68).

51. A lei do coração é anterior e superior ás outras leis (pag. 69).

52. A vida conjugal é tão sómente uma chronica; basta-lhe fidelidade e algum estylo (pag. 97).

53. Não ha nada eterno neste mundo; nada, nada. As mais profundas paixões morrem com o tempo (pag. 306).

Paginas Recolhidas:

54. Todos os cemiterios si parecem (pag. 178).

Outras Reliquias:

55. O coração não é só berço e tumulo, é tambem hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como,

convalece do mal, sacode a paralizia e dá um salto em pé (pag. 79).

RESURREIÇÃO:

56. O amôr é a lei da vida, a razão unica da existencia (pag. 175).

57. O homem não se esconde de si mesmo, e o maior infortunio dos corações pusilanimes é sentirem que o são (pag. 235).

BRAZ CUBAS:

58. Creiam-me, o menos máu é recordar; ninguem se fie da felicidade presente; ha nella uma gotta da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se póde gozar deveras, porque entre uma e outra d'essas duas illusões, melhor é a que se gosta sem doer (paginas 14 e 15).

59. O nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão (pag. 39).

60. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida tambem, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes (pag. 91).

61. Os homens valem por differentes modos, e o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens (pagina 93).

62. As botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque, fazendo doer os pés, dão aso ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e ahi tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro (pag. 112).

63. A vida é o mais engenhoso dos phenomenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a occasião de comer, e não inventou os callos, senão porque elles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas (pag. 113).

64. O labio do homem não é como a pata do cavallo de Attila, que esterilisava o sólo em que batia; é justamente o contrario (pag. 128).

65. Invenções ha, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relogio é definitivo e perpetuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, ha de ter um relogio na algibeira, para saber a hora exacta em que morre (pag. 155).

66. A velhice ridicula é, porventura, a mais triste e derradeira surpreza da natureza humana (pag. 222).

67. Quem escapa a um perigo ama a vida com outra intensidade (pag. 230).

68. Vulgar coisa é ir considerar no ermo. O voluptuoso, o exquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheiado, inaccessivel, ausente. O mais que pódem dizer, quando elle torna a si, — isto é, quando torna aos outros, — é que baixa do mundo da lua; mas o mundo da lua, esse desvão luminoso e recatado do cerebro, que outra coisa é senão a affirmação desdenhosa da nossa liberdade espiritual? (pag. 262).

69. O tempo calleja a sensibilidade, e oblitera a memoria das coisas (pag. 289).

70. Supporta-se com paciencia a colica do proximo (pagina 304).

71. Matamos o tempo; o tempo nos enterra (pag. 304).

72. Um cocheiro philosopho costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem (pag. 304).

73. Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros (pagina 305).

74. Não te irrites se te pagarem mal um beneficio: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar (pag. 305).

75. Não se comprehende que um botucudo fure o beiço para enfeital-o com um pedaço de páu. Esta reflexão é de um joalheiro (pag. 305).

76. A avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit (pag. 314).

77. Que ha entre a vida e a morte? Uma curta ponte (pagina 316).

78. Amavel Fórmalidade, tu és o bordão da vida, o balsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o vinculo da terra e do ceu; tu enxugas as lagrimas de um pae, tu captas a indulgencia de um Propheta. Se a dôr adormece, e a consciencia se accommoda, a quem senão a ti, devem esse immenso beneficio? A estima que passa de chapéu na cabeça não diz nada á alma; mas a indifferença que corteja deixa-lhe uma deleitosa impressão. A razão é que, ao contrario de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata; a letra dá vida; o espirito é que é objecto de controversia, de duvida, de interpretação, e conseguintemente de luta e de morte (pagina 322).

79. A indiscripção das mulheres é uma burla inventada pelos homens; em amôr, pelo menos, ellas são um verdadeiro sepulchro. Perdem-se muita vez por desastradas, por inquietas, por não saberem resistir aos gestos, aos olhares; e é por isso que uma grande dama e fino espirito, a rainha de Navarra, empregou algures esta metaphora para dizer que toda a aventura amorosa vinha a descobrir-se por força, mais tarde ou mais cedo: « Não ha cachorrinho tão adestrado, que alfim lhe não ouçamos o latir » (pags. 327 e 328).

80. Trata de saborear a vida; e fica sabendo que a peor philosophia é a do choramingas que se deita á margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das aguas. O officio d'ellas é não parar nunca; accommoda-te com a lei, e trata de aproveital-a (pags. 336 e 337).

81. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal (pág. 345).

82. A persistencia do beneficio na memoria de quem o exerce explica-se pela natureza mesma do beneficio e seus effeitos. Primeiramente, ha o sentimento de uma bôa acção, e deductivamente a consciencia de que somos capazes de bôas acções; em segundo lugar, recebe-se uma convicção de superioridade sobre outra creatura, superioridade no estado e nos meios; e esta é uma das cousas mais legitimamente agradaveis, segundo as melhores opiniões, ao organismo humano.

Erasmo, que no seu *Elogio da Sandice* escreveu algumas cousas bôas, chamou a attenção para a complacencia com que dois burros se coçam um ao outro. Estou longe de rejeitar essa observação de Erasmo; mas direi o que elle não disse, a saber, que se um dos burros coçar melhor o outro, esse ha de ter nos olhos algum indicio especial de satisfação. Porque é que uma mulher bonita olha muitas vezes para o espelho, senão porque se acha bonita, e porque isso lhe dá certa superioridade sobre uma multidão de outras mulheres menos bonitas ou absolutamente feias? A consciencia é a mesma cousa; remira-se a miudo, quando se acha bella. Nem o remorso é outra cousa mais do que o trejeito de uma consciencia que se vê hedionda. Não esqueçais que, sendo tudo uma simples irradiação de Humanitas, o beneficio e seus effeitos são phenomenos perfeitamente admiraveis (pags. 361 e 362).

S. Paulo, 24 de Fevereiro de 1918.

AFFONSO DIONYSIO GAMA.

DESPROPOSITOS EM TORNO DE UM LIVRO (*)

O homem é uma cousa multipla, sem duvida infinita. Dentro da physionomia facticia, a personagem dramatica, mais ou menos coherente, que a scena fixa em um papel variavelmente arbitrario, acotovela-se um sem-numero de creaturas possiveis.

E o homem, que passa acreditado em uma physionomia definida, é no fundo uma estupenda virtualidade, especie de Briareu forçado a contrahir umas centenas de braços, extendendo apenas o necessario ao instrumento, que lhe coube em sorte.

Carrière chamou-o um *repoussé*. Em verdade o é, quando novos estimulos, intimos ou exteriores, enchem de febre e inquietação um braço ainda adormecido, que então se desprega da massa em somno e ergue-se. Mas porque nem sempre, nem tão de prompto os braços se libertam, o homem crescendo como um *repoussé,* na realidade vive e soffre como um *enchainé*.

E' este talvez o espectaculo mais attrahente da paysagem psychologica. Olha a multidão dos *homens* frustes, individuos em potencia, submergidos no homem apparente e forçosamente facticio. Alguns de continuo rebellados são como um protesto surdo, um fundo turvo a subir de quando em quando,

(*) *Rondonia,* de E. Roquette Pinto.

enchendo de contradicções e confusões a physionomia official. Outros, dentro da apparencia prosaica de trabalhador ordinario, derivam resignados, sem gestos e sem palavras — sonhadores fallidos — passivamente na onda luminosa que passa na intimidade.

Sempre o mesmo espectaculo em variantes e combinações infinitas — a multidão dos *homens* que morrem dentro do homem.

Tal contingencia psychologica desde muito suggeriu a mim uma attitude singular de estudar e amar os individuos. Na multiplicidade do ser espiritual onde se combatem, coordenam, reforçam-se, annulam-se, superpoem-se tantas qualidades, tendencias, vocações, a mim nem sempre impressionam aquellas forças que vencem e apparecem.

Em outros termos, mais do que pelas qualidades patentes, ás vezes sinto-me attrahido por certas inclinações latentes, forças em potencia adormecidas no fundo, os *homens* frustes que não puderam acordar.

O subtil Remy de Gourmont poude exprimir as dimensões virtuaes de Jean de Moreas, esforço de synthese de um poeta francez e atheniense, dizendo que elle era o precursor de um grande poeta, que nunca chegará.

Pois bem, eu amaria em Moreas precisamente as inquietações, os indicios, as proprias insufficiencias, por onde fosse possivel luzirem algumas resteas da grande alma prenunciada.

E' porventura uma fraqueza ou um modo de piedade mystica. Mas pode tambem ser um profundo sentimento de justiça. Se ao criterio utilitario mais franca estima e admiração merecem as qualidades que no homem se ordenaram, impondo seu traço, licito é admittir que innumeras ficaram submersas, não por mais fracas nem menos bellas.

Como em todo o universo, procuremos ahi a cegueira das contingencias. Em nenhuma esphera das cousas é possivel descobrir a justiça toesando os meritos, conduzindo os acontecimentos, como *devera ser*. As circumstancias descadeiam-se e vão creando os possiveis, os impossiveis, os necessarios, levantando aqui, deprimindo adeante, favore-

cendo, contrariando, mas sem clarividencia, sem intenção, como a ventania. Isso no ceu, na terra e na alma humana.

Por isso nos homens que me podem interessar não procuro apenas aquillo por que são de ordinario admirados, embora não feche os olhos, antes os tenha attentos, deante do merito em especial reconhecido. Cultivo algum carinho para as manifestações accidentaes, até para os mais vagos indicios de certas vocações que não quizeram despertar ou foram constrangidas a dormir.

* * *

Eu exercitava este modo de olhar ao reler a *Rondonia* de Roquette-Pinto.

A primeira leitura do valioso livro scientifico, fosse ella riminuciosa e rebuscada em cada periodo, em cada phrase, não bastaria ainda para annotar, estimar com justa medida o conteudo do livro. São contribuições á anthropologia, á ethnographia, á geographia, á medicina, factos e noções, dados de observação pessoal, recursos de erudição, a rica materia que faz do livro de Roquette-Pinto uma vultuosidade um pouco insolente no mattagal desseivado da bibliographia indigena.

Aos especialistas da anthropologia e ethnographia, principalmente, cabe apreciar a intenção e as qualidades primaciaes da obra. Nesses estudos sobre os indios da tribu *Parecis* e os diversos grupos da tribu *Nhambiquara*, os habitantes da Serra do Norte, no Matto Grosso, que « representam, talvez, neste momento, a mais interessante população selvagem do mundo » — encontra-se sem duvida um dos mais completos trabalhos, no genero, publicados modernamente. E este valor é por varios aspectos justificado, — pelo esforço necessario á grande riqueza da documentação, pela excellencia do methodo e aproveitamento das mais depuradas doutrinas, pela comprehensão nitida dos complexos processos ás vezes tão emaranhados na technica dos anthropologos, emfim, por uma clara tendencia, infelizmente rara nos trabalhos de material demasiado basto, de sempre concluir alguma cousa, de joeirar na agitação dos factos e das ideas as consequencias que merecem

ser proclamadas e incluidas nas diversas espheras das doutrinas, das normas e dos ideaes.

Aliás isso parece ser em Roquette Pinto uma attitude philosophica, segundo a qual o esforço que não procure os interesses geraes da humanidade é uma agitação barulhenta e inutil.

Mas é por incidencia que refiro as qualidades scientificas da *Rondonia*. Para com justeza avaliar quanto merece essa obra de anthropologia e ethnographia indigenas, fora preciso cotejal-a com suas congeneres, sobre os diversos grupos dos indios do Brasil, desde as mais remota até as de alcance muito particular de Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich. Applicando ao seu caso a moderna orientação scientifica, não se esquece o auctor, de, de vez em quando, reportar-se aos trabalhos de seus predecessores, rectificando ou corrigindo, ou reivindicando. Em pequenas phrases destacadas, consegue assim actualisar muita cousa envelhecida.

Emfim, uma critica minuciosa e ponderada da *Rondonia* não rejeitaria a conclusão de reconhecer em Roquette-Pinto um auctor que na especialidade não se deixa atrazar um ponto siquer da primeira linha dos maiores anthropologistas e ethnographos dos indios brasileiros.

* * *

Ha porém uma cousa que não vai no titulo nem subtitulos do livro, uma qualidade que o auctor não procurou exhibir, mas constrangeu de certo modo.

Existe um facto da psychologia dos scientistas, ainda mal surprehendido. O verbalismo vazio de uma actividade literaria que a critica já reconheceu chamando-o psitacismo — o papagaismo — foi de tal modo se extendendo como expressão de vida nos casos communs de cegueira cerebral, que entre alguns espiritos serios foi se entranhando uma desconfiança ironica contra a realidade da belleza phraseologica e verbal. E, naturalmente, — sendo as palavras julgadas bellas, por via de regra, vasias. Entre uma phrase nua, mas intelligivel, e uma vacuidade sonora sem representação mental de especie alguma, não ha como hesitar.

Dahi uma deformação muito desculpavel no modo de julgar. Para ser nitido e fiel na traducção das imagens mentaes senão mesmo afim de insuflar-lhe maior credibilidade em vista do leitor, julgou-se primordial fugir ao encanto das palavras, pequeninas sereias que corrompem o oceano austero do pensamento com a brancura irreal dos seus corpos femininos.

Da prevenção contra a belleza propria das palavras, contra essa forma de sensibilidade esthetica cresceu, naturalmente, a desconfiança, o receio da qualidade artistica no sentido geral. Assim, acontece reconhecer-se em muito livro de sciencia um esforço, vigilante e decidido, para suffocar na expressão e na ideiação as excrescencias artisticas, ás vezes com violencia apenas comparavel á necessaria a sua producção em certas obras literarias.

Não é precisamente o caso de Roquette-Pinto. Nelle não haverá o cuidado systematico contra a suggestão da imagem, o encanto da phrase e a belleza da palavra, em si, vasia de seu conteudo psychologico, como a pureza de um corpo independente do espirito que o habita.

A violencia natural de seu sentimento esthetico não comportaria semelhante attitude.

O facto é que existe no auctor um artista bem maior do que o apparente á primeira inspecção. E não só um artista pelas qualidades exteriores, de facil acquisição, mas — e nelle sobretudo — por esse modo de conformação espiritual que faz da retina humana uma luminosa teia de miragens estendida entre a realidade das cousas e a visão imparcial do pensamento critico.

Em tal attitude que é, talvez, o geito mais caracteristico da organisação esthetica, ha uma tendencia a turvar o mundo, confundir as cousas, englobal-as todas numa visão, que é como um fluxo continuo donde as formas emergem em ordem arbitraria, sem logica, intercambiaveis, umas animando ou petrificando as outras, todas transfiguradas em novos valores que as libertam de suas cathegorias ordinarias. E' a pedra que avulta como figura humana, é o homem que se immobilisa no deserto como uma pedra, é a arvore agitando

a cabelleira em grandes lamentações, é a estrella a pisar o tedio infinito do isolamento solar, como um genio. Assim é a visão esthetica — a confusão, o intercambio dos phantasmas que se volatilisam de todas as cousas differentes.

Nas paginas que se referem ao rio Paraguay, onde deixou Roquette-Pinto minucioso registro de annotações utilitarias, scientificas, surgem naturalmente ou antes violentamente por effeito de um brusco repellão da indole esthetica, phrases desta amostra: — « E as formas hieraticas das solemnes cegonhas, e a brancura das garças que parecem aves de algodão, transformam certos estirões do rio em paragens encantadas, magicos scenarios, onde Lohengrin poderia surgir...»

Devo declarar que no texto a phrase termina: « onde Lohengrin poderia surgir... se não fossem os mosquitos ». Ah! O poeta dando cobro de si, volta-se de prompto ao scientista, procurando disfarçar a visão allucinatoria do cavalleiro do Cysne com a preoccupação terra-a-terra dos miseraveis mosquitos. Eis ahi uma perfeita revelação do facto que procurei apontar na psychologia de certos espiritos serios, onde perdura um conflicto curioso entre as tendencias antagonicas da cerebração objectiva do scientista e a cerebração subjectiva do estheta.

O livro de Roquette-Pinto, — basto e consciencioso repositorio de cousas da anthropologia, ethnographia, botanica, zoologia, medicina, geographia, obra de intelligencia forte, grandemente cultivada e de sadia orientação, — está do começo ao fim recheiado dessas pequenas christallisações de seu temperamento artistico.

São ao longo do desenvolvimento scientifico da materia, continuas deflagrações de uma força comprimida, desdenhada em sua potencialidade, sacrificada em attenção á capacidade em hegemonia.

Não constituem de nenhum modo defeitos, porque não representam manchas que obscureçam, nem intersecções, que interrompam o organismo do livro. Muito ao contrario, figuram nelle como novos attractivos, augmentando a amplitude de influencia de toda a obra.

* * *

Mas o que ahi deixo escripto entretem-se apenas com uma questão de psychologia individual. Uma conversa de mim para mim, um dos meus caros soliloquios sobre a complexidade inextricavel da conformação espiritual do homem.

Cada um tem seu modo de proceder. Eu, para os homens que me são indifferentes, sou de inatacavel lealdade, não os observo nus nem vestidos. Aos que me interessam, porém, e apparecem com uma physionomia digna de meditação não costumo prestar homenagem somente ás qualidades que o acreditam. Gosto de abril-os com chaves reservadas, e, se a pouca intimidade não o permitte, não deixarei de esforçar-me por intrometter-me a vista pelas frinchas e espreitar por qualquer janella esquecida pelo recato ou devassada pelo vento.

As qualidades latentes da pessoa têm algo das flores de estufa e das cousas que se prestigiam na concentração religiosa das igrejas. Os que aprenderam a sentil-as suppoem ser o gosto da intimidade o interior das salas, das estufas e das igrejas, formas da vida intima para o reflorir dos olhares latentes.

A. Moraes Coutinho.

(Rio de Janeiro, 1918).

A RENASCENÇA E A SUA FLORAÇÃO ARTISTICA (*)

(Continuação)

VII

Grande Renascença italiana ou Renascença propriamente dita (de fins do seculo XV a meiados do seculo XVI)

Em consequencia dos progressos realizados pela alta Renascença e como ainda se não fizesse sentir o declinio economico-politico das cidades-Republicas, apresenta a Italia, em fins do seculo XV, os maiores artistas que já houve no mundo, artistas completos e insuperaveis em todas as modalidades plasticas, de que deixaram copiosa mésse de lavores. Como que se obscureceu o seculo de Pericles ante o seculo que viu nascer Leonardo da Vinci, Raphael e Miguel-Angelo. Esta é, pois, a *grande Renascença* ou simplesmente a *Renascença*.

Não podemos, por faltar-nos tempo sufficiente e ser assás custoso o espaço, tratar largamente desta época sem

(*) These de concurso para provimento da cadeira de «Historia de Bellas Artes».

precedentes no passado humano e dos innumeros talentos que a illuminaram e glorificaram.

Limitar-nos-emos a effectuar a divisão didactica das escolas e a indicar muito á ligeira o contingente de cada uma para a immensa caudal que inundou então a Italia e da Italia extravasou para o resto da Europa, que, por mais culto, tinha tambem anseios de desedentar-se na limpida torrente da Belleza.

Na rapida synopse a que vamos proceder, conglobaremos as tres artes representativas, porque seria sobremaneira difficil discriminal-as em capitulos especiaes, quando é certo que irradiaram ellas, em harmonioso conjuncto, da alma dos mais eminentes artistas da grande Renascença. Isto era ainda uma prolação do movimento anterior, como acertadamente observou Ch. Blanc (*in* « Grammaire des arts du dessin », 453-454), nas linhas seguintes, que não podemos furtar-nos ao prazer de inserir aqui: — « Desde Giotto até Raphael, desde os Pisanos até Miguel-Angelo, a esculptura é exercida por pintores; é dramatica, ao ponto que o cinzel e o pincel parecem obedecer ás mesmas leis. As portas do baptisterio de S. João, em Florença, cavam-se como uma téla pintada. nos baixos-relevos de Ghiberti. A intimidade das physionomias, a individualidade das almas, respiram nas figuras de Donatello, cujo naturalismo ingenuo e cuja ternura fazem esquecer a presença do marmore. A estatua equestre de Colleoni, em Veneza, freme sob a mão de Verrocchio. Vem, emfim, Miguel-Angelo, genio altivo e amargo, que passa como um meteóro, e que, em apparencia, é um phenomeno unico, sem ligação com o passado nem com o futuro. Entretanto, elle maneja tambem o buril como uma pluma de canniço. Multiplica os contrastes, as attitudes forçadas, atormentadas. Penetra o bloco com o fogo de um improvisador; ahi faz brincar a luz, e, coisa extranha, elle, que não põe effeito em seus quadros, não o deixa de pôr em suas estatuas. Naquella substancia fria e grave insuffla o seu temperamento pessoal: satura-a de tristeza, imprimi-lhe os accentos de um desdém sublime. Para a serena antiguidade, a sombra não fôra mais que a condição do relevo e da luz: Leonardo da Vinci

na pintura, Miguel-Angelo na estatuaria, foram os primeiros que fizeram da sombra uma expressão de melancholia, de tristeza, de inquietude, de tudo quanto enturvece a alma ».

a) *Escola florentina* (110)

Apresenta esta escola duas phases distinctas separadas pelo genio de Ghirlandaio. Na primeira, continúa a corrente anterior, masacciana; na ultima prepondera a impressão forte do pintor da « Vida da Virgem e S. João Baptista », que enche a segunda metade do seculo XV.

De fra Filippo Lippi (em cuja « Natividade », L., a figura da Virgem é o retrato de Lucrezia Buti) o melhor discipulo foi o autor do « Magnificat » e da « Primavera ». Sandro Botticelli (Alessandro Filipepi, 1446-1510), a quem Reinach chama « o *superpintor* dos neurasthenicos do seculo XIX ». Filho de fra Filippo e discipulo de Botticelli foi Filippino Lippi (1437-1506), pintor de merito e fecundo. A esta phase pertencem tambem: Raffaelino del Garbo (1466-1524), que foi discipulo de Filippino Lippi; Cosimo Rosselli (1439-1507) e seu discipulo Piero di Cosimo (1462-1521), creador de idyllios encantadores e autor da « Morte de Procris » (N. G.), como do lindo retrato de « Simoneta Vespucci ».

Vem depois a figura imponente de Ghirlandaio (Domenico Bigordi, 1449-1494), « um Verrocchio seu tanto suavizado » e cuja fama obscureceu a do filho, Ridolfo (1483-1560), e a dos irmãos, David (1451-1525) e Benedetto (1458-1499). Lorenzo di Credi (1459-1537), discipulo de

(110) Consignamos aqui que todas as phrases postas entre aspas, sem immediato chamamento á autoria, são de Reinach, em quem se nos depararam juizos syntheticos mais interessantes sobre os artistas italianos. Os nomes dos artistas são integralmente conservados conforme os respectivos idiomas, vernaculizando-se apenas os já consagrados pelo uso, como Ticiano, Miguel-Angelo, Raphael. As obras indicadas são as mais primas ou as unicas que restam ou as mais encontradiças nos classicos museus de arte. As maiusculas *L.*, *N. G.* e *M.* designam « Louvre », « National Gallery » e « museu de Madrid ».

Verrocchio, deixou uma excellente « Virgem em oração ». Os ultimos grandes representantes da escola florentina, nesta epoca inolvidavel da grande Renascença, foram fra Bartolomeo della Porta e Andréa del Sarto. Formado na escola de Cosimo Rosselli, fra Bartolomeo della Porta (1475-1517), amigo de Savonarola e colorista de « composições rythmadas, sabiamente equilibradas e pyramidantes », influiu em Raphael, quando este era joven, e, além de Mariotto Albertinelli (1474-1515), cuja obra mais caracteristica é a « Visitação », teve tambem por imitador a Andréa del Sarto (1486-1531) (111), o maior colorista da escola florentina (*a-fresco* da Annunziata), a quem os contemporaneos chamaram de « pintor sem defeito », e que na « Madonna delle arpie » creou um novo typo de Virgem, merecendo de Winkelmann (*op. cit.*, I, 482) o elogio de que « nenhum pintor moderno representou melhor do que Andréa del Sarto a fórma de um seio virginal ». Discipulos de Andréa del Sarto foram: o Pantormo (Jacopo Carrucci, 1494-1557), que deixou uma « Venus » « quasi insolente de força e de vida » (na phrase de Lubke), Franciabigio (1482-1535) e o Bachiacca (Francesco Ubertini, 1494-1557). O Rosso (Nanni di Bartolo, 1496-1541) pertence menos á Italia que á França, onde foi um dos fundadores da chamada « escola de Fontainebleau », e o Mecherino (Domenico Beccafumi, 1484-1549 ou 1551) logrou grande nomeada como o maior dos incrustadores de figuras em pedra (*vide* Taine, « Voyage en Italie », II, 54-55). Assim, com Giorgio Vasari (1512-1574), o illustre historiador da arte italiana que se entregou ao *maneirismo* na pintura, e Angiolo Bronzino (1502-1572), retratista de muito merecimento e colorista do quadro « Venus, Cupido, Loucura e Tempo » (N. G.), que foi discipulo do Pantormo, desapparece a escola florentina, não tanto pelas revoluções politicas do final do seculo XVI, mas pela « supremacia esmagadora de Miguel-Angelo ».

(111) R. Peyre (*op. cit.*, 454) conta que del Sarto morreu de desgostos, por ter, devido a suggestões da esposa, gasto com esta e comsigo uma avultada somma, que Francisco I lhe havia confiado para adquirir obras de arte na Italia.

Deste, que teve como discipulo em Florença, além do veneziano Sebastiano del Piombo, a Daniele da Volterra, (1509-1566), autor de um « Descimento da cruz », que é talvez a obra mais notavel da escola de Buonarotti, diremos ao tratar da escola romana, pois foi na Cidade-Eterna que mais se exerceu, com a sua pasmosa actividade, a sua incontestavel preponderancia na arte da grande Renascença. E de Leonardo da Vinci, tambem florentino, falaremos na escola milaneza.

b) *Escola padovo-mantuana*

Francesco Squarcione (1397-1468?), o fundador da escola que surgiu na cidade universitaria de Padua, pouco produziu, mas foi chamado o « pae dos pintores », pois 137 alumnos receberam o seu ensino proficuo, baseado numa collecção de esculpturas antigas trazidas por elle da Grecia e do extremo-oriente. Foi o mestre de Gregorio Schiavone, Ansuino da Forlì e Marco Zoppo. Mas o seu melhor discipulo foi Andréa Mantegna (1431-1506), « uma das mais brilhantes individualidades do seu tempo », segundo Lubke, e « o fundador real de todas as escolas da Lombardia », no pensar de Lafenestre. Além de muitos outros trabalhos, os seus cartões do « Triumpho de Cesar », caracterizando a tendencia erudita da Renascença, influiram até em Rubens e em Le-Brun. Com Donatello, que passou em Padua dez annos (1443-1453), tambem muito aprendeu Mantegna, que, casando com uma filha de Jacopo Bellini, exerceu certo prestigio na escola de Veneza. Andréa Mantegna teve por condiscipulo a Niccolò Pizzolo e um dos seus discipulos mais aproveitados foi Giovanni Francesco Caroto (1470-1546). Mas os seus melhores alumnos e collaboradores foram os filhos, Ludovico, Francesco (« Apparição do Christo a Magdalena », N. G.) e Bernardino (1490-1528), e um parente, Carlo del Mantegna.

c) *Escola milaneza*

Comprehende esta escola dois periodos: o das tradições antigas e o que é instaurado por Leonardo da Vinci.

Aquelle, que é um movimento derivado da escola padovo-mantuana e porventura influenciado por Mantegna, começa com Vincenzo Foppa, que pintou em 1456 a sua « Crucifixão ». A esta phase inicial pertencem: Bramante (Donato di Angelo, 1444-1514), cuja mediania, como pintor, não obstou a que formasse o delicado Bramantino (Bartolomeo Suardi, 1455?-1536?), autor de uma « Adoração do menino Jesús », e o Bergognone (Ambrogio da Fossano, 1440?-1523), cujo melhor quadro é a « Coroação da Virgem ».

De Leonardo da Vinci (1452-1519), « o primeiro dos grandes pintores da grande Renascença », na phrase de Lubke, nada podemos dizer melhor do que perfilhando o seguinte juizo, devido á penna magistral de J. Enrique Rodó (112): — « Quem se inclinasse a entregar o sceptro da pintura a Leonardo, acharia quem lhe equiparasse rivaes, não quem lhe sobrepuzesse vencedores. Possuido de um sentimento prophetico da expressão, quando a plastica era o triumpho a que, quasi exclusivamente, aspirava uma arte arrebatada de amor pelas forças e harmonias do corpo, não pintou sómente fórmas: pintou o sorrir e o olhar de *Mona Lisa,* a gradação de affectos da *Ceia*; pintou physionomias, pintou almas. E, sobre ser tão grande na formosura que se fixa na téla, ainda disputa outros lauréis seu genio de artista: o cinzel de Miguel-Angelo cabe tambem em sua mão, e, quando lhe dá impulso para perpetuar uma figura heroica, não se detém, até que alcance o tamanho gigantesco; inspira-o o nume da eurythmia architectonica...»

Do genio portentoso que em tudo foi o autor da « Gioconda » assim tambem cantou A. Barbier (*op. cit.*, 167), num soneto que ousámos imperfeitamente vernaculizar:

« LEONARDO DA VINCI

Florentino, a quem mais adorou o lombardo,
Salve ! Deante da tua excelsa fronte pura,
Curvo-me respeitoso, ó preclaro Leonardo,
Mais que perante um rei de esplendente armadura !

(112) « Motivos de Proteo » (Montevideo, 2ª ed., 1910), 109.

Ah ! dos thesouros reaes não póde o ingente fardo
O thesouro egualar, que a tua alma enclausura,
E jamais os lauréis da guerra, — odioso cardo, —
Chegarão dos florões da arte e da sciencia á altura !

Honra a ti, honra a ti, mente privilegiada,
Que alliaste o raciocinio á ficção altanada,
Dois poderes regendo aos nobres ideaes teus,

— Qual o astro sem rival, de perpetua magia,
Que a nossos olhos sóbe e desce cada dia,
A fecundar a terra e a illuminar os céus.»

Aquelle que foi, no dizer de Rodó, « a personificação da energia novadora da Renascença », formou toda uma pleiade de discipulos, dos quaes o mais notavel foi Bernardino Luini (1485-1532) (contestando, entretanto, A. Rio, *op. cit.*, III, XVI, nisto seguido por L. Serra, *op. cit.*, 408, que este emerito pintor tenha sido discipulo directo de da Vinci), gracioso e ás vezes profundo, como o revela a sua « Herodiades », e cujos dois filhos, Aurelio e Evangelista, foram tambem pintores. Menos originaes foram: Cesare da Sesto (1477-1523), que se passou depois para a escola de Raphael, Marco d'Oggiono (1470?-1540), Andréa Salaino (1483-1520?), Francesco Melzi (1492-1560?) e Giovanni Antonio Boltraffio (1467-1516). E, discipulos directos ou imitadores de da Vinci, ligam-se á sua escola: Gaudenzio Ferrari (1480?-1546), artista illustre e operoso (« S. Paulo em meditação », L.); Andréa del Gobbo (Andréa Solario, 1458-1530), autor da adoravel « Virgem do coxim verde »; e o Sodoma (Giovanni Antonio Bazzi, 1477?-1549), davinciano turbulento, que deixou trabalhos famosos, qual o lindo « S. Sebastião » da Galeria degli Uffizii e o « Casamento de Roxana e Alexandre », onde tambem se nota a influencia de Raphael. Encerra-se esta escola no seculo XVI com Giovanni Paolo Lomazzo (1538-1600), menos celebre por suas télas do que por seus dois livros, « Trattato della pittura, scoltura ed architettura » e « Idea del Tempio della Pittura », e de quem foi discipulo o elegante e cuidadoso Ambrogio Figino (1550?-1601).

d) *Escola umbriana*

Vinculada aos pintores de Siena, a escola umbriana revela-se, no fim do seculo XIV, com a « Adoração dos Magos » de Gentile da Fabriano (1370-1428), que, como o veronez Pisanello (Vittore Pisano, 1397-1456), pintor e creador da escola dos medalhistas, mereceu os louvores de van der Weyden, quando este visitou a Italia. Vêm depois Melozzo da Forlì (Marco Melozzo, 1438-1494), « o pintor do extase », conforme L. Serra, e Luca Signorelli (1441-1523), « o Dante da pintura do seculo XV, triste e de energia quasi feroz, até nas suas admiraveis Virgens de queixo forte ».

Na segunda metade da referida centuria é que apparecem os dois maiores pintores da Umbria: o Perugino (Pietro Vannucci, 1446-1524), que tinha « um colorido dourado e transparente, um senso exquisito do sonho e do extase », e o Pinturicchio (Bernardino di Betto, 1454-1513), cujo typo de Virgem, por elle idealizado, transmittiu a Raphael. Exceptuado Raphael (que é considerado na escola romana, da qual foi o primaz) e além do Ingegno (Andréa di Luigi d'Assise, 1460?-1546?), o mais distincto dentre os discipulos do Perugino foi o Spagna (Giovanni di Pietro, nascido em Espanha e fallecido por 1530), autor de uma « Adoração dos Magos », tida por obra « verdadeiramente raphaelica ».

Pertencem tambem á escola umbriana: — Timoteo Viti (1469-1523), um discipulo do Francia que se fixou em Urbino; e Giovanni Santi (nascido em Urbino antes de 1450 e fallecido em 1494), pae do genial Raphael, porém que foi pintor mediocre e de quem o filho nada ou muito pouco poude aprender de sua arte, pois ficou orfam aos 11 annos. Giovanni Santi teve por discipulo a Evangelista di Pian di Meleto.

e) *Escola romana*

Raphael (*a pintura*). — Raffaele Santi (1483-1520) teve por primeiros mestres a Evangelista e Viti. Aos 16 annos, pintava « O sonho do cavalleiro » (N. G.), e seguia logo,

como auxiliar, para o *atelier* do Perugino e do Pinturicchio, sendo dessa epoca a obra-prima de sua mocidade, « Os esponsaes da Virgem ». De 1504 a 1508, passa a viver em Florença, onde, sob a inspiração das obras de Masaccio, de da Vinci, Miguel-Angelo e fra Bartolomeo, traça as suas Madonnas incomparaveis pelo typo « meio-christão, meio-pagão, nem muito ethereo, nem muito sensual ». Já havia, portanto, realizado uma como synthese mental das melhores escolas da Italia, quando, em 1508, a convite de Bramante, seu conterraneo, e talvez parente (113), foi estabelecer-se em Roma, onde se tornou o pintor favorito de Julio II e de Leão X. Alli, nos doze annos que ainda viveu, revelou a mais intensa capacidade de trabalho que se conhece em existencia de artista, pois, além de varios retratos famosos e de grandes painéis, entre os quaes a « Transfiguração », que deixou inacabada, além de successor de Bramante como architecto-chefe de S. Pedro, fez a prodigiosa decoração das *stanze* e *loggie* do Vaticano, onde se perpetuaram as suas vastas composições historicas, allegoricas e religiosas. Quintessenciando na sua alma a alma da Italia, o « divino Raphael », como se lhe tem chamado, e que foi « o papa da pintura, quando o papado abdicara », na phrase de Dumesnil, marca o apogeu da arte italiana.

Não falando em Battista Franco (1498?-1561), gravador notavel (« O diluvio ») e nos Zuccaros, Taddeo (1529-1566) e Federico (1543-1609), póde-se asseverar que toda a escola romana se compõe de discipulos de Raphael, que foram os seguintes: Giulio Romano (Giulio Pippi, 1482-1546), que concluiu a « Transfiguração » e deixou varios trabalhos proprios, e de quem foi discipulo Francesco Primaticcio (1504-1570), caudilho da chamada « escola de Fontainebleau »; Pierino del Vaga (Pierino Buonaccorsi, 1499-1547), que transportou o estilo de Raphael para Genova (ornamentação do palacio André Doria) e formou o distincto

(113) R. Peyre (*op. cit.*, 456) dá Bramante como *tio* de Raphael. Mas E. Müntz, na sua primorosa obra « Raphael, sa vie, son oeuvre et son temps » (Paris, 1900, nova ed.), 171, põe em duvida esse parentesco.

pintor genovez Luca Cambiaso; Polidoro Caldara da Caravaggio (1495-1543), autor do «Christo conduzido ao Calvario»; o Fattore (Giovan Francesco Penni, florentino, 1488-1536); Giovanni da Udine (1487-1564); Girolamo dai Libri (1474-1556); o miniaturista Giulio Clovio (1498-1578); e o gravador Marcantonio Raimondi (1475-1546). Si poucos deixaram lavores originaes, é innegavel que todos auxiliaram grandemente a obra do mestre. O barbaro saque de Roma, levado a effeito em 1527 pelas tropas allemãs, dispersou esse grupo de artistas, já desfalcado do principal delles, Giulio Romano, que estava em Mantua. A Raphael tambem se ligam, por saidos do seu *atelier*: o Bagnacavallo (Bartolomeo Ramenghi), que fôra discipulo do Francia, e dois notaveis ferrarezes, o Dosso e o Garofalo.

Eis como Barbier cantou a Raphael, num lindo soneto *op. cit.*, 147) que mal vertêmos a portuguez:

«RAPHAEL

O que a mais nobre méta á vida humana ensina,
E' a visão eternal da Belleza potente!
Quem puder contemplar-lhe a essencia alta e immanente,
Terá aureola immortal para a terrena sina.

Tal, — artista feliz, que amaste a Fornarina, —
Palpitante de affecto e graça resplendente,
Cedo tomaste ao céu lindissimo e clemente
Do verdadeiro Bello a substancia divina.

Debalde em torno á tua esbelta mocidade,
Rugindo, qual dragão, o monstro da Fealdade
Soltou a sua baba e os tentaculos seus:

Não lhe temeste o ataque horrendo e a grita esponte,
E, com o cothurno de ouro esmagando-lhe a fronte,
Qual o archanjo, libraste o vôo para Deus.»

Miguel-Angelo (*a esculptura*). — Michelangelo Buonarotti (1475-1564) nasceu nas cercanias de Florença, mas o

centro da sua maior actividade foi a cidade dos papas, onde trabalhou sem descanso durante mais de cincoenta annos, de 1508 a 1564, soffrendo, depois de Julio II, o unico que podia comprehendel-o, « a indifferença epicurista de Leão X, a inconsequencia immoral de Clemente VII, que mandava escrever delações pelo Bandinelli, a incapacidade de Paulo III e a hypocrisia politica de Paulo IV », na phrase de Dumesnil. Genio universal, como o de da Vinci, a tudo preferia a esculptura, tanto que assignava com ostentação as pinturas da Capella-Sixtina: « Miguel-Angelo, esculptor ». Aos seis annos, passava horas inteiras nas jazidas do valle do Chiara, contemplando os marmores « que dão a carne dos deuses » e que elle havia de desbastar depois, para os transfigurar em creações divinas. Discipulo de Ghirlandaio, estudou com ansiosa paixão as pinturas de Masaccio e as esculpturas reunidas nos jardins dos Medicis (114). Desta phase florentina são os seus trabalhos « Cupido adormecido », a « Piedade » e o colossal « David », obra-prima de anatomia. Chamado para Roma e encarregado por Julio II de ornar a abóbada da Capella-Sixtina, o lavor que ahi realizou em quatro annos « não tem egual nem similar em pintura », assim como é a expressão mais completa do seu genio o « Juizo-Final », que começou a pintar por ordem de Paulo III em 1535 e em que trabalhou sete annos. As suas « visões exasperadas » da Sixtina, transporta-as elle para os tumulos de Julio II e dos Medicis: ao daquelle pertence o « Moisés », « obra extraordinaria de *movimento reprimido* » (na phrase de Wölfflin, *apud* Reinach), « fremente de paixão e de colera, cuja sublimidade se impõe como a de um grande espectaculo da natureza ». Gigante impetuoso, foi, dil-o bem Lubke, « o fundador da arte moderna, foi o primeiro que, rompendo audaciosamente com a tradição, forçou a materia a exprimir, não

(114) Paul de Saint-Victor, no seu primoroso opusculo « Hommes et dieux » (Paris, s. d.), 185, assim se exprime quanto ao enthusiasmo com que o excelso Buonarotti se preparou para os esplendores da arte: — « Sabe-se com que fervor Miguel-Angelo anatomizava os cadaveres, enfiando-lhes uma vela no umbigo, afim de os estudar até alta noite ».

tal ou tal objecto exterior, mas o estado de alma do artista no momento da concepção ou do trabalho; foi, pois, o primeiro e o mais poderoso apostolo do subjectivismo na arte». «Miguel-Angelo (continúa adeante o mesmo escriptor) não fez escola no sentido estricto do termo. A sua geração e a sua posteridade artisticas ficaram ao pé dos paramos procellosos em que lhe pairavam os pensamentos e sonhos, admirando-os de longe, ás vezes sem os comprehender; e eis porque o mestre não teve sinão imitadores, mais ou menos incompletos, de sua maneira visivel, principalmente de seus defeitos...»

A influencia de Miguel-Angelo fez-se, emtanto, sentir sobre a escola de Veneza, sobre a de Raphael, attingindo á Hollanda e á França, onde foi propagada pelo Rosso.

Entre os seus mais directos imitadores italianos, contam-se os seguintes: o Tribolo (Niccolò dei Pericoli, 1485-1550) e Bartolomeo Ammanati (1511-1592), que foram discipulos do Sansovino; Benvenuto Cellini (1500-1572), ourives e cinzelador, como tambem aventureiro e charlatão, autor de interessantes «Memorias» (vertidas a francez por Leclanché, o emerito traductor de Vasari), e cuja obra-prima é o «Perseu vencedor»; o flamengo Jean Boulogne (1524-1608), chamado pelos italianos Giambologna, cujo melhor titulo de gloria é o «Mercurio começando a voar»; Baccio Bandinelli (1493-1560), florentino, que toda a vida invejou e intrigou a Miguel-Angelo (115) e cujo talento se revela em varias esculpturas de Santa-Maria-del-Fiore, assim como na restauração do «Laocoonte»; Giovanni Montorsoli (1507-1563), que restaurou o «Apollo de Belvedere»; e Guglielmo della Porta (fallecido em 1577), autor do mausoléu de Paulo III (S. Pedro) e da restauração das pernas do «Hercules Farnese» sobre o modelo formado por Miguel-Angelo, que, encontradas as pernas antigas, achou que se deviam conservar as restauradas.

(115) Deste artista, que fez morrer o filho de maus tratos e furtou, destruindo-o, um trabalho de Miguel-Angelo, diz Dumesnil (*op. cit.*, 372-373): — «O Bandinelli exprime o horror da Italia violada». Delle trata largamente Landon, no volume que consagra a

Eis como A. Barbier (*op. cit.*, 127) se referiu a Miguel-Angelo, num soneto que tentámos trasladar fielmente á nossa lingua:

« MIGUEL-ANGELO

Como é magro teu rosto, e teu olhar é triste,
Velho cinzelador do marmor de Carrara!
Nunca o pranto banhou a tua face clara,
Qual o Dante, quiçá tu tambem nunca riste.

De um leite forte e são nas Musas te nutriste,
E a Arte foi teu amor unico, tua unica ara;
Na triplice carreira, — a mais gloriosa e rara, —
Sobre teu coração outro vibrar não viste.

Por sessenta annos, tu, Buonarotti inditoso,
Tiveste como dita imprimir o grandioso
Na pedra, e, como um Deus, assombrar pelo arrojo:

Assim, quando cerraste os teus olhos em Roma,
Velho e cansado leão, por sob a nivea coma,
Morreste de vagar, cheio de gloria e nojo...»

Bramante (*a architectura*). — Na alta Renascença, a architectura tem Florença por centro e Brunelleschi por seu maximo expoente; na grande Renascença, o fóco é Roma e Bramante (Donato di Angelo, 1444-1514) seu corypheu. Essa mudança foi favoravel em todo o ponto á architectura, que, como pondera Lubke, « não teve difficuldade em retornar-se classica no sólo classico por excellencia ». « Os pontificados de Julio II e Leão X (accrescenta o mesmo autor) são como uma reedição do governo de Pericles: durante esse periodo de vinte annos, tão luminoso quanto curto, todas as artes brilham primazes, numa aureola de harmonia ».

Bramante, filho do mesmo torrão que viu nascer Raphael (Urbino), trabalhou primeiro em Milão e seguiu depois

Miguel-Angelo e Daniel da Volterra. E Paul de Saint-Victor, no seu admiravel livro que atrás citámos, 173, tambem estigmatiza o « sombrio e odiento Baccio Bandinelli, que gastava os dentes mordendo o cinzel de Miguel-Angelo, mais duro ainda do que a lima aboccanhada pela serpente da fabula ».

para Roma, onde, a partir de 1500, construiu o palacio da Chancellaria, as arcadas do pateo de S. Damaso, acabou o Belvedere e reuniu este palacio ao Vaticano por uma dupla galeria de mais de trezentos metros de comprimento. Synthese do plano de Bramante traçado para S. Pedro, « a empresa mais colossal dos tempos modernos » e cuja pedra fundamental lançou Julio II no anno final do seculo XV, foi o projecto de Miguel-Angelo, levado a cabo em grande parte, mas desfigurado depois por seus successores, Maderna e Bernini.

Bramante teve como substituto, na chefia de S. Pedro, a Raphael, a quem se deve o palacio Pandolfini de Florença. A « Villa-Madonna » de Roma é obra de Giulio Romano, discipulo de Raphael, mas pertencente, como este, á escola de architectura de Bramante, — á qual ainda se ligam: Baldassare Peruzzi (1481-1537), sienez, que, além de pintor notavel, creou em Roma a « Villa-Farnesina », illustrada pelas pinturas de Raphael; Antonio da Sangallo (1482-1546), architecto do palacio Farnese, de Roma; e Pirro Ligorio (1510-1583), autor da deliciosa « Villa-Pia », erguida em meio dos jardins do Vaticano.

Miguel-Angelo é o autor irresponsavel do *estilo barroco*, nascido no fim do seculo XVI, e que é « uma especie de degeneração da arte da Renascença, approximando-se, por seus defeitos, do gothico *florído* do seculo XIII, e cujo traço mais saliente consiste na preferencia dada ás linhas curvas sobre as linhas rectas ». Escapando ainda a essas aberrações, distinguiram-se, na epoca de que estamos tratando, tres architectos notaveis, discipulos ou proselytos de Miguel-Angelo e todos elles celebres tanto pelas construcções que realizaram, como pelas obras que escreveram: Giorgio Vasari, cujo maior titulo de gloria, além da sua « Vita dei pittori, scultori ed architetti illustri » (editada em Florença, 1550), é a installação das galerias degli Uffizii, em Florença; o Vignola (Giacomo Barozzi da Vignola, 1507-1573), o « Vitruvio romano », que escreveu o « Trattato dei cinque ordini » e levantou o lindo castello de Caprarola (decorado pelos Zuccaros), junto a Viterbo, assim como a egreja de Gesù, de

Roma; e Andréa Palladio (1508-1580), « um dos apostolos da *ordem colossal* », autor de um « Trattato di architettura », como tambem de varios palacios e egrejas de Vicenza, Verona e Veneza, onde se inspirou mais da antiguidade do que de seus contemporaneos.

f) *Escola bolonheza*

Esta escola apresenta um facto caracteristico, que Ch. Blanc (« L'école bolonaise », *in* « Histoire des peintres de toutes les écoles ») deixou bem perceber: — é que nesta primeira phase os seus artistas não se parecem com os das cidades circumvizinhas, ao passo que na segunda phase, isto é, no seculo XVII, timbram os pintores bolonhezes em exclusivamente imitar os grandes mestres de todas as escolas italianas anteriores.

Além de Guido, Ventura e Ursone, conta-se entre os artistas primitivos de Bolonha, no seculo XIII, a um discipulo de Oderisi, qual se vê do que a este faz confessar o seu contemporaneo Dante (*Purgatorio,* XI, 82-84):

« Frate, — disse egli, — più ridon le carte
Che penneleggia Franco Bolognese:
L'onore è tutto or suo, e mio in parte...»

A essa escola, fundada em Bolonha por Franco, pertenceram Vitale delle Madonne, Lorenzo da Venezia, Simone il Crucifissaio e Avanzo da Verona (fallecido por 1390). Da egreja de Mezzarata fizeram elles « um monumento que é para a arte bolonheza o que é o Campo-Santo de Pisa para a arte toscana ». O mais notavel desses artistas foi Avanzo da Verona, que hauriu de Giotto a inspiração potente, como revelou tambem na decoração do oratorio de San-Giorgio (Padua), onde teve como collaborador a Altichieri da Zevio (1329?-1382?).

Depois das pinturas de Giotto em Santa-Maria-dell'-Arena, são aquellas as melhores do seculo XIV, ou, como quer A. Rio, « as mais bellas que viu nesse seculo desabrochar a Italia septentrional ».

No seculo XV, quando já as artes floresciam por toda a peninsula central do Mediterraneo, ha na escola bolonheza um como eclipse, pois Lippo Dalmasio e seus discipulos (entre os quaes Pietro Lianori e Orazio di Jacopo) retornaram á imitação das Virgens hirtas e selvaticas dos bysantinos. Só Jacopo Ripanda e Marco Zoppo, que estudaram em Roma e em Padua, escaparam a essa deploravel retrogradação.

Em 1490, o Francia (Francesco Raibolini, 1450-1518), até então excellente ourives e gravador, estréa-se na pintura com a « Madonna dei Feliciani ». Artista habilissimo, que reunia o talento do Perugino, de Mantegna e de Giovanni Bellini, o notavel autor da « Virgem do rosal » (Munich) foi « o Raphael de Bolonha », e com elle quasi que de todo se encerra a escola, nesta phase (116).

Com effeito, depois do Francia, a escola bolonheza passa a occupar na Italia um posto secundario, distinguindo-se apenas, entre os seus successores, Niccolò dell'Abate (1512-1571) e Primaticcio (1504-1570), cuja actividade se desenvolveu mais na França, Prospero Fontana (1512-1592) e o Tibaldi (Pellegrino Pellegrini, 1527-1597), que assim encerram o seculo XVI, notando-se que o ultimo foi tido em alta conta pelos Carraccis, que lhe chamaram « il Michelangiolo riformato ».

g) *Escola ferrareza*

Lafenestre (*in* « Histoire des peintres de toutes les écoles ») resume bem a evolução desta escola. Diz elle: — « Si em Ferrara não se encontram vestigios dos imitadores que ahi devia ter deixado Giotto no seculo XIV, vêem-se,

(116) Uma tradição popular, evidentemente falsa, mas suggestiva, refere que o Francia morreu de espanto, quando, abrindo uma caixa em que Raphael lhe mandara um quadro para certa egreja de Bolonha, deu com os olhos na formosissima « Santa-Cecilia » do inspirado filho de Urbino. Foi ante o mesmo painel que Correggio exclamou o seu celebre — *Anch'io son pittore* ! Era o grito de admiração da Italia ante a obra genial do seu filho.

em compensação, no seculo seguinte, Galasso Galassi, Stefano di Ferrara, Cosimo Tura, que tomam parte activa no movimento naturalista, simultaneamente irrompido em Florença e Padua. A impulsão decisiva é dada, emfim (e com que força e encanto !), por Lorenzo Costa, que, unindo o ensino pratico do Francia ao estudo convencido de Mantegna, vem a tornar-se o verdadeiro fundador da escola, seguido de perto pelo excellente desenhista Ercole Grandi e pelo sabio colorista Ludovico Mazzolino ».

Parece averiguado que Galasso Galassi floresceu no primeiro quartel do seculo XV e foi o mestre de Cosimo Tura (1432-1495), o chamado « Mantegna de Ferrara », e que deixou como obra principal a « Annunciação » do *duomo* da cidade natal.

Francesco del Cossa (1438-1480?) é o autor do « Outomno » da galeria de Berlim.

Ludovico Mazzolini floresceu quasi até ao meiado do seculo XVI (1481?-1530), e Ercole di Giulio Grandi (1470?-1535) é o autor de um bello quadro, « A Virgem, com o menino Jesús, S. João Baptista e S. Guilherme » (N. G.). Lorenzo Costa nasceu em 1460 e falleceu em 1535. O Dosso (Giovanni Luteri, 1475?-1542) e seu irmão Battista (fallecido em 1548) foram equiparados pelo seu conterraneo Ariosto (no « Orlando furioso ») aos mais celebres pintores da Italia. Aquelle, o Dosso, effectivamente, no genero mythologico e decorativo, assim como o Garofalo (Benvenuto Tisi, 1481-1559), na pintura religiosa, elevaram ao apogeu a escola ferrareza, notando-se que ambos foram discipulos de Raphael, como já vimos na « Escola romana ».

Mais original e expressivo que o Garofalo foi o Ortolano (Giovanni Benvenuti, 1467-1527), autor do bello « Descimento da cruz » da galeria Borghese (Roma).

Tendo perdido em 1597 a personalidade politica, pois foi então incorporada nos Estados Pontificios, Ferrara perdeu tambem a originalidade na arte, qual se vê dos seus dois ultimos pintores, o Bastianino (Bastiano Filippi, 1532-1602), imitador de Miguel-Angelo, e o Mondino (Sigismondo Scar-

sella, 1530-1614), imitador do Veronese e talvez genitor do Scarsellino (Ippolito Scarsella, 1551-1621).

A' escola de Ferrara ligam-se os pintores cremonezes: Boccacino Boccaci, que, com Gian-Francesco Bembo e Altobello Melone, todos do primeiro quartel do seculo XVI, marcam a transição da alta para a grande Renascença; e a illustre familia dos Campis, representada por Galeazzo Campi (1475-1536), pae e mestre de Giulio (1500-1572), Antonio (fallecido por 1590) e Vincenzo (fallecido em 1591). Um dos maiores pintores de Cremona foi Camillo Boccacino (1515-1546), filho de Boccacino Boccaci.

h) *Escola parmezã*

A' escola de Parma, que não á de Ferrara, vinculam-se os pintores modenezes, dos quaes apenas se conhecem Niccoletto da Modena (que floresceu na primeira decada do seculo XVI) e o Frari (Francesco Bianchi Ferrari, 1447-1510), que se presume ter sido o mestre da puericia de Correggio.

Correggio (Antonio Allegri da Correggio, 1494-1534), assim chamado da aldeia de Parma em que nasceu, foi um dos mais audaciosos innovadores do seu tempo, tendo exercido tão grande influencia sobre a arte do seculo XVI, como ainda sobre a da centuria seguinte, pois foi o modelo predilecto dos eclecticos. Discipulo talvez do Frari, o certo é que se inspirou mais tarde em Mantegna, em da Vinci e em Miguel-Angelo. Deste tomou o gosto dos movimentos aereos, de figuras a cavalgar nuvens, ao que se lhe deve uma das proesas da arte, a decoração do *duomo* de Parma, «onde a Virgem sobe ao céu em meio de santos arrebatados ás alturas com ella, — tumulto de pernas e vestes em vôo, que dominam cabeças extaticas, em escorço». A *grazia correggesca,* de que fala Winkelmann (*op. cit.,* I, 34), parece-nos scientificamente explicada por Barthez (117), para quem a su-

(117) «Théorie du beau dans la nature et les arts» (Paris, 1895, 2ª ed.), 54 e 61.

perioridade dos lavores de Correggio provém tanto da degradação sabia da luz e das côres, como de cortar elle no desenho de todas as suas figuras as partes angulosas. Os lavores mais caracteristicos de Correggio acham-se em Parma e em Dresda; mas os dois quadros do Louvre, « Antiope » e « Casamento mystico de Santa-Catharina », dão uma idéa quasi completa do seu talento. Correggio creou « um typo de Virgem de encanto attrahente, mas superficial, cuja influencia foi tanto maior, quanto correspondia, logo após a Reforma, á nova orientação do catholicismo ». A arte, que a Egreja protegeu nos paizes fiéis ao seu dominio, distingue-se, na pintura, « pelo mysticismo, um pouco sensual, de que Correggio forneceu os primeiros modelos ». As imagens sagradas, que ainda hoje explora a chromolithographia, remontam, em ultima analyse, ao mestre da « Magdalena », a mais bella de todas as Magdalenas que sairam de pincéis de artistas.

Correggio, que, no claro-escuro, só teve rival em Rembrandt, foi, portanto, o fundador da escola parmezã, á qual se filiam, entre outros: o Parmigianino (Francesco Mazzola, 1503-1540), a quem se attribue, na Italia, a invenção da gravura a *agua-forte,* excellente desenhista, o primeiro que empregou a figura humana como arabesco e autor de uma notavel « Morte de Lucrecia » (118); o Sojaro (Bernardino Gatti, 1490?-1575); e o Baroccio (Federico Fiori, 1528-1612), que, emprehendendo generalizar o estilo de Correggio, foi, segundo Lemonnier, « o grande representante da arte jesuitico-mystica » na segunda metade do seculo XVI. Pomponio Allegri (1515-1593?) tambem foi devotado á arte que celebrizou o nome paterno.

Eis os alexandrinos de A. Barbier (*op. cit.*, 149) sobre Correggio, talvez muito desluzidos pela imperfeição com que os vertêmos ao nosso idioma:

(118) Lessing, no seu « Laocoon » (*apud* Winkelmann, I, 618), critica por contrario ao bom-gosto o quadro do Parmigianino, intitulado « Rapto das Sabinas », por ahi figurar a reconciliação.

« CORREGGIO

Parma, berço de Allegri, ó formosa cidade,
Orgulha-te ! Foi grande o que trouxeste aos braços !
Vi, com lucido amor, a bella antiguidade,
Roma em sua pagã formosura, em seus paços,

E vi Pompéia morta, assim como a deidade
Que no leito deixasse a purpura em pedaços;
E vi o nume do dia, irradiando beldade,
Apenas do mar Jonio erguera os membros lassos;

Vi quanto podem na Arte o genio e a excelsitude;
Mas nada se compara á timida virtude,
Ao pudor que se occulta em manto pobre ou régio:

Nada eguala a esta rosa o brilho purpurino,
Rosa que sacudiu a haste e o pollen divino
Na fronte de teu filho, — o tão suave Correggio ! »

i) *Escola veneziana*

Comprehende esta escola, que teve nas escolas lombardas a sua verdadeira geratriz, tres periodos bem definidos, que vamos resumir abaixo nas suas figuras principaes:

I (*Os Bellinis*). — Pelo meiado do seculo XV, distinguiam-se em Veneza duas familias de pintores: uma com séde em Murano, a dos Vivarinis, de que procederam Bartolomeo e Alvise (nascido em 1450, autor de uma soberba « Madonna » e que parece ter sido mestre de Lorenzo Lotto); e a outra com séde na cidade das lagunas, a dos Bellinis, Jacopo (fallecido por 1470) e seus dois filhos, os grandes pintores Gentile (1429?-1507) e Giovanni (1430?-1516). Conta-se que Jacopo, que fôra discipulo de Gentile da Fabriano, aprendeu subrepticiamente, com Antonello da Messina, o processo da *pintura a oleo,* que este tivera o trabalho de ir conhecer na Flandres. Gentile, entre outras producções, deixou a famosa « Procissão da praça de San-Marco »; e Giovanni, que morreu nonagenario, deixou copiosa mésse de lavores (como « O Christo morto » e « Os peregrinos de

Emmaús »), nos quaes, si não teve o dom de representar o movimento, iniciou, todavia, a escola dos grandes pintores venezianos, « que não foram sómente *coloristas,* mas tambem *luministas* », como Giorgione e Ticiano, seus discipulos.

A este periodo pertencem dois notaveis pintores: Bartolomeo Montagna (1450?-1523), cuja obra-prima é uma « Piedade », de 1505; e Carlo Crivelli (1430?-1493), rebento da antiga escola de Murano, mas educado sob a influencia de Mantegna e de Giovanni Bellini. Ao grupo de Crivelli pertencem: Vittore Carpaccio (1460-1522), autor da « Lenda de Santa-Ursula », e Cima da Conegliano (1459-1518), um pintor « de Virgens ainda graves, mas que se sabem bellas e cujas fórmas suavemente arredondadas contrastam com a ossatura ascetica das florentinas ».

II (*Edade de ouro, Giorgione e Ticiano*).— Este segundo periodo, chamado « edade de ouro », porque foi esta a côr dominante nas télas dos seus grandes artistas, abre-se com um lombardo, Giorgione da Castelfranco (ou, como querem alguns autores, Giorgio Barbarelli) (1477-1511), cuja existencia anda envolta em denso véu de lendas.

Conta-se de Giovanni Bellini que, excessivamente pudico, jámais pintara mulheres nuas; não assim seu discipulo, Giorgione, que, assignalando-se « pela degradação sábia do claro-escuro », mais ainda se caracterizou por quadros galantes, de mulheres nuas a ouvir musica em paizagens ridentes, de que é typo o seu celebre « Concerto campestre » (L.). De Giorgione diz suggestivamente Reinach (*op. cit.*, 169): — « A Renascença veneziana reconhecera a sua expressão mais perfeita neste pintor da luz e da carne » (119).

(119) Eis como relata Dumesnil (*op. cit.*, 291) a causa da morte prematura do grande artista: — « Admittiu elle ás festas brilhantes e intrigas passionaes, de que era a alma em Veneza, a um dos seus discipulos, chamado Morto da Feltre. Seduziu este certa mulher, a quem Giorgione amava com vehemencia. Foi tão violento o seu pesar, que logo morreu. Não contava bem 34 annos ». Sobre a influencia do hetairismo na cidade dos doges, E. Rodocanachi, em seus « Etudes et fantaisies historiques » (Paris, 1912), inseriu interessantissimo capitulo, que merece lido, com o titulo « Une cour-

O grande chefe da escola veneziana, porém, foi Tiziano Vecelli (1488?-1576) (120), tambem discipulo de Giovanni Bellini e companheiro de trabalho de Giorgione, de quem herdou a pujança do colorido, excedendo-o, comtudo, na fecundidade da invenção, pois, como Raphael, brilhou em todos os generos. A sua maneira inicial, de que dá idéa o « Dinheiro de Cesar » (Dresda), modifica-se com a passagem de Miguel-Angelo por Veneza e revela-se no « Martyrio de S. Pedro ». Nas télas em que traçou scenas da mythologia greco-romana, « mostrou, mais que alhures, seu apaixonado amor da vida, do movimento, da bella natureza, e até os proprios quadros de santidade participam muitas vezes da alegria ruidosa das suas *Bacchanaes* ». Os retratos, que deixou, como os de Francisco I e Carlos V (121), são « paginas de psychologia profunda ». E' tradição que, quando trabalhava num grande quadro, « O descimento da cruz », morreu Ticiano da peste que assolou Veneza em 1576. A este facto tambem se refere o seguinte soneto de A. Barbier (*op. cit.*, 169), por nós *tant bien que mal* reduzido a vernaculo:

« TICIANO

Ah! quando a Arte italiana irrompeu, certo dia,
Em grandes concepções e altos sonhos revéis,
Não era um rio de agua esteril e sombria,
Mas caudal a vencer, clamorosa, os parcéis.

tisane vénitienne à l'époque de la Renaissance ». O verdadeiro nome de Morto da Feltre era Lorenzo Luzzo, autor de pinturas em Villabruna, junto a Feltre.

(120) Dava-se a Ticiano a edade de 99 annos, attribuindo-se-lhe o nascimento a 1477, isto é, ao mesmo anno em que nascera Giorgione. Mas parece averiguado, qual se vê do « Repertorium » de H. Cook (Londres, 1902), 98, que o excelso veneziano veiu ao mundo approximadamente em 1488.

(121) A' amizade do Aretino deveu Ticiano o ter sido chamado a Bolonha, afim de retratar Carlos V. E' conhecida a phrase do famoso soberano, quando entregou a Ticiano o pincel que este deixara cair e aquelle apanhara do chão: — « Bem mereceis ser servido por um imperador. »

Palacios inundava e abóbadas enchia,
Que ergueram debeis mãos, e sanctuarios de leis,
E o seu móbil crystal sem cessar reflectia
O manto azul dos céus e a purpura dos reis.

Pois sobre o seu pujante e plano vagalhão
Um genio portentoso elle arrastava então,
Um grande veneziano, esclarecido e bello;

E, sem nunca deixar o fecundo viajor,
Um seculo o rolou, de sua onda ao sabor,
Até vel-o cair nas garras de um flagello...»

Entre os outros nomes gloriosos deste segundo periodo da escola veneziana acham-se os seguintes: Palma Vecchio (Jacopo Negretti, 1480?-1528), um continuador de Giorgione, qual se vê de suas magnificas figuras de mulheres; Lorenzo Lotto (1480-1556), que se acredita tenha sido discipulo de Alvise Vivarini, e é o mais pessoal dos grandes pintores venezianos, caracterizado pela tristeza suave e pela semelhança com o estilo de Correggio, a quem, entretanto, não conheceu (« Noivos », « As tres edades ») ; Sebastiano del Piombo (Sebastiano Luciani, 1485-1547), inventor da pintura mural a oleo e que começou por imitar a Giorgione, mas depois, sob a influencia de Raphael e Miguel-Angelo, abdicou a sua personalidade, conservando-se veneziano só pela intensidade do colorido (« Resurreição de Lasaro ») ; o Pordenone (Giovanni Antonio Sacchi, 1483-1539), pela magia do colorido e brilho das côres, não ficou longe do Ticiano, com quem quiz hombrear, faltando-lhe, porém, a concepção genial (Lessing, no « Laocoon », *apud* Winkelmann, I, 624, critica-lhe o quadro do « Enterro de Christo ») ; o Brusasorci (Domenico Rizzi, 1493-1567), autor da « Entrada de Carlos V em Bolonha » ; Bonifazio Veronese (1487-1553), cuja obra mais notavel é « O mau rico » ; Girolamo Romanino (1485-1566), denominado « a honra de Brescia », autor de uma excellente téla « Virgem com santos » ; Jean de Calcar (1491-1546), chamado pelos autores italianos Giovanni Fiammingo, notavel retratista, cujas obras foram muitas vezes

attribuidas a Ticiano; e, finalmente, o Moretto (Alessandro Bonvicino, 1498-1555), discipulo de Romanino e que foi mestre do eximio retratista Giovanni Battista Moroni (1523-1578), recordando a escola de Raphael pelos quadros de devoção e como que estabelecendo, pela maior suavidade do colorido, a transição para o periodo seguinte.

III (*Edade de prata, Tintoretto e Veronese*).— Chama-se este periodo « edade de prata », por ter sido esse o colorido predilecto do Veronese e do Tintoretto, e extende-se até ao fim do seculo XVI, isto é, quando a pintura já estava em declinio por toda a Italia.

O Tintoretto (Jacopo Robusti, 1512-1594) quiz reunir, como elle proprio o confessou, « o desenho de Miguel-Angelo ao colorido de Ticiano »; « foi um artista extraordinario, fogoso, desegual, procurando e achando, nos contrastes violentos da sombra e da luz, effeitos grandiosos, até então desconhecidos ». Entre as suas obras-primas contam-se « O milagre de S. Marcos », « A origem da Via-Lactea » e « O Paraiso » (*vide* Taine, « Voyage en Italie », II, 358-364). Tambem foi pintora habil sua filha, Maria Tintoretta (1560-1590).

O Veronese (Paolo Caliari, 1528-1588), foi, na opinião de Lubke, « o herdeiro legitimo de Ticiano e o portabandeira da pintura veneziana, até á entrada do seculo XVII. Ninguem pintou com mais grandeza e brilho o luxo material da Republica em seu apogeu ». Os seus quadros, claros, harmoniosos e quentes, « têm vida, frescura, transparencia e um fulgor que não se vê no mesmo grau em nenhum outro artista ». Entre os seus lavores mais primorosos citam-se as « Bodas de Caná », o « Martyrio de S. Sebastião », a « Adoração dos Magos » e « A familia de Dario aos pés de Alexandre ».

Ao lado dos dois mestres acima citados figuram, em plano inferior: Paris Bordone (1500-1571), depois de Ticiano talvez o melhor de todos os retratistas venezianos e autor do « Annel de Veneza »; Andréa Schiavone (1522-1582), que, apesar de talentoso, viveu e morreu quasi na miseria; Girolamo Muziano (1530-1592); o Salviati (Giuseppe Porta,

1520-1572), cujo interessante quadro «Adão e Eva» (L.) lhe evidencía o talento; Battista Zelotti (1530-1590?) e Bazzaco da Castelfranco (floresceu por 1550), que pintaram os salões do Palacio Ducal sob a direcção do Veronese; Giovanni-Battista Moroni (1523-1578), retratista emerito; e os Bassanos, Jacopo da Ponte (1510-1592), que creou a pintura de genero («Entrada dos animaes na Arca»), tendo sido elle e os seus quatro filhos (Leandro, Francesco, Gio-Battista e Girolamo) «intrepidos productores» (122).

(122) Eis, dispostos por nós, uns versos do «Retrato de Venus» de Garrett (Porto, 3ª ed., 1884, 31-32), pelos quaes se podem mnemonizar facilmente os nomes dos mais notaveis pintores venezianos:

Ticiano falleceu velho, «exprimindo
No engenhoso pincel tudo o que existe;
Castelfranco brilhou, fulgiu mais que homem,
E tão breve lhe deu a sorte a vida!
Longa carreira os céus marcaram próvidos
Aos dois *Bellinis,* venerandos chefes
Da nomeada escola; *Piombo* illustre
A fama ousou balancear de Urbino;
Pordenone inventor, de quem Ticiano
Temeu roubadas as divinas côres;
Completo *Palma,* a quem mostrou natura
Sempre formoso o variado aspeito;
Animado *Bassano* verdadeiro;
Fertil e vivo *Tintoretto* rapido;
E tu, *Paolo* gentil, delicias, mimo
Dos voluptuosos olhos da donzella...»

(Continúa)

NOTAS

OS DONOS DOS NOSSOS VERSOS

I

A leitura constante, que tenho feito, dos nossos poetas, fez-me nascer a idéa de escrever um volume alentado, que encabeça estas notas. Seria um livro á maneira de « L'esprit des autres », de Fournier, e, como este, sem intuito malevolo. Não me moveria, ao organizal-o, o pensamento de comprometter o trabalho alheio, mas tão sómente o de offerecer uma contribuição aos especialistas, para os estudos, a que porventura se entregassem, do complicado phenomeno da memoria. Para maior prova da minha sinceridade, eu me submetteria, eu mesmo, á lamina do meu bisturi e á lente do meu microscopio, apresentando a uma analyse demorada os meus proprios versos, ligando-os imparcialmente, impiedosamente, ás suas origens e affinidades. A idéa de escrever esse livro ainda me não passou; e se eu o fizer, estas annotações constituirão, talvez, o fragil esqueleto de um capitulo.

* * *

E' evidente que não se trata, aqui, de casos de plagio. Classificar como tal essas minusculas coincidencias ou influencias de leitura, seria incluir-me a mim proprio, e aos mestres da nossa poesia, na familia dos escriptores deshonestos.

Os poetas aqui citados, eu não os comparo sequer, ás abelhas, a que La-Motte perdoava o costume, que considerava innocente, de sugar as corollas. E o plagiario, no consenso desse mesmo espirito, não é ainda a abelha, que tira o mel das flôres, e o purifica, mas a formiga, que arrebata o grão do celleiro.

* * *

Além de tudo, é inadmissivel que um escriptor conhecido tenha a coragem, a leviandade, ou, antes, a ingenuidade de apossar-se do verso ou do pensamento de outro escriptor conhecido. O salteador, observa Fournier numa comparação excellente, só ataca os viandantes que marcham na treva. E roubar um verso, uma idéa, uma phrase, a um escriptor illuminado pela sua gloria e fiscalizado pelo olhos do publico, seria o mesmo que atacar na estrada, á luz do sol, um próspero mercador cercado de guardas.

* * *

Quaes são, porém, os poetas que carregam, sem o saber, a joia do seu proximo?

São muitos, ou, antes, são todos. Mas eu procurarei falar especialmente dos novos. Dos antigos, incluirei apenas, e de passagem, Raymundo Corrêa, que é morto, e que voltou ao numero dos moços eternos pela paralyzação eterna da vida. « As pombas » e o « Mal secreto » têm, ambos, como é notorio, a sua origem em Gauthier e Metastasio. E do « Vinho de Hebe », toda a gente sabe que elle veio da pipa literaria de mme. Ackermann, como o confessa, aliás, o proprio Raymundo, em nota á ultima edição das « Poesias ».

Raymundo Corrêa foi um expropriador intelligentissimo e, por isso, honesto, das riquezas alheias. Elle cobria do ouro mais puro, e da pedraria mais scintillante, o cobre, o branze, e até o ferro que lhe cahia nas mãos de nababo. A sua Musa enfeitava, transformava, enriquecia com a prodigalidade da sua beleza todos os tecidos que tomava de emprestimo. Como a de Perrot d'Abrancourt, que vestia de nova graça os versos italianos que traduzia, podia-se-lhe dar, nas letras brasileiras, o appellido que Voltaire deu áquella: « La Belle Infidèle »...

* * *

Entrêmos, porém, na seára.

Hermes Fonte, um dos melhores poetas brasileiros do seu tempo, faz este juramento em seu soneto « Solemnemente »:

Juro, por tudo que mais amo e exalço !
Por mim... por ti... por nós... por Jesus Christo
Que hei de esquecer-te !... Vê-me: estou seguro
Contra o teu solio, a cuja quéda assisto.
.....
Juro, por tudo que mais amo e axalço !
E depois de uma jura tão comprida
Juro... juro que estou... jurando falso !

(Apotheoses, p. 239.)

Quem inspirou esses versos a Hermes Fontes A namorada? Não: Casimiro de Abreu, no seu celebre « Juramento »:

« Eu juro sobre estas tranças
E pelas chammas que lanças
Desses teus olhos divinos;
Eu juro, minha innocente,
Embalar-te docemente
Ao som dos mais ternos hymnos
.....
« Mas, se eu nunca jurei nada,
Como has de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não? »

(Obras, p. 206.)

* * *

Hermes Fontes pode perguntar, entretanto, se Casimiro já não havia emprestado o seu rosario a Fagundes Varella, para identico juramento. E terá razão. Porque, effectivamente, entre o poeta das « Primaveras » e o da « Genese », já apparecia o do « Evangelho nas selvas » que jurava, na « Flôr do Maracujá »:

« Pelas rosas, pelos lyrios,
Pelas abelhas, Sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá;

Por tudo que o céo revéla,
Por tudo o que a terra dá,
Eu te juro que minh'alma
De tu'alma escrava está ! !...
Guarda comtigo este emblema
Da flôr do maracujá ! »

(Obras, p. 120.)

E', porém, uma verdade sabida, que se paga neste mundo todo mal que nelle se fez. E foi o que succedeu a Hermes Fontes. Elle havia aproveitado, para as suas juras de amor, a cartilha de Casimiro e Luiz Nicoláo. Mas o castigo não demorou. Hermes escreveu, de facto, na « Perspectiva negra »:

... Noite, dia ás avessas !

(Apotheoses, p. 45)

E eis que vem o Dr. Fléxa Ribeiro, e sem virar a noite do direito, carrega com ella, na « Cleonice e o Satyro »:

A noite é como o dia encarado do avesso.

(O Amor e a Morte, p. 39.)

Pereira da Silva, o admiravel e profundo pensador das « Solitudes », tem, entre os seus grandes sonetos, o

« Idylio das esphynges », em que o poeta se põe em frente á Natureza, como

Uma Esphynge deante de outra Esphynge.

Mas era elle o unico a ficar nessa postura? Não; adeante, para lá da Esphynge, estava Augusto de Lima, nos « Dois Desertos », a consultar tambem a Natureza,

Como um deserto em frente a outro deserto!

(Poesias, p. 152.)

E era o ultimo? Não. Mais adeante, para além do areal, aonde acaba o continente e começa o oceano, está o velho Camões, com o seu formidavel Adamastor, que se deixa ficar em frente a Thetis petrificada, como

Junto de um penedo outro penedo!

(Lusiadas, V, 56.)

* * *

Bilac é uma victima constante da admiração que lhe votam os seus discipulos. « Dentro da noite » são dos seus versos mais lindos e conhecidos:

Caminho em extase, cheio
Da luz de todos os sóes...
.....
E eu continúo a viagem
Fantasma deslumbrador.
Seguido por tua imagem
Seguido por teu amor.
— Sigo... Dissipo a tristeza
De tudo, por todo o espaço,
E ardo e canto, e a Natureza
Arde e canta, quando eu passo
— Só por que passo pensando
Em teu amor, a sonhar,
No ouvido e na voz levando
Tua voz e teu olhar...

(Poesias, p. 179.)

Pois, esses mesmos versos, apparecem assim na poesia « Teu olhar », de Corrêa de Araujo, brilhante poeta maranhense da minha geração:

E assim num extase immenso
Num sonho inebriador,
Eu vôo, eu corro suspenso
Nas azas de meu amor.
— E esse aereo paraizo
Em que vou a divagar,
Brilha como o teu sorriso,
Fulge como o teu olhar!

(Evangelho de Moço, p. 129.)

* * *

Oe poetas que soffrem a influencia de Bilac merecem um capitulo especial, que será escripto. E eu me apresso em dizer que estou entre os de identificação mais facil. A minha « Morte de um seringueiro », (Poeira... 1ª série, p. 207), por exemplo, fecha como o seu « Caçador de esmeraldas ». E os meus sonetos, em geral, não são outra coisa que pallidos reflexos da Via-lactea »...

* * *

Desses sonetos ha, entretanto, um, que tem uma historia complicada. E' o « Coração (Poeira... 1ª série, p. 117), onde eu escrevi:

O coração é uma arvore florida
Que dentro em nós, sem o querermos, cresce,
E que, sempre a dar flôres, á medida
Que os botões se lhe arrancam, mais floresce.

Ora, esta mesma imagem está na poesia « Consolado », de Gustavo Teixeira, poeta paulista que eu não conhecia,

e que publicou o seu livro dois annos antes do meu. Escreve elle:

Quem perde uma illusão ridente, nada perde:
Pois, outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões!

(EMENTARIO, p. 41.)

Essa arvore miraculosa procedia, porém, de uma estranha: provinha do « Recquiescat », de Bilac, onde se lê:

O amor é uma arvore ampla e rica
De fructos de ouro e de embriaguez:
Infelizmente, fructifica
Apenas uma vez!

(POESIAS, p. 222.)

E onde encontrou Bilac, tambem, o ramo dessa arvore? Em Junqueiro:

Porque a mocidade é como a flôr do lotus
Que em cem annos floresce apenas uma vez...

E a que paiz foi buscal-a, por seu turno, o poeta portuguez?

Ficará para outro artigo. Por emquanto ainda estamos em nosso jardim...

II

Eu preciso insistir nas declarações que fiz ao iniciar a publicação destas ligeiras notas de estudo: não me move, ao divulgal-as, o intuito de denunciar plagios, que não existem, ou suggerir deshonestidades literarias, que não procurei, nem descobri. As coincidencias, por encontro de pensamento ou reminiscencias de leitura, que estou apontando, são da mesma ordem daquellas que tenho encontrado em mim mesmo, e que venho, igualmente, assignalando. E ninguem, creio, eu, me supporá tão ingenuo,

que venha denunciar-me a mim mesmo, em publico, de imitações calculadamente praticadas.

* * *

Se os que peccam insensivelmente, como eu, e os poetas que venho citando nestes artigos, fôssem considerados deshonestos, ninguem poderia atirar uma pedra, na terra, aos plagiarios legitimos. Uma vez que ha corações que se comprehendem, espiritos que tomam na vida, o mesmo rumo, cabeças que ruminam, na actividade de todo o dia, as mesmas idéas, porque um poeta, que lê os mesmos livros, sente a mesma paisagem e segue as mesmas tendencias do momento, não se póde encontrar com outro, remotamente, na elaboração de uma imagem ou na construcção mecanica de um decasyllabo!

* * *

A proposito do egoismo de que dão mostra certos escriptores, conta Anatole France um caso que applicou, na « Vie litteraire », no exame deste mesmo assumpto. Dirigiu-se Harpignies, um dia, a uma aldeia do Loiret, para fixar nella os grandes carvalhos da região, e encontrou ahi um joven pintor, que se mostrou desolado com a sua chegada. E a magua do pequeno artista foi tamanha, que este, uma tarde, procurou o concurrente glorioso, pedindo-lhe, commovido:

— Mestre, eu cheguei primeiro. Vá para outra provincia; estes carvalhos são meus....

* * *

Dispondo das mesmas tintas, dos mesmos pinceis, e tendo á vista as mesmas carvalheiras, que são propriedade commum, porque extranhar o encontro, nos quadros, de arvores que se assemelhem? A natureza póde ser a

mesma e o mesmo o assumpto; o que, porém, não se imita, e distingue o mestre do discipulo, é a segurança do traço, a opportunidade das côres, o flagrante na transplantação do modelo. Se as tintas das folhas forem absolutamente eguaes, e eguaes as do tronco, a da terra, a do céo, a das multiplas particularidade da téla, o plagio é indiscutivel. Mudem-se, porém, as mesmas côres, dando ao quadro, com os mesmos elementos, um novo aspecto, uma nova impressão do conjunto, a apparencia, em summa, de um sopro creador, ou modificador de outro trabalho existente, e não se tratará mais de um plagio, mas de uma reminiscencia, ou, quando muito, da abertura de um novo caminho para a realização do mesmo ideal de belleza.

* * *

Os monumentos da poesia não escapam ás leis que presidem á elaboração de todas as conquistas humanas. Como as pyramides, a navegação maritima ou aérea, as concepções scientificas ou philosophicas, a imagem literaria é a flôr do esforço de uma cadeia de gerações. E quem disser: — « Esta imagem é minha! », será tão louco, tão ridiculo, como o homem que se intitulasse dono da agua corrente que lhe atravessa as terras, e que foge, engrossando-se e purificando-se, em busca do oceano...

* * *

E desde que se falou em aguas e plantas, voltemos a regar a Arvore a cuja sombra me encontrei, no meu ultimo artigo, ao lado de Bilac, Guerra Junqueiro e Gustavo Teixeira. Algum de nós póde ordenar, porventura, que o companheiro abandone o pouso e procure, adeante, outra ramagem?

E' possivel; mas, o que ficar, não terá o prazer de provar-lhe os fructos, por que já ahi chega, com um documento de posse mais antigo, um caminheiro que vem de mais longe.

— Quem é?

E' Luiz Murat, que se assenta a uma raiz, abre as « Poesias escolhidas », e mostra como escriptura do seu direito a sua florida « Arvore do coração » (pag. 155):

« Dentro do meu coração
Cresce uma arvore frondente...
.....
Cada folha e cada flor
Que cáe dessa arvore immensa,
São restos do teu amor.
São restos da minha crença...»

A que accrescenta:

« Quando vi apparecer
A minha crença primeira
Fiquei como a laranjeira
Ao ver o botão nascer...»

Esses versos, que são formosissimos, merecem uma chronica especial de Ferreira de Araujo, na « Gazeta de Noticias », em 1885. Não fosse o risco de encontrar essa arvore no Paraiso, onde deu, talvez, o fructo do Bem e do Mal, e eu diria, aqui, que fôra Murat o seu primeiro jardineiro. Creio, entretanto, que ninguem lhe disputará a situação de seu mais antigo cultivador no uberrimo terreno das nossas letras.

* * *

Infelizmente, porém, ao mostrar esses documentos, Murat deixou aberto o seu cofre, onde estão os thesouros da sua gloria. E um indiscreto, examinando-os, encontrou, entre as suas joias mais lindas, uma pedra que já vira em outra corôa! E' este formosissimo verso da « Ode a Victor Hugo » (« Poesias escolhidas », p. 207):

« O que escreveu no exilio, os astros decoraram. »

Onde vi eu, porventura, em minha vida, um diamante parecido? Examino, em meu caminho, manto por manto,

diadema por diadema, sceptro por sceptro. E, afinal, páro, deante de uma cabeça. E' Gonçalves Crespo. Arranco-lhe a corôa da carapinha, e, entre as pedras que a ornam, encontro esta, engastada na traducção do III numero do « Intermezzo », de Heine:

« Rimei canções que os astros decoraram...»

Eu não conheço o original allemão deste verso. Murat, o meu grande Murat, tão escrupuloso e tão nobre, para quem esta minha descoberta vae ser uma espantosa surpreza, pode, entretanto, verificar se essa imagem procede effectivamente de Heine. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, no prefacio dos « Nocturnos », diz que Gonçalves Crespo modificou Heine, tornando-o quasi meridional. E quando a mulher accusa o marido...

* * *

Bilac, como já tive occasião de dizer, foi o jardim aberto de todos os poetas que appareceram de 1890 a esta parte do seculo. E Matheus de Albuquerque, o meticulôso prosador das « Reflexões e Sensações », é uma das abelhas que andaram pousando naquelles calices de ouro. Quem lê o « Visionario », de Matheus, encontra, effectivamente, nas « Nupcias » (p. 91), um soneto que assim começa:

Longe de ti, se vejo, porventura...»

e que é, quasi sem alteração, o mesmo do soneto XXXI da « Via Lactea » (pag. 96), que tem este verso inicial:

« Longe de ti, se escuto, porventura »

* * *

O Sr. Manuel Bandeira, autor da « Cinza das Horas » e poeta de merecimento, é um discipulo fervoroso de Antonio Nobre, a quem presta, nesse volume, o seu voto de vassallagem. Mesmo assim, teve que pagar o imposto a

Bilac, nas suas quintilhas das « Tres edades », que principiam desta maneira:

« A vez primeira em que te vi,
Era eu menino e tu menina.
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instincto, airosa e fina
Eras pequena, eras franzina...»

Quem não descobre, ahi, o glorioso prestigio do Mestre? Esses versos, desde o metro até a divisão da poesia em edade ou capitulos, não são outra coisa que uma reminiscencia das « Baladas romanticas »:

« Vi-te pequena: ias rezando
Para a primeira communhão:
Toda de branco, murmurando,
Na fronte o véo, rosas na mão.
Não ias só: grande era o bando...
Mas entre todas te escolhi:
Minha alma foi de acompanhando
A vez primeira em que te vi ».

E', mesmo por este ultimo verso de Bilac que começam, como se vê, as quintilhas da « Cinza das Horas ».

* * *

Devo eu, entretanto, estacar por aqui? Não. Bilac, o mestre querido, não me perdoaria se eu lhe não dissesse em publico que encontrei um fragmento de louro extranho entre as legitimas folhas da sua corôa. A communicação em particular da minha descoberta, representaria, aos seus olhos, uma indelicadeza, que elle me não perdoaria: a de suppol-o capaz de aborrecer-se com a divulgação de uma coincidencia commum, o que, por seu turno, equivaleria a suspeita de que elle conhecia esse encontro de idéas, oriundo, provavelmente, de uma reminiscencia de leitura.

Esse encontro está nestes versos das « Sarças de Fogo » (Poesias p. 125):

« Em vão me agito na apertada rêde...
Mais me embaraço quanto mais me agito ! »

De onde vêm elles? De um soneto (n. IV) de Lope de Vega, que assim termina:

«La red romper: qué desvario!
Pues mas me enredo cuanto mas me guardo!»

Serão elles, entretanto, de Lope de Vega? E' dubitavel. O poeta da «Corona tragica» era versadissimo nos sonetos italianos, e é provavel que elle e Bilac tenham produzido quasi os mesmos versos por influencia da mesma fonte.

* * *

Voltemos, porém, á terra do Brasil.

III

Contam as chronicas do papado que o regresso da cadeira pontifical para Roma foi devido á uma resposta opportuna de certo bispo francez, que não era, ao que parece, dos bons amigos da sua diocése. Como gostasse de andar pelos bispados alheios, descurando o seu Gregorio XI, que ainda se mantinha no Avinhão, mandou chamal-o á sua presença, ordenando-lhe que se recolhesse á Egreja de que era pastor. O bispo, ao ouvir a ordem voltou-se arrogante, e observou ao pontifice:

— Dê-me vossa santidade o exemplo, recolhendo-se á sua!

* * *

Qualquer poeta, nacional ou estrangeiro, que censure um outro por soffrer influencias do pensamento alheio, póde retrucar como o velho bispo gaulez, dizendo ao censor que o preceda na pratica desse evangelho, accommodando-se nos limites da sua imaginação. Todos nós, e todos elles, somos victimas das mesmas coincidencias ou, se quizerem, réos dos mesmos crimes. E é como um consolo necessario, e para provar que essas reminiscencias

de leitura ou encontros de idéas não são privilegio da memoria literaria da nossa gente, que vou tomar, de passagem, a certo livro do genero, um caso caracteristico.

* * *

Em uma das poesias mais louvadas de Lamartine, appareceu, um dia, intercalado, este verso:

La glorie n'est jamais oú la vertu n'est pas.

Andava esse alexandrino assoprado na tuba da Fama, quando um estudioso deu o alarma. O verso não era, absolutamente, do poeta das «Meditações». E, de facto, estava elle no acto IV, scena III, da «Didon», de Le Franc de Pompignan, cujos ossos, tocados pela vaidade posthuma, se remexeram, sem duvida, no fundo escuro da terra.

Esse contentamento de alem-tumulo não devia, entretanto, durar muito. E não durou: um outro estudioso appareceu, pouco depois, com um soneto o abbade Royer, contemporaneo de Racine, que terminava com este terceto:

Trompés par les faux jours qui conduisent nos pas,
Nous pensons rencontrer la veritable gloire;
«Mais il n'est pas de gloire oú la vertu n'est pas».

Havia na literatura franceza, até esse tempo, nada menos de tres versos com o mesmo pensamento e mais ou menos eguaes!

* * *

A proposito dessas flores que vêm rebentar á superficie da terra, e que se assemelham por procederem da mesma raiz subterranea, conta Anatole France a accusação feita, ha annos, a Jean Richepin, de plagiar uma ballada de Rückert. Chamado a defender-se, Richepin confessou que jamais havia lido Rückert, e que este havia ido, com certeza, como elle, á literatura arabe, onde se encontrava a idéa original dos seus versos...

* * *

O caso mais pittoresco é, porém, o de Pierre Lebrun, egualmente citado pelo amavel pensador do « Jardin d'Epicure ». Influenciado por Schiller, Lebrun escreveu, em 1820, uma tragedia, que apresentára á Academia, de que era membro. Sessenta annos depois, em 1880, indo elle ao theatro ouvir a Ristori, que representava a « Maria Stuart », começou a passar a mão pela cabeça, exclamando:

— Mas, eu conheço isto ! Onde eu ouvi isto?

Ao fim de algum tempo, o velho academico, num desesperado esforço de memoria, lembrou-se da sua tragedia, e gritou, como um novo Archimedes:

— Achei ! achei ! mas isto é meu ! é meu ! Roubaram-me !

Ao chegar á casa, Lebrun verificou que se tratava, effectivamente, de um caso de « roubo ». Elle havia « roubado » de Schiller...

* * *

Volvámos, porém, ao nosso jardim. E como a primeira arvore da chacara continúa a ser a « Arvore do Amor », ou do « Coração », coberta do fructo de ouro das illusões e que já têm á sombra nada menos de cinco poetas, peçámos licença para mais um hospede. E' o mystico Sr. Alfonsus de Guimaraens, que, no seu « Trio romanesco », da « Pastoral aos descrentes do Amor », citado por Mello Moraes Filho nos « Poetas brasileiros contemporaneos », canta, commovido:

O coração humano é como as larangeiras:
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...
Ah ! quando voltarão as illusões primeiras
Para oura vez florir o meu finado amôr !

Os demais poetas que já cantaram a « Arvore miraculosa », pódem exclamar, como o outro da anectoda:

— Eu te conheço, meu páo de larangeira!

* * *

Belmiro Braga tem sido, dos nossos cantores de hoje, o menos exposto a influencias exteriores. A sua poesia é toda intima, pessoal, vertida do coração. E, no emtanto, não poude chegar sem companheiro ao alto do monte sagrado. Aqui está o seu bastão, cahido entre as « Rosas », canteiro XVII:

Como na vida se morre
Numa luta interrompida,
Quantas vezes não me occorre
Que só na morte é que ha vida.

A vida é morte seguida
De muitas dores, de sorte
Que eu espero achar na morte
Todo o consolo da vida.

Quem é o dono do cajado? Reclama-o Augusto de Lima (Poesias, p. 160):

A Vida é, pois, a Morte e a Morte — Vida:
Nesta fusão é que o immortal repousa.
Vae-se um, vem outro em linha indefinida,
Eis os polos humanos: berço e lousa.

O mestre das « Contemporaneas » não tem, felizmente, o direito de reclamar de Belmiro Braga a ponteira desse bastão de viagem. Estes dois versos do delicioso lyrico das « Montesinas » não estão na quadra que acima transcrevi:

Que eu espero achar na morte
Todo o consolo da vida.

Elles vêm de mais longe. Estão no « Adeus ao mundo », de Laurindo Rabello, onde apparecem com esta modalidade:

Quem sempre a morte achou no lar da vida
Deve a vida encontrar no lar da morte.

* * *

Dos versos de Belmiro para os de Augusto de Lima a differença não é de kilometros. Mas Augusto de Lima ha de perdoal-o. O mestre faz o que lhe fizeram a elle quando escreveu, nas « Estancias philosophicas » (Poesias, p. 227), esta quadra amiravel:

Nunca a propria virtude a alheia offendas:
E' um cristal puro que, uma vez quebrado,
Se os fragmentos unires, emendado
Conserva os traços negros das emendas.

Esse vaso de cristal não estaria, porventura, no mesmo balcão em que a gloria encontrou « Le vase brisé », de Sully Prudhomme?

« Il est brisé, n'y touchez pas...

* * *

A viagem de hoje é rapida, precipitada. As flôres vão ficando pelo caminho, victimas da pressa de quem as recolhe. Paremos, porém, um instante, e offereçámos, ainda uma vez, um documento da influencia de Bilac sobre os novos poetas, mesmo os mais extranhos á sua escola e ao seu conselho. Eil-o, em Augusto dos Anjos, em quem se lê, no soneto « Contrastes » (« Eu », p. 78):

A's alegrias juntam-se as tristezas,
E o carpinteiro que fabrica as mesas
Faz tambem os caixões do cemiterio !...

Esse terceto é, evidentemente, a parodia tragica do « Pomba e chacal », de Bilac (« Poesias »), p. 119):

Anda a tristeza ao lado da alegria...
E esse teu seio, de onde a noite nasce,
E' o mesmo seio de onde nasce o dia !

Para concluir, por hoje. Bilac, é tão lido e meditado, que até os dois ou tres fragmentos de joio do seu trigal

são utilizados pelos poetas do seu tempo. Este verso do soneto « Incontentado » (« Poesias », p. 149), por exemplo, não têm a belleza dos outros:

Sem uma queixa, sem um só lamento...

Pois bem; houve quem o admirasse e imitasse: Medeiros e Albuquerque, na poesia « Te deum laudamus », que lhe pede por emprestimo 50 % desse verso:

Bendita sejas! Sem um só lamento...

Quando a seara de Booz é rica, não falta, sequer, e como se vê, quem se contente com a parte de Noemia...

IV

Até quando o escriptor affirma: « os meus versos são meus », elle commette uma leviandade, porque mesmo esta phrase não é sua.

Toda gente ainda se lembra da divisa de Raul Pompeia: « Máo, mas meu ». A sua obra era excellente e contestava, com essa virtude, a primeira parte do distico. O que, porém, não era boa, por não ser sua, era esta legenda, que vem do fundo dos seculos amparando o trabalho de escriptores incertos do seu direito de propriedade.

* * *

Fournier, que estuda a origem desse distico e as suas diversas modalidades, encontra-o inicialmente no gravador Raphael Sadler, cuja divisa era constituida por estas palavras, gravadas na carapaça de uma tartaruga symbolica: « Sub parvo, sed meo. »

Não se supponha, entretanto, que esse gravador compoz a sua divisa sem qualquer influencia evidente. Antes da delle, já havia nas cercanias de Paris um fidalgo, de origem duvidosa, que fizera pintar sobre a porta do seu pequeno dominio esta fórma latina: « Fundulo, sed avito.»

E é nesses disticos que Fournier encontra a genese deste verso de Musset (« Namouna »):

« Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre. »

Esse caso prova, diz elle, que, mesmo quando o escriptor acredita beber em seu copo, está bebendo no copo alheio.

E quando é delle o copo, affirmo eu, é de outrem o vinho.

* * *

Voltemos ,porém, á ceifa do nosso trigo.

Uma das mais conhecidas poesias de Vicente de Carvalho é, sem duvida, a das « Palavras ao mar » (« Poemas e canções », p. 97), cuja estrophe inicial anda hoje em todas as boccas e é das mais formosas da nossa literatura:

Mar, bello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!

Que versos brancos, como esses, teriam suggerido, em elaboração silenciosa, essa maravilhosa simphonia oceanica do soberbo poeta das « Suggestões do Crepusculo »? Em Gonçalves Dias (« Obras completas », v. I, p. 295), encontra-se, em um « Hymno ao Mar », esta « ouverture »:

Oceano terrivel, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma...

e em que ha uma estrophe que assim principia:

E que ha mais forte do que tu? Se erriças
A coma perigosa...

Essa poesia traz, ainda, como legenda, estes versos de Turquety:

> ... Est-ce bien toi, vieux lion que je touche,
> Océan, terrible océan!

* * *

Eu creio desnecessario dizer que os versos de Vicente de Carvalho têm, dos outros, apenas alguns vocabulos caracteristicos e o rythmo largo, onduloso, aconselhado naturalmente pelo assumpto. Se eu tivesse de alludir de outra maneira a esses magnificos decasyllabos, seria para affirmar que elles constituem, com o «Cantico do Calvario», de Fagundes Varella, e a «Titania», de Bilac, as mais soberbas poesias em versos brancos existentes em nossas letras. Essa observação podia ser tomada, porém, como uma desculpa, como «amende honorable», que não teria, entretanto, razão de ser, desde que eu collóco immediatamente o glorioso mestre dos «Poemas e canções» em posição ainda mais agradavel do que aquella em que deixei, linhas artraz, o Homéro dos Tymbiras. E essa posição é em relação a Goulart de Andrade, o qual possue um «Vilancete» («Poesias», 2ª série, p. 38), que assim termina:

> Oh! desvario risonho:
> Estejas perto ou apartada,
> Vejo a ti só, e mais nada!

De quem é este ultimo verso? E' de Vicente de Carvalho, que já o havia deixado nas «Cantigas praianas» («Poemas e canções», p. 117):

> Meu amor é todo feito
> De neblina tão cerrada,
> Que por mais que em roda espreito
> «Só te vejo a ti, mais nada:»

* * *

Houve, entretanto, um poeta que vingou Vicente de Carvalho, penetrando sorrrateiramente na seára de ouro

de Goulart de Andrade. Esse poeta, certa noite, quando olhava as estrellas, rimou, silenciosamente, estes quatro versos, destinados a uns dedos sem dona:

Tua mão ... Que mimo! ao vel-a,
Essas estrellas que contas
Gritaram: «Olha uma estrella,
Como nós, de cinco pontas!»

* * *

Estava escripto, no emtanto, que esse salteador seria punido pela justiça literaria. A policia não o procurou, não o incommodou, não o perseguiu. Um dia, porém, doeu-lhe a consciencia e elle, allegando privação de sentidos, teve que confessar, e aqui confessa, que esses versos já pertenciam a Goulart de Andrade, que os tem na sua poesia «Desafogo» («Poesias», 2ª série, p. 52), sob esta fórma:

Oh! mão espiritual, setinea e breve,
«Alva estrella de cinco raios!» Astro
Para o qual meu ardente olhar se atreve!

O poeta salteador chama-se Humberto de Campos. Elle reconhece no seu querido e glorioso irmão o legitimo dono da imagem, mas declara que não a devolverá mais, e que só a abandonaria se se tratasse da de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mesmo porque as imagens não se vendem; trocam-se...

* * *

Depois, com que ficaria esse pobre poeta, devolvendo as imagens alheias, quando lhe levam as delle?

Por que elle tambem é victima. Em sua poesia «Coração» («Poeira..., 1ª série, p. 117), figura esta quadra:

Dizem que se ama uma só vez na vida...
O amor, no emtanto, para mim, parece
Taça espumante que, uma vez bebida,
Se outra vez se beber, mais appetece.

E houve quem a achasse digna de melhor emprego. Um poeta do Pará, o Sr. Lucidio Freitas, autor de um excellente livro de versos, « Vida obscura », tem, nesse volume, um soneto « Corpo », que assim começa:

> Teu corpo sensualissimo, parece
> — Sol de carne que ao longe se percebe —
> Um vinho ideal que, quanto mais se bebe,
> Mais, na vida, a beber nos appetece.

E dizem que as imagens são sagradas!...

* * *

Tudo isso pode ser — e eu quero que assim seja — méra coincidencia. Amadeu Amaral, em uma nota que acompanha o seu ultimo volume de rimas, « Espumas », conta o que lhe succedeu a elle, com um verso de Rostand. Na poesia « A estatua e a rosa », tem o illustre poeta paulista o seguinte alexandrino:

> A obra viva e perfeita é a que não foi concluida.

Um amigo de Amadeu, ao ler esse verso, lembrou-lhe que Rostand possuia em uma ballada das « Musardises », este outro, que encerrava o mesmo pensamento:

> Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais.

Amadeu Amaral registrou o caso assignalando, entretanto, que não havia lido as « Musardises » quando escrevera o seu verso.

* * *

Para terminar, por hoje, vou hospedar á sombra da « Arvore das illusões » o seu setimo poeta. E' o meu grande Martins Fontes, a ruidosa cigarra paulista que se

approxima da fronde maravilhosa e a saúda com a sua « Canção ao cahir das folhas » (« Verão », p. 111):

Se é a mesma lei que governa
As flôres e os corações,
Se o Amor é uma arvore eterna
E as folhas são illusões...

Nós, os seus compnheiros de tecto, não consentimos que continuasse. Bastava. Elle era, positivamente, da nossa familia...

V

A tragedia do Calvario, commemorada ha oito dias, abriu um parenthesis nesta série de observações despretenciosas e amaveis. Solemnizava-se a Quinta-Feira Maior, e era razoavel que eu escrevesse, nesse dia, sobre o Nazareno. Escrevi, sacrificando, embora, este assumpto, que retomo agora no caminho. Christo é Deus, e, mesmo em literatura, pode preterir o bom ladrão...

* * *

E como se tratou de materia sagrada, suavizemos a transição, citando em primeiro logar, nestes confrontos de imagens, o sr. conde de Affonso Celso.

O lyrico admiravel das « Télas sonantes » possue, no « Gentil chapéo » (« Poesias escolhidas », p. 97), estas linhas rimas de galanteio:

Que gentil chapéo!
Era um jardimzinho;
Entre a terra e o céo
Um ninho!

E' um diamante pequenino, de quatro facetas. E poderia ser posto em uma rosada orelha feminina, de par com est'outro, que Hermes Fontes recolheu na correnteza do

mesmo rio e engastou na « Aureola » (« Miragem do Deserto », p. 63) da sua namorada.

A tua cabecita ideal de passarinho
Traz o projecto do futuro ninho
Pairando, attonita, entre a terra e o céo,
Em teu chapéo !

* * *

Outra imagem feliz, em que Affonso Celso (cuja imaginação, como poeta, pode supprir todo o novo Parnaso) precedeu os seus irmãos em Apollo é a que se encontra, hoje, em Alberto de Oliveira. E' uma imagem delicada, graciosa, faiscante, que eu apresento cuidadosamente na ponta dos dedos. Cantou Affonso Celso, nos « Madrigaes » (« Poesias escolhidas », p. 186) :

...As aves fugitivas
Vão do Azul brotando á face,
Como esparsas flôres vivas
De um jardim que se animasse.

E' essa mesma comparação, aliás intuitiva, que se encontra nos « Beija-flôres », de Alberto (« Poesias », 2ª série, p. 118) :

Os beija-flôres, em festa,
Com o sol, com a luz, com os rumores,
Sáem da verde floresta
Como um punhado de flôres.

Convém assignalar, a titulo de informação, que os versos de Affonso Celso appareceram nas « Télas sonantes », e os de Alberto de Oliveira nas « Meridionaes », publicados com a differença, mais ou menos, de um anno.

* * *

Demoremos no bosque. Não só os passaros se assemelham ás flôres. As folhas, tambem, se parecem com as

aves. Quem nol-o diz é o fulgurante Martins Fontes, na « Floresta da agua negra » (« Verão », p. 46) :

Passam, grasnando no ar, periquitos em bando,
Num ridente rascar sobre as aguas revoltas,
Como uma França que se fosse desfolhando,
E esparzindo em redor as verdes folhas soltas,

Infelizmente, porém, as folhas seccaram. E folha secca não é periquito. E' andorinha. Affirma-o, em uma variante dessa imagem, Matheus de Albuquerque, na sua « Canção de inverno » (« Visionario », p. 68) :

Das montanhas de neve o vento em chôro clama
E passa amortalhando as arvores vizinhas.
No espaço, a multidão das folhas se derrama
Num revolto esvoaçar de tristes andorinhas.

* * *

Voltemos á presença de Affonso Celso. E' preciso que eu lhe confesso um crime, commettido, com certeza, sob suggestão, ou durante a noite, como somnambulo. Eu tenho uma imagem sua. Não é a de Santa Luzia, mas é em uma questão de olhos, e de cegueira, que eu lhe explico.

Em meu soneto « Na tua ausencia (« Poeira... », 2ª série, p. 225), escrevi :

. . . . . .
Toda a sala é sem luz. E eu, vendo-a, agora,
Escancarando as amplas gelosias,
Scismo: e penso que a casa, inteira, chóra
Treva, por duas orbitas vasias.

E por que foi que a casa mudou tanto?
Por que as janellas, apesar dos fólhos
Das cortinas, são cegas desse pranto?

E' porque agora vives longe dellas:
— Que eras tu, ó menina dos meus olhos,
A menina dos olhos das janellas !

E eis que, agora, descubro no brilhante mestre do « Anjo enfermo » tudo isso resumido encantadoramente nesta quadra das « Poesias escolhidas » (p. 67):

Moldura á qual tirou-se a téla,
Vaso sem flôr, deserto lar,
De um pobre cégo essa janella
Pensar me fez no ausente olhar,

Está, como se vê, de entrar pelos olhos.

* * *

A modinha popular, ou popularizada, tem contribuido, tambem, para muito verso de artista. E muito passaro sem nome tem ido catar, por seu turno, a alpiste da inspiração na gaiola de ouro dos canarios premiados.

Machado de Assis foi um corrupião illustre, que contribuiu com algumas notas do seu bico para as harmonias collectivas da selva. No seu soneto « Niani » (Poesias completas , p. 208), por exemplo, ha, este dialogo em quatro versos:

— Fica-te ahi na cabana
Onde o meu amor nasceu.
— Melhor não haver nascido
Se de todo já morreu!

Quem não geme, de prompto:

Não te lembras da casinha
Pequenina,
Onde nosso amor nasceu?
Tinha um coqueiro do lado
Que, coitado!
De saudade já morreu!

* * *

Em sentido inverso, temos um alexandrino de Hermes Fontes, nas suas rimas da « A vida é bella » (« Miragem do Deserto », p. 68):

Eu canto a vida... canto,
Porque é sempre melhor cantar do que gemer.

O bohemio que encontra este ultimo verso, percebe, immediatamente, na memoria, como um echo inevitavel, dois outros, da mais popular das modinhas do Norte:

Se eu disser que não sinto, eu sinto sempre,
E é melhor confessar do que mentir!

* * *

Estas notas estão se tornando fastidiosas. Creiam, entretanto, os homens de boa vontade que me acompanharam até este ponto, que o defeito não é da seára, que é rica, mas do ceifeiro, que não tem pulso. E é por isso que elle, em breve, talvez a entregue ao gume de outra foice...

(*Continúa*).

HUMBERTO DE CAMPOS.

(*D'O Imparcial*).

* * *

UMA RECTIFICAÇÃO

O Dr. Mello Moraes pede nos que publiquemos o verdadeiro texto dos seus versos citados no trabalho do nosso collaborador Dr. Evaristo de Moraes, *A escravidão e as Bellas letras,* publicado nos numeros de Outubro e Novembro do anno passado da « Revista Americana ». Com a maior satisfação fazemos a rectificação desejada:

AMA DE LEITE

Vinham bater á porta e vinham para vêl-a:
Era preta e retinta, a estatura d'ella
Não era alta, não; os modos seus, ufanos,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.
— « Não foi aqui, pergunta alguem que a pretendia,
Que annunciou-se um'ama em um jornal do dia?

—«E' certo, sim sinhor»; de dentro brada antiga
Matrona e se levanta—«Olá! ó rapariga!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. E' viva
No serviço da casa, e saiba que é captiva!
Experimental-a é bom; depois, della não mude;
E que atteste o doutor, se goza ou não saude.
Engomma, lava, e cose; em tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo, é carinhosa
Como bem poucas ha. Em quanto aos algueis,
Por ser para quem é, são sessenta mil reis.»
Seu filho?»
A pobre escrava, a intristecer-se toda,
Murmura:
«Meu senhor, meu filho foi p'ra róda.»

MELLO MORAES FILHO.

* * *

CONSELHEIRO ALVARO J. DE OLIVEIRA

No proximo numero iniciamos a publicação de um trabalho do Conselheiro Alvaro J. de Oliveira. Não precisamos lembrar aos brasileiros a biografia do nosso novo collaborador: mas os nossos leitores hispanos-americanos terão prazer em conhecer mais intimamente a personalidade do autor das *Finanças do Brasil*:

O Conselheiro Alvaro Joaquim de Oliveira nasceu na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, a 14 de Abril de 1841. Tendo estudado os preparatorios no Lyceu do Ceará, embarcou para o Rio de Janeiro a 12 de Março de 1856 e matriculou-se no dia 1 de Abril do mesmo anno, na Escola Militar, depois Central, hoje Polytechnica. Em fins de 1857 assentou praça no 1º batalhão de Artilharia a pé.

Nomeado Alferes alumno em 1859 e confirmado segundo tenente de engenheiros em 1861, concluiu o curso de engenharia em 1862.

Nomeado em principios de 1863 ajudante da Commissão de Melhoramentos do material do Exercito, serviu nas fortificações da barra do Rio de Janeiro, como engenheiro resi-

dente do forte do Leme em Copacabana até Fevereiro de 1865, em que partiu para a provincia do Paraná, em commissão chefiada pelo primeiro tenente de engenheiros Jeronymo Jardim, encarregada da construcção de uma estrada de rodagem destinada á passagem do exercito brasileiro para invadir o Paraguay, na guerra que esta Republica nos declarara. Mas tendo o Governo brasileiro deliberado mandar suas forças pelo rio Paraná, já então franqueado para esse fim, em virtude do tratado da Triplice Alliança, seguiu em Fevereiro de 1866 para Corrientes, onde tomou parte, como membro da Commissão de engenheiros em campanha, no preparo do material para o embarque e passagem das tropas no Rio Paraná, e depois na occupação e fortificação da ilha do Cabrita, em todas as operações da passagem do rio e fortificação na margem direita do Paraná e nos acampamentos do Passo da Patria e Tuyuty até principios de 1867, em que foi encarregado de organizar o serviço do telegrapho de campanha que dirigiu até o fim da guerra, em 1870.

Quando partiu para a guerra era primeiro tenente do corpo de Engenheiros. Foi promovido a capitão em commissão por merecimento em 1868, e a capitão effectivo em Dezembro do mesmo anno por actos de intelligencia reputados serviços relevantes. Depois da guerra foi promovido a major, por merecimento em 1870.

Sendo republicano e pensando que em uma monarchia, como era então o Brasil, não lhe ficava bem servir como militar, pediu demissão do sevriço do exercito, obtendo-a em 1872, apezar da opposição do Duque de Caxias, membro do Supremo Tribunal Militar, à esse pedido, em parecer que tanto honra o patriotismo do velho marechal como o official demissionario pelos honrosos conceitos daquelle venerando chefe.

Nomeado engenheiro da Repartição Geral dos Telegraphos, serviu no Rio Grande do Sul, e, depois, nesta capital, como ajudante technico (membro da Directoria) até 1874, em que pediu demissão. Serviu depois como fiscal da estrada de ferro de S. Paulo a Cachoeira (hoje S. Paulo e Rio de Janeiro): logar que deixou por ter sido nomeado

substituto interino da Escola Polytechnica, sendo nomeado em 1880 lente cathedratico de chimica mineral, por concurso Nesse cargo jubilou-se em 1897.

Tendo sido reconduzido em 1884, por ter completado trinta annos de serviço publico; foi-lhe dada a carta do Conselho de S. M. o Imperador nos termos da lei.

Quando lente, exerceu durante quatro annos o cargo de engenheiro fiscal da Rio de Janeiro City Improvements Co.

Na Republica exerceu, depois de jubilado, o cargo de Director Geral dos Telegraphos, de Setembro de 1898 a Fevereiro de 1900.

Publicou um livro de chimica com o titulo «Apontamentos de Chimica» em 1883: do qual foi tirada segunda edição em 1897 com o titulo de «Elementos de Chimica Geral». E' autor de artigos que foram reunidos em folhetos, sobre as seccas do Ceará, o «Abolicionismo» e «Sciencia e Religião»: além de artigos scientificos na «Revista Brasileira» e de outros sobre instrucção publica, finanças e politica geral, em varios jornaes da Capital Federal e de Nictheroy. Tem escripto, prompto, para ser impresso, um livro com o titulo «Memorias de um pobretão».

Requereu em 1911 ao Conselho Municipal a concessão de uma linha subterranea servida por trens electricos ligando o centro da cidade a Cascadura, sendo o seu projecto discutido, tendo tido parecer unanime favoravel dado pelo Club de Engenharia, perante o qual fez uma conferencia. Não tendo ainda obtido deferimento de sua pretenção tem discutido na imprensa diaria com persistencia e vigor os seus direitos. — Redacção.

1409 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

em carta datada de 4 de Julho de 1501), estava-se em presença de «uma parte da mesma terra que eu descobri, ha tempos, para o Rei de Castella, e que se estende mais para oeste». Assim, pois, se devemos a Diogo de Lepe o primeiro conhecimento da forma pyramidal da America do Sul a Vespucci cabe a honra da hypothese tão bem fundada, de que a costa oriental da America não constituia um grande archipelago, mas sim um continente extenso, e, sobretudo, que o Brasil tinha connexão continental com a Colombia e a Goyana.

A Corôa de Portugal, nos primeiros tempos que se seguiram á descoberta, nada fez pelo Brasil. Entretanto, tornou-se essa parte do novo continente uma escala para as esquadras que, successivamente, quer sob o mando de Affonso de Albuquerque (1503), quer dos outros heroicos navegantes portuguezes, seguiam para o Hindostão, e que aportavam, em geral, ao que parece, perto de Porto Seguro ou da feitoria de Santa Cruz, recem-fundada. Além disso, começou a especulação commercial a se preoccupar com aquella costa, se bem que a Corôa tivesse reservado unicamente para si o commercio com aquella região, tendo arrendado esse direito a um rico armador chamado Fernando de Noronha, que obteve, tambem, em 24 de Janeiro de 1504, o feudo da Ilha que recebeu o seu nome.

Mas, nem os Portuguezes, nem as outras nações respeitaram esse monopolio, pois, aprenderam o caminho do Brasil, apezar de haver o Governo Portuguez prohibido aos seus marinheiros entrar ao serviço do estrangeiro, ordenando, ao mesmo tempo, aos seus cartographos que omittissem dos seus mappas e dos seus globos terrestres todas as terras situadas no Oceano Atlantico ao sul do Equador. Em breve vieram negociantes hespanhoes, neerlandezes e especialmente francezes que procuravam estabelecer feitorias, algumas passageiras, outras permanentes, cujo fito era entrar em relações de commercio com os indigenas, que aquelles negociantes não hesitavam em atiçar contra os seus concorrentes. Houve disso um terrivel exemplo e por elle podemos imaginar o encarniçamento com que se perseguiram aquelles rivaes. Relatamol-o porque elle se nos afigura caracteristico da

actividade dos Europeus durante longos annos na costa do Brasil.

Um Allemão, chamado Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a quem o espirito de aventura levou para alem-mar, commandava um fortim portuguez (na Provincia de São Paulo), quando cahiu, em 1549, prisioneiro dos indigenas. Pouco tempo depois o interprete de uma nau mercante franceza visitou essa tribu, que vivia perto do logar onde fundeára o seu barco, a fim de commerciar com ella. Apresentaram-lhe o prisioneiro e como este não conseguisse responder facilmente em francez, o interprete disse aos indigenas, na sua lingua: « Matae e comei esse miseravel, que elle é um Portuguez, nosso e vosso inimigo! » Mas, o Francez voltou algumas semanas depois da sua viagem circular ás tabas visinhas e, encontrando-se novamente com Staden, reconheceu-o por Allemão. Elle se arrependeu, então, das suas palavras crueis e fez todo o possivel para libertar o infeliz, explicando-lhe, a guiza de desculpa: « pensei que fosses um Portuguez, um desses bandidos que, com prazer, enforcaremos todos os que pudermos apanhar ».

Bem podemos imaginar a absoluta falta de escrupulos com que os Europeus procediam para com os Indios, se elles assim se tratavam mutuamente. Os brancos não hesitavam um só instante em atacar, sem o menor motivo, uma tribu para conseguir as boas graças de outra tribu com quem andavam fazendo bons negocios.

Os indigenas, em cuja taba Hans Staden se achava prisioneiro, contaram-lhe que tendo uma vez chegado áquella costa um navio portuguez foram a seu bordo grande numero de homens da sua tribu, animados de intenções pacificas de lá negociarem, como faziam com os Francezes, quando a maruja os accommetteu, apoderando-se delles para depois os entregar aos seus inimigos mortaes para serem comidos.

Além disso, tornara-se uso atrahir alguns Indios a bordo das naus e de os aprisionar para os vender no velho continente como escravos. Assim tambem procedeu o Portuguez Gaspar da Côrte Real nas costas do Labrador (1501). Conservou-se um exemplo frizante do que acabamos de referir. Em 22 de Fevereiro de 1511, Christovam Pires fez-se de vela

do porto de Lisboa para Cabo Frio (Provincia do Rio de Janeiro), a bordo da nau *Bretoa* e, entre as instrucções que os seus armadores lhe deram, está a que lhe recommendava severamente de tratar bem os indigenas e de não trazer nem um só daquelles homens para a Europa, a fim de que « se algum delles morresse a bordo ou por outro qualquer motivo não regressasse a sua terra, não pudessem os outros suspeitar que os seus irmãos haviam sido mortos e comidos, conforme costumavam elles fazer ». Apezar de tão terminantes ordens apparecem 36 indigenas, fazendo parte da carga da *Bretoa*, de volta á mãe patria.

Naturalmente, os navegantes culpados dessa *razzia* de homens, não se aventuravam a entrar novamente nos portos que haviam sido testemunhas das suas façanhas, indo, de preferencia, tentar fortuna alhures; porém os indigenas, roubados dos seus parentes e amigos, guardavam a memoria do crime mas não do malfeitor, pois exerciam indistinctamente a sua vingança no primeiro Europeu que lhes cahisse nas mãos. De modo que continuou a reinar ao longo da costa da America do Sul o regimen de atroz violencia que os Europeus encontraram e que as transacções commerciaes ainda aggravaram. E' que até então a lucta ficara circumscripta ás tribus indigenas estabelecidas nas cercanias, porém o elemento europeu com as suas rivalidades de povo a povo, alargou as hostilidades.

Como era natural, o commercio brasileiro se fazia unicamente pela troca. Os Europeus traziam pannos para o vestuario, objectos para o ornamento primitivo dos seus freguezes, espelhos, chamarizes para passaros, coraes e nas permutas recebiam simples curiosidades, ornamentos de plumas, armas e utensilios indigenas, papagaios e macacos, que tinham bom preço nos mercados europeus; ou então os productos preciosos do paiz, como o algodão, a pimenta, etc. A principal carga dos navegantes brasileiros era uma madeira de que se extrahia uma tinta vermelha, e a que os indigenas davam o nome de Ibirapitanga e que já se tornara conhecida, havia muito, na Europa como *pau Brasil* (Bresill, Brasilly, Braxilis, Bresilium). Havia muito que se conhecia uma especie de arvore que se empregava para tingir a lã e o algodão

e que se importava da India Oriental. Ella se acha mencionada nas tarifas aduaneiras italianas, de Ferrara desde 1193, de Modena desde 1306, e nos documentos do commercio catalão de 1221-1243. O viajante arabe Abuzeid el Hacen, no IX seculo, e mais tarde o Geographo Edrisi (1153), já celebravam o pau vermelho da Ilha Alrami ou Sumatra, o qual era denominado no texto arabe « bakkam » e foi traduzido pela palavra latina « bresillum », que se prende talvez etymologicamente ás radicaes romanicas (do portuguez « braza », do italiano « brace », do francez « braise », do inglez « to braze », bronzear ou dar côr; compare-se com o sanscrito « bhradsch » illuminar, raiar; « bha-kam », brilhante).

A geographia mythica da edade media refere-se a uma ilha Brasil (Brazir, Bracie, Bersil), situada no Oceano Atlantico e que constava ter sido constituida por um volcão ou que por elle fora destruida. Essa ilha nunca foi localisada exactamente, apenas dizia-se que ella devia estar entre os parallelos do Cabo São Vicente (Portugal) e a Irlanda, e por esse motivo passou o nome á posteridade de dois modos, o *Brasil Rock*, 6° a oeste da extremidade sul da Irlanda, e a Punta del Brasil, na Ilha Terceira, (grupo dos Açores). Emfim ao ser descoberto o novo mundo, encontraram tambem os navegantes a mesma madeira corante naquellas costas; assim é que Colombo fez um carregamento della na sua segunda viagem, em Hayti, e, na sua terceira viagem, na Colombia, e do mesmo modo Vespucci foi o primeiro que a viu, um pouco mais tarde, na costa brasileira, de 1503 a 1504.

Aquella arvore, que crescia na America, passou a chamar-se do mesmo modo que a originaria da India. E, como em parte alguma a acharam em tão grande abundancia como na costa do paiz que tinha officialmente o nome de « Terra de Vera Cruz », ou de « Terra de Santa Cruz », era natural que o commercio europeu só se referisse a essa terra empregando a denominação « Terra do Pau Brasil », ou de um modo mais curto « Brasil », cahindo no esquecimento os antigos nomes.

Assim o lenho do martyrio sagrado pela fé christan cedeu a primazia á preciosa madeira corante « alteração essa que, (como dizia o historiador portuguez Barros), foi levada a

effeito pelo demonio, por isso que a miseravel madeira que tinge os pannos não se pode comparar com o sangue derramado pela salvação das nossas almas».

Dessa maneira transmittiu-se o nome «Brasil» do Archipelago da India Oriental para a costa oriental do novo continente, passando por um cabo da Ilha Terceira. (Humboldt).

Entretanto continuavam, ininterruptamente, as explorações ao longo do litoral sul-americano, porém de ordem e no interesse da corôa hespanhola. Apezar dessa circumstancia o facto não deixava de ser importante para o Brasil porque entre os primeiros descobrimentos houve o daquelle grande rio, que para o futuro se tornará a grande arteria de todo o sul do continente. Em 29 de Junho de 1508 partiram da Hespanha para a America do Sul dois navios, sob o mando de Vincente Yanez Pinzón e Juan Diaz de Solis. Elles chegaram á costa brasileira na altura do Cabo Santo Agostinho e velejaram até 40° de lat. Sul, sem, no entanto, dar com a foz do Rio da Prata, situada a 5° mais ao norte. Foi mais feliz a segunda expedição hespanhola que se fez ao mar, em 8 de Outubro de 1515, commandada, unicamente, por Juan Vincente de Solis, a qual tendo acompanhado a costa do continente desde o Cabo São Roque, entrou finalmente, por 35° de lat. Sul, num mar de «Agua Dôce», e subindo a corrente descobriu um rio magnifico, que cognominou de «Rio de Solis», e que hoje é conhecido pelo nome de Rio da Prata.

Esses dois cruzeiros deram motivo para desaccordos diplomaticos entre as corôas de Portugal e de Hespanha.

Solis encontrou a morte nas ribanceiras desse rio. Os indigenas, reunidos na praia, fizeram-lhe signaes e elle acudiu a esse chamado na esperança de aprisionar um delles; mas os selvagens tambem nutriam intenções ardilosas e antes que Solis pudesse se aperceber dellas já estava destruida a sua canoa e assim cortada a sua retirada. Solis e oito dos seus companheiros foram trucidados e os seus cadaveres serviram para uma orgia de cannibaes (Agosto de 1516). O resto da guarnição do navio suspendeu ferros e voltou para a Hespanha, depois de ter embarcado, a caminho, um carregamento de pau brasil.

Na primeira viagem haviam ficado sete marinheiros hespanhoes na enseada de Cananéa (São Paulo), portanto dentro dos limites da soberania portugueza, cahindo assim prisioneiros dos Portuguezes; porém na segunda viagem Solis aprisionou uma barca, tripulada por onze Portuguezes, que se achava em mares territoriaes hespanhoes e mandou aquella gente para a Hespanha. Não houve difficuldade em entenderem-se e trocar os prisioneiros feitos, mas o Rei D. Manoel apresentou reclamações contra o constante cruzeiro ao longo das suas possessões e exigiu a entrega não só do carregamento, mas tambem das tripulações para castigal-as como contrabandistas. O Governo castelhano negou-se a isso, tanto mais quanto se considerava com direito, segundo a linha de demarcação, quer ás novas descobertas de Solis, quer á parte meridional das antigas descobertas de Vespucci.

Pouco depois trataram os Hespanhoes de alargar o conhecimento do rio de Solis, e, no verão de 1525, appareceu na foz do referido rio uma esquadra commandada por Sebastião Cabot, que já havia descoberto, para a Inglaterra, a ilha de Terra Nova e o continente norte-americano, e se puzera agora ao serviço da Hespanha. Elle subiu o rio Paraná (em lingua indigena « agua grande, mar »), até o ponto da confluencia com o Paraguay (Para guazú, rio grande), e continuou por esse numa grande distancia tomando posse das terras ribeirinhas de ambos os rios para a corôa hespanhola. Ao mesmo tempo visitava Diego Garcia com uma flotilha as mesmas paragens e chegou, sem duvida em primeiro logar, á foz do Uruguay, mas sem levar mais longe o seu descobrimento, por isso que assim que elle chegou aos postos, deixados por Cabot na sua subida, e ahi soube que este se aventurara rio acima, seguiu o mesmo caminho e alcançou, finalmente o seu companheiro, no Paraguay, em 1527. Data dessa expedição o novo nome do Rio de Solis. Cabot e Garcia haviam recebido, durante a sua fastidiosa viagem, das tribus com quem entravam em relações, um certo numero de placas de prata em troca das suas mercadorias. Essas placas de prata haviam sido levadas, no correr dos tempos, de mão em mão, desde o Perú, tão rico em prata, até aquella região, onde os indigenas dellas se serviam para os seus ornamentos.

E, como nessa época existia em toda a Europa a certeza de que todo aquelle continente occidental, desde o extremo norte até o extremo sul, era de uma riqueza inexgottavel em metaes preciosos, acreditaram os descobridores ter entrado num novo Eldorado, e, para commemorar o facto, deram ao grande rio o nome de « Rio de La Plata », — denominação, que actualmente, como é sabido, apenas designa o delta da embocadura do rio no mar, perpetuando-se o novo nome.

Os seus tres grandes afluentes conservaram, entretanto os seus nomes indigenas, assim o Uruguay, que tem as suas nascentes na Provincia do Rio Grande do Sul, por 28° de lat. Sul; o Paraná cujas aguas descem do Norte, e de leste, das Provincias de São Paulo, por 23°, de MinasGeraes, por 21° e de Goyaz por 17° de lat. Sul; emfim o Paraguay que começa na Provincia de Matto Grosso por 14° de lat. Sul.

Passou-se muito tempo antes que se pudesse chegar a um conhecimento geral dessa rêde fluvial e ainda hoje se tem apenas uma informação superficial sobre muitas das suas zonas. E menor tem sido todavia o esforço para tornar accessivel e aproveitavel a teia intrincada de rios, affluentes e lagunas, que se espraia por todos os lados no coração do continente sul-americano. O valle desses rios apresenta agora, mais ou menos, o mesmo aspecto com que elle se descortinou aos olhos dos seus primeiros descobridores, ha mais de 300 annos. Os estabelecimentos brasileiros de um lado, e do outro os de origem hespanhola, perdem-se como oasis na immensidade da floresta virgem, e umas poucas tribus indigenas vagueiam miseraveis e sem pouso certo ahi, onde muitos milhões de agricultores europeus poderiam encontrar uma patria rica e feliz.

Do mesmo modo que o Prata, deve a segunda grande bacia fluvial do Imperio sul-americano a sua primeira exploração séria aos hespanhoes, e, apezar de mediarem entre essas duas explorações longos annos de avultada importancia para a costa brasileira, trataremos já dos successos da primeira navegação do Amazonas, terminando assim os feitos do descobrimento do Brasil. Depois de Vicente Yanez Pinzon, o primeiro Europeu que, em 1501, sulcou as aguas doces do mar na foz do

Amazonas, varios navios entraram certamente por aquelle rio. O Governo hespanhol incumbiu expressamente Diego de Ordas, um dos conquistadores do Mexico, que em 1530, partiu para fundar uma colonia em Venezuela, de, na mesma occasião, explorar o rio, avistado por Pinzon e appellidado desde essa época Marañon (Maranham). Essas explorações não tiveram, porém, resultados de certa monta; o valle do Amazonas continuou absolutamente desconhecido, até que um explorador, vindo de oeste, o desceu.

Foi elle Francisco de Orellana, cavalleiro hespanhol que acompanhou Gonzalo de Pizarro, Governador de Quito, na sua venturosa marcha para oeste, á procura do sonhado paiz do ouro, o El-Dorado. Revestido pelo seu chefe do commando de um barco, com o qual devia acompanhar o exercito expedicionario pelos tributarios do Amazonas, animava-o a paixão que ardia naquella época em todos os corações juvenis da Hespanha: elle anhelava descobrir, pelo seu esforço pessoal, novas terras, e, se possivel, aquellas tão ricas que Pizarro procurara em vão. Um dia aconteceu que o seu barco, arrastado pela correnteza caudalosa do Napo (no actual Ecuador), deixou atraz de si as tropas que trilhavam as ribanceiras e Orellana não poude resistir á tentação. Elle reuniu a marinhagem e com palavras eloquentes persuadio-os de se separar das tropas aventureiras de Pizarro e de seguir a corrente que os impellia até ao mar, conquistando assim, ao mesmo tempo, uma nova provincia para a patria e para si a gloria e os lucros de um novo descobrimento. Um só negou-se a acceitar a proposta e ficou em terra para informar Pizarro e o exercito do abandono de Orellana. Todos os outros anuiram com enthusiasmo ao audacioso plano e, a 31 de Dezembro de 1540, iniciou o barco a sua navegação pelo Napo e o Amazonas abaixo. Essa viagem deu aos temerarios navegantes ensejo para luctar com as tribus indigenas habitantes das margens dos rios, e, tambem com as mais crueis necessidades, ao passo que em outros logares eram recebidos amistosamente pelos naturaes e providos generosamente com tudo o que precizavam.

Não cabe aqui a narração minuciosa das aventuras de Orellana e seus companheiros, apenas mencionaremos um

acontecimento, porque a elle se prende o nome do grande rio.

A 22 de Junho, os Hespanhoes tiveram que luctar com uma tribu de Indigenas entre os quaes viram algumas mulheres armadas, esposas, naturalmente, que tinham acompanhado os seus maridos á guerra, como ainda é costume em algumas tribus brasileiras.

Os Hespanhoes, mais uma vez enganados por uma falsa sciencia lembraram-se, naquella occasião, da antiguidade e tomaram aquellas mulheres guerreiras por chefes dos exercitos e rainhas da nação inimiga. Elles deprehenderam dos dizeres de alguns prisioneiros ou de Indios da visinhança, que aquella tribu era vassalla de uma numerosa e poderosa tribu de mulheres guerreiras a quem pagava tributo. Essas Indias não admittiam nenhum homem nas suas tabas, se bem que os recebessem em certas épocas, vindos de tribus visinhas, despedindo, depois de algum tempo, com presentes, os seus hospedes e os meninos nascidos daquellas uniões. Foi desse modo que a lenda das Amazonas passou do Oriente, das margens do Don e das praias do Mar Negro, e, por intermedio de uma ilha fabulosa da geographia mythica da edade media (« Ilhas das Mulheres e dos Homens Solitarios », no globo terrestre de Behaim) para o longinquo Occidente, no valle do Rio Amazonas!

Está claro que depois de Orellana nenhum outro viajante jamais viu o tal povo de mulheres guerreiras, mas em tudo isso parece que se não trata somente de uma manifestação da phantasia européa; essa lenda deve ter sido conhecida por algumas tribus amazonenses, talvez, até, anteriormente á visita de Orellana, e, com certeza, posteriormente a ella, por isso que outros viajantes ouviram, mais tarde, narrações mais ou menos floridas relativas ás amazonas indigenas. E, mesmo, talvez haja algo de verdadeiro nessa fabula.

Era tal o jugo da escravidão que pesava sobre as mulheres que facilmente se pode imaginar que alguns bandos dellas fugissem das tabas dos seus crueis maridos e se internassem na matta para procurar a sua salvação na independencia selvagem, dando o caso motivo para que se formasse a lenda romantica. Seja como fôr, essa lenda deu o nome definitivo

ao rio, transmittindo-se o de Maranham ao rio costeiro existente mais para leste assim como á Provincia que elle atravessa. O nome de Orellana, do seu descobridor, que se acha nos mappas antigos, desappareceu, brevemente, ficando apenas o do Rio das Amazonas.

Orellana chegou ao Oceano Atlantico em 26 de Agosto de 1541, terminando assim a obra do seu descobrimento. O Brasil tornara-se, pois, conhecido nos seus contornos geraes e nas suas tres grandes divisões naturaes. E o essencial era que depois de ter Vespucci firmado a connexão entre as diversas partes da costa, cabia a Orellana a gloria de verificar, indo de oeste para leste, que a America do Sul formava um só bloco continental. Elle mereceu, portanto, sem contestação, o governo, que a corôa de Hespanha lhe concedeu, das terras por elle descobertas no valle do Amazonas, o qual recebeu, em 27 de Fevereiro de 1544, o nome de Nova Andalusia.

As despezas da conquista e colonisação deviam correr por sua conta, mas, em compensação, era-lhe concedido, durante dez annos, toda a receita da nova colonia. Em virtude dessa nomeação Orellana reuniu uma expedição e fez-se ao mar com 4 velas, partindo de Hespanha a 11 de Maio de 1544. A sorte, porém, que o acompanhara tão fielmente na sua primeira expedição, tão venturosa, abandonou-o desta vez. Ainda a caminho perdeu elle dois navios e a metade das suas guarnições, e, ao chegar á foz do grande rio passaram-se longos mezes antes que se pudesse encontrar no emmaranhamento dos desaguadouros do delta o verdadeiro que ia ter ao coração do continente.

Entretanto, as febres, endemicas em todo o percurso do Amazonas, dizimaram os seus companheiros, tanto mais facilmente que elles estavam enfraquecidos pelos trabalhos e as necessidades. Finalmente, o proprio Orellana falleceu e os homens que restavam trataram de voltar á patria. Alguns delles que ficaram voluntariamente numa ilha do delta nas habitações de Indios amigos, deram-se por muito felizes, quando pouco tempo depois appareceu um barco portuguez, vindo de Pernambuco, offerecendo-lhes a opportunidade de fugir daquella região calida e extremamente insalubre, pelo menos para os Europeus.

A Hespanha nenhuma outra tentativa fez para realizar a posse do Amazonas e colonisal-o. Só, de vez em quando, um ou outro bando armado, hypnotisado pelo antigo sonho, sahia das feitorias do Prata ou do Perú e se internava pelo sertão até o curso superior do rio á procura do fabuloso El-Dorado e das opulentas cidades das Amazonas. Mas eram apenas expedições de aventureiros, sem plano nem direcção, e que depois de vaguear algum tempo, perdidas as esperanças de descobrir o paiz do ouro e vendo acabarem-se as provisões, regressavam e tratavam de obter um premio para tanto esforço na venda dos prisioneiros de guerra, arrancados á sua patria. Assim é que o territorio amazonense continuou tão desconhecido como antes de Orellana, até que passado perto de um seculo, fez-se uma nova tentativa para uma exploração mais minuciosa, pode-se dizer mesmo que para uma segunda descoberta.

Em 1635, o Governo de Quito havia enviado uns missionarios franciscanos, acompanhados por uma pequena tropa de soldados, para catechisar os Indios estabelecidos nas margens do rio Napo. Foi em vão que os missionarios trabalharam para converter aquelles gentios; muitos foram trucidados e os outros desesperaram de conseguir o menor exito na sua empreza. Alguns puzeram-se a caminho de Quito; porém, dois irmãos leigos e seis soldados, temendo trilhar, novamente, o caminho terrestre tão difficil e perigoso, metteram-se, como outr'ora Orellana, numa pequena canoa e desceram a corrente do Napo e do Amazonas, chegando felizmente a Gurupá, uma pequena feitoria portugueza (Provincia do Pará).

Dahi foram acompanhados até São Luiz, á presença do Governador do Maranham, Raymundo de Noronha, que, ao ouvir a narrativa, logo resolveu mandar explorar minuciosamente aquelle rio tão importante para o commercio com o Perú.

Formou-se uma flotilha de 45 barcos leves, montados por 70 soldados e 1.200 Indigenas, que, sob o mando de Pedro Teixeira, partiu a 28 de Outubro de 1637, do porto de Gurupá, para emprehender a primeira navegação rio acima. Após uma penosa viagem de dez mezes deram com as primeiras

feitorias hespanholas, seguindo Pedro Teixeira pelo caminho terrestre, para Quito, em Agosto de 1638. O povo e o Governo de Quito deram o maior apreço ao acontecimento. Levaram Pedro Teixeira a capital, em prestito festivo. O Conde Chinchon, então Vice Rei, ao ler o diario de viagem e o plano de um trabalho hydrographico do curso do rio, pediu-lhe que voltasse pelo mesmo caminho, completando assim a exploração, para o que lhe dariam o auxilio technico de dois homens de sciencia. Teixeira annuiu e Cristobal de Acuña, Reitor do Collegio de Jesuitas em Cuenca, e Andre de Artieda, Professor de Theologia no Collegio de Quito, acompanharam-no. A viagem durou outros dez mezes, de 16 de Fevereiro a 12 de Dezembro de 1639, dia em que aportaram no Pará.

Data dessa viagem de descoberta em que se exploraram as embocaduras dos affluentes, aos quaes deram nomes, a primeira informação mais exacta sobre o Amazonas. Muito mais se fez esperar o conhecimento, mesmo superficial, dos seus tributarios, que se espalham por toda a parte, para além das fronteiras brasileiras até as Republicas do Perú e da Colombia, e é ainda impossivel apresentar um estudo geographico completo dessa região.

Aliaz pouca importancia tem a colonisação européa nessa bacia fluvial. E' certo que, e teremos ensejo de estudal-o mais tarde na historia provincial do Pará, os Portuguezes trataram de estabelecer uma serie de nucleos coloniaes nas margens do Amazonas e de seus tributarios, entretanto, a não ser algumas cidades ribeirinhas situadas no delta do grande rio, todos aquelles casarios não progrediram, e, em summa, pode-se dizer que a bacia deserta do Prata é densamente povoada relativamente á do Amazonas. E assim continuará ella sem duvida por muitos seculos.

As causas, os motivos para a minha affirmação são faceis de observar para quem quizer comparar, entre elles, os dois grandes rios da America do Sul.

O Prata offerece ao immigrante europeu, logo na sua foz, um clima temperado e saudavel, terras ferteis e prosperas e campos de facil cultivo, em que tanto a criação de gado como a lavoura podem tomar um extraordinario desenvolvimento.

Se, apezar disso, as terras do Prata ainda se conservam meio desertas cabe a culpa a circumstancias externas, que são não só o velho methodo de exclusão dos Hespanhoes, pessoalmente incapazes e fracos para tirar um rendimento conveniente da sua colonia e que, no entanto, não permittem que estrangeiros o façam; mas tambem ás successivas revoluções e guerras civis, que, forçosamente, amedrontam todos os estrangeiros e até os proprios nacionaes. Porém esses obstaculos externos podem ser afastados e o valle do Prata meridional atrahirá, com certeza, graças ao seu clima temperado, capitaes e braços da Europa tão abundantes como os que agora se dirigem para os Estados Unidos.

No entanto, mais para o norte, o valle do Prata penetra na zona tropical e por isso menos se presta para a colonisação da raça européa, mas, pouco a pouco, tambem essas regiões, em que o algodão, o assucar e os outros productos dessas latitudes podem ser admiravelmente cultivados, chamarão os immigrantes superfluos no sul e nellas se desenvolverá, naturalmente, a colonisação, devido á corrente constante de emigração do sul mais frio para o norte mais quente, — tal como ainda hoje, apenas em direcção opposta, a população branca e, especialmente a negra, se derrama do norte na região algodoeira do valle do Mississipi.

Bem diverso é o Amazonas que corre de oeste para leste e constantemente na zona torrida, quasi sob o equador. As terras do delta são insalubres e até já está desapparecendo a criação de cavallos e bois que se fazia antigamente em grande escala; em muitas centenas de legoas ao longo do rio ha fazendas expostas a inundações que se repetem, com regularidade periodica, e onde terriveis malarias e nuvens de horriveis mosquitos reinam despoticamente; emfim, uma matta virgem tropical cobre a quasi totalidade do paiz, difficultando assim immensamente a lavoura.

A historia do Mississipi já nos ensina quantas vidas humanas e quanto trabalho custou a colonisação dos terrenos ferteis mas insalubres do delta daquelle grande rio, sacrificios esses que perdurarão por muitas gerações e, no entanto, o Mississipi desemboca longe da zona equatorial, na qual o Amazonas vae ter ao mar. Além disso a experiencia tem de-

monstrado que agricultores e trabalhadores ao ar livre não resistem nos tropicos e sobretudo nos terrenos planos e alagadiços. Toda e qualquer tentativa de colonisação fracassará, em taes condições, lastimavelmente. Ha disso terriveis exemplos, mas apenas mencionaremos que dos 14.867 habitantes da Madeira que, em 1846-48, emigraram para as Indias Occidentaes britannicas e a Goyana, em pouco tempo succumbiram 6.668 de febre amarella e outras molestias.

E' inutil pensar portanto na colonisação do valle do Amazonas por Europeus, e, se apezar disso o Governo peruano e a Companhia Brasileira de Navegação do Amazonas teimarem em chamar Europeus do Norte e até Allemães, aquelles para o curso superior e estes para o inferior do Amazonas, é simplesmente atiral-os para os braços da morte, sem ao menos favorecer o paiz! Antes de colonisal-o será preciso contentar-se com o commercio e a exportação dos productos da matta virgem tropical, contractando para o serviço dos estabelecimentos necessarios alguns trabalhadores chinezes ou das Indias Orientaes.

O valle do Amazonas só poderá receber immigrantes realmente agricultores quando o planalto brasileiro que o circumda e que é por emquanto deserto e inhabitado ficar tão densamente povoado que elle possa enviar o superfluo da sua população para aquellas terras baixas.

Mas até esse dia, — que se pode esperar centenas de annos, — a raça autochtone dominará sosinha; seus irmãos serão pouco a pouco expulsos das outras regiões do Brasil, dos planaltos e das terras platinas e acharão ahi uma nova patria. Da sua mestiçagem com immigrantes brancos e negros sahirá, com certeza, o povo destinado a aproveitar a immensa fertilidade daquella zona equatorial e entregal-a ao commercio mundial.

Mas, ainda assim não conseguirá o Amazonas representar na historia o papel que não pode deixar de caber ao Prata e ao Mississipi; o commercio amazonense será forçosamente uniforme, por isso que os productos do valle desse grande rio são eguaes em todo o seu percurso e não obedecem como nos seus dois rivaes a grandes differenças de clima. Assim tambem nunca poderá haver uma vida politica activa

porque a feição da sua colonisação e como consequencia o caracter e a formação do povo deverão necessariamente ser identicos desde as suas nascentes até a sua foz.

CAPITULO II

OS FEUDOS PORTUGUEZES

Inicio da colonisação na costa — Os doze donatarios e suas capitanias — Organização das capitanias feudaes — Insuccesso da colonização no norte do Brasil — Insuccesso da colonização na Bahia — Insuccesso da colonização, nos Campos dos Goitacazes — As capitanias feudaes: I) de S. Vicente; II) de Santo Amaro; III) do Espirito Santo; IV de Porto Seguro; V) dos Ilhéos; VI) de Pernambuco; VII) de Itamaracá — O Brasil como logar de degredo.

Voltemos ao litoral do Brasil! Já mencionamos que, nas primeiras decadas do seculo XVI, commerciavam, em concorrencia com os estabelecimentos monopolisadores portuguezes, os negociantes de outras nacionalidades, especialmente os navegantes francezes da Bretanha e da Normandia que faziam lucrativas transacções na costa e fundavam feitorias em varios pontos. Não foram, porém, attendidas as reiteradas reclamações apresentadas pela Corôa de Portugal á Côrte de Pariz, contra essas violações dos seus direitos: os reis de França não queriam ou não podiam pôr peias á actividade dos seus subditos, de modo que aquelles marujos continuavam tranquillamente a fazer as suas viagens commerciaes entre Honfleur e Dieppe e a costa do Brasil. Afinal D. João III de Portugal (1521-1557) resolveu agir por si só, e ordenou que se armasse uma esquadra, a fim de estacionar nas aguas sul-americanas e lá cruzar para aprisionar os contrabandistas. Christovam Jaques foi nomeado almirante e, em fins de 1526, appareceu elle com seis velas nas costas de Pernambuco, onde fundou uma feitoria fortificada, que lhe devia servir de quartel general, na foz de um rio que por ter sido repetidas vezes visitado por navios europeus era chamado pelos indigenas o rio da « Canoa Grande » (Igará açú). Foi sem duvida esse posto que recebeu

em primeiro logar o nome de Pernambuco (isto é Paraná, mar, e mbó ou mbuk, braço) que o é hoje de toda a Provincia. Um dos navios voltou logo para Lisboa com um carregamento de madeira corante; com os outros fez Christovam Jaques um cruzeiro até a foz do Prata e, no seu regresso encontrou-se, — na bahia de Todos os Santos, na Bahia, segundo reza a tradição, — com tres barcos de commercio da Bretanha. Travou-se um combate que durou o dia inteiro, rendendo-se, afinal, os Francezes que, em numero de 300 foram internados na feitoria de Pernambuco. Pouco depois voltou Jaques a Portugal, para onde levou os seus prisioneiros. Succedeu-lhe no commando da estação naval do Brasil Antonio Ribeira, cujos feitos não passaram á posteridade. E' possivel que fosse dado outro destino áquella esquadra, deixando-se a feitoria de Pernambuco desprotegida, de modo que, poucos annos depois, um galião saqueou-a e destruiu-a.

Assim voltou a costa a ficar aberta para todos, desapparecendo qualquer vestigio do dominio portuguez. Mas, apezar disso, constituiram aquellas medidas o primeiro impulso para a verdadeira colonisação do Brasil. Christovam Jaques tivera occasião e tempo, durante a sua estadia, de conhecer o paiz e sentiu despertar-se-lhe o espirito de emprehendimento. Elle tinha estado na Madeira e nos Açores e lá travara relações com varias familias ricas e distinctas cujos avós haviam começado com poucos meios a colonisação daquellas ilhas, na qualidade de feudatarios da corôa portugueza. Elle esperava poder contar, para si e seus descendentes, com o mesmo successo no Brasil, e propoz ao Governo portuguez que: « como outr'ora naquellas ilhas, se dividisse agora o continente sul-americano entre donatarios hereditarios, que se encarregariam de colonisar o paiz a sua custa propondo-se elle proprio a assumir esse encargo, compromettendo-se a recrutar mil trabalhadores.» Um sabio portuguez, Diogo de Gouvêa, apoiou enthusiasticamente essa proposta; mas o governo, apezar de ter varias vezes tencionado restabelecer a estação naval no Brasil e fundar uma colonia, não queria, comtudo, tomar uma resolução definitiva. Foi então que uma carta de Sevilha, datada de 2 de Agosto

34

REVISTA AMERICANA

PUBLICAÇÃO MENSAL

3, RUA DE SANTO ANTONIO — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL

DISTRICTO FEDERAL. . 15$ ESTADOS. . . . . 20$

Numero avulso . . . . . 2$

A importancia das assignaturas pode ser remettida em sellos, cheque ou vale postal ao Director da REVISTA AMERICANA ou paga nas livrarias e agencias do Rio de Janeiro e dos Estados.

ALAGOAS (Maceió)— Livraria Universo, de Arnobio Valente.

AMAZONAS (Manáos)— Livraria Academica, de J. F. Coceillo, 25, rua Henrique Martins.

BAHIA (S. Salvador)— Livraria e Papelaria Catilina, de Romualdo dos Santos, 6 rua Santos Dumont.

CEARÁ (Fortaleza)— Casa Americana, de F. Rosa & Comp.

ESPIRITO SANTO (Victoria)— Domicio Gonçalves do Nascimento, 20, rua Dona Julia.

GOYAZ (Goyaz)— Escriptorio Commercial, de Luiz Latino da Cunha e Cruz.

MARANHÃO (S. Luiz)— Livraria Universal, de Ramos d'Almeida & Comp. 3, rua da Palma.

MATTO GROSSO (Corumbá)— Livraria de Frederico Teixeira. Corumbá — « A Gentil Pastora », de João Antonio Esteves. S. Luiz de Caceres — Dr. José Rizzo.

MINAS GERAES (Bello Horizonte)— Giacomo Aluotto & Irmão, 860, rua Bahia. Juiz de Fóra — Campos & Comp., 793, rua Halfeld. Uberabinha — Zacharias A. de Mello. Ubá — Agencia de Jornaes, de Dias & Comp. Ouro Fino — Livraria Progresso, de Ananias Gomes da Silva, rua Julio Brandão.

PARÁ (Belém)— Livraria Universal, de Tavarés Cardoso & Comp., 50, rua Conselheiro João Alfredo. Agencia Martins, de José Martins & Irmão, 15, travessa Campos Salles.

PARAHYBA (Parahyba)— Ildefonso Bezerra.

PARANÁ (Curityba)— Livraria Economica, de Leopoldino Rocha, 53, rua Quinze de Novembro.

PERNAMBUCO (Recife)— Casa America de Evaristo Maia, 26, praça da Independencia. Livraria Economica, de M. Nogueira de Souza, 17, rua Barão da Victoria.

RIO GRANDE DO NORTE (Natal)— Livraria Cosmopolita, de Fortunato Aranha.

RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre)— Livraria Universal, de Carlos Echenique, 260, rua dos Andradas. Selbach & Comp., 94, rua Marechal Floriano. Pelotas — Livraria Universal de Echenique & Comp. Uruguayana — Livraria Guarany, de Pedro Antonio Dias, 48, rua Duque de Caxias. Cachoeira — Dr. Benjamin Camozato.

RIO DE JANEIRO (Districto Federal)— Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 3 rua de Santo Antonio.— Livraria Garnier, 109, rua do Ouvidor. Livraria Briguier, 27 rua Sachet. Livraria Alves, 166, rua do Ouvidor. Casa Moura, 114, rua da Quitanda.

SANTA CATHARINA (Florianopolis)— Livraria Moderna, de Paschoal, Simone & Filho, 26, Praça Quinze de Novembro.

S. PAULO (S. Paulo)— Casa Garraux, Hildebrand & Bressane, 40, rua Quinze de Novembro. Francisco Alves & Comp., 120, rua Libero Badaró. Santos — Bazar Americano, de J. B. Gaspar de Sá, 139, rua Quinze de Novembro. José de Paiva Magalhães, 3, rua de Santo Antonio. A. P. Correia da Silva. Dr. Nilo Costa (Corresp.). Campinas — Casa Genoud, 33, rua Barão de Jaguara. Prof. Erasmo Braga (Corresp.). Ribeirão Preto — Casa Selles, de José Selles, 45, rua Amador Bueno. Taubaté — José Olegario de Barros. Casa-Branca — Petit Basar, de J. Raphael Bonvicino. Amparo — Juvenal Cruz. Itapira — Dr. Menotti del Pichia (Corresp.). Botucatú — Casa Carlos, de Cesar, Toledo & Comp. Piracicaba — Gustavo Teixeira (Corresp.)— Agencia de jornaes e revistas. Piracicaba — Express — 84, rua Moraes Barros. Dois Corregos — Bazar Americano, de Bernardino Machado. S. Pedro de Piracicaba — José Correia da Silveira.

TERRITORIO DO ACRE (Cidade do Rio-Branco)— Dr. Luiz Barreto Correia de Menezes (Corresp.).

SANTIAGO DE CHILE — Libreria Inglesa. Hume y Walker, 357, Ahumada.

MONTEVIDÉO — Libreria Nacional. Barreiro y Comp. 25 de Mayo (esq. Juan C. Gomes).

ANNO VII — MAIO — 1918 — N. 8

REVISTA AMERICANA

SUMMARIO

		PAGS.
I. RIO-BRANCO	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II. ALVARO J. DE OLIVEIRA	Finanças brasileiras (Imperio — 1822-1889)	11
III. JOSÉ SANTOS CHOCANO	Fragmento liminar de una epopeya ciclica	37
IV. VIRGILIO MAURICIO	Um pintor argentino (Francisco-vich)	42
V. ALFREDO DE ASSIS	A Raiz (Versos)	46
VI. RONALD DE CARVALHO	A idade média e o renascimento na obra de Dante	48
VII. J. A. PEREIRA DA COSTA	Frei Caneca	61
VIII. F. TEIXEIRA BARROS	As execuções capitaes na Bahia	70
IX. BASILIO DE MAGALHÃES	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	112
X. H. HANDELMANN	Historia do Brasil (continuação).	

NOTAS. — Traducções portuguezas do «Recif de corail» de Heredia (Theophilo Dias, Emilio de Menezes, Silvio de Almeida, Alberto Faria, Paulo Brandão, e Basilio de Magalhães). Os poetas e a lua (Humberto de Campos). O reclamo (A. Morales de los Rios). O destino da Turquia (Oliveira Lima). O pombal hespanhol (Carlos Malheiro Dias). A megalomania da força na America do Norte (Alves de Sozua). Um poeta argentino ignorado (Jean Paul). Traços sobre os jesuitas (Noronha Santos) 98-140

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

1918

REVISTA AMERICANA

MAIO — 1918

1540 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

REVISTA AMERICANA

Brevemente iniciaremos a publicação do terceiro volume inedito da «Guerra da Triplice Alliança, contra o Governo da Republica do Paraguay», por L. Schneider, traduzida do allemão por Manuel Thomaz Alves Nogueira e annotada pelo Barão do Rio Branco. Esse trabalho, cujo valor não precisamos encarecer, foi encontrado no archivo do Barão do Rio Branco adquirido pelo Governo do Brasil, e sua publicação na «Revista Americana» gentilmente autorizada pelo Exmo. Sr. Dr. Nilo Peçanha, Ministro das Relações Exteriores.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

REVISTA AMERICANA

MAIO—1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

BIOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

(VISCONDE DO RIO-BRANCO)

PELO

BARÃO DO RIO-BRANCO

(*Continuação*)

No mesmo anno de 1872 começou a luta entre alguns Bispos e o Govêrno. Os Bispos de Olinda e do Pará fôram processados e condemnados pelo Supremo Tribunal de Justiça. Commutada a pena de prisão com trabalho em prisão simples nas fortalezas de S. João e da Ilha das Cobras, fôram estes Bispos amnistiados em 1876, quando o Visconde do Rio-Branco deixou o poder.

O fanatismo religioso deu lugar a disturbios no interior de algumas Provincias do norte, mas a fôrça publica restabeleceu promptamente a ordem depois de alguns conflictos com os sediciosos. Também nas vizinhanças de S. Leopoldo (Rio Grande do Sul) foi preciso o emprêgo da fôrça e o sacrificio de não poucas vidas para destruir um bando de fanaticos catholicos, que se fortificaram em posição favoravel á defesa. O bravo Coronel Genuino de Sampaio, um dos veteranos da guerra do Paraguai, foi morto nessa luta ingloria.

* * *

Para dar idéa de alguns progressos realizados sob a administração Rio-Branco, apresentaremos aqui algarismos que são eloquentes:

Immigração — Eis o numero de immigrantes que entraram no Imperio nos cincos annos que precederam a organização do Gabinete de 7 de Março:

1886	5.962
1867	7.281
1868	10.032
1869	9.527
1870	9.642

Graças aos auxilios que á immigração prestou o Gabinete Rio-Branco, graças aos contractos que celebrou para a introducção de colonos e á propaganda que seus agentes fizeram na Europa, em pouco tempo elevou-se consideravelmente o algarismo das entradas. Em 1876 o numero de immigrantes era de 30.567. As despesas não podiam deixar de ser proporcionaes ao grande commettimento, mas ficou estabelecida, desde então, e em consequencia desses sacrificios de dinheiro, a poderosa corrente de immigração espontanea, que, como dissemos, tem resistido aos erros commettidos desde a ascensão do partido liberal em 1878, ás mal entendidas economias e aos annuncios que o governo fez correr na imprensa européa de que não auxiliava mais os immigrantes.

Estradas de Ferro — O Gabinete Rio-Branco encontrou 731 kilometros em trafego (1871) e ao retirar-se do poder (1875) deixou 1.500 kilometros em trafego, 1.649 em construcção e concedidos 1.700 kilometros, gozando da fiança de garantia de juros, na forma da lei 2.450, de 24 de setembro de 1873. Deixou ultimados os estudos para a construcção das estradas de ferro do Rio Grande do Sul, para a de Curitiba a Miranda, para o prolongamento da de Rio Claro a Santa Anna do Parnahiba, para a de Cuiabá a Lagoinha e para o prolongamento das estradas de ferro da Bahia e Pernambuco. Os estudos feitos comprehendiam 6.531 kilometros.

Telegraphos — Encontrou o Gabinete Rio-Branco 2.080 kilometros de linhas terrestres. Deixou 5.151 kil. com 8.523 kil. de fio telegraphico, sem falar das linhas telegraphicas pertencentes ás empresas de estradas de ferro. Além dessas linhas terrestres, mais 753 kilometros de cabo submarino na linha do sul. Deixou mais estabelecidos os cabos submarinos transatlanticos da « Brazilian Submarine Telegraph Company » (Contracto de 16 de Agosto de 1872) e o costeiro da « Western and Brazilian Telegraph Company », e o da « Companhia Platina Brasileira ». Fôram assim inauguradas, nesse tempo, as communicações telegraphicas entre o Imperio e a Europa (Pernambuco a Lisboa) os Estados Unidos (Pará a S. Thomás), as Republicas Oriental e Argentina e a do Chile. O cabo submarino foi estendido ao longo das nossas costas desde o Pará até ao Rio Grande, e as linhas terrestres levadas com actividade, em direcção ao norte, até Pernambuco, e em direcção ao sul até as fronteiras do Jaguarão e do Uruguai.

Melhoramentos dos portos — Fôram expedidas as instrucções de 31 de Agosto de 1874, e uma commissão de engenheiros ingleses dirigidos pêlo celebre Sir John Hakshaw, procedeu aos estudos necessarios nos principaes portos do imperio.

O Gabinete Rio-Branco tem sido arguido de haver dado causa ao augmento das despesas publicas. Êste capitulo levar-nos-ia longe, mas basta aqui notar que, no periodo da sua administração, a renda cresceu de par com a despesa, ao ponto de poder estimar-se em quatro mil contos o augmento annuo da receita; que grande parte das despesas então creadas houveram productivo emprêgo, e trouxeram, portanto, augmento de renda: que, pela elevação dos vencimentos da magistratura, do soldo do exercito e da armada, e do ordenado dos empregados de Fazenda, votou a opposição, assim reconhecendo a justiça e opportunidade de taes medidas: que, emfim, se muito foi necessario despender com o material do exercito e da armada, e em parte sem previo voto do corpo legislativo, não ha quem ignore como nesse periodo momento houve em que os mais acreditados orgãos da opposição conjuravam o govêrno com o exemplo de 1864, a que se não

deixasse surprehender despercebido na eventualidade, então possivel, de uma guerra externa, á vista da attitude provocadora da Republica Argentina. A actividade com que nos apparelhamos tornou mais cortês e moderado em suas pretenções o Govêrno de Buenos-Aires. Póde-se condemnar essa despesa que nos evitou humilhações, desastres, e muito maiores gastos como seriam os de uma guerra?

Já hoje é possivel comparar os quatro exercicios financeiros cuja responsabilidade cabe ao Ministerio Rio-Branco com os quatro exercicios que se lhe seguiram.

Vejamos qual a receita e a despesa durante os oito ultimos annos de 1871 a 1879, segundo as tabellas ns. 1 e 2 que acompanham o relatorio de 1860 do actualMinistro da Fazenda, Conselheiro Saraiva: (1)

GABINETE RIO-BRANCO

	Receita	Despesa
1871-72.	107:656$000	105:033$000
1872-73.	116:045$000	127:119$000
1873-74.	110:384$000	128:048$000
1874-75.	112:790$000	133:395$000
	446:875$000	493:595$000

PERIODO SEGUINTE

1875-76.	108:781$000	133:441$000
1876-77.	107:720$000	143:691$000
1877-78.	118:700$000	158:938$000
1878-79.	123:388$000	180:609$000
	458:589$000	616$679$000

Estes algarismos mostram que o Gabinete Rio-Branco, apesar do grande impulso que deu a toda a sorte de melhoramentos, despendeu sempre muito menos que os seus successores. No periodo de 1871 a 1875 (annos financeiros) despenderam-se 493.595 contos de réis: em igual periodo de quatro annos (de 1875 a 1879) fôram despendidos 616.679. Differença para mais neste ultimo periodo, 123.084 contos.

(1) Os dois ultimos exercicios não estão ainda inteiramente liquidados, de sorte que a despesa será provavelmente maior do que a indicada.

E' certo que no ultimo periodo tivemos despesas extraordinarias com a sêcca das provincias do Norte, mas também, durante a administração Rio-Branco, fôram liquidadas e pagas despesas provenientes dos encargos da guerra do Paraguai na importancia de 107.983 contos de réis (2).

Examinemos agora qual era a divida publica quando subiu ao poder o Gabinete Rio-Branco, em 1871, quando deixou o poder, em 1875, e qual o estado da mesma divida em 1879 e 1880.

	17 de Abril de 1871	Maio de 1875	Abril de 1879	31 de Março de 1880
Divida externa fundada. . .	143:824$	177:166$	158:283$	151:077$
Divida interna fundada. . .	280:457$	285:392$	363:569$	361:389$
Emprestimo Nacional de 1879	—	—	—	51:885$
Divida anterior de 1827. . .	357$	338$	336$	320$
Fundo de emancipação. . .	—	—	5:136$	5:846$
Emprestimo do Cofre de Orphãos	10:969$	13:533$	16:478$	16:133$
Emprestimo a particulares .	700$	880$	700$	700$
Bens de defuntos e ausentes	2:332$	2:398$	2:632$	3:626$
Depositos da Caixa Economica	4:636$	7:676$	12:924$	14:519$
Depositos Publicos.	1:219$	1:181$	—	1:187$
Depositos de diversas origens	5:126$	6:681$	8:799$	8:815$
Depositos do Monte de Soccorro da Côrte	—	545$	740$	765$
Bilhetes do Thesouro. . . .	38:326$	19:243$	27:256$	11:632$
Papel Moeda.	151:078$	149:501$	189:258$	189:199$
Totaes.	639:024$	664:734$	786:111$	817:093$

Assim, pois, a divida publica quando o Visconde do Rio-Branco subiu ao poder, em Março de 1871, era de 639.024 contos. Quando deixou o poder em 1875, era de

(2) Vide Relatorio do Ministro da Fazenda, Barão de Cotegipe, anno de 1877, pag. 30, e tadella n. 14, annexa ao mesmo relatorio. As despesas de guerra pagas de 1864 a 1871 elevaram-se a 505.200:186$387. De 1964 a 1874 elevaram-se a 613.183:262$695. A differença entre os dois algarismos é de 107.983:076$316.

Fallando no Senado, em 5 de Março de 1879, disse o Conselheiro Junqueira o seguinte: — « Darei ao Senado um exemplo. O Ministerio da Guerra, então a meu cargo, figura gastar no exercicio de 1872-1873 a somma de 23.618:000$000. E' isto o que consta do relatorio. Entre-

664.734. Durante os quatro annos houve apenas um augmento de 25.710 contos.

Depois que elle deixou o poder deu-se o seguinte augmento na divida:

Em 1880 (Abril) era de.	807:093$000
Rio Branco deixara em 1875.	664:734$000
Augmento da divida	152:359$000

Rio-Branco em quatro annos augmentou apenas a divida publica em 25.000 contos, e ao gabinete que lhe succedeu passou parte do emprestimo de cinco milhões de libras esterlinas, contrahido em Londres a 18 de Janeiro de 1875, emprestimo que foi o mais vantajoso levantado até hoje pêlo Brasil. Seus successores em cinco annos augmentaram a divida em 152.000 contos de réis.

Não queremos com isto dizer que nos ultimos annos se tenha gasto mal. Póde-se gastar muito, e gastar bem.

O que queremos apenas é mostrar que o Gabinete Rio-Branco não merece as censuras que a paixão partidaria, a má fé ou ignorancia inspiraram a alguns dos seus adversarios.

Tem sido moda nestes ultimos annos declamar contra a nossa administração financeira. Não se attende ás enormes despesas que occasionaram a campanha da Banda Oriental e a guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. Essas despesas elevaram-se a 613.183 contos. Supprimam-se estes gastos de guerra, e ver-se-á que sem a luta a que fomos provocados, e que (é bom recordar) foi iniciada quando não se achavam no poder os estadistas conservadores, a nossa divida publica seria em 1875 de 51.000 contos apenas.

tanto a quantia de 5.271:000$ não foi gasta nesse exercicio: foi despesa realizada em tempo anterior, durante a guerra do Paraguay, mas que só se pôde liquidar annos depois. Não existindo outra classificação desse exercicio, e estando o anterior liquidado e fechado, não houve remedio senão introduzir essa despesa no exercicio que então corria.

(Continúa).

FINANÇAS BRASILEIRAS

(IMPERIO — 1822-1889)

I

Primeiro Reinado e Regencia (até 1840)

ANTECEDENTES — MUDANÇA DA CÔRTE DE PORTUGAL PARA O BRASIL (1808)

Quando em 1822 o Brasil declarou a sua independencia e aclamou Imperador e Defensor Perpetuo o principe D. Pedro, então regente em nome de seu pai, D. João VI, que voltára para Portugal em 1821, eram grandes as difficuldades financeiras e economicas do paiz.

D. João VI deixára exhaustos os cofres da antiga colonia portugueza, elevada a Reino desde 1815, aonde elle, então Principe regente de Portugal, viera com a sua numerosa Côrte e numerosissimos nobres e padres, todos sem renda e cada um trazendo uma chusma de protegidos, procurar abrigo em 1808 contra as ameaças de Napoleão, cujas tropas, ao mando do general Junot, entraram em Lisboa no dia seguinte áquelle em que a frota real deixava as aguas do Tejo.

A vinda do principe regente D. João foi, entretanto, um bem para o Brasil, que só era conhecido como riquissima co-

lonia, — a mais bella joia da Corôa portugueza. A carta regia que elle promulgou, ao aportar á Bahia, declarando abertos os portos do Brasil ao commercio directo de todas as nações amigas, permittiu á colonia entrar em relações com o mundo sem o intermediario de Portugal. A mudança da Côrte para o Brasil teve como consequencia a creação de estabelecimentos civis e militares de instrucção e de justiça, necessarios á administração publica, não só no Rio de Janeiro, como em todas as provincias do seu vastissimo territorio.

MEIO CIRCULANTE

O meio circulante do Brasil em 1808 consistia em moedas de ouro e de prata, além de pequena quantidade de moedas de cobre, só para as necessidades do commercio de retalho, de peso e titulo variando nas differentes provincias. Todas as transacções com Portugal eram feitas em moedas de ouro de 22 quilates ou titulo de $\frac{917}{1.000}$, do peso de 4 oitavas, valendo 6$400 réis ou 36 shillings esterlinos, chamadas *peças portuguezas*. Outra moeda de ouro, do mesmo titulo, de peso de $2\frac{1}{4}$ oitavos, valor intrinseco de 3$600 ou $20^s\ 3^d$, mas que tinha estampado o valor de 4$000 ou $22^s\ 6^d$, servia apenas, assim como as moedas de prata, chamadas, como a de ouro de $2\frac{1}{4}$ oitavos, *moedas fracas, coloniaes* ou *provinciaes*, para a circulação no interior do Brasil.

CREAÇÃO DO BANCO DO BRASIL

Por alvará de 12 de Outubro de 1808 foi creado, sob o nome de Banco do Brasil, um banco nacional de deposito e descontos, com um capital nominal de 1.200 contos divididos em 1.200 acções; mas esse banco só pôde ser installado em Dezembro de 1809, e isso mesmo tendo realisado apenas a decima parte do capital. Só depois de 1812, graças a novas vantagens concedidas aos accionistas, ficou completo o capital, que até se elevou a 3.000 contos, tomando o governo

acções no valor de 1.000 contos, dos quaes só chegou a realisar 600 contos. A circulação das notas, pagaveis ao portador e á vista em ouro, circumscrevia-se ao Rio de Janeiro; mas sendo permittida a creação de bancos filiaes nas provincias, dois destes foram installados em S. Paulo e na Bahia.

Apezar de alguns defeitos graves na organização desse banco, é indubitavel que prestou bons serviços ao paiz em geral e especialmente á praça do Rio de Janeiro. Entre esses defeitos notam-se: o de não limitar a emissão de notas relativamente ao capital; o arbitrio deixado ao governo de tomar emprestadas ao banco as sommas que julgasse necessarias, e a não obrigação de serem publicados os balanços do banco. Dahi a tendencia para augmentar as emissões, em ordem a attender ás necessidaes do governo; e uma vez no caminho do abuso, aconteceu o que era de esperar: estas tornaram-se excessivas, e as emissões cresceram sem proporções com o lastro metallico garantidor da convertibilidade das notas.

Mas é de justiça reconhecer que ao commercio honesto prestaram essas notas grande serviço, porquanto o augmento da producção do paiz e, consequentemente, das transacções no interior e no exterior, exigia, de anno para anno, um meio circulante maior.

A partir, porém, de 1819, as notas bancarias concorreram preponderantemente para a baixa do cambio. Em 1820 o estado de insolvabilidade do banco tornou-se publico, em virtude de um balanço de 23 de Março desse anno, que mostrou que as notas em circulação, na importancia de quasi 9.000 contos, representavam sete vezes o lastro metallico, que era de cerca de 1.315 contos. O governo devia ao banco cerca de 4.800 contos.

Um decreto da mesma data foi expedido, declarando divida nacional os adeantamentos feitos ao governo pelo banco, e pondo á disposição deste, para reforçar-lhe o fundo de garantia, as alfaias e joias da Côrte. Mas isso não bastou para sustar os effeitos da desconfiança; e, em fins de Julho do mesmo anno, foi decretado o curso forçado das notas bancarias. Foi esse o primeiro passo que deu o Brasil no caminho do papel-moeda; e enveredando por elle, nos dois annos que lhe restavam de subordinação a Portugal, continuou a seguil-o

nos 67 annos de vida como Imperio e ainda o segue nos 20 annos que conta como Republica.

A exactidão do balanço, a que nos referimos, parece não estar ao abrigo de duvidas. Em apreciada publicação de um inglez, J. J. Sturtz (*A Review, Financial, Statistical and Commercial of the Empire of Brazil, and its resources,* London 1837) o autor affirma que em 1821 o governo devia ao banco cerca de 15.000 contos (valendo então tres milhões esterlinos), e que as emissões excediam dez vezes a reserva metallica.

MOEDAS DE PRATA

E com essas notas, mais e mais depreciadas, os especuladores que, desde os primeiros tempos da chegada de D. João ao Brasil, haviam inundado o mercado com moedas de prata, em virtude dos enormes lucros a que dera logar a differença entre a relação commercial do ouro e da prata e a do valor legal das moedas dos mesmos metaes, — o que determinou desde logo a emigração do ouro, — entregaram-se a novas jogatinas com a baixa do cambio, a qual medía a depreciação das notas do banco.

MOEDAS DE COBRE

Especulação ainda mais rendosa surgiu nos ultimos annos da permanencia de D. João VI com as moedas de cobre, especulação essa que, infelizmente, continuou durante quasi todo o primeiro reinado (1822-1831), e que teve origem no seguinte facto. O Real Erario do Rio de Janeiro saccava frequentemente por anticipação sobre as Juntas de Fazenda das provincias, sem indagar si ellas podiam ou não pagar taes saques. Aconteceu que uma vez, o presidente da Junta de Pernambuco, não tendo recursos para honrar cheques recebidos, convocou os negociantes para uma conferencia, afim de combinarem o meio de obter dinheiro. Infelizmente prevaleceu nessa reunião o alvitre, que foi posto em execução, de recolher todo o meio circulante em cobre, afim de receberem as moedas de novo cunho de valor duplo do primitivo. Este vergonhoso processo produziu a somma exigida para cobrir as necessidades do momento. Dentro de seis mezes

quasi todo o cobre do Brasil correu para Pernambuco afim de receber novo cunho. E tornando-se, como fatalmente devia acontecer, superabundante, e não podendo sahir por não ter curso, com esse cunho, nas outras provincias, passou a soffrer ali desconto em relação á prata. Mas tendo emigrado todo o cobre dessas outras provincias, ellas começaram a queixar-se da falta de moedas de troco e a importunar o governo central no sentido de lhes fazer remessas de moedas de cobre. Os financeiros da Côrte trataram então de comprar todo o cobre em folhas existente no mercado, e de fazer encommendas para a Inglaterra de grandes quantidades de cobre laminado, e cunharam moedas. Ora, custando então 400 réis uma libra de cobre, que produzia moedas no valor legal de 1$200, vê-se que, mesmo com o insignificante custo da mão de obra, o lucro era enorme, de mais de 150 %. E tornou-se ainda maior, porque á medida que as moedas de cobre eram remettidas para as thesourarias provinciaes, o governo saccava sobre estas pelo valor da remessa em moeda de prata, e vendia esses cheques no Rio com agio de 15 a 20 % em relação ás notas do banco.

O emprego desses meios indecorosos para obter dinheiro traduz a necessidade premente que delle havia. As despezas publicas eram consideraveis. Deixando de perto as que custava a ostentação ridicula da Côrte, e as que foram utilmente applicadas aos melhoramentos, de que foi dotado o Rio de Janeiro, afim de se adaptar á séde da monarchia portugueza, e aos estabelecimentos publicos creados no Rio e nas provincias; exigiram grandes despezas a guerra de Portugal na Europa, e as que D. João VI sustentou no Rio da Prata e na Guyana Franceza, oriundas de odios entre portuguezes, hespanhóes e francezes, por interesses europeus, e bem assim a revolução republicana de 1816 e 1817 em Pernambuco.

Com excepção da guerra na Europa, para a qual tinham sido destinados 4 % dos direitos de importação, todas as outras despezas tinham de ser pagas com os recursos destinados ás despezas ordinarias, derivados, em grande parte, dos 20 % restantes de importação e dos impostos de exportação sobre o fumo, algodão e assucar e outros generos, além dos impostos da decima urbana, decima dos legados e he-

ranças e sizas dos bens de raiz. etc. Cumpre notar que, com a abertura dos portos do Brasil ao commercio do mundo, o commercio directo com Portugal diminuiu, em virtude da concurrencia que desde então lhe fizeram as outras nações. Nessa concurrencia foi a Inglaterra que mais lucrou, pelas vantagens que lhe offereceu Portugal, levado, sem duvida, por interesses politicos de futuro, e quiçá pela gratidão devida aos auxilios da Inglaterra no periodo angustioso das ameaças napoleonicas.

O facto é que as mercadorias de importação ingleza gozaram, até 1818, de maiores vantagens do que as procedentes de Portugal. Como consequencia, o commercio exterior do Brasil, que era dantes feito por intermedio de Portugal, onde eram cobrados os direitos, passou a ser feito directamente com as outras nações e, praticamente, até á data citada, por intermedio dos portos inglezes, em virtude dos direitos preferenciaes da Inglaterra: do que resultou diminuição das rendas aduaneiras portuguezas. Digamos desde já que este estado de cousas durou até 30 de Junho de 1829; porquanto só em 1828 o parlamento decretou a abolição dos direitos differenciaes, sendo generalisada a taxa de 15 % de direitos de importação para todos os generos e mercadorias de quaesquer procedencias; o que collocou o commercio estrangeiro no mesmo pé de igualdade.

Quando em 1821 D. João VI voltou para Portugal, em consequencia da revolução, que no anno anterior ali surgira a favor de um governo constitucional, e D. Pedro assumiu a regencia do reino do Brasil, o estado financeiro do paiz era differente em comparação ao de 1808. Eis o que diz o autor inglez já citado, J. J. Sturtz: « On his arrival, gold and silver were in abundance with scarcely a sufficiency of copper, and the circulating medium was purely metallic; the small coins being from 10 to 20 per cent inferior to the exchange peça of 6$400. At his departure, gold and silver had almost disappeared from circulation, and the country was overrun with bank paper and deteriorated copper monies. The exchange had declined from 84 to 48; and gold, silver and even copper, had risen to a very large premium, as compared with bank notes.»

FUNDAÇÃO DO IMPERIO (1822)

Eram estas ainda as circumstancias em que se achava o Brasil, quando declarou a sua independencia no dia 7 de Setembro de 1822. De todas as provincias, apenas a do Rio de Janeiro concorria regularmente para as despezas do centro, recusando-se as outras, ou não podendo, desde algum tempo, entrar com as sobras das suas rendas. Bahia, Maranhão, Pará e Montevidéo (que havia sido incorporado ao Brasil em 1821) permaneciam sob o dominio de forças portuguezas de terra e mar.

EMPRESTIMO NACIONAL

Depois das primeiras medidas de organização administrativa, decorreu o governo imperial, para a compra de vasos de guerra, a um emprestimo nacional de 400 contos, o qual havia sido autorizado por decreto de 30 de Julho de 1822, e foi coberto pelos subscriptores pela maior parte do Rio de Janeiro.

PACIFICAÇÃO E SUJEIÇÃO DAS PROVINCIAS OCCUPADAS POR FORÇAS PORTUGUEZAS

Emquanto não se reunia o parlamento, convocado para o dia 3 de Maio de 1823, sobrelevou a todas as agitações a de chamar ao imperio as provincias occupadas pelas forças portuguezas. O decreto de 11 de Dezembro de 1822 autorizou o sequestro de todas as propriedades pertencentes a subditos portuguezes no Brasil (com excepção das acções do Banco nacional, das companhias de seguros e da fabrica de ferro de Sorocaba. E com os recursos fornecidos por uma subscripção voluntaria, aberta e acceita pelo publico com verdadeiro enthusiasmo, tratou-se activamente de armar todos os navios de guerra que estavam desarmados. Foi convidado e contractado Lord Cochrane, que se achava no Chile, para assumir o commando da esquadra brasileira; o que se realisou em fins de Março de 1823. Em Julho do mesmo anno as tropas portuguezas e grande numero de negociantes abandonaram a

Bahia, a bordo dos navios da divisão portugueza; e Lord Cochrane, dirigindo-se immediatamente para o Maranhão, fez que esta provincia e a do Pará adherissem á causa da independencia, sendo os generaes officiaes e soldados da guarnição lusitana presos e mandados para Portugal. No dia 12 de Novembro de 1823, com o abandono de Montevidéo pelas forças portuguezas, estava unificado o Brasil sob a bandeira do imperio.

REUNIÃO DO PRIMEIRO PARLAMENTO DO IMPERIO

No dia 3 de Maio abriu-se o parlamento, ao qual expoz o imperador o estado do paiz. Na parte financeira alludiu ás despezas da casa de seu pai, excedentes a 4 milhões de cruzados (1.600 contos), havendo elle reduzido as da sua a um milhão (400 contos), total de que recebera, á vista do estado precario do Thesouro, apenas 110 contos para todas as suas despezas.

O estado financeiro do paiz foi conhecido mais precisamente pela exposição que, em data de 26 de Setembro de 1823, apresentou ao imperador o ministro da fazenda, Dr. Nogueira da Gama, mais tarde Marquez de Baependy. Dessa exposição consta que a divida passiva do Thesouro era, em fins de Junho de 1823, de 12.055:582$456; tendo havido em um anno o augmento de perto de 2 mil contos. E como, accrescenta: « quasi todas as provincias teem *deficits* annuaes, que serão suppridos pelo governo geral, isso nos custará 280 contos annualmente. Apezar da maior actividade na arrecadação das rendas e fiscalisação das despezas, é certo que com os recursos ordinarios não será possivel fazer face aos compromissos existentes ». E refere-se á proposta de um emprestimo de £ 2.500.000, feita por capitalistas inglezes.

A idéa deste emprestimo surgiu não só dos apuros financeiros do paiz, mas tambem do offerecimento dos bons officios do governo inglez para que Portugal reconhecesse, por um tratado, a separação do Brasil. No caso de bom exito, quanto a este tratado, o producto do emprestimo seria destinado, em grande parte, á indemnisações ao governo portuguez e a

D. João VI pelas propriedades do Estado e particulares aqui deixados; no caso contrario, todo elle seria empregado em armamentos e na melhoria das finanças do paiz.

JURAMENTO DA CONSTITUIÇÃO (1824)

Mas essa proposta não pôde ser considerada, em virtude de acontecimentos politicos da maior gravidade. Não tendo a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa confeccionado a Constituição Politica do Imperio até o dia 12 de Novembro de 1823, D. Pedro I a dissolveu violentamente ,e tratou de organizar uma Constituição, a qual foi apresentada e jurada no dia 25 de Março de 1824. E por decreto de 26 de Março foi mandada fazer a eleição dos deputados e a dos senadores por lista triplice nos termos da mesma Constituição.

PRIMEIRO E SEGUNDO EMPRESTIMOS EXTERNOS (1824 A 1825)

A 20 de Agosto de 1824 foi celebrado em Londres contracto com as firmas Bazeth Tarquhard Crawford & Comp., Fletcher Alexander & Comp. e Thomas Wilson & Comp. para um emprestimo de £ 3.000.000, dividido em tres partes de um milhão cada uma, — a primeira ao typo 75, posta á disposição do governo brasileiro immediatamente; a segunda, ao de 82, disponivel em Dezembro do mesmo anno; e a terceira, a 87 em Abril, ou antes, de 1825; todas vencendo juros de 5 % e amortização em 30 annos.

Esse contracto foi approvado por decreto de 30 de Dezembro de 1924; mas tendo as firmas contractantes desistido do fornecimento dos dois ultimos terços do emprestimo, como lhes era facultado no mesmo ajuste, foi, em data de 12 de Janeiro de 1825, celebrado contracto com a casa Nathan Mayer Rothschild, que tomou a si fornecer os restantes dois milhões ao typo de 85. Os titulos emittidos dessa divida importaram em £ 3.685.900, valor nominal da totalidade dos emprestimos.

E como o tratado com Portugal não se concluisse immediatamente, o governo foi dispondo dos fundos do emprestmo para a construcção de navios de guerra e vapores na

Inglaterra e nos Estados Unidos e abastecimento dos arsenaes de guerra e marinha do Rio de Janeiro e Bahia, e para pagamento ao Banco Nacional. As remessas feitas ao Banco importaram em £ 600.000 em ouro (moedas e barras) de uma vez, além de cerca de £ 400.000 em prestações mensaes, em letras de cambio.

A divulgação do facto de conter a casa forte do banco tanto ouro fez diminuir a depreciação das suas notas, com a melhoria do cambio, que subira de 48^{d}, em que se achava em 1824, uma taxa que oscillou entre 52 e 54, em 1825 e principios de 1826. Mas o ganancioso banco, em vez de ir retirando parcialmente as suas notas e assim melhorar a circulação e auxiliar a ascensão do cambio, guardou todo o ouro e continuou a emittir.

TRATADO DE PAZ E ALLIANÇA COM PORTUGAL — CONVENÇÃO SECRETA

O tratado de paz e alliança com Portugal, em o qual este reconheceu o Brasil como imperio independente e separado dos reinos de Portugal e Algarves, foi assignado no Rio de Janeiro, no dia 29 de Agosto de 1825, pelos plenipotenciarios do Brasil e pelo de Portugal, que era o mediador inglez, Mr. Charles Stuart. Esse tratado foi confirmado e ratificado em Lisbôa, juntamente com uma convenção secreta, directa e especial, reguladora das indemnisações reclamadas por Portugal: sendo tudo mandado cumprir no Brasil por decreto de 10 de Abril de 1826, e revogado o decreto de 11 de Dezembro de 1823, que autorizava o sequestro das propriedades portuguezas no Brasil.

A Convenção secreta estipulava que o Brasil devia a Portugal a somma de £ 2.000.000, a titulo de indemnisação, pelos navios e propriedades particulares aqui deixadas, indemnisações dotaes, e pagamento de dividas de diversas especies (antiga fluctuante, dita consolidada e divida contrahida com o Banco de Lisbôa). Para pagamento desses dois milhões esterlinos o Brasil tomara a si o emprestimo de £ 1.500.000, que Portugal contrahira em Londres, em Outubro de 1823,

e se achava então reduzido a £ 1.400.000 dando o restante (£ 600.000) em dinheiro, em prestações trimensaes dentro de um anno.

INTERESSES DYMNASTICOS DO IMPERADOR EM PORTUGAL — GUERRA COM BUENOS AYRES

Em virtude das despezas que impunham á nação os interesses dymnasticos do imperador em Portugal, originados da morte de D. João VI, occorrida em Março de 1826, e a desgraçada guerra que logo depois surgiu em Buenos Ayres, só terminada em 1828, pelo reconhecimento da independencia da Banda Oriental do Uruguay, as difficuldades financeiras aggravaram-se cada vez mais. A usurpação de D. Miguel em Portugal serviu de pretexto a que o Brasil deixasse de pagar os juros e amortização do emprestimo portuguez e as prestações restantes das £ 600.000 á Corôa Portugueza, a que se obrigára pela Convenção do tratado de paz. Esse dinheiro foi empregado no armamento , sustento e transporte dos subditos portuguezes que haviam emigrado em defeza da causa de D. Maria II, filha do imperador. Tudo isso concorria para tornar mais difficil o serviço dos emprestimos de 1824 e 1825, em virtude da baixa do cambio.

LEI QUE FUNDOU A DIVIDA PUBLICA (1827)

Em 1827, entre as medidas legislativas avulta a lei de 15 de Novembro, que fundou a divida publica do imperio, mandando inscrever no Grande Livro os contractos dos emprestimos, que o Brasil contrahir, quando a lei o determinar, no exterior e dentro do paiz, e creou a Caixa de Amortização, destinada a fazer o serviço de pagamento de juros e amortização da divida interna fundada. O orçamento, approvado pelo decreto de 8 de Outubro de 1828 para o anno seguinte, autorizou o Governo para contrahir um emprestimo destinado a supprir o *deficit*, hypothecando para esse fim as rendas das alfandegas e mandou que o anno financeiro fosse contado de Julho a Junho de cada anno.

EMPRESTIMO INTERNO E TERCEIRO EXTERNO PARA COBRIR O « DEFICIT » (1829)

Em virtude da autorização desta lei foram contrahidos dois emprestimos: um interno, na importancia nominal de 4.330:000$, valor real de 2.675:000$ — o que equivale a menos de 62 %; e outro externo, em Londres de valor nominal de £ 769.200 e real de £ 400.000, ao typo de 52, juros de 5 %, amortização 1 %. Este ultimo emprestimo, contractado em 3 de Julho de 1829, foi dividido em duas partes; ficando o liquido de cada uma em mãos dos emprestadores de 1824 e 1825, por conta dos juros e amortizações desses emprestimos anteriores.

As deploraveis condições, em que foi contractado o ultimo emprestimo, reflectem as que opprimiram o Brasil. A cotação dos titulos brasileiros em Londres oscillava entre 47 e 48; e a taxa cambial entre 22 e 26 (par egual a 67 1|2^{d} por 1$), correspondente ás taxas de 8 13|16 e 10 3|8 ao par de 27^{d} por 1$. A guerra no Rio da Prata terminára pelo tratado de 27 de Agosto de 1828; mas, antes e depois desse facto, accumularam-se as reclamações dos Estados Unidos e da Inglaterra, por indemnizações, derivadas do aprisionamento de navios e cargas durante o bloqueio do Rio da Prata: pelo que teve o Brasil de pagar 4.500:000$000.

MEIO CIRCULANTE — MOEDAS DE COBRE

A cunhagem de moedas de cobre, que se fizera desde antes do imperio e recrudescêra a partir de 1827, continuava com actividade febril, visto que essa moeda desde muito tempo, deixára de ser simplesmente moeda divisionaria ou de troco, para assumir o caracter de agente real da circulação, entrando em concurrencia illimitada com o papel circulante. Ora, isso occasionava, mesmo na Côrte e provincia do Rio de Janeiro, e principalmente nas outras provincias, as maiores difficuldades e incommodos nos pagamentos, — difficuldades e incommodos que eram augmentados pela existencia de enormes quantidades de moedas falsas introduzidas, por con-

trabando, dos Estados Unidos e da Inglaterra, onde eram fabricadas. Apezar dessa superabundancia de moedas de cobre, ellas tinham agio sobre as notas do banco, — agio que em Maio de 1828 era de 28 a 30 %: o que denotava, no meio circulante, um vicio de tal ordem, que cumpria fazer desapparecer.

LEI QUE MANDOU LIQUIDAR O BANCO (1829)

Já desde 1827 a Camara dos Deputados se occupava activamente com o estado desgraçado do banco, para cujo descalabro, infelizmente concorreram todos os governos desde o tempo de D. João VI. Pediram-se informações ao governo, como é de praxe nos parlamentos; o governo nomeou uma commissão especial para examinar o estado do banco; o relatorio dessa commissão foi apresentado á Camara em sessão de 24 de Julho de 1828; mas nada foi decidido nesse anno. Só na sessão legislativa de 1829 deliberou-se, e foi promulgada a lei de 23 de Setembro, que mandou que no dia 11 de Dezembro do mesmo anno, — dia em que terminava o prazo de existencia desse banco, ficassem suspensas as suas transacções e entrasse elle em liquidação; sendo, para esse fim, nomeada uma commissão de accionistas e de delegados do governo. A mesma lei declarou que a nação affiança as notas do banco, obrigando-se ao pagamento dellas, para o que hypothecava todos os haveres e rendas nacionaes, e a resgatar annualmente 5 % das notas em circulação, as quaes deviam ser substituidas por outras de novo padrão.

A Commissão, de que trata a citada lei, verificou, em tempo, que a emissão circulante era de 19.017:430$ e que a divida do Thesouro ao banco era de 18.301:097$: possuindo o banco: 24:471$ em ouro; 1.708:109$ em prata e 14:436$ em cobre.

E como, das medidas financeiras recommendadas na falla do throno, e que foram discutidas na sessão legislativa de 1829, só a do banco nacional foi traduzida em lei, o imperador limitou-se, no dia do encerramento, a pronunciar a seguinte laconica fala: « Augustos e dignissimos senhores

representantes da Nação: — Está encerrada a presente sessão.»

As difficuldades de ordem politica, economica e financeira que de anno a anno mais se aggravavam, assumiram, ao principiar o anno de 1830, uma feição caracteristica: a da preponderancia dos males politicos sobre os outros dois, tornando estes cada vez mais temerosos. Os acontecimentos dispunham-se de modo a indicar que a crise politica teria de ser resolvida antes das outras. Entretanto, D. Pedro, que devia ser victimado por aquella, insistia teimosamente pela solução das ultimas, como si ella pudesse ser immediata, repentina, dada pela vara magica de alguma fada.

Ao abrir-se o parlamento no dia 3 de Maio de 1830, o imperador recommendou, como de costume, os negocios da fazenda. O ministro da fazenda, Marquez de Barbacena, mostrava-se desanimado com o estado financeiro do paiz. No dia 3 de Setembro foi encerrada a sessão ordinaria, e no dia 8 do mesmo mez convocada outra, extraordinaria, afim de, entre outras medidas, tratar da fixação das forças de mar e terra, de concluir a lei do orçamento (que ficára adiantada na sessão ordinaria), de melhorar a circulação do papel-moeda, de organizar um banco, e de outros assumptos de urgente necessidade.

PRIMEIRA LEI DE ORÇAMENTO VOTADA PELO PARLAMENTO (1830)

Durante a sessão extraordinaria, que foi encerrada no dia 30 de Novembro, tiveram larga discussão quasi todos esses assumptos, e bem assim projectos do governo, como o que estabelecia um novo padrão monetario e o que creava um novo banco; mas só se traduziu em lei o que isentava dos direitos de importação o ouro e a prata, amoedados ou em barras. Ficou igualmente prompta a lei do orçamento para o anno de 1831-32, a primeira lei dessa especie, que abrangia a receita e a despeza de todas as provincias, votada pelo parlamento brasileiro e sanccionada por decreto de 15 de Dezembro de 1830, e que fixou a despeza em 12.836:826$800, e orçou a receita em 15.000:000$000.

Foi a primeira lei, dissemos votada pelo parlamento; e a unica, accrescentamos, votada no primeiro reinado, poucos mezes antes do seu desmoronamento.

CRISE POLITICA — IMPOPULARIDADE DO IMPERADOR

As rivalidades entre o parlamento e o governo estavam cada vez mais accesas. Este foi accusado de ter pago despezas de armamento e sustento de emigrados portuguezes com fundos destinados ao pagamento dos compromissos da Convenção de 1825. Por desavença com o Marquez de Barbacena, o imperador o demittiu por um decreto insolito, que foi publicado antes de ter delle conhecimento o Marquez, o qual, em resposta, dirigiu um Manifesto ao paiz, alludindo ao poder pessoal do imperador e á existencia de um ministerio secreto dos negocios do paiz.

Comprehende-se quanto esses escandalos deviam augmentar a impopularidade, já tão grande, de D. Pedro I. Para cumulo dos males, chegou em Outubro ao Rio de Janeiro, em um navio inglez, armamento para dez mil praças, na importancia de mais de 500 contos, encommendado pelo governo, no tempo do ministerio de José Clemente Pereira, sem autorização das camaras, quando o paiz estava em paz. Tudo isso concorria para incutir no animo dos patriotas o receio de um attentado contra as liberdades publicas.

ABDICAÇÃO DO PRIMEIRO IMPERADOR — SUA RETIRADA PARA A EUROPA (1831)

Tendo organizado no dia 5 de Abril de 1831 novo ministerio, composto de homens antipathicos á Nação, o povo, apoiado pelas tropas do Rio de Janeiro, reuniu-se no dia 7 do do mesmo mez para intimar ao imperador a demissão do novo ministerio e a reintegração do anterior. Mas D. Pedro respondeu: « Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo ». E abdicando a corôa na pessôa de seu filho, D. Pedro, então com pouco mais de cinco annos, deixou, dias depois, para sempre, as terras do Brasil.

Sem nos occuparmos, por estranho ao nosso objectivo, como a influencia que no periodo de dez annos de sua administração, exerceu D. Pedro I, sobre o desenvolvimento intellectual, moral e social do Brasil, consignaremos apenas que John Armitage, o historiador inglez do primeiro reinado, sustenta que, nesse periodo, o Brasil progrediu intellectualmente mais do que nos tres seculos, decorridos desde o seu descobrimento até á proclamação da Constituição portugueza de 1820.

DIVIDA PUBLICA AO TERMINAR O PRIMEIRO REINADO

Ao findar o primeiro reinado era o seguinte o estado da divida passiva do Brasil:

Externa — £ 5.331.700, que ao par de 67 1|2 equivalem a.	18.957:155$554
Interna — Fundada	13.935:286$814
Fluctuante	24.573:080$127
Total.	57.465:522$495
A *divida activa* era de.	6.428:718$100

Os titulos brasileiros da divida externa tinham baixado a 47; as apolices da divida interna eram cotadas a 43. O cambio estava a 20 1|2 (correspondente a 8 2|10 ao par de 27). O meio circulante era formado de notas do extincto Banco do Brasil, garantidas pelo governo, e moedas de cobre. Destas, foram cunhadas na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, durante o primeiro reinado, 13.102:864$, além de cerca de 1.400:000$ nas provincias da Bahia, S. Paulo, Matto Grosso e Goyaz: total — mais de 14.500:000$; sem falar em mais de um terço de moedas de cobre que existiam, cunhadas anteriormente, ou introduzidas por contrabando. Tem-se avaliado o total do meio circulante, ao findar o primeiro reinado em 40.000:000$000.

NOMEAÇÃO DA REGENCIA PROVISORIA EM NOME DE D. PEDRO II (1831)

Logo após a abolição do primeiro imperador, reuniram-se no paço do Senado os representantes da nação que se achavam

no Rio de Janeiro, e nomearam uma regencia provisoria de tres membros, até que a assembléa geral, a abrir-se no dia 3 de Maio, deliberasse nos termos da Constituição. Essa regencia assumiu immediatamente o governo, e reintegrou o ministerio que havia sido demittido no dia 5 de Abril, com excepção do ministro da fazenda, que foi substituido pelo deputado J. J. Borges; e no dia 3 de Maio apresentou-se ás Camaras abrindo a sessão ordinaria.

O governo propoz que se tratasse do resgate das moedas de cobre; para o que se devia suspender, por cinco annos, o pagamento dos juros e amortização da divida externa, afim de ser applicada a esse resgate a somma annual destinada para aquelle fim; mas tão extravagante proposta levantou grande celeuma na assembléa e na imprensa, e foi rejeitada.

Em data de 19 de Maio a mesma regencia provisoria publicou um decreto revogando os de 1827 e 1828, que prohibiam a sahida da moeda de cobre das provincias do Rio de Janeiro e Bahia, e permittindo a franca exportação dessa moeda. Essa acertada medida produziu desde logo o decrescimento do agio do cobre.

ELEIÇÃO DA REGENCIA PERMANENTE TRINA (1831) — MEDIDAS FINANCEIRAS (1831-33)

Eleita em 17 de Junho de 1831 a regencia permanente composta de tres membros, a assembléa geral autorizou a reorganização das repartições de fazenda e creou o Tribunal do Thesouro Publico Nacional e as Thesourarias nas provincias. Na sessão de 1832 o parlamento votou lei dividindo a receita e a despeza publica em geral e provincial: o que constituia um importante melhoramento, cujos resultados já poderam ser apreciados no anno seguinte, por uma mais completa fiscalisação da receita e despeza e melhor discriminação das verbas.

Tres decretos legislativos foram promulgados em 1833 contendo disposições financeiras importantes: o 1° autorizando o governo a determinar o prazo, findo o qual deixarão de circular as notas do velho padrão do extincto Banco do Brasil; prazo esse que, por decreto executivo, foi marcado para o

ultimo dia do mez de Julho do mesmo anno; o 2º facultando aos possuidores das moedas de cobre o recolhimento dellas nas thesourarias provinciaes, recebendo ahi cedulas que representem o valor das quantias recolhidas, 5 % para a Fazenda Publica; 3º autorizando a creação de um Banco de circulação e deposito, e alterando o padrão monetario.

MUDANÇA DO PADRÃO MONETARIO PARA 43 1|5D. POR 1$ (1833)

A lei que contém estas duas ultimas medidas é de data de 8 de Outubro. O padrão vigente de 67 1|2d. por 1$ correspondia ao valor de 9 shillings ou 108 dinheiros ou 1$600 dado á oitava de ouro de 22 quilates, e como a lei de 8 de Outubro dava o valor de 2$500 á mesma oitava de ouro, isso equivalia a mudar o valor de 110 para 43 1|5 dinheiros: portanto, uma libra, que ao par de 67 1|2 valia 3$555, passada, ao par de 43 1|5, a valor 5$555.

A ultima medida, que tinha por unico effeito approximar o valor do ouro moeda da do ouro mercadoria, foi logo posta em execução. Quanto á autorização para ser creado Banco, ficou no papel. Era impossivel a existencia de um Banco sobre fundo metallico nesse tempo, nas circumstancias do paiz. As illusões a esse respeito datam de então, sempre e sempre acompanhadas de desillusões...

ACTO ADDICIONAL Á CONSTITUIÇÃO (1834)

Em 1834 o acto legislativo culminante foi a lei de 12 de Agosto, conhecida pelo nome de *Acto addicional*, que altera algumas disposições da Constituição e crêa as assembléas provinciaes e camaras municipaes, em logar dos conselhos geraes, dando ás primeiras, entre outras funcções, a de fixar a receita e despeza de cada provincia, autorizando-as a crear impostos (excepto de importação ou outros que prejudiquem as imposições geraes do Estado). Essas disposições do Acto addicional modificaram implicitamente o orçamento geral do imperio, que nos dois exercicios anteriores abrangia, como dissemos, destacadamente, a receita e despeza geral e a provincial.

Agora, desde que as provincias tinham de prover ás suas despezas com as receitas por ellas arrecadadas, o orçamento só devia comprehender a receita e despeza geral.

Como as rendas provinciaes eram insufficientes para as suas despezas, as quaes não podiam deixar de crescer com o desenvolvimento que as provincias iam adquirindo, as assembléas provinciaes exorbitaram, em geral, os limites que lhes tinham sido traçados, quanto á decretação dos impostos: o que determinou a necessidade, por parte do governo e do parlamento, de especificar mais minuciosamente as fontes de renda geraes, afim de limitar, com mais rigor, o campo dos impostos provinciaes, continuando o Thesouro a supportar o pagamento das despezas que excediam ás rendas das provincias.

REFORMA DO THESOURO E OUTRAS REPARTIÇÕES DA FAZENDA (1834)

O ministro da fazenda, M. do Nascimento Castro e Silva, um dos mais competentes que temos tido, reclama, no relatorio que apresentou ao parlamento na sessão de 1835, contra essa tutella financeira, que tolhia ás provincias o direito de cuidarem dos melhoramentos de que carecem, á vista da insufficiencia de recursos que as assembléas respectivas podiam decretar, derivadas das exiguas fontes de impostos. Esse ministro introduziu grandes melhoramentos nas repartições fiscaes e de arrecadação de rendas, na reforma, que executou, do Thesouro e thesourarias, alfandegas e mesas de renda. E' realmente admiravel a série de aperfeiçoamentos que tiveram as repartições de fazenda no tempo da regencia, — tudo feito com espirito de ordem e economia — que se impõem ao respeito de quantos acompanham a evolução de taes medidas. Sturz, o autor inglez que temos citado, exalça, em mais de uma occasião, esse espirito de ordem e economia; e, falando dos orçamentos e relatorios apresentados pelos ministros da fazenda durante a regencia, escreveu: « The annual budgets have been regularly laid before the chambers; and while the actual expenditure has seldom or never exceded the estimates, it has always been within the revenue. The clas-

sification of the ways and means and the different items of expenditure in the respective departments and provinces, have been more clearly defined. Indeed, the exposé of the Brazilian minister is far more clear and intelligible than the of the chanceller of the exchequer of England.»

LIQUIDAÇÃO DEFINITIVA DO BANCO DO BRASIL (1835)

Só em Abril de 1835 ficou concluida, de modo definitivo, — e isso por accôrdo amigavel entre o governo e a junta representativa do extincto Banco do Brasil, a liquidação desse estabelecimento, decretada em Setembro de 1829. O governo ficou autorizado, pela lei de 6 de Outubro de 1835, a substituir, além das notas do extincto banco, as antigas cedulas da Bahia, todas as que forem emittidas em troco das moedas de cobre, os conhecimentos e quaesquer outras cautelas dadas em logar das cedulas. A nação reconhecia como divida publila o valor das notas emittidas e obrigava-se a amortizal-as, destinando para esse fim certos impostos que anteriormente (lei de 3 de Outubro de 1834) creára para auxiliar o novo banco autorizado, e bem assim o producto da venda do cobre de moedas trocadas e as sobras da renda geral no fim de cada exercicio. Era um novo passo no declive escorregadío do papel-moeda.

ELEIÇÃO DO PADRE FEIJÓ PARA REGENTE (1835) — REVOLUÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Antes de passar adiante, notemos que as perturbações da ordem que se tinham estendido a quasi todas as provincias, e que foram energicamente suffocadas pela regencia, a principio trina, mas, depois do Acto addicional una, e exercida pelo padre Diogo A. Feijó, que havia sido eleito em Abril de 1835, e empossado a 12 de Outubro do mesmo anno, depois de apurada a eleição pela assembléa geral, continuavam a absorver a melhor parte dos esforços do governo. Em 1815 surgiu no extremo sul o mais serio de todos os movimentos, a revolução do Rio Grande do Sul, que devia resistir, durante dez annos, ás medidas empregadas para a debellar.

DIFFICULDADES POLITICAS E FINANCEIRAS

Em um meio destes, difficil, sinão impossivel, era a tarefa da reorganização financeira, tão melindrosa em si mesma, em virtude dos erros do passado. O periodo que estamos estudando offerece um espectaculo digno de respeito — o de homens de grande saber e animados do mais acendrado patriotismo, trabalhando na grande obra de regeneração do paiz, a braços com gravissimas difficuldades financeiras e politicas.

Apezar dos esforços combinados do governo e do parlamento, foram elles comtudo inefficazes para melhorar o meio circulante, o qual continuava o mesmo, salvo grande reducção na moeda de cobre.

PROJECTOS DE MELHORAMENTO DO MEIO CIRCULANTE (1835-1837)

Em 1835 o marquez de Barbacena fora á Europa em commissão do governo para se entender com os homens praticos mais em evidencia em negocios financeiros, afim de colher idéas que servissem de base a um plano, que seria apresentado ao parlamento; mas do seu relatorio, publicado em Julho de 1836, contendo aliás dados interessantes, nada se colheu de pratico e applicavel á situação brasileira. Os projectos e planos, que acompanharam o citado relatorio, foram mandados á Praça do Commercio do Rio de Janeiro, a qual nomeou uma commissão especial de tres membros, que apresentou parecer em Outubro do mesmo anno.

Esse parecer repelle todos os projectos de melhoria do meio circulante baseados na queima do papel ou pseudo-resgate sem substituição metallica e nos emprestimos externos e mesmo internos e no estabelecimento de bancos.

A commissão propõe que a prata se torne moeda de convenção, sendo cunhada na proporção de 1:14 1|2 com o ouro em moedas de 500, 200 e 100 réis, e não podendo entrar nos pagamentos sinão até 20$. As moedas de cobre devem ser retiradas da circulação e substituidas por outras de valores

reaes, e só admittida nos trocos. O papel-moeda deve ser substituido por outro que não tenha circulação geral e só em cada provincia: o que permitte mais facil fiscalização quanto ás falsificações e ao excesso em relação ás necessidades do commercio local. O governo promoverá uma disposição legal marcando os fundos em ouro necessarios para o resgate gradual do papel-moeda assim provincialisado, isto é, o pagamento em ouro de um certo numero de notas, que serão então inutilisadas. Os fundos para esse resgate parcial poderão ser obtidos por meio da elevação dos impostos de importação de 15 para 20 %, e distribuidos pelas provincias. Para incumbir-se de tal conversão gradual do meio circulante o governo creará uma repartição especial no Rio de Janeiro *Junta de resgate*, independente do Thesouro Publico, composta de cinco membros, sob a presidencia do ministro da fazenda, e Juntas da mesma natureza, compostas de tres membros absolutamente dependentes da primeira, em todas as provincias. Logo que cada Junta tenha trocado por ouro e prata as notas que correspondam á quota que lhe coube do fundo de resgate, o governo ordenará que em todos os pagamentos futuros a moeda metallica entre na mesma proporção em que se effectuou sua substituição relativamente á circulação geral. As transacções entre as provincias serão feitas por meio de letras de uma repartição publica pagaveis á vista. Além d'isso a Junta de resgate central deverá emttir, em troco de moeda corrente, uma certa somma de letras geraes, com curso em todas as provincias e pagaveis na Côrte á vista.

O parecer, que acaba de ser resumido nos seus traços geraes, foi remettido á Assembléa geral, que nomeou uma commissão, de tres membros, a qual, depois de ouvir ainda alguns negociantes, deu parecer acceitando algumas das idéas propostas mas deixando de aproveitar as mais uteis. Esse parecer, depois de discutido, foi, com pequenas modificações, adoptado e transformado na lei de 11 de Outubro de 1837, a qual mandou cobrar, de Julho de 1838 em diante, 1 % addicional ao imposto do expediente e 1 3|4 % ao da armazenagem das alfandegas destinados á amortização de notas do governo, as quaes seriam depois queimadas. Para o mesmo

fim seriam igualmente empregados 8 % dos impostos de loterias e bem assim os creados pelas leis de 8 de Outubro de 1833 e de 6 de Outubro de 1835. A queima seria suspensa logo que o cambio estivesse ao par, sendo então o producto dos impostos aduaneiros empregados na compra de titulos da divida publica. Como se vê, a referida lei de 11 de Outubro não instituiu a medida salutar da substituição do papel-moeda por ouro, e autorizou a queima sem se fazer substituição alguma. Foi em virtude da falta de comprehensão nitida dessa necessidade, que o parlamento não tomou em consideração a resposta, quasi unanime, que teve um quesito, elaborado pela commissão especial da Camara dos Deputados, relativo á cobrança dos impostos em ouro: todos os membros do commercio, por ella ouvidos, opinaram, salvo um só, que esses impostos deviam ser pagos em ouro. Veremos na continuação deste nosso trabalho, que até o dia de hoje os financistas do Brasil — imperio e republica — não encararam ainda de modo conveniente a questão do resgate do papel-moeda, acreditando a maior parte delles, que queimar papel-moeda é resgatal-o.

Teremos de voltar a este assumpto, adiantando desde já a nossa opinião: ainda que chegue ás mãos do governo, por saldo orçamentario ou pela creação de um fundo especial de resgate, o papel-moeda, *que é um titulo de divida da Nação*, elle não póde ser queimado antes de ser *pago*, isto é, substituido por *moeda metallica*, que é a unica moeda verdadeira. Um devedor não paga ou resgata sua divida queimando o titulo de divida, que o credor lhe entrega por força de imposições creadas pelo devedor.

Mas voltemos ás medidas legislativas de ordem financeira de 1837. A lei de 6 de Outubro desse anno autorizou o governo a contrahir um emprestimo para supprir o *deficit* do exercicio de 1837-38, computado em 4.558:000$; e a lei do orçamento dispoz que o ministro da fazenda podia emittir bilhetes do Thesouro para occorrer ás despezas, comtanto que essas letras sejam resgatadas dentro de tres mezes, sem poderem ser reformadas, nem o seu valor exceder a metade da despeza orçada no mez em que forem emittidas.

QUARTO EMPRESTIMO EXTERNO PARA SUPPRIR « DEFICIT » (1839)

Em virtude da autorização da lei de 6 de Outubro, o governo recorreu a um emprestimo externo, visto que as difficuldades, em que se encontrava o commercio, não permittiam contar com capitaes dentro do paiz. Aquelle emprestimo foi realizado em Londres, por contracto de 5 de Fevereiro de 1839, com Samuel & Phillips, na importancia real de £ 312.500, ao typo 76, juros 5 %, amortização 1 %, sendo o valor nominal de £ 411.200, que, ao cambio vigente de 30, equivalia a 2.500:000$, inferior á quantia autorizada.

Verificando-se que, no exercicio de 1839-40, o *deficit* seria de 6.562:730$703, a lei de 23 de Outubro de 1839 autorizou o governo a recorrer a um novo emprestimo ou a emittir papel-moeda até aquella somma.

O orçamento para o exercicio de 1840-41 foi approvado pelo decreto de 26 de Maio de 1840, tendo sido necessario, para ficar concluido, convocar o parlamento em sessão extraordinaria, de 9 de Abril a 2 de Maio, seguindo-se a sessão ordinaria a partir de 3 do ultimo mez. Esse orçamento calculava a receita em 16.500:000$ e fixava a despeza em 19.073:857$815. Foi esse o ultimo orçamento organizado pela Regencia.

DIFFICULDADES POLITICAS E FINANCEIRAS

A situação financeira e politica era tão grave que não podia perdurar sem uma solução qualquer. Os orçamentos eram organizados com *deficits*, e as liquidações se effectuavam com *deficits* maiores do que os previstos. Os recursos, de que se servia habitualmente o Thesouro — como movimentos de fundos disponiveis, bilhetes do Thesouro, etc., já não bastavam, principalmente de 1836 em diante, para fazer face a esses *deficits*.

LEI DE 1839 AUTORIZANDO EMISSÃO DE PAPEL-MOEDA

Em 1837 houve necessidade de pedir autorização para um emprestimo, e a lei de 23 de Outubro de 1839 autorizou novo emprestimo e a emissão de papel-moeda. De que servia

votar impostos para amortizar esse papel, queimal-o com toda a publicidade, e logo após autorizar a emissão de notas em quantidade superior á que fôra queimada? Mas reconheçamol-o: a culpa não era nem do governo nem do parlamento.

Desde que o paiz preferia entregar-se a agitações politicas, que impediam o trabalho das classes productoras, é claro que faltava o principal elemento para as bôas finanças. O intento de não quererem os poderes legislativo e executivo aggravar o estado do meio circulante manifesta-se pelas medidas, aliás insufficientes, de decretar impostos para o melhorar, e pela decisão energica de recorrer a um emprestimo externo em 1838; mas o crescimento das despezas, determinado pela necessidade de manter a ordem, creou uma situação tão premente, que impoz o fatal decreto de 23 Outubro de 1839.

Com effeito, a agitação politica, reflexo da que perturbára os ultimos annos do primeiro reinado, — continuava a manifestar-se, rebentando em uma provincia, após ter sido suffocada em outras. Com a morte do primeiro imperador, occorrida em 1834, diminuiu aquella agitação; mas tendo surgido em 1835 a revolução do Rio Grande do Sul, em torno della se concentraram, desde então, toodos os cuidados do regente, salvo nos fins de 1837 e principios de 1838 e em todo o anno de 1839, até o de 1840, em que, ao mesmo tempo que mais séria se tornava aquella revolução, movimentos inquietadores irromperam na Bahia e no Maranhão.

RENUNCIA DO REGENTE (1835)

No Rio de Janeiro as lutas dos dois partidos politicos — liberal e conservador, accenderam-se a tal ponto, que o Padre Feijó resolveu renunciar a regencia, a 19 de Setembro de 1837, sendo substituido interinamente, na forma da lei, pelo ministro do imperio, P. de Araujo Lima, depois visconde e marquez de Olinda, o qual foi eleito regente em Abril de 1838.

DECLARAÇÃO DA MAIORIDADE DE D. PEDRO II (1840)

A crise politica mais e mais tensa foi resolvida, a final, pela declaração da maioridade do imperador no dia 23 de

Julho de 1840: acto esse, sem duvida, revolucionario, porque anticipou de mais de tres annos o prazo constitucional para essa maioridade, mas praticado pelos representantes legitimos da nação. Estava nesse dia terminado o periodo da regencia. Eis os algarismos que definem a situação financeira do Brasil ao fechar-se o cyclo regencial em 1840:

DIVIDA PASSIVA

Externa — £5.642.900 valendo ao par de 43 2|5	31.346:309$500
Interna — Fundada, segundo a lei de 1827	30.282:600$000
Inscripta no Grande Livro e nos auxiliares das provincias e anterior a 1827, não inscripta	1.497:706$748
Fluctuante, bilhetes do Thesouro	5.388:000$000
Dita, papel-moeda	39.963:122$000
Total	108.477:738$248

DIVIDA ACTIVA

Total	6.428:718$100

ALVARO J. DE OLIVEIRA (*).

(Continúa)

(*) Veja *Revista Americana*, n. 7, Abril, 1918, pag. 150 — NOTA DA REDACÇÃO.

FRAGMENTO LIMINAR DE UNA EPOPEYA CICLICA (*)

... Y ví una bestia subir de la mar, que tenía siete cabezas y diez cuernos. Y la bestia que ví era semejante a un leopardo y sus pies como pies de oso... Y el dragón le dió su poder.

« Cap. XIII (Ver. 1 y 2) de la « Revelación » de San Juan el Teólogo ».

La afinación de mis sentidos
de Poeta salvage — que sobre el polvo trémulo
me obliga a ofatear el rastro de la Vida que hüye
y a oir en el discurso de mi sangre la música del Universo —
advierte, a la distancia,
por entre el vacuo estrépito
de la Guerra de Europa,
un hálito leviatanesco,
una bocanada de abismos,
un milenario soplo de misterio,
que entenebrece el ámbito, aletarga la hora
y hace que sonambulen como fantasmas los ejércitos...

(*) Este fragmento de poema, enviado á revista argentina « Nosotros », pelo poeta peruano José Santos Chocano, foi lido no original castelhano e em traducção ingleza, a 27 de Dezembro de 1917, na homenagem feita ao autor pela « Poetry Society of America », sob os auspicios do « National Arts Club » de New-York.

REDACÇÃO.

Este es un grave soplo que parece
venir de más allá de los Aedas griegos,
y de los Poetas indios,
y de los Profetas hebreos...
¡Oh, vaho pavoroso, que se difunde
hasta perderse en el principio de los tiempos!
Este es el mismo soplo cálido
en que se inflaman y consumen los tres sones de la lira de Orfeo;
este es el mismo soplo que hace retemblar las augustas
doscientas quince mil armonías del Mahabharata tremendo;
y este es el mismo soplo de cóleras sacerdotales
que se siente pasar por los frondosos versículos del Pentateuco...

¡Oh, cosmogónico delirio!
¡Oh, estertor ramayanesco!
Batalla de batallas, que se trasluce
mal envuelta entre el Velo
de Isis... Holocausto
humeante, fragoroso y patético,
en que los ríos son desangres
y los campos incendios;
y en que la Piedra de los Sacrificios,
enormemente, pesa sobre catorce hombros atléticos.

Catorce pueblos luchan...
¿Quiénes son?...
Se ven sólo
catorce rostros cadavéricos...

¿Son los Centauros y Lapitas,
que hacen chispear las Edades en un trajín homérico?
¿Son los Kuravas y Pandavas,
que ruedan, con litúrgico estruendo,
por la escalinata sombría
de los indostánicos versos?...
¿Son los Quichés y Mayas,
que, en la gran Biblia indígena del Popol-Vuh hermético,
como a la luz de tres antorchas,
se matan a la luz de tres ciudades locas en tres incendios?...
¿Son tal vez los Atlantes,
—(¡Padres Nuestros!)—
que en invasión, como si en masa
se volcase un Océano,
tras de sí dejan, por los siglos de los siglos,
el rumor de sus pasos en las estremecidas páginas del Timeo?...
¿O son los trágicos Lemures,

— Raza Raíz tercera de los dictados exegéticos —
que hacen crujir el eje de la Tierra trepitante
bajo sus estaturas de más de siete metros?...
¿O son los Hiperbóreos?
¿O son los Primievos?...

Hombres no son acaso...
Angeles y Demonios
que combatem en uno como torbellino frenético:
Demiurgos contra Shives,
Afrites persas contra Éggrégores hebreos,
Osiris y Tifones, Ormuces y Arimanes,
antagónicos dioses multiplicados en sus nietos...

¡No son dioses!
En la guerra de Europa
mis oídos sienten vacuo el estrépito...
¿Qué son entonces los caprichos
alucinantes de ese kaleidoscopio épico?

...Por entre las complicaciones
de espirales de humo denso
— en las que se abanican alargándose
súbitas lenguas de ágil fuego —
soslaya sus figuras
una inquietante zoología de sentido esotérico.

La negra Aguila desdobla
todas sus plumas, encorvadas como alfanges quiméricos;
y el iracundo Gallo
sacude el Gorro Frigio de su alta cresta en son de reto;
y el Leopardo críspase
en un rampante esfuerzo;
y el Oso blanco
sus pies gobierna con un ritmo firme y lento;
y el Aguila bicéfala
entreabre las tenazas de sus dos picos impertérritos;
y un coágulo de sangre
brilla en la torva media luna del bosfórico Cuerno.

(El Gallo canta por tres veces en el Inri
del patibulario madero;
y Leopardo y Aguilas y Oso
y Unicornio, revueltos,
mienten trazos de la visión que surge
del libro de los siete sellos...).

Y el joven León belga
muerde su cola en un nervioso y emblemático gesto;
y el lusitano Gerifalte
abre las alas añorando sus históricos vuelos;
y la capitolina Loba
aúlla enferma de heroísmos pretéritos;
y los balcánicos tigrillos
hacen rechinar sus dientes coléricos;
y la gran Sierpe roja,
enroscada en el centro
de la bandera asiática,
lanza un silbido amenazador y profético...

Repentino el afán hierve de brutos que azuzaron
las guerras de todos los tiempos;
y se confunden, en lo obscuro,
los potros de Alejandro y los camellos
de Aníbal con los blancos elefantes de Ciro
y con las fieras, orgullosas de sus pelajes pintorescos,
que, acompasadamente, desfilaban
por delante de los ejércitos,
en las vetustas civilizaciones
de monumentales Asirios y de astrológicos Caldeos...

Y el maremágnum se prolonga
en las evocaciones de las faunas de ensueño:
las serpientes con plumas, y los toros con alas,
y los bimanos con cabeza de murciélago...

Es una epopeya de trasgos,
es una gigantomaquia de espectros,
vista al través del opio
de una pesadilla de pueblos!

Tal la alegoría de las brutalizadas pasiones,
bajo las que se siente jadear el resuello
con que se anuncia, en los siglos, el monstruo
de las siete cabezas, las cuatro garras y los diez cuernos...
Y los diez cuernos luchan
contra las cuatro garras, como en el suicidio epiléptico
de una bestia que se despedazase,
encerrada entre círculos fantásticos de Tiniebla y de Fuego...

Súbito, como
si brotase del cielo,
mécese y gira sobre la bestia moribunda,

pájaro gigantesco,
que entre las garras blande el rayo
como olímpico cetro
y entre el pico desgrana
cuarenta y ocho estrellas en la emoción de un lienzo.
Y este gran pájaro solemne,
al retorcer las espirales de su vuelo
sobre las resonantes palpitaciones de la bestia,
va dejando caer la abrumadora meditación de su silencio...

Esto es lo que recoge la afinación de mis sentidos
de Poeta salvaje — que sobre el polvo trémulo
me obliga a olfatear el rastro de la Vida que hüye
y a oir en el discurso de mi sangre la música del Universo!

New York, 1917.

José Santos Chocano.

UM PINTOR ARGENTINO

(FRANCISCO VICH)

Depois do desapparecimento de Gonzaga Duque, a critica d'arte, em se tratando de pintura, ficou sem representação. Não temos nos chronistas diarios um critico exclusivamente d'arte, um critico que saiba ver, que conheça pintura; existem entretanto criticadores de obras, de escolas e de technicas.

Não quero dizer que se não escreva a respeito deste ou daquelle pintor; muito pelo contrario, — sou apologista da opinião publica e da impressão, impressão apenas pessoal. Com o que não concordo é com a pretenção ridicula e tola de certos escrevinhadores que se arvoram em criticos, conhecendo tanto a pintura, sua technica, o desenho, o valor dos claros e dos escuros, as sciencias da composição e da perspectiva, como um cego de nascimento, a paizagem e as coisas que o cercam.

Aqui, com as excepções honrosas para certos jornaes — é ainda mais pittoresca, — não existe critica; — publicam-se notas, as vezes rosarios de asneiras, de bobagens, a respeito deste ou d'aquelle certamen, com observações ridiculas ou elogios exaggerados, e tudo isto subordinado ao gráo de sympathia, de estima, de odio, ou despeito, que se vote ao expositor quando este, independente e digno, não vem acompa-

nhado de empenhos e cartas de recommendações. Aqui, para certos espiritos, a verdade deve ser abandonada, esquecendo-se elles, que ou mais cedo ou mais tarde, o triumpho definitivo, a ressuscite, tornando-a mais brilhante e mais bella.

A vida artistica é incerta nas suas affirmações. Uns revelam--se jovens, outros são consagrados na velhice. « La valeur n'attend point le nombre des années ».

Tal conceito é verdadeiro — pois Victor Hugo, Raphael Sanzio, Mozart, ainda creanças, compunham obras affirmadoras de seu genio. As vezes a grande obra é executada na juventude, como em Regnault, morto muito jovem, e autor de trabalhos admiraveis, obras primas, que repoisam no Louvre e nos grandes museus do mundo. A popularisada « Salomé », pertencente á collecção Knoedier, de Nova York, exposta em Paris, no « Salon » de 70, executado em Tanger em 1869-70, é uma obra consagrativa, se bem que Regnault a tivesse executado ainda muito moço. « Mireio » de Mistral, escripta aos 21 annos continua a ser sua obra prima. Rimbaud, Joets, Daudet affirmaram-se ainda muito creanças.

Existem as obras feitas pacientemente, acabadas com minucia, quasi photographicas; estas, porém, não são reveladoras do genio. — Velasquez nas suas pochades, supplanta, muitas vezes, a sua obra de grandes dimensões. Para muitos, o tamanho de uma téla é o que a torna admirada e discutida, deixando de lado as pequenas obras, ás vezes portadoras de genio, como n'esse pequeno estudo de Franciscovich, n. 18, « Crepusculo en el lago », que é a sua obra prima. Creio que, instinctivamente, quando na Bolivia se fallar em o nome de Franciscovich, os montes e as cordilheiras dos Andes serão sempre lembrados, como quando em França, ao se pronunciar o nome de Theodore Rousseau, chega á nossa imaginação os enormes e velhos carvalhos da floresta eterna. Ouvir-se-á, por exemplo, falar dos canaes do Norte sem lembrar Jongkind, e não se unem ao nome de Baptista da Costa as verdes paizagens de Petropolis? E' porque o artista irmaniza-se á sua obra, é a sua alma, a sua imagem viva e palpitante. Parece-me, admirando a obra de Franciscovich, que foi na Bolivia que elle aprendeu a conhecer os céos tão intimamente como a terra, a distinguir com precisão o céo frio

da tarde e o céo glacial da manhã, a comprehender a fórma e a diversidade das nuvens, a definir com maestria o papel que ellas desempenham em contacto com a luz e com a sombra. Elle sabe compor uma paizagem e um céo. Nesse ponto de vista, Franciscovich segue Constable que diz: « O paizagista que não faz dos seus céos uma parte integrante de suas composições, esquece de utilisar uma das maiores, senão a maior fonte de inspiração ».

E' o que na obra de Franciscovich empolga o espectador. — Elle comprehendeu, como Turner, na escola ingleza, Albert Cupy, na hollandeza, Segantini na escola italiana, se bem que austriaco de nascimento, Ziem na escola franceza, que em toda paizagem o céo é « la note principale, le pied de l'échelle et le principal organe du sentiment ». Sua obra na parte positivamente artistica nos é revelada pelos céos. — Ahi o artista é admiravel, é perfeito. Suas télas, cujo thema não é mais do que um lago, um pedaço de collina, montes e céos, tornam-se monotonas em conjuncto. Falta a variedade. Os habitantes de suas obras, abandonaram os verdes, as flores, as arvores, o convivio do homem, são como esses monges que, encerrados no claustro, esquecem o mundo. São solitarios. — E' assim a paizagem de Franciscovich. E' uma paizagem em que o movimento e a vida imprimem-se nas nuvens que o seu pincel de mestre executa com brio e nobreza. As aguas são mortas e pintadas com uma delicadeza surprehendedora. São sobretudo as gammas da opala que se apresentam nas suas télas, rosas palidas, azues e verdes muito claros, lilazes e ouro em agonia, sem vida... Deliciosos como parecem os seus pequeninos estudos, não os posso considerar senão como exercicios de virtuosidade.

Das obras expostas o que se observa é a habilidade phantastica na execução. Dir-se-ia uma photographia, tal o acabamento e a fusão dos tons, entretanto abandonando essa parte, aliás apreciada pelo « gros public »», destaco as grandes obras « Tarde serena en el lago » « Dia gris en el lago », que são paginas das mais fortes em o livro que elle nos offerece, onde se lêm a sua vida e o seu sentimento.

O crepusculo em Potrerillo é uma escala de tons pallidos, em que o grisalho azul e os amarellos esmaecidos, se misturam

a estes grandes accordes do céo, arrancados da harpa do sentimento, tristes e luminosos como o echo da marcha funebre de Chopin, e prolongando-se infinitamente como o tilintar dos sinos de bronze, na penumbra da tarde, envolvendo com a sua agonia e a do crepusculo, os campos, e os fazendo companheiros de suas longas, surdas e saudosas vibrações. Franciscovich prepara a sua grande obra. Ella será a affirmação de seu nome no conceito universal. Sua carreira de trabalhador infatigavel e de artista sincero lhe trará a posteridade. E' a gloria do artista e será a sua.

(Rio, 1918).

VIRGILIO MAURICIO.

A RAIZ

Operaria feliz de uma officina escura
Mais que ninguem, trabalha a raiz pequenina,
É sobria como um santo, é modesta e obscura,
E tem alma de heroe, num corpo de menina,

Vede-a, que prestimosa, o sub-solo furando,
Esmagada no seu invencivel labor,
Variando as podridões das lezirias, buscando
O verde para a folha e o roseo para a flor;

Da terra — a boa mãe — a raiz é a criança,
A mamar como leite, a humidade dos lodos,
Torcendo e retorcendo o molle corpo, avança,
Mergulhada na treva e esquecida de todos...

Do sol fecundo e vivo, o mais humilde raio
Um momento beijar-lhe o corpo, eu nunca vi,
Ri a arvore toda ao morno sol de maio,
Maio esquece a raiz, e a raiz não sorri.

Como as formigas são pacientes e operosas,
A operosa raiz se reparte e se espalha,
E as arvores, noivando, enfeitam-se vistosas,
Moça pobre, a raiz, não se enfeita e trabalha...

A flor ama outra flor, e o pollen velludoso,
Ou nas asas do vento ou do insecto vem,
E, ao desejo, abre a flor o seio voluptuoso:
A raiz não deseja e não ama ninguem.

Vive comsigo só; que a não amem, comtanto
Que ninguem lhe perturbe a solidão modesta,
E, com alma de freira e paciencia de santo,
Para ella o trabalho é religião e é festa.

Corre-lhe a vida assim sem pompas e sem brilhos,
Quieta e altruista como uma boa mulher, ,
E como as doces mães, que só cuidam dos filhos,
Nada a sorte lhe deu; mas tambem nada quer...

E como nada quer, nunca lhe chegam penas,
E a raiz tem razão, porque a posse enfastia,
E alcançar um desejo é perceber apenas
Que não era afinal o que a gente queria...

Tem a santa doçura, a modestia, a bondade
Toda a resignação pura e ingenua dos bois,
E entre elles, vede bem, ha tanta affinidade,
Que eu não sei afinal qual mais soffre dos dois...

É a operaria que fia a roupagem dos ramos,
Para a flor faz um mél que a perfeição resume,
E a ignorada raiz, da qual nunca lembramos,
Dá perfume e dá dor, sem ter cor, nem perfume.

Misanthropa feliz, minh'alma te abençoa,
Moça pobre, enrugada á feição das avós,
Adoro-te, ó raiz, modestissima e bôa,
Mãe das florestas, mãe de todos, mãe de nós!...

Jaurú (Estado de S. Paulo), 1918.

ALFREDO DE ASSIS.

A IDADE MEDIA E O RENASCIMENTO NA OBRA DE DANTE

O HOMEM

Ha mascaras que valem por longas e fatigante biographias, onde, muita vez, predominam pormenores insignificantes, datas e nomes sem importancia, minucias e indicações pueris. Sem desfazer nos commentarios preciosos de Boccacio, que nos fornecem a melhor porção da alma e do temperamento de Dante, podemos affirmar que, no seu retrato pintado por Giotto, estão nitidamente accusadas a sduas tendencias que governaram e dirigiram o espirito do poeta florentino entre as lutas do mundo e as da consciencia: o terror da idade-média reflecte-se-lhe no olhar inquiridor e triste, e o sorriso ironico do Renascimento paira no seu labio desdenhoso.

Toda a sua physionomia moral apparece nas linhas simples da face, e as contradicções do seu caracter, ora violento, ora piedoso, repontam dos olhos melancolicos e da boca mordaz. Como se sabe, a figura de Dante era tão expressiva, tão profunda impressão causava aos contemporaneos, que as mulheres, quando o avistavam nas ruas de Ravenna murmuravam: « Eccovi l'uom ch'é stato all'Inferno ». Entretanto, nem a danosa fortuna, nem as chammas do seu tormento interior conseguiram apagar-lhe, completamente, a

doçura do gesto e a benevolencia que lhe provocavam certos erros humanos. Foi cortez e polido, « in tutti piú che alcun corteze e civile », diz Boccacio, e, dentre todos os peccados da terra, os do amor lhe mereceram especial indulgencia, quasi perdão.

O primeiro circulo do Inferno, onde Paulo e Francesca voavam « per l'aer maligno ».

> Quali colombe dal disio chiamate
> Con l'ali alzate e ferme

e onde elle poz « le donne antiche e i cavalieri », Semiramis, que « a vizio de lussuria fu si rotta », « Cleopatras lussuriosa », Helena, « percui tante reo tempo si volse », Achilles, « che con amore al fine combatteo », Páris e Tristão, emfim todos os grandes namorados, parece, em confronto com os outros lugares de castigo, uma estancia amarga porém, ainda, uma estancia paradisiaca.

E como explicar essa inclinação pelos amantes sem ventura, quando a tradição medieval o estava aconselhando a punil-os severamente, e sem desfallecimentos? Devemos aceitar, sem mais razões, esta observação de um dos seus commentadores: « In questo mirifico poeta trovó ampissimo luogo la lussuria, e non solamente né giovanili anni, ma ancora né maturi »?

Cremos que não basta. Aqui se vislumbra já uma solução de continuidade das influencias medievaes. Se o poeta seguisse a regra invariavel que se estendeu até o seculo XIII, teria repetido no seu poema, com a mesma intolerancia, os soffrimentos a que estavam sujeitos os luxuriosos no « Inferno » do franciscano Giacomino da Verona, que, nos seus contornos geraes, lhe servio de paradigma. O espirito audacioso de Dante, amadurecido nas guerras intestinas e nas profundas meditações dos 19 annos de exilio, não supportava mais os rigores do preconceito e as correntes do dogma. Demais, os seculos tinham rolado sobre o poder temporal da Igreja, e se a fé até então continuava segura,

> La fé senza la qual ben far non basta,

a mão dos pastores romanos já não pesava tanto sobre o rebanho dos fieis. O grito das multidões opprimidas já se fizera sentir nas invectivas de Giacoponi da Todi contra Bonifacio VIII, protector dos conventuaes. O Papado não contava mais com a couraça e a lança dos paladinos para defender as bullas de excommunhão.

Antes, porém, de estudarmos a obra de Dante, convém que analysemos, rapidamente, os institulos politicos, sociaes e litterarios que distinguem a Idade-Média e o Renascimento. Deste modo ser-nos-ha mais facil recompor, em seus delineamentos, as theorias sociaes, litterarias e politicas do Mestre de Florença.

O AMBIENTE MEDIEVAL

A Idade-Média se caracteriza, sob o aspecto social e politico, pela absoluta ausencia de unidade nos governos e de vontade nos povos. A decadencia do Imperio Romano foi o primeiro signal do enfraquecimento, em alguns casos, do anniquilamento, em outros, de linguas, costumes e leis. Aquillo que Chamberlain chamou o « cahos ethnico », isto é, a confusão das raças do norte e do meio-dia da Europa, estas já muito caldeadas com africanos e asiaticos, depois que o prestigio de Roma declinou, entrou em uma phase definitiva de miseria. A politica liberal dos antigos Imperadores succedeu a manopla de ferro dos Deocleciano, e a pompa custosa dos Constantino. A « capitatio humana » substituira, entre a plebe ,a escravidão, o imposto do ouro, o do sangue. Os homens livres, commerciantes e artifices, nos campos e nas cidades, começaram a soffrer, de um lado, a violencia dos funccionarios venaes, de outro, as invasões continuas dos guerreiros do Baltico, do Rheno e dos Carpathos. As terras, outr'ora exuberantes, passaram a ser cultivadas e administradas pelos ricos. Os colonos eram, agora, os homens livres. Diminuidas, assim, as vantagens que o velho regimen offerecia, decresceu vertiginosamente a capacidade de trabalho, abastardou-se a intelligencia e envenenaram-se os corações.

Dissolvidas as legiões romanas, talados os campos, mortas

as culturas, prostrada a energia intellectual, nada mais restava senão um espectro de Estado que os barbaros destruiram com um sopro. Era a Idade-Média que nacia.

Restava, todavia, entre o castello rouqueiro dos barões feudaes e os servos da gleba, entre Roma e os Principes, um laço que os unia a todos: a Igreja.

A Igreja foi realmente, o unico poder estavel entre todos os poderes indecisos e vacillantes da Idade-Média. No seu amplo seio vinham quebrar-se os odios latentes, amorteciam-se as revoltas surdas. Uma força mysteriosa tolhia o pulso vingador do populacho. As imagens divinas operavam sobre a eterna superstição que móra no fundo da alma humana, o promettido milagre que todo homem admira e espera. E' que a face intima das cousas não mudara, nem poderia mudar; a philosophia humana é feita com a mesma ingenuidade e o mesmo genio, em todos os tempos. O camponez da Toscana ou da Provença, ainda continuava a balbuciar, em dialecto differente, as sempiternas palavras de temor ou de esperança que os hindús, os persas ou os gregos tinham proferido muitos seculos atraz. Se as formulas eram outras, o espirito no fundo, era o mesmo.

Convencidos da sua força, os vigarios de Roma, por meio de imagens e indulgencias, como os sacerdotes de Isis ou Eleusis por meio dos holocaustos, dos sacrificios e das offerendas funebres, dispunham a seu bel prazer das consciencias amedrontadas e timoratas.

Gœthe, que definio a Idade-Média como um conflicto entre potencias possuidoras, em parte, de consideravel autonomia e, em parte, esforçando-se por attingil-a, resumio claramente todos esses conflictos, em que só a Igreja ganhava, numa simples phrase: « anarchia aristocratica ».

A theoria de Roma era a mais solerte possivel. Conferindo a legitimidade do direito de successão aos Reis e Imperadores, e, ao mesmo tempo, desligando os povos, quando lhe convinha, do juramento de fidelidade aos governos constituidos, creava para si um direito superior, uma especie de tutella do Estado. Todas as nobrezas ruiriam a um gesto seu, como as muralhas de Thebas ao som da flauta de Amphion. O papa, como o « pontifex maximus » da Roma Imperial,

era o « judex atque arbiter rerum divinarum humanarumque ».

Esse predominio, como é natural, não se limitou aos assumptos politicos e religiosos. Foi além. Estendeu-se á litteratura, ás epopéas e ao theatro. Os cyclos da Tavola Redonda e do S. Graal, com os poemas do Rei Arthur, Perceval, Galaaz, Viagem de S. Brendam e o Roman de Brut, por exemplo, são de inspiração christã. Toda a poesia franceza, quasi, bebeu nas fontes da Igreja o fervor religioso que a distingue.

Desde os Juramentos de Strasburgo, no seculo IX, em que Luiz o Germanico se obriga a manter os compromissos tomados, « Pur Deo amur pur Christian poblo et nostro commun salvament », já se percebe a preoccupação religiosa. O cyclo de Carlos Magno não é mais do que uma especie de illiada catholica, onde os nobres pares se esmeram em perseguir os infieis de todos os matizes.

Os grandes romances allegoricos, como o tão famoso Roman du Renart, ou continham allusões directas á historia sagrada, ou narravam, á maneira de fabulas populares, os trabalhos da creação do mundo, o paraizo terreal, Adão e Eva, a Arca de Noé e o mais. O mesmo se verifica na historia, nas chronicas e no theatro que surgio com os Dramas Liturgicos e os Mysterios, verdadeiras paraphrases dos textos biblicos, como a « Representação de Adão », o « Jogo de S. Nicoláo », a « Paixão de Jesus », etc.

Essa litteratura reproduzia bem a mentalidade dos seus creadores. A fé passiva, a fé sem vigor, a fé terrorista, se é possivel, foi a arma poderosa de que se serviu o clero astuto O dogma era uma revelação da divindade. Ante elle tudo desapparecia, tudo era nivelado por elle.

Sómente a cathedral gothica dominava com as suas torres quadradas e as suas agulhas finissimas o horizonte intellectual. Era o dogma de pedra. Na sua rendilha revoluteavam as mil subtilezas que fizeram a alegria e o desespero de cainitas, sodomitas, valentinianos, e toda sorte de doutores, nos Concilios de Constantino e Constancio. Todavia, no seu magnifico esplendor estava, tambem, a grande alma d amultidão, anciosa e prestes a transbordar.

O RENASCIMENTO

Os symbolos primitivos tinham envelhecido; já não podiam conter os impulsos do pensamento moderno que desabotoava. Depois do anno de 1.200, surgiram as primeiras claridades de uma nova era. O movimento communal, que, desde o seculo XI, começara na Italia, tomou vulto e se alastrou. O Estado levantou-se, organizado, diante da Igreja. Os homens precisavam de outras formulas e de outros guias.

No norte da Europa, nos Paizes-Baixos e na Allemanha, fundam-se as Hansas e as Associações Rhenanas; a industria e o commercio abrem largos caminhos á ousadia humana. Odysseus accorda no olhar prescrutador dos primeiros navegadores.

Na Inglaterra a Magna Carta de 1.215 institue o principio da liberdade individual: «Ninguem póde ser julgado senão de accôrdo com as leis do paiz. O direito e a justiça não devem ser vendidos nem recusados».

Na Italia, a consciencia da liberdade religiosa desperta com S. Francisco de Assis, na Provença, com os Albigenses. A semente lançada por Abelardo, no seculo XII, fructificara. Thomaz de Aquino e Duns Scott abalam as instituições ecclesiasticas, creando uma Philosophia distincta da Theologia. Na sciencia, os continuadores de Alberto o Grande e Roger Bacon, procuram afastar-se das controversias escolasticas, dando uma orientação diversa ás mathematicas, á physica e á chimica.

Na poesia, trovadores e jograes, expulsos dos seus torrões nataes em virtude da cruzada contra os Albigenses, entram a procurar nas cortes italianas o vinho e o pão, deixando nas suas canções o travor das tropelias politicas. Os salões de Bonifacio II, do Marquez d'Este, de Azzo VI, e, principalmente, o castello de Frederico II, em Palermo, abrem as portas aos cantores foragidos. Data desta época a ida para a Italia de Pedro Vidal, Rambaut de Vaqueiras, Gaucelin Faidit, João d'Aubusson e outros muitos, para só fallar dos mais celebres.

Nas artes plasticas, Nicola Pisano e Giotto alargam a technica estreita dos illuminadores e dos obreiros medievaes,

trazendo uma concepção diversa de desenho e modelado, de colorido, e vida, á estatuaria e á pintura. A fermentação das idéas, na litteratura e na arte, annunciava a opulencia do seculo XV; o humanismo provocava a Reforma, estabelecendo o conceito positivo e pratico dos seculos modernos.

O «Dolce Stil Nuovo» e a Escola de Florença.

Até o seculo XII a poesia italiana era quasi toda dialectal; não havia, propriamente, uma lingua unica. O siciliano, o bolonez, o veronez e o toscano, de mistura com o baixo latim vulgar, não possuiam grandes qualidades litterarias. A aspereza do instrumento rudimentar não permittia delicadezas de estylo, ainda mesmo quando manejado por um forte engenho.

Sómente os dialectos do norte da Italia revelavam certo vigor e menos rudeza. Coube á Escola Siciliana, entretanto, nascida e formada nos saráos e nos torneios galantes de Frederico II, o maior impulso para a unificação dos idiomas italicos. Ahi appareceram, pel aprimeira vez, duas fórmas poeticas de larga divulgação mais tarde. A *Canzone* e o *Soneto*, tão brilhantemente trabalhados por Dante e Petrarca, foram da Sicilia para a Toscana.

Geralmente os motivos preferidos dessa poesia eram a intrigas de amor e o odio das paixões partidarias, porquanto cahira em desuso a fastidiosa poesia cavalheiresca. Os romances imitados, ou inteiramente traduzidos do francez, como o «Tristano» e alguns mais, faziam apenas a delicia dos burguezes, nas horas de folga, entre uma rebellião suffocada e um assassinato commettido por engano em uma viella escusa de Florença.

A novella ligeiramente sensual, correndo num entrecho singelo, sem prodigios de fabulação, attrahia a penna dos prosadores; o encanto feminino, a graça leve dos corpos, a finura das maneiras senhoris fascinavam os poetas. Insensivelmente formou-se em Florença um movimento de reacção contra o estylo allegorico da escola de Bolonha e os remanescentes, ainda vivos, das tradições sicilianas. A satyra fagulhou nas invectivas de Rustico di Fillipo e Folgore da San Gimignano, e o sentimento claro e amavel do lyrismo

florentino, o «« dolce stil nuovo », desabrochou nos versos de Dante, Guido Cavalcanti, Cino da Pistoia, Dino Frescobaldi e Lapo Gianni. A transformação da mulher, filha de Satanaz, na Idade-Média, em Madonna purissima, a espiritualização do amor e os cuidados da fórma, sem exaggeros nem obscuridades, produziram, por um lado, uma psychologia penetrante, curiosa e inédita, e, por outro, um gosto, mais apurado e discreto na expressão e na linguagem, assim como a rehabilitação da Ballada, onde o povo costumava rimar grosseiramente, doçuras e amargores.

A « VITA NUOVA »

Dante escreveu na « Vita Nuova », com a historia da sua mocidade sonhadora, ridente no começo, dolorosa no fim, a propria historia da Escola Florentina. Nos sonetos e Canções de que se compõe a « Vita Nuova » estão lançados, definitivamente, os moldes da poesia lyrica moderna, da poesia que celebrizou Petrarca, na Italia, e o nosso Camões, em Portugal.

Nada lhe falta. A elegancia do rimario, a pureza da lingua, o colorido das imagens apresentam, nas galas da roupagem e na musica dos rythmos variados e multiplos, um aspecto de suave e harmoniosa correcção. Como nos sentimos longe dos methodos medievaes!

Aqui não se mostram mais as irregularidades da phrase, a syntaxe confusa, e as imperfeições dos primitivos modelos. As rondas mais gentis de Boticelli, as figuras mais aereas de Luini palpitam nos extases e nas radiosas apparições da *Vita Nuova*. Quem, antes de Dante, a não ser um Pindaro, um Anacreonte ou um Propercio, todos quasi desconhecidos então, pintou com tanta frescura um pequeno quadro como o que se desenha neste quarteto:

Cavalcando l'altrier per un camino,
Pensoso dell'andar, che mi sgradia,
Trovai Amor in mezzo della via,
In habito leggier di peregrino. (Son. V.)

Parece até que estamos a ler os poetas do Cenaculo. Propercio que nos legou versos deliciosos, como o tão gabado

Nescit amor magnis cedere divitiis

não diria melhor.

A DIVINA COMÉDIA

A obra de mocidade, todavia, foi interrompida pelo soffrimento. O amargor que a vida lhe derramou no coração desviou-lhe o curso natural do lyrismo, convertendo-o num oceano de lagrimas e fél. A intensidade das torturas e dos males do exilio, crescia, á proporção que os annos corriam, no orgulho da sua alma « sdegnosa ».

Tu lascerai ogni cosa diletta
Piu caramente, e questo é quello strale
Che l'arco dello ezilio pria saetta.
Tu proverai sí come sa di sale
Lo pane altrui, e com'é duro calle
Lo scendere e il salir per l'altrui scale.

Estas palavras duras definem bem a sua situação de « fuoriusciti ». Verona e Ravenna, embora hospitaleiras, não podiam consolal-o da perda de Florença

Del bello ovil, dov'io dormi agnello.

O homem « composto e ordinato », « grave e mansueto » dos tempos juvenis fôra vencido pela dôr. Na fronte ampla não lhe brilhava mais uma estrella propicia, rugia agora, com todo o concerto dos contrarios ventos, uma continua e remota tempestade. Até os seus protectores, como Can Grande della Scala, não eram poupados, no sarcasmo permanente com que elle julgava os seres e as cousas. Em volta delle a solidão se fez maior e mais profundo e temeroso o silencio, aquelle silencio dos espaços infinitos que aterrorisava Pascal.

Os guelfos brancos, os negros e os gibelinos, os moderados, a populaça demagogica e os nobres aventureiros de Carlos de Valois, passavam pela sua memoria como sombras desesperadas e longinquas. A duvida principiara a escurecer-lhe o espirito « como as pequenas nuvens matinaes sobre os raios do sol ». Da saudade dos lugares amados da sua infancia, do desejo de tornar a vel-os, da secreta aspiração de voltar á Florença, nasceu o « Convivio », onde indistinctamente se cruzam conceitos de Platão e Boecio, Aristoteles e Tullio, Ovidio e Horacio; onde a esbelteza dos deuses gregos caminha de par com os sombrios monstros do Apocalypse, e onde as paizagens nebulosas do céo intangivel se reflectem no perfume dos bosques rumorosos da Italia.

Neste « Banquete » moderno esboça-se, pela primeira vez, uma defesa solida e uma analyse subtil dos primores da nascente lingua italiana, inspiradas « per lo naturale amore della propria loquella ». O poeta, livre das vaidades escolasticas, insurge-se contra aquelles que, por tola gloriola, preferem o latim ao « volgare ».

As bases da sua immortal *Comedia* estavam, portanto desenhadas. A crise racionalista, aggravada pelos dissabores do exilio, fortalaceu-lhe a visão, revigorou-lhe as energias mentaes, offerecendo-lhe ensejo de observar, do alto, a maré dos vicios que solapavam deuses e criaturas. Se a sua Cosmogonia é estreita, é larga a sua philosophia; se a sua sciencia é medieval, é moderna a sua intuição. Os theoremas e os calculos podiam estar errados, mas os valores experimentaes continham aquella parcella de verdade immutavel que só o genio consegue fixar.

Dante viu na « selva selvaggia » os caminhos tortuosos do seculo, e a necessidade de uma reforma logo o preoccupou. Essa reforma não era sómente moral, era tambem politica e religiosa.

Quem, durante a Idade-Média, seria capaz de affirmar que a Igreja

> Calcando i buoni e sollevando i pravi
>
> . . . . . .
>
> Puttaneggiar co'regi a lui fu vista?

Quem se revoltaria tão ardentemente contra as santas imagens «de ouro e prata», que lastravam por toda parte, explorando a ingenua crendice das massas ignorantes?

Fatto v'avete Dio d'oro e d'argento;
E che altro é da voi all'idolatre
Se non ch'egli uno, e voi n'orate cento?

Quem teria a serena coragem de condemnar ao fogo eterno, em um dos circulos mais terriveis de castigo, os chefes da Igreja soberana? No canto XIX, do Inferno conta Dante que chegando junto ao condemnado que o interessava, curvou-se sobre a boca do poço chammejante onde elle estava e gritou ao peccador:

«O qual che se», che'l di su tien di sotto,
Anima trista, come pal commessa,
Se puoi fa motto.
Io stava come il frate che confessa
Lo perfido assassin, che poi ch'è fitto
Richiama lui, perchè la morte cessa:
Ed ei gridó: «Sei tu già costí ritto,
Sei tu già costí ritto Bonifazio?
Di parecchi anni mi menti lo scritto.
Se tu sí esto di quell'aver sazio,
Per lo qual non temesti torre a inganno
La bella Donna, e poi di farne strazio-

Aquelle que estava «com a cabeça para baixo e os pés para cima», era um Papa: Nicoláo III; e o outro, a quem elle se dirigiu, confundindo-o com o poeta, era Bonifacio VIII, ainda em vida, ainda no gozo do seu infinito poderio. E nem ahi pára a voz vingadora do Dante. Mais adiante, diz-lhe o mesmo Nicoláo que, no fundo do poço onde elle ardia, moravam muitos Papas criminosos, e que, para alli, viria um outro, Clemente V, mais barbaro e mais perverso do que todos.

Ninguem, até então, se atrevia a accusar o clero de haver adaptado a Escriptura e o Evangelho aos interesses subalternos do catholicismo, para desenvolver o mercado das indulgencias.

Di questo ingrassa il porco sant'Antonio,
Ed altri ancor che son assai piú porci,
Pagando di *moneta senza conio.*

O conflicto do poder religioso e do poder secular, o direito divino e o direito humano são perfeitamente analysados nos seguintes versos do Purgatorio:

Soleva Roma, che il buon mondo feo,
Due soli aver, che l'una e l'altra strada
Facean vedere, e del mondo e di Deo
L'un l'altro ha spento; ed è giunta la spada
Col pastorale, e l'un con l'altro insieme
Per viva forza mal convien che vada.

O erro de Constantino, alienando uma parte do poder temporal á Igreja, determinou a decadencia do Vaticano, despertando a embriaguez do mando e o luxo das ceremonias religiosas.

« Constantinus alienare non poterat Imperii dignitatem, nec Ecclesia recipere ». E o resultado foi

che la Chiesa di Roma
Per confondere in sè duo reggimenti,
Cade nel fango, e sè brutta e la soma

As pretenções imperialistas da Igreja estavam denunciadas; a Reforma de Luthero, theoricamente delienada, com a separação do poder espiritual e temporal, a supremacia da fé sobre as obras, e o reconhecimento do direito de julgar publicamente os actos do Papado.

Para se avaliar a ameaça de taes conceitos, e o seu perigo, basta consultar o § 75 do Syllabus,approvado em 18 de Julho de 1870, quando estatue: Anathema a quem disser: « Os filhos da Igreja christã e catholica não estão accordes entre si sobre a compatibilidade da realeza temporal com o poder imperial. »

CONCLUSÃO

Embora escriptores respeitaveis como Carlyle, nos *Heroes*, Philippe Monnier, no *Quattrocento*, Pierre Gauthiez, no seu excellente estudo sobre o poeta florentino, e a generalidade dos commentadores, considerem o Dante como o ultimo representante da Idade-Média, parece-nos, ao contrario, ser elle o primeiro clarão do Renascimento.

1°) — Porque no seculo XIII, como vimos, modificaram-se muito sensivelmente os institutos politicos, moraes, scientificos e religiosos da Idade-Média. As communas, as cidades rhenanas e hanseaticas, o despertar da philosophia racionalista e outros factos varios, foram golpes successivos, vibrados no oscillante edificio medieval;

2°) — E porque as suas theorias constituiram uma verdeira reacção: na litteratura, com o aperfeiçoamento da lingua vulgar, que elle polio e desenvolveu; na poesia, com a riqueza de expressões e de imagens formosissimas, numa vestimenta tão simples e tão pura que serviu de espelho a todas as gerações occidentaes; na politica, com a idéa da separação da Igreja e do Estado, e com a da creação de um vasto Imperio Universal, que não foi, propriamente, uma replica do Imperio cesaro-papista de Carlos Magno, mas o sonhado por Napoleão no seculo XIX; na moral, com a semente da liberdade individual, que elle proclamou necessaria á perfeição humana; e, finalmente, na philosophia, com a sua concepção de um Deus, governando o mundo pela doçura e pelo amor.

L'amor che move il sole e l'altre stelle.

Por certo, nem de todas as influencias medievaes elle se livrou. Algumas ficaram na sua obra, mas justamente aquellas que, pelo flagrante contraste que apresentam na companhia das novas doutrinas, servem para deixar num singular relevo as suas grandes idéas fundamentares.

(Rio de Janeiro, 1918).

RONALD DE CARVALHO.

FREI CANECA (*)

Na manhã que luctuosamente despontára no dia 13 de Janeiro de 1825, accordou a cidade do Recife aos rebuliços bellicos de tropas em manobras e marchas a occupar as embocaduras de algumas ruas e praças e a estender-se em linha cerrada desde o velho edificio da cadeia, situado na rua que tem hoje o nome de 15 de Novembro, até ás confrontações do areal das Cinco Pontas, que correndo ao sul dos baluartes da fortaleza assim denominada chegava até junto dos curraes do Matadouro publico que ficavam nas proximidades do local em que hoje se vê a bella e alterosa igreja matriz de S. José, e em sua largura, do extremo da linha de casaria que vem do pateo do Terço, olhando para o oriente e fronteiramente, á margem do braço do Capibaribe, que partindo da Magdalena passa pelos Afogados, e tomando então rumo do norte, desagua no oceano.

Era no centro desse vasto areal que se via erguido sinistro, pavoroso, o patibulo das execuções capitaes por garroteamento, a forca que ia então funccionar em desempenho de um assassinato juridico, e de cujas consequencias receiando

(*) Discurso pronunciado no largo das Cinco Pontas, no Recife, pelo conhecido historiographo Dr. F. A. Pereira da Costa, como orador do Instituto Archeologico, no acto inaugural da lapide commemorativa do espingardeamento de Frei Caneca.

os algozes da honra e do patriotismo pernambucano tomáram pelas medidas de prevenção.

Toda a cidade acordára assim; estava de pé; menos porem a victima que se ia immolar, que em profundo somno sem presentimento algum funesto, foi então acordada pelo padre fr. Carlos de S. José, provincial dos carmelitas, pondo-lhe mansamente a mão sobre o corpo, e delicadamente abalando-o para que elle despertasse e se erguesse do triste leito do seu carcere por serem horas de se preparar e partir para o supplicio!

Era essa victima o religioso carmelita frei Joaquim do Amor Divino Caneca, contra quem a *espada da justiça*, na phrase blasphema de uma proclamação do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, ia descarregar o seu golpe em obediencia de um triste mandato, pelo seu compromettimento no glorioso movimento politico que enthusiasticamente irrompeu na cidade do Recife a 2 de Julho de 1824 proclamando a Confederação do Equador.

Seria opportuno ainda que em largo esforço, tratarmos agora da vida e feitos deste nosso illustre conterraneo mas, parece-nos que não nos é dado demorarmo-nos em seus descortinos uma vez que são elles bastantemente vulgarisados nomeadamente por Antonio Joaquim de Mello, precedendo a collecção das suas *Obras poeticas e litterarias* publicadas *em 1875* e mesmo por nós, no nosso *Diccionario biographico de pernambucanos celebres*. Demais Caneca tem hoje um nome legendario, popular, de um verdadeiro culto civico e tão queridamente celebrado, que dispensa novas commemorações biographicas. Limitemo-nos dest'arte a uma ligeira palestra civica sobre os ultimos momentos da vida do desventurado carmelita, victima do seu patriotismo e acendrado amor á liberdade, simplesmente tratando destes tristes momentos, cujo martyrio é hoje mais accentuadamente conhecido pelo apparecimento de esquecidos documentos coevos, ficando assim a sua feição mais nitidamente graphada.

Debellado o movimento, invadidas as nossas fronteiras do sul pelo exercito imperial sob o commando em chefe do general Francisco de Lima e Silva que, em sua marcha victoriosa, transpoz as raias da cidade, occupando-a depois sem

seria resistencia, e encontrando-a em quasi abandono dos seus proprios habitantes pelo bombardeio de uma escuna da esquadra de bloqueio do porto, partiram então de Olinda as tropas republicanas em demanda dos estados do norte, com o intuito de ver se ainda seria possivel tentar alguns recursos em prol da proclamada confederação. Caneca acompanhou essas tropas; á sua frente atravessou os nossos territorios do extremo norte passou pela Parahyba e Rio Grande do Norte até que em terras cearenses capitulou a nossa gente, particularmente confiada na palavra do commandante inimigo — que voltariam todos com elle, como irmãos e amigos, ao seio de suas familias, e que encontrariam no imperador um pae que os receberia com clemencia e não um barbaro sultão. — Vil estratagema! Infame ardil!

Assim terminára a ultima phase da Confederação do Equador.

Firmada a capitulação a 29 de Novembro, partiu logo Caneca para Pernambuco, e chegando no Recife a 17 de Dezembro, foi recolhido incommunicavel a um apertado e immundo calabouço da cadeia; e organisada no dia seguinte a commissão militar, de que foi presidente o general Lima e Silva, immediatamente começou os seus trabalhos, e tão acceleradamente os proseguiu, de accôrdo com as ordens imperiaes — para serem summariamente processados e sentenciados os individuos que se deviam reputar chefes da rebellião — que no dia 23 era lavrada a sentença de morte fulminada contra Caneca.

A 10 de Janeiro do novo anno de 1825 ouviu elle ler calmo e tranquillo sem a menor perturbação, aquella crudelissima sentença lavrada pelos sanguinarios membros da commissão militar, sendo em seguida conduzido ao oratorio para aguardar a sua immediata execução. Ha dias, diz Lamartine, em que o mais alto lugar do mundo é o cadafalso; e Caneca ia ver chegar esse dia, ia conquistar e subir a altura daquelle lugar, corôa de martyrio, monumento de immortalidade que só a tyrannia sabe levantar em honra de suas victimas.

Contando por minutos os tres unicos dias de vida que lhe restavam, elle jámais se abatera, jámais perdera aquella serenidade e calma que só os heroes, as almas fortes, sabem

manter ainda mesmo na hora suprema dos sacrificios, dos perigos, do proprio martyrio; despreoccupadamente, como que si por instantes não tivesse de subir ao cadafalso, elle toma da sua lyra, dedilha pela ultima vez as suas cordas e — como o cysne adivinhando a hora fatal do termino de sua vida, canta e morre, — assim Caneca desprendeu esse cantico hymnico repassado de amor, de patriotismo que começa por estes inspirados e bellissimos versos, que todos sabem, todos conhecem, todos cantam:

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração;
A patria roubou-m'o todo
Marilia que chore em vão.

A sentença cruel fulminada contra Caneca cobrira de dor e sentimento a todos os pernambucanos em cujos corações ardia a scentelha do patriotismo e dos sentimentos de amor e piedade.

Já em data de 9 havia o general Lima e Silva dado as providencias necessarias para o acto da execução.

Effectivamente, officiára elle ao chanceller da Relação, communicando-lhe a referida sentença, que a mandasse intimar e que, devendo a victima subir ao oratorio no dia seguinte, houvesse de dar todas as providencias que em taes casos tem lugar, assim como de nomear o ministro e mais pessoas da justiça, que deviam ser presentes á execução afim de que esta se fizesse com todas as formalidades da lei.

Igualmente officiára elle ao governador do bispado para nomear os padres que deviam assistir a degradação das ordens religiosas da victima que teria lugar na quinta-feira 13, junto á egreja de N. S. do Terço; e bem assim ao guardião do convento de S. Francisco e ao proposito da Congregação de S. Felippe Neri, dizendo-lhes que quizessem nomear os religiosos necessarios para assistirem a victima no oratorio e subministrarem-lhe os soccorros espirituaes de que precisava (1).

(1) Liv. 51 (3) *Off. do Gov.* 1824 a 1825. Bibliotheca Publica do Estado.

Effectivamente, os padres nomeados compareceram no oratorio, para cumprir o seu piedoso encargo; porém Caneca delicadamente os despediu, dizendo-lhes que ficava summamente agradecido ao seu religioso obsequio — « porém, que por ora não necessitava de instrucções sobre uma materia, de que elle se achava assaz instruido; e que, quanto ao dever que tinha a preencher da confissão elle tinha com quem melhormente confessar-se que era o seu provincial dos carmelitas turonenses, a cuja religião pertencia, e que o mandaria chamar; » — o que fez, confessando-se com elle e commungando no dia 12.

Naquelle mesmo dia fôra designado pelo carcereiro o pardo Agostinho Vieira que cumpria sentença na cadeia, para servir de algoz na execução, mas elle declarára que nunca o seria em reverencia ao caracter sacerdotal da victima; no que finalmente persistiu apezar das ameaças e do barbaro espancamento a couces de armas sobre os peitos infligido por ordem superior por soldados da guarda do estabelecimento, e tão barbaro, que deixaram-no estendido por morto. O mesmo occorreu com dous pretos tambem sentenciados que, depois de tocados e espaldeirados a couces de armas, e até postos a ferros e á força levados para o pé do patibulo, perseveraram constantes em não querer jámais servir de carrasco para enforcar o padre, o que determinou o arcabuzamento da victima em vez da pena de garrote a que fôra condemnado.

Veio deste facto a lenda popular de que a negativa dos dous ultimos algozes eleitos para a execução, viera de divisarem elles no espaço, dentro de uma aureola entre nuvens, o talhe de uma mulher de candidas vestes, e de resplendente belleza, acenando-lhes que não executassem o padre. Essa mulher, conclue a legenda, era Nossa Senhora do Carmo a cuja ordem pertencia o inolvidavel patriota.

Se os suissos do rei ficaram satisfeitos com os castigos infligidos a Agostinho Vieira acharam, porém, que não foram bastantes, os que soffreram os dous pretos, que igualmente se negaram a sacrificar a victima, e dahi a sanha brutal de Lima e Silva, officiando em 15 ao chanceller do Tribunal da Relação — « requisitando-lhe que houvesse de mandar *castigar exemplarmente* os dous executores da Alta

Justiça que no dia 13 não quizeram fazer a execução do réo frei Joaquim do Amor Divino Caneca» (2).

Agora, a triste scena da execução de Caneca, segundo a narrativa de uma testemunha presencial.

« Tocou a vez do nosso chorado patricio frei Joaquim Caneca, corado, cabellos brancos, meio cheio de corpo, ar honesto e notavelmente resignado sem mostra exterior de susto, nem ostentação de coragem.

« Desceu as escadas da cadeia de habito da sua ordem, e seguiu com a tropa em alas até a capella do Terço termo de duas ruas que ahi se confundem em uma só bem espaçosa, até o largo das Cinco Pontas terminando o seu lado direito no sobrado do Peixoto (3) em frente ao Curral do Açougue.

« No adro desta capella do Terço, e contiguo á porta principal, havia-se ornado d'antemão um altar portatil, completamente paramentado, e já alli reunidos alguns ecclesiasticos vestidos com suas roupas de gala a espera da comitiva.

« Fez-se com a tropa um grande circulo e se mandou afastar do lugar da scena o algoz, ajudante e meirinhos, ficando o padecente, que o principal dos padres que presidia o acto, convidou a approximar-se do altar.»

Passa então o escriptor a minuciosamente descrever a demorada cerimonia da degradação canonica, que ao terminar, ficando a victima despida do seu habito religioso, tomou então a alva dos condemnados vestida por um meirinho.

« A paciencia e resignação da victima, continúa o escriptor, foi completa; e findo o acto da exauctoração marchou com ella o acompanhamento até o largo destinado ao supplicio, onde, chegando, subiu as escadas da forca com desembaraço e descançando em meio dellas a espera de seu ultimo fim.

« Não tardou em perceber-se entre o grupo que rodeava o magistrado que presidia a execução uma especie de altercação: era o algoz que recusava exercer o seu officio. O aju-

(2) Liv. cit.

(3) Situado em frente á matriz de S. José, e deitando o oitão para a travessa que dahi corre, vem do nome do proprietario do alludido sobrado a sua denominação de *Travessa do Peixoto*.

dante, intimado para subir, não acceitou igualmente a intimação.

« A' vista de taes difficuldades, o juiz mandou-os para a cadeia e ordenou que de lá trouxessem qualueqr sentenciado para servir no acto. Demorou horas a vinda da resposta negativa: nenhum preso se prestou a servir de carrasco: ameaças e gratificações de nada serviram, á vista do que combinou o juiz com o commandante da força para ser o condemnado entregue a alçada militar, o que acceito, desceu elle as escadas do patibulo, ataram-no a um dos seus esteios avançou o piquete e suas ultimas palavras foram: *Meus amigos, peço que não me deixem padecer por muito tempo*... e assim aconteceu: a primeira descarga cahiu sem vida » (4).

« Vai-te, alma heroica e bella, exclama o nosso historiador e poeta Antonio Joaquim de Mello, num rapto de patriotica eloquencia ao terminar a biographia de Caneca; « vai-te alma heroica e bella, vai-te em paz deste mundo injusto e ingrato; descança no seio da Eternidade, prototypo maravilhoso de todas as virtudes. E pois que foi alvo constante de todos os teus dias trabalhosos amar e servir ao Brasil, nossa patria; si já na immutavel bemaventurança pode haver memoria deste valle de lagrimas conservando por este Brasil o antigo amor ardente e exemplar, que entre nós e no mundo illustrado immortalisa o teu nome, confiamos que não cesses de implorar a divina misericordia em favor dos brasileiros que sentem todo o horror de teu assassinio, e todo o peso e desventura de tua perda ».

Foi precisamente neste lugar em que agora estamos reunidos em romaria patriotica que se erguia o patibulo das execuções capitaes por garroteamento, a forca e na qual, atado em um dos seus esteios, e de pé sobre a base de alvenaria da qual a prumo se erguia, soffreu o martyrio da morte por arcabuzamento o grande patriota frei Joaquim do Amor Divino Caneca, lugar esquecido pela tradição, e desconhecido mesmo pelo apagamento dos seus vestigios, mas

(4) *O supplicio de Frei Caneca* por Fernando José Martins. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* n. 41.

que agora, graças á patriotica iniciativa do Instituto archeologico e geographico pernambucano, o zelador das nossas glorias e tradições, fica assignalado como uma lição de civismo com o assentamento de uma lapide commemorativa, que agora, no dia do anniversario da proclamação da Confederação do Equador, em cujo movimento occupa Caneca um posto de destaque, é solemnemente inaugurada.

A gente de hoje como a gente de amanhã, não perguntará mais em que lugar foi executado o nosso martyr de 1817, a victima de 1824.

Vamos terminar, por termos já abusado immenso da vossa complacencia e, assim fazendo, dirigimo-nos a vós, senhores, do nosso benemerito Instituto a quem já tanto deve a nossa estremecida terra pernambucana pela revivescencia das suas bellissimas e gloriosas tradições, fazendo-vos um patriotico appello:

O animo patriotico dos nossos ancestraes impoz a denominação de *Campo dos Canecas* ao pateo do Terço em toda a sua comprehensão, desde a igreja daquella invocação, até chegar ao seu termo na confrontação do largo das Cinco Pontas, em reverencia á memoria do illustre patriota frei Joaquim do Amor Divino Caneca, alli ás portas daquelle templo exauctorado do seu caracter sacerdotal, e aqui neste lugar, pequena parcella hoje do outr'ora vasto areal do mesmo nome de Cinco Pontas, barbaramente executado (5).

Pois bem; que o Instituto promova a restauração do nome de *Campo dos Canecas*, pelo menos a esta pequena situação em que não sómente Caneca mas tambem os seus companheiros da Confederação do Equador, Agostinho Be-

(5) Vaga e tradicionalmente encontramos a noticia dessa denominação; mas documentadamente em varios annuncios publicados no *Diario de Pernambuco* em 1834. O periodico *O Mesquita Junior* diz no seu n. 4, de 1836, que o largo de N. S. do Terço em 1834 appellidou-se *Campo dos Canecas*; e um outro periodico, *O Clamor Publico*, no seu n. 13, de 1845 faz referencia a *uma rusga que houve no Campo dos Canecas*. Este patriotico baptismo popular vinha portanto, da propria epocha da execução de Caneca, em 1825 cumprindo assim a posteridade restaural-o como um dever civico á memoria daquelle grande patriota.

zerra, Lazaro de Souza Fontes, Antonio Macario de Moraes, Nicoláo Martins Pereira, Antonio do Monte Oliveira, James Heid Rodgers e Francisco Antonio Fragoso, foram justiçados.

(Recife).

F. A. Pereira da Costa.

AS EXECUÇÕES CAPITAES NA BAHIA

(OS TEMPOS COLONIAES)

Para certos crimes as leis da metropole eram de um rigor inexoravel, indo mesmo attingir á descendencia da victima, pois como se vê do Liv. V das *Ordenações*, além da pena de morte, eram confiscados e incorporados á Corôa os bens dos réos.

O direito portuguez antigo distinguia duas especies de morte natural: a *cruel* e a *atroz*.

Na primeira, o réo padecia toda a sorte de torturas e tinha os ossos dos braços ou das pernas quebrados a pauladas ou com barras de ferro; e na segunda, a eliminação consistia no enforcamento ou decapitação e o cadaver podia ser então esquartejado ou queimado e as cinzas atiradas ao vento.

Penas não menos barbaras e inconcebiveis se applicavam em outros paizes da Europa, aos grandes criminosos, e basta lembrar o caso do assassino de Henrique IV, de França, o qual fôra esquartejado vivo.

Com o aperfeiçoamento dos costumes, com o progresso da civilização, a crueldade das leis penaes se foi ameigando e de alguns codigos foram proscriptas as execuções capitaes e substituidas pelos trabalhos forçados.

* * *

Tres indios foram os primeiros justiçados, na Bahia, durante o governo de Thomé de Souza.

A oito leguas da cidade, foi morto um colono por um indigena e o governador exigiu a entrega do criminoso, fel-o amarrar á bocca de uma peça e esta disparou, em presença de selvagens e colonos.

Isto occorreu no mesmo anno da fundação da cidade.

Em 1551, os selvicolas mataram e devoraram a quatro portuguezes que foram commerciar em uma das ilhas proximas. Divulgado o crime, um troço de soldados atacou a aldeia e capturou uma mulher e dois velhos, que eram tios dos principaes assassinos.

Relata o jesuita Antonio Pires, em carta de 2 de Agosto do referido anno, que os dois velhos padeceram o mesmo supplicio do primeiro selvagem, sendo previamente convertidos e baptizados.

Em 11 de Março de 1670, foi assassinado nesta capital o septuagenario Francisco de Barbuda.

Informa Frei Jaboatam que os mandantes, Paulo de Carvalhal de Vasconcellos e seu filho Bartholomeu de Vasconcellos, depois de consummado o assassinio, determinaram que o cadaver fosse aberto pelas costas, de alto a baixo, com um machado, sendo o hediondo crime punido com a degolação de Paulo de Carvalhal.

A victima, Francisco de Barbuda, contava 72 annos de idade, veiu para a Bahia nos primeiros annos da fundação da cidade, era cavalheiro da casa de el-rei e foi sepultado na igreja da Ajuda.

Em 30 de Janeiro de 1687, foi degolado no Terreiro de Jesus o Coronel Fernão Bezerra Barbalho, proprietario do engenho *Varzea*, em Pernambuco, o qual suspeitando da fidelidade de sua mulher assassinou a esta e a mais tres filhas, escapando uma outra, que fôra levada para a casa de um visinho por uma escrava. Um filho do Coronel Barbalho auxiliou-o na perpretação do nefando crime e conseguiu escapar á justiça, pelo que somente sobre o cruel esposo recahiu todo o rigor da lei.

Diz a tradição que as infortunadas victimas se recommendavam ao apreço geral por suas peregrinas virtudes.

Em 1691, cinco individuos da nobreza de Porto Seguro e residentes nessa capitania, associados a alguns scelerados, entregavam-se a toda a sorte de crimes, em que sobresahiam o adulterio, o roubo, o homicidio e o estupro. Os moradores de Porto Seguro recorreram ao governador geral, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, o qual fez seguir para alli o Desembargador da Relação, Dr. Dionysio de Avila Vareiro, acompanhado de 50 soldados. Nessa diligencia foram capturados os cinco faccinoras principaes que, conduzidos para esta capital, foram julgados, sentenciados á morte e esquartejados.

As suas cabeças seguiram para Porto Seguro e alli expostas nos logares em que commetteram os crimes.

No governo de D. Pedro Antonio de Noronha, Conde da Villa Verde e Marquez de Angeva, foram executados dois réos, cujos nomes se ignoram.

Por essa occasião deu-se grave conflicto, em que se achou envolvida a irmandade da Misericordia, tomando o povo o partido desta.

O tumulto occorreu no principio do anno de 1716 e é assim referido pelo General Abreu e Lima, em sua *Sinopse da Historia do Brazil*:

« Executava-se a pena ultima em dois réos, quando um delles cahiu vivo com o algoz do alto da forca, por se haver quebrado um dos travessões; e a irmandade da Misericordia, por um antigo e inveterado prejuizo, passou logo a cobrir o réo com a sua bandeira ou pendão. O meirinho das execuções, porém, sem fazer caso desta formalidade, acabou o paciente ás estocadas; cuja acção irritou o povo a ponto de querer lançar-se sobre o meirinho, do que o livrou a presença de espirito do vereador Jeronymo de Burgos, que presidia á execução, fazendo-o recolher á cadeia debaixo de uma escolta, da qual por vezes o tentou tirar o mesmo povo.

« A irmandade, julgando-se offendida, seguiu para o palacio, com o pendão abatido, em demonstração de sentimento, acompanhada de um grande sequito de povo, exigindo do Vice-Rei o immediato castigo do meirinho; porém

o Marquez de Angeja, antes de decidir coisa alguma, mandou pela guarda dispersar a multidão, e dahi mesmo mandou logo para a cadeia os que compunham a irmandade, donde só sahiram a pedido do procurador da Santa Casa, o Desembargador Dionysio de Azevedo Alvellos.

« Este procedimento do Vice-Rei foi approvado pela carta regia de 30 de Abril de 1716, pela qual se mandava tambem que, em casos semelhantes ao que produzira o tumulto, a pena fosse sempre executada.»

E assim terminou a usança da bandeira da Misericordia.

No acto das execuções capitaes assumia a irmandade da Misericordia um poder discricionario e absoluto, se por ventura falhava a primeira tentativa do carrasco e para esse fim comparecia de bandeira alçada.

Se acontecia arrebentar ou partir-se a corda da forca e o condemnado ficava ainda com vida, immediatamente o irmão « porta-bandeira » corria sobre a victima e a cobria com a bandeira da Misericordia, livrando-a de morte imminente.

Em 1718, no governo do Conde Vimieiro, vieram remettidos do Rio de Janeiro quarenta e oito piratas, de nacionalidades diversas, os quaes foram recolhidos á fortaleza de Santo Antonio, emquanto aguardavam julgamento.

Da prisão fugiram 13 piratas, 27 foram condemnados á forca pela relação e 8 foram sentenciados « por toda a vida para as galés de Lisbôa e remettidos áquella côrte com treslados das culpas, sentenças e devaça ».

Foi degolado, nesta capital, em 1723, o paulista João Leme da Sylvia, irmão de Lourenço Leme, os quaes tendo sido nomeados, aquelle governador dos quintos e este mestre de campo regente das Minas de Cuyabá, recentemente descobertas, commetteram tão ignobeis crimes que o governador de S. Paulo os mandou prender, morrendo em luta com a força publica Lourenço Leme da Sylva.

João Leme foi julgado pela Relação desta capital e em seguida executado.

Em consequencia da revolta de soldados do « terço velho da praça », foram enforcados, em 1728, no Campo da Polvora, sete réos, entre elles o cabo de esquadra Antonio Pe-

reira, conhecido por «barriga de areia» e o soldado Anastacio Pereira, cabeças da rebellião.

A cada réo foi destinada uma forca e em cada uma dellas ficaram em exposição a cabeça e um quarto de cada victima e os outros tres quartos foram expostos nas portas de S. Bento, nas do Carmo e no corpo da guarda da Praia (arsenal de marinha).

Os irmãos Domingos Dias do Prado e Francisco Dias do Prado foram dos mais abnegados e destemidos exploradores dos sertões brazileiros, nos seculos XVII e XVIII (1).

Contemporaneos de Quaresma, Delgado, Manuel de Queiroz, Gaspar Rodrigues Adorno, Silva Guimarães e outros, arrojam-se á conquista das terras ribeirinhas do S. Francisco, das de além do grande rio e da grande faixa dos sertões do Rio de Contas e Jacobina.

A côrte dava-lhes a empreitada de desvendar as terras e reprimir o gentio barbaro, compensando os labores e os ingentes esforços com a concessão de datas de sesmarias nas terras conquistadas e interesse nas minas que por acaso descobrissem.

Em 1732, epoca em que eram frequentes as remessas de amostras de esmeraldas, cobre, chumbo, ouro e diamantes para a côrte determinar os exames e estabelecer o modo da cobrança dos quintos em Jacobina e Rio de Contas, ou porque a ambição dos bandeirantes, os irmãos Prado, fosse desmedida, ou porque fosse acirrada a resistencia dos indigenas e dos povos que, em varios pontos tinham seus curraes de gado, o certo é que se tornaram de uma crueza desmedida.

Além da conquista dos sertões e da caça ao ouro e aos diamantes, os irmãos Prado commerciavam em gado para Minas Geraes, onde a mineração se desenvolvia extraordinariamente no Rio das Velhas, Arassuahy e varios outros logares.

Chegaram lá a estabelecer varios curraes nas margens

(1) Esta informação me foi ministrada pelo distincto e illustrado director do Archivo Publico, Dr. F. Borges de Barros, e por isso dou-a na integra, em demonstração do apreço de que me é credor.

do grande rio, dando enorme desenvolvimento a este ramo de negocio.

Varias queixas chegaram ao Conde de Sabugosa, Vice-Rei do Brazil, com séde na Bahia, sobre o regimen despotico estabelecido por elles nos sertões.

Ha 16 annos, diz o Conde de Sabugosa, em informação ao Rei, um delles commetteu quatro mortes, degolando e enforcando.

Rigoroso no cumprimento dos deveres, o Conde de Sabugosa empregou todos os meios afim de captural-os, o que conseguiu em 1732.

Na informação, abaixo transcripta, do livro 29 de Ordens Regias no anno de 1732, encontrará o leitor pormenores sobre suas prisões, processo e modo por que foram justiçados:

« *Senhor*. O mestre de campo Domingos Dias do Prado, e seu irmão o Coronel Francisco Dias do Prado, filhos de S. Paulo, e das principaes familias daquella Capitania, servirão a V. Magestade em algumas conquistas e descobrimentos, porém cometendo muitos, e graves excessos, a requerimento de partes os mandey prender no anno de 1724; e dificultando-se esta diligencia pelo temor que causava o seu respeito, vierão ultimamente a ser prezos em hum sitio donde se davão por seguros, e conduzidos para a cadeya desta cidade com parte de suas culpas, que ainda assim constavão de quatro mortes, e se lhes fes sumario, e foi sentenceado a morte o Coronel e mostrando nos ultimos embargos a sua nobreza passou do Patibulo da Forca ao Pillourinho, donde o degullarão: ao Mestre de Campo se receberão alguns artigos, mas como tem parte que novamente o accusa, entendo que lhe succederá o mesmo que a seu irmão, principalmente constando que está culpado em outras tantas mortes, feitas a 15 ou 16 annos, e não obstante se terem degullado, e enforcado muitos... hé tal o genio dos homens, que vivem no sertão mais remoto, que a sua liberdade e tirania os fas esquecer destes exemplos. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deus muytos annos. — Bahya e Setembro 16 de 1732. — *O Conde de Sabugosa* ».

« Em 8 de Novembro de 1798 foram justiçados na Praça da Piedade (outros indicam o actual largo 2 de Julho), como cabeça de rebellião contra o governo constituido, João de Deus do Nascimento, mestre alfaiate, pardo, casado, natural de Cachoeira e cabo do 2° regimento de milicias desta cidade; Lucas Dantas de Amorim Torres, pardo, soldado do regimento pago de artilharia; e Manoel Faustino dos Santos Lira, pardo, alfaiate, natural de Santo Amaro. No dia 9 foram os cadaveres esquartejados e tiveram as cabeças decepadas; « estas e os quartos postados em logares publico, e naqueles onde os passos do seu crime foram mais repetidos e mais aggravantes ».

Poucos dias depois o provedor da Saude reclamou contra a exposição daquelles fragmentos de carne humana como nocivos á hygiene, sendo attendido.

Em 29 de Março de 1817, foi fusilado, ás 10 horas da manhã, no Campo da Polvora, o Padre Dr. José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido por Padre Roma, e sepultado na matriz de Sant'Anna.

Foi esta a sentença da commissão militar:

« Vendo-se nesta cidade da Bahia o processo verbal do réo Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, auto de corpo de delicto; tres testemunhas sobre elle perguntadas; e interrogatorio feito ao mesmo réo; decidiu unanimemente, e por todos os votos, que as sobreditas culpas se achavam plenamente provadas e o réo dellas incurso nos §§ 5° e 8°. Titulo 6° do Livro 5° das Ord. do Reino, e mandam que se executem no sobredito réo as penas do § 9° da mesma Ord. Bahia, em commissão militar, 28 de Março de 1817. (Assignados) — *Henrique de Mello Coutinho de Vilhena*, relator; *Manuel Pedro de Freitas Guimarães*, Major; *Manuel Gonçalves da Cunha*, Major; *José Antonio de Mattos*, Tenente-Coronel; *Joaquim José de Souza Portugal*, Coronel; *Antonio Fructuoso de Menezes Doria*, Coronel; *Felisberto Caldeira Brant Pontes*, Brigadeiro; *Manuel Joaquim de Mattos*, Brigadeiro de legião; *D. Marcos*, Conde dos Arcos, General (2).

O Padre Roma foi preso, no arrabalde da Barra, por

(2) Apud. Borges dos Reis — *Hist. do Brazil* (sec. 19) — pagina 46.

Simplicio Manoel da Costa, que obteve da munificencia real a gratificação de 200$ e o posto de 2º Tenente honorario da Armada e, finalmente, por carta regia de 8 de Março de 1819, foi-lhe concedido o soldo correspondente áquelle posto, por assim o haver solicitado.

Em sua petição expoz Simplicio da Costa que, « sendo cabo de divisão daquella povoação da Barra, debaixo das ordens do exmo. Conde dos Arcos, então governador e Capitão General daquela Provincia, costuma rondal-a continuamente, e subindo em uma tarde a um alto monte, do qual se descobre todo o mar, no largo deste avistou uma jangada, conheceu ser a sua armação das que usam os pernambucanos, a qual pudendo tomar o Porto, não só porque a este se achava proximo e a estação da maré o permittia, tomára novos bordos, como quem esperava as sombras da noite, para então poder entrar. E porque naquela cidade já se haviam communicado as noticias da revolução de Pernambuco, contra a qual já o mesmo exmo. governador dava as justas providencias, pensou o supplicante que se destinaria com algum projecto de falsidade, e por isso a não perdendo mais de vista, se propoz esperal-a em qualquer porto accommodado em que fundeasse. E' quando, Real Senhor, correspondeu o discurso ao successo, porque ao anoitecer se approxima á terra, e fundeou; o supplicante, porém, convocando pessoas de sua ronda, passou a seu bordo, pondo de parte o risco a que expunha a sua vida, tendo unicamente em vista a sua fidelidade, e, cortando com a espada de que se achava munido o tyjupar com opposição dos individuos da mesma jangada, descobriu no fundo desta ao dito Padre, que logo rogou com excesso ao supplicante o não prendesse, querendo recompensal-o com quantia avultada, com tanto que o deixasse livre; e a nada attendendo o mesmo supplicante, não só prendeu ao Padre, senão que a todos os individuos da jangada e depois de os ter seguros, com os papeis que lhe achou, os levou á presença do exmo. Governador...» (3).

(3) Apud. *Resumo Chronolog. e Notic. da Prov. da Bahia.* Dr. José Alvares do Amaral, revisto e ampliado por J. Teixeira Barros.

Foram tambem fusilados, a 12 de Junho do referido anno de 1817, os patriotas Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, José Luiz de Mendonça e Domingos José Martins, vindos de Pernambuco, para serem julgados pela mesma commissão marcial que funccionou no processo do Padre Roma.

Domingos José Martins, vendo approximar-se o fim tragico do seu entranhado amor á liberdade, traçou o soneto que se segue:

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade!
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voai, narrai meus fados!

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella n'alma reinava na metade;
E com a Patria partia-lhe os cuidados.

A Patria foi o meu Numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto do desvello verdadeiro;

E na morte entre ambos repartido
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será de outra o ultimo gemido.

Domingos Martins era natural do Espirito Santo e juntamente com os dois outros companheiros de jornada e de infortunio foi sepultado no cemiterio que até 1840 existiu no Campo da Polvora, de propriedade da Casa da Santa Misericordia, onde eram inhumados os cadaveres de pobres, de escravos ou de condemnados á pena ultima.

Informa o Commendador Th. Teixeira Gomes que esse cemiterio formava um pequeno quadrilatero de 16 braças de frente por 24 1|2 de fundo e era inteiramente murado (4).

Em 1823 ou 1824, padeceu a pena capital, nesta cidade, o réo José do Egypto, que ha tempos fôra condemnado á

(4) Relat. apres. á Junta da S. C. de Misericordia em Janeiro de 1912.

morte. Refere um chronista que o desgraçado José do Egypto, para conservar a vida, «acceitou o cargo de carrasco, na esperança de que se não désse mais caso algum de execução de pena ultima; sabendo, porém, que se approximava a hora de ir ao patibulo o Major Satyro da Cunha, preferiu soffrer a pena de morte para não matar como carrasco.»

Em 1º de Novembro de 1825, a irmandade da Casa da Santa Misericordia, em observancia do seu Compromisso, recolheu os ossos de José do Egypto.

Denominava-se essa cerimonia «Procissão dos ossos» e fôra instituida por D. Manuel, de Portugal, em 1498.

Realizava-se annualmente naquella data. Depois do meio dia todas as igrejas dobravam finados e ao cahir da noite sahia a irmandade da Misericordia para recolher as ossadas dos que morreram no patibulo (5).

A' frente um homem do povo tangia uma campainha, seguindo-se a bandeira ou pendão da Misericordia, os irmãos, e entre elles ia a tumba conduzida por quatro homens, procedida do mordomo dos presos.

Fechavam o prestito os capellães, o escrivão da Mesa, com um crucifixo, e logo atraz o provedor da irmandade.

Recolhidas as ossadas á tumba, voltava a procissão á capella da Misericordia e no dia immediato eram inhumados no cemiterio da irmandade.

Em 25 de Setembro de 1849 foi enforcado na villa, hoje cidade da Feira de Sant'Anna, o famigerado Lucas da Feira.

Anteriormente, foram tambem enforcados, na mesma villa, os companheiros da quadrilha de Lucas, — o cabra Januario, em 26 de Setembro de 1845 e Floriano, a 14 de Março de 1849.

Por segurança, esteve Lucas recolhido nas cadeias desta capital.

Em 1885, ouvi de uma parenta de Lucas, residente na Feira de Sant'Anna, que elle desde os sete annos de idade

(5) Explica-se o facto: réos havia que eram enforcados e esquartejados e outros ficavam suspensos da forca até que os restos mortaes eram dali retirados pela Misericordia, tempos depois da execução.

começara a manifestar os mais perversos e ferozes instinctos, e por vezes fôra castigado pelo seu senhor, Padre José Alves Franco, por atirar á panella da refeição sapos, lagartixas, etc.

Depois dessas execuções capitaes, outros réos ferozes instinctos, e por vezes fôra castigado pelo seu imperial timbrou em commutar tão rigoroso castigo, e para honra da nossa civilização o Codigo Penal da Republica eliminou a pena de morte do corpo das suas disposições.

Bahia, Agosto, 1917.

J. Teixeira Barros.

LIVRARIA EDITORA

Estabelecimento modelar
de livros novos de sciencias, artes, industria,
commercio, etc.

Secção completa de todas
as publicações periodicas, inclusive jornaes
de modas e trabalhos femininos

Leite Ribeiro & Maurillo

CORRESPONDENTES NA EUROPA
E NAS DUAS AMERICAS

Aceitam-se assignaturas da REVISTA AMERICANA

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

JUNTO Á AVENIDA RIO BRANCO

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio 889	Codigo Telegraphico A. B. C., 5ª edição	End. Telegraphico ETIEL

TELEPHONE CENTRAL 250

Revista Americana

Sciencias, Artes, Letras, Politica, Philosophia, Historia, Religiões

Director: ARAUJO JORGE

A maior publicação internacional com circulação em todo o Continente

PUBLICAÇÃO MENSAL

Distribuição gratuita em todos os estabelecimentos de ensino europeus e americanos, cafés, hoteis, restaurantes, barbearias, gabinetes de leituras, transatlanticos, ingleses, franceses, alemães, italianos, etc

COLLABORAÇÃO

de todos os homens de letras e publicistas mais notaveis da America

ASSIGNATURAS

RIO DE JANEIRO . .	um anno	15$000
ESTADOS DO BRASIL.	um anno	20$000
ESTRANGEIRO	um anno	1 £
Numero avulso		2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

3, Rua Santo Antonio, 3 — Livraria Editora

RIO DE JANEIRO — BRASIL

A RENASCENÇA E A SUA FLORAÇÃO ARTISTICA (*)

(Continuação)

VIII

Baixa Renascença italiana (seculo XVII)

Desde a quéda de Siena em 1565, um anno após a morte de Miguel-Angelo, até que viesse a conseguir a sua unidade politica tres seculos depois, — a Italia não passou de uma expressão geographica. O seculo XVII, portanto, é o que marca a phase typica da escravização da peninsula central do Mediterraneo, quer ao jugo ferreo da casa da Austria, quer ao guante espanhol; e, si os principes italianos eram, a esse tempo, « mais voluptuosos e effeminados, porém, talvez menos ferozes e sanguinarios que os Viscontis, Scalas, Carraras e Gonzagas de outróra » (123), nem por isso menos degradante se tornara a situação dos seus subditos.

Ao factor politico junta-se o factor religioso, isto é, a contra-Reforma, representada pelo concilio de Trento, ou,

(123) « Italy », *in* « The Historian's History of the World » (Londres, 1908), IX, 484.

(*) These de concurso para provimento da cadeira de « Historia de Bellas Artes ».

ainda melhor, pela Sociedade de Jesús, que deu a ultima demão ao garroteamento do espirito da Italia. Si o seculo XVII é o seculo de Galileu (1564-1642) e de Torricelli (1608-1647), dois gigantes das sciencias positivas, tambem é o seculo dos ignacianos Caraffa, Piccolomini e Oliva, os titãs do obscurantismo.

Assim, com o fallecimento do inclito Buonarotti em 1564, desapparece o ultimo representante da maravilhosa esthesia da Italia. Contemplando, no museu do Capitolio, a « Sibylla persica » do Guercino e a « Apresentação do Christo no templo » de fra Bartolomeo, Taine (« Voyage en Italie », I, 196) não poude deixar de exclamar: — « Ha duas épocas na Italia: a do Ariosto e da Renascença, a do Tasso e da restauração catholica ».

O seculo XVII, ao mesmo tempo que envenenou a doce fonte da felicidade domestica, introduzindo na sociabilidade degenerada a personagem então como que obrigatoria dos abjectos *chichisbéus,* assiste á dupla decadencia intellectual da Italia, nas letras e nas artes. A conquista espanhola introduziu, finalmente, na peninsula central do Mediterraneo, o *cultismo* ou *culteranismo,* de que fôra creador d. Luís de Góngora y Argote (1561-1627), que alli teve logo um imitador consummado, Marini (1569-1625), o verdadeiro fundador da affectação detestavel dos *concetti,* a que se deu o nome generico de *marinismo*.

A phrase de Sismondi (*apud* Buron, *op. cit.,* 278), de que « a Italia, exhausta, não produziu mais, durante um periodo superior a seculo e meio, do que frios e miseraveis copistas », traçada para a literatura do seculo XVII, póde bem ser applicada a quasi todas as producções artisticas dessa mesma centuria.

Mettidos no circulo estreito da *Academia,* os artistas italianos do seculo XVII não puderam mais abrir os olhos á mestra unica, que é a Natureza, que é a Realidade, e ficaram sob a compressão dos modelos anteriores; e, aguilhoados pelos guieiros da contra-Reforma, pelos loyolistas, cuja preoccupação consistia em offuscar e commover as massas ignaras, foram tambem os artistas italianos forçados a tornar-se effeitarraes, como tão á justa ponderou Reinach (*op. cit.,* 236),

« representando os raptos e extases, as effusões da sentimentalidade, as torturas physicas dos martyres ». E accrescenta o illustre escriptor: — « Vêem-se apparecer então e multiplicam-se motivos novos, como os do Christo e da Virgem pintados a meio-corpo, com os olhos erguidos dolorosamente para o céu, *ex-voto* de uma piedade vaporosa e doentia, que o seculo XV não conheceu. Em logar da *Venus* de Ticiano e de Giorgione, ou mesmo das *Graças* e *Galatéa* de Raphael, a arte reproduz á saciedade o typo da Magdalena arrependida, do qual dizia Morelli que — *era a Venus veneziana traduzida para o estilo jesuitico.* Deu-se, pois, ahi, uma displicente mescla de sensualidade e devoção ».

O *estilo jesuitico,* que surgiu e pompeou na architectura, exerceu a mais obnoxia influencia na esculptura e na pintura, do seculo XVII para cá.

Cumpre, todavia, não tomar muito á letra a palavra « decadencia », applicada á baixa Renascença italiana (124). Não houve ahi, com effeito, nem regressão absoluta, nem estagnação, porquanto, como acertadamente obtempera Reinach, — « a arte não declina nunca para voltar ao seu ponto de partida; assim, os bolonhezes em nada se assemelham aos *giottescos,* tanto que se distinguem destes mais que os florentinos da edade de ouro. Na realidade, a evolução prosegue sempre, ainda mesmo quando os artistas julgam imitar servilmente os seus predecessores. Acontece, porém, que as obras de arte de um paiz ou de uma época merecem antes despertar curiosidade do que admiração. Tal é o caso das que produziram os italianos, fóra de Veneza, desde a morte de Miguel-Angelo até aos nossos dias ».

Em summa: — a arte italiana do seculo XVII ficou sendo uma especie de corpo sem alma, pois não teve ideal, e o ideal, na bella phrase de Dumesnil, « é a religião do artista ». Chegou-se então a pensar em destruir o « Juizo-Final » de Buonarotti (*vide* Peyre, *op. cit.,* 528), e a producção da aca-

(124) Gustav Ebe, a um trabalho que publicou em 1886 (Berlim, 2 vols.), deu o nome de « Spät-Renaissance », que equivale em portuguez a « Renascença tardia », ou, talvez melhor, a « post-Renascença ».

demia bolonheza limitou-se quasi toda a copias dos genios anteriores, especialmente de Correggio, que, por si só, inspirou essa nova Renascença.

Essa indigencia de ideal, esse mimetismo estolido, evidenciam-se, melhor do que poderiamos de outra fórma demonstral-o, no seguinte soneto de Agostino Carracci, o mentor da baixa Renascença italiana (*vide* « École bolonaise », *in* « Histoire des peintres de toutes les écoles », onde, comtudo, saiu o soneto todo inçado de erros, que expurgamos abaixo) :

« Chi farsi un buon pittor brama e desia,
Il disegno di Roma abbia alla mano;
La mossa coll'ombrar veneziano
E il degno colorir di Lombardia;

Di Michelangiol la terribil via,
Il vero natural di Tiziano,
Di Correggio lo stil puro e sovrano,
Di Raffael la vera simmetria;

Del Tibaldi il decoro e il fondamento,
Del dotto Primaticcio l'inventare,
E un po' di grazia del Parmigianino;

Ma, senza tanti studii e tanto stento,
Si ponga solo l'opre ad imitare
Che qui lacciòci il nostro Nicolino.»

Como era possivel haver progresso na arte, si lhe faltava a alma, isto é, o caracter, o cunho pessoal do artista, emfim, a unidade, que era lançada ás ortigas pelo programma dos eclecticos, ao ponto de collocarem um mediocre Niccolò dell'Abate ao lado dos Raphaéis e dos Correggios, dos Buonarottis e dos Ticianos?

Como era possivel nova floração esthetica, si não mais a « razão da arte » era posta acima da « razão de Estado », para servir-nos da bella phrase de Paul de Saint-Victor (*op. cit.*, 179), « naquella Roma da Renascença que festejava como santos os deuses do Olympo e passeiava pelas ruas o grupo exhumado do *Laocoonte,* como teria feito com o corpo de um martyr encontrado nas catacumbas »?

E' certo, comtudo, que o seculo XVII apresenta uma legião enorme de artistas, que foram assombrosamente fecundos; é certo ainda que os que obedeceram ao realismo de Caravaggio, — como Guido Reni, o Guercino e o Domenichino, e bem assim alguns pintores napolitanos, como Salvator Rosa, o Calabrese e Micco Spadaro (este e Conca só recentemente foram estudados e conhecidos), — revelaram muitas vezes engenhosidade e phantasia ou ousíos de concepção e de colorido; é certo, finalmente, que o *estilo barroco*, hegemonico em todo o seculo XVII, cobriu de monumentos a Europa e o Novo-Mundo.

Assim, o problema da baixa Renascença italiana apresenta não pequena complexidade, que até agora não ficou de todo esclarecida, não obstante os estudos de Ebe (1886), Gurlitt e Wölfflin (1887), Fraschetti (1900), Tietze (1906), Weibel (1909), Ricci (1911) e Lemonnier (1912). Conforme este ultimo autor (*op. cit.*, 119-120), bem andariam os jovens historiadores que volvessem vistas amigas para essa phase derradeira, ao seu ver ainda tão pouco investigada e tão mal comprehendida, da arte italiana da Renascença.

Tendo em mira apenas a simples methodização didactica, dividiremos esta nossa perfunctoria apreciação em tres partes, correspondentes ás modalidades principaes da arte, subdividindo a concernente á pintura, que será tratada por ultimo, nas escolas que ganharam então celebridade.

a) *A architectura*

Já vimos que a egreja de Gesù, levantada em Roma por Vignola, proporcionou a sua fachada como typo aos templos que lhe succederam.

Mas foi ainda S. Pedro que occupou a attenção dos melhores architectos italianos do seculo XVII. Ainda na primeira decada dessa centuria viviam Giacomo della Porta (1541-1604) e Domenico Fontana (1543-1607), que, no pontificado de Sixto V, seguindo a traça de Miguel-Angelo, ultimaram o zimborio, que é o principal titulo de gloria do excelso artista, na architectura. Carlo Maderna (1556-1629),

ao tempo de Paulo V, desfigurou para todo o sempre a basilica, addicionando-lhe, em 1605, uma nave, que destruiu irrevogavelmente a harmonia do plano primitivo, convindo antes a um edificio civil do que a uma construcção religiosa. Por fim, o napolitano Lorenzo Bernini (1598-1680), que teve, diz Reinach, « o merito de construir a dupla columnata, a qual faz de toda a praça como que o vestibulo da egreja », estragou o edificio, mais que Maderna, pelo desagradavel effeito dos dois campanarios lateraes, por elle accrescentados ao projecto de Buonarotti, além do tabernaculo de columnas torcidas, « uma das mais crassas licenças permittidas pelo *estilo barroco* », conforme a opinião de Lubke.

No primeiro quartel do seculo XVII, ainda a architectura civil obedeceu, em parte, á impulsão de belleza nobre da centuria transacta, qual se vê dos porticos do palacio Brera (Milão) e dos não menos soberbos do palacio Borghese (Roma), estes devidos a Martino Lunghi (o Velho).

Mas o seculo XVII, — « época da decoração rebuscada, intervindo por toda parte e a contrasenso, comprazendo-se numa visão quasi febril de linhas atormentadas e de relevos imprevistos », — mais ou menos consoante com o que se passava então no dominio das letras, — estava destinado a ser o seculo do *estilo barroco* (125), que já definimos atrás, e do *estilo jesuitico,* que reinava no interior das egrejas e que consistia em « offuscar a vista pela riqueza e variedade dos motivos, sem ter cuidado algum do verdadeiro papel do ornato, que é accusar a fórma ».

Bernini foi o maior artista dessa éra. Além dos trabalhos acima referidos, que elle realizou em S. Pedro, fez tambem a grande escadaria do palacio Barberini e a *scala-regia* do Vaticano.

Teve elle como rival a Francesco Borromini (1599-1667), que foi o maximo expoente do *estilo barroco.* Tres obras suas revelam-lhe a audacia singular de torcer frontispicios e co-

(125) Diz Reinach (*op. cit.*, 131), com pleno e seguro fundamento, que este qualificativo provém do nome *barroco,* « dado pelos portuguezes ás perolas irregulares ».

lumnas, de desprezar a linha recta e amontoar curvas sobre curvas: o campanario de Santa-Agnese, a fachada de San-Carlo-alle-quatro-fontane e a egreja da Sapienza, a que deu a fórma de uma abelha. O novo estilo provocou tanto enthusiasmo na Italia, na Italia degenerada do seculo XVII, que se chegou a encarregar Borromini de accommodar ao *barroco* os edificios antigos.

b) *A esculptura*

As mesmas causas, que compelliram a architectura a abandonar a nobreza antiga, arrastaram a esculptura, após a morte de Miguel-Angelo, a perder a simplicidade, a dignidade, ou, melhor, a naturalidade, que lhe haviam imprimido os genios da grande Renascença.

A melhor obra esculptural do seculo XVII é, indubitavelmente, a « Santa-Cecilia » de Stefano Maderno (1578-1636), feita para a egreja daquella invocação (Roma): é lavor que ainda argúe singelleza e serenidade; mas já se singulariza por apresentar deitada a imagem.

Mas o mais eximio artista da esculptura ainda é Lorenzo Bernini, dictador das artes em Roma, graças á protecção de varios papas, e de quem são: a estatua equestre de Constantino (á base da *scala-regia* do Vaticano); os tumulos de Urbano VIII e Alexandre VII (na basilica de S. Pedro), « Santa-Teresa tocada pelo amor divino » (em Santa-Maria-della-Vittoria), o « Rapto de Proserpina » (na villa Ludovisi) e « Apollo e Daphne » (na villa Borghese). Não obstante a facilidade de trabalho e de imaginação, taes lavores, segundo Lubke, patenteiam a falta de convicção do artista.

Dentre os varios imitadores de Bernini, cujos nomes muito justamente ficaram sepultos no silencio, destaca-se Alessandro Algardi (1602-1664), amigo de Poussin e autor do baixo-relevo « S. Leão detendo Attila » (em S. Pedro), e do qual diz Lubke que foi « exemplo colossal dos erros em que a moda póde afogar o talento ».

Entretanto, a peninsula central do Mediterraneo attrahiu por essa epoca um grande numero de artistas de outras

nações. Affirma Peyre (*op. cit.*, 531) que — « os esculptores francezes ou flamengos occupam, durante o seculo XVII, logar consideravel na Italia: Pierre Franqueville, Legros, Puget, Théodon, Duquesnoy, são tão conhecidos em Roma ou em Genova quanto em sua Patria ».

c) *A pintura*

Poderiamos enfeixar os pintores italianos do seculo XVII em tres grupos: o dos *maneiristas,* chefiado pelo Baroccio e pelo Giuseppino (Giuseppe Cesari, « o cavalleiro d'Arpino »); e dos *eclecticos* ou *academicos*, acaudilhado pelos Carraccis (126); e o dos *realistas,* que teve por fundador o grande Caravaggio (Michelangelo Merigi da Caravaggio). Como, porém, semelhante divisão poderia dar ensejo a confusões, preferimos-lhe o systema das escolas regionaes. Notaremos que os tres fócos mais importantes da pintura italiana, no seculo XVII, foram Bolonha, Napoles e Genova, que tão insignificante ou nullo contingente haviam dado á grande Renascença.

I — *Escola bolonheza.* — Na sua tão valiosa collectanea, estuda Ch. Blanc as interessantes figuras de dois irmãos, ambos excellentes pintores, Camillo Procaccini (1546-1626) e Giulio Cesare Procaccini (1548?-1626), bolonhezes que foram estabelecer-se em Milão, por inimizados com os Carraccis. Não fizeram parte, portanto, da *Accademia degli Incamminati* (Academia dos Encaminhados ou dos Progressistas), que Ludovico Carracci (1555-1619) fundara na cidade natal, auxiliado por seus sobrinhos Agostino (1557-1602) e Annibale (1560-1609). O eclectismo ahi preconizado (qual se viu pelo soneto de Agostino, que transcrevêmos atrás), de tomar-se aos grandes mestres anteriores o que tivessem elles de melhor, valeu menos que a pratica dos Carraccis: — a Ludovico devem-se as pinturas *a-fresco* de San-Michele-in-Bosco e dos palacios Sampieri e Magnani (Bolonha), assim como a « Apparição

(126) Winkelmann (*op. cit.*, II, 58) muito acertadamente dá como ultimo representante dos *eclecticos* a Carlo Maratta, que morreu em 1713.

da Virgem a S. Jacintho » (L.); Agostino, que foi tambem poeta e gravador, deixou uma excellente « Communhão de S. Jeronymo »; e Annibale, o mais perito dos tres, é o autor das decorações do palacio Farnese (Roma), — onde ha uma sua « Bacchanal » que deve ser contada entre os lavores da grande pintura, — assim como de varios quadros devocionaes e de genero.

Tornando-se Bolonha, no seculo XVII, o grande centro esthetico da Italia, não tardou que alli fossem aportando artistas de outras plagas. Entre estes, o mais notavel foi o flamengo Denis Calvaert (1540-1619), chamado á italiana *Dionisio Fiammingo,* optimo colorista (« S. Miguel » e « Purgatorio »), que alli abriu escola em 1575. Ou porque o hostilizassem os *Incamminati,* ou porque tivesse o genio sobremodo arrebatado, perdeu elle tres dos seus melhores alumnos, — o Domenichino, Guido Reni e o Albano, — que se passaram para o *atelier* dos Carraccis, e aos quaes cumpre juntar o Guercino, que depois se fez discipulo de Caravaggio e assignala a transição para o *realismo,* que tambem influenciou aquelles outros, notadamente o segundo citado.

O Domenichino (Domenico Zampieri, 1581-1641) foi, na opinião de Lubke, « a verdadeira gloria da escola dos Carraccis », egualando os mestres pela technica prodigiosa e excedendo-os pela nobreza e ingenuidade do pensamento (decorações *a-fresco* de Santo-Andréa-della-Valle, Grotta-Ferrata e Fano, e quadros de cavallete, como a « Communhão de S. Jeronymo », « Santa-Cecilia », « S. João » e « O banho de Diana »). Fragil no physico, timido e amigo da solidão (chamaram-lhe « Il bue » os coetaneos), viveu vida attribulada, até por parte da esposa, e morreu quiçá envenenado pelos rivaes (127), o extraordinario artista de quem assim fala A. Barbier (*op. cit.,* 165), nos versos que tentámos traduzir:

(127) R. Peyre (*op. cit.,* 538-539) acceita essa tradição, assim como a de que foi Poussin quem chamou a attenção dos romanos para a « Communhão de S. Jeronymo », até então não devidamente apreciada e hoje posta no Vaticano, ao lado da « Transfiguração » de Raphael. Cf. C. P. Landon, « Oeuvre complet de Dominique Zampieri dit le Dominiquin » (Paris, 1814).

« DOMENICHINO

O' tu, que inspiras toda intelligencia humana,
Fecunda solidão, formoso anjo divino,
Que reclinas na mão o rosto alabastrino,
Longe da multidão irrequieta e profana;

Mãe do estudo e que dás á Arte uma faina insana,
Tu protegeste o grande e bom Domenichino,
E no seu coração, — que o pesar mais ferino
Roia, — derramaste a calma soberana.

Para elle foi o céu muito tempo inclemente;
Boi sublime, cavou seu sulco lentamente,
De invejosos ouvindo o alanceante baldão:

Mas, — qual ao velho santo, ao Jeronymo terno, —
Deu-lhe a Gloria, ao morrer, dos céus o reino eterno
E da immortalidade o inegualavel pão.»

Guido Reni (1575-1642), a principio imitador de Caravaggio, foi, pela fórma e pela côr, um dos mais brilhantes proselytos da academia bolonheza. Além da « Matança dos innocentes » e « Crucifixão de S. Pedro », obras dessa primeira phase, deixou um lavor primoroso, que é a « Aurora » (palacio Rospigliosi, Roma). Creou typos do Christo, da Virgem e de Magdalena, diz Reinach, « aos quaes se póde censurar uma certa vulgaridade sentimental, mas cujo exito prodigioso attesta que correspondiam, — o que não é exiguo merito, — ao ideal religioso do tempo ». A melhor alumna de Guido Reni foi Elisabetta Sirani (1638-1665), envenenada por seus inimigos, quando apenas se lhe desabrochava o talento (« Santo-Antonio de Padua », Bolonha).

O Albano (Francesco Albani, 1578-1660) mereceu chamado « o Anacreonte da pintura ». Colorista elegante de scenas mythologicas ou idyllicas (« Apollo e Daphne », « Dansa dos amores »), que passou existencia calma e epicurista, dil-o W. Lubke « o precursor de Claude Lorrain »; foi imitado por Vieira Portuense.

O Guercino (Giovanni Barbieri, 1591-1666) (128) foi um dos mestres do claro-escuro e deixou muitas obras-primas (« Circumcisão », « Santa-Petronilha », « Morte de Dido », « Resurreição de Lasaro », « Hersilia separando Romulo e Tacio »). Delle diz Goethe (*op. cit.*, 157) : — « E' um pintor profundo e vigoroso, sem rudeza » ; e, ante o quadro da « Circumcisão », exclamou : — « Pintura acima da qual nada se póde imaginar ! Tudo admiravel, completo... »

A' escola eclectica, sem exceptuar-se o lombardo Bartolomeo Schidone (1570?-1615), que, apesar de discipulo dos Carraccis, imitou sómente o estilo de Correggio, pertenceram os seguintes artistas : Alessandro Tiarini (1577-1668), que, após a morte de Ludovico Carracci (este sobrevivera aos sobrinhos), foi a maior autoridade artistica de Bolonha ; Leonello Spada (1576-1622), desegual, mas habil, como se vê dos seus quadros « O filho prodigo », o « Concerto », « Enéas e Anchises » (L.) ; Giovanni Lanfranco (1580-1647), pintor sem originalidade, que decorou a cupola de Santo-Andréa-della-Valle ; Giovanni Francesco Grimaldi (1606-1680), que se consagrou exclusivamente á paizagem ; e Pier-Francesco Mola (1612-1668), que deixou dois bons trabalhos, « José adorado pelos irmãos » e « Tancredo soccorrido por Herminia ».

II — *Escola romana.* — Bem que não nascidos em Roma, é na Cidade-Eterna que se encontram e se digladiam o Giuseppino, chefe dos *maneiristas,* e Caravaggio, chefe dos *realistas.*

O Giuseppino (Giuseppe Cesari, 1568-1640), tambem chamado « o cavalleiro d'Arpino », exerceu a sua maior actividade na cidade dos papas e produziu muito, especialmente assumptos biblicos ou religiosos e historicos, como a sua « Batalha entre os romanos e os sabinos », tornando-se tão afamado, que Richelieu propoz a Maria de Medicis confiar-lhe, que não a Rubens, a decoração da galeria do Luxemburgo.

O Caravaggio (Michelangelo Merisi ou Merigi, 1560?-1609), servente de *atelier,* sem a menor educação artistica,

(128) *Guercino* quer dizer « vesguinho », pois é diminutivo de *guercio,* « vesgo ».

foi o primeiro italiano « que renunciou intencionalmente ao idealismo », grangeando desse modo immensa celebridade; além de assumptos devocionaes, figurou « episodios violentos da vida real, homicidios, rixas, scenas de taberna, aventuras de bohemios e de vagabundos », quando ainda não se havia formado a escola dos grandes pintores de genero dos Paizes-Baixos. Falando da sua obra-prima, « A morte da Virgem », diz Reinach que « era preciso verdadeiramente ter a coragem de um iniciador, para lançar semelhante desafio de naturalismo á face dos caudatarios de Raphael ». Muitos proselytos do eclectismo bolonhez acabaram submettendo-se á influencia de Caravaggio, como Guido Reni, Leonello Spada e o Guercino; delle foi discipulo o celebre Ribera, a quem deve a escola napolitana a sua feição peculiar e que influiu tambem sobre a escola castelhana; e, na França, foi Valentin um dos seus imitadores. Assevera Reinach que « ainda hoje os sectarios de Caravaggio são muito mais numerosos que os de Raphael; e contra essa tradição vivaz foi que reagiu, em fins do seculo XIX, a maneira de pintar á plena luz, denominada pela expressão barbara de *plenarismo* » (129).

Dois corypheus muito notaveis da escola romana foram: Pietro da Cortona (Pietro Berrettini, 1596-1669) e o Sassoferrato (Giovanni Battista Salvi, 1605-1685). O primeiro, decorador habilissimo (palacio Pitti de Florença e palacio Barberini de Roma), foi mestre de Luca Giordano, tendo-se extendido a sua influencia até aos pintores francezes contemporaneos de Le-Brun, e notando-se que os *cortonistas* cobriram de pinturas rapidamente executadas e vistosas muitas egrejas e palacios da Italia. Sassoferrato imitou o estilo do Domenichino, seu mestre, qual se infere da sua obra-prima, a « Virgem do Rosario », que, como aconteceu mais tarde á « Gioconda », foi subtrahida da egreja de Santa-Sabina, em Roma, mas recuperada pela policia italiana.

(129) Reinach considera barbara a expressão *plenarismo*, que, entretanto, nos parece uma composição perfeitamente etymologica e acceitavel, pois vem de *plenus* e *aer*, com o suffixo *ismo*, que se encontra em *modismo, militarismo* etc. Si o illustre escriptor fizer questão de dar á palavra um cunho mais latino ainda, então adopte a fórma *plenaerismo*.

Ainda se filiam á escola romana do seculo XVII: Ottavio Leone (1575?-1628); Antonio Tempesti (1555-1630), pintor de caçadas e batalhas; Domenico Feti (1599-1624) (« Melancholia », L.); Giovanni Francesco Romanelli (1610-1662), que trabalhou na França (pinturas *a-fresco* do Louvre e do palacio Mazarin, hoje Bibliotheca Nacional); Manfredi (1580-1617), cujos quadros se confundem com os de Caravaggio; Michelangiolo Cerquozzi (1600-1660), chamado « o Miguel-Angelo das batalhas e bambochatas », porque effectivamente as pintou; Andréa Pozzo (1642-1709), decorador da egreja de Santo-Ignazio; Andréa Sacchi (1598-1661), discipulo do Albano e autor da « Visão de S. Romualdo » (Vaticano); e Carlo Maratta (1625-1713), discipulo de Cortona e autor de excellentes Madonas, além de retratista, e de quem foi discipulo e imitador absoluto Giuseppe Passari (1654-1714).

III — *Escola florentina.* — Ainda attingiu ao seculo XVII o gracioso Alessandro Allori (1535-1607), pae do Bronzino (Cristofano Allori, 1577-1621), que tomou logar entre os primeiros artistas da baixa Renascença italiana com a sua esplendida « Judith » (palacio Pitti), considerada por Musset uma das pinturas capitaes da Italia. Além do seu condiscipulo Matteo Rosselli (1578-1650), houve nessa epoca em Florença muitos artistas filiados ao eclectismo, como o Cigoli (Ludovico Cardi, 1559-1613), mestre de Domenico Feti; Orazio Lomi Gentileschi (1562-1646) e sua filha Artemisia (1590-1642), que deu algumas lições a Stanzioni; Francesco Furini (1600-1649); Baldassare Franceschini (1611-1689); Benedetto Luti (1666-1724); o Lucchesino (Pietro Testa, 1611-1650) (« José vendido pelos irmãos », Capitolio); Giovanni Mannozzi (1599-1636) (« O deitar-se da desposada », Florença); e Domenico da Passignano (1558-1638) (« Invenção da cruz », L.). Carlo Dolci (1616-1686) foi, na phrase de Lubke, « o ultimo dos grandes eclecticos do seculo XVII », qual se vê das suas obras-primas, « Santa-Cecilia » e « Herodiades », e a sua filha, Agnese Dolci, tambem se dedicou á pintura, imitando-o.

IV — *Escolas lombardas.* — O movimento iniciado em Bolonha pelos Carraccis attingiu tambem, como era natural, ás escolas de Ferrara, Modena, Parma, Cremona e Mantua.

Ferrara teve o seu Guercino em Carlo Bononi (1569-1632) e seu Guido Reni em Costanzio Cattanio (1602-1665), com quem se extingue a escola, apesar dos muitos discipulos que elle formou. Em Modena, por morte de Giambattista Tinti (fallecido em 1620), — ultimo artista da phase anterior, pelo estilo, — foi Camillo Gavasetti (fallecido em 1628) o pintor que mais honrou o ensino dos Carraccis.

V — *Escola veneziana.* — No seculo XVII, não teve a rainha do Adriatico nenhum artista de pulso como os da grande Renascença. Citam-se apenas: Leandro Bassano (1558-1623); Giacomo Palma (il Giovine, 1544-1628), discipulo do Tintoretto, a quem imitou optimamente; o Vicentino (Andréa dei Michieli, 1535-1614), autor da « Recepção de Henrique III em sua passagem por Veneza »; Pietro Vechia (1615-1678); o Turchi (Alessandro Veronese, 1582-1648); o Padovanino (Alessandro Varotari, 1590-1650); Pietro Liberi (1605?-1687); e Rosalba Carriera (1675-1757), que se notabilizou no pastel e na miniatura.

VI — *Escola genoveza.* — Talvez por influxo de Pierino del Vaga, que, tangido pelo saque de Roma, foi refugiar-se em Genova, o seculo XVII viu alli refulgir uma notavel pleiade de pintores; o Cangiagio ou « o Luchetto de Genova » (Luca Cambiaso, 1527-1585), um dos raros e brilhantes exemplos de ambidextrismo na pintura, foi seguramente o mais afamado discipulo de Pierino del Vaga e deve ter grandemente contribuido para a floração da escola genoveza, onde se distinguiram os artistas seguintes: Giovanni-Battista Paggi (1554-1627) (« Venus beijando a Cupido » e « Lapidação de Santo-Estevam »); Bernardo Castello (1557-1629), que illustrou a « Gerusaleme liberata », gratificando-o o Tasso com o titulo de « pittor canoro »; o Prete Genovese (Bernardo Strozzi, 1581-1644), que no « Dinheiro de Cesar » imitou a Caravaggio e, pelo colorido harmonioso dos seus quadros, foi até comparado a Murillo; Castiglione, o Grechetto (G. B. 1616-1670), pintor de historia, que em suas télas se aprazia de introduzir animaes, até os exoticos (« Uma caravana », « Diogenes », « Bacchantes e Satiros »); e o Baciccia (Giambattista Gaulli, 1639-1709), que decorou a egreja de Gesù (Roma), fez muitos retratos e deixou, entre outros bellos

quadros de cavallete, um « S. Guilherme prégando », referindo delle Chaumelin (na « Histoire des peintres de toutes les écoles ») que tambem pintou uma linda téla para d. João V de Portugal, donde o titulo de « cavalleiro » com que o premiou este soberano (130).

VII — *Escola napolitana*. — A região meridional da Italia não tomou parte no concerto da grande Renascença. Dos seus artistas desde o seculo XIV ao seculo XV citam-se apenas Colantonio del Fiore (1352?-1444?), seu genro, vulgarmente chamado o *Zingaro* (Antonio Solario, 1382?-1455?) (131), e seu discipulo Antonello da Messina (fallecido em 1479), aos quaes se attribue o conhecimento da pintura a oleo, que o ultimo espalhou pela Italia.

(130) A escola de Genova ainda teve, no seculo XVII, varios pintores menos celebres, quaes os seguintes: Lazzaro Tavarone (1556-1641), discipulo e successor de Luca Cambiaso; Giovanni Andréa Ansaldo (1584-1638), discipulo de Orazio Cambiaso; o Sarzano (Domenico Fiasella, 1589-1638); Sinibaldo Scorza (1589-1631), o primeiro paizagista da escola genoveza; os Carlones, Giovanni (fallecido em 1630), Giovanni Battista (fallecido em 1680) e Giovanni Andréa (1639-1697); Giulio Benso (1601-1668), de origem pauperrima; Giovanni Bernardo Carbone (1614-1683), imitador de van Dyck; o « surdo de Sestri » (Antonio Travi, 1614?-1668), servente de Bernardo Strozzi; os Piolas, Pellegro (1617-1640), Domenico (1628-1703) e Paolo Girolamo (1666-1724); Francesco Maria Barzone (1625-1679), que viveu em França, onde se fez conhecer como paizagista e marinhista; Valerio Castello (1625-1659), filho do illustrador da « Gerusaleme liberata »; e os Parodis, Domenico (1668-1740) e Giovanni-Battista (1674-1730), ultimos pintores desta escola no seculo XVII. Embora não fosse genoveza nata, deve figurar aqui a notavel retratista Sofonisba Anguisciola (fallecida em 1620), que viveu muito tempo em Genova, onde deu conselhos a van Dyck, que disse ter aprendido mais com esta dama, já céga, do que com todos os que enxergavam bem.

(131) A' semelhança do que fariam depois Quentin Metsys, o ferreiro de Antuerpia, « transfigurado, pela ambição de amor, no grande artista de que datam o sentimento da natureza e a alegria nos quadros flamengos » (Rodó, *op. cit.*, 149), e Francisco de Ribalta, que, por uns lindos olhos de mulher, se fez pintor eximio, — conta-se que o Zingaro, caldeireiro de Napoles, repellido em sua pretenção á filha de Colantonio del Fiore, levou cerca de dez annos a estudar a arte deste, e, graças á sua mestria, alcançou ao mesmo tempo justo renome e a satisfacção do seu affecto.

Assim, só no seculo XVII é que surge a escola napolitana, fundada por um espanhol, natural de Valencia, José Ribera. O Spagnoletto (1588-1656), como foi elle chamado na Italia, estudou com Caravaggio e imitou a Correggio. Verdadeiro artista e verdadeiro espanhol, representando de preferencia supplicios, martyrios, mendigos e anciões, deveu a Caravaggio a luz violenta, mas approximou-se de Correggio na bella « Adoração dos pastores » (L.) e na não menos bella « Escada de Jacob » (Madrid). Foi por intermedio de Ribera que o estilo de Caravaggio penetrou na Espanha e continuou na arte moderna, pois na França teve elle muitos discipulos e um imitador habilissimo, Théodule Ribot. Ribera formou, com o grego Belisario Corenzio (1558-1643) e o napolitano Giovanni-Battista Caracciolo (1580?-1641), um triumvirato artistico, que dominou ferozmente em Napoles, donde obrigou a retirar-se Annibale Carracci, o Giuseppino e Guido Reni, sabendo-se hoje que não foi elle extranho ao triste fim do Domenichino.

A' escola que Ribera fundou na antiga Parthenope pertencem alguns artistas de merito, como: Massimo Stanzioni (1585-1656), que mereceu denominado « o Guido Reni de Napoles » e deixou um excellente « S. Bruno »; Aniello Falcone (1600-1665), autor de varios quadros biblicos e de batalhas e que tomou parte saliente na revolta de Masaniello (1647), como commandante da « Companhia da Morte », na qual teve por immediato a Salvator Rosa (1615-1673). Foi este uma das figuras mais notaveis da intellectualidade italiana, como poeta, musico, gravador e pintor. Nesta ultima qualidade, foi elle o maior paizagista e batalhista da Italia (« A batalha de Constantino », « Paizagem dos Abruzzos »). Andréa Vaccaro (1598-1670), depois da morte de Stanzioni, occupou o primeiro logar na escola napolitana, mas não passou de imitador de Caravaggio e de Guido Reni. Micco Spadaro (Domenico Gargiulo, 1612-1679) (132), discipulo de Aniello Falcone e de Salvator Rosa, fez curiosos quadros sobre a revolta de Masaniello, além de varias pinturas de genero: foi

(132) *Micco* é o diminutivo familiar de Domenico; e *Spadaro* provém de ser o pae fabricante de espadas, alfageme.

o Callot da escola napolitana, O Calabrese (Mattia Preti, 1613-1699) foi discipulo do Guercino, relacionou-se com os melhores pintores do seu tempo, a quem se dirigiu em peregrinações frequentes, e deixou bellos quadros de historia e de religião (« Martyrio de S. Lourenço », que Luiz XIV quiz comprar a todo custo).

Ao seculo XVIII ainda chegaram dois pintores de grande fama. Luca Giordano (1632-1705), pela facilidade com que pintava, mereceu a alcunha de « Fa-Presto », sobre a qual se bordaram varias anecdotas (133), e foi um dos que mais contribuiram para a decadencia da pintura; o mais fecundo improvisador do seu tempo, qual se vê dos seus trabalhos principaes (« Os ferreiros », « Venus e o Amor », « Sacra-Familia »), em fins do seculo XVII foi chamado pelo rei da Espanha, e, diz Ch. Blanc, « emquanto Maratta e Pietro da Cortona encerravam em Roma o glorioso cyclo da arte italiana, Giordano poz termo em Madrid ao da arte espanhola » (134). Francesco Solimena (1657-1747), o rival de Luca Giordano, recebeu inspiração de Lanfranco e de Pietro da Cortona e deixou quadros de todo genero (« Heliodoro expulso do templo », « Banho de Diana »). Deste artista e de *Fa-Presto* diz Ch. Blanc que procedem os Boucher, Vanloo, Natoire e em geral a pleiade de pintores que encheram o seculo de Luiz XV.

(133) Ha sobre este pintor uma bella pagina de Rodó (*op. cit.*, 193-194). A anecdota mais curiosa é a que se conta de estar Luca a pintar uma « Ceia », quando o pae o chamou: — « Luca, desce para jantar ! » — « Espere um instante, meu pae: ainda me resta fazer os doze apostolos... »

(134) Ch. Blanc cita a proposito as palavras de Raphael Mengs quanto á influencia nociva de *Fa-Presto* sobre os pintores espanhóes: — « O que maior mal fez ao seu progresso, foi que, buscando imitar a Giordano, deixaram de estudar a natureza, como haviam feito até então... »

BASILIO DE MAGALHÃES.

(*Continua*).

NOTAS

TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS DO « RECIF DE CORAIL » DE HEREDIA

Offerecemos aos leitores da « Revista Americana » varias traducções do famoso soneto de Heredia *Recif de Corail;* Publicamos em primeiro logar o texto original francez e em seguida as versões de Theophilo Dias, Emilio de Menezes, Silvio de Almeida, Alberto Faria, Basilio de Magalhães e Paulo Brandão (*) :

RECIF DE CORAIL

(HEREDIA)

Le soleil sous la mer, mystérieuse aurore,
Éclaire la forêt des coraux abyssins
Qui mêle, aux profondeurs de ses tièdes bassins,
La bête épanouie et la vivante flore.

(*) A *Revista Americana* (N. 6, Março, de 1917) publicou acerca de algumas das traducções do soneto de Heredia um longo e interessante estudo critico devido á penna de Alberto Faria.

REDACÇÃO.

Et tout ce que le sel, ou l'iode colore,
Mousse, algue chevelue, anémones, oursins,
Couvre de pourpre sombre, en somptueux dessins,
Le fond vermiculé du pâle madrépore.

De sa splendide écaille éteignant les émaux,
Un grand poisson navigue à travers les rameaux.
Dans l'ombre transparente indolemment il rôde;

Et, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu
Il fait, par le cristal morne, immobile et bleu,
Courir un frisson d'or, de nacre et d'émeraude.

THEOPHILO DIAS

Sob as vagas, o sol, mysteriosa aurora,
Envolve em luz sanguinea um bosque de coraes,
Que abriga, ao frescor dos antros vegetaes,
Féros monstros do mar e uma esplendida flora.

E das fórmas que o sal, ou o iodo córa,
Musgos, alga marinha e anémonas mimosas,
O sombrio desenho, em linhas sumptuosas,
Na madrépora branca ao fundo se incorpora.

Entre os ramos boiando, enorme peixe embaça
Das escamas o brilho: ora obliquo, ora a pino,
Na diaphana sombra indolente perpassa;

Ou, electrico, dando um salto repentino,
Sobre o immovel chrystal com a barbatana traça
Um relampago azul, dourado e esmeraldino.

EMILIO DE MENEZES

Do mar, ao fundo, o sol, em mysteriosa aurora,
Dos coraes da Abyssinia a floresta illumina,
Banhando, a profundez da tepida bacia,
A fauna que florece e a palpitante flora.

E tudo que do oceano o iodo, ou o sal colora,
— A anémona marinha, as algas de haste esguia —
Põe sumptuoso desenho em purpura sombria
Na pedra verminosa onde o polypo móra.

Amortecendo o brilho á refulgente escama,
Um grande peixe voga entre a enlaçada rama;
Da agua as ondas, em torno, indolente desfalda.

Mas, subito, elle agita a barbatana ardente,
E á tona do crystal, azulado e dormente,
Corre um rastilho de ouro e nacar e esmeralda!

SILVIO DE ALMEIDA

Sob o profundo mar, o sol, extranha aurora,
Dos coraes da Abyssinia a floresta illumina,
Onde estamos a ver, qual em morna piscina,
Os pasmos animaes e a luxuriante flora.

E tudo o que do sal, ou do iodo se córa,
Musgo, anemóna, ouriço, alga crespa e marina,
Variamente debuxa a sombra purpurina
No polypeiro branco que no fundo móra.

Um tardo peixe enorme, entre enredados ramos,
Naquella semi-luz, escamosos recamos
Umas vezes apaga, outras vezes desfralda.

E *zas*! a barbatana em fogo, elle projecta
No crystalino azul d'agua parada e quieta
Um arrepio de oiro e perola e esmeralda.

ALBERTO FARIA

Dentro do mar, o sol, maravilhosa aurora,
Illumina o brenhal de abyssinios coraes,
Que mescla, á tepidez dos seios abysmaes,
A florescida fauna e a luxuriante flora.

E tudo quanto o sal, ou quanto o iodo córa,
Actinias, musgo, ouriço e algas filamentaes,
Cobre, a purpura escura, em linhas triumphaes,
O alvi-rendado chão que o polypo elabora.

Esmaltes a apagar da escama resplendente,
Entre os ramos navega um peixe senhoril.
Eis que moroso vaga á sombra transparente...,

Mas, prompto, a barbatana em fogo elle desfralda
E, no immoto crystal de esmaecido anil,
Accende um tremor de ouro e nacar e esmeralda!

PAULO BRANDÃO

O sol, do equoreo abysmo ao fundo, numa aurora
Mysteriosa, illumina a selva emmaranhada
De abissicos coraes, que enlaça á extranha flora,
A vicejante fauna, exotica e ignorada...

Do oceano, tudo quanto o sal ou o iodo córa,
— Algas, o ouriço, o musgo, a anemona delgada,
Em sumptuoso desenho á purpura, decora
A madrepora ideal, branca e vermiculada...

Desmaiando o brilhante esmalte das escamas,
Um peixe, a deslisar entre as esguias ramas,
D'agua, o tranquillo espelho, indolente, respalda...

Brusco, movendo no ar a cauda refulgente,
Faz, no morno crystal, azul e transparente,
Correr um friso de ouro e nacar e esmeralda...

BASILIO DE MAGALHÃES

Na profundez do mar, o sol, — extranha aurora, —
Illumina o aranhol dos coraes da Abyssinia,
Que, em tepida bacia, abysmal e sanguinea,
Florente fauna mescla á luxuria da flóra.

E tudo quanto o sal infiltra e o iodo córa,
— A alga filamentosa, o musgo, a anemona, a actinia, —
Purpureia, com a sombra e a pompa curvilinea,
O chão vermiculado onde o polypo móra.

O esmalte furta-côr apagando á luzente
Escama, um peixe enorme anda indolentemente
Vogando entre os ramaes, que ou acurva ou desfralda.

E, subito, agitando a cauda ignea e potente,
Faz correr no crystal azulino e dormente
Um arrepio de ouro e nacar e esmeralda.

* * *

OS POETAS E A LUA

O Sr. Xavier Pinheiro, escriptor modesto e paciente que floresce no melhor jardim do suburbio, pediu-me, ha mezes, que lhe fornecesse alguns versos meus sobre o luar, afim de apparecerem na anthologia dos *Poetas da Lua*, que elle estava organizando. No desejo de satisfazel-o, percorri, uma a uma, as quinhentas e tantas paginas dos meus dous livros de rimas, e foi com espanto que observei, ao terminar a pesquiza, que eu nunca escrevi um soneto á lua, nem a metti, mesmo casualmente, em qualquer das minhas poesias.

E, no emtanto, a Lua é uma das melhores fontes de inspiração dos poetas brasileiros. Quando o verso está obscuro, é aos seus raios, á sua bondade generosa, que o artista pede, confiante, um pouco de claridade. E o astro da noite desce, de prompto, a sua oscillante escada de prata, por onde sóbe, como Jacob, a imaginação do poeta ameaçado de naufragio.

Desses momentos de perigo têm resultado, assim, para as lettras nacionaes, um thesouro poetico verdadeiramente consideravel. E é nesta arca fervilhante de pedraria, que eu mergulho com soffreguidão as mãos invejosas e arranco, em primeiro logar, esta gotta de lua crystalisada por Gonçalves Dias:

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
De estrella inquieta e ardente;
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.

— Eu te amo, ó lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens turbidas
Da rispida procella;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fazes derramar.

Os poetas antigos eram, geralmente, carinhosos com essa piedosa companheira de vigilias. Casemiro de Abreu, que passava a noite a mostrar-lhe os olhos pisados pelo tropel dos demonios da Angustia, gemia, suave:

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vae mirar!

Pedro Luiz Pereira de Souza, outro poeta do tempo, descobria no céo acontecimentos revoltantes e tragicos. A Lua, que outros viam tão placida, tão descuidosa, apparecia aos seus olhos como as donzellas romanticas, que ainda fugiam dos namorados audaciosos:

Vae a noite medonha — a lua triste,
Rodeada de nuvens côr de sangue,
Lá corre pelo céo...
Como virgem de amores perseguida
Por demonios horriveis que procuram
Despedaçar-lhe o véo.

A Lua de Fagundes Varella, era, tambem mulher. Mas não era virgem. Pelo contrario:

D'entre as grimpas azues, entre neblinas,
A lua vem se erguendo, branca e pura,
Como a odalisca que se eleva pallida
Das banheiras de marmor do serralho...

Não se supponha, entretanto, que os «demonios horriveis» de Pedro Luiz tenham «despedaçado o véo» da

virgem perseguida, ou que o sultão haja conseguido da odalisca outro favor que não esse, constatado por Fagundes Varella, de fazel-a tomar banho « nas banheiras de marmore do serralho ». Bittencourt Sampaio, contemporaneo desses successos lunares, encontra em meio-tempo, e esclarece a duvida, concordando que a Lua foi, effectivamente, procurada pelos máos espiritos, mas que estes morreram e ella ficou viuva antes do casamento. Eil-a, como elle a vê:

E' a noiva viuva,
Que ás vezes chorando seu pranto lhe turva
O rosto gentil;
Mas logo se arreia de um brilho que aquece
A dôr de um momento, que já desfallece
Num riso infantil.

Para outros, mesmo naquelles dias em que a sombra da Mulher enchia o mundo, a Lua tomava outras fórmas e não soffria a perseguição dos demonios. Era gente pacifica, á maneira de Gonçalves Dias. Um d'elles, Trajano Galvão de Carvalho, nascera mesmo na mesma terra do Homero dos *Tymbiras*, e cantava:

Quem não te ama, ó sombra etherea,
Rainha da Soledade!
Quem não tem na vida um tumulo
Ou no peito uma saudade?
Se na paz tu nos dás tréguas
Da vida na dura guerra,
E és tão querida na terra
Quanto formosa nos céos!

Era essa mesma Lua, ainda, e felizmente, a de Teixeira de Mello:

Quando vaguêas pelo só das noites,
De tanta luz innundas o caminho,
Que o triste sabiá que espera o dia
Por pensar que és o Sol, salta do ninho!

Os poetas modernos, inclusive os da geração nova, resolveram que o astro dos namorados, como as mulheres de

hoje, perdesse a sua condição feminina. A Lua póde ser, agora dactylographa, empregada do Correio, enfermeira da Cruz Vermelha, advogada, dentista, medica. E é por isso que ninguem mais a viu celebrada lyricamente, docemente, como ha quarenta annos. Cruz e Souza, que ainda a encontrou no periodo da metamorphose, já a classificou entre os dous sexos, isto é, como freira, no sexo neutro:

Philtros dormentes dão aos lagos quietos.
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos.
Que vão pelo ar, noctambulos, pairando...

Então, ó monja branca dos espaços,
Parece que abres para mim os braços
Fria, de joelhos, tremula, rezando...

D'ahi em diante a transformação foi facil. A' semelhança daquelle demonio que appareceu ao abbade Adam e que tomava em um instante as fórmas e tamanhos mais diversos, passou ella a surgir sob os mais variados aspectos aos olhos espantados dos homens. Raymundo Corrêa, com a sua pyrotechnia litteraria, viu-a mudada em balão:

Além nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sáe!
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão acceso subindo vae...

O proprio Conde de Affonso Celso, que é um lyrico encantador, já não a encontrou tão redonda, nem tão festiva. Era uma lua fina, esguia, casca-de-queijo, uma lua, emfim, de metter medo ás senhoras:

O disco da lua nova
No lar azul das espheras,
De nuvens, que lembram féras,
Como um reptil, sáe da cova...

Vivendo embora no matto, em Itapira, o jovem poeta Menotti del Picchia não viu, diante da mesma Lua, e na mesma phase, a mesma cousa no «lar azul das espheras».

Quando elle a olhou, São Jorge já havia dado cabo do reptil, vendo-se no logar da luta, apenas, um alfange de infiel:

O crescente recurvo, a treva em brilhos, frange,
E, na carne da noite immerge-se e se abysma,
Como, num peito ethiope, a ponta de um alfange.

Mas seria mesmo um alfange? Não; não era. Hermes Fontes acha que era um bogary:

Lua, saudade em fórma de astro,
Illuminado bogary!
Sempre que os meus solaus desnastro
Ou penso «nella» ou penso em ti,
Porque és saudade em fórma de astro,
E «ella», por quem meus ais desnastro,
Na Terra é o luar que me sorri!

Essa impressão podia ser, no emtanto, falsa. Hermes Fontes é pequenino e está muito longe do céo e da Lua. Mais alto do que elle é D. Gilka Machado, e, esta, que além de ser mulher, a olha «horas inteiras», vê nas alturas, cousa differente: vê no céo o seu cesto de costura, e, dentro delle, o novello de seda com que Nossa Senhora teceu, na cantiga popular, a camisa do Menino Jesus:

Embevecida e quêda,
Fico-me, horas inteiras, a fitar
Da neblina atravez da delgada urdidura,
A Lua, que se me afigura
Um capulho de seda
A se desfiar
Ao tear...

Ao fim de tudo isso, da concatenação de tantos pareceres differentes, que poderia eu dizer desse lindo astro pacifico, martyrisado tão insistentemente pelos poetas que elle protege? O melhor, com certeza, seria fazer como aquelle ébrio da anecdota, intimado a dar opinião sobre o sol. Iam dous borrachos, um dia, aos zig-zags por uma rua, quando pararam diante do sol nascente, e puzeram-se a discutir:

— Aquillo é o sol! — dizia um.

— Não é; é a lua! — assegurava o outro.

— E' o sol!

— E' a lua!

Nesse momento vinha em sentido contrario, egualmente bebado, um terceiro bohemio, e os dous intimaram-n'o a decidir a duvida:

— Camarada, resolva este caso: aquillo é o sol ou a lua?

O borracho, que era um hespanhol, esfregou os olhos e, fitando o astro do dia, explicou, numa careta:

— Homem, eu mesmo não sei; eu sou estrangeiro...

E, fazendo uma pirueta, continuou o seu caminho, aos tombos.

Diante de tantos juizos oppostos, é essa a minha opinião. Em relação á Lua, eu sou, positivamente, estrangeiro...

HUMBERTO DE CAMPOS.

(Do Boletim Mundial).

* * *

O RECLAMO

Se todos os meios e vehiculos servem para a propaganda, desde as nuvens até o chão, desta vez o Rio de Janeiro apresenta todas as formas muraes e ruraes de publicidade para atrahir a attenção publica.

Ainda não chegamos áquelle indecente abuso que apresentam até os mais bellos monumentos das cidades da Europa e dos Estados Unidos de Norte America, em epocas de eleições para toda a classe de vagas parlamentares, municipaes e outras *Associatio Sceleris*, mas como o tempo lá haveremos de chegar.

Irrita ao mais inesthetico dos espiritos ver aquelles cartazes, ás vezes enormes, a cobrirem edificios do mais apurado gosto architectonico, pedestaes de estatuas votadas á recordação dos vultos os mais queridos da patria, para servirem de meio de propaganda dos mais reles politiqueiros e dos mais profissionaes na arte das tricas eleitoraes.

Aqui ainda estamos na epoca do annunciosinho modesto, uma tira de papel branco ou de côr suave a indicar um unico nome ao lado de outro berrante e de grandes lettras a apregoar que «*Só tem calos quem quer*», como que numa allusão ao cartaz eleitoral do lado.

Aqui, com surpreza, já vi *candidaturas pelo chão*, antes mesmo do pleito eleitoral. E' um dos reclamos mais em voga, actualmente, no Rio de Janeiro o de escrever certos dizeres pelas calçadas e pelo asphalto das ruas e por certo que merece os maiores louvores a calligraphia de quem os faz. Ha dias vi n'um delles uma correcção de letra ingleza, com os caracteristicos alargamentos e afinamentos desse modelo calligraphico que mais pulchramente não gravaria o mais habil dos artistas especialistas na confecção de cartões de visita da *Passagem dos Panoramas* de Paris.

A tal respeito, deixem-me fazer uma digressão: criados como os francezes não existem em parte alguma do mundo pelas geniaes observações profissionaes que chegam a fazer: acabaram abrindo cathedra de psychologia. Antigamente, em Paris, os lacaios preferidos, obrigados a correrem ao lado dos monumentaes carros da Côrte e dos cortezãos, eram habitualmente biscainhos. Era gente de pernas incansaveis e por certo que João de Lery, o chronista francez que aqui esteve em meiados do seculo XVI, commentado essa circumstancia, escreve que os indios Goytacazes, que viviam na foz do Parahyba, e que deram nome aos famosos *Campos* que serviram de chrisma á celebrisada cidade fluminense, deixariam bem longe na carreira a qualquer daquelles lacaios biscainhos.

Hoje: certos creados francezes, obrigados a introduzir visitantes, fazem-no, não á perna nem por debaixo desta, senão, *a dedo*, como bem cabe dizer no caso.

Effectivamente, quando recebem as cartas das pessoas que vão á visita nas casas ou repartições em que servem esses criados, com a simplicidade que lhes ha de conhecer quem alguma vez os conheceu, passam o dedo grosso da mão sobre a superficie da parte gravada ao cartão. Se elles sentem o relevo ou a rugosidade que deixa no cartão o gravado da chapa elegante e senhoril, mandada fazer expressa-

mente pelo visitante, é que este é um homem de significação e tratam-no em consequencia. Se pelo contrario, o gravado do cartão não deixa relevo e por tanto este não apparece sob o tacto digital, por ter sido gravado em simples pedra lytographica, o visitante não pode deixar de ser um *João Ninguem*.

Aquelles que queiram fazer a propria propaganda perto de qualquer senhorão ou pelas... ilhas adjacentes não faça cartões lytographicos e va para a *Passagem dos Panoramas*, ou dos *Principes*, ou qualquer outra onde geralmente estão estabelecidos os especialistas e mande tirar a chapa de cobre gravada que ha de dar ao seu cartão e á sua pessôa o relevo que melhor o recommendará aos Cerberos parisienses, dignificando-lhes ao mesmo tempo a propria propaganda de fidalguia.

Fidalguia, hoje, é ter além do cobre da chapa dos cartões, os outros que fazem a felicidade, depois da que occasiona uma bôa saude.

De verdade ou não, desta vez, entrava um escriptor faceto, haver achado a respeito de saude o seguinte curioso annuncio:

« A conferencia do Sr. V... sobre os *meios de nunca adoecer* não pode ser realizada hoje por motivo de molestia do illustre orador ».

Sabendo daquella propensão mundial, das gentes, no afan de adquirirem fortuna ou bem estar, ha sempre vigarios sem batina que contam o conto, accrescentando bastantes pontos com progresso dos tempos.

« A quem me mandar 50$000 réis ensinarei o caminho da riqueza ».

Era esse o theor de um annuncio, que apareceu n'um jornal. Um sujeito mandou os 50$ e recebeu uma pequena planta da cidade, marcando a lapis azul as ruas que conduzem ao... Thezouro Nacional!

Ao lado desses annuncios que acabam por não ter graça nenhuma, no espirito das victimas, ha o annuncio gaiato e feito para divertimento á quem não tem melhor que fazer.

Um camponez leu um annuncio em que se promettia ensinar o meio da agua das cisternas nunca gelar. Mandou a quantia exigida e recebeu a resposta seguinte:

« Tenha sempre um grande fogo acceso perto da cisterna ».

Outras vezes e da maneira mais historica e positiva o annuncio é de uma estupidez digna de subir as nuvens de que fallei outro dia.

Como botão de amostra tiro o seguinte da minha collecção, publicado num jornal de Cherburgo, na Normandia franceza: « Vendem-se, um macaco, um papagaio fallante, um angora e um caniche — São de Senhora que vae casar e não quer outros animaes em casa, etc., etc.».

Mais intelligente foi o caso de certa escriptora americana quando ha uns oito annos quiz fazer a propaganda de certa novela da autoria della e intitulada *A Natureza dos homens.* Ella publicou em *Iankee-Landia*, patria destas ousadias, o seguinte annuncio:

« Casar-me-hei com um homem honesto, corajoso e leal, mesmo que seja pauperrimo, no caso que se pareça, moral e physicamente, ao heroe do meu livro *A natureza dos homens.* Sou moça ainda, graciosa, tenho algum dinheiro e um genio supportavel. Respostas a Miss Teo Pearl, Grande Square, Nova York ».

O livro teve 62 edições em alguns mezes.

Os leitores, porém, do mais rico ao mais pobre, encontraram-se, depois de ter devorado a obra, na absoluta impossibilidade de desposar a autora do livro. Nenhum se poderia parecer, *moral e physicamente* ao heroe do disputado trabalho scientifico-litterario.

O protagonista da *Natureza dos Homens* foi... um *macaco*, proximo parente sem duvida do que queria vender a casadeira de Cherburgo.

Conforme acho nos meus *Archivos,* allusivos a estes assumptos, no anno seguinte ao da publicação da tal novela, isto é em janeiro de 1911, da era christã, que tanta exactidão de data merece o caso nas chronicas do *Reclamo*, certo papae lembrou-se de explicar outra novela por forma semelhante áquella.

Foi o caso do pae da senhorita Ethel Le Neve, a famigerada companheira do horripilante doutor Crippen, havia pouco enforcado em Londres por motivo de repugnantes crimes bastante divulgados.

Muitos têm sido os prisioneiros celebres, que, recuperando a liberdade, ganharam boas sommas publicando as suas *Memorias*. E' forçoso convir que o grosso do publico tem uma quéda pronunciada por esse genero de litteratura.

Esse pai, que tem a bossa da especulação naturalmente bem desenvolvida, publicou *Memorias* de sua filha, em capitulos, n'um jornal inglez, cuja tiragem augmentou assombrosamente.

Eis um progenitor que pode affirmar *que ha males que vem para bem!*

Como é sabido, a senhorita *Le Neve* não ia sahindo desse proceso com a alvura que denuncia o seu apellido e por um cabello que não foi dependurada em forca ao lado do justiçado amante.

Esse cabello me lembra outras capilosidades femininas de um reclamo que teve por theatro as vizinhanças da ponte de Brooklin em Nova-York.

Subitamente, de um dos caes lateraes, lança-se ao mar uma suicida. Um salvador abnegado vae ao fundo pescal-a. Nisto outra nevropatha, simula um faniquito e segue o exemplo da primeira. O Salvador apparece logo trazendo o reclamo do cabelleireiro; quanto á segunda, um boneco artificioso, ficou no fundo e o salvador apenas lhe trouxe a cabelleira, gritando: «« Recommenda-se aos cavalleiros quando socorram uma senhora em perigo de afogar, que a não agarrem pelos cabellos, para não correrem o risco de salvarem apenas estes ultimos o que se não dá com os postiços do famoso cabelleireiro... Fuão de tal ».

São reclamos interessantes que deixam rasto, ainda que não seja senão pela graça que revestem, no espirito de quem os aprecia e que raramente esquecem a cousa apregoada e o nome de quem a fornece.

Ao lado desses curiosos reclamos, cuidadosamente preparados para impressionar, leiam-se estes tres que acabo de pescar, fresquinhos, pelas ruas da nossa Capital;

« F... F... F., fornecedores de carvão, tintas, ferragem, lubrificantes, explosivos e *Artigos Semelhantes* ». — Se não fosse o respeitavel nome commercial que occultam essas tres F... daria a prova da veracidade desse annuncio estapafurdio.

O segundo annuncio, reza:

« *Antiga* Marcenaria *Moderna* ».

e o terceiro diz:

« Fabrica de *panificação* de *pão* ».

Positivamente, agora que se trata de averiguar se o teor das letras e dos saques escriptos em lingua estrangeira, devem ser traduzidos para o vernaculo, para surtirem certos effeitos legaes, assumpto de que neste numero trata a penna admiravel, e o talento de um Bevilacqua, e, agora que ha o proposito de não serem tolerados lettreiros e annuncios em linguas extrangeiras pelas taboletas, toldos, annuncios luminosos dos armazens, seria muito de molde que não fossem permittidos, tambem, os que offendem o idioma nacional.

A secção administrativa que tivesse ao seu cargo essa censura teria bastante que fazer, mas em compensação, passaria momentos de inexcedivel humorismo ao deletrear os annuncios que lhe fossem submettidos. Essa secção passaria momentos divertidissimos.

A. Morales de los Rios.

(*Industria e Commercio*).

* * *

O DESTINO DA TURQUIA

Nenhum paiz, dentre os que entraram na guerra, nem mesmo o Imperio Austro-Hungaro, foi alvo de mais tristes predicções. E' um verdadeiro suicidio esta alliança germanica, exclamava-se do outro lado, e a dissolução do Imperio Ottomano, do que ainda resta do primitivo imperio, era annunciada para dentro em pouco. Expulsar o musulmano da Europa parecia uma condição *sine qua non* da civilização no seu

apogêo, dessa civilização que tem de ser edificada sobre os escombros da cultura allemã. Lord Bryce, historiador politico, prégou a nova cruzada com tanto enthusiasmo quanto Pedro o Eremita a primeira, e o resultado parecia não offerecer duvida.

Entretanto, apoz tres annos de guerra, vemos a Turquia victoriosa em Gallipoli, tendo obrigado a retirar-se a expedição anglo-franceza; vemol-a detendo a invasão russa na Armenia, depois de evacuada Erzerum, pela simples razão que fica a 800 kilometros da mais proxima estação de estrada de ferro; vemol-a arrostando na Mesopotamia o ataque britannico, apoz haver feito o primeiro exercito inglez render-se em Kut-el-Amara, e nutrir o segundo justificados receios da resistencia que o espera na Palestina, onde Jesuralem se apresenta fortificada a valer, com canhões assestados no monte das Oliveiras e no Calvario, contra os quaes seria mister trazer reforços por mar e apoderar-se do porto e do caminho de ferro de Jaffa; vemol-a ainda, como si tudo isso não bastasse, auxiliar com seus contingentes as forças teutonicas no embate contra as forças slavas.

E' verdade que perdeu a suzerania da Arabia, que se poz independente com um rei, Solimão I, que é o grão Xerife de Mecca, mas a Arabia já estava revolucionada antes da guerra mundial, complicando-se a questão politica com um aspecto religioso, pois que a pretenção do Sultão da Turquia de ser o califa do Islam era disputada pelos descendentes do Propheta em Mecca. No fundo era a Arabia tão pouco ottomana quanto o Egypto, o qual agora passou officialmente de um protectorado a outro. Já porém desistiu a Russia do projecto maximo que a fez entrar na guerra e que era a occupação de Constantinopla; a França não conserva vigor bastante, pela sua prolongada sangria, para pensar em annexar a Syria, e a Italia está vendo tão problematico o seu senhorio exclusivo do Adriatico que lhe não sobra mais o appetite para a Asia Menor.

Está pois em serio risco de falhar o centesimo primeiro plano de partilha da Turquia: os cem planos anteriores formam o assumpto de um excellente trabalho historico do diplomata rumaico Djuvara, que foi meu collega em Bru-

xellas. E ainda bem, a guiarmo-nos pelo que os proprios inglezes costumavam dizer antes de o terem por inimigo — que era o Turco o verdadeiro *gentleman* dos Balkans. Opinião identica alimentam escriptores francezes de grande valia, como Pierre Loti e Claude Farrere. Recordam-se todos do vigor com que o primeiro verberou o ataque italiano contra Tripoli, e do segundo, ainda não ha muito, li paginas em que denunciava duramente o armenio, comparando seu papel junto ao turco com o papel ganancioso do judeu junto ao christão.

Affirmam alguns, em desabono desses encomios, que o contacto com os para ella infieis, perverteu a alma mahometana e apontam, em confirmação do seu juizo, a decadencia ottomana ao lado dos brilhantes califas de Bagdad e dos não menos brilhantes califas de Granada, sob cujo influxo se organizou essa esclarecida e tolerante civilização mosarabe que foi a base do desenvolvimento da peninsula iberica. Si a cultura musulmana acabou porém por decahir no Bosphoro, a joven Turquia gaba-se de lhe haver trazido, com a regeneração, um novo alento, e da vitalidade incomparavel do organismo ottomano nenhuma prova melhor se pode adduzir do que esses sete ultimos annos de guerra em trez continentes, sustentados pela Turquia: duas expedições contra a Albania, duas grandes guerras contra os paizes balkanicos, a guerra da Tripolitania, a rebellião na Arabia e por fim a conflagração actual, sem fallar em trez revoluções domesticas.

Que outro paiz supportaria tão galhardamente tão rudes embates? Não é essa uma nação que haja feito jús a viver e mesmo a conservar esse valle do Tigre e do Euphrates, cuja feracidade canta a Biblia e onde se diz haver sido situado o paraizo terrestre? Note-se que poucos paizes teem tido que luctar com mais serios embaraços ao seu desenvolvimento e que a Turquia está devéras pelejando pela sua independencia. Pelo regimen das capitulações, que a Europa christã nunca consentiu em abolir, a Turquia não possuia a livre disposição dos seus recursos para realizar trabalhos necessarios de utilidade publica, taes como estradas de ferro, nem possuia sequer a faculdade de alterar sua pauta aduaneira de accordo

com suas exigencias financeiras. A Turquia era tudo menos turca: o extrangeiro explorava-a, sugava-lhe a riqueza, prosperava ao lado do nacional necessitado.

A Turquia deliberou porém que o progresso lhe havia tambem de aproveitar e para isto vae pondo em acção o nacionalismo, que é o lemma querido da Europa actual. N'um jornal de caricaturas de Constantinopla pergunta um turco a um europeu porque anda de cara tão amarrada, e o europeu lhe responde — « Ora, porque careço agora de saber turco para arranjar-me na Turquia ».

Os successos da guerra estão aliás moldando o futuro. A ligação ferro-viaria Berlim-Constantinopla, atravez dos Balkans e prolongando-se pela Asia Menor,marca o terreno da expansão teutonica no Oriente, uma vez irmanados os interesses austro-hungaros com os allemães e afastada a concorrencia absorvente da Russia. Esse conhecido caminho de ferro de Bagdad, empreza germanica desde o seu inicio, é destinado a canalizar as riquezas exploradas e sobretudo latentes da Mesopotamia para os mercados universaes, já via Constantinopla, já directamente pelo Mediterraneo. O valle do Tigre e do Euphrates permitte um systema de irrigação que trará uberdade a toda aquella região productora de algodão comparavel com o do Egypto, de cereaes, inclusive carvão. O admiravel systema de irrigação posto em pratica pelos arabes na Andaluzia deixa prever o que poderão realizar os turcos na Mesopotamia dispondo de capitaes, de machinismos e de capacidade profissional mechanica.

Nesta obra de reorganização economica contará a Turquia com a organização allemã que a estimulou. O movimento de reforma moral é porém sobretudo um movimento nacional do qual vae sahir um Estado Moderno, apparelhado como os mais progressivos da Europa. Já os turcos estão renunciando a usos e tradições indissoluvelmente ligados — pelo menos assim o pareciam — com a sua religião: o calendario gregoriano, por exemplo, foi decretado. A instrucção primaria está sendo remodelada sob os auspicios de uma commissão mixta presidida por um pedagogo allemão, dr. Schmidt. O principio da obrigatoriedade ficou estabelecido, juntamente com o da liberdade, de forma a servir o ensino igualmente a

musulmanos e christãos. O ensino technico, industrial e agricola, vae receber poderoso incremento, e a universidade de Constantinopla servirá de typo para os institutos de ensino superior, nas tradições aliás das brilhantes universidades mahometanas da Hespanha arabe que, antes da Renascença, revelaram á Europa medieval o que foi a cultura greco-latina.

Um dos pontos essenciaes de reforma, de que se está occupando outra commissão, é a dos codigos, de modo a equiparal-os á legislação geral da Europa. Muitos dos rigores a que andavam expostos os christãos no Imperio Ottomano provinham, não de ferocidade turca, conforme pensa muita gente boa, mas da simples applicação do Alkorão e dos seus dictames, sobre os quaes se baseava o direito ottomano, mesmo porque o systema era o theocratico, constituindo elle, na sua formação, uma potencia religiosa. Pela adopção de um codigo civil, fundado sobre o principio da igualdade, desapparecerão os odios que possam existir entre os varios elementos da população. Musulmanos, christãos e judeus regerse-hão pelas mesmas leis. Será devéras a joven Turquia.

OLIVEIRA LIMA.

(Diario de Pernambuco).

* * *

O POMBAL HESPANHOL

D. Antonio Maura, chefe do partido conservador hespanhol, derrubado do governo em outubro de 1909, depois da repressão inexoravel dos sanguinarios tumultos anarchistas de Barcelona, vê, finalmente, terminado o longo ostracismo, e preside de novo ao governo de Hespanha, a chamado do cavalheiresco Affonso XIII. O homem, a quem os liberaes, os republicanos, os socialistas e os anarchistas colligados chamavam ha nove annos, assassino, verdugo e inquisidor, reassume o poder em circumstancias que restauram, intacta, a sua popularidade antiga e lhe restituem, augmentada, a aura do prestigio.

A quéda de Maura — a quem o rei D. Carlos, de Portugal, chamava « o Pombal hespanhol » — constitue uma das mais nobres lições que um estadista, contemporaneamente, tem dado aos profissionaes da politica. Maura, sabendo que arriscava a vida e não poderia, em caso algum, salvar-se do naufragio da impopularidade, sacrificou a sua carreira, a situação excepcional, a influencia dominadora, todos os prazeres inebriantes do poder, para salvar a Hespanha do desmembramento e da anarchia. Jugulando com uma energia pombalina a revolta terrorista de Barcelona e mandando fuzilar Ferrer, o chefe do governo hespanhol não abrigava a menor duvida sobre o desenvolvimento posterior e logico dos successos que iam desenrolar-se.

Adepto da concepção liberal que condemna os conflictos entre a opinião publica e o governo e que exige do talento do estadista moderno a preparação de um estado de opinião em harmonia com os superiores interesses do governo, Maura defrontou-se com uma situação de nitida divergencia entre o que se lhe afigurava o interesse do Estado e as reclamações comminatorias da opinião publica. Collocado entre o dilemma de atraiçoar conscientemente o interesse da nação e de atropelar, como um despota, a opinião publica, desvairada no erro, Maura não hesitou. Repugnava-lhe a attitude commodista de Pilatos. A transigencia com o desatino era incompativel com o seu caracter varonil. Intemeratamente, estoicamente, cumpriu o seu dever. Feriu, inflexivel, o grande golpe. Cortou a cabeça da hydra anarchista. A opinião publica, irada, voltou-se contra elle. Maura, porém, não a affrontou desafiadoramente, como fizera com a anarchia catalã. Diante da reprovação da opinião publica, que elle desacatara, resignou o seu posto, solicitou do monarcha a demissão do ministerio, abandonou a chefia do seu partido e retirou-se dignamente, altivamente, para a penumbra da vida privada, onde o foi buscar certamente jubiloso, o seu rei e discipulo.

Perante o readvento de Maura ao poder, a minha memoria evoca a figura insinuante, de tão nobre expressão de intelligencia, do chefe do governo hespanhol, que conheci em Madrid, no mez de março desse mesmo anno de 1909,

quando ainda nada presagiava a guerra de Marrocos e o presidente parecia ter ascendido ao zenith da omnipotencia politica, em vesperas de ver triumphar no Parlamento a concepção grandiosa da lei chamada da « administração local »; quando as opposições, desarmadas, o accusavam de lisonjear a aspiração separatista da Catalunha e de preparar com imprudentes concessões o desmembramento da Hespanha; quando o corpo diplomatico acreditado em Madrid o considerava um dos maiores estadistas da Europa; quando em todo o prestigio do seu talento e da sua bravura, em plena victoria da sua politica de « revolução feita com leis votadas pelas côrtes e sanccionadas pelo rei » — elle era o super-homem que a Providencia se comprazia em crear para fundar os alicerces da nova Hespanha e inaugurar a gloria do novo reinado.

Antes de acercar-me do chefe do governo hespanhol, a cuja presença me conduziu o conde de Tovar, então ministro de Portugal em Madrid, eu procurara ensejos varios para observar de longe o estadista que os republicanos portuguezes — então no auge da sua campanha preparatoria da revolução — encaravam com indissimulada malquerença, como sendo o mais perigoso adversario de uma republica radical que viesse a implantar-se em Lisboa, e que collocaria a monarchia hespanhola entre a suggestão attractiva de duas democracias.

Tinha-o visto no Senado e no Congresso, durante as sessões memoraveis em que respondera a Moret e a Sol y Ortega, no debate das mancommunidades administrativas. Vira-o resolver nas duas camaras, com a habilidade e a presteza de um prestidigitador emerito, usando de expedientes fulminantes, conflictos que em outro paiz assumiriam proporções escandalosas. A sua arte de contrascenar e de ouvir um discurso opposicionista era um inimitavel prodigio. Diante da sua cortezia primorosa abatiam-se todas as iras. O seu sorriso valia tanto como a sua palavra. Como o seu verbo, a sua expressão era eloquente. Tinha o talento de saber escutar. A natureza dotara-o cam todas as faculdades physionomicas e moraes da seducção. Tinha a tyrannia fascinadora attribuida pela fabula ás sereias.

O proprio rei de Hespanha confessara-me compartilhar

da minha surpresa perante a quasi revolucionaria orientação do chefe do partido conservador (apoiado pelos elementos ultramontanos!), que em plena Camara dos Deputados, interrompendo a apologia rhetorica da Liberdade com que se entretinha um deputado radical, o emmudecia com a declaração de que a Liberdae era uma tão definitiva conquista dos povos, que já nenhum partido podia fazer della o essencial motivo de um programma. E, resumindo a sua idéa com um poder fulgurante de synthese, Maura improvisara a phrase celebre: « A Liberdade fez-se conservadora! »

Tinha podido examinar de longe, em circumstancias as mais variadas, a bonhomia, a affabilidade natural, a cortezia impeccavel, a audacia das idéas e da capacidade progressiva do estadista que, fóra de Hespanha, era accusado de ser um reaccionario impulsivo e violento.

Não foi sem uma irreprimivel e accumulada sympathia que, finalmente, por uma das glaciaes manhãs do inverno madrileno, em que as neves do Guadarrama parecem encerrar a cidade num envolvente frigorifero, batemos á porta do presidente do conselho de Hespanha; um rez do chão num dos novos predios da « calle Lealtad », diante de cuja fachada monumental aguardavam algumas carruagens de visitantes matinaes.

Eram 9 1|2 horas, e a minha surpresa foi immensa ao deparar com o laborioso movimento de secretaria que convertia o lar de Maura num prolongamento do ministerio. Um criado fardado indicou-me o caminho, através de um longo corredor para que abriam as portas da bibliotheca e das alas transformadas em gabinetes dos secretarios particulares da presidencia. Os irradiadores de ar quente mantinham á atmosphera ennevoada de fumo um calor de estufa.

Na sala onde me haviam introduzido continuava a ouvir o borborinho das conversas e o rumor dos passos no largo corredor da entrada. Subito, um reposteiro afastou-se. O chefe do governo de Hespanha estava na minha presença.

Ao primeiro relance, Maura revela as qualidades viris de um caracter obstinado e voluntario: mas de uma obstinação guiada pela intelligencia. Não seria difficil a uma chiromante ler na sua mão forte e tratada a nobreza, a decisão

e a coragem. Contrastando com a barba branca, talhada á Guise, a sua pelle conserva uma frescura juvenil. Os olhos azues têm a luz viva de uma intelligencia accesa, e a voz, exercitada nas luctas parlamentares, possue toda a escala, sonora, vibrante, grave e suave da expressão vocal, capaz de subir sem esforço da blandicia á apostrophe, da maxima brandura ao mais rigoroso doesto.

Era, pois, aquelle o reaccionario Maura!

No logar do despota, revivescencia anachronica do duque de Alba, encontrava um homem que se confessava empenhado em resolver anticipadamente, dentro da legalidade, alguns dos graves problemas sociaes e politicos do futuro, que tendam a procurar soluções revolucionarias; decidido a ousar a descentralização administrativa do Estado, a arrebatar o poder local ao caciquismo e a favorecer as aspirações autonomistas das provincias.

Ao contrario de um reaccionario intolerante, Maura apparecia-me como um estadista eminentemente progressivo, mas cioso da iniciativa governamental, preoccupado em disciplinar a Hespanha, em propagar o culto democratico do civismo com a promulgação da lei do voto obrigatorio, e energicamente resolvido a não permittir que os desatinos dos turbulentos impedissem a evolução pacifica da nação, que elle sonhava — com a fé contagiosa que gera os milagres — reconduzir á supremacia antiga, reintegrada no escol dos povos fortes.

Ao primeiro ensejo que a conversação me offereceu, alludi aos recentes e calamitosos acontecimentos politicos de Portugal; e estou revendo ainda a expressão severa de Maura! «O tempo dos governos oppresivos passara. Esse genero de governo era uma reliquia historica. Mal do estadista que tenta governar contra a opinião publica e não sabe impedir pela persuasão os seus desvairamentos!

«A autoridade não póde existir, na actualidade, sem o consenso da opinião publica. O exemplo da ordem e da disciplina tem de principiar em cima...»

Surge, porém, a guerra, a agitação da Catalunha, a crise delirante de Barcelona. A opinião publica insurge-se contra o despotismo repressivo de Maura...

Relembrado das suas palavras austeras, emquanto na Europa e na America o invectivavam como o espectro odioso da Intolerancia resurgido no mundo moderno, a cada momento eu esperava a noticia da sua resignação do poder. E esse nobre gesto, que reconciliava as suas acções com as suas doutrinas, elle o teve, abrindo o Parlamento que ia ser o seu tribunal, provocando a discussão immediata dos seus actos, e dando-se por vencido (embora na posse de maiorias esmagadoras nas duas Camaras), logo que os debates lhe facultam o ambicionado pretexto da demissão.

Ninguem podia pôr em duvida a sua coragem energica, que se defrontara impávida contra as ameaças da anarchia. Mas desde que o chefe de um partido politico, em nome da opinião publica, o accusava de comprometter a nação com os seus erros, o homem intemerato não vacillou um instante e foi, resolutamente, depôr nas mãos do seu rei a resignação do ministerio, submettendo-se á comminatoria sentença da opinião publica, que o expulsava do poder, expiando o delicto de haver salvo, « illegalmente », a sua patria.

Este é o homem que, desde ante-hontem, preside novamente, depois de nove annos de ostracismo, ao governo da Hespanha.

CARLOS MALHEIRO DIAS.

(Do *O Paiz*).

* * *

A MEGALOMANIA DA FORÇA NA AMERICA DO NORTE

Um telegramma destes dias trouxe de Santiago a noticia de constar nos circulos navaes que o governo chileno já traçara o programma de reforçamento da sua marinha de guerra, a executar-se logo que ráia no mundo a tão anciosamente esperada manhã da paz.

Accrescentou a noticia que o programma chileno comprehende a construcção de dous « dreadgnoughts », 12 « destroyers », seis submarinos de 1.200 toneladas e 20 menores, varios hydroplanos e lança-minas.

Ha pouco, ainda era da Argentina que annunciavam o engrandecimento do seu poder naval, assim que finde a guerra.

Francamente, não comprehendemos porque, no cabo desta horrorosa collisão mundial precipitada exactamente pela incontinencia e furia da *course aux armements*, os povos ainda pensam em lançar-se na mesma aventura, tão provadamente perigosa, da paz armada.

Não nutrimos velleidades de pacifismo, nem somos ou fomos alguma vez partidarios do bellicismo cégo, escudado aquelle na chimera do desarmamento, escudado este na organisação aggressiva da força. Mas sempre nos pareceu que, terminada a monstruosa sangueira de agora, o mundo entraria numa phase de confiança internacional pacifica e sincera, cuidando cada povo de curar-se das lacerações que directa ou indirectamente houvesse recebido da guerra, cujos grandes males não serão evidentemente — como não estão sendo — partilha exclusiva dos belligerantes.

Entretanto, as nações, antes mesmo de dobrada a ultima pagina deste tenebroso livro de calamidades, antes mesmo de descido o panno no proscenio da tragedia, pensam em novos e formidaveis preparativos bellicos, como se infere desse vasto programma chileno, se é exacto que delle cogita o governo da grande Republica andina, tão sympathica e cara á nossa fraternal amizade.

Na America do Sul, principalmente — pensamol-o e dizemol-o com a maxima franqueza — esse regresso á «corrida bellica» importa numa perturbação indiscutivel do apparelhamento economico dos paizes em condições, ou que se julgam em condições, de reforçar os seus meios de acção militar.

As potencias continentaes em tal situação não poderão forçar-se ao contagio, ao estimulo, ao exemplo; e assim, as sommas allucinantes que poderiam mais utilmente applicar na exploração intensiva das suas riquezas serão drenadas para os arsenaes estrangeiros e absorvidas, depois, pelo custeio e manutenção de esquadras, que importam em sacrificio mesmo para povos plethoricos de riqueza e, para nós, resultarão mais ou menos platonicas e decorativas...

Quer-nos parecer que uma das consequencias immediatas da guerra vae ser, não dizemos a limitação, mas, talvez, a *moderação* nos armamentos. E' justo que o mundo enverede por um caminho opposto ao delirio de força que levou a Allemanha a desencadear na terra a medonha tempestade de ferro, fogo e sangue que ha de, por fim, attingil-a e esmagal-a. Intuitivo é, pois, que, pelo menos, a America latina se mantenha em espectativa, a ver em que dão as modas na Europa, quando se fizer a paz, e sómente recorrer ao incalculavel sacrificio do accrescimo de suas armas se essa espectativa fôr frustrada, isto é, se a *course aux armements* proseguir tão infrene e tão desvairada como antes de Agosto de 1914.

Como atraz dissemos, entre nós, americanos do sul, o adoptar desde logo a « corrida bellica », seja a que pretexto fôr, importará em lastrar no continente o rastilho da emulação, e nessa emulação é que estará um mal irreparavel, porque economico: o desvio de fabulosas sommas da unica applicação coherente, justa e logica, no instante decisivo em que os povos bem avisados se deslembram do canhão para pensar tão só no trabalho e na riqueza, que se não consumam sem garantia de perfeita tranquillidade e mutua confiança.

O Brasil, se a Argentina e o Chile augmentarem, de fórma tão consideravel, os seus effectivos como potencias navaes, ver-se-á na indeclinavel contingencia de seguir o mesmo caminho, sob pena de ser, entre vizinhos fortes, solidos e ricos, um colosso com pés de barro.

Affirmou-se ha pouco que a Argentina cuidava do augmento da sua esquadra pela conveniencia de prestigiar e defender a sua marinha mercante, accrescida sensivelmente depois da guerra.

Ignoramos, todavia, qual seja até hoje o raio de acção da marinha de commercio dos nossos prosperos vizinhos do Prata.

Não consta, com effeito, que a sua participação directa no trafico mundial seja assim tão elevada e notavel, que justifique todo um programma naval de grande envergadura. Pelo menos no sul do continente, mesmo antes da conflagração, o inter-cambio argentino era quasi exclusivamente

servido pela navegação brasileira, e assim continuará a ser ao que parece.

O mesmo é possivel articular em relação ao Chile, com restricções apenas quanto ao aproveitamento da nossa tonelagem pelas praças da gloriosa Republica andina.

Se prevalecesse o principio de que na America do Sul, os armamentos navaes devem corresponder á extensão dos recursos da marinha mercante, ha muito que o Brasil estaria no dever de armar-se poderosamente, accumulando sacrificio sobre sacrificio no seu «budget» naval e não admittindo parallelo entre os seus elementos de acção, corporificados na potencialidade naval, e os de outros paizes da sua vizinhança. E' facto incontestavel que o Brasil dispõe hoje de uma das primeiras frotas de commercio do mundo, e, para prestigial-a e defendel-a segundo o criterio arguido, nem todo o rendimento da sua tonelagem bastaria. Não se organisa em pé de guerra sem dispendios allucinantes um prestigio tão oneroso, uma defesa tão susceptivel de suspeitas e desconfianças...

Se uma das consequencias, diriamos, talvez, melhor — um dos ensinamentos desta guerra sem declinio fôr, como se annuncia e se espera, a moderação nos armamentos, submettendo-se a aposentação o tragico aphorismo *si vis pacem para bellum*, — qual poderá ser a significação da attitude de certos povos que mesmo no decurso do universal flagello cogitam de aggravar os perigos e abusos eventuaes da força?

A simples idéa de que, premida pela emulação ou pela necessidade de evitar o perigo da fraqueza entre os fortes, o Brasil retirará das usinas e dos campos o numerario exigido pela voracidade dos estaleiros, obriga os responsaveis pelos destinos do paiz, a uma providencia de caracter internacional, tendente a ver se é tempo ainda de conter nos limites da sensatez e da prudencia esse principio de exacerbação megalomania, de que se tomam povos em plena juventude ethnica e politica e em começo apenas de evolução economica.

ALVES DE SOUZA.

(Do *Boletim Mundial*).

* * *

UM POETA ARGENTINO IGNORADO

El Partido Conservador de la Provincia de Buenos Aires, ha proclamado candidato a diputado Nacional a Matías G. Sánchez Sorondo. Y a fuer de indiscreto, como periodista que soy, quiero aprovechar la ocasión para mostrarlo bajo un aspecto, que yo llamaría esencial, de su personalidad, y sin embargo, ignorado en absoluto. Hombre político, pertenece al público; hombre de letras, nos pertenece especialmente a los críticos, que debemos perseguirlo hasta en el anónimo persistente que le esconde.

Sánchez Sorondo es, ante todo y sobretodo, poeta. Poeta que nunca publicó sus versos, por modestia, o acaso por indiferencia orgullosa; poeta que canta para sí mismo, «para... volcar en palabras cadenciosas, rompiendo del silencio las prisiones, el alma vacilante de las cosas; y traducir su mística poesía, en el tranquilo declinar del día, cuando se puebla el cielo de visiones.»

Deseo dar a conocer algunas de sus composiciones, de las muchas que conservo, originales, en mi poder. Porque Sánchez Sorondo no les atribuye importancia, y no reclama jamás un manuscrito suyo. Y quisiera, dando este rudo golpe a su reserva, estimularlo a que las publique. Creo que puede figurar con honor en nuestra antología, y que la clara mentalidad del autor, su espíritu delicado, su gusto exquisito, se revelan en ellas quizás con mayor brillo que en su prosa de jurista, de historiógrafo y de sociólogo, cuyo casticismo y elegancia son justamente apreciados por los conocedores.

Emoción contenida, sobriedad, sencillez, adjetivación adecuada, sentido profundo del ritmo y de la eufonia, precisión fotográfica en la descriptiva, he ahí las características de los versos de Sánchez Sorondo. Hiere la idea, condensa la imagen, modela la frase y le presta singular potencia evocadora. Hay sonetos que son verdaderos cuadros, cuyos versos, uno por uno, resultan como trazos de pincel.

Estais junto al mar, por una noche callada. La quietud os penetra, del reposo crepuscular, la luna riela al compás de

las olas, iluminando suavemente el paisaje. De repente se esconde detrás de una nube y reina momentánea oscuridad. Oid.

PAISAJE NOCTURNO

Calma. Luna de ensueño. Mar bruñido.
Cerca, en la playa que la vista encierra,
las olas, con monótono gemido,
tejen un fino punto de Inglaterra.

Forma, color, imagen y sonido,
lentamente se van: la noche cierra.
Descienden el reposo y el olvido
como tregua de Dios, sobre la tierra.

De pronto un nubarrón al astro llega
y la luz intercepta, que lo anega,
tenue, en un blanco resplandor sereno;

revive, entonces, el azul imperio,
y el momento parece inquieto y lleno
de silencio, de sombra y de misterio.

Una tarde, en Mar del Plata, le inspira lo siguiente:

Bate el mar, blandamente, la escollera;
rojo se pone el sol; declina el día;
se levanta del Sur la brisa fría;
flota sobre el Torreón una bandera

La campana, que el Angelus tañera,
hace poco, en la iglesia de María,
pareció que tocaba la agonía
de la tarde, muriendo en la ribera.

Las barcas arribaron a la playa
la luz se esfuma en la indecisa raya
del horizonte gris, azul y verde;

tiñe el cielo un reflejo de amapolas,
y una gaviota cruza, que se pierde,
en la cresta espumante de las olas.

De su poema «A orillas del mar» algunos de cuyos versos cité, al principio, entresaco estas descripciones:

La luz, jugando con las nubes, fragua
semblanzas de vestiglos y de enriagos,
mientras perdunan sus reflejos vagos
en la serena vastedad del agua.

O dibuja castillos almenados
Que defienden guerreros escarlatas,
o desfila soberbias cabalgatas
por la amplitud de los etéreos prados.

. . . . . .

Los tules nacarados del ocaso
desflecan, agitados por la brisa,
y a poco, en el crepúsculo ceniza
vuelvense fajas de cerúleo raso.
Alzan las olas su mugiente coro
y rítmicas avanzan a la playa;
tornasolándose, riela y desmaya
la vislumbre, en celeste, verde y oro.

. . . . . .

Y esta hermosa síntesis del Génesis:

Al principio eras tú ¡oh mar fecundo!
cuando en tu superficie conmovida
flotaba el gérmen de la Eterna Vida
y el hálito de Dios formaba el Mundo.

En el crepúsculo creador, enorme,
primordial y genético yacías,
y la bíblica Obra de los Días
trabajaba tu vientre multiforme.
El curso milenario de las horas
toldaba noches y encendía auroras.
Lentamente emergían de tu seno,

mudables y fangosos continentes,
y las primeras formas de vivientes
se desprendían del bullente cieno.

Ved estos dos sonetos: un paisaje de otoño y una vibración de primavera.

Ya el otoño, en el parque disminuído,
el verde de las frondas amortigua;
vierte la tarde gris su luz exigua
desde un cielo sin sol, empobrecido.

Este, que ha poco fué roble tupido,
calvo levanta una silueta ambigua;
de efímeras grandezas atestigua
hoy que no puede cobijar un nido.

Sopla la brisa, el bosque se estremece;
las hojas leves vuelen zigzagueando
al capricho del viento que las mece,

y luego por el suelo van rodando,
hasta que secas, en su triste ocaso,
agonizan, crujiendo, a nuestro paso.

OCTUBRE

Hoy, el cielo profundo reverbera,
y la mañana azul, tibia y florida,
difunde la alegría de la vida
y entona la canción de primavera.

Gorgea mi calandria, prisionera
en sus rústica jaula suspendida;
con un claro verdor, de savia henchida,
retoña, en mi balcón, la enredadera.

El aire, grávido de polen, vibra
y su mensaje fecundante libra;
bulle la fuerza que llamamos ciega

por ignorar su orientación sublime.
y la naturaleza hierve y gime,
como una hembra amorosa que se entrega.

Pero no solo tiene Sánchez Sorondo poesías descriptivas. También canta al mundo interior, y la ternura, la inquietud

espiritual, o la observación de la comedia humana, le arrancan sentidos acentos. No se si me excusará tales revelaciones, puramente literarias, por otra parte; pero los hombres de pluma somos inexorables.

Van estos ejemplos de sus distintas « maneras »:

Un día, un colega se le queja de la tiranía del adjetivo. ¿Y por qué no lo suprime?, le insinúa... Indignación consiguiente del literato que sospecha, con algun fundamento, que se quieren reir de él. Y mi amigo no tuvo más remedio que demostrarle, prácticamente, que era posible hacer versos y muy buenos, sin ningun adjetivo. De ahí el siguiente soneto satírico, humana explicación de tanta verborrea versificadora:

Escribir cien sonetos pretendiera,
con perdón de tus manes, Padre Lope,
porque estoy de sonetos hasta el tope
y debo despejarme la mollera.

Tentaciones me brinda la carrera;
es menester que tal parada cope,
Poeta se declara cualquier zope,
ya que los versos se hacen como quiera.

El tema abunda, y más que abunda, doña;
lo sublime codea a la patraña,
y es regla que si acaso, el adjectivo

por consonancia, trague al sustantivo.
¡Pero ¡no importa! si de vate o loco
todos tenemos ¿no es verdad? un poco.

Admirador de Rubén Darío, le ha tributado su homenaje en catorce versos que establecen la filiación poética del gran maestro y la influencia que en su talento tuvieron las tres épocas líricas, por él renovadas, « en la tierra del sol »:

A RUBEN DARIO

« Padre y maestro májico...»

Fuiste, a tu vez, el Májico Maestro,
el Portalira mítico, Panida...
y las Gracias sonrieron a la Vida,
cuando pulsaste, con amor, tu cestro.

En el puro cristal del Verbo, diestro
encerraste la rítmica Medida,
y la dulce Expresión, y la atrevida
Imagen de Belleza ¡oh Padre Nuestro!

El canto te arrulló de los aedas
que sabían de Cisnes y de Ledas,
y tu jardín secreto embalsamara

de la rosa latina la fragancia,
y en la tierra del sol, tierno brotara
el Lirio, que llevaste de la Francia.

He ahí otra cuerda. « Al margen del Romancero »:

¡Heraldo! Emboca tu clarín sonoro,
y convertido en voz tu rudo aliento,
al bronce arranca su estridente acento
y espárcelo en vibrantes notas de oro.

Atención y llamada. Junta el coro
a la defensa de la Cruz atento;
¡que presto flote mi pendón al viento
y todos me rodead, que viene el Moro!

Su guarida abandona de Alpujarras
la campiña asolando y las aldeas,
ya son nuestras riquezas sus preseas,

y sangre de cristianos, las moharras
de sus lanzas gotean. ¡Odio y saña!
¡Adelante! ¡Santiago y cierra España!

El soneto que se leerá a continuación, data de su primera juventud.

QUIZAS

Si en vez de ser la vida senda oscura
que debemos seguir de hito en hito,
fuera el espacio abierto al infinito
de un ensueño de amor y de ventura.

Si en vez de obedecer nuestra cordura
al canon que los hombres han escrito,
rompiéramos el círculo maldito
que aprisiona el querer y lo tortura.

Si en vez de simular indiferencia
para aquietar tu tímida conciencia,
clamase mi pasión con ansia loca,

quizás su ardiente soplo te abrasara,
y sobre el rojo incendio de tu boca,
lo que hoy no puede ser, se realizara.

No puedo, ciertamente, transcribir todas las poesías de Sánchez Sorondo. Con las que yo le conozco, podría, fácilmente, formar un volumen nutrido. Pero me perece haber dicho lo suficiente para demostrar que tiene un vigoroso temperamento poético, que concluirá, lo espero, por quebrantar su reserva, llevándolo a lo que me parece ser su verdadero destino: un exquisito hombre de letras.

Y no resisto al deseo de haceros conocer estos versos, inspirados los primeros, en un crepúsculo serrano de otoño en Ascochinga:

En el paisaje violeta
la tarde, triste, suspira:
es que ya marchitos mira
sus encantos de coqueta,
en el paisaje violeta
cuando la fronda se aquieta,
cuando la luz se retira;
en el paisaje violeta
la tarde, triste, suspira.

La luna, tímida, asoma
su redondez amarilla
diseñando la capilla
sobre la desnuda loma;
la luna, tímida asoma
en el cielo que se emploma;
globo de azafrán que brilla,
la luna, tímida asoma
su redondez amarilla.

Sobre el riacho susurrante
tiende, blanco, el puente viejo
un acento circunflejo.
Fulgen chispas de diamante.
sobre el riacho susurrante,
y tiene la onda cambiante
un irisado reflejo.
Sobre el riacho susurrante
hay un blanco puente viejo.

Se esfuma la sierra vaga
en el cercano horizonte;
su claridad en el monte
el cielo liláceo apaga;
pero el crepúsculo vaga,
sobre el Mogote bifronte.
Se esfuma la sierra vaga
en el cercano horizonte.

Y hay una tierna congoja
de indefinible dulzura,
en la lumbre que perdura
y el otoño que despoja;
hay una tierna congoja
en la flor que se deshoja
y en el agua que murmura;
hay una tierna congoja
de indefinible dulzura.

Suave tarde, evocadora
de misterio y de poesía:
tu declinante armonía
place a mi alma soñadora;
suave, tarde, evocadora
paz del día y de la hora
¡lánguida melancolía
de la tarde, evocadora
de misterio y poesía!

LA HORA EN QUE...

La brisa leve, que al pasar murmura
un coloquio secreto en la espesura
del bosque, trémulo de amor,
y poniendo una nota en cada hoja
lo concierta, en suavísima congoja,
con el cantar del ruiseñor.

El vaho de los campos, en reposo,
que esparce en su proceso misterioso
la gestación primaveral,
y perfuma y embriaga, como el vino,
y nos infunde, como un mal divino,
el fecundante ardor vital.

El sol, que como un cirio pálido arde
en el confin del cielo y de la tarde,
lánguido y próximo a expirar,
y tamiza su luz de azul violeta,
mientras desciende en la penumbra quieta
la dulce paz crepuscular.

Y hasta aquella ligera golondrina
que ha cruzado la atmósphera opalina
y entre las sombras se perdió;
la que emprendiera su animoso viaje
buscando el tibio arrimo del follage,
el tibio arrimo que dejó.

Son ecos de la voz del Universo
que en su lenguaje mítico y diverso
entona un himno a su Creador.
¡Escúchala! y en tanto que mi acento
acompañe la gloria del momento
y diga el triunfo de mi amor.

Oh momento inefable. Yo quisiera
fijar un punto su fugaz carrera,
omnipotente como Dios,
y sentir, otra vez, en cada fibra,
el hondo choque de pasión que vibra
y se desliza entre los dos.

Con todo. Sánchez Sorondo no publicará nunca sus versos. Porque es un decepcionado congénito, que siente hondamente la fragilidad, la inutilidad, la vanidad del esfuerzo humano « bajo el sol ». Así nos los confiesa, sin quererlo, en su « Melancolía »:

Reposo ven; no importa el nomble que te nombra,
con tal de que me traigas la dicha de no ser;
con tal de que perdido en tu calmante sombra,
olvide hasta la dulce fatiga de querer.

Vivir ¿para qué sirve? Silencio, tedio, hastío
son los saldos constantes de la felicidad;
el eco del pasado retumba en el vacío,
y entre palabras huecas cruza la Humanidad.

Ensueños y esperanzas, alada poesía,
gloria de capitanes, gritos de la jauría,
torturas de la mente, falacia del amor;

notas de un canto efímero que muere con el día,
el estertor idéntico de mísera agonía
vuestra derrota o triunfo nivela en el dolor.

Y declaro, honestamente, que he violado un secreto de amistad.

JEAN PAUL.

(« Fray Mocho », de Buenos Aires).

* * *

TRAÇOS SOBRE OS JESUITAS

A acção dos jesuitas na grande obra da civilisação brazileira — ainda está na historia patria para ser devidamente estudada em seus menores detalhes.

Quando se estuda a sociedade colonial dos primeiros tempos, sente-se naturalmente o mais vivo interesse — e interesse de tal ordem — que tudo se nos afigura deficiente, tendo-se em vista a grandeza do quadro daquella phase de conflictos entre a moral indigena e o desregramento de costumes dos colonos.

Foi sob esse scenario, máo grado todas as accusações que lhes fazem, que os padres jesuitas vieram para o Brasil.

Desde o primeiro contacto com o selvicola e com os colonos, cuja conducta pouco differia da dos proprios donatarios, maioraes da terra e até magistrados — foi, luctando contra a licenciosidade geral, que os jesuitas começaram a reagir abertamente, « com uma firmeza, renunciamento, uma coragem — commenta Rocha Pombo (*Historia do Brasil*, III vol., pag. 429) — de que só era capaz a alma stoica

daquelles homens que traziam para aquelle cahos a consciencia e a voz da civilisação christã».

Felizmente a figura malsinada do jesuita, vae sendo pouco a pouco rehabilitada — porque a nossa historia está sendo melhor estudada e outras são as fontes de consulta dos contemporaneos.

Isso não quer dizer que os padres da Companhia de Jesus fôssem isentos totalmente, descriminados de culpas — naquelle ambiente de erros e malquerenças, elles que eram combativos e intolerantes — mesmo porque a missão da catechese e de dominio era a mais formidavel que se póde imaginar e, certamente lhes dava ensejo á intransigencia nas causas que defendiam.

Cumpriram as mais das vezes o mais nobre e o mais heroico dos deveres determinados pela nobilissima funcção historica que tinham a exercer no Brasil mysterioso, desde a descoberta, e, se nem sempre fôram justos e moderados, sem duvida tiveram salutar ascendencia nos destinos da rica colonia de Portugal na America.

Diz-se de ordinario que os padres da Companhia empregaram enormes cabedaes, accumulados pelo regimen usurpador que adoptaram.

Julguemos com serenidade esta e outras accusações e tenhamos em vista o desapreço que por aquelles tempos se ligava a uns tantos principios moraes.

O contrabando imperava por toda parte.

Para evitar descaminhos de dinheiros e objectos da fazenda real, no grande seculo da descoberta foi creada a Superintendencia Geral dos Cofres Reaes. A provisão do governador geral Manoel Telles Barreto — de 4 de junho de 1583, da cidade do Salvador da Bahia — procurava acautelar o erario contra abusos e descaminhos praticados por pessoas da nobreza, os «homens bons» do tempo, protegidos por familias poderosas e morgadios.

As ambições eram desenfreiadas, já no seculo XVI; uma ganancia desbragada de lucros dava largas ensanchas a especulações, ao ponto de inventar-se o bom negocio de vender a prazo para vender melhor, convencionando se pelo dobro, embora fazendo as liquidações judicialmente.

Demandava-se « por dá cá aquella palha » — e este traço do viver colonial dos primeiros annos está expresso na carta do padre Antonio Blasquez, ao Geral da Companhia, em 3 de abril de 1558 — quando diz: — « o mais pernicioso de todos os abusos é o das demandas com que a terra toda andava revolta ».

Convenhamos que os jesuitas tiveram terriveis adversarios — e que destes ainda conserva a tradição oral noticias deturpadas e conceitos falhos e sem segura base.

O Brasil possúe ainda hoje, na sua principal cidade, vestigios das obras executadas pelos loyolistas e, dos seringaes amazonenses ás planuras sulistas se encontram traços da poderosa acção da bem organisada sociedade religiosa, combatida sem treguas, mais por espirito da concorrencia que a todos fazia — do que propriamente por idéa de justiça e liberalismo.

No começo do seculo XVIII em que mais forte foi a acção dos jesuitas em Portugal e no Brasil, intervindo na sociedade civil, a ironia demolidora de um dos scintillantes historiadores portuguezes — pinta a côrte de Lisboa aos boléos com os padres da Companhia, nestas linhas:

« O palacio era um convento. O rei esposo feissimo, com um aspecto de idiota, o olhar esgazeado, a peruca desgrenhada, parecendo bebado, era um sachristão ou cousa nenhuma, o ente que piedosamente fôra encarregado de dar herdeiros á corôa.

« Por toda parte se murmuravam *terços* e havia santos por todos os cantos, em oratorios e nichos, com vellas e lampadas accesas.

« O exercito era uma confraria... o paço venerando o milagre, despachava o santo ».

E' bem verdade que as intrigas nos palacios, nas camaras e nas igrejas proseguiam — mas não constituiam armas só por jesuitas usadas.

Era a vesania da época.

Autores que tratavam da vida e das obras dos padres de Jesus são accordes em traçar a influencia funesta que na administração publica elles exercitavam, mas para isso eram

chamados e se achavam deslocados do seu sacerdocio, todo elle de ordem espiritual.

Duas cousas, porém, ficaram para sempre intangiveis no julgamento historico e na glorificação daquelles admiraveis collaboradores da grandeza brasileira: — a defesa do indio, a opposição systematica a que se o escravisasse e os inestimaveis serviços prestados á instrucção do povo.

Guerreados e perseguidos — uns dentre elles diffamavam os adversarios e disto não escapavam outras ordens religiosas os soberanos e até os pontifices.

Nessa corrente de accusações — muitas das quaes menos verdadeiras ou exaggeradas — a chronica historica regista a lucta entre a Camara do Rio de Janeiro e os padres do collegio.

Levaram por vezes ao conhecimento real queixas de cidadãos contra os vereadores.

Infundiam terror e as excommunhões eram sediças. Não recordam os extremados adversarios dos loyolistas que elles no collegio do Rio de Janeiro davam gráos scientificos e litterarios, além dos theologicos. Os afamados mestres de artes, das classes de officios — que a cada passo o estudioso de cousas historicas encontra citados na rebusca de papeis antigos, sahiam diplomados da casa conventual do Castello.

« Para derramar na alma dos dicispulos as sãs virtudes da fé e da caridade, compunham elles romances ou antes balladas, todas baseadas na moral christã ». (Moreira de Azevedo — *Instrucção publica nos tempos coloniaes:* — tomo 55, pag. 142 da *Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*).

Despertavam o enthusiasmo pela musica, cultivando-a. Realçando a educação dos indios e a influencia da musica neste sentido o padre Manoel da Nobrega dizia:

« Com a musica e harmonia atrevo-me a attrahir a mim todos os indios da America ».

O theatro teve tambem entre os jesuitas.

No Rio de Janeiro, os padres da Companhia, a exemplo de Anchieta, faziam representar no collegio do Castello peças e chistosas comedias.

Mestres illustres pelo saber, educados na disciplina das regras religiosas da Companhia de Jesus, especialisavam-se em determinadas doutrinas; eruditos do tempo, os jesuitas educaram os maiores talentos que tanto concorrêram para o engrandecimento das lettras e das artes nos seculos XVII e XVIII.

Elles se preoccupavam com questões da linguagem indigena; os padres doutos da Companhia estudaram as linguas *tupy* e *guarany* e das oriundas do *Kiriri,* segudo Couto de Magalhães.

Eram versados em latim e dentre os seus bons escriptores havia-os classicos com o sabor do classicismo quinhentista.

Mas esses beneficios na ordem intellectual, é forçoso admittir-se, não fôram completos.

« A educação jesuita — diz Oliveira Martins (*Historia de Portugal*) — produziu duas especies de caracteres que, ás vezes, quasi sempre, se viam reunidos na mesma pessoa e que imprimiram na physionomia do XVIII seculo um cunho ainda não de todo apagado em nossos dias: — a brutalidade soêz e a parvoice carola ».

Nas aldeias do reconcavo do Rio de Janeiro eram accusados os padres do collegio de ter vida dissipada e a elles attribuiam actos da mais requintada immoralidade.

São de recente data interessantes chronicas do Dr. Vieira Fazenda n'*A Noticia*, confirmando, com documentos, referencias de outros historiadores.

« O prestigio dos jesuitas — pondéra Felisbello Freire (*Historia da cidade do Rio de Janeiro*) — assumiu taes proporções nos actos politicos da metropole que alcançaram a primeira lei de emancipação dos indios, de 30 de junho de 1609, contra a qual toda a colonia protestou. »

Contavam com grande apoio. A familia dos Sás — os Salvadores e parentes, — fizéram com elles, em muitas occasiões, causa comum.

Ao ser annunciada no Brasil a bulla do papa Urbano VIII, a favor dos indios, a Camara e povo do Rio de Janeiro sahiram com embargos, produzindo isto grande contenda com

os jesuitas. Accordaram depois, Camara e povo, jesuitas e o governador Salvador Correia de Sá e Benevides.

Com intuito de diminuir o poder dos padres procurou a Camara do Rio de Janeiro intervir na administração dos indios de S. Lourenço e S. Barnabé, no districto e reconcavo da cidade e que estavam sob a direcção dos religiosos. Expediu o Ouvidor Geral, em 1676, ordens severas a respeito e que constam da *correição* desse anno (*Rev. do Archivo Municipal* — junho de 1896). Mais tarde, aos indios do Rio de Janeiro fôram concedidas certas regalias e instituidas penalidades, de conformidade com o *directorio* observado nas povoações de indios do Pará e Maranhão.

Innumeras fôram as demandas e quizilias que sustentaram os padres de Jesus.

Desde os primeiros tempos da fundação da cidade do Rio de Janeiro estavam seus moradores habituados a se utilisarem dos mangues — fonte inexgotavel da natureza, diz Balthazar Lisboa — creada para alliviar a miseria da pobreza; pois que, com exhuberante fecundidade subministrava sem trabalho, o marisco das ostras, as moreiras, os caramurús, os carangueijos e serys, a lenha e madeira para suas chóças.

Destes recursos naturaes pretenderam os jesuitas excluir o povo, allegando serem os mangues de sua exclusiva propriedade.

De envolta com esses factos, outros surgiram, na lucta entre o poder civil e o dos jesuitas, dos quaes foi dos mais importantes o occasionado pela demarcação das sesmarias da Camara, que aquelles religiosos embargaram, por pretenderem maior extensão de terras para as suas sesmarias.

Numa recente e erudita monographia sobre a *Instrucção Publica no Brasil*, com os valiosos commentarios do consumado especialista da estatistica que é Oziel Bordeaux Regol, encontramos calorosas palavras á obra ingente dos jesuitas em pról do ensino, e que completam, nesse particular, detalhes de outros escriptores, notadamente o Sr. Pandiá Calogeras — no trabalho a que denominou — *Jesuitas e o Ensino*.

A *Historia da Companhia de Jesus*, do padre Simão de Vasconcellos, deve ser o ponto de partida para uma obra

completa no todo e em seus pormenores sobre os jesuitas, cuja acção foi por seculos — a do trabalho, da lucta e da intelligencia, contra o meio hostil dos primeiros tempos do Brasil.

NORONHA SANTOS.

(A Evolução).

1540 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

de 1530, trouxe a noticia de como Sebastião Cabot, o descobridor do Paraná e do Paraguay, voltara á Hespanha, depois de descobrir uma nova terra na America do Sul e assim tambem, explicava o motivo por que o Rio de Solis merecera o nome de Rio da Prata. Essa carta foi uma scentelha electrica: o governo portuguez resolveu passar adeante dos Hespanhoes e tomar posse do Rio da Prata. De todos os lados se apresentavam voluntarios para tomar parte na expedição e, em breve, estava apparelhada e fundeada no ancoradouro de Lisboa uma esquadra de 5 naus, montadas por 400 homens. Martim Affonso foi nomeado, em 20 de Novembro de 1530, almirante dessa esquadra e, ao mesmo tempo, governador da nova colonia, com poderes extraordinarios. Elle devia tomar posse de todo o paiz até a linha de demarcação alludida na convenção, se bem que essa linha não estivesse ainda perfeitamente definida; proceder ás necessarias divisões territoriaes; distribuir os cargos administrativos; e exercer, a justiça civel e a criminal, de cutello e baralho, salvo para os fidalgos. Além disso cabia-lhe fazer concessões de terras a todos que as solicitassem, mas essas concessões (sesmarias) deviam constituir feudos vitalicios, porém somente pessoaes e não hereditarios.

No ultimo dia de Janeiro de 1531 chegou essa esquadra á vista do Cabo de Santo Agostinho e fundeou em frente á feitoria de Pernambuco, em cujas aguas appareceram, logo nas primeiras semanas, tres barcos contrabandistas francezes que foram perseguidos e capturados. Souza dividiu a sua esquadra: uma das presas partiu para Portugal com os prisioneiros; duas naus ao mando de Diogo Leite foram incumbidas de seguir a costa em direcção norte e de levantar, nos pontos convenientes, marcos indicativos da tomada de posse, — incumbencia que levou Leite desde o Cabo Santo Agostinho até a Bahia de Gurupi, limite entre as Provincias de Maranham e do Pará; da Bahia de Gurupi Leite regressou directamente a Lisboa. — Souza dirigiu-se para o sul com os outros navios e, em primeiro logar aportou na Bahia, onde encontrou o mais amistoso acolhimento. E' que la vivia, havia já 22 annos, um naufrago portuguez, Diogo Alvares, que

se casara com uma India (Paraguazu, ou Catharina, pelo seu nome de baptismo) e gozava de grande prestigio entre as tribus visinhas. Alvares foi a bordo da nau capitanea acompanhado de numerosa familia e dos principaes chefes, presenteou o almirante com viveres, ficando, sob a sua protecção alguns colonos, providos abundantemente de sementes, afim de verificar para que especie de cultura servia aquella terra. Dahi Souza se fez mais ao sul e alcançou, no dia 30 de Abril, a bahia do Rio de Janeiro, onde resolveu demorar-se algum tempo. Construiu-se um casarão fortificado e cercado de trincheiras e ao lado uma ferraria; os navios foram reparados e aprovisionados, emquanto alguns espiões percorriam a região circumjacente, procurando relacionar-se com os chefes indigenas. Só a principios de Agosto é que continuaram a viagem, fundeando a esquadra, poucos dias depois, a 12 de Agosto, na enseada de Cananéa (Provincia de São Paulo).

Enconraram ahi, novamente, um pequeno bando de colonos europeus, entre elles um bacharel portuguez, que havia 30 annos, aportara com Vespucci e lá ficara; e, quando se informaram com aquella gente onde se achava a rica mina de prata, apresentou-se Francisco Chaves que se compromettia, caso lhe dessem 80 homens bem armados, a trazer dentro de dez mezes 400 escravos carregados de ouro e prata. Souza deixou-se seduzir por essa proposta leviana e extraordinaria e permittiu que se chamasse 80 voluntarios a cuja frente Francisco de Chaves se internou a 1 de Setembro de 1531, talvez com a intenção de alcançar as faldas da Cordilheira que se diziam tão ricas em metaes preciosos. Mas, em vão os esperaram na época marcada para a sua volta, e passaram-se muitos annos até que os Portuguezes souberam que a tropa toda havia sido trucidada traiçoeiramente pelos indigenas da Provincia de Paraná, perto das cachoeiras do rio Curitiba ou Iguazú.

Emquanto a esquadra de Martim Affonso de Souza estava fundeada ergueu-se o mais antigo monumento de origem européa que existe no Brasil. Ha, na entrada da enseada de Cananéa, tres marcos, de quatro palmos de altura sobre tres de largura e um de espessura, de marmore europeu da especie que se encontra frequentemente nas formações vul-

canicas dos arredores de Lisboa. Nelles estão gravadas as armas portuguezas, os cinco escudos em cruz e, em cada um delles, cinco quinas, formando a cruz de Santo André; mas falta a orla do escudo com as sete torres e não parece que houvesse jamais existido uma inscripção. Não ha duvida que esses monumentos deviam indicar a posse, porém era natural que a falta de uma data désse motivo á discussão sobre qual seria dos primeiros descobridores o que erigira os marcos, se Martim Affonso de Souza em 1531 ou já Americo Vespucci em 1502 ou 1503.

A esquadra portugueza suspendeu, finalmente, ferros a 26 de Setembro de 1531, a fim de seguir, da enseada de Cananéa, para o seu destino, o Rio da Prata; mas uma terrivel tempestade assaltou os navegadores na altura da fronteira actual entre o Brasil e o Uruguay; um bergantim perdeu-se, a nau capitanea encalhou e dois outros barcos ficaram tão avariados que se não podia arriscar afrontar com elles as aguas revoltas do Prata, sem contar que já iam faltando as munições de bocca. Esses motivos levaram o conselho de guerra, reunido por Martim Affonso de Souza, a desistir da colonisação do Rio da Prata; só um bergantim, montado por 30 homens e commandado por Pero Lopes de Souza, irmão do almirante, subiu aquelle rio e se internou muito acima da embocadura do Uruguay no Paraná, onde procedeu ao levantamento de varios marcos, para assim solemnisar a sua posse pela corôa de Portugal (23 de Novembro a 26 de Dezembro de 1531). Entrementes reconheceram os pilotos da esquadra, por observações astronomicas, que o Prata estava do lado hespanhol da linha de demarcação. Em todo caso o governo portuguez nunca mais reclamou aquelles territorios, nem tentou colonisal-os. Martim Affonso de Souza seguiu para o norte, assim que seu irmão regressou, a fim de procurar um logar conveniente para um estabelecimento, dentro dos limites das possessões incontestavelmente portuguezas. Afinal alcançaram a bahia de São Vicente (Provincia de S. Paulo), em 21 de Janeiro de 1532, e ahi encontrou Martim Affonso outro Portuguez, de nome João Ramalho, que havia já vinte annos vivia no meio dos selvagens. As informações precisas daquelle homem, « elle encontrara alli uma terra e um clima

que faziam lembrar Coimbra, sua patria », o aspecto pittoresco do paiz, rico em aguas e mattas e dominado por uma serra escarpada, enfim o excellente ancouradouro que offerece a enseada protegida por duas ilhas, as de São Vicente e Santo Amaro —, todas essas considerações levaram o almirante a deter-se nesse ponto e a fundar a primeira colonia regular destinada á lavoura. Construiram duas aldeias, a de São Vicente, na pequena planicie da ilha do mesmo nome, e a outra, no continente, junto da aldeia indigena, onde morava Ramalho com a sua numerosa familia e seus alliados, e cujo nome Piratininga, passou para a aldeia européa. A capital da Provincia, São Paulo, está hoje mais ou menos no mesmo logar e só um rio que corre na visinhança conservou o nome indigena. O almirante dividiu por essas duas aldeias os colonos que se achavam a bordo, concedendo-lhes sitios para construcções e pastagens communs, e para cada um delles uma sesmaria de terras. Elle nomeou parochos e juizes, um concelho administrativo e, em summa, organisou as duas colonias no religioso e no politico inteiramente nos moldes portuguezes; e, do mesmo modo, vigoravam na colonia as leis e ordenações da metropole.

Emquanto Martim Affonso de Souza administrava São Vicente a seu talante, seu irmão Pero Lopes de Souza fez vela para latitudes mais septentrionaes onde se lhe offereceu logo occasião para defender com as armas os direitos de Portugal. No verão de 1531 o almirante francez, Barão Bertrand de Saint Blancard, que commandava no Meditterraneo, ordenara que se apparelhasse um navio, *La Pélerine*, de 18 canhões, com 120 homens de tripulação, confiando o seu commando a Jean Duperret. Esse navio appareceu na feitoria de Pernambuco e apezar de tenaz resistencia dos seis guardas portuguezes, auxiliados pelos indigenas, se apoderou desse posto importante. Os Francezes construiram um bom forte que guarneceram com 70 homens e após uma estadia de varios mezes regressou a *Pelérine* á mãe patria com um rico carregamento. Está claro que com tão forte estabelecimento não tencionavam os Francezes satisfazer unicamente ás necessidades de um commercio passageiro, mas sim constituir um nucleo colonial francez duravel, que acabaria

por pôr em segundo plano não só a colonia de São Vicente, mas tambem os direitos de Portugal sobre o Brasil. Porém Pero Lopes lhes baralhou o jogo. Em cumprimento de ordens recebidas, ou por accaso, o facto é que elle fundeou, em Dezembro de 1532, com varios navios, deante do forte de Pernambuco, que foi obrigado a render-se depois de 18 dias de sitio e bombardeio. Dizem os Francezes que da guarnição, vinte homens foram enforcados, dois abandonados aos anthropophagos e os outros algemados para serem entregues ás justiças portuguezas. Feito isto deixou Pero Lopes parte de suas tropas no forte conquistado, voltando elle proprio, em principios de 1533, para Lisboa com o despojo e os prisioneiros (1). Seu irmão Martim Affonso de Souza não tardou em seguil-o, tendo já terminados os primeiros trabalhos de installação da colonia São Vicente, encarregando Gonçalo Monteiro de o substituir.

Portugal possuia portanto dois estabelecimentos de alguma importancia e futuro na costa do Brasil: ao norte a feitoria de Pernambuco e, ao sul, os nucleos agricolas de São Vicente e de Piratininga (Provincia de São Paulo). Nada mais se adeantou. A expedição dos irmãos Souza tinha-se apromptado com tanta pressa que o Governo ainda nada havia deliberado relativamente á questão colonial, e só muito depois da sua partida, em 1532, tomou a corôa uma resolução definitiva. O systema de colonisação então adoptado, foi o proposto em 1527, por Christovam Jacques e Diogo de

(1) Já em 15 de Agosto de 1532 tinham naus portuguezas, que cruzavam no estreito de Gibraltar capturado e declarado boa presa o navio *La Pelérine*. O seu proprietario, o Barão de Saint Blancard, apresentou uma reclamação em Pariz. As reclamações se referiam tambem aos navios enviados ás costas brasileiras e ahi capturados, exigindo os armadores da Bretanha que lhes dessem cartas de corso contra Portugal, para tirarem compensações immediatas. Essas cartas foram concedidas em muitas occasiões por Francisco I e deram origem a longas desavenças entre os dois reinos, que acabaram firmando um accôrdo, pelo qual se constituiu uma commissão mixta franco-portugueza, incumbida de julgar as reclamações, satisfazendo as que fossem achadas justas. Mas, com o tempo, voltou-se a situação antiga e a costa brasileira, como já dissemos, continuou entregue a uma concorrencia de vida ou morte.

Gouvêa, e já empregado com exito nas ilhas da Madeira e dos Açores, e que outras nações imitaram mais tarde para a colonisação da America do Norte: o continente brasileiro seria dividido entre feudatarios, com o nome de donatarios, os quaes deviam vassalagem á corôa portugueza pelo territorio doado, colonisando-o exclusivamente á sua custa (2).

O primeiro projecto, segundo consta de um Foral de El-Rei, datado de 28 de Setembro de 1532, foi que cada donatario devia ter direito a 50 legoas de costa, exceptuando-se Martim Affonso de Souza a quem foram doadas 100 legoas; pouco depois emendou o Governo esse acto, de maneira que a cada feudo, ou « Capitania », como foram denominadas, correspondia uma frente sobre o Atlantico, em proporção com a graça de que gozava o donatario na côrte, ou com os meios de que elle pudesse dispôr para a colonisação de suas terras. Ainda estavam preoccupados com a redacção desse documento quando chegaram a Lisboa os irmãos Souza, a quem pediram o seu parecer, sendo então expedidos os Foraes respectivos, os quaes foram entregues aos agraciados em Abril e nos mezes subsequentes de 1534. Em cada patente vinham discriminados o comprimento da faixa maritima e, approximadamente, os dois pontos da costa que limitavam, ao norte e ao sul, os dominios da Capitania, da qual faziam parte todas as ilhas situadas a leste entre os mesmos parallelos e a 10 legoas de distancia maxima da costa, e para oeste todas as terras que se extendessem até a linha de demarcação com os dominios hespanhoes. Assim ficou o Brasil dividido em uma serie de longas secções, todas parallelas entre si.

Eram ao todo doze donatarios, porém o numero de capitanias subia a quinze, porque os dois Souza, como premio pelos seus trabalhos no Brasil, foram doados mais generosamente, cabendo a um delles duas capitanias e ao outro tres. Esses territorios se succediam ao longo da costa brasileira mais ou menos do seguinte modo:

1 e 2. A primeira das tres capitanias de Pero Lopes de Souza começava no extremo sul, na enseada da Laguna, ter-

(2) Do mesmo modo dividiram-se, mais tarde, a Nova Hollanda entre « Patronos » hollandezes, o Canadá entre « Seigneurs » francezes, e a Carolina entre « Condes » inglezes.

minando na bahia de Paranaguá e continha a costa e as ilhas da actual provincia de Santa Catharina. A segunda extendia-se ao longo da costa da provincia de São Paulo, desde a ilha de Santo Amaro até o rio Iuquiriquerê, justo ao norte da ilha de São Sebastião. Ambas as capitanias tinham o nome de Santo Amaro e comprehendiam um littoral de 50 legoas. (Foral de 1 de Setembro de 1534).

3 e 4. No meio dos dominios de Pero Lopes, isto é, na costa de São Paulo e do Paraná, entre a bahia de Paranaguá e a ilha de São Vicente, inclusive, estava a primeira capitania de Martim Affonso de Souza; a segunda ficava mais ao norte, desde o rio Iuquiriquerê até o porto e cidade de Macahé, e encerrava a magnifica bahia do Rio de Janeiro e quasi toda a provincia desse nome. Essa dupla capitania, cujo littoral tinha um desenvolvimento de 100 legoas, recebeu o nome de São Vicente, que era o do mais antigo estabelecimento fundado por Martim Affonso em 1532. (Foral de 20 de Janeiro de 1535).

5. Do porto de Macahé, provincia do Rio de Janeiro, até, mais ou menos, o rio Itapê Mirim, provincia do Espirito Santo, era, com 30 legoas de frente sobre o Oceano, a capitania de São Thomé, tambem chamada da Parahyba do Sul, por causa de um rio que lhe fica visinho e tambem Campos dos Goitacazes em honra aos seus habitantes primitivos. Ella foi concedida a Pero Goes, um dos companheiros dos irmãos Souza, na sua expedição, porém mais celebre ainda por ter sido irmão do historiador portuguez daquella época, Damião de Goes.

6. A proxima capitania, Espirito Santo, situada na actual provincia de egual nome, entre os rios Itapê Mirim e Mucury, com uma costa de 50 legoas, foi doada, em 1 de Junho de 1534 ao fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, para recompensar os serviços por elle prestados nas Indias Orientaes.

7. Seguia-se a capitania de Porto Seguro, tambem de 50 legoas de frente, toda ella dentro da actual provincia da Bahia, cujo donatario foi Pero do Campo Tourinho, rico proprietario rural do norte de Portugal (27 de Maio de 1534).

8. Outras 50 legoas ao longo da Bahia até as proximidades da Bahia de Todos os Santos correspondiam á capi-

tania dos Ilhéos, assim chamada por causa das pequenas ilhas deshabitadas situadas perto do seu littoral. Ella foi concedida ao Secretario de Estado da Fazenda, Jorge de Figueiredo Correia.

9. O proximo donatario era Francisco Pereira Coutinho, um official que se illustrára nas guerras das Indias Orientaes. Elle recebeu o resto da costa da Bahia e toda a da provincia de Sergipe até a foz do rio São Francisco, denominando-se essa capitania Bahia por causa do seu principal porto, a esplendida bahia de Todos os Santos.

10. Duarte Coelho, que tambem batalhára gloriosamente no Oriente, foi agraciado com a seguinte capitania que recebeu o nome de Pernambuco, que era o da feitoria fortificada situada no centro das suas terras, as quaes se estendiam por 60 legoas, desde o rio São Francisco até o rio Igarazú, ao longo da costa da actual provincia da Alagoas e de Pernambuco. (Foral de 2 de Outubro de 1534).

11. Confinava ao norte com a capitania de Pernambuco a terceira capitania de Pero Lopes de Souza, com um littoral de 30 legoas, e comprehendendo, portanto, a maior parte da actual provincia da Parahyba e a fertil ilha de Itamaracá, que lhe deu o seu nome e hoje faz parte da provincia de Pernambuco. (Foral de 21 de Janeiro de 1535).

12. Dois outros donatarios, João de Barros, estimado historiador da Asia portugueza, e Ayres da Cunha, official cheio de serviços nas campanhas asiaticas, associaram-se para colonisar as capitanias que lhes haviam sido concedidas. (Foral de 18 de Junho de 1534), e cuja posse tambem lhes devia ser commum: elles possuiam, portanto, dois feudos, esse e outro de que fallaremos mais abaixo. O primeiro desses feudos era limitrophe da capitania de Itamaracá e tinha uma frente de 100 legoas nas actuaes provincias de Rio Grande do Norte e do Ceará: seguiam-se-lhe:

13. A capitania de Antonio Carlos de Barros, com 40 legoas na costa norte do Ceará;

14. A capitania de Fernando Alvares de Andrade, mais tarde Grande Thesoureiro de Portugal, com 75 legoas ao longo da costa do Piauhy e do Maranhão; finalmente

15. A segunda capitania de João de Barros e Ayres de

Souza, com 50 legoas ao longo das provincias do Maranhão e do Pará, a qual attingia ao norte, como a de Santo Amaro ao sul, a linha de demarcação, acceita em 1494. Assim, pois, tinha sido doado todo o littoral brasileiro, tanto quanto elle, pertencia, naquella época, a Portugal.

Consideremos agora como os foraes de doação e outros constituiam os fundamentos do direito publico nas capitanias brasileiras. Em primeiro logar a Corôa exigiu, naturalmente, a homenagem de vassalagem, e reservou-se o direito de approvação para cada transferencia de posse; os direitos de exportação e de importação; o monopolio das drogas e especiarias; o quinto de todas as pedras e metaes preciosos e, finalmente, a dizima de todos os productos, que, de accordo com o velho direito canonico, era destinada ao estabelecimento e manutenção das egrejas. Ao donatario, cujo titulo official era capitão e governador, assistia o direito de legar a sua capitania, não só aos seus successores na linha varonil, mas tambem na feminina e tanto aos collateraes como aos bastardos. Se elle desrespeitasse as leis do reino na sua capitania, esta passava, sem forma alguma de processo ao mais proximo herdeiro, porém, em caso de trahição á patria, tinha a corôa o direito de confiscação da capitania. Vê-se, pois, que, em suas linhas geraes, havia sido transplantada para o territorio brasileiro a velha constituição feudal, se bem que sob uma forma mais branda. Aos donatarios foram concedidos os seguintes privilegios: a decima do quinto real das pedras e metaes preciosos; um vigesimo da renda do imposto sobre pescaria e sobre o pau brasil até a lei de 5 de Maio de 1557; o monopolio das salinas; dos moinhos e rodas d'agua, etc., que se construissem a partir daquelle prazo, a menos que lhes pagassem uma contribuição em dinheiro para lhes comprar assim o direito de exportação. Elles podiam escravisar os gentios, empregando-os nos seus dominios e nos seus navios, e, assim tambem, remetter annualmente um certo numero delles para serem negociados na praça de Lisboa onde entravam sem pagar direitos aduaneiros; enfim era permittido aos donatarios reservar para si, exclusivamente, dentro dos limites da sua capitania a propriedade de 10 legoas de costa, sob a condição de que essa propriedade não consti-

tuisse um bloco unico, mas que se dividisse em 4 ou 5 partes, separadas umas das outras por terrenos alheios que medissem, no minimo, duas legoas de frente. Por sua vez os donatarios, na sua qualidade de senhores feudaes, tinham poderes para conceder sesmarias, fundar cidades, dotal-as com a magistratura e privilegios proprios, nomear funccionarios publicos, forenses e militares, podendo exercer a sua influencia até na eleição do concelho municipal, por isso que lhes competia o direito de revisão das listas eleitoraes e o de veto depois da eleição. A extensão da sua justiça era assim limitada: no criminoso ella ia até a morte para os peões, os escravos e os gentios, mas, para pessoas mais altamente collocadas só até 10 annos de prisão e 100 cruzados de multa; nessa instancia não havia appellação. No civel só se admittia a appellação quando a multa excedia de 100$000. A justiça era applicada conforme as Ordenações do Reino, que o Rei D. Manoel o Grande havia mandado compilar em 1521, e as quaes passaram, em grande parte, na sua redacção posterior, datada de 12 de Janeiro de 1603, reinando D. Philippe, até a época actual. Enfim a Corôa concordou em não se metter em questões judiciarias da colonia; nenhum donatario podia ser suspenso ou condemnado sem comparecer deante de El-Rei e por elle ser ouvido; ella prometteu nunca enviar á capitania magistrados com quaesquer plenos poderes, mas reservou-se o direito de lá ter seus arrecadadores do imposto metropolitano.

A Corôa de Portugal não se contentou em renunciar a quasi todos os seus direitos no Brasil, reservando-se, apenas, uma especie de protectorado sobre os donatarios tão bem providos de privilegios e, por assim dizer, independentes, ella foi alem e abandonou, quasi sem protecção, entre as mãos dos governadores hereditarios os colonos, tanto os fidalgos como os peões. Os direitos que assistiam aos colonos se limitavam a comprar e possuir sesmarias, sem que o Governador hereditario pudesse ferir os seus direitos adquiridos, quer em seu proveito proprio, quer no dos seus parentes; elles podiam, passar de uma capitania para outra, e só a elles era facultado negociar com os indios; alem disso a capitania valia de couto e homisio para qualquer emigrante e nenhum dos seus habitantes podia ser chamado á responsabilidade por

crimes ou delictos commettidos em outros paizes. Os unicos impostos eram pagos em especie, sendo: ao rei o quinto das pedras e metaes preciosos, á egreja a dizima de todos os productos, e ao governador o vigesimo da pesca e do pau brasil; em compensação ficavam os colonos isentos de impostos indirectos sobre o sal, sobre a importação e a exportação, e só deviam o costumado imposto fiscal quando vendiam os seus productos nos mercados portuguezes. Quanto aos direitos politicos eram os mesmos de que elles gozavam na mãe patria, apenas com a restricção da influencia exercida pelos donatarios nas eleições municipaes.

A principal condição para ser colono era a fé christan, e unicamente os christãos, — e christão em Portugal só era o catholico, — podiam possuir sesmarias. Porém, não houve, no principio, relativamente á nacionalidade o menor impedimento e os catholicos estrangeiros podiam emigrar para o Brasil e lá se estabelecer, negociando mesmo na cabotagem desde que pagassem 10 % do valor das suas mercadorias como imposto aduaneiro e não entrassem em transacções commerciaes com os indigenas ainda mesmo que o fizessem em companhia de subditos portuguezes. Essa condição que creava uma situação tão desfavoravel para o negociante estrangeiro, tornava-se, na realidade, prohibitiva desde que apparecesse o concorrente portuguez, acabando a corôa de Portugal por fazer, em fins do seculo XVI, da exclusão de todos os estrangeiros o seu systema de governo no Brasil.

A primeira organisação do Brasil mostra-nos, como num espelho, os principaes traços que caracterisam a sua evolução, quer os bons, quer os maus, e que, em parte, ainda perduram até hoje, isto é, a intolerancia religiosa, a desconfiança dos estrangeiros e a consequente falta de liberalismo; — a tendencia para reunir immensos latifundios nas mãos de um só homem, o qual não pode esperar fazel-os prosperar, nem mesmo que tal aconteça após algumas gerações da sua descendencia, emquanto que innumeros colonos continuam a trabalhar, sem contar com a menor protecção dos seus patronos e sem ao menos nutrir a esperança de possuir algum dia a sua herdade; reduzidas liberdades municipaes em antithese com a prepotencia do poder provincial; enfim um go-

verno central tão fraco, que, estatuindo para cada provincia uma administração e assistencia judiciarias independentes, permitte, no entanto, que cada uma dellas se desenvolva a seu talente, tendo por base geral as instituições portuguezas e assim favorece uma forte autonomia provincial, cuja consequencia será, necessariamente, a monarchia federativa.

Logo depois de terem recebido as suas patentes providenciaram os donatarios, com a maior pressa, para tomar posse das suas capitanias e colonisal-as, de modo que sahiam successivas flotilhas com emigrantes para os diversos portos do Brasil. Um só donatario, o da 13ª capitania, Antonio Cardoso de Barros, que aliaz tinha sido contemplado com uma nesga de terra ao longo da costa norte do Ceará, deixou-se ficar e parece que nunca se importou com o seu feudo transatlantico, o qual, tacitamente, reverteu á corôa de Portugal. Essa indifferença contrastava com a actividade dos visinhos, João de Barros, Ayres da Cunha e Fernando Alvares de Andrade, donatarios das 12ª, 14ª e 15ª capitanias e que dominavam, portanto quasi todo o littoral do norte, desde os limites septentrionaes da Parahyba até o Pará e a quem o Rei D. João III, concedêra, a mais, todo o ouro e a prata que se achassem nos seus territorios. Elles se associaram para uma expedição que um dos donatarios, o official de marinha Ayres da Cunha, devia commandar pessoalmente, emquanto que os dois outros se faziam representar, Andrade por um homem de sua confiança, e Barros por dois filhos. Levantaram grandes capitaes e, em breve, estava reunida no ancouradouro de Lisboa uma bella esquadra de 10 navios, montados por 900 homens, que levavam mais de 100 cavallos e um rico material de guerra. Esses aprestos militares, que nenhum dos outros donatarios egualava, deram motivo ao boato de que aquella esquadra não se destinava á colonisação do Brasil, mas sim á conquista das novas colonias hespanholas do Prata, e não só dessas, mas tambem, visto o exercito que transportava, dos territorios dos Incas peruanos, paiz maravilhoso de innexgottaveis riquezas. E esse boato não correu apenas entre o povo credulo, elle despertou tambem a attenção do embaixador hespanhol em Lisboa que em 11 de Julho se deu pressa em communicar o acontecimento ao seu governo. O exito da expe-

dição não correspondeu a tantas esperanças e apprehensões. A esquadra partiu em novembro de 1535, passou pelas Canarias e Pernambuco, fez rumo ao noroeste, ao longo da costa da actual provincia de Maranhão até a foz do rio do mesmo nome, entre cujas ilhas ella se perdeu, por ignorancia ou negligencia. Até uma época bem recente era conhecido e temido aquelle ancouradouro por causa dos seus baixios e bancos de areia, e não é para espantar que elle tenha sido fatal aos seus primeiros visitantes. Só alguns barcos escaparam, mas ainda assim muitos delles andaram vagueando perto da costa, cahindo os seus tripulantes victimas da fome e dos ataques dos indigenas; porém um delles ganhou o mar alto e depois de ter navegado durante longos dias sem mantimentos e sem uma gotta d'agua a bordo, encontrou-se com um barco hespanhol que conduziu a marinhagem famelica para Hayti. Quasi todos os barcos que compunham a expedição naufragaram na bahia do Maranhão; as suas ondas foram fataes aos chefe Ayres da Cunha e a muitos dos seus companheiros; os restantes salvaram-se numa ilha da foz do rio Maranhão, á qual deram o nome de « Trindade » e alli construiram uma aldeia « Nazareth ». No principio foi facil a sua vida graças ao que haviam podido salvar dos naufragios, obtendo dos indios o que lhes faltava em troca dos objectos de ferro de que não necessitavam. Mas a ilha não se prestava absolutamente á lavoura, de modo que os colonos foram obrigados a ir buscar ao longe as raizes e fructas da matta virgem para com ellas saciar a sua fome. A vida tão miseravel que levavam e que nem assim afastava delles a constante apprehensão de despertar a desconfiança e a hostilidade dos indigenas, tornou-se-lhes insupportavel. Elles resolveram abandonar aquella terra inhospita e nesse intuito construiram tres barcos nos quaes embarcaram os remanescentes da expedição, ao todo 45 homens, aos quaes se aggregaram 200 indios, e tomaram rumo do mar das Antilhas, alcançando dois barcos Porto Rico e o terceiro Hayti, em 1538. Nesta ultima ilha foram os Portuguezes muito mal recebidos. Os Hespanhoes não só se apoderaram logo de todos os seus haveres e escravisaram os indios que os acompanhavam mas tambem de ordem da côrte hespanhola, foi-lhes vedado o regresso a Por-

tugal, obrigando-se-os a ficar como colonos naquella ilha. A muito custo conseguiu João de Barros obter licença para que seus dois filhos, que se achavam tambem em Hayti, pudessem voltar á patria. Pereceu, portanto, lamentavelmente, a famosa expedição sem ter deixado o menor rasto da sua passagem. Os dois donatarios sobreviventes, Barros e Andrade, cujas fortunas haviam sido delapidadas para armar a expedição, ficaram para sempre atemorizados e renunciaram a tomar posse de suas capitanias e a colonisal-as.

Assim reverteram as quatro capitanias do norte, isto é toda a costa septentrional do Brasil, á corôa portugueza, que nenhuma importancia lhes deu. Em compensação houve pouco depois, em 1544, por parte da Hespanha, uma tentativa de colonisação, que foi a de Francisco de Orellana, aliaz infeliz, como vimos no capitulo I. Nessa mesma occasião um fidalgo hespanhol, Diego Nuñes de Quesada, que havia servido no Perú, offereceu-se, no outomno de 1544, para explorar o Amazonas por conta do Governo Portuguez. Elle se propunha subir o curso do rio até as serras peruanas e parece que, realmente, o Rei D. João III lhe forneceu algum subsidio, a elle e ao seu companheiro, o Portuguez João de Sande. Apparelharam-se quatro navios, mas nada sabemos da expedição, nem do seu exito. Tão falha de noticias como essa foi a segunda expedição emprehendida, talvez em 1554, pelo Portuguez Luiz de Mello da Silva, com beneplacito real. A sua esquadra naufragou tambem nos baixios que lá existem mas elle se salvou e foi, mais tarde, para a India Oriental, onde serviu com gloria durante longos annos e fez grande fortuna. Ao regressar, em 1573, a Portugal, consta que elle dissera ter a intenção de empregar as suas riquezas numa nova colonisação do Maranhão, porém nunca mais se ouviu fallar nelle, nem no barco em que viajava. A costa septentrional do Brasil ficou o que ella era, um campo de lutas selvagens para as tribus autochtones e para a concorrencia dos negociantes europeus, e só começou a ser colonisada em principios do seculo XVII, entrando assim para o dominio da historia.

Tal como fracassaram todas as tentativas de colonisação nas capitanias do norte (as de 12 a 15), tiveram,

tambem, mais ao sul, identico insuccesso, os outros donatarios, por exemplo Francisco Pereira Coutinho, na 9ª capitania, a da Bahia, e na quinta (Parahyba do Sul), Pedro de Goes. Comecemos pela da Bahia. O seu donatario era um official valente e brilhante, mas bastante edoso. Ha muito que os outros donatarios haviam tomado posse das suas terras, emquanto elle ainda estava entregue aos preparativos. Finalmente, — durante o anno de 1537, ou talvez mais tarde, — appareceu na costa da sua capitania e desembarcou na esplendida bahia de Todos os Santos, á margem esquerda, num promontorio onde se fez o primeiro aldeamento, mais ou menos a uma hora de distancia da cidade actual. Alli encontrou elle um pequeno numero de colonos europeus. Eram Diogo Alvares e dois outros Portuguezes; o primeiro, estabelecido desde 1509 e os outros, tinham vindo com Martim Affonso de Souza, em 1531. Esses homens haviam formado familia entre os indigenas, voltando insensivelmente á selvageria primitiva, porém o facto era de grande importancia, por isso que o donatario achou um auxilio immediato, constituindo aquelles homens e a sua prole mestiça o traço de união natural entre os recemchegados e os indigenas. Elles serviam de interpretes, de guias e de intermediarios, entre ambas as partes. Mas ao lado dessas vantagens appareciam tambem inconvenientes: a convivencia com os seus compatriotas meio selvagens exercia uma influencia desmoralizadora sobre os novos colonos; emquanto aquelles viviam no desmazelo peculiar aos indigenas deviam os outros sujeitar-se a todos os trabalhos exigidos pela installação do primeiro nucleo civilisado, Era, portanto, natural que alguns Portuguezes mais preguiçosos se internassem na matta, a fim de desfructarem elles tambem de uma liberdade sem restricções embora selvagem. Alem disso parece que as relações tão amistosas que reinavam, a principio, entre brancos e vermelhos deram ao donatario uma confiança demasiada e, em vez de concentrar todos os seus homens num determinado ponto, elle os dividiu, estabelecendo-os em sesmarias extensas ao redor do Reconcavo, o que diminuiu naturalmente a força de resistencia e a disciplina da colonia. Os colonos a quem faltava a continua fiscalisação superior, entre-

garam-se aos seus instinctos de violencia e de rapina contra os indigenas, a cuja vingança desapiedada estavam imprudentemente expostos. Não tardou em que se produzissem attrictos que degeneraram em hostilidade aberta até que os indios atacaram audaciosamente o proprio quartel general, sendo felizmente repellidos. Pereira Coutinho comprehendeu então o seu erro e chamou para junto de si todos os colonos. Muitos delles não o quizeram attender e cahiram victimas da sua indisciplina nas suas fazendas solitarias. Apezar dessas deffecções ainda conseguiu o donatario reunir uma tropa bastante numerosa e, se elle tivesse acceito resolutamente a luta, destruindo a ferro e fogo os aldeamentos indigenas, é possivel que se tivesse podido remediar a situação. Ao contrario elle preferiu tomar a defensiva e deixou-se envolver, sendo rechassado passo a passo para uma lingua de terra, onde brevemente vieram a faltar-lhe os viveres e a agua. A tropa descontente começou a insubordinar-se; muitos fugiram para as capitanias visinhas, outros, traiçoeiramente, trataram de se entender com os indigenas, e, finalmente, fizeram ao velho Pereira Coutinho uma partida ignobil. Appareceu na Bahia um barco que trazia a seu bordo certo sacerdote, foragido daquella capitania havia já alguns mezes, e que declarou voltar de Portugal. Esse homem exhibiu um autographo real, falsificado, pelo qual o Rei ordenava a prisão do donatario. As autoridades, crendo ou fingindo crer naquella ordem, obedeceram e prenderam o governador hereditario. Com esse acto de indisciplina dissolveu-se a colonia e cada qual seguiu o seu destino, aportando muitos na visinha capitania dos Ilhéos. O donatario, abandonado por todos, retirou-se para Porto Seguro onde passou um anno. Diogo Alvares e os Portuguezes meio selvagens que durante a luta se haviam collocado ao lado dos Indios, sentindo falta das mercadorias européas, foram ter com elle e o convidaram a regressar á Bahia, assegurando-lhe que os seus alliados indigenas receberiam amistosamente. Pereira Coutinho deixou-se persuadir e voltou, mas, antes de ter chegado a séde da sua capitania, naufragou o barco em que elle viajava na costa da ilha de Itaparica, cahindo elle e os seus commandados nas mãos dos Indios selvagens habitantes da-

REVISTA AMERICANA

PUBLICAÇÃO MENSAL

3, RUA DE SANTO ANTONIO — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL

DISTRICTO FEDERAL. . 15$ ESTADOS. . . . . 20$

Numero avulso . . . . . 2$

A importancia das assignaturas pode ser remettida em sellos, cheque ou vale postal ao Director da REVISTA AMERICANA ou paga nas livrarias e agencias do Rio de Janeiro e dos Estados.

ALAGOAS (Maceió)— Livraria Universo, de Arnobio Valente.

AMAZONAS (Manáos)— Livraria Academica, de J. F. Coceillo, 25, rua Henrique Martins.

BAHIA (S. Salvador)— Livraria e Papelaria Catilina, de Romualdo dos Santos, 6 rua Santos Dumont.

CEARÁ (Fortaleza)— Casa Americana, de F. Rosa & Comp.

ESPIRITO SANTO (Victoria)— Domicio Gonçalves do Nascimento, 20, rua Dona Julia.

GOYAZ (Goyaz)— Escriptorio Commercial, de Luiz Altino da Cunha e Cruz.

MARANHÃO (S. Luiz)— Livraria Universal, de Ramos d'Almeida & Comp. 3, rua da Palma.

MATTO GROSSO (Corumbá)— Livraria de Frederico Teixeira. **Corumbá** — «A Gentil Pastora», de João Antonio Esteves. **S. Luiz de Caceres** — Dr. José Rizzo.

MINAS GERAES (Bello Horizonte)— Giacomo Aluotto & Irmão, 860, rua Bahia. Juiz de Fóra — Campos & Comp., 793, rua Halfeld. **Uberabinha** — Zacharias A. de Mello. Ubá — Agencia de Jornaes, de Dias & Comp. **Ouro Fino** — Livraria Progresso, de Ananias Gomes da Silva, rua Julio Brandão.

PARÁ (Belém)— Livraria Universal, de Tavares Cardoso & Comp., 50, rua Conselheiro João Alfredo. Agencia Martins, de José Martins & Irmão, 15, travessa Campos Salles.

PARAHYBA (Parahyba)— Popular Editora, de F. C. Baptista & Irmãos.

PARANÁ (Curityba)— Livraria Economica, de Leopoldino Rocha, 53, rua Quinze de Novembro.

PERNAMBUCO (Recife)— Casa America de Evaristo Maia, 26, praça da Independencia. Livraria Economica, de M. Nogueira de Souza, 17, rua Barão da Victoria.

RIO GRANDE DO NORTE (Natal)— Livraria Cosmopolita, de Fortunato Aranha.

RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre)— Livraria Universal, de Carlos Echenique, 260, rua dos Andradas. Selbach & Comp., 94, rua Marechal Floriano. **Pelotas** — Livraria Universal de Echenique & Comp. **Uruguayana** — Livraria Guarany, de Pedro Antonio Dias, 48, rua Duque de Caxias. **Cachoeira** — Dr. Benjamin Camozato.

RIO DE JANEIRO (Districto Federal)— Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 3 rua de Santo Antonio.— Livraria Garnier, 109, rua do Ouvidor. Livraria Briguier, 27 rua Sachet. Livraria Alves, 166, rua do Ouvidor. Casa Moura, 114, rua da Quitanda.

SANTA CATHARINA (Florianopolis)— Livraria Moderna, de Paschoal, Simone & Filho, 26, Praça Quinze de Novembro.

S. PAULO (S. Paulo)— Casa Garraux, Hildebrand & Bressane, 40, rua Quinze de Novembro. Francisco Alves & Comp., 120, rua Libero Badaró. **Santos** — Bazar Americano, de J. B. Gaspar de Sá, 139, rua Quinze de Novembro. José de Paiva Magalhães, 3, rua de Santo Antonio. A. P. Correia da Silva. Dr. Nilo Costa (Corresp.), **Campinas** — Casa Genoud, 33, rua Barão de Jaguara. Prof. Erasmo Braga (Corresp.). **Ribeirão Preto** — Casa Selles, de José Selles, 45, rua Amador Bueno. **Taubaté** — José Olegario de Barros. **Casa-Branca** — Petit Basar, de J. Raphael Bonvicino. **Amparo** — Juvenal Cruz. **Itapira** — Dr. Menotti del Pichia (Corresp.). **Botucatú** — Casa Carlos, de Cesar, Toledo & Comp. **Piracicaba** — Gustavo Teixeira (Corresp.)— Agencia de jornaes e revistas. **Piracicaba** — Express — 84, rua Moraes Barros. **Dois Corregos** — Bazar Americano, de Bernardino Machado. **S. Pedro de Piraçicaba** — José Correia da Silveira.

TERRITORIO DO ACRE (Cidade do Rio-Branco)— Dr. Luiz Barreto Correia de Menezes (Corresp.).

SANTIAGO DE CHILE — Libreria Inglesa. Hume y Walker, 357, Ahumada.

MONTEVIDÉO — Libreria Nacional. Barreiro y Comp. 25 de Mayo (esq. Juan C. Gomes).

ANNO VII JUNHO — 1918 N. 9

REVISTA AMERICANA

SUMMARIO

		PAGS.
I. RIO-BRANCO	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II. HELIO LOBO	A defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira (Conferencia realizada na Associação Christã de Moços	10
III. ATAULPHO DE PAIVA	Discurso na Academia Brasileira de Letras	26
IV. MEDEIROS E ALBUQUERQUE	Recepção do Sr. Ataulpho de Paiva na Academia Brasileira de Letras	58
V. ADÁN QUIROGA (HIJO)	El folk-lore argentino (importancia de su estudio)	70
VI. ARTURO PINTO ESCALIER	Palabras (versos)	92
VII. JANUARIO LUCAS GAFFRÉE	Spinoza (continuação)	96
VIII. A. G. DE ARAUJO JORGE	Historia diplomatica do Brasil Hollandez	105
IX. A. CARNEIRO LEÃO	O novo academico (Ataulpho de Paiva)	116
X. H. HANDELMANN	Historia do Brasil (continuação)	
NOTAS. — Os donos dos nossos versos (Humberto de Campos). O Brasil e a França no seculo XVI (Redacção)		121

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

1918

☞ A Secção de *Bibliographia* da *Revista Americana*, a cargo de Jackson de Figueiredo, occupou-se detalhadamente nos ns. 5 e 6 de livros de José Sombra, Renato Almeida, Murillo de Araujo, Menotti del Picchia, Mario Mendes Campos, Nestor Victor, Nazareth Menezes, H. Carvalho Ramos, Anisio Melhor, Agostinho de Campos, Ildefonso Albano, Laudelino Freire, Theo Filho e Roberto Bedarieux.

No n. 9 a *Secção Bibliographica* analysará os livros seguintes: *Redenção*, de Gil [illegible]

Brevemente iniciaremos a publicação do terceiro volume inedito da « Guerra da Triplice Alliança, contra o Governo da Republica do Paraguay », por L. Schneider, traduzida do allemão por Manuel Thomaz Alves Nogueira e annotada pelo Barão do Rio Branco. Esse trabalho, cujo valor não precisamos encarecer, foi encontrado no archivo do Barão do Rio Branco adquirido pelo Governo do Brasil, e sua publicação na « Revista Americana » gentilmente autorizada pelo Exmo. Sr. Dr. Nilo Peçanha, Ministro das Relações Exteriores.

☞ A Secção de *Bibliographia* da *Revista Americana*, a cargo de Jackson de Figueiredo, occupou-se detalhadamente nos ns. 5 e 6 de livros de José Sombra, Renato Almeida, Murillo de Araujo, Menotti del Picchia, Mario Mendes Campos, Nestor Victor, Nazareth Menezes, H. Carvalho Ramos, Anisio Melhor, Agostinho de Campos, Ildefonso Albano, Laudelino Freire, Theo Filho e Roberto Bedarieux.

No n. 9 a *Secção Bibliographica* analysará os livros seguintes: *Redenção*, de Gil Campesino; *A' margem da Musica*, de Julio Reis; *Delmiro Gouveia e sua obra*, por Plinio Cavalcanti; *Liberdade economica e instrucção publica*, por Andrade Furtado; *Homens e Bestas*, por Mario Rodrigues; *Livro de meu cantar*, por Heitor Beltrão; *Mundos*, por Augusto Amado; *A' nova geração*, por J. Papaterra; *Carlos Peixoto e seu Presidencialismo*, por Manuel Duarte.

A *Secção Bibliographica* do n. 10, Julho proximo, versará sobre os seguintes livros: *A Autoria da Arte de Furtar*, por Solidonio Leite; *Um francez brasileiro*, por Felix Pacheco; *O Brasil e a Educação Popular*, por A. Carneiro Leão; *Pela Educação Nacional*, por José Augusto; *Crateva*, por Gomes Leite; *Pan*, por Augusto de Andrade; *Elle*, por Lopes Trovão; *Cinza*, por Eduardo Tourinho; *Visões, scenas e perfis*, por Adelino Magalhães; *Da Correspondencia de João Episcopo*, por Antonio Torres e A. de Godoy; *Litigios Biologicos*, por Dias de Barros; *O Enforcado*, por Costa Macedo; *Poesias*, por Amaral Ornellas; *No limiar do Outono*, por Felix Pacheco; *O irreparavel*, por Hamilton Barata e outros.

A Redacção.

REVISTA AMERICANA

JUNHO — 1918

1860 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

REVISTA AMERICANA

JUNHO—1918

Redacção e Administração
3, Rua de Santo Antonio — Rio de Janeiro
BRASIL

BIOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

(VISCONDE DO RIO-BRANCO)

PELO

BARÃO DO RIO-BRANCO

(Continuação)

Em Janeiro de 1875, como dissemos, o Visconde do Rio Branco, autorizado pêlo Poder Legislativo, levantou em Londres um emprestimo de £ 5.000.000, sendo o preço da emissão 96 ½, e o juro 5 %. A unica nação que naquella praça pôde conseguir emprestimo tão vantajoso foi a Alemanha victoriosa em 1871.

Por esse tempo manifestou-se na praça do Rio de Janeiro uma crise, em consequencia da qual suspenderam pagamentos o Banco Nacional, e, dias depois, em 17 de Maio, os Bancos Mauá e Alemão. Graças ás providencias que adoptou o Govêrno, auxiliando efficazmente os outros estabelecimentos ameaçados, a confiança restabeleceu-se. Nos relatorios dêsses bancos deparam-se palavras de gratidão e de louvor ao Visconde do Rio Branco pelo modo por que se houve então, sendo que esses relatorios fôram escriptos depois da retirada do Gabinete de 7 de Março.

O desastre da casa Mauá foi devido principalmente á guerra que soffreu em Montevidéo, guerra fomentada por

alguns homens influentes, entre os quaes o Ministro da Fazenda da Republica Oriental.

O banco não teve ouro sufficiente para o trôco do seu papel, e, depois de resistir durante dias, á corrida, prolongando as horas do expediente para acudir as exigencias do trôco, viu-se forçado a fechar as portas em 23 de Fevereiro de 1875. O resultado disto foram embaraços serios para a casa matriz no Rio de Janeiro e para a succursal de Londres, embaraços que a crise que affligia então as nossas principaes praças veio aggravar. Não encontrando apoio no Banco do Brasil, a Casa Mauá requereu moratoria no dia 17 de Maio. Por infelicidade, as ultimas cambiaes compradas pelo Thesouro para o supprimento de fundos em Londres eram todas da casa Mauá, que merecera igual confiança ao govêrno argentino, e outros Ministros da Fazenda do Brasil, liberaes, como Souza Franco, e conservadores, como o Marquês de Paraná. Deixaram assim de ser pagas essas letras, na importancia de £ 756.000 ou 6.849:282$823, segundo o cambio por que fôram negociadas.

Foi um desastre lamentavel, que mortificou immensamente o illustre estadista, mas que lhe não era dado prever.

Em 1864 dera-se facto igual, ainda que em muito menor escala, com o recambio de uma letra de £ 50.000 negociada com a casa Souto & Comp.

Resumindo a discussão a que o assumpto deu logar, e respondendo ás principaes censuras, disse a *Nação* de 29 de Maio de 1875:

«... E'-nos grato entretanto registrar que em um país como o nosso, onde, segundo o declarou ha annos no Parlamento Inglês Lord Palmerston, tão facilmente se desrespeitam uns aos outros os homens politicos, barateando a reputação de seus adversarios, desta vez todos os oradores opposicionistas que intervieram no debate, os Srs. Silveira Martins, Zacharias, Saraiva, Francisco Octaviano e Figueira de Mello, fizeram justiça em um ponto ao digno Ministro da Fazenda, reconhecendo a sua immaculada probidade. O mesmo procedimento tem tido a imprensa politica.

« Sobre os discursos dos Srs. Candido Mendes e Silveira

Lobo nada podemos dizer porque os não ouvimos, nem fôram ainda publicados.

« E' que o honrado Sr. Visconde do Rio Branco, para confundir os calumniadores —, se calumniadores apparecessem tentando ferir uma reputação como a sua, conquistada em longos annos de sacrificios á causa publica —, poderia apresentar agora a sua vida sempre modesta, quer na sociedade, quer no lar domestico, e poderia appellar ainda para o futuro, para o futuro, para o unico legado que deixará um dia a seus filhos, e que não será outro senão a pobreza honrada e um nome que á custa de perseverantes esforços soube tornar dos mais illustres e gloriosos de sua patria ».

Os factos vieram confirmar estas palavras. A unica riqueza que Rio Branco acaba de legar a seus filhos foi o seu nome.

* * *

Approvado em ultima discussão na Camara dos Deputados o projecto de reforma eleitoral, resolveu o Visconde do Rio Branco deixar o poder. S. M. o Imperador, depois de instar muito com o benemerito estadista para que continuasse á frente do Govêrno, dignou-se de autorizal-o a chamar o Duque de Caxias para organizar novo gabinete.

As nomeações dos novos ministros fôram assignadas no dia 25 de Junho de 1875.

Eis como o Visconde do Rio Branco deu conta da sua resolução ao Senado e ao país na sessão de 28 de Junho:

« Senhor Presidente: Como é de estylo referirei ao Sendao a demissão do gabinete a que tive a honra de pertencer desde 7 de Março de 1871, dando ao mesmo tempo os motivos que determinaram o nosso procedimento. Depois de tão largo periodo de continuos e arduos trabalhos, havia muito que desejavamos a opportunidade de resignar o pesado encargo da alta administração do país: e comprehende o Senado que esse desejo devia ser mais forte em mim depois dos ultimos e inesperados successos, que não podiam deixar de magoar-me, Detiveram-nos, porém, a consideração de que não fôra prudente retirarmo-nos em momentos que exigiam promptas providencias do govêrno, e quando tinhamos a peito a reforma

eleitoral por nós iniciada. O mallôgro deste importante projecto afigurava-se-nos como um grave inconveniente, porque a proxima eleição geral se faria por um systema altamente censurado por todos, e que, na verdade, tem dado lugar, na pratica, a abusos graves, contra os quaes, a lei vigente não offerece correctivos efficazes. Attentas ás difficuldades da situação politica e a opposição com que lutavamos nas duas Camaras, ultimamente nos convencemos de que nossa continuação no poder não asseguraria o resultado que esperavamos: que seria sacrificio inutil, ficando sobre nós a responsabilidade do facto que receavamos. Conseguintemente, resolvemos pedir, e, de feito, pedimos, nossa demissão no dia 22 do corrente a tarde.

« S. M. o Imperador a quem somos profundamente reconhecidos pelas mostras de confiança com que sempre nos honrou, annuiu ás instancias que lhe fiz, por mim e em nome dos meus illustres collegas. Em seguida recebi ordem de S. M. para convidar o Sr. Duque de Caxias a ir falar-lhe no dia seguinte pela manhan. O nobre Duque correspondeu ao appêllo feito ao seu patriotismo pelo chefe do Estado, e desde o dia 25 ficamos exonerados dos deveres que se tornaram superiores ás nossas debeis fôrças. Deixando a posição que occupamos por tanto tempo, sem que todavia nos fôsse dado realizar plenamente o nosso programma, esperamos que os juizes imparciaes nos levarão em conta os nossos incessantes esforços pêlo bem publico e a boa vontade que sempre nos guiou. Ao concluir devo manifestar ao novo gabinete os votos cordiaes e ardentes que os Ministros demissionarios fazem por que elle seja muito feliz em sua honrosa e difficil missão. Ao Senado, a Camara dos Deputados, ao Govêrno e a imprensa, eu me atrevo neste momento a dirigir um pedido, pedido dictado pêlo amor sagrado de nossa patria, com plena isenção de espirito partidario, ou interesse politico. A vós, que, como principaes conselheiros da opinião publica de nosso país, exerceis activa e legitima influencia em nossa vida politica, eu peço que concorraes para que as sessões legislativas não sejam estereis quando tantos interesses nacionaes requerem providencias; que seja para todos um empenho de honra dar ao país eleições perfeitamente livres, e que governe

a opinião que sair victoriosa das urnas, e governe emquanto tiver por si este principal elemento de fôrça dos governos verdadeiramente livres».

* * *

Deixando o govêrno, o Visconde do Rio Branco reassumiu o exercicio do cargo de Conselheiro de Estado, e pronunciou na Camara de que era membro varios discursos notaveis nos ultimos meses da sessão legislativa de 1875, e nas duas sessões do anno de 1877, sobre a reforma eleitoral, os ajustes de paz com o Paraguai, as sociedades de credito real, a administração financeira e outros assumptos. Todos se lembram dos applausos que recebeu no parlamento e na imprensa o magistral parecer que elle redigiu em 1877 como membro relator da commissão de fazenda do Senado.

Em Julho de 1875 escreveu a refutação, assignada por elle, e pelo Visconde de Caravelas, ao manifesto do plenipotenciario argentino Tejedor. Esse documento foi publicado entre os annexos ao relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, e completado com o discurso de 21 de Julho do mesmo anno.

A DEFESA DA NACIONALIDADE NA HISTORIA COLONIAL BRASILEIRA

(Conferencia realisada na Associação Christã de Moços)

«... a intrepida energia dos nossos antepassados que souberam defender contra as invasões extrangeiras o vasto litoral do Brasil e dilatar pelo sertão as nossas fronteiras.»

Rio-Branco no «Instituto Historico e Geographico do Brasil».

PORQUE VAMOS Á GUERRA

Honra alta é para mim falar hoje á juventude de meu paiz da tribuna da Associação Christã de Moços. Neste ambiente sadio, a tempera se avigora ao fogo dos bons principios. E' a alma da mocidade que pratica nesta casa o culto dos nobres ideaes, e mais nobre não póde haver que o da Patria. Não se me irá nunca do espirito o espectaculo que para mim foi, nessa immensa forja da civilização, que é a America do Norte, a obra de educação e cultura da «Young Men's Christian Association». Tão grande me pareceu o raio de sua acção benemerita, que antevi brevemente synonymos U. S. A. e Y. M. C. A. E o que se verificou depois, quando da mão de um presidente vingador surgio, para desaggravo do mundo, o mais bello documento que jamais esperou a consciencia universal martyrizada, está na lembrança de todos.

Transmudou-se o esforço de paz no apparelhamento da guerra. Uma pagina do boletim da Associação nos mostrava ha pouco o acampamento de dez mil recrutas de aviação: scenario que se improvizou como por encanto e nunca pensou presenciar este começo de seculo infeliz. Acaso havia, acaso ha, nessa transmutação, gesto censuravel? Nada menos. Quando se desencandeia sobre a terra, como ha mais de tres annos vai succedendo, o cyclone de sangue sob cujas rajadas infernaes vergam e ruem as obras mais caras da civilização, consciencia não ha que se possa calar, nem evangelho existe que não saia a campo pregando a guerra contra a guerra.

Que o homem não aggrida ao seu igual, é do bom codigo. Mas que deixe de defender-se quando lhe entra portas a dentro a violencia, a injuria, o sangue, não se justifica. Assim para os individuos, assim para as nações. Nenhuma das que se empenham na Europa pelos direitos conculcados e o solo quasi perdido o fez sem provocação. Nenhuma das que na America se collocaram ao lado do bem e da justiça deixou de esgotar todos os recursos de paz. Eu presenciei, dias antes da entrada formal na luta, Nova York, Washington, Boston, todo o prodigioso paiz que vai do Atlantico ao Pacifico, estuar como uma maré formidavel diante das comportas de uma neutralidade já agonisante. Todos vimos nesta Rio de Janeiro formosa, na Minas tranquilla, em toda S. Paulo industrial, ao sul, ao norte, ao centro, no Brasil inteiro, o que foi a resistencia a um passo grave e como a elle afinal nos arrastou o delirio de uma nação criminosa. Auxiliar directo e humilde do varão sem tacha a quem coube, nesta hora tragica, para salvação nossa, a regencia dos destinos brasileiros, eu sei de quantos escrupulos nobres se cercou a deliberação extrema, que nada pôde evitar. Vamos á guerra porque não podemos deixar de ir á guerra e foi a guerra que nos veio buscar.

Acaso deviamos formar no sequito dos Estados vassallos da Allemanha? Porque este é problema para todos quantos lidamos contra o militarismo prussiano.

Paiz pacifico, vivendo do trabalho dos seus filhos e do esforço de quantos aqui aportam, felizes de partilhar com-

nosco, numa hospedagem que é nosso maior orgulho, as benemerencias desta terra privilegiada, o Brasil jamais aggredio, e, quando atacado, soube defender-se com denodo. De sua espada fallou uma brilhante penna nossa, que « nunca a arrancou sem causa e jámais a embainhou sem honra ». Não iria proceder de outra feição quando, de uma maneira innominavel, lhe entrava o attentado pelas raias a dentro, ferindo-o nos seus interesses primordiaes, na sua cultura, nos principios sagrados de sua vida de povo livre.

Mercê de Deus, jamais poude assentar de vez o pé inimigo neste torrão bemdito. Offensa que se nos fez, ou se vingou para logo pela força heroica, ou teve, em documentos que ficaram, condemnação memoravel nos annaes de nossa historia exterior. Eu poderia dizer de todo esse passado glorioso, se me não minguasse tempo e competencia. Acuda-me, como hoje, vossa benevolencia, e completarei algum dia o quadro com o Brasil independente. Por agora fallarei da « Defesa da nacionalidade através a historia colonial brasileira ».

TERRA CHAN E MUI FORMOSA

A terra, que em principios do anno de 1500 se desvendou para o mundo, correspondia cabalmente ao arrojo da gente descobridora.

Estava Portugal no apogeu do seu desenvolvimento maritimo. *Estreita restea de praias, caminho fronteiro do mar*, como o chamariam, dominou largo tempo, com a Hespanha rival e vizinha, as aguas atlanticas. Umas sobre outras succediam as façanhas dos seus navegadores. Equivalente ou maior que o descobirmento das Indias, era sem duvida o achamento do Brasil, fascinador e immenso. Conta João de Barros que as hervas colhidas nos paizes ignotos haviam levado tal orgulho ao Principe, que elle « as cheirava e tanto se gloriava de as ver como se fôra algum fructo e mostra da Terra da Promissão ». Pero Vaz Caminha, da armada de Pedr'Alvares, traçando a primeira pagina de nossa historia, não disse menos destes ceus austraes, onde se ostentava aos seus olhos maravilhados, a majestade em par da natureza

tropical. « A terra, Senhor, é em toda praia praina, chan e mui formosa. E em tal maneira é graciosa, que querendo a aproveitar dar-se-ha nella tudo.» Quatro annos mais tarde, tal a seducção do scenario, descreveu tambem Americo Vespucci o quadro do Brasil, com seus bosques tão densos que a passagem se interdizia e seus fructos tão bellos que não os podia ter nenhum outro paiz da terra. « Se ha algum paraiso terrestre, rematou arrebatado, não deve andar muito longe destes sitios.»

E que esforço não foi precizo despender não já para conhecel-o, senão para ensanchal-o e defendel-o? Tres seculos, tres longos seculos, discorreram assim, nessa porfia gigantesca, em que a extensão do territorio pedia prodigios de deuses, e a capacidade dos homens obrou milagres na defesa do territorio.

A vida do Brasil colonial é uma perenne defensiva na orla do oceano; nas fronteiras do interior, o senhorio da terra nutriz até as fraldas da cordilheira.

O POEMA DO OCEANO

Raça de navegadores, souberam os Portuguezes domar as aguas impenetraveis. Frageis náos de pano e vime, varreram essas aguas por ahi afóra, levando por toda a parte o renome lusitano. « Que toda terra é patria para o forte » disse o poema de então, synthese da época, voz de Portugal.

Não tiveram os « Lusiadas » (e hoje está explicado porque) a nomeada que ao tempo fôra de merecer. Constituiram, entretanto, o mais bello poema que jamais os feitos humanos registaram. « O mais sublime dos poemas epicos modernos, escreveu-se delle, a que nenhum dos antigos excede em merito algum, ou sequer attinge em alcance, como prenuncio que foi da civilização contemporanea » (1).

Fé de officio glorioso de uma raça, elle valia, sobretudo, como a expressão genial daquella luta de titães entre o ho-

(1) Afranio Peixoto — *Minha Terra e Minha Gente*, 1916.

mem e o mundo, no scenario incomparavel das aguas e dos céos:

> ... gente ousada mais que quantas
> No mundo commetteram grandes cousas.

Nosso Joaquim Nabuco disse um dia, perante a Universidade de Yale, de Luiz de Camões e sua obra. Quadro do oceano, no qual bem palpita « a communhão longa, silenciosa e profunda entre o navegante e o mar », elle era o mesmo tempo o culto da patria, a lição de energia viril, a expressão genuina da alma nacional na sua mais grandiosa significação, a da colonização e dos commettimentos remotos. Não se concebe dilatar a terra, então reduzida, sem destemor das aguas; e, esse, ninguem melhor personificou que o poeta lusitano. A gente sente ao lel-o o rumor das vagas sob o céo irado, ou o espelho do mar tranquillo ao sol do septentrião. Foi Humboldt quem disse: « Camões abunda em descripções inimitaveis do perenne intercambio do ar com o oceano, das varias fórmas de nuvens, das mudanças do céo. e dos differentes aspectos da superficie do mar... É', no sentido mais rigoroso, um pintor de marinhas »:

> Já no largo oceano navegavam
> As inquietas ondas apartando,
> Os ventos brandamente respiravam
> Das nuvens as velas concavas inchando;
> Da branca escuma os mares se mostravam
> Cobertos, onde as prôas vão cortando
> As maritimas aguas consagradas,
> Que do gado de Protheu são cortadas.

Foi a essa tempera de lobos do mar, que o Brasil deveu a conservação de sua immensa costa, desde o Oyapock ao Chuy. Veio o senhoreio pouco a pouco, impedido ou amordaçado a espaços pela obra da pirataria e da rivalidade européa, para firmar-se, ao cabo, em cerca de mil duzentas leguas de extensão, que as caravellas inimigas reiteradamente ambicionaram.

É' da nossa historia que as primeiras cidades se levantaram no alto das montanhas, em guarda permanente contra a sorpreza do oceano. Fizeram-se as primeiras moradas na

direcção da barra ameaçada. Vela que se avistasse ao longe punha de sobreaviso a pequena aldêa que nascia para a vida. E mal descoberta a terra, e toda ainda por povoar, ordenou-se, sob comminação de penas severas, a cada donatario de capitania, a cada senhor de engenho, a cada habitante, com a polvora necessaria, o que precizo era em armas para sua defesa. Assim se formou a primeira milicia de resguardo, defeituosa, mas já efficiente... «As primeiras cidades do Brasil começam pelos morros e só tarde descem á planicie e nunca se formam á borda do mar, e mesmo nos rios, só nos lugares onde não chega o navio de longo curso, — essa é a prudencia dos fundadores no seculo XVI e no seguinte, que foram uma luta ininterrumpida pela posse da terra» (2).

Tal a ambição forasteira que, desanimado, mandou Luiz de Góes a D. João III, certo dia através o oceano, um grito de funda angustia: «Venha Vossa Alteza em nosso auxilio... Se com o tempo e brevidade Vossa Alteza não soccorrer a estas capitanias e costa do Brasil, ainda que percamos nós as vidas e fazenda, Vossa Alteza perderá a terra...»

Mal desvendada a região brasileira, quando, na phrase de Frei Vicente do Salvador, ainda andavam os Portuguezes *a lhe arranhar a costa como carangueijos*, desbarata Christovão Jacques, commandando a primeira esquadra de policiamento vinda de além mar em 1526, a tres náos francezas, afundando duas e aprisionando a terceira com trezentos homens. Dahi por diante é um rosario sem conta de encontros navaes, em que sempre levou a melhor o pavilhão portuguez.

Assim, em 1532, apodera-se Pero Lopez de Souza de dous navios tambem francezes, o segundo dos quaes seguia a caminho de um forte estabelecido na ilha de Itamaracá por Jean Perel, capitão da náo *Pélérine*, igualmente posta a pique nas costas da Andaluzia pela esquadra portugueza do estreito. Pero Góes da Silveira varre com seus cruzeiros os piratas normandos, com um de cujos navios tem que sustentar combate durante mais de 24 horas. Mem de Sá destróe, a 16 de Março de 1560, a colonia franceza que em 1555 tinha estabelecido na bahia do Rio de Janeiro Nicolau Durand de

(2) João Ribeiro — *Historia do Brasil*, 1917.

Villegaignon, « um dos homens, segundo um biographo, mais completos do seculo, espirito dotado de raros conhecimentos e valor respeitado pelos mais bravos cabos de guerra de sua época ». Belchior de Azevedo repelle no Espirito Santo, em 1561, a quatro navios inimigos. Em 1570 Jacques Sore, Senhor de Floques, apodera-se perto das Canarias de um barco portuguez com 30 jesuitas, que obriga a atirarem-se ao mar, façanha renovada mais ou menos no anno seguinte por Jean Capdville. Doze caravellas francezas em 1579, cinco em 1581, são queimadas na Parahyba. Em 1583 o Almirante inglez Fenton sustenta em Santos um combate com varios navios hespanhóes. Em 1587 Withrington devasta as costas da Bahia, emquanto em 1591, Thomas Cavendish, saqueia Santos e ensaia atacar o Espirito Santo. Dez navios normandos são repellidos de Ilhéos em 1591. Os corsarios Lancaster, inglez, e Noyer, francez, tomam em 1595 a cidade de Recife, que depredam. Em 1596 o forte de Cabedello, na Parahyba, repelle um assalto de tropas desembarcadas de dez caravellas apparecidas de sorpreza na barra. Em 1599, emquanto Martim de Sá apresa perto de Cabo Frio o barco de Jacques Potel, Olivier Van Noort tenta apoderar-se do Rio de Janeiro, e von Carden, tambem hollandez, é expulso da Bahia, de onde não se retira sem saquear o porto.

No extremo norte não é menos tenaz a defensiva. Lavardière e outros Francezes occupam desde 1612 o Maranhão, fundam São Luiz e ahi permanecem até 1614, quando os expellem Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura; e as nobres maneiras dessa guerra, facultando um armisticio para enterramento dos mortos, merecem o respeito ao adversario, filho da França cavalheiresca: *La France ne serait jamais sans courtoisie*... Quando Francisco Caldeira Brant vai, em 1615, occupar o Amazonas, ahi já encontra Nicoláo Oudaen commandando alguns Hollandezes nos fortes de Nassau e Orange, que Bento Maciel Parente e Teixeira destróem em 1623 e 1625. Em 1621 algumas centenas de Inglezes estabelecem-se na Guyana do seu nome, cujo forte de Taurege é tomado tres annos depois por Teixeira. O forte Felippe, inglez, por sua vez cai nas mãos de Jacome de Noronha em 1631, e em 1632 o de Cuman nas de Coelho de

Albuquerque. Estabelecidos os Francezes em Cayenna, pretendem em Maio de 1637 que o Amazonas é o limite natural delle, apoderando-se em consequencia de quatro fortes portuguezes que Antonio de Albuquerque logo retoma, castigando os invasores.

Não tinham duvida os Portuguezes de que seus dominios no sul alcançavam a margem septentrional do Prata, onde, já em 1531, Martin Affonso de Souza havia plantado padrão de posse em nome do seu Rei. Em consequencia, D. Manoel Lobo funda no anno de 1680, em frente de Buenos Aires, a Colonia do Sacramento, sentinella meridional do poderio lusitano. Tomada no mesmo anno da sua fundação pelos Hespanhóes e indios Guaranys das missões do Paraná e Uruguay, ella vai ser destruida e edificada, tomada e restituida tantas vezes quantas serão as vicissitudes das armas entre Castelhanos e Portuguezes. As refregas eram por vezes tão mortiferas que numa dellas, segundo narram as chronicas, « só foi encontrado com vida o Governador Manoel Lobo em companhia de uma duzia de homens » (3).

Coragem que dobrasse na resistencia, rara que fosse, deparava logo immediato castigo. Em 1710 ensaia Du Clerc apoderar-se do Rio de Janeiro, desembarcando forças em Guaratiba e pagando com a vida, num attentado mysterioso, sua ousadia. Um anno depois, Duguay-Trouin pretende vingar esse desastre com 17 navios, 740 canhões e 5.764 soldados. Apanhado de sorpreza, cedeu para logo o Governador pactuando o resgate da cidade mediante o pagamento de 600.000 cruzados. Seis mil homens chegados ás pressa de Minas Geraes, « da mais luzida e melhor gente que têm as ditas Minas, assim forasteiros como paulistas », serviram só de presenciar a execução do pacto que a opinião e o Governo repudiaram. Pois, eis aqui, pelo orgão do nosso mais autorisado historiador militar, o que foi a punição official: « O infeliz Governador Castro Moraes, que não pudera resistir ao poderoso exercito francez, foi condemnado a acabar seus dias em uma fortaleza na India, depois de confiscados seus

(3) Rio-Branco — *Apontamentos para a historia militar do Brasil; Revista Americana,* Outubro, 1916 e *Esquisse de l'histoire du Brésil,* 1889.

bens. O Coronel Francisco Xavier de Castro Moraes, seu sobrinho, teve como castigo a deportação perpetua. Havia licenciado o commandante da fortaleza de S. João seus commandados, de modo que não pôde fazer fogo sobre a esquadra de Duguay Trouin quando forçou a passagem e, temendo o castigo, deixou o Rio de Janeiro com os Francezes sendo declarado infame e traidor, condemnado á forca, e considerados infames seus descendentes masculinos até a segunda geração. Ausente, foi executado em effigie. O Major Alves Pereira, commandante da fortaleza de Santa Cruz, cumprio seu dever, pois o Almirante francez confessou ter-lhe custado a entrada 300 homens, dos quaes 80 mortos; mas provou-se que tambem tinha licenciado suas forças, e que havia capitulado depois do abandono da cidade, a 23 de Setembro; foi deportado para Angola... Quanto ao Almirante Costa de Athayde, que, não podendo pensar em bater-se no mar, queimou seus navios para augmentar o numero dos defensores da praça, perdeu por isso na opinião publica a nomeada que adquirira em varios actos de bravura, enlouquecendo ao chegar a Lisbóa.»

Rija quanto ao valor dos colonizadores era já a tempera da raça que, audaz e heroica, se expandia sob os céos do Brasil. Vieira não podia fazer maior praça do arrojo brasileiro do que proclamando, como fez na igreja da Bahia, que o grito de alarma não raro nos apanhou despercebidos. «Sempre avisados, mas nunca prevenidos» orou então ao discorrer da pertinaz accommettida forasteira. Que maior testemunho em favor da integridade territorial do que o fortim portuguez, em ruinas hoje aqui e acolá, marcando o ponto vulneravel da costa ou sentinella perdida na linha extrema do interior? Ahi não está tambem para exemplo, na improvisação da defesa a maior das guerras que nos atormentou, a guerra hollandeza, em 24 annos de sujeição e luta? Tudo conspirava então contra a victoria final: os recursos militares do invasor, cuja só primeira esquadra se compunha de 61 navios e 7.300 homens de desembarque; a pujança de suas armadas, que localizaram em nossas costas as maiores batalhas navaes do tempo; a clarividencia de um capitão inegualavel... Tal a sujeição, tantos lustros já levava sem con-

traste, que «com guerra de vinte e quatro annos estava occupada e perdida, e já estampada nos mappas com nome de Nova Hollanda, esta metade que possuimos na America». E quem organizou a defesa, quem porfiou nella sem treguas, quem della fez ponto de honra nacional? Restituido á independencia por ter-se libertado do jugo de Hespanha, a que vinha acorrentado desde 1580, Portugal deixou á colonia da America a gloria de sua redempção, o que fez dizer a Southey: «A peleja ambiciosa que os Hollandezes sustentaram por tantos annos, com tal deshumanidade e tal dispendio de thesouro e sangue, não produzio outro beneficio que o de provar como um aviso ás demais potencias, quão impossivel é effectuar uma conquista permanente do Brasil.»

Justa observação, tanto mais justa quanto foi então objecto de serio cuidado a cessão do territorio occupado pelos Flamengos. Um papel do tempo, chrismado com o nome de «papel forte» alinhou argumentos segundo os quaes não seria crueldade ceder Pernambuco a troco da paz, pois que «Pernambuco era apenas um membro de Portugal e a crueldade estava em pôr em risco o corpo todo para salvar uma parte pequena, e essa corrupta e de difficil sustentação». «Por amor de Deus, escrevia a El-Rei o jesuita insigne, autor e sustentador do documento, por amor de Deus e pelo amor da patria e pelo amor de Vossa Majestade, peço a todos que lerem este papel hajam de considerar quão impossivel é guardarmos todos nossos dominios com uma só armada; peço-lhes que pesem as difficuldades, as consequencias, as impossibilidades! Dous golpes bastam para nos privarem da India e do Brasil; um, que tome Goa, outro que tome a Bahia, ambos tão praticaveis, tão faceis, tão certos!» Vio o destino em que deu essa certeza, testemunharam os fados como desfechou essa facilidade. A luta de redempção da terra foi tão porfiada, e o successo que a coroou tão completo, que ficou na historia com o nome de «Nova Illiada».

AVASSALANDO TERRA E MAR

Fundada a cidade começou no paiz descoberto o desbravamento do sertão.

S. André e S. Vicente são as primeiras villas que se levantam. Grande pareceu o regosijo, a ponto tal que, no dizer do chronista, « a gente tomou muita consolação com verem povoar villas e ter leis e sacrificios e celebrar matrimonios e viverem em communhão das artes, e ser cada um senhor do seu e vestir as injurias particulares, e ter todos outros bens da vida segura e conversavel » (4).

Duros, porém, foram os primeiros passos. *Terra larga e grossa*, como a chamou Manoel da Nobrega, ella ia, antes de afeiçoar o homem, sujeital-o ás vicissitudes de seu clima e de seu solo. Eram os naturaes entremeio de sujeição e revolta; povoava-se a mata de animaes ferozes; a majestade da natureza asphyxiava o homem; cresciam os apetites; desbordava a ambição; e a nostalgia da patria distante golpeava os corações mais duros. Tantos contratempos houve, tão desmarcado foi o duello entre a creatura e o ambiente, que as vontades mais rijas não raro se distenderam vencidas, e os designios menos frouxos muitas vezes ficaram em meio, cortados pelo desalento. Se alguns colonizadores têm prestigio e logram vencer, como Diogo Alvares Corrêa, outros esmorecem e morrem, torturados pelos canibaes. Assim Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, devorado pelos indios. Assim Vasco Fernandes, donatario do Espirito Santo, arrostando perigos, vencendo tropeços, para findar maltrapilho e mendigo. Assim Fernão Dias Paes Leme, ambicioso e ousado, cuja energia vai a ponto de castigar com a forca ao filho conjurado, partindo em busca da esmeralda para, num desvão da mata, perto do Guayacuhy, succumbir na contorsão da febre, cheio o peitô da pedraria verde:

> Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento
> Chora longo, a rolar na longa voz do vento.
> Mugem soturnamente as aguas. O céo arde
> Transmonta fulvo o sol. E a natureza assiste
> Na mesma solidão e na mesma hora triste,
> A' agonia do heróe e á agonia da tarde.

Drama e tragedia das capitanias, denominou o historiador eminente a esse lance inicial de nossa vida, que salvou a co-

(4) J. Serrano — *A colonização*, Primeiro Congresso de Historia Nacional, 1915.

lonia e alto provou em pról da energia portugueza. Era, na voz que certo dia fallou aos Paulistas maravilhados, « a ambição em luta com o perigo arca por arca, em antagonismo fronte a fronte com as potencias da natureza, em desafio peito a peito com os mysterios, as ciladas, os assaltos do ermo, as trévas da mataria, fereza das alimarias, a barbaria dos canibaes. Era a ambição cruel, mas heroica, a ambição do mais rijo aço da vontade humana, digna de se medir com o heroismo dos deveres sagrados, naquele theatro sem auditorio, entre o céo e a terra, como os titães com os deuses.»

De quantos, nessa phase epica, fizeram o Brasil dilatado e grande, cumpre sobrelevar os Paulistas ao sul e oeste, e os creadores e jesuitas ao norte. Emquanto os segundos desvendam os sertões septentrionaes, levando o gado para o interior, e os terceiros emprehendem uma obra tal de devassamento territorial e civilização que, segundo se escreveu, « o historiador póde marcar a fronte do Brasil colonial, quer na infancia, quer na adolescencia simplesmente com as duas lettras C. J., Companhia de Jesus », os primeiros triplicam o territorio, assegurando ao Brasil sua configuração physica actual.

Da *bandeira* sahio o Brasil territorial de hoje. Que era a *bandeira?* Uma cidade ambulante, com seus governantes e governados, suas rixas e aspirações, tendencias e vicissitudes, vingando serras, transpondo valles, vadeando rios, correndo planicies, posta a vontade numa ambição unica, que a todas reunia. « No intimo das terras marcham como se navegassem através dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios que fallam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilização. Se é precizo descer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de cujos troncos e ás vezes das corteces formam esquadrilhas de canôas, carcomendo-as ao fogo...»

Fôra uma bohemia sublime, escreveu Araujo Jorge, numa pagina magistral, pintando ao vivo aquella arrancada heroica. As bandeiras abalavam numa ancia louca, durante mezes e

annos, caudal irresistivel a que nada se oppunha, abrindo caminhos através da floresta, lutando, depredando, violando a robustez da terra virgem... Aleixo Garcia, com um grupo intrepido transpõe o Paraná e chega até as fronteiras da Bolivia, de onde regressa cheio de ouro pela via do Paraguay. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca desembarca em Santa Catharina e vara pelo interior até Assumpção. Antonio Raposo, « chefiando o troço mais singular de homens de que ha noticia na historia », atravessa o continente de flanco a flanco, e, em face do Pacifico, a espada desembainhada, « avassala terra e mar para seu Rei ». Ao sul, a oéste, os Paulistas expulsam os Hespanhóes, desalojam suas reducções no Alto Paraguay, no Paraná, no Uruguay, emquanto as missões jesuiticas, aterradas, despacham emissarios para Madrid e Roma reclamando medidas urgentes « para contener los Portugueses del rio San Pablo ». Sôa por toda a parte o tropel das cavalhadas, dispersando da noite para o dia os aldeamentos ao grito tradicional e temido do *Ahi vienen!* Uma bulla papal ensaia proteger os indios. São Paulo responde expulsando os padres. E o alarma vai ao Perú, cujo Vice-Rei, impotente para conter os Paulistas indomaveis, sacode o Conselho das Indias com esta ameaça apavorante: « puede suceder que ellos se apoderen de las cordilleras del Itatin y sean senores de todo el corazon del Perú. »

« Nessa epopéa capaz da tuba épica, escreveu Ruy Barbosa, vio surdir o mundo novo a estirpe dos Paulistas, filhos intrataveis do cruzamento entre o genio europeu e a energia americana, de uma constituição á prova do medo e de uma actividade inaccessivel ao cansaço. Entregues á corrente do Tieté, de rio em rio, de serra em serra, de planura em planura, as suas expedições iam ter ao Miranda, ao Cuyabá, ao Paraguay, arrebatando a Castella, para a casa de Bragança, « a maior extensão de America do Sul, a região mais formosa de toda a terra habitavel ». Dianteiros da expansão portugueza na America do Sul, fundaram, nos seculos XVI e XVII, os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, de Matto-Grosso, de Santa Catharina, do Rio Grande, conquistaram a Provincia castelhana de Guahyra, obrigaram os Hespanhóes a evacuar a bacia do Jacuhy, a do Piratinim, a do

Ibicuhy, toda a região a léste do Uruguay, levando por fim as suas destemidas excursões até ao norte do Paraguay e á cordilheira do Perú. Não fôra o valor e o arrojo desses caçadores de homens, gente « mais ardida que os primeiros conquistadores », e a costa do Brasil ao sul de Paranaguá seria hoje hespanhola, hespanhóes veriamos os sertões de Matto-Grosso e Goyaz, outro povo occuparia as melhores zonas, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras. Na sua maior parte, o sul do Brasil representa uma conquista dos bandeirantes. A' expansão irresistivel dessas ondas humanas para as regiões andinas e equinociaes, deve este paiz a sua immensidade e a sua configuração territorial, dilatadas e modeladas ao meio-dia e ao occidente pela fortuna da raça que, em dous seculos de triumphos, estendeu o campo das suas façanhas desde o solo paraguayo até a Bolivia e as antemontanhas peruanas. »

EPILOGO

Mas a obra dos bandeirantes, creando, no dizer dos geographos, a geographia patria, e assim dilatando a zona brasileira, não poderia vingar se não alcançasse a chancella internacional, sagrada para as nações pelo intermedio de um pacto solemne. E é então que se vê como a capacidade de um Brasileiro, tambem Paulista, porque filho de Santos, soube garantil-a de modo definitivo na lettra de um tratado onde a experiencia de outros não lograva vencer. Queremos dizer de Alexandre de Gusmão, reivindicado ha pouco como o *avô dos diplomatas brasileiros* e cuja obra, no tratado de 13 de Janeiro de 1750, domina todo o desenvolvimento da diplomacia americana. « Estadista que nas sciencias politicas foi mais arguto que D. Luiz da Cunha e na sagacidade e lucidez de fino sentir foi o espirito mais avançado do seu seculo », conforme delle disse Camillo Castello Branco, bem comprehendeu Gusmão o papel que lhe estava reservado ao fixar Portugal com Hespanha a questão de limites da America. E gisou, á distancia de quasi tres seculos, as fronteiras que hoje temos.

« Um serviço da maior transcendencia, que alcançará seu

nome nos fastos do Brasil, escreveu Porto Seguro, foi o primeiro gisamento geral das nossas raias no Tratado de Limites de 13 de Janeiro de 1750. Haviam abortado quantos tratados sobre limites do Brasil entabolaram na côrte de Hespanha em diversas épocas D. Luiz da Cunha, Pedro de Vasconcellos, Manoel de Siqueira, Antonio Guedes, José da Cunha Brochado, o Marquez de Abrantes e Pedro Alvares Cabral; attendeu por fim o Gabinete de Madrid ás razões de mutua conveniencia e encetou-se seriamente a negociação: em assumpto tão grave ouvio El-Rei a homens de Estado da sua confiança e admiravel foi a discrepancia de pareceres; opinou D. Luiz da Cunha que Portugal cedesse á Hespanha a Colonia do Sacramento e seu territorio; em compensação afiançasse áquelle a posse do litoral desde a foz do rio da Prata para o norte com dez leguas de fundo; Gomes Freire de Andrade aconselhou que nos contentassemos com a costa do mar, do parallelo do forte de S. Miguel para o norte (pouco mais de Castilhos pequenos), e para o interior na distancia arbitrada por D. Luiz da Cunha, e para mais clara demonstração ajuntou um mappa chorographico. Taes pareceres, por mesquinhos, não encheram o coração grandioso de Gusmão, nem coadunavam com as doutas investigações e noticias das arduas entradas e posses de seus heroicos patricios; imbuido nestes incontrastaveis direitos, bosquejou e marcou os pontos capitaes, prescreveu as instrucções, acompanhou passo a passo as discussões e desempeçou das duvidas que se sugeriram...»

Pela lettra do Tratado de 13 de Janeiro de 1750, cedeu Portugal á Hespanha a Colonia do Sacramento e a margem esquerda do Amazonas á léste da boca mais occidental do Japurá, renunciou aos seus direitos sobre as ilhas Filipinas e desistio do preço pago á Hespanha pelas Molucas em 1529; a Hespanha, por seu lado, concordou em reconhecer todas as posses portuguezas na America do Sul e em ceder o territorio da margem esquerda do Uruguay ao norte de Ibicuhy, onde os jesuitas tinham estabelecido sete missões com cerca de trinta mil indios catechizados. Quão longe estavamos da linha de Tordezilhas, cujas interpretações mais autorizadas nos reconheciam a faixa litoranea que, partindo de Paranaguá, ia ter á ilha de Marajó!

Tratado que nos reconheceu de direito uma extensão territorial que vale quatorze vezes a França, e trezentas a Belgica; que nos collocou na carta do mundo apenas menores que os Estados Unidos da America, a Russia e a China; por força do qual occupamos na America do Sul quatro nonos da sua superficie; e cuja população póde subir a um bilhão de homens se corresponder a das IlhasBritannicas; numa zona preciosa, capaz de todas as culturas e de todos os climas; elle consultou, com o nosso interesse, o da vida internacional geral e americana em particular. Assim, por força delle deslocou-se para as nações o principio do *uti possidetis* applicado, até então, aos individuos. E foi esteio de paz e fonte de civilização neste continente. Não existisse, e teriam podido as irmans continentaes arcar com a luta ingente da emancipação? Rio-Branco, que nelle buscou os titulos de suas victorias arbitraes, louvou ahi « a boa fé, lealdade e grandeza de vistas que inspiraram este ajuste amigavel de antigas e mesquinhas querellas, consultando-se unicamente os principios superiores da razão e da justiça e as conveniencias da paz e da civilização na America ». Nem menor foi o apreço de outra autoridade summa, insuspeita, porque européa, ao reconhecer que os negociadores do tratado « procurando estabelecer uma paz perpetua nas suas colonias, quaesquer que fossem as disputas que entre elles se suscitassem na Europa, deram um exemplo digno de recordar-se como meio pratico de diminuir os males da guerra » (5).

Maior mostra de cordura, amizade e altas vistas internacionaes não podiam dar as duas Chancellarias, que entre si testilhavam, havia mais de duzentos e cincoenta annos, pelas suas posses territoriaes. E o Brasil colonial, ainda não estreado nos passos da vida independente, lançava assim o marco inicial de sua diplomacia — a defesa dos seus direitos e o respeito dos alheios pela discussão pacifica, o tratado e o arbitramento.

(5) Ver Araujo Jorge — *Ensaios de Historia e Critica*, Alexandre de Gusmão, 1916.

HELIO LOBO.

(Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro)

DISCURSO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (*)

A primeira vez que tive a grande honra e me coube o regalo immenso de visitar a vossa Academia foi, precizamente, ha quatorze annos, para assistir a uma sessão memoravel. Celebrava-se a entrada triumphal de Affonso Arinos, a quem o Sr. Olavo Bilac recebia.

O poeta ia acolher ao romancista e este nos dava a conhecer, num primoroso lavor, os traços mais palpitantes da vida intima e da existencia politica e litteraria de Eduardo Prado, que, mercê da singular harmonia da sua curiosa individualidade e da sua feição intellectual genuinamente combativa, se elevou ás transcendentes regiões da Arte, comprehendendo e ao mesmo tempo amando com o seu espirito superior e forte, os destinos e as glorias da nossa nacionalidade.

A esse tempo o vosso augusto gremio bafejado ainda não fôra por propicios Fados. Sem recinto proprio, assistia e deliberava em casa alheia, como pronunciou algures com a costumada perfeição o vosso confrade Sr. Mario de Alencar.

(*) Pronunciado na sessão solemne de 23 de maio de 1918, pelo Sr. Ataulpho de Paiva, eleito na vaga de Arthur Orlando e recebido pelo Sr. Medeiros e Albuquerque, secretario geral da Academia.

Havieis então recorrido, em busca de agasalho, ao Gabinete Portuguez de Leitura para que, sob a vossa égide, luzir viessem, em noite que inolvidavel ficou, duas refulgentes estrellas da litteratura patria.

E' mister se conheça de perto aquelle bello edificio, um dos raros exemplares da arte pura que alludam essa grandiosa Capital, para que se tenha uma approximada impressão da importancia e do brilho de que se revestio aquella reunião academica.

Os pioneiros criadores do « Gabinete Portuguez » quizeram dotar a cidade com um monumento artistico, elegante e sumptuoso, especimen impeccavel do genero gothico-manuelino, que bem symbolizasse as aspirações, os sonhos e todo o admiravel conjunto dos ideaes lusitanos. O artista quiz, antes de tudo, deixar fielmente reproduzidos os caracteres originaes e altamente respeitaveis da tradição. E o tradicionalismo, em todas as épocas, não deixará de ser expressão do nosso melhor amor e gratidão ao passado, muito embora cedendo o passo, pelas injuncções do progresso, á formidavel acção do evolucionismo, que se tem de moldar aos cyclos e aos rhythmos do ideal, assim na arte, como na propria sciencia, e assim na esthetica, como na litteratura.

Eram, no emtanto, o tradicionalismo e o evolucionismo que se davam cordialmente as mãos sob os hospitaleiros tectos da bibliotheca lusitana, onde a harmoniosa combinação das linhas graciosas e os delicados primores da archictetura faziam resplandecer a calma imponente da sessão academica.

Na cadeira da presidencia sentara-se Machado de Assis e na fila de academicos divisava-se o Barão do Rio Branco, que pela vez primeira se apresentava ás cerimonias da Academia. Debil claridade derramava-se por todo o recinto, imprimindo no ambiente uma nota empolgante e respeitosa. A esse tempo já era indicio de bom gosto a luz morna, mysteriosa, das camaras solemnes, dado que a orgia estonteante dos candalabros, irradiando á flux, chocava e contra-fazia as pretenções, aliás justificadas, dos artistas de boa tempera.

Affonso Arinos, fallando em meio de religioso silencio, despertou logo particular encanto, mormente quando, num mixto de admiração e ternura e com o subtil e raro poder

descriptivo que tão proprio lhe era, discorreu minuciosamente sobre toda a obra do illustre paulista, estudando-a em seus intimos recessos. Por sua vez, o Sr. Olavo Bilac, cantando na sua prosa feiticeira as boas-vindas ao novo hospede, produzio um discurso que é uma eloquente e peregrina pagina additada a sua extensa obra, patenteando como estava digna e naturalmente destinada a cadeira de Eduardo Prado ao seu carinhoso amigo e seu par na intelligencia e no caracter — o escriptor genuinamente nacional do *Pelo Sertão*. E, findas que foram as duas formosas orações, espalhou-se por toda a sala, entre palmas fragorosas que por muito reboaram, um murmurio sensacional e intenso de prazenteira expansão.

Volvidos apenas oito mezes, e quando extinctos se não achavam ainda os rumorosos écos da festa academica, (assim vol-o pôde revelar agora um pesquizador paciente), eis que um velho livreiro, lidador generoso e amador do brasileo sólo, onde formara quantioso peculio, legava em testamento, a esta instituição, a somma vultuosa de alguns milhares de contos de réis, para que ella, levando a effeito mais fecundo programma, alcançar venha com melhor proveito os seus superiores designios.

Com esse notavel episodio, devéras auspicioso para o vosso gremio, tenho encerrado a lembrança do sympathico acontecimento cuja indelevel impressão debalde vos tento exprimir sob a excepcional commoção que ora me avassala.

De industria, pois, e só de industria, é que neste momento vos recordo a forte refulgencia daquella festa litteraria, uma das mais sublimadas de quantas heis celebrado, e só assim licito se me torna, afinal, fazer-vos, antes de me sentar nas vossas honrosas cadeiras, uma confissão desassombrada, embora rude, no singelo proposito de deixar desvendado, esclarecido, sem vacillações perturbadoras, o segredo da minha convergencia para o vosso egregio cenaculo.

Fulminarieis, indubitavelmente, com o peso maximo da vossa condemnação quem, malbaratando tão nobre companhia, aqui entrasse a praticar em contrario da mais estreita lealdade que vos é devida o mais feio dos delictos moraes — a insinceridade.

Afeiçoado á conscienciosa meditação, desenvolvida por

um espirito applicado e resoluto, e aspirando ao aperfeiçoamento social, pelo commercio affavel e sadio dos homens, retirei-me cheio de encanto e enlevado daquella solemnidade, não sem deixar de experimentar um sentimento indeciso de inveja, sim, de inveja, por partilhar do excelso destino reservado a vossa douta e selecta grei.

Não vos alvoroteis, senhores, não vos afflijais á só idéa de que eu intente dar honras de excellencia moral e fóros de dignidade a um dos sentimentos de peor casta — a inveja — paixão essencialmente concentrica, incutida e fecundada por vicio dos mais abominaveis — a depravação do amor — inspirada por pensamentos sombrios e tumultuosos, por consumptivos prazeres, pelo egoismo ferrenho, por ambições peccaminosas, por incontida appetencia unida de um surdo rancor, paixão inimiga dos grandes corações, ora calma, dissimulada, precavida e mesta, ora folgazã, incauta, desfarçada e ardente.

Cousa complexa, intricada e melindrosa, bem se vê que a inveja é, de todos os sentimentos occultos, o mais difficil, talvez, de ser analysado e, certo, um dos mais raramente comprehendidos. A's vezes, uma existencia inteira não basta para a revelar, porque o individuo enfermiço disfarça suas mazellas sob o manto de uma exterioridade complacente, entretanto que ella por ahi vai vivendo a sua existencia cobarde e malsã, alimentada sómente de idéaes impuros e vis, sempre prompta a abater caracteres, a macular tudo o que é do bem, tudo o que é sincero, tudo o que é elevado e nobre.

Vestindo varios aspectos, ella envolve, em sua fórma habitual, um desejo licencioso, temperado de desgosto e gana, nascido da simples contemplação da fortuna, da alegria, da ventura, da posição, da saude, da belleza, do bem-estar, do repouso, do que, em summa, possa constituir ou mesmo parecer a felicidade ou a razão do relevo de outrem na vida. Consequentemente, já não causa pasmo que ella chegue a cravar seus felinos olhos em cousas mais subalternas, que deveram passar despercebidas até ás almas mais irrequietas.

O que nos enche de assombro é a affectada despreoccupação, é a indifferença simulada com que — vã illusão — espiritos que se não póde deixar de reconhecer superiores

fingem, amiude, não se entreter com as innocentes frivolidades de que é tão fertil a irregularidade humana. Observando com excepcional sagacidade, outro vosso companheiro, o Sr. Paulo Barreto, em uma das suas chronicas sociaes, deliciosamente assignala, por exemplo — a inveja da elegancia masculina. Da elegancia masculina! *Mirabile dictu*! E aprecia. « Não ha raiva mais feroz do que a desta inveja — a raiva que os outros homens tem dos homens com o gosto de saber vestir. Tem-se commentado muito os olhares das mulheres para outra mulher bem vestida, mas ninguem nota o rancor dos homens em presença de um homem bem vestido. As senhoras, quando vêm passar ou conversam com os homens notaveis, acreditam que de futilidade do trajar só cuidam os *encantadores*. Engano! Cuidam todos.» E o Sr. Paulo Barreto conclue affirmando « que ainda não encontrou um só homem, em evidencia ou não, que não fosse susceptivel ao elogio que lhe fizeram do fato ».

Mas o extrenho sentimento de que teria sido tocado o neophyto que a palavra vos dirige é antes uma nobre pseudo-inveja, cuja mysteriosa força subtilmente afaga e em breve domina todo homem vibratil ás emoções supernas, sensivel, pois, ás seducções da Arte; é esse *mal necessario* de que fallava o irreverente Voltaire, — « que no caminho da virtude toda alma superior sente no seio e, como uma leve *ferretoada*, nos compelle a proceder melhor »; é a expressão de anceio espontaneo e aperfeiçoador de privar com o merito verdadeiro, muito propria, aliás, dos amadores de justas praticas moralizadoras, os quaes se comprazem em ver atravéz da vida o anhelo alentador, do gozar o proximo successo nascente, aureolado por todos os predicados de nobreza, e as glorias do triumpho celebradas pelas magicas forças do mundo social.

E verdade é que a Academia só começou a ter definido e accentuado o seu relevo quando, por seu turno, entrou a ser invejada. O phenomeno ahi está, perfeitamente caracterizado, para grande jubilo dos vossos ideaes.

Nunca nos faltou nesta terra a aspiração de affeiçoar, congregar, de alguma sorte attrahir, numa collaboração efficaz e conjuncta, os elementos que despontavam e propendiam para o cultivo da litteratura nacional. Não obstante o

sentimento de sociabilidade, sempre tenue e lasso, fugia a todos os esforços. Os gremios de lettras dispersavam-se e desappareciam, a maior parte das vezes no meio da apathia e da discrença geral. Ninguem punha duvidas, e mui naturalmente, como resultado da severa logica dos factos, nesta injustiça que por ahi corre incontestada, de que, como em tudo o mais, nas questões litterarias, o espirito associativo dos Brasileiros é totalmente nullo e não passa de um capricho ephemero e occasional.

A Academia, resistio, com pujança admiravel, a esse preconceito supersticioso. Não lhe faltaram, porém, dissabores e obstaculos. Durante os tres primeiros lustros, sem embargo do devotamento dos seus fundadores, teve de supportar a triste situação da indifferença, que é um dos grandes males, que friamente perpetram os incredulos de todas as nossas obras collectivas.

Bem certo é que o vigoroso surto que ella offereceu posteriormente só se accentuou melhor quando as vossas sábias deliberações começaram a ser apreciadas, discutidas, criticadas ou combatidas. Nem lhe faltaram, de par com as expressões zombeteiras dos ironicos, os balofos remoques e as chufas dos maliciosos, que nunca falham, mas que servem, insensivelmente, para excitar a acção organica e consciente das fortes e sinceras esperanças. A propria opposição á celebre e malsinada theoria dos *expoentes,* cuja creação se deve á inspirada intuição e ao poderoso sentimento confraterno do Sr. Afranio Peixoto, nunca passou de um pretexto e não passa mesmo de symptoma. Sabem todos que pelas mãos dos genuinos lettrados é que penetram neste instituto aquelles que expressamente pertencem ou não á verdadeira republica das lettras. Certo, os ultimos não se sentem exilados, porquanto desde que pisam a vossa passagem vestibular defrontam justamente os compatricios que no romance e na poesia conquistaram posição de escól, e, na primeira linha, os recebem de braços abertos, fazendo-os encontrar neste recinto, como em seara abençoada, um amplo regaço de benevolencia e de liberalidade.

Elevando-se ao gráo a que attingio, esta instituição, já agora admirada, querida e elogiada, entrou a realizar a sua

funcção primordial: ser uma associação fundamentalmente representativa da cultura brasileira. A grandeza e o successo da Academia já eram, pois, um facto e a vontade daquelles que grangeavam o seu glorioso convivio sobejamente se justificava ainda antes do sympathico movimento do millionario munificente que, amando-a em recatado silencio, póde enriquecer-lhe o patrimonio financeiro num impulso raro e nobilissimo.

Senhores. Julgo ter dito bastante dos motivos que me arrastaram até vós, para que tente dissimular a viva emoção que me domina ao receber, neste acto, a vossa significante investidura. Dou-vos nesta oração um imperfeito attestado dos sobresaltos, de perplexidade, do desassocego que experimentei quando me preparava para bater as vossas portas e solicitar os vossos honrosos suffragios. Alguns, dentre vós, com quem de longe em longe e porventura me avistava, mal sonham a irresistivel attracção que, de velha data, sobre meu espirito, vinham soberanamente, exercendo e se licito lhes fosse adivinhar ter-se-hiam certificado pelo meu ar febrificante de lutador, quanto vacillei, como muitas vezes, me faltaram a coragem e a energia para arrastar o preconceito esdruxulo que se me antepunha anomalamente, e tanto mais que até então nunca ousara levantar a cabeça além das minhas humildes aspirações, pois bem sabia que ellas não podiam ascender á altura em que pairam os vossos decretos.

A vossa indulgencia — ainda uma vez mostrastes — não tem limites. Inteiramente despreoccupados de considerações extranhas, haveis invariavelmente feito assentar nesta cadeira, que, aliás, pertence a um dos mais inspirados poetas, sómente os cultores das lettras juridicas, e, naturalmente, esse foi o unico titulo que justificou a aceitação do nome que se vos apresentou e explica, por um lado, a vossa benevola acolhida e, por outro, o motivo da successão.

Nem quizestes indagar de certos traços — com referencia o digo — diametralmente oppostos e inconciliaveis das duas individualidades que ora se substituem. Arthur Orlando, a quem me cabe a honra de succeder, sob a sua physionomia um pouco tediosa, posto que extremamente sympathica, des-

cuidada de ademanes, despida de convencionalismos, com o seu aspecto ás vezes algo embuchado e bisonho, occultava titulos preciosos de segura indulgencia, revelando logo, pela sua riqueza intellectual, o exacto senso, o vigor das idéas e notavel e não vulgar penetração scientifica. Patenteando naturalmente e com sinceridade um largo despreso pelas cousas fortuitas, elle começava mesmo por ter esse precioso privilegio dos homens superiores: — não fazia cabedal nem caso da compostura do vestuario.

Admiro e louvo sem restricções a respeitavel e distincta classe de seres invejaveis que avaramente guardam, na despreoccupação das vestes, a linha da sua impeccavel gravidade e que, occultos sob o desalinho e o disparate das roupas, não necessitam dos frivolos incommodos e enfadonhos artificios da gente rebuscada para que mesmo de longe, nos deixem ver, dentro da sua massa imperterrita, ás vezes desgraciosa, mas sempre veneravel, o bom senso, a circumspecção e tudo quanto emfim é capaz de integrar a pureza e a preeminencia dos caracteres illibados.

Desses predicados valiosos, infelizmente, não se forra o vosso novo proselyto. Uma inclinação natural e espontanea, muito compativel com a sua alma ingenua de modesto provinciano, o levou a pensar (naturalmente em erro) que não seria pelo cultivo de algumas innocentes bagatelas e fugidias nugacidades que se haviam de desencadear as desgraças, as calamidades publicas e os flagellos da humanidade. Affeiçoando-se, pela regra appellidada do *bom gosto,* ao feio e quasi execravel peccado do *mundanismo* (e a expressão aqui nada mais significa do que o inverso do retiro sombrio e do tugurio convencional onde se recolhem em vida contemplativa, sabios mestres e divindades lunaticas do falso entendimento e do rude siso), imaginou que, provido de calculada dóse de bom senso e recatada alegria de fruir a vida, esse devia ser, na verdade, e á mingua de outros, um ponderado recurso de parecer educado e conviver em sociedade. E, se uma nitida comprehensão de sensatez, que sabe medir e procura se elevar, não o lançou jámais além das linhas de esmeradas correcções, nunca sentiu bem por que se não havia de tolerar essa culpa levissima, que, mesmo no trajar, sem os adornos

da ostentação ou do exagero, quer revelar a intuição consciente das regras do bom tom.

Os bons exemplos não merecem abandono. Nos tempos da opposição ao cesarismo romano, o philosopho Thrasea era uma figura que attrahia todas as attenções da sociedade. Homem do mundo, em toda a significação moderna da expressão, a sua casa se notabilizava e distinguia pela frequencia continua das senhoras de boa companhia; e, amando apaixonadamente o theatro, chegou mesmo, certa vez, em Padua, sua patria, a surgir no palco, em costume tragico, escandalizando a todos. Não obstante, esse varão illustre, cuja austeridade não tinha limites, era no conceito dos historiadores, o mais honesto homem do Imperio, de uma doçura e de uma tolerancia inegualaveis para com os virtuosos e os humildes e foi até uma das victimas de Nero, quando, em pleno Senado, recusou conceder honras divinas a Poppéa.

Não precisamos, porém, lançar vistas para tão longe. Nós mesmos presenciámos a mesquinha guerra com que aqui se flagellava um certo Joaquim Nabuco, cuja figura aureolada commettia, aos olhos de muita gente, o feio crime de manter impeccavel a sua elegancia de fino cavalheiro, não se lhe perdoando que para o seio da Camara dos Deputados levasse o seu fraque talhado rigorosamente e marcado por um vistoso cravo rubro, que alarmava a representação nacional. Não teve outra fonte a ironia — « *Quincas,* o bello » — com que o cognominaram por longo tempo. Comtudo, nem o tremendo sacrilegio de que o criminaram impedio que elle se erguesse á altura de grande Brasileiro, recebendo em estatua a sua justissima consagração, porque soube ser um dos grandes paladinos da redempção dos escravos; foi, como embaixador, um dos mais ardorosos defensores dos interesses internacionaes da nossa Patria e ajudou efficazmente a fundar uma Academia que é o centro mais brilhante da nossa cultura intellectual e o mais notavel acontecimento da historia litteraria do nosso paiz.

Naturalmente ha de surgir por ahi algum inquiridor perseverante que se incumba de estudar e descrever como se fórma, entre nós a lenda do *dandysmo* e como, da noite para o dia, da nossa vida social, apparecem guindadas, como que

eleitas, á eminente posição de arbitrios petronianos umas pobres e modestas creaturas que, sem embargo, são de surpresa colhidas com as excelsas honras que assim se lhes conferem só porque tiveram sempre a simplicidade de acreditar que a gentileza do trato, a amabilidade, a doçura de palavras, os gestos cortezes de sociedade e de salão e o distincto convivio das damas ainda continuam sendo fórmas e expressões de sentimentos apurados e nobres. Todavia taes suppostos arbitros devem bem saber e convencidos estar que razão de sobra assiste á triumphante legião dos espiritos superiores, que nunca malbarataram o tempo em quejandas futilidades, erradamente tomadas por alguns philosophos lá da outra banda do oceano como indicio de requinte social.

Mas ás discordias e desintelligencias essenciaes, que, para ventura de todas, hão de sempre nos preservar da *uniformidade academica*, nunca foram embaraço para as vossas deliberações, pois tudo isso pouco importa á Academia, á qual, como ao Paraizo e ao Inferno — na expressão do Sr. Olavo Bilac — por diversos caminhos se póde igualmente chegar.

Quando Arthur Orlando mereceu a vossa alta consagração, já era portador de uma obra que, pela sua feição profundamente conscienciosa, discreta e sincera, alimentada pelos grandes ideaes de liberdade, justiça e democracia, tinha direito e fazia jús ás homenagens dos pensadores contemporaneos. No seio de serena e laboriosa existencia, o seu espirito livre e extremamente emancipado e a sua forte educação classica formaram o trabalhador profundo e infatigavel, perito em lavrar com mãos delicadas as substancias preciosas das sciencias e das lettras.

Nenhuma analyse, por mais fina, exacta e penetrante, poderia descobrir, isoladamente, a materia geradora em que se fundio o espirito superior do pernambucano illustre cuja successão ora se opéra. Ella sómente brotaria inteiriça e consolidada pelo amplo estudo que, algum dia, se fizesse da atmosphera, do meio, do ambiente moral em que elle cresceu e viveu, onde começou a fazer a prova da sua intellectualidade, desabrochando afinal em perspectivas luminosas, em revelações progressivas e triumphaes.

Sylvio Romero, na *Historia da Litteratura Brasileira*, pretende que houve uma *escola bahiana,* pelos fins do seculo XVII até ao começo do seculo XVIII, mais tarde uma *escola mineira*, uma *paulista*, uma *maranhense* e outra *pernambucana*, segundo os lugares onde se foram reunindo grupos selectos de homens cultos cuja producção litteraria tomou vulto e deixou fundas raizes na historia do pensamento nacional.

A classificação não passou sem contradictores. A critica de escól arma uma penna vigorosa para lhe lançar a refutação. José Verissimo, a proposito da fallada *escola mineira*, insurge-se contra a tendencia de se crearem na nossa litteratura essas entidades ficticias, essas feições e aspectos que todo o talento dos inventores não bastou para realizar ou fazer aceitaveis. Não ha escolas de idéas nem de obras, mas simples agrupamentos artificiaes de individuos que sómente o acaso do nascimento e da contemporaneidade juntou sem algum laço ou requisito commum.

Georges Brandés soccorre e ampara os conceitos do critico. Um grupo é o resultado da união natural e desintencionada entre espiritos e obras de uma tendencia commum; uma escola é o resultado de uma communidade consciente de autores que se submetteram á direcção de uma convicção qualquer, mais ou menos distinctamente formulada. E Verissimo arremata agora: o que separa a escola do grupo (e a distincção é intuitiva) é não haver no grupo senão a camaradagem litteraria, a união natural de tendencias communs e ainda de um commum espirito, ao passo que o que caracteriza e define uma escola é a existencia de um credo litterario ou esthetico ligando autores que podem, aliás, ser de tendencias diversas, mas que, consciente e voluntariamente, seguem a mesma esthetica.

Sem o querer, talvez, ao impugnar o principio, José Verissimo, definindo-lhe os caracteristicos, explicou a maneira, traçou a fórma por que se consubstanciou de modo todo particular essa admiravel aggremiação que no Recife marcou época e lançou confiadamente projecções de luz intensa por todo o vasto horizonte das lettras nacionaes. Simples grupo regional de litteratos ou escola consagrada de scientistas, o

nome pouco importa. O essencial é o facto. A obra e a acção fundiram-se. No meio das controversias e das discordias, a filiação dos espiritos accentuou-se, approximando-os numa communhão de idéas capitaes. Para que não faltasse nada ao commettimento, onde não havia sómente um agrupamento accidental de prosadores e poetas salientou-se a chefia consummada e segura de uma intelligencia poderosa que desbravou o terreno e traçou directizes — Tobias Barreto.

O movimento seccionou-se em periodos perfeitamente caracterizados. A sua primeira phase foi poetica. Tobias, Castro Alves, Palhares, Luiz Guimarães, Plinio de Lima transportaram para a lingua portugueza as vibrações altisonantes, as antitheses e a suavidade da lyra hugoana. Eram os *condoreiros*, que contribuiram para dar vivacidade e brilho ao estylo dos nossos belletristas. Isso foi pela decada de 1860. Na decada seguinte a critica toma a dianteira á poesia, que se modifica. Sylvio Romero, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Generino dos Santos, Inglez de Souza, Justiniano de Mello, apparecem nessa quadra.

De 1870 por diante accentuam-se as tendencias scientificas dos estudiosos do Recife. E' a phase de iniciação philosophica. Já em 1868, Tobias chama a attenção para o Positivismo, que começa a fazer proselytos nesse centro litterario Mas, após a guerra franco-allemã, as suas vistas se voltam para o pensamento germanico. Littre o Spencer, comtudo, mantêm o dominio dos espiritos. Ha principalmente uma fascinação viva e completa, em toda a massa pensante da mocidade academica, pela obra vigorosa, fecunda e original do sabio britannico.

Ninguem se julga sufficientemente instruido e verdadeiramente intellectual sem sobraçar, pelo menos, algum dos dez volumes do *Systema de Philosophia.* Nas estantes de todas as bibliothecas ha de apparecer, bem saliente e viva, de vermelho, se possivel fôr, a lombada dos *Primeiros Principios*, dos *Principios de Biologia,* da *Classificação das Sciencias*, da *Philosophia do Estylo,* da *Genese da Sciencia,* da *Estatistica Social*, ou de qualquer outro nobre condimento com que se manipula toda a vastissima, prodigiosa e preeminente doutrina spenceriana.

Nenhum discurso, nenhuma oração, dignos desse nome, passará sem uma referencia á idéa da nova *lei moral*, que affirma a sua crença no conseguimento da perfeição da Humanidade ou no do *progresso*, que não é um accidente, mas uma necessidade. Longe de ser o producto da arte, a civilização constitue uma phase da natureza, como o desenvolvimento do embryão ou a eclosão da flôr.

Nos livros que dos prélos sahem, como nas palestras litterarias, se ha de necessariamente fallar na *psychologia experimental*, que ensina a descobrir, descrever e classificar as diversas modalidades da sensação e do pensamento, no estudo não só *estatico*, mas tambem *dynamico*, que não constata apenas os factos, mas ainda a sua genese, o seu desenvolvimento e as suas transformações.

Com o concurso de Tobias Barreto, em 1882 — acto que constitue um verdadeiro acontecimento litterario, pela grande repercussão que teve — iniciou-se a ultima phase da escola, a mais fecunda, mais duradoura e mais brilhante: a phase juridica.

O mestiço genial, que surgira do seu retiro da Escada, para deslumbrar a mocidade, com a sua palavra ardente, e os mestres, com o seu vasto saber, trouxera a concepção monistica do Direito com Haeckel, Noirée, Ihering, Hermann Post e toda a pleiade de pensadores e juristas allemães. Ao fragor da sua critica e á seducção da sua propaganda, os estudos receberam uma nova e fluente orientação.

A philosophia do Direito sem o Direito natural, a archeologia do Direito olhada pelo prisma do evolucionismo, a ethnologia juridica, os modernos processos da criminalistica começaram a ser objecto de acurado estudo entre nós. Foi a Escola do Recife que familiarizou os juristas patrios com a nova feição dos estudos penaes e foi ella que, primeira no nosso paiz, fez uso do methodo historico comparativo applicado aos estudos do Direito. Leve-se á conta do seu alto credito esse ultimo serviço prestado á nossa litteratura juridica.

O Congresso de Direito Comparado, de Pariz, em 1900, com Raymond Salleile á frente, teve o unico intuito de chamar a attenção do mundo pensante para a disciplina scientifica,

que impunha uma nova directriz á sciencia comparativa, pelo estudo parallelo das legislações sob a base da politica juridica, considerados, ao mesmo tempo, as tradições nacionaes, o espirito publico e as possibilidades praticas. O Direito Comparado passa a ser uma sciencia que se constitue em estado independente, com o seu objecto proprio, suas leis e seus methodos, distincta da historia comparativa das instituições e da propria Sociologia, embora esta, por sua vez, se sirva da Historia, que é o instrumento de observação por excellencia, para pesquizar e estudar as leis que presidem á formação, ao desenvolvimento e, de modo geral, á propria vida organica das sociedades.

Não foi, portanto, sem grande ufania e não menor contentamento que o novo alliado que ora vos falla, assistindo e tomando parte naquella assembléa internacional de Pariz, teve occasião de verificar que, emquanto os eminentes congressistas francezes procuravam dessa maneira despertar a grande massa de juristas que pareciam ter perdido toda a consciencia do laço que une o Direito ao desenvolvimento geral da civilização, já os pensadores pernambucanos conheciam a fundo aquelles conceitos, familiarizados que estavam com os nomes dos seus principaes propangandistas, que elles tornavam conhecidos mostrando, em largo descortino, as grandes noções da interdependencia intima a cada momento observada entre aquelle mesmo Direito e a evolução economica, social e politica de todos os povos civilizados.

Tudo isso operou a escola pernambucana. E fez muito mais. Não é necessario exagerar-lhe os serviços para lhe accentuar os meritos. Sem duvida, ella não conseguio transformar a preoccupação intellectual e metaphysica da nossa raça, que é a idealização scientifica e a inspiração dominantes das nossas instituições lendarias e seculares. Através do periodo revolucionario, que está passando toda a incomparavel belleza do catholicismo apparece mais forte do que nunca. A renascença do espiritualismo accentua-se, e a mocidade volve, de novo, a procurar na obra philosophica alguma cousa além do evolucionismo, que dê a medida, se não bem exacta, comtudo o mais possivel approximada, das nossas tendencias intellectuaes, moraes e ethicas.

Quiz, entretanto, a Fatalidade que, depois de lastimavel dispersão, a morte, a crua morte, ceifar viesse muitas daquellas existencias preciosas, fazendo desapparecer um a um quasi todos os brilhantes combatentes. Souza Bandeira foi o ultimo dos extinctos. Dos vivos, sómente quatro nomes estão em evidencia publica: Clovis Bevilaqua, Urbano Santos, Inglez de Souza e Graça Aranha.

A escola desfez-se, não sem produzir brilhantemente muitos e valiosos preceitos. Derramou um punhado de idéas novas que a geração seguinte só teve que assimilar, havendo, porém, cuidado pouco da phrase e abusado muito de certo vocabulario haurido na Historia Natural e pelo monismo posto em voga. Mas as palavras gastaram-se no attrito da vida, e a substancia espiritual que ellas representavam afeiçoou o nosso patrimonio intellectual á meditação e a mentalidade nacional ao estudo dos novos problemas scientificos, cuja orientação, sem duvida, a escola não estabeleceu originalmente, mas recebendo-a das fontes européas, adaptou-a ao nosso meio e calorosamente diffundio.

Jámais, comtudo, a escola occasionará o olvido daquelle que fôra o seu mais typico e glorioso representante. Tobias Barreto, bastante persuasivo, alma cheia de vigor e de expansão communicativa, soubera fazer e cultivar não poucas affeições, tendo, por isso, encontrado, entre homens de nome feito, alguns que lhe prestaram o auxilio da sua sympathia embora delle depois se separassem José Hygino e João Vieira estão nesse numero. Todavia, entre os jovens a sua acção foi mais energica e mais viva, tendo soffrido notavelmente a sua influencia Martins Junior, Gumercindo Bessa e Fausto Cardoso, que não podem desde logo ser esquecidos, e, bem assim, Sylvio Romero, que já a esse tempo se fizera professor e se transportava para esta Capital, onde veio ser o paladino da escola que ajudou a crear e a desenvolver.

No Recife, porém, o discipulo mais ligado ao mestre, o mais devotado e mesmo mais querido era Arthur Orlando. Offerecendo-lhe um exemplar dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, o famoso corypheu escrevera esta expressiva dedicatoria: « A Arthur Orlando, o amigo incomparavel, o companheiro de batalhas, do qual bem pudera dizer o que

disse Hugo de Lamartine, que somos uma especie de par homerico, sendo elle quem traz a lança e eu quem dirige os corseis ». E não houvera exaggero no colorido nem excesso no tom carinhoso e no enunciado fraternal dessa oblação.

Orlando era um combatente ás direitas, sempre alerta, para a defesa como para o ataque, nos jornaes, nas revistas, nos livros, nas palestras; doutrinando, se necessario desmantelar theorias, e desferindo sarcasmos temerosos ou leves ironias, nas suas chronicas amenas e eruditas exposições, quando precizo metter a ridiculo o adversario. Espirito serio, fizera, não obstante, as suas primeiras armas em um hebdomadario satyrico, e o vezo da zombaria mordente lhe ficara nas curiosas malhas do seu espirito superior.

Estreou-se bravamente na vida publica, pondo logo em actividade as forças da sua natureza insubmissa e rebelde, a qual se revelou a pleno e subitamente em duas provas scientificas a que fôra submettido.

Adstricto para um concurso de rethorica, escreveu de improviso uma bellissima dissertação sobre « o estylo », em que as idéas de Spencer eram rigorosamente applicadas. Mas todo o seu esforço oral para integrar a disciplina se desmoronou diante da attitude do contradictor, que lhe abateu os vôos pelos dominios da psychologia, da historia litteraria e do evolucionismo, pedindo-lhe, num solerte golpe de sorpreza, que medisse e classificasse umas odes de Horacio. Orlando possuia o sentimento do rhythmo. Parecendo-lhe, entretanto, que desviar o curso das idéas da arte de escrever, afim de apontar os versos saphicos ou adonnios e os pés « dactylos » ou « espondeus », era amesquinhar alli o concorrente, retorquio por meio de um publico protesto, feito com o calor da sua alma de moço. A prova, de seguida, era annullada.

Noutro concurso, na Faculdade de Direito, as idéas novas de que elle era portador occasionaram um ruidoso escandalo academico, semelhante ao que provocara Sylvio Romero quando, perante a congregação do mesmo instituto, declarava annos atrás, que « a metaphysica estava morta. »

Sabido é que ninguem mais do que Arthur Orlando fez timbre especial de usar e ainda de abusar de um vocabulario

arrevezado e complexo, posto que bem significativo e apropriado aos principios que revolucionaram as longevas tendencias philosophicas. Até nas expressões e na fórma era preciso deduzir tudo das sciencias naturaes e economicas, as quaes se deram as mãos para que fosse affirmada a idéa de solidariedade no mundo biologico e social. Elle dissera mesmo, nos seus *Novos Ensaios*, que « a concepção nova da materia, como uma substancia inerte e indestructivel, já não póde satisfazer as vistas largas e extraordinariamente bellas do espirito moderno. Este se elevou a um plano superior ao mundo da materia propriamente dita com as suas conhecidas propridades *cineticas, physicas, chimicas, electricas, magneticas*.»

A dissertação do exame versava sobre « o momento historico das leis ». E' um trabalho profundo e cheio de observações curiosas o que elle produzio. Apezar de se tratar de these quasi que inteiramente de Direito positivo, o autor achou meios e modos de encaixar todo o rosario das suas idéas reformadoras e revolucionarias, a começar pelas denominações caracteristicas. Trata-se de problema de « physiophilia processual », disse elle logo no principio da dissertação. Weber, Bergman, Struve, Meyer, Savigny, Imbert, Lasale e Gabba só tiveram fantasias subjectivas e fizeram sómente distincções subtis. A vida juridica, como qualquer outra vida, tem fórmas e funcções, e dahi uma « morphologia » e uma « physiologia » do Direito, influenciando-se reciprocamente, sendo uma o complemento da outra. O conceito de Mismer ampara o concurrente. O principio da gravidade universal, resolvendo todos os phenomenos do universo, ligando o mais pequeno corpo ao maior através dos espaços interplanetarios, foi a força suprma que expulsou a theologia e a metaphysica do governo moral e social, como já as expulsara da physica, da chimica e da biologia.

Os venerandos e provectos professores ouviam, confusos e alarmados, a audaciosa exposição. O candidato proseguia, impavido e sem se perturbar. Como creação historica, como experiencia capitalizada, como producto da acção collectiva, o Direito nada tem de absoluto, de universal e de eterno. A sua relatividade comprova-se. A sociedade é uma combinação binaria de pessoas e de cousas. Ella suppõe

a riqueza como suppõe a collectividade. Como elemento « histologico » do corpo social, a riqueza é de importancia capital na vida juridica. Não sendo a riqueza, em ultima analyse, senão um augmento de força directriz na mudança de lugar e de estado da materia, segue-se que a *alma mater* do Direito é a actividade humana. As multiplas actividades consideram-se milagres perpetuos, inexplicaveis, no seio dos phenomenos « physico-chimicos », ou simplesmente resultantes das forças ordinarias da natureza, de accôrdo com a concepção monistica do universo. Ha uma especie de equilibrio. E' a feição do « cosmos » juridico. O Direito passa a ser a disciplina das actividades sociaes.

Arthur Orlando vai além. Um recúo nunca seria movimento digno da sua probidade scientifica. E' mister levar a coherencia ás suas consequencias derradeiras. Affirma elle que deve haver « relação etiologica » entre a « solidariedade do crime » e a « solidariedade do processo ». E lança, afinal, esta proposição singular, que causa forte extranheza e chega a fazer época nas rodas academicas do Recife: « As *ordalias* no processo são provas *ontogeneticas* do desenvolvimento *philogenetico* do direito por meio da luta. »

A velha congregação estremeceu, transida de espanto. Trava-se acalorada discussão. Ha mesmo um desagradavel attrito entre examinadores e o candidato, que prefere desistir das provas, retirando-se do concurso. E, desse conflicto entre o monismo « haeckeliano » e o espiritualismo classico, resultou a desanimação de Orlando, que não mais se quiz submetter ás demonstrações academicas.

A cathedra da Faculdade perdera indubitavelmente um professor, e Orlando, a seu turno, uma posição condigna; mas nem por isso a curiosa esphera da actividade intellectual do ex-concurrente deixara de se entreabrir em vastos e promissores horizontes. Um largo periodo de intensa actividade põe em vivaz e eloquente prova os ricos e interessantes aspectos do seu poderoso espirito, moldado pelas forças resistentes e confortativas da Natureza, que elle amava apaixonadamente.

Em certa occasião Arthur Orlando, explicando os elementos componentes da sua formação litteraria, diz que mais

devia á Natureza e á vida do que aos mestres e aos livros. Destes ultimos o que mais concorrera para o preparo da sua mentalidade foi a collecção das *Fabulas* de Phedro, em cujas paginas se reflectem, como num espelho, todas as forças naturaes. Depois foi o *D. Quixote*, no qual Cervantes, provocando o riso á custa das loucuras e ridiculos humanos, ha feito mais bem á humanidade do que todas as escolas. Existem cousas na vida que sómente se corrigem á custa de muita gargalhada, e o riso, póde dizer-se, é exclusivo da especie humana, sendo o mais poderoso e humano instrumento de selecção social.

A seguir, confessa que o genio de Henri Heine, com o nectar de seu divino « humour », lhe produzira uma verdadeira embriaguez intellectual. Kant e Tobias Barreto, Spencer e Sylvio Romero seguiram as inclinações da sua philosophia; mas a materia prima da sua educação foi, através de densas brumas e vagas nebulosidades, a Natureza e sómente ella, com todo o brilho das suas côres, com toda a elegancia das suas fórmas, com toda a suavidade dos seus perfumes.

Dessas qualidades ardorosas da intelligencia, desordenadas, ás vezes, mas sempre opulentas e exuberantes, é que nasceram, viciando com pompa e graciosidade, os dons preciosos do critico e do litterato, do sociologo, do politico, do administrador, mas, sobretudo, do jornalista e do escriptor, porque Arthur Orlando, servindo-se da sua erudição sorprehendente, sempre progressiva e fecunda, se distinguio, antes de tudo, pelos continuos e brilhantes combates de imprensa e, principalmente, pela grande producção de livros magistraes, que só não tiveram repercussão bem popular em razão de haver sempre caprichado em não disputar os suffragios e favores, muitas vezes banaes, da opinião publica. Como jornalista, não fez mysterio, depois de longos annos de immensa laboriosidade, em traçar as suas impressões que, nada tendo de pessimistas são ao contrario coadas através de nuvens ròseas e desenhadas com as côres da esperança.

Ao Sr. Oliveira Lima deve-se o discurso de recepção de Arthur Orlando nesta Academia. Se, com o merecido respeito, é licito offerecer uma unica refutação a esse excellente e

magistral estudo de Oliveira Lima, cuja voz, para honra da intellectualidade brasileira, já tem ecoado até em fulgidas moradas do espirito universal — Sorbonne, Harvard, Royal Society, — diremos que Orlando não era, principalmente, um philosopho. Fóra de duvida, tinha, como especial preoccupação da sua vida, talvez até em gráo maior do que qualquer outro escriptor nosso, o amor apaixonalo dos grandes principios philosophicos, dos principios e leis geraes, os quaes espraiando-se pelo seu robusto e ardente espirito, se alastravam afinal pelas menores paginas das suas producções litterarias, sociologicas e, em geral, scientificas. Mas elle não cogitava nem se occupava exclusivamente de pesquisar, estudar e desenvolver a sciencia universal dos sêres, dos principios e das causas, para organizar, sob uma fórma hodierna e com determinado gráo de humano poder, um systmea original, uma doutrina ou um novo methodo, reformando de antemão a escola de uma época, de um povo ou de um simples agrupamento de homens.

Dessa magnifica estofa, seguro indicio dos philosophos verdadeiros de profissão, a nossa patria, infelizmente, ao que parece, não teve até agora a ventura de possuir um só exemplar, á excepção de Farias Brito, ha pouco desapparecido, o nuico que, no meio da nossa valiosa mas revolta e desordenada evolução mental, procurou realizar, nos dominios da consciencia e na esphera dos conhecimentos humanos, uma obra condensadora, rica de concepções novas e elevadas.

Arthur Orlando, no afan prodigioso e na ancia de tudo pesquisar, estudar e esclarecer, pois que era um leitor infatigavel e um incansavel trabalhador, teve frequentes vezes necessidade, senão de abjurar, ao menos de transigir com as suas crenças philosophicas, que, aliás, nunca prejudicaram o curso caudaloso das suas admiraveis lucubrações.

O Sr. Clovis Bevilaqua, seu amigo devotado, admirador incondicional do seu talento, e que hoje, mais do que nenhum outro, guarda sob legitimo orgulho, com a robusta e invejavel mentalidade, as gloriosas tradições da Escola do Recife, prefaciando uma das suas obras, teve occasião de notar que o autor se mostrava um revoltado contra tudo o que era futil,

tacanho, injusto, perverso ou torpe, anciando por um mundo melhor e mais puro, mas que «andava atormentado pela duvida, vacillando entre um scepticismo, ora sob a feição aristocratica dos Lange e dos Scherer, ora sob a modalidade motejadora dos Bayle, dos Leopardi e dos Schopenhauer.»

E Martins Junior, igualmente outro amigo seu fraternal, tambem observou que Orlando «não teve e não quiz ter sequer um systema philosophico exclusivo pelo qual se modelassem as suas concepções e que por isso é que elle abandonou o positivismo francez, passando a travar conhecimento com aquelle nebuloso Eduardo Hartmann, a que Jules Soury chamara — «o ultimo cavalleiro das causas finaes.»

Com ser francamente afeiçoado ao estudo da philosophia e não propriamente um philosopho, nem por isso a figura brilhante de Arthur Orlando diminue de valor ou perde de importancia. Jean Richepin, da Academia Franceza, ainda ha pouco realizava, na Universidade dos Annaes, uma série das mais interessantes conferencias, exclusivamente dedicadas ao exame e ao estudo da curiosa personalidade de La Fontaine, repetindo, acerca do mesmo, a conclusão, a que já chegara Taine, de que o poeta fabulista, pintando ou querendo pintar a sociedade do tempo de Luiz XIV, havia bellamente caracterizado e retratado a sociedade humana em geral.

Richepin, no emtanto, ao reservar uma conferencia especial para tratar da philosophia de La Fontaine, advertio desde logo que não se occuparia propriamente do philosopho La Fontaine, o qual sem duvida alguma, quiz tirar e deduzir de quasi todas as suas fabulas a moral, como a origem e o fim dos sêres e das cousas, pondo-os ao serviço da discussão philosophica, a proposito de um verso, de uma anedocta, de um adagio. O discurso a Madame de La Sablière, sobre o «Automatismo animal», não teve outros intuitos. Mas, sem ter creado, pelo trabalho especial do seu cerebro, um systema, nem resolvido igualmente um grave problema vital, cabe a La Fontaine o titulo de «Grande Pensador», o que já é muito, nunca, porém, o de «philosopho de profissão», o que seria muito mais.

O escriptor illustre, meu predecessor nesta cadeira, o

pensador profundo, o critico consciencioso, o polygrapho que abordou todos os asssumptos, sem circumscrever em limites acanhados os vôos da sua imaginação e a expansão dos seus conhecimentos, mereceu, sem favor algum, as homenagens desta Academia, como a sua perda irreparavel merece hoje o pezar de todos. Mas a evolução de um espirito através da sua obra é a operação grata ao curioso da psychologia, como ao amador litterario. Sente-se a alma do escriptor affirmando a sua individualidade, a intelligencia crescendo em lucidez e amplitude, a expressão adquirindo malleabilidade e firmeza. E sobre a transparencia dessa mentalidade reflectem-se as questões que agitaram a sociedade do seu tempo, assim como as escolas philosophicas e litterarias que disputaram a preferencia dos constructores de phrases e dos systematizadores de idéas.

Arthur Orlando que, ao sahir da Faculdade de Direito do Recife, era um sectario do positivismo scientifico dirigido por Littré, dentro em pouco, sob a influencia de Tobias Barreto, era um monista apaixonado por Haeckel, abrindo a flôr da intelligencia aos ventos da publicidade. Elle disse do mestre que este não era budhista, nem spenceriano, nem comtista, mas um inimigo de todo systema, de tudo o que é orthodoxo e convencional. Sem o pretender, a si mesmo se estava caracterizando.

Na *Philocritica*, publicada em 1886, já era esse o estado de idéas de Arthur Orlando. O que dá, porém, um sabor especial a esse livrinho de critica social, philosophica e litteraria é a exuberancia e frescura de conceitos, a vivacidade de expressão e o livre humorismo, que vai da ironia leve ao motejo franco, por vezes mesmo ao sarcasmo diante da ignorancia e de certa endemia de caracter social e politico. O primeiro capitulo, estudo de psychologia feminina, como ensina o autor, com a sua terminologia haeckeliana, tem por objecto a alma da mulher russa. E' uma pagina interessante, porque, ao mesmo tempo que nos traça em um bosquejo rapido, mas firme, a formação desconcertante da mulher slava tambem nos desenha a idiopathia do escriptor. O que elle diz da mulher russa — cheia de saber e de virtude, tomando parte em todas as manifestações da vida intellectual

e moral do seu paiz, nas lettras, nas sciencias, nas artes e nas industrias, exercendo a medicina, a advocacia e o professorado, collaborando em revistas, trabalhando em escriptorios de estradas de ferro, dirigindo serviços de telegraphos, votando por procuração nos *Zemstvos* — continúa a ser a rigorosa expressão da verdade, hoje que, na frente occidental do vasto e democratizado Imperio abatido, emquanto os homens, desertando a causa da justiça e da civilização, abandonam as fronteiras e deixam cahir as armas das mãos entorpecidas pela asthenia do animo, o espirito de combatividade e o ardor patriotico se abrigam nos corações femininos, feitos para o amor, para a doçura e para a piedade.

Arthur Orlando não foi poeta, nem tampouco escriptor de fabulas amorosas, no entretecer as quaes os artistas fazem correr livre a fantasia, a espalhar phrases que brilham como estrellas ou cantam como aves ao nascer do sol ou nos fallam á alma como o éco de uma voz que nos vem da profundeza augusta do espaço. Mas teve, como qualquer profano, a sua crise de sentimento e escreveu umas canções sem metro, como as chamou Raul Pompéa, as quaes appareceram colligidas, em 1891, sob o titulo de *Meu album*. E' um suave poema em prosa subjectivista, fragmentado, onde palpitam aspirações, estremecem duvidas e, por entre reflexões de uma intelligencia adstricta ao estudo, transparecem os impulsos affectivos de um coração attrahido pelo eterno feminino...

Não desestimeis as pudicas reticencias, tão expressivas no seu ethereo silencio. E' que Orlando, dentro da invulneravel couraça da sua nobre austeridade, tinha sob animo seguro a preoccupação constante de um culto incondicional pela mulher, no que ella tem de mais puro em todas as suas fórmas. E parece que sómente louvores merece por isso. Aquelles que fingem um desdem olympico por essa fidalga conducta bem sabem como, cedo ou tarde, soffrem amargo castigo ao pagar o fatal tributo.

No seu retiro da ilha de Chypre, o lendario Pygmalião levou toda a existencia a fallar mal dos femininos encantos mas no fim da vida fez-se estatuario e só esculpio estatuas de mulheres. A mythologia grega refere mesmo o conhecido

episodio da louca e perdida paixão do immortal artista pela deslumbrante estatua que lhe sahio do cinzel, prodigio de graça e de belleza, a famosa Galatéa, animada de um fogo intenso, em sua fria e inerte materia, por vingança de Venus, a deusa do amor.

No *Album*, de Orlando, não ha paizagem, a não ser a sufficiente para localizar uma creação de espirito que se objectiva em quadro de fantasia.

Ha impressões, estados de alma, reminiscencias de leituras. Percebe-se numa pagina que o escriptor leu Tolstoi e Dostoiewski; noutra, que estudou Lombroso. Mal os nomeia ás vezes; não lhes discute a doutrina. Mas deixa entrever uma phrase que é o seu juizo sobre o assumpto que o autor lido versou. E nessa phrase ha sempre um conceito digno de ser recolhido.

Dos grandes mestres do romance slavo elle diz por exemplo: — Os seus livros são immensos desdobramentos no tempo e no espaço, de tudo o que ha de bello, de gracioso, de energico, de violento, de grave, de familiar, de ingenuo, de pathetico. Sobre o celebre *Homem de Genio*, depois de mostrar que entre o genio e a loucura ha disparidade igual á que existe entre a estrella e o grão de areia, Orlando pondera, que, nas concepções geniaes, ha perfeita regularidade como nas lentes que augmentam as fórmas sem alterar as proporções, porque o genio não é a incoherencia; é, antes, a harmonia, a musica do espirito. E, fallando do riso, escreve o que mais tarde reproduziu quando explicou a sua formação literaria: — O riso é o mais expressivo e espontaneo dos movimentos estheticos, é a mais poderosa força de selecção na luta pela civilização. Fazendo rir foi que Cervantes acabou com a loucura da Idade Média, com a mania da cavallaria.

Não se esquece, todavia, numa das paginas, de estudar os elementos componentes da masculinidade e feminilidade da alma humana, e, noutra, descreve como, em sonho, fôra visitado « por uma encantadora visão, uma tentação de formosura, de graça, de harmonia, nympha que elle procurou apanhar mas lhe fugio, tingindo de rosa o espaço...»

Meu Album não encerra sómente as vibrações de uma alma affectiva. Esboça tambem idéas e doutrinas, que nos

permittem caracterizar a mentalidade do escriptor. Em Orlando predomina a intelligencia, mas o sentimento não se limita a ser estimulo: acompanha os surtos da mente, para a dirigir quando fôr preciso. A sua intelligencia é principalmente assimiladora; mas a sua assimilação é activa e muito intima. Não lhe foi exuberante a imaginação, mas a faculdade reflexiva o fez muitas vezes penetrar no amago das cousas.

Os *Ensaios de Critica* e os *Novos Ensaios* são livros de larga erudição, em que se debatem questões de philosophia, de direito e de sociologia.

Ha longas paginas (sempre o mesmo accorde e o mesmo thema), em que discorre carinhosamente sobre a educação superior da mulher, reclamando, em nome da biologia, uma immediata reforma dos codigos civis, na parte relativa ao casamento em bem da moral e dos interesses sociaes.

Num dos conceitos avança que «o amor não é o terreno mais proprio para a cultura da fidelidade, a qual suppõe a persistencia, a coerção, a disciplina, e nada mais insubmisso, caprichoso e indomavel do que a *bella flôr que vive de febre e phantasia*.»

Outra occasião, ao referir-se á mulher japoneza, elle descobre que «na côr dos seus cabellos, ou dos seus olhos, se advinha o céo illuminado ou brumoso, sob que habita. Na Japoneza o vestido não se colla ao corpo, ostentando esta exuberancia de nudez velada, que é a mais elevada expressão da volupia.»

Dotado de intensa curiosidade, Arthur Orlando enfrenta grande variedade de problemas e anceia conhecer a ultima palavra do saber humano sobre elles. A intelligencia adquire então maior gravidade e solidez e o espirito entra afinal em plena maturidade. Sente-se que a phase do preparo mental está ultimada e que o ensaista vai limitar o seu campo de acção para tentar construcções mais duradouras. Depois de ter perlustrado a Philosophia, o Direito, a Historia, a Politica e a Litteratura, opera-se a concentração das suas energias mentaes na sciencia social. O ensaista faz-se sociologo.

A *Propedeutica Politico-Juridica* é o primeiro producto

desta nova e ultima phase da evolução mental de Arthur Orlando. Para elle o problema do Direito são estudos de sociologia juridica. Estudar o Direito sociologicamente é, de um lado, investigar a relação entre os factores da civilização humana, em sua marcha ascendente através da historia, e as fórmas juridicas; e, de outro, assignalar as particularidades que a psychologia collectiva imprime ás legislações. Como, porém, a sociedade humana vive na terra e recebe a influencia do meio cosmico, para resolver o problema juridico é necessario aprecial-o não sómente sob o ponto de vista social e individual, mas ainda sob o ponto de vista *tellurico*.

Olhado dessa altura, o Direito é um dos phenomenos capitaes da vida collectiva e o seu estudo é uma grandiosa generalização, de caracter puramente scientifico. Desapparecem as grosserias da chicana, as caturrices do formalismo, as particularidades technicas, e sobresaem as grandes linhas geraes, que dezenham o phenomeno e o fazem destacar na dynamica social.

Sem preoccupações de especializar a inteireza do seu pensamento e a sua solida cultura em certo e determinado ramo dos conhecimentos humanos, o illustre polygrapho fez-se agora internacionalista, inclinando-se francamente para a cooperação continental da America, cuja missão e cuja tarefa se lhe afiguram incalculaveis. O seu livro sobre « Pan-Americanismo » é uma obra de convicção forte. Lida neste momento, em que um élo de cordialidade e de intelligencia se estabelece para a integridade tranquilla e concertadora das nações cisantlanticas, tem-se uma nitida comprehensão de como o autor avançava e antecipava os seus ideaes e as suas esperanças, imaginando uma força nova e prevendo uma nova éra de prerogativas e de immunidades, a qual devia conjugar, em perfeita accommodação, a identidade das tendencias politicas com a dos interesses juridicos internacionaes.

Arthur Orlando vê que o pan-americanismo, exceptuadas as emmaranhadas complicações do nacionalismo e do cosmopolitismo, surge como uma obra de fraternidade entre o pan-latinismo e o pan-saxonismo, despertando entre os povos da America a idéa e o sentimento de um destino commum. A civilização avança para um Direito economico ou economia

juridica, e para conseguir esse resultado é que a America procura internacionalizar as suas relações e interesses economicos. O pan-americanismo procura realizar na esphera economica o que o Christianismo realizou na esphera religiosa. Emquanto a Europa ganhou tempo, oppondo barreiras á Asia e despejando na America as levas de immigração que, através do cadinho do Novo Mundo, têm constituido o povo eleito que caminha em busca da terra da promissão, a America procura remedio para o mal que a afflige e para o perigo que a ameaça. Emfim, segundo elle, á America cabia completar a grande tarefa de Alexandre no Oriente e de Cesar no Occidente, organizando o pan-americanismo em defesa da nova concepção da justiça, da moral, da religião e da arte.

Se lhe foi dado alludir á colonização da America, ás correntes para fins commerciaes, á organização da familia e da propriedade, á constituição de patrias novas, ao mesmo passo não lhe teria sido senão extremamente grato discorrer sobre a condição da mulher no tempo de Carlos Magno, demonstrando que ella, se, de um lado, estava sujeita á tutela do Estado, em compensação as communas, levantando-se contra os senhores feudaes, tornaram a mulher soberana, não imperando sómente pelas suas graças e encantos. Orlando recolhe até uma phrase dos irmãos Goncourt: «A mulher, a alma desse tempo..., o ponto de onde irradia a imagem sobre que tudo se modela..., o principio que governa, a razão que dirige, a voz que ordena, a causa universal e fatal, a origem dos acontecimentos, a fonte das cousas...»

Depois de ter estudado e percorrido todos os caminhos em que se encontram profusamente espalhadas as theorias organicas da vida social e nos quaes apparecem, sob contrastes desesperantes, as leis da moral e as regras do progresso, Arthur Orlando poz em movimento os recursos da sua actividade e da sua energia, para cuidar carinhosamente dos grandes problemas inherentes á nossa patria, das suas fontes organicas, dos destinos do nosso povo e do futuro da nossa raça. A sua capacidade de trabalho chega a parecer inesgotavel.

A proposito de um simples relatorio que, como Inspector Geral da Instrucção Publica, teve de apresentar ao Gover-

nador do seu Estado, o exemplar funccionario julga do seu dever escrever uma longa e preciosa monographia sobre o problema pedagogico do paiz, o qual, na sua longa concepção, elle entende que não é senão a grande questão do progresso humano, que prima sobre todos os problemas sociaes, que está eternamente a surgir, cada vez mais embaraçoso, á medida que a sociedade se vai complicando.

Com a theoria do causalismo physico, admitte ainda o mallogrado pernambucano um confucionismo da força mental, reconhecendo as idéas e sentimentos como factores de evolução no meio do determinismo social. A organização do trabalho, do credito e da previdencia é de capital importancia; mas esses expedientes economicos, para produzirem salutares effeitos, têm necessidade de assentar em base mais larga e mais solida: a educação.

E, assim, elle conclue que a grande fonte de corrente humana, é o pensamento, a acção não passando de um manometro, que mede a pressão do vapor e a acceleração do movimento, mas não modifica o primeiro, nem dirige o segundo. E' a cellula do cerebro que reina e governa: a dos musculos aguarda ordens, cumpre decretos.

O trabalho intellectual, entretanto, continúa intenso e incessante. Agora são os artigos de revistas, novas monographias, memorias diversas apresentados ás assembléas scientificas. Nenhum delles tem cunho banal. Todos discutem theses de alta transcendencia. No primeiro Congresso Medico de Pernambuco apparece e chama a attenção geral a dissertação sobre *O trabalho como phenomeno economico e physiologico*, na qual affirma que sem a organização physiologica, baseada sobre o estado integral da producção e do motor humano, quer em relação ás horas do labor, quer em relação ao organismo individual e social, não será possivel avaliar autorizada e equitativamente as reivindicações do homem moderno.

O Terceiro Congresso Brasileiro de Geographia recolhe um substancioso trabalho de Orlando sobre *O clima brasileiro*, phenomeno, como diz elle, complexo, que se compõe de varios elementos, sujeitos a multiplas circumstancias, umas exclusivamente cosmicas, dependendo da fórma e po-

sição da terra, e outras geographicas, dimanando da estructura do globo, da sua distribuição em terras e aguas, montanhas e valles, florestas, campos e desertos. Pretende que ha no Brasil todos os climas. O nosso grande problema a resolver, porém, é o saneamento do sólo, a drenagem do pantano, — insaciavel minotauro, resistente *hydra de Lerna*, não sómente da Grecia, mas de Roma, da Italia, da Algeria, de todas as regiões alagadiças e paludosas. E o autor termina categoricamente: O sólo brasileiro, por sua fórma, sua extensão, seu relevo, suas disposições orographicas e hydrographicas, está a influir de modo decisivo sobre a massa atmospherica e a direcção das correntes aereas, para formar um clima ao mesmo tempo uno e multiplo, que, de accôrdo com a orientação simultaneamente longitudinal e transversal do Amazonas e do S. Francisco, e a maior garantia da integração nacional e da differenciação federativa do Brasil.

Em 1908 o escriptor quiz dar uma prova de devotado amor á sua terra natal e escreveu uma memoria de cerca de quatrocentas paginas sobre *O porto e a cidade do Recife*, estudo profundo e consciencioso de um sério problema regional, acompanhado, ao mesmo tempo, das mais curiosas revelações sobre aquella bella e adiantada cidade do Norte.

Em seguida, querendo approximar e ligar, por uma connexão de espirito, Pernambuco a S. Paulo, compoz umas paginas inspiradas e admiraveis sobre a vida dos *Bandeirantes*, que elle considera como typos representativos de um estadio de civilização, symbolizando ainda uma fórma de organização social, devida principalmente ás condições especiaes de territorio e população em cujo meio desenvolveram as suas aventuras e proezas.

O *bandeirante* reproduz o typo do aventureiro grego a correr atrás do escravo e do velocino de ouro. A mata faz o espirito humano sombrio. O homem da floresta não póde ter a mesma imaginação risonha que o da campina coberta de relva ou o do littoral movimentado pelo mar. E, sob a influencia destas ultimas evocações, a mente lhe inspira, e elle exclama: « Venus só podia ter surgido do seio das ondas, aos beijos do sol ».

Afinal o sociologo, já agora entrando em pleno periodo

de madura e serena reflexão, volve a attenção para o Brasil em geral e concebe o projecto de o descrever sob o ponto de vista physico, moral e intellectual, ligando essas diversas faces do assumpto, para mostrar as suas reciprocas influencias. De semelhante obra só foi publicada a primeira parte — *A terra e o homem*, — onde ha um estudo, ao mesmo tempo sério e carinhoso, do sólo e da fauna nas diversas regiões do nosso paiz e o desenho dos varios typos ethnicos que se crearam e desenvolveram nessas divisões geographicas de physionomia distincta: os *tapuias* da Amazonia, os *sertanejos* do Ceará, os *senhores de engenho* de Pernambuco, os *bandeirantes* e os *plantadores de café* de São Paulo, os *teuto-brasileiros* de Santa Catharina, os *gaúchos* do Rio Grande do Sul, os *garimpeiros* e *faiscadores*, os *guaycurús* de Matto Grosso e os *paroaras* do Acre.

Descrevendo a degradação da familia tapuia, que tanto impressionou á Senhora Agassiz, elle acha que tal facto parece uma resultante do parasitismo do homem explorando a mulher; que isto é que é preciso evitar para que ella não tenha um valor puramente economico e valha, antes de tudo, pela belleza physica, intellectual e moral, o que é possivel conseguir sem lhe tosquiar os cabellos compridos e supprimir as linhas curvas das ancas e dos seios. Taes as expresões de Arthur Orlando, tal o colorido com que occultava a inclinação a que o arrastara o intransigente e nobilissimo culto da Mulher.

O ensaio fundamental não parava naquelle volume, porque no seu desdobramento, que versava sobre *O meio social*, o autor pretendia tratar das fronteiras do nosso paiz, da immigração e colonização, da instrucção e saude publica, do Exercito e Marinha, das vias de communicação e transportes, das sciencias, lettras e artes, do Direito, da Moral e da Religião, do pan-americanismo e do pan-humanismo no Brasil.

Outros trabalhos em que se affirmam com vigor e lustre as forças irrequietas de convicções intimas, de desejos ardentes, de aspirações cultivadas ao sabor de uma intelligencia brilhante e de uma imaginação exaltada, ás vezes, mas sempre fertil e inspirada, produzio Arthur Orlando. A sua bagagem

litteraria e scientifica é mesmo selecta e profusa. Mas quanto, neste pallido escorço, assignalar pudemos é de natureza a transparentar, em toda a sua pujança, a extensão e a fórma do talento do egregio pensador nortista, permittindo claramente ver como elle cresceu em poder de comprehensão e de expressão e como, depois de se especializar, tendo-se inclinado, nos ultimos tempos para os preceitos da sociologia constructiva e coordenadora, nos deu obras verdadeiramente notaveis pela riqueza das idéas e pela segurança das inducções.

Pois esta robusta mentalidade, empolgada por varios problemas, nutrida de idéas geraes, quotidianamente arejada pelas correntes do raciocinio e da meditação, não sacrificou, á maneira do que tanta vez se vê nos cerebraes, — não sacrificou o sentimento. No pensador subsistia o amoroso. Já vimos que em varias de suas obras a mulher é um *leit motiv* ao redor do qual o escriptor se compraz em rendilhar variações ternas. Eva é para elle uma obsessão.

Como se comprehende o casamento do lettrado sentimental com uma antiga discipula sua? Ao mesmo tempo que lhe formava o espirito, abria-se o coração do mestre ao encanto da alumna cheia de talento. Foram felizes. E tanto se identificaram esses dous seres que acabaram até por ter calligraphia identica. Tornou-se impossivel dizer qual delles traçára um manuscripto posto a exame — o marido ou a mulher. Se a graphologia não mente, ao menos desta vez se terá realizado a ficção, cara aos poetas e aos apaixonados, do « par de almas irmãs ».

Sempre e ainda uma vez a alliança da intelligencia com o sentimento, combinação propicia sob cujo delicioso influxo Orlando atravessou a vida. Sob elle atravessou a vida e ainda envolto nelle chegou á morte.

Foi arrastada, foi penosa a agonia do vosso confrade, a quem a doença golpeara exactamente na região que mais devêra ter respeitado: este intellectual de escól havia de ser absurdamente preferido pela apoplexia! A usual synonimia de « insulto cerebral » nunca terá sido mais expressiva do que neste caso, em que o extravasamento de uma onda de sangue veio injuriosamente dilacerar um luminoso engenho.

O espirito lesado perdeu algumas das ligações com o

mundo externo. Tornou-se mesmo incapaz de receber ou transmittir certas impressões, a palavra nem sempre se adaptava á idéa, fugira-lhe a memoria das côres, já não reconhecia objectos.

Mas o affecto que dantes inspirara a intelligencia, passa agora a amparal-a, como a muleta ao invalido. Arthur Orlando já não póde acertar com o nome de certo criadinho mestiço que o acompanha desde o Recife. Certa vez, porém, percebe a insufficiencia de sua expressão verbal e dirigindo-se aos parentes e amigos que o rodeiam, diz-lhes, encaprichado e orgulhoso: Bem sei que estou trocando nomes. Mas os de vocês eu não esqueci, nem os esquecerei. Principalmente o *della*... E, voltando-se para a esposa querida, como que dominando, num esforço de ternura, as lacunas do terrivel mal organico, articulou, syllaba a syllaba, a graça de D. Maria Fragoso, á maneira do bom tempo já remoto em que as contava compondo loas de amor...

Como o nome da companheira, a doença tambem lhe poupou a recordação desta Academia. A sua lamentavel decadencia de semi-paraytico do cerebro deixara-lhe resteas de lucidez para que continuasse a interessar-se pelo illustre cenaculo. Assim, já na agonia, ainda aquella alma recebia do sentimento e da ideação fugitivos e consoladores raios de luz. Sómente o que outr'ora fôra deslumbrante clarão não passava agora de amortecido crepusculo...

RECEPÇÃO DO SR. ATAULPHO DE PAIVA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (*)

Quando a Academia tanto insiste para que se realizem com solemnidade as recepções dos seus novos membros; não é apenas para reunir nos seus salões a fina flôr da sociedade brasileira. Por si só, isso já não seria pouco. Mas o que nós visamos é ainda mais alto, ainda mais nobre: o desejo de prestarmos, pela boca do novo academico, a homenagem que merece o companheiro, de que elle vem occupar o lugar.

Essa homenagem vós a acabais de prestar de um modo brilhante.

Não me consta que a obra de Arthur Orlando tenha jámais sido apreciada, no seu conjunto e em cada uma de suas partes, com tão larga comprehensão do seu valor como vós acabais de fazel-o.

Quem, entretanto, não a conhecer — difficilmente avaliará quanto a tarefa era ardua, porque, como bem o demonstrastes, Arthur Orlando foi um espirito immensamente curioso, que tocou em variadissimos assumptos. Não era, portanto, facil acompanhal-o através das suas producções.

Mas se é devida justiça a quem tão justo se mostrou

(*) Discurso pronunciado pelo Sr. Medeiros e Albuquerque, Secretario Geral da Academia, recebendo o Sr. Ataulpho de Paiva, eleito na vaga de Arthur Orlando.

com o antecessor desapparecido, é precizo não esquecer que, na vossa evocação de escriptor pernambucano, houve tambem uma parte de malicia.

E diante della convém lembrar que quem com ferro fere, com ferro será ferido. Para vingar o meu saudoso confrade, eu retribuirei elogio com elogio, malicia com malicia.

Arthur Orlando foi da geração que contribuio para divulgar entre nós os ensinamentos da theoria da evolução. Os que assim fizeram sua educação intellectual chegam a um curioso estado de espirito: diante de cada phenomeno, de cada problema, o que primeiro lhes occorre é ir procurar-lhe a origem, para seguil-a passo a passo acompanhando-lhe a evolução até os nossos dias.

Ora, da cerimonia em que nos achamos hoje empenhados a origem é conhecida; é um rito de iniciação. Equivale a um baptismo, equivale ás solemnidades com que na Maçonaria se recebem os novos adeptos, equivale tambem a esses pequenos supplicios pelos quaes nos collegios se fazem passar os calouros. Em todos esses casos ha uma verdadeira amizade pelos que desejam fazer parte da communidade; mas, não obstante isso, quasi sempre se lhes infligem á entrada algumas pequenas maldades.

Serei, para receber-vos, um veterano affectuoso; mas apezar de tudo não esquecerei que seria um máo precedente permittir a um novo membro da nossa maçonaria litteraria a entrada sem que pagasse o tributo da iniciação.

A vossa eleição para a Academia foi das mais discutidas. Das mais discutidas fóra daqui. Ao passo que entre nós se chegava facilmente á unanimidade e que nenhum outro candidato se apresentava para disputar-vos o lugar, a discussão de vossos titulos continuava fóra deste recinto, com vivacidade e aspereza.

Por que? Porque fizestes uma reputação de dandysmo. Fostes um dos precursores da elegancia masculina em nossa sociedade. E os precursores nunca são bem recebidos.

Hoje já se admitte perfeitamente que a elegancia e o apuro das roupas não são, de modo algum, incompativeis com o mais alto exercicio da intelligencia.

A historia litteraria conhece o nome de varios escriptores celebres que nunca esqueceram o esmero no trajar. Esse foi o caso de Byron, esse foi o caso de Barbey d'Aurevilly e o de muitos outros..

No livro recente de Alfredo Pujol elle transcreve de uma obra de Bulhão Pato um trecho em que este conta certa visita feita por Garret a Alexandre Herculano. Garret, que ia passar alguns dias hospedado por Herculano, mandou adiante sua bagagem e o estojo de *toillete*. « Esta peça, diz o trecho citado de Bulhão Pato, podia parecer uma caixa de instrumentos cirurgicos e juntamente uma botica portatil, tal a quantidade de ferros cortejantes em fórma de canivetes, escalpellos e bisturis; as tesouras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e Pariz ». Alexandre Herculano, vendo aberto aquelle arsenal, voltou-se para Bulhão Pato: « Ora veja o meu amigo de quantas cousas póde precizar um homem neste mundo! »

A exclamação era nitidamente zombeteira. E se Herculano houvesse feito o inventario do resto da bagagem de Garret, teria nella de certo encontrado cousas ainda mais curiosas.

Nesse tempo, os trajos de ceremonia comportavam quasi sempre para os homens o uso do que se chamava o « calção e meia ». Os calções iam apenas até abaixo do joelho, apertados ahi por uma fivella; dahi até os sapatos rasos, o que havia eram longas meias. A barriga da perna ficava, portanto, com a fórma bem visivel. Dizia-se de Garret, que não tendo uma plastica impeccavel, usava barrigas de perna postiças.

O caso faz sorrir. Mas todo aquelle arsenal de pinças, tesouras e perfumes e todos os enchimentos de algodão para pernas mal feitas não impediram Garret de ser dos maiores escriptores da lingua portugueza, um chefe de escola litteraria activo e brilhantissimo e até um homem politico de idéas adiantadas.

Vão longe os tempos em que S. Jeronymo considerava

as roupas sordidas indicio de pureza de espirito: *Sordidae vestes candidae mentis indicia sunt.*

O nosso povo e aquelle de que descendemos nunca foram, entretanto, muito dados a apuros de vestuario e de cortezia. Ha disso na nossa lingua um depoimento interessante na accepção do adjectivo « francez ». Francez, diz o diccionario, póde tambem significar « hypocrita, falso ». Essa accepção, vós o sabeis, não entrou para a lingua porque se tenha notado nos filhos da França, como caracteristicas habituaes, tão baixas qualidades. Ella veio simplesmente porque foram sempre os Francezes os mais polidos, os mais cortezes, os mais esmerados no trato social. Isso os fazia suspeitos á rude gente, que da civilidade via apenas a parte de natural fingimento, que todos somos muitas vezes obrigados a manifestar, embora frequentemente com os mais nobres intuitos, — os intuitos de vencer as nossas injustas antipatias e de fazer passar as conveniencias dos outros em detrimento das nossas commodidades.

De tal fórma, esse termo de apparencia injuriosa é, em ultima analyse, um elogio. Mas elle prova que as nossas tradições não são muito affeitas ao culto da galanteria no trajar e no tratar.

Ha tambem uma certa sympathia na nossa lingua quando se exalta quem é um «casca grossa». Deixa-se um pouco entender que por baixo das *cascas grossas* é mais natural encontrar a probidade, a seriedade, as virtudes boas e solidas.

Nada de grandes elegancias. Nada de vestuarios muito finos.

Ora, do ponto de vista da indumentaria vós fazeis o mais absoluto contraste com o vosso antecessor. Elle era integralmente um philosopho, nas varias accepções que a esse vocabulo empresta o diccionario: amigo da sabedoria e indifferente ás convenções do mundo. Seu estojo de *toilete* devia seguramente ser muito menor que o de Garret. Vendo-o, talvez Herculano pudesse exclamar: « Ora veja o meu amigo como um homem se póde contentar com pouca cousa neste mundo! »

Mas desse alto espirito, que sempre se mostrou de uma curiosidade immensa, ao mesmo tempo que desdenhava todas

as elegancias do trajar, vós descobristes um aspecto curioso e insuspeitado: a sua preoccupação feminina.

Vêde, porém, como os maliciosos muitas vezes se deixam trahir. Nós todos tinhamos lido esses mesmos livros que vós percorrestes. Por que nos escapara o que vos pareceu tão evidente?

E' que a mesma scena nunca é a mesma para espiritos diversos. Cada um nos espectaculos que vê nota de preferencia o que mais o preoccupa. Por isso, se fizestes, de facto, a demonstração bem evidente de que Arthur Orlando tinha, sob a apparencia do seu alheamento a essas cousas,, a obsessão do que Gœthe chamou o «eterno feminino» — mostrastes, na subtileza com que descobristes esse *odor di femina*, como e quanto vosso olfato está educado para sentir-lhe mesmo os mais leves rastros...

Os maliciosos, os que conhecem bem o valor de certos peccados, vigiam cuidadosamente as suas expressões e nada deixam transparecer dos designios que buscam occultar, mas que satisfazem largamente. São os que não os satisfazem e os recalcam systematicamente, os que mais vezes revelam esses desejos sopitados. Elles ficam atirados, para as masmorras do Inconsciente. Desde, porém, que a consciencia se distrai, fazem como os prisioneiros que procuram, ás occultas, se communicar com os transeuntes que passam.

E se isso é assim para todos os sentimentos recalcados, mais fortemente o é para o dominio do amor, sob as suas variadissimas fórmas.

Não faltaram criticos para observar como se trahio esse sentimento no nosso grande e purissimo Machado de Assis.

Sua vida foi sempre um modelo de correcção e de pureza. No emtanto, vós sabeis como elle revelou em cem passagens diversas o seu attractivo pelo eterno feminino, descrevendo os braços das mulheres.

Os braços... Elle nunca foi muito mais longe. Mas os braços bastam e sobram. Cuvier gabava-se de, por um simples osso, ser capaz de reconstruir mesmo o esqueleto de animaes desapparecidos. Musset dizia que pelo pé se adivinha a perna: «et quand on voit le pied la jambe se devine». Em que adivinhações pensava Machado de Asssis, demorando-se tão

longamente, tão voluptuosamente a descrever os braços de suas heroinas? O certo é que nunca elle os esqueceu na enumeração das bellezas de todas as que creou.

As linhas do papel em que nós escrevemos são ás vezes como grades de prisão. Através dessa grade, certos instinctos que nós queremos prender e esconder mettem a cabeça e gritam para cá fóra que estão encarcerados... Os mais accommodados espiam apenas melancholicamente. E os criticos maliciosos os enxergam e apontam...

Esse Arthur Orlando que nos revelastes era, no ponto que a vossa malicia descobrio, o continuador da psychologia dos santos eremitas, cuja solidão castissima se povoava de allucinações lubricas como as de Santo Antão.

Pondo em relevo um aspecto tão insuspeitado da obra do vosso antecessor, é bem possivel procurareis fazer crêr que, se o contraste era grande entre a vossa elegancia habitual e o seu desprendimento de todas as mundanidades, ao menos havia uma preoccupação em que os dous espiritos se approximavam. Mas é absolutamente uma illusão. Aquella preoccupação apparece de vez em quando nos escriptos de Arthur Orlando como uma inadvertencia de seu espirito, que, voltado constantemente para outros assumptos, nem sempre conseguio impedir que o mais profundo dos instinctos humanos escondesse a sua existencia.

Aquella preoccupação não apparece jámais nos vossos escriptos exactamente pelo motivo contrario ao que trahiu Arthur Orlando.

Quem quer que seja, daqui a muitos, muitos annos, o vosso successor — eu o quero deixar prevenido de que não se fie nas apparencias. O que menos se preoccupou com o « eterno feminino », foi o que mais fallou delle. O que mais com elle se preoccupou — foi o que nada deixou escripto a tal respeito.

Mas esse successor remoto, cujo trabalho eu quereria deixar aqui encaminhado, preciza dizer aos que então o ouvirem que vosso renome de elegancia não parava no vestuario.

A elegancia consiste em fazer todos os movimentos, ainda os mais penosos, com facilidade e graça, como se nada custassem. Não mostrar nem mesmo a preoccupação de

occultar o esforço — porque isso já seria revelar a sua existencia.

Vós transportastes essa norma de vida dos gestos mundanos para todos os demais dominios da vossa actividade. Graves missões vos têm sido impostas; mais graves ainda vós a tendes ido espontaneamente procurar. A todas tendes, porém, dado execução, como se fossem simples distracções, faceis de emprehender e levar a termo.

Nem sempre o grande publico faz justiça aos que procedem assim.

A's vezes nos circos, falsos athletas se exhibem. Tomam alteres enormes, que parecem ter um peso colossal, e para levantal-os contorcem-se, estufam visivelmente os musculos, mostram nas contracções da physionamia que estão desenvolvendo um esforço digno de Hercules. E, no emtanto, as grossas espheras desses alteres, que parecem de ferro, são de páo ou de borracha.

O publico se deixa illudir por todas essas demonstrações apparentes de força.

Ha muito quem imite os falsos athletas. São, sobretudo, esses homens de lettras que, com grandes intervallos, produzem umas couzinhas chôchinhas, sem valor algum, mas a que muitos ligam grande importancia, porque foram annunciadas com larga antecedencia e porque os seus autores levaram tanto tempo a executal-as que elles são os primeiros a attribuir-lhes um merito enorme. E o publico diz tambem que, se taes obras pediram tanto esforço, ellas devem realmente ser sublimes.

Vós sois da escola opposta. Sois da escola dos que procuram fazer grandes cousas, como se nada custasse — simplesmente — elegantemente. E os que não sabem apreciar o verdadeiro valor raciocinam, dizendo que, se ellas foram feitas com tanta facilidade apparente, é porque, de certo, custaram pouco.

Quando Pretor, tivestes occasião de funccionar em um caso tristemente celebre. Pouco importa lembral-o senão em um ponto. A lei faculta aos juizes dirigirem desde principio as investigações policiaes. Deste modo, tudo se póde fazer com rapidez e unidade de vistas.

LIVRARIA EDITORA

Estabelecimento modelar
de livros novos de sciencias, artes, industria,
commercio, etc.

Secção completa de todas
as publicações periodicas, inclusive jornaes
de modas e trabalhos femininos

Leite Ribeiro & Maurillo

CORRESPONDENTES NA EUROPA
E NAS DÚAS AMERICAS

Aceitam-se assignaturas da REVISTA AMERICANA

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

JUNTO Á AVENIDA RIO BRANCO

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio 889 || Codigo Telegraphico A. B. C., 5ª edição || End. Telegraphico ETIEL

TELEPHONE CENTRAL 250

Revista Americana

Sciencias, Artes, Letras, Politica, Philosophia, Historia, Religiões

Director: ARAUJO JORGE

A maior publicação internacional com circulação em todo o Continente

PUBLICAÇÃO MENSAL

Distribuição gratuita em todos os estabelecimentos de ensino europeus e americanos, cafés, hoteis, restaurantes, barbearias, gabinetes de leituras, transatlanticos, ingleses, franceses, alemães, italianos, etc.

COLLABORAÇÃO

de todos os homens de letras e publicistas mais notaveis da America

ASSIGNATURAS

RIO DE JANEIRO . .	um anno	15$000
ESTADOS DO BRASIL.	um anno	20$000
ESTRANGEIRO	um anno	1 £
Numero avulso		2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

3, Rua Santo Antonio, 3 — Livraria Editora

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Nunca os juizes se aproveitam desse direito. Parece-lhes mais commodo deixar que a policia faça a primeira parte do processo, para que elles depois a revejam.

Vós usastes da autorização da lei, apressastes o processo, e em menos de dous mezes elle estava julgado.

Pequeno facto; mas significativo.

Esse facto teve, aliás, uma grande repercussão na vossa vida. Era uma questão que não vale a pena recordar, mas na qual estavam envolvidas muitas crianças de um asylo que, por força mesmo do processo, ficavam, do dia para a noite, sem tecto, sem abrigo.

Isso vos mostrou como a justiça — sobretudo, a justiça criminal — é pouca cousa. Isso vos mostrou como ella é incompleta e iniqua.

Punir — é uma necessidade; mas uma necessidade abominavel. Quasi sempre as punições mais justas são, por certos lados, profundamente injustas. Não raro ellas repercutem sobre terceiras pessoas absolutamente innocentes e, emquanto o criminoso, privado embora da liberdade, tem ao menos alimento e abrigo, a mulher e os filhos pequenos são forçados a mendigar, — forçados, ás vezes, a contingencias mais tristes ainda...

Punir, sim; mas quando não fôr possivel prevenir.

Desde que sentistes o que ha de angustioso neste problema, vós vos dedicastes ás questões de assistencia.

Eu dou testemunho dos esforços incansaveis que fizestes para resolver ou ao menos para encaminhar a resolução dellas.

A luta com a inercia administrativa é uma cousa tremenda. Não se encontra em parte alguma combate violento. Ao contrario. Mãos se estendem cordiaes, rostos se espandem risonhos; mas tudo fica na mesma. Ha, de certo, nos dominios da burocracia, uma variedade de gaz asphyxiante, que ainda não foi empregado na guerra. E eu penso que, se, no mais accesso de uma batalha, um aeroplano deixasse cahir sobre os exercitos em luta os papeis de uma Secretaria de Estado, os combatentes se separariam, promettendo que voltariam no dia immediato; voltariam mais tarde, voltariam depois... Porque a caracteristica essencial da atmosphera

burocratica é o adiamento indefinido mesmo das cousas mais urgentes. Tudo se retarda, tudo se procrastina.

Mas a vossa carreira não foi só feita com esse combate em prol dos institutos de assistencia. Isso aliás já não seria pouco.

Todos sabem bem como é amplo entre nós o direito que se arrogam os litigantes vencidos de atacar os juizes que sentenciaram contra elles. Esse direito vai tão longe, que até os pareceres de commissões de Congresso usam delle. Usam delle os governos dos Estados, quando se vêem constrangidos a cumprir sentenças que os obrigam a certos pagamentos.

Demais, a primeira accusação que se faz entre nós a todos aquelles com quem não se está de inteiro accôrdo é a de deshonestidade. Nisso se vai tão longe que, quando a Academia publicar o seu diccionario, eu espero que ella definirá assim a palavra «ladrão»: «*Ladrão* — termo corrente na imprensa brasileira que indica a pessoa com a qual se tem qualquer desaccôrdo, por minimo que seja, embora a probidade della seja indiscutivel.»

Ora, vós fostes juiz da Camara Commercial de um tribunal, quando nelle se estavam liquidando as loucuras de uma época de Bolsa. E, no emtanto, caso assombroso, ninguem vos accusou!

Diz-se, ás vezes, das pessoas excessivamente delgadas que são capazes de passar a secco entre as gotas da agua da chuva. Foi essa proeza inverosimil que vós fizestes naquella época em que choviam os baldões mais impiedosos sobre toda a magistratura.

Subistes de pretor a juiz de direito, de juiz a desembargador, sempre cercado de honras excepcionaes.

Um dia, na Europa, annuncia-se um Congresso de Direito Internacional.

Pareceu-vos que seria util levar-lhe uma communicação, que honrasse nosso paiz. A communicação teve um successo tão brilhante que vos nomearam vice-presidente desse Congresso. Houve, porém, um espanto quando, eleito, assomastes á mesa daquella solemnissima reunião, porque se esperava um velho, uma figura coberta de venerandas cans...

Quando aqui chegastes, o Instituto dos Advogados vos

agradeceu solemnemente o serviço prestado. E quem estava á frente desse Instituto, por tantos titulos illustre, não era precizamente um homem afeito a formulas de amabilidade e lisonja: era Bulhões Carvalho. A manifestação tinha, portanto, muito de excepcional.

Manifestação excepcional foi tambem a que vos fizeram vossos pares elegendo-vos, por unanimidade, presidente da Côrte de Appellação. A regra era a antiguidade, regra até então invariavelmente seguida. No emtanto, momento veio em que vossos pares, os que vos conhecem de mais perto, quebraram essa regra em vosso favor e quem proclamou a justiça dessa excepção foi exactamente o decano do vosso tribunal, tambem elle uma dessas figuras austeras capazes de honrar qualquer magistratura: o Desembargador Tavares Bastos.

Tratava-se então de executar uma nova reforma judiciaria. Todos sabem como são sempre difficeis esses periodos de transição, em que se pede ao mesmo tempo um conhecimento perfeito das praxes antigas e um conhecimento não menos perfeito das innovações. E' necessario modificar tudo o que a lei modificou, mas sem ir além, sem ficar aquem. Pede-se sciencia e tacto, memoria do passado e capacidade de adaptação ás normas do futuro.

Foi tudo isso que a mais alta magistratura do Districto reconheceu em vós.

Em certa occasião aqui se instituio uma conferencia internacional de jurisconsultos. Publicastes, quando ella se abrio, um trabalho notavel, fixando-lhe o programma, apontando-lhe os ideaes a realizar.

Quando o mais ardente dos membros extrangeiros que nella tomaram parte, jurisconsulto notabilissimo, quiz responder ás objecções oppostas ás suas doutrinas, transpoz o recinto da conferencia e foi a vós que se dirigio, paracendo-lhe que ninguem melhor expuzera os intuitos daquella reunião.

Assim, se o extrangeiro é realmente a Posteridade em vida, vós tivestes varias vezes a consagração do Extrangeiro, dentro e fóra da vossa patria.

Podeis disso ter um orgulho muito legitimo.

Quando manifestastes o desejo de ser um dos nossos, houve quem, reconhecendo embora todos os vossos serviços, perguntasse apenas: « Mas afinal elle é escriptor? »

Foi então que vos resolvestes a reunir em volume vossos trabalhos. E vio-se, quando esse volume appareceu, que, com a vossa habitual simplicidade e elegancia, tinheis publicado muito mais do que era precizo para vos sagrar como homem de lettras. Tinheis publicado tudo isso sem chamar para cada caso a attenção do publico.

Cada assumpto tem a sua fórma de expressão. Os assumptos austeros, de que sempre vos occupastes, pediam clareza, singeleza, vigor de argumentação. Tudo isso ha na fórma adequada que déstes aos vossos excellentes escriptos. E desde que elles appareceeram ninguem mais entre nós tem o direito de tratar dos assumptos de que tratastes sem estudar o que dissestes.

Eu não sei se vós tendes muitos inimigos. Deveis ter. E' uma honra que mereceis. Um homem sem inimigos é, segundo a velha comparação arabe, como uma arvore sem fructos, a que ninguem, por isso mesmo, atira pedras.

E' precizo ter amigos. E' precizo saber mostrar a capacidade de repartir com outros dôres e alegrias. Mas é tambem precizo ter inimigos. Elles nos estimulam e, quando são de certa ordem, elles nos enchem de orgulho. Faz tanto prazer mostrar os bons amigos como os inimigos rancorosos.

Mas se os vossos têm um pouco de bôa-fé, elles devem, afinal de contas, reconhecer que é precizo ter um certo mérito, muito acima do commum, para receber as homenagens que recebestes no extrangeiro e as que recebestes entre nós de vossos pares.

Ser um juiz inatacavel e inatacadamente honesto, ser um juiz ao mesmo tempo severo na applicação da lei e votado carinhosamente ás questões de beneficencia, — o homem que sabe punir, mas que sabe, melhor ainda, proteger e amparar os fracos — ser um talento e ser um caracter... Tudo isso se póde dizer de vós.

De como é grande a onda de estima que vos cerca tivestes a prova brilhante em um episodio occorrido não ha muitos annos nesta cidade. E porque a evocação delle envolve

a lembrança da pessoa a quem mais adorastes, essa evocação vos será, de certo, grata.

Os floricultores desta cidade, quando se espera alguma grande festa ou algum grande luto, se preparam para fornecer o que os seus clientes possam precizar.

Mas certo dia morreu nesta cidade uma velhinha. Era uma velhinha conhecida de poucos, que vivia uma vida retirada e simples, uma velhinha, para tudo dizer em duas palavras, sem importancia.

O commercio de flores da capital de uma terra, onde as flores são tão abundantes, não achou que o caso pudesse interessal-o grandemente.

Mas da morta desse dia vós dizieis, repetindo o verso suavissimo de Gonçalves Crespo,

« és tu, doce velhinha, ó minha mãi. »

E como mesmo os que não a conheciam vos conheciam e prezavam, — como elles se sentiam devedores a ella de vos haver formado o coração, — como todos sabiam o carinho e veneração de que a vivieis cercando, não houve quem não lhe quizesse enviar ao menos algumas flores. E ainda se estava ás primeiras horas do dia e o commercio de flores, tomado de sorpreza, suspendia inteiramente as suas operações. Os estabelecimentos de floricultura fatigados de se desculparem com os clientes retardatarios, cortavam as communicações telephonicas, por inuteis, diante do vazio que nelles havia.

Na sua extranheza, este episodio tão simples me parece eloquente e commovedor. Vêr em uma cidade tão grande, tão cheia de flores, — que as flores pareceram insufficientes para render uma homenagem — que vos era em grande parte feita, provava bem como era grande a estima que vos cercava.

Que vos cercava — e que vos cerca ainda, porque foi de vos dar bôas-vindas de admiração e de affeição que os vossos confrades me delegaram a incumbencia.

EL FOLK-LORE ARGENTINO

IMPORTANCIA DE SU ESTUDIO

Al abordar el estudio de la materia cuyo nombre informa el título de estas líneas, no creo, como se ha pensado por algunos, sea éste el momento menos propicio. Por el contrario, se trata de una cuestión cuyo fundamento lo atribuímos también al principio de la nacionalidad; y nótese acerca de ella que es casualmente en su base donde radica el problema tan discutido, de tan palpitante actualidad, diseñándose claramente la lucha de dos principios antagónicos: la constitución de las naciones informada por los elementos raza, lengua y religión, sostenido por los imperios centrales; — y el concepto tradicional — bien entendido por cierto — sustentado por la « entente » y el resto del mundo civilizado.

Cuando en diversas ocasiones el ex jefe del gabinete francês, M. Ribot, explicaba al pueblo la justicia que asistía a la « entente » al proclamar el principio de la libertad como fundamento de la constitución de las naciones, y declaraba en armonía con ese principio que las provincias tomadas por la fuerza a Francia debían de serle restituídas, lo que jamás importaba una anexión, el eminente estadista expresábase así, sosteniendo con ello que la tradición de los pueblos es una barrera inconmovible, ante la cual se estrellaron los Atilas del siglo V y de los albores del siglo XX, y se han de estrellar los Atilas que el mundo pudiera abortar en lo porvenir.

A ese elemento *tradición*, que ya lo habíamos esbozado en su carácter universal (1), nos proponemos ahora hacerlo servir a la causa argentina. Y si lo colocamos en alguna parte de este ensayo frente a la situación actual, no ha de ser, por cierto, esforzando la imaginación; ha de surgir fácil de las realidades, ya que los hechos constituyen el verdadero campo de investigación y de estudio modernos.

El tema, en cuanto a su aparición, nada tiene de novedoso, por cierto; no así en cuanto al interés que despierta el asunto por su progresivo enriquecimiento, viniendo a constituir, como lo veremos, una fuente inagotable de antecedentes, la pila bautismal, por decirlo así, de importantes problemas nacionales, cuando por la amplitud y gravedad del concepto no franquea las fronteras de la patria y se impone al mundo científico en arduas cuestiones que, por ser de interés general, pasa con ellas a la categoría de los derechos patrimoniales de la humanidad.

La difusión de la materia que nos ocupa, tanto en lo referente a los motivos que informan su estudio, como a los resultados que de su aplicación se han obtenido, ha sido siempre muy escasa, por cuanto las producciones al respecto han circulado tan sólo entre un reducido núcleo de hombres de ciencia. Es por ello que surge la necesidad de que sean divulgadas en diarios y revistas de bastante circulación, cuidando de reproducir con la mayor exactitud lo que hay de verdad en lo observado y en lo consultado, animándolas todas de un espíritu desinteresado y patriótico.

El *folk-lore* (2) es definido por el *The Century Dictionary and Cyclopedia* como la « parte del estudio de las antigüedades o arqueología, que comprende todo lo relativo a los usos y costumbres, nociones, creencias, tradiciones, supersti-

(1) *La tradición y la guerra*, en *La Nota*, 2 de Junio de 1917.

(2) De *folk*, pueblo, vulgo; y *lore*, leer, estudio. La voz fué sugerida para nombre de esta liencia por Mr. Thoms en 1846 y empleada por primera vez por Augusto Merton en 1848.

Es de advertir que en nuestra lengua no existe una palabra que pueda reemplazar satisfactoriamente a la expresión inglesa; y si empleamos la palabra *tradición*, ha de ser con las consiguientes reservas, pues se trata de un término genérico, demasiado comprensivo.

ciones y prejuicios del *common people*; — ciencia que trata de cuanto en los tiempos actuales sobrevive de las antiguas creencias y costumbres» (3).

El papel principal de esta ciencia es el de servir de poderoso auxiliar para completar la historia. Es la tradición recogida de boca del pueblo la que perdura en los objetos y caracteres simbológicos; destinada a despejar los turbios horizontes; a hacernos conocer nuestro pasado; el carácter y la cultura de la raza autóctona y por onde nuestro espíritu colectivo; y a provocar la meditación de tantos problemas trascendentales, que nos será imposible presentarlos aquí en detalle.

Pretenden algunos — y esto no sólo en el vulgo — restar toda eficacia a la rama más importante de la etnología, lo que no reconoce otra causa que la falta de información del verdadeiro alcance de esta ciencia, de la cual, en forma sintética ya hemos dejado constancia, y el concepto equivocado que se tiene del valor etimológico de la palabra. Se cree que la cuestión no se reduce más que a recoger tradiciones, recopilarlas, publicarlas, sin otro fin que satisfacer un placer, un capricho personal, y que por vanidad se le quiere dar una importancia de que carece. Hay quienes, despectivamente, han dado en llamar *cuentitos* a tan serias publicaciones.

El asunto es muy otro de lo que se piensa. Si nos redujéramos a tomar en cuenta cuantas patrañas y mentiras se les ocurriera a las gentes, y si a base de ellas quisiéramos hacer historia, bien traducida estaría la palabra inglesa *folk-lore* por *cuentito*.

Conceptos tradicionales, los hay, que a esta ciencia poco o nada interesan. Esta circunstancia nos fuerza a usar la expresión originaria, o bien, como propone nuestro erudito crítico, don Ricardo Rojas, darle la forma de nuestro idioma, castellanizándola así: *foclore*.

El paremiólogo don José María Sbardi, en su *Monografía sobre los refrenes, adagios y proverbios castellanos*, publicada en Madrid en 1891, al censurar la introducción en la lengua castellana de la palabra inglesa *folk-lore*, la substituye por la expresión: *saber tradicional popular*.

(3) Mr. Gomme ofrece la siguiente definición: «es la comparación e identificación de las ciencias, costumbres y tradiciones sobrevivientes en la edad moderna».

Y, sin embargo, a pesar de la cautela observada, se ha atribuído a los indígenas americanos, en muchas ocasiones, adivinanzas y cantares españoles, por ejemplo. En fin, se ha incurrido en tantos otros errores, que ha preocupado a más de un distinguido arqueólogo. Para no citar otro ejemplo, las hachas pulidas de la época neolítica de la región del Marne, por largo tiempo fueron llamadas *celts*, celtas, por los anticuarios, a causa de lo cual, los arqueólogos mismos, les dieron el nombre de *hachas célticas*, atribuyéndoles su origen a los celtas. El barón J. de Baye, haciéndose cargo de la cuestión, demuestra que absolutamente nada tenían que ver los celtas con las hachas pulidas, con las *celts*, y que la similitud de consonancias había dado lugar a un error: « las hachas eran llamadas *celts*, dice, no por alusión a su origen, sino a causa de su uso. La palabra *celt*, deriva de *coelo* o de *coello*.»

Pero una de las causas que más entorpecen el conocimiento de la materia, es la efectiva existencia de aquellas personas de que hablábamos anteriormente, que recogen tradiciones, las publican, y como ignoran su importancia y por consguiente no las guía un fin serio, no tienen inconveniente en repetir lo que oyen, agregando lo que se les ocurre.

Por otra parte, es necesario conocer la psicología del pueblo al cual se le someterá a un examen de auscultación, por así decirlo, y el estudioso que siga atentamente el proceso psíquico, notará que por la arteria palpitante de ese pueblo, corren, en abundante caudal y pletóricos de vida, los antecedentes, los hechos, las modalidades del espíritu, que con la elocuencia de su mutismo dicen del alma nacional y que por ser genuinamente argentinos, reclaman un lugar prominente en los anales de nuestra historia.

Esos antecedentes, esos hechos, esas modalidades, considerados en abundante convergencia, constituyen el objeto inmediato del *folk-lore*.

Analizando ese conjunto, que podemos designar con una sola palabra, *tradición*, vemos que en él se comprenden las costumbres, la organización jurídica, las máximas y los refranes, las supersticiones y leyendas, las adivinanzas, la mitología, la poesía, la música, el canto, los bailes, la medicina empírica, la lengua nativa... y hasta la cerámica y los inde-

lebles caracteres petrográficos y pictográficos, que delatan el pensamiento de aquél hombre que algunos siglos atrás dejó esos rastros permanentes a su paso por la América meridional.

Hemos citado la costumbre. ¿Qué importa saber, que no sea a título de curiosidad, se ha dicho por algunos, las prácticas consuetudinarias del pasado, cuando ellas quedan atrás, con los viejos horizontes, cuyo recuerdo no hace sino perturbar el positivismo moderno?

Es que quienes así se interrogan no han meditado que ese pasado del cual tanto reniegan ha constituído en gran parte la base del presente y que esas antiguas prácticas fueron no sólo precursoras, sí que también generadoras de situaciones e instituciones que a ellos mismos aprovecha. Aun más, ellas viven en la actualidad. Su ausencia es sólo aparente. Como en una combinación de sustancias quìmicas que da por resultado un compuesto diferente de las partes, así ellas también se han combinado con otros factores sociológicos, pero que aparecerán al hacerse un simple análisis.

Es que al criterio positivista se le pretende encerrar en los estrechos límites del mercantilismo.

El estudio de la costumbre contribuye a cimentar los vínculos de fraternidad; y todo país que se precie de civilizado y culto, no puede dejar de recurrir a ese medio eficaz que mantiene incólume la unidad nacional, con tanta más razón cuanto se trate de países que, como el nuestro, el cosmopolitismo es más o menos disolvente.

Se cita a la Gran Bretaña y a Norte América como ejemplos de países progresistas, unidos sus habitantes por estrechos vínculos, sin necesidad, por parte del pueblo, de recurrir al auxilio del conocimiento de la costumbre local.

Quienes se expresan así, no conocen lo que hay de verdad. Norte América, que quizá tendría menos motivos que nosotros por ser escasa la mezcla de sangre de su raza con la de los pieles rojas, no ha escatimado el mármol ni el bronce para perpetuar la memoria de aquéllos en el monumento que les acaba de erigir (4).

(4) Entre nosotros ha sido necesario que un pobre penado de Ushuaia, Mateo Caselli, se encargue recientemente de levantar un monumento al indio, para la capital fueguina.

Respecto de Inglaterra, ya se puede calcular el interés que despierta allí este estudio con solo considerar que ella ha puesto el nombre a la nueva ciencia.

Bástenos citar la encuesta realizada en Londres por el señor Ricardo Rojas, en el año 1908, en cumplimiento de la misión que le fuera confiada por el gobierno nacional.

Entre otros educacionistas cita al profesor Mr. Bunting, quien, al tenor de la seguiente pergunta: ¿Cuales son los puntos de historia nacional considerados más importantes para la ensêñanza? contestó: « 1.º Las primitivas condiciones del pueblo británico y el carácter de las razas semicivilizadas que contribuyeron a formarlo » (5).

Además, como dice D. Granada en su libro intitulado *Supersticiones del Rio de la Plata*, los ingleses se han distinguido en estos estudios y, al igual que los franceses, « han planteado asociaciones y periódicos especialmente destinados a ventilar cuestiones psico-físicas graduadas de prenaturales ».

Es así, pues, que en Iglaterra como en Estados Unidos, constituye éste un punto capital del que no se puede prescindir en los programas de enseñanza.

En lo que se refiere a la organización jurídica, al derecho público y privado de nuestros aborîgenes, es de lamentar que muy poco se haya adelantado al respecto, ya por la escasez de fuentes de información o por la poca fe que merecen los cronistas e historiadores de la época de la conquista, más dados a inflar el cerebro de los aventureros y a alimentar, por vía de adulación, la codicia de sus soberanos, ya porque nadie entre nosotros ha sabido prestarle una dedicación constante, como lo hiciera Guevara respecto de los araucanos en la vecina república de Chile. Para dicho autor, no se puede profundizar el *folk-lore* sin conocer perfectamente la criminalidad, procedimientos y penalidad que un pueblo practicó (6).

Se trata de conocer la historia del derecho, su información económica y biológica, y proceder a la delicada tarea de seleccionar la parte del derecho indígena que pueda servir para la historia de la organización jurídica nacional, parte

(5) R. Rojas — *La restauración nacionalista.*

(6) Tomás Guevara — *Costumbres judiciales de los Araucanos.*

que, por las razones apuntadas, adolece desgraciadamente de una relativa falta de estudio, pues si los que se refieren al sistema jurídico de los quichuas y araucanos de la Pampa dejan mucho que desear, son apenas incipientes los relativos al derecho del pueblo guaraní.

Dada la forma sintética en que nos hemos propuesto realizar este ensayo, sólo nos reduciremos a consignar — y aun es dudoso —, de que se ejercitaba entre nuestros indigenas, como en el imperio incásico, la más estricta justicia, en el sentido de que ella alcanzaba a todos, caciques y no caciques, señores y no señores, por más bárbaro y cruel que haya sido su sistema de penalidad.

Respecto de los refranes, máximas y proverbios, el pueblo los tiene originales.

Para contribuir con sentencias a la moderación de las pasiones, no se crea que habrá de recurrirse como a únicas principales fuentes, las máximas de los filósofos griegos y romanos. Sin ir tan lejos, las tenemos notables en nuestra América, bastándonos citar algunas sentencias del Inca Pachacutec, que, como se verá, por su admirable fondo filosófico moral, no desmerecen en nada a aquéllas:

« La envidia es una carcoma que roe y consume las entrañas de los envidiosos;

« Cuando los súbditos y sus capitanes y curacas obedecen de buen ánimo al rey, entonces goza el reinado de toda paz y quietud;

« El que tiene envidia de los buenos, saca de ellos mal para sí, como hace la araña en sacar de las flores ponzoña;

« Los jueces que reciben a escondidillas las dádivas de los negociantes y pleiteantes, deben ser tenidos por ladrones » (7).

Citamos entre los elementos constitutivos del *folk-lore*, las supersticiones y leyendas que, muchas veces ignoradas, flotan errantes en la vastedad de la Pampa o viven ocultas en las profundas depresiones de la tierra guardando los secretos de la selva nativa.

(7) A. Quiroga — *Calchaquí*.

Especialmente en la región calchaquí, la superstición constituye la vida misma del indígena.

En 1683 escribía desde Córdoba el obispo Maldonado a don Pedro Bohorquez manifestado lo difícil que era introducir la religión católica entre los calchaquíes, por ser éstos los « mayores idólatras ».

Todas esas regiones andinas están pobladas de misterios y en ellas viven, con la vida de una época remota, las más preciosas tradiciones: *Pachamama*, la Santa Tierra, es la buena madre que salva al indio del infortunio; el *Llastay* cuida de las aves y de las « ignotas fuentes de aguas dormidas »; son proverbiales los enojos de la montaña, los bramidos de *Huayrapuca* en las huacas de Andalgalá, las devastaciones del *Chiqui*, las curas por medio de hechicerías del *Machi de los Cardones*, empleando su original sistema que llama *La Pichara*, los espíritus que a cada paso se escurren por entre las hojas, los suspiros de las almas en pena condenadas a ser eternamente el errante de las vastas soledades... Este pueblo de las ricas tradiciones, tiene también de « Las Mil y una Noches » su « pájaro que habla », su « árbol que canta » y su « fuente que llora ».

Las adivinanzas mismas, revelan partes mínimas de narraciones fantásticas y evocan algún rasgo saliente de la época.

En ellas, ante todo, y para producir mayor curiosidad, se ha de hacer la pregunta que en quichua se expresa así: *himataj? himataj?* (¿qué será? ¿qué será?)

En Corrientes, se formulan adivinanzas en guaraní, las que, según el doctor Lehmann Nitsche, se presentan del siguiente modo: *maravichú, maravichú, mbaépioco?* (maravilla, maravilla, ¿qué será?) (8).

Supersticiones y leyendas las hay desde las más nimias hasta las más fabulosas que uno pueda figurar. Entre éstas, citaremos el crédito que se presta a la aseveración de la existencia remota de colosales gigantes. Pero esto no ha podido pasar inadvertido; no se ha presentado para los antropólogos tan fabulosa, y he aquí el origen de un interesante problema: Eso de los grandes gigantes, de tradición análoga a los cí-

(8) Lehmann Nitsche — *Adivinanzas Rioplatenses.*

clopes de la mitología griega, ¿no responderá a que con motivo de algún cataclismo fueran alguna vez los patagones huéspedes en Calchaquí?

La superstición, hemos dicho, constituye la vida misma del indígena; de ahí la riqueza de su mitología.

Con una naturaleza soberbia y avasalladora, que infunde una mezcla agradable de admiración y de temor, como diría Grant Allen, que ofrece la más hermosa policromía en sus flores, en sus insectos y en sus aves, y la mayor fiereza y monstruosidad en los animales de sus bosques — pues que Garcilaso refiriéndose a las culebras asegura que « las hay en los Andes de a veinticinco y de treinta pies y más o menos de largo, y gruesas muchas más que el muslo » — los mitos y divinidades se tenían que multiplicar, ya por el encanto de las cosas, ya por el estupor que engendraban los rumores de la selva, la contemplación de las inmensas moles calcinadas...

El cóndor, *cuntur*, es la divinidad alada. Al verle ascender lentamente, la imaginación se figura que bajo el arco de sus grandes alas guarda toda la epopeya gloriosa de la raza más viril y fuerte que haya poblado América.

Es de observar que todos los pueblos han venerado un ave con predilección; los peruanos, al rojo coraquenque; los egipcios, al ibis; los griegos, a los buitres de Prometeo; Roma aun sueña con sus palomas de Citerea... y de tal modo las aves vienen a constituir la encarnación del pueblo del cual son glorioso símbolo de algún rasgo peculiar, que en la actual lucha de Francia y Alemania nos parece ver al gallo de las Galias espoleando el pecho al águila del undoso Rhin, que insaciablemente le muerde con su pico de rapiña.

Respecto de los mitos, se han hecho observaciones interesantes que han sido el resultado de un estudio comparado. Y así, acá se adoraba la serpiente, *Amaru*, en forma idéntica que en Norte América, donde se conserva en el Museo de Peabody el famoso *Serpent Mound*.

El *Pucllay* de la región andina — dios de la alegría y de las estruendosas bacanales — en nada difiere del Baco helénico; *Llastay* es el dios Pan de los griegos; el diablo, *Supay*, es el Sepek heleno...

Pero donde un pueblo deja huellas imperecederas de su pensamiento y revela mejor su idiosincrasia, es en la poesia, en la música y en las canciones, porque en ellas ha volcado toda su alma, empapada como está de la savia de la tierra.

Es el arte que nos revela en todo su esplendor la inspiración y el genio de una raza, lo que ella ha padecido y llorado en los días aciagos de la vida, sus fatigas y sus glorias, sus virtudes y sus vicios, sus amores y sus ódios, las risueñas alboradas de sus triunfos y los ocasos barbaros de sus derrotas.

La poesía indígena es la más genuina expresión de la tierra nativa. Sencilla y realista, respira la fragancia de las flores campesinas.

Reproducimos la seguiente estrofa en idioma quichua y su respectiva tradución, en la que el lector podrá apreciar cómo nace espontánea, a raíz de una impresión sincera:

Munaguagui nihuarcanqui,
maitaschaimuna guarcanqui?
chirimancho, chirichiqui
huairamancho huapachinqui?

Dices que me quieres mucho;
dónde está lo que me quieres?
lo has hecho helar con el frío
o hecho llevar con el viento?

La sátira es comúnmente empleada en breves cuartetas:

Dicen que de susto muere
aquel que visiones ve;
yo vide una lagartija,
no sé si me moriré.

La poesía de carácter picaresco revela esa perspicacia indígena:

De qué le sirve al molino
que muele con tanto afán?
El es el que muele el trigo
y otro se come el pan.

La lagartija se ha caido
de arriba de una pared;
sale el lagarto y le dice:
qué te has golpeado mujer.

Sigan con ese amasijo
con ese amarillo afán;
como yo libre mi bollo,
ni aunque se les queme el pan.

Finalmente, citaremos algunas estrofas de tono elegíaco, cuyo asunto es generalmente ese amor que hace « sembrar esperanzas para cosechar olvidos ».

Yo no sé lo que es dormir
por lo mal que me han pagado;
en lo mejor de quererla,
por otro me han despreciado.

Si con llorar yo pudiera
remediar la pena mía,
hasta que alivio tuviera
mi llanto no cesaría.

La Musa nacional, caracterizada en estos últimos años por un marcado decadentismo, está lejos aún de disipar las nieblas con que el tiempo ha obscurecido la tradición de la montaña. Nadie ha revelado todavia el gran poema de nuestros indígenas, ni las cumbres han rendido todo su misterio.

La Pampa, en cambio, tiene sus poemas eminentemente nacionales: el *Lázaro*, el *Fausto, La Fibra Salvaje* el *Martín Fierro*, el *Santos Vega, La Cautiva* y los *Diálogos* de Hidalgo. Ellos son un verdadeiro exponente del sentimiento argentino, porque sus versos están mojados por el llanto de una generación, y en muchas de sus estrofas late la fibra del alma gaucha. Y sin embargo, el teatro nos presenta a diario asesinos y ladrones con la indumentaria del héroe de la llanura! Semejantes escenas delatan en sus autores, el más grosero estravío del sentimiento nacional.

Nuestro gaucho ha sido sentimental y noble, valiente y generoso; su corazón, tan abierto como la Pampa, y su vida tan humilde como el trébol. Y así, espléndido y suave — libre

de las ridículas afectaciones ideadas para mengua de su estirpe —, y sin llevar otras prendas que sus arreos de llanero, se ha perdido para siempre en los lejanos horizontes, cantando los inefables *tristes* y *cielitos*.

Su despedida del mundo, tiene la melancolía de los atardeceres...

La música, el canto, los bailes, nos muestran que no todo era fiereza en la raza aborigen que se extinguió.

Más de una vez, mientras suena una llorosa quena, he visto a uno de esos viejos, heredero de la idiosincrasia de esa extinta raza, secar una lágrima con sus dedos sarmentosos... Es que surge del fondo de su alma atribulada algo como una resurrección mística del pasado.

De cuando en cuando, el pueblo aborigen sacude su laxitud, y como si quisiera vivir por un instante la vida de sus progenitores, improvisa fiestas indígenas, vuelven a sonar los pífanos y los tambores; y entre el hormigueo y la algazara surgen los tradicionales bailes y las parejas van arremolinadas, envueltas en los ponchos rojos (9).

¿Pueden la música, el canto y el baile nativos, constituir la fuente de un futuro arte nacional, — He aquí otra de las cuestiones que nos interesa. Hay quienes arguyen — porque poseen una colección más o menos numerosa de quenas —, que la música indígena está exenta de todo valor. Estos juicios tan prematuros acusan falta de gusto artístico y responden a un error de concepto.

Suave en sus modulaciones, nuestra música reúne en una dulzura infinita las notas dispersas de la naturaleza, y por ello, como muy bien se ha dicho, « es un accidente de la tierra misma.»

Por otra parte, no sólo hay música en los sonidos de la dulce flauta de caña: el pico de las aves modula su eterna sinfonía; el sonido en la restinga de los arroyos tiene la dulzura de las guitarras; de las estrechas y profundas hendiduras de los pechos de granito escapa en suaves ondas la vibración de cien arpas invisibles; el viento, enredado en la hirsuta cabellera de la fronda, suena agudo y penetrante como los

(9) En lo que a los cantos se refiere, aún conservan la melodía de los *hailli* y la ternura de los *haravecs*.

festivales pífanos, o llora con el acento melódico de las siringas; el torrente lanzado a lo profundo tiene el estruendo de un órgano sonoro; y hasta la mole peñascosa precipitada hacia el abismo con ruido soberano, pone su nota grave en este singular concierto que se percibe a la distancia como una colosal orquestación de arrullos.

Un otro de los elementos constitutivos del *folk-lore* es la medicina empírica.

Parecería inoficioso ocuparse en estudiar la medicina de los pueblos primitivos. Sin embargo, su utilidad es positiva. Se dice, por ejemplo, que el fruto llamado *cutichasca* sirve para curar *el aire*, teniendo la misma aplicación la yerba denominada *matraque*; la *blancomasa*, la *chachacona*, la *copaipuna* y la *ricairica*, son eficaces para la locura y la asfixia, respectivamente, las dos primeras, para el dolor de vientre las dos últimas.

Ahora bien, tomando en consideración ese empirismo, el químico consigue la yerba a la cual atribuyen propiedades curativas, la somete a un análisis en su gabinete, y valiéndose de un reactivo extrae los principios y averigua si ellos tienen las bondades atribuídas. Muchos de los remedios que se expenden en nuestras farmacias han tenido ese origen. Demás está decir la necesidad de conservar en su pureza primitiva los nombres de esas plantas, pues que de otro modo serían perdidas para siempre, como ya ha sucedido con muchas que en vano se trata de encontrar.

Tócanos ahora considerar uno de los puntos que revisten importancia excepcional: la lengua nativa.

Ardua ha sido y es aún para los lingüístas la tarea de desentrañar el verdadero significado de las palabras, produciéndose una enorme confusión al respecto, tanto más cuanto que nuestro país fué poblado por diversidad de razas que hablaban distintos idiomas. Por de pronto tenemos como principales el *guaraní*, el *kakán*, el *quichua*, el *lule*, el *araucano* y el *aimará*.

Con estos antecedentes, se explica porqué al hacer el estudio etimológico de una palabra, se encuentre en ella rastros de una lengua que acuse distinto origen, como sucede con la palabra *Tucumán*, de la cual hay quienes opinan que la par-

tícula *tucu* o *tacu* es de origen quichua, según la trae en su diccionario el P. Torres Rubio, siendo para otros, como Groussac, hija de la lengua lule o tonocoté.

¿Pero qué importancia nos ofrece este estudio?

Ante todo haremos nuestras las palabras del Dr. Vicente Fidel López y diremos que «un genitivo, un hablativo, contiene la historia entera de los pueblos que han consagrado su uso en su lenguaje». Y ya lo decía también Unamuno que «la lengua es el receptáculo de la experiencia de un pueblo y el sedimento de su pensar; en los hondos repliegues de sus metáforas ha ido dejando sus huellas el espíritu colectivo del pueblo como en los terrenos geológicos el proceso de la fauna viva.»

Es así, pues, cómo ha de ser abordado el estudio de la lengua nativa, vale decir, distinguiendo el elemento filosófico del meramente filológico que es más bien gramatical.

Sin embargo, ya porque la filología es siempre un auxiliar imprescindible para deslindar situaciones creadas por la confusión de diversas lenguas, ya porque una breve revista lingüística nos sería necesario para sacar conclusiones que las haremos valer más adelante, diremos que ha despertado gran interés el estudio comparado de las lenguas americanas con las de diversas otras partes del Globo. Es singularísima la circunstancia de que el quichua tenga palabras, y muy numerosas, que su escritura y pronunciación sean casi las mismas que las de otros idiomas, con significados idénticos. Y sino, tómese la obra del P. Mossi donde establece las semejanzas del quichua con el hebreo. Iguales comparaciones se han hecho con el aimará, el sánscrito, etc.

Pero las analogías del quichua con el alemán, el inglés, el francés, son por demás sorprendentes. Así, las palabras *huasi, hous* y *haus*, en quichua, inglés y alemán respectivamente, las tres tienen el significado de *casa* (10). El nombre numeral *uno, huc* en quichua, que es el *ue, ukt, hek*, de los antiguos idiomas kamatico, de Laponia y de Java, según el Dr. López, es el *un, one, eins,* de las lenguas vivas francés, inglés y alemán.

(10) A Quiroga — *ob. cit.*

A raíz de esas comparaciones y semejanzas percibidas, queda planteado otro de los grandes problemas, aunque exento de un carácter eminentemente nacional, cual es el de la posibilidad de emigraciones del Asia y el Viejo Mundo por mar o por el continente austral sumergido a la América precolombiana, y particularmente a la región meridional, comprendiendo por consiguiente a toda la República Argentina. Y así se explica porqué la provincia de Catamarca lleve en su nombre una raíz alemana, pues el *marca* es *mark*, campo, del alemán antiguo (11).

Respecto de la cerámica, atribuída a la nación kakana, tenemos obras notablemente pulimentadas y pintadas a la mayor perfección. La alfarería es abundantísima, encontrándose desde los objetos que acusan la mayor rusticidad en el obrero, hasta aquellos que, como muchos de Santiago del Estero y Catamarca, son tan finos, tan artísticos como los de la Grecia antigua. Allí están las puruñas que lo atestiguan.

A más de ello, cada objeto tiene, ya en su forma, ya en sus dibujos o pinturas, una significación y un simbolismo que permiten clasificarle y asignarle su puesto en la cultura a que pertenece.

Por último, tenemos las petrografías y pictografías que llenan una función análoga a la del lengueje, pues una línea, un trazado indeleble en una piedra, no son otra cosa que una elocuente expresión gráfica del pensamiento indígena.

Más arriba hemos dicho que el objeto inmediato del *folk-lore* es la *tradición*. Nos es indispensable dejar aquí constancia de lo que entendemos por ella para evitar mal entendidos.

A nuestro juicio, ha de ser la que en otra ocasión hemos dado en llamar *tradición viviente*, satisfactoriamente definida

(11) Entre los peruanos, los *amautas* y los *haravecus* o poetas estaban encargados de escribir y conservar la tradición patria y de cantar las glorias de sus antepasados. En esta forma, parece que vinieran a confirmar la casi indudable migración asiática a nuestra América, transmitiéndonos por boca de sus descendientes la noticia de la venida por mar de cuatro hermanos y cuatro hermanas, «hacía los *largos soles*, o sea dos mil años» (*y sa ay intipiallis campim cay cay cavia.*)

en los párrafos que siguen: «Las edades pasan y pasan con vertiginosa rapidez; la obra de los tiempos imprime serias mutaciones en el aspecto general del universo; pero, así como los ríos que van a perderse en el seno de las montañas, enriquecen a su paso los campos, fertilizándolos, así también el río del progreso, hijo del vaivén eterno de las sociedades, fecunda el suelo compacto de la ciencia, del arte, de la religión, de los hábitos, de las costumbres... La tradición camina, pues, triunfante al través del tiempo y su traspase continuo de hogar a hogar, de colectividad a colectividad, si bien es el legado de los siglos, es eternamente actual y presente... Luego, la tradición vive en el fondo del presente que constituye su esencia y su substancia y, considerada así, es el único objetivo que a los videntes de todo pueblo elevará a la luz, haciendo consciente en ellos, lo que en el pueblo es inconsciente.»

Absurda aspiración sería la nuestra si con esto pretendiéramos la restauración de las prácticas indígenas, entegarnos a la inacción y proclamar la paz de los sepulcros, pues que tan funestas consecuencias acarrea el abandono de estos estudios como la falsa interpretación de sus principios. Pensamos que esto último acontece en mucha parte en España — a pesar del valiente esfuerzo realizado por el sabio rector de la Universidad de Salamanca, don Miguel de Unamuno — donde un buen número de sus publicistas vive pendiente de ese pasado de conquistas, cantando a esa España soberbia, Señora del Mundo; pasado que, a nuestro objeto, no tiene otra importancia que la de un simple recuerdo histórico, desvinculado del presente. Es que aun se repite, como perdurable grito, las palabras que lanzara don Rodrigo de Arias: «muera yo, viva mi fama!»

Tampoco nuestras miras se circunscriben a una concepción intolerante, en el sentido de presentar en pugna la tendencia nacionalista y la comunidad internacional.

Por el contrario, la inmensa extensión de nuestros campos reclama la afluencia de los hombres de los más variados climas, y la República Argentina, como entidad nacional, no puede permanecer ajena al desarrollo vertiginoso del progreso, ni tiene derecho a perturbar la convivencia de la humanidad sustrayendo al mundo sus fértiles comarcas, so pena de obli-

garle a abrir sus puertas a cañonazos, constituyéndose así en el Imperio Celeste del continente americano.

Pero no por eso tomemos de plano instituciones y prácticas exóticas, sino que las adaptemos a nuestro medio, las hagamos funcionar en armonía con nuestros antecedentes. Demos al arte un colorido nacional, comuniquémosle el calor, el aliento y la savia vitales de la tierra.

Basta, pues, de sacrificar el espíritu nacional. ¡Si hasta la concepción, el pensamiento, nos viene muchas veces de fuera, grosera y vergonzantemente importado con las manufacturas!

Para conocer nuestro interesante pasado, saber quiénes somos, de dónde venimos y tener una visión clara de nuestro destino (12), necesitamos recurrir forzosamente al *folk-lore*, con la premura que el caso requiere, pues la ignorancia, que no se detiene a meditar, viene arrasando con todo, desde la época de los conquistadores de América, como lo hicieron los que seguían a Cortés, quienes al penetrar en el reino de Acolhuaxan dieron fuego al palacio del rey Nezahualpiltgentli, quemando todos los archivos reales de Nueva España (13).

Como para realizar con éxito el estudio del *folk-lore* es necesario trasladarse a las regiones que ofrecen elementos de investigación, sólo el interés por la ciencia y el patriotismo decide a los arqueólogos a hacer expediciones que costean con su propio peculio, pues la protección oficial es casi nula, porque los gobiernos, con escasas y honrosas excepciones, no han sabido apreciar el valor de la tradición del pueblo argentino, aun cuando no sea más por la deuda de sangre que éste tiene que saldar.

Entre nosotros, todo el mundo tiene derecho para hacer excavaciones y extraer antigüedades. Es así como existen aquí y allá, en poder de particulares, colecciones más o menos importantes, cuyo valor, que no sea pecunario, no se comprende, o se las tiene a título de simple curiosidad, pues aunque conservadas en armarios o en estantes continúan durmiendo el sueño de las huacas.

(12) Esto, en un todo de acuerdo con las ideas vertidas por el señor Rojas en la obra citada.

(13) Orozco y Berra — *Historia Chichimeca*.

Pero no es solo ésto. No pasa un año sin que tengamos la visita de algún sabio extranjero, enviado por el gobierno de su país para estudiar y coleccionar estes objetos que nuestra incuria no nos permite valorizar.

De esta manera los museos de Suecia, de Roma, Florencia, Nápoles y Turín en Italia, el de Berlín, el Museo Británico de Londres... contienen las más completas colecciones de antiguallas americanas.

El barón de Erland Nordenskiöld, el distinguido arqueólogo profesor Eric Boman, que fué nuestro huésped la última vez en 1915, el sabio alemán Hutler..., llegan de cuando en cuando a nuestras playas, toman camino de la región andina, hacen allí sus excavaciones, extraen los tesoros de la « Santa Tierra », y luego que éstos son bien acondicionados regresan a su patria con la preciosa carga y... se va con ellos un pedazo de nuestra tradición.

La historia de ese pasado que se desdeña está salpicada de luminosas hazañas, y con sólo considerar un lugar y época determinados, las figuras de sus grandes héroes que se llaman Juan de Calchaquí, Chelemín y Coronilla, constituyen una trilogía que se basta a sí misma para decir con su ruda elocuencia que es toda una epopeya la vida Calchaquí.

Siendo problema resuelto « que el indígena americano no sólo gozó de admirables facultades perceptivas, de paciencia, fidelidad y aptitudes para las labores pesadas, sino que también abrigó sentimientos de familia, de propiedad y libertad », y que es tal la importancia de su aporte étnico « que bien puede considerarse como el nervio de la virilidad nacional » (14), nuestros psicólogos, sociólogos y educacionistas, no pueden pasar por alto esa circunstancia.

En lo que respecta a la enseñanza de la sociología en las universidades de nuestro país, débesela suministrar con mayor extensión y con criterio más elevado, haciendo así verdadera sociología argentina, pues que al arrancar de la época colonial, no sólo ha de tenerse en cuenta en ese período las modalidades que imprimió el negro a la familia, sino que se ha de considerar muy especialmente al indígena, quien ha dejado

(14) Luís María Torres — *Prehistoria y Protohistoria.*

rastros indelebles de su idiosincrasia, hábitos, costumbres, y cuya sangre circula torrentosa por las venas de la actual generación.

Omitir factor tan importante sería relegar al olvido la tradición. Y un pueblo sin tradición es, casi diremos, un paria sin gloria y sin estímulo, un hijo ingrato del padre que lo engendró.

Pasado rústico, inculto y bárbaro, ha sido por ejemplo el de Inglaterra y Francia, y sin embargo los dos colosos sobre él se incorporan haciendo firme planta.

Estos estudios, realizados con la intensidad suficiente, han de contribuir en gran parte a definir en el futuro el alma nacional; descubrirán nuevos horizontes, poniendo en fuga las prácticas exóticas; inspirarán al artista la reproducción de escenas y motivos regionales; suprimirán el vil servilismo a las literaturas extranjeras, y el estro nacional, con la forninge de toda una epopeya, pondrá en las bocas un acento argentino (15).

La tradición, entonces, es el atributo del alma popular; es la que vive perennemente en la intraconciencia de la nacionalidad; asegura la cohesión de un pueblo y auspicia sus grandes destinos, porque haciendo amar lo propio, es un acicate para el trabajo y un estímulo para la paz (16).

La penetración del real concepto de nuestra tradición, nos hará encontrar el origen de muchas fallas sociales, políticas,

(15) Descontado está, para nosotros, que entre las consecuencias y reacciones que han de seguir a la presente conflagración, los estudios folklóricos recibirán un impulso extraordinario en el orbe civilizado.

(16) Al propio tiempo que nuestra tradición nos enseñe a respetar las tradiciones ajenas, presentará fuerte al alma nacional cuando al ser desconocida nazca el día oprobioso de la guerra. Conspirar contra ella que es la base de la constitución de las naciones, es conspirar contra la libertad.

De modo, pues, que el grave problema de la nacionalidad no radica ni en la raza, ni en la lengua, ni en la religión. Y cuando así nos expresamos, no incurrimos en contradicción con lo expuesto anteriormente. Los factores étnico, lingüístico y religioso, proclamados actualmente por los imperios centrales como la base para constituir una nación, diferen profundamente de aquellos a los cuales hemos considerado como partes constitutivas del elemento tradicional: en

institucionales, económicas... fallas vanamente buscadas en factores externos, más o menos complicados, sin reparar que las llevamos dentro de nosotros mismos.

El pueblo argentino, ha descuidado su mentalidad juiciosamente aplicada a los interesantes y grandes problemas nacionales. Le está resultando una verdadera gangrena el recurrido *positivismo materialista,* que es germen de ambiciones y discordias, de desorganización en todos los aspectos de la vida ciudadana.

la inteligencia de los primeros, las provincias de Alsacia y Lorena, por ejemplo, han de integrar el imperio allemán; en la inteligencia de los segundos, han de ser adjudicadas a la república de Francia.

Por el primer concepto, es lo que se exterioriza, lo que se ve — casi diríamos tangible — tan susceptible de cambios y transformaciones.

Por el segundo, es lo inmaterial y eterno, lo íntimo, que no se palpa pero se siente.

Allí, el cuerpo que por ley inexorable rinde su tributo.

Aquí, el alma que disfruta de la inmortalidad.

La tal distinción surge del desdoblamiento, diremos así, impuesto al criterio de esos elementos raza, lengua y religión: el *concepto materialista* (raza, lengua y religión propiamente dichas), que sólo considera, ya lo hemos expresado, el aspecto externo de esos fenómenos; y el *criterio filosófico,* que contempla la esencia y los efectos de los mismos, poniendo d emanifiesto esa conciencia moral de los pueblos como el eterno sedimento del presente. Y así, tomemos el factor *raza,* por ejemplo, y lo consideremos bajo esa doble faz: por la primera, nos sería indispensable recurrir a la antropología, haciendo el árbol genealógico de la raza que estudiemos, que es decir, investigando el origen, la filiación y el «parentesco por la sangre». Por el aspecto filosófico se ha de buscar en el factor enunciado las verdades superiores, que son la substancia y el atributo de una nación, vale decir, la comunidad de ideales, la manera especial de sentir y de pensar, sin que por eso rechazemos — lo que importaría falsear la verdad de los hechos —, que una gran agregación de hombres de distinctas razas constituya el pueblo de una nación. Nadie, pues, podrá afirmar que la nación Suiza, por ejemplo, no constituye un principio espiritual porque cuente en su seno con gentes de distintas razas, que hablan diversos idiomas.

La importancia concedida a los estudios antropológicos estriba en el auxilio prestado por ellos como *medio* para la consecución de fines superiores.

Cuando más arriba consideramos la lengua nativa, hicimos análoga observación, distinguiendo ese elemento externo (el filológico) que

Cuando sepamos fijar con precisión el elemento básico de nuestra nacionalidad, entonces habrán caído los falsos ídolos con los mentidos ideales, y nos habremos dedicado con la más pura conciencia al servicio de esa « abstracción sublime » de patria.

Es que al egoísmo que enerva las fuerzas morales, reemplazarán la virtud, la libertad y la justicia, y he aquí cómo el concepto de la finalidad de las acciones humanas, antes tan individual y estrecho, buscará para expandirse horizontes infinitos, pues que al fín aprenderemos que las ideas, los sentimientos, las esperanzas — que constituyen en realidad la vida — perduran por sobre los tiempos, a través de todas las generaciones, en el pueblo-conciencia moral.

Con el conocimeiento exacto de la tradición nacional, habremos repelido para siempre de nosotros ese espíritu mezquino, restaurando el acendrado patriotismo que en todos los

más atiende al sonido oral de las palabras, del elemento filosófico o tradicional. Además, como la raza y la religión, « la lengua incita a reunirse pero no fuerza a ello ».

Ahora bien, deduciendo de todo lo expuesto una consecuencia práctica y real, y refiriéndola a la situación presente: Si las naciones han de constituirse obedeciendo aquél principio que por sus proyecciones no vacilaremos en calificar de imperialista, sus vidas serían efímeras, y en los países de excesivo cosmopolitismo, como la República Argentina, los lugarse donde dominan numéricamente en sus poblaciones las colectividades italiana, española, rusa, turca, francesa, inglesa o alemana, serían otras tantas factorías de los respectivos países a que dichas collectividades pertenecen. Por otra parte, y como antecedente inmediato, es bien conocido el resultado fugaz y transitorio que diera la aplicación de este principio en nuestra América, cuando Carlos III dividió las vastas extensiones valiéndose de los limites arcifínios.

Pero aún: ¿y cómo proceder con semejante criterio si hemos visto la enorme confusión étnica y lingüística? ¿Quién osa tener la idea de reconstruir ese pasado tomando al arbitrio para tal designio esta época más bien que aquella? Sólo un espíritu enfermo, febricitante y caótico, engendro de raquíticas vehemencias; sólo un cerebro de concepciones arcaicas que imagina abatir el árbol santo de la justicia y poner en su lugar la planta mefítica de la autocracia.

Los pueblos incapazes de voltear a estos modernos tiranos que les enseñan a despreciar el resto de la humanidad, viven minando sus propias entrañas.

momentos inspiró a los Padres nuestros, quienes mantuvieron tan elevado, tan alto el pabellón, que parece lograron repetir el prodigioso milagro de Jerusalén, cubriendo con el paño azul y blanco la faz del Sol.

ADÁN QUIROGA (HIJO).

(Buenos Aires, 1918) — « Revista Argentina de Ciencias Políticas ».

PALABRAS. . .

A Roberto F. Giusti

Morir hoy o mañana, ¿qué me da
si con ese trasmonte decisivo
he de llegar al lúcido y esquivo
seno donde mora la Eternidad?

¡Ser o no ser! El inquietante abismo
deja impávida mi imaginación;
cuanto más hondo clama mi optimismo
menos turbado siento el corazón.

¿Que mi rastro al pasar fué simple y leve?
Yo no tengo la culpa. Estaba escrito
que el ave ha de dejar intacta nieve
cuando quiera ascender al infinito.

Pero tuve mi ensueño y lo mantuve
no obstante el angustioso combatir,
y si no lo alcancé, sin duda tuve
el ansia de un eurítmico existir.

Esto sólo, esto sólo ya me basta,
y una humilde flor sobre mi ataúd,
y una lágrima bondadosa y casta
que llene de perdón mi juventud.

Morir hoy o mañana, ¿qué me da
si con ese trasmonte decisivo
mi aliento dejará de ser cautivo
de esta impura mortaja corporal?

* * *

Si la nociva hierba invadió tus verjeles
y abandonó la abeja su fábrica de mieles;
si la Duda detuvo en tu lar sus corceles
y aullaron sus mastines como perros infieles;

si un torcedor designio malogró tu quimera
y fuiste campo yermo en plena primavera;
si tu fontana dijo su cantiga postrera
y se hizo la noche cuando aun el día era,

no te alarmes, ni gimas, ni impreques, ni implores.
Haz como las alondras que dejan los alcores
cuando a su nido llegan ruídos turbadores:

orienta hacia otro rumbo tus íntimos amores.
Y sé como la espuma, como la blanca espuma,
que sigue siendo blanca bajo el gris de la bruma...

* * *

Ten en tus labios pronto un gesto de desdén.
Eso vale la vida... que, sin embargo, amamos.
Forma trunca del mal, forma errada del bien,
si por ella reímos y por ella lloramos,
¿ha de cubrir por eso de nieve nuestra sien?

¡La vida! Los veinte años risueños y los veinte
amargos y otros veinte que hacia la sombra van...
Eso es todo. No más. Y una luz del Oriente
y un albor del cenit... Y ya en el alma están
todos los sinsabores definitivamente.

* * *

(Al azar, unos ojos que de l'hondo nos miran
y en su espejo duplican la mortal inquietud,
y unas manos albísimas que vanamente aspiran
a parar un instante la huyente juventud).
Admonición:
Junto al sereno Ganges de tu desdén eleva
tu frente a la callada y azul inmensidad.

Deja pasar la vida y en sus olas renueva
tu socegado espíritu sin odios ni ansiedad, —
no de otro modo el agua al sitibundo abreva, —
hasta que llegue la hora de ser Eternidad...

* * *

Señor: si alguna vez mis ojos te miraron
sin temer que los ciegue tu sacrosanta luz,
fué cuando desolados vientos me arrebataron
de la serena ruta que iluminó tu Cruz.

Yo tenía el espíritu como la mar revuelta.
Mis cruentas entrañas aguijoneaba el mal;
galopaba el Destino, lanzado a rienda suelta,
por un acerbo y ancho paraiso artificial.

¡Qué larga fué la noche, la noche turbadora
en cuyo vientre oscuro mi corazón tembló!
¡Qué distante la estrella que apacenta la aurora,
la estrella de los Magos, qué distante, Señor!

Mas Tú eras. De nuevo mis mortales despojos
sintiéronse entre rosas bañados por tu luz.
Una santa vislumbre me iluminó los ojos
y de nuevo vi alzarse purísima tu Cruz...

* * *

Si un Superior Destino nos señala
el oriente del áspero camino,
y hasta la ruta insólita del ala
está marcada en el azul divino;

si el Hado siempre ha de lograr su intento
y con la rosa ha de medrar la espina,
y la carne ha de hallar padecimiento
hasta en l'alma que a reposar la inclina,
¿por qué oponer obstáculos al viento
y al hacha torpe la augural encina?

Más razonado es declinar la suerte
en las manos de Dios con mansedumbre,
y correr la aventura de la muerte
llenos los ojos de su vasta lumbre...

Plegaria:

Señor: sea mi frente tu escabel;
mas antes de que llegue mi última hora,
disminuye el acíbar de mi hiel
y haz en mi noche un poco de tu aurora.

De « Nosotros ». Buenos Aires, 1917.

ARTURO PINTO ESCALIER.

SPINOZA

(Continuação)

CAPITULO III

OS PRIMEIROS ESCRIPTOS DE SPINOZA: A CRITICA

XX

Deante da excommunhão que lhe infligiram os rabbinos, nada mais restava a Spinoza senão, separando-se do seu povo e da sua raça, procurar lugar solitario, onde pudesse viver á vontade do seu pensar, em vida quieta e trabalhosa.

Abandonára as velhas crenças, não tomára outras novas; não frequentava templos, avesso como era ás apparencias; era independente e solitario.

Afim de se tornar completamente livre e não defender de qualquer outra pessôa, resolveu angariar por si mesmo a propria subsistencia. Aliás, já um preceito do Talmud obrigava os letrados a, além de suas investigações intellectuaes, exercerem um officio mecanico ou manual, afim de distrahil-os das profundas cogitações dos problemas da Escriptura.

Spinoza, tendo firmemente se determinado dedicar-se ao estudo da philosophia, necessitava de exercer um officio que lhe garantisse a subsistencia, e que unisse á sua utilidade os principios physicos e mathematicos que aprendêra tão bem.

Resolveu-se pois, dedicar-se ao officio de polidor de vidros opticos, a exemplo do que já tentára, por diletantismo, Descartes, e tornou-se um optico competentissimo, como o affirmam os seus celebres contemporaneos Huyghens, Leibnitz e Huddenius. De modo que garantida a sua existencia, pôde Spinoza occupar-se com o estudo da philosophia.

Os poucos amigos que lhe ficavam em Amsterdam constituiam uma especie de escola, á qual communicava e ensinava as suas lições.

Além d'esses, aos quaes poderemos chamar discipulos por lhes fazer elles sabedores das primicias de suas doutrinas, encontrou egualmente amigos em membros das seitas Mennonita e Arminiana, entre elles, Jarrig Jellies, de quem constam cartas na collecção epistolographica de Spinoza, e o livreiro Rieuvertz que publicou as suas obras, em vida do philosopho, com excepção sómente do *Tratado Theologico-Politico*.

Os Arminianos, mal vistos pela egreja official hollandesa, viviam em retrahimento bem comprehensivel, no seio de suas communidades. Os adversarios d'elles o eram egualmente de Descartes, e discipulos. Tinham os cartesianos sido excommungados por um primeiro Synodo de Dordrecht, e, successivamente, por um segundo, reunido no mesmo anno, em que além do anathema, foi prohibida a leitura das obras de Descartes.

Comprasia-se o nosso philosopho no convivio com a mansidão e humildade d'esses sectarios, os Arminianos que não fasiam questão nem de dogmas nem de sacerdotes, vivendo, porém, pacata e honestamente nas suas communidades; até elles não chegára o echo do *Herem* de Spinoza.

XXI

Da estadia do philosopho em Rynsburg, suburbio de Amsterdam, podemos retraçar o inicio da sua carreira philosophica.

A sua correspondencia d'isso nos convence; em carta de 24 de Fevereiro de 1663, Simon de Vries, um dos membros da escola, a quem já nos referimos, assim se exprime, escrevendo ao seu mestre: « Nosso collegio, no seu modo de func-

cionar, está assim constituido: um de nós, conforme lhe caiba a vez, lê aos companheiros, explica a propria opinião e em seguida demonstra-a, de accôrdo com a série e ordem de suas proposições; se, porventura, succede não concordar com ella algum dos assistentes, escrevem-se as objecções, as quaes te são mandadas, afim de que as decidas, esclarecendo-nos, se fôr possivel; e nós, por ti guiados, possamos defender-nos de todo ataque de qualquer superstição religiosa ou Christã, arrostando as furias do Universo inteiro». (Ed. Van Vloten, Epistola VIII, vol. II, pag. 219).

Se Spinoza, com a sua obra fundamental, por cautela, furtava-se á publicidade, já não se deu o mesmo com o seu primeiro trabalho, unico publicado com o seu nome, em toda a sua vida.

Narra-se que um jovem lhe havia supplicado o iniciasse nos estudos philosophicos; e, como não confiasse demasiadamente na sua maduresa, resolveu ensinar-lhe sómente as doutrinas de Descartes, que lhe dictava, comprehendendo o referido dictado a segunda parte e parte da terceira dos principios cartesianos.

Instado por amigos que lhe supplicavam completasse o seu estulo e o entregasse á publicidade, resolveu, finalmente, Spinoza acabar a terceira parte e escrever a primeira dos Principios de Descartes, o que, diz elle, realisou no espaço de duas semanas.

O interessante n'este epitome, é que elle lhe faz a exposição das theorias, n'elle explanadas, *more geometrico*.

O titulo da obra é: « *Renati Descartes Principiorum pars I et II More geometrico demonstratae per Benedicto de Spinoza, Amstelodamensem.*»

Havia na obra um prefacio de Ludovico Meyer, em que se fasiam considerações sobre pontos de vista do autor.

Como já explicámos anteriormente, Spinoza, na propria philosophia, substituiu o dualismo de Descartes pelo seu pantheismo.

Não querendo, pois, houvesse confusão entre a propria doutrina, a qual de futuro intentava explicar, recommendou expressamente á attenção dos leitores ficassem scientes de

divergencias entre elles e o philosopho, cujas doutrinas expunha.

Apesar de não desejar passar por sectario de Descartes, elle prestava toda a estima e fazia toda a justiça ás doutrinas de seu antecessor.

XXII

Na moradia do philosopho em Voorburgh já vimos, publicou elle a exposição dos principios cartesianos, unica que traz o seu nome na edição, durante a sua vida.

Mudando-se para a Haya, poz no prelo, por conta propria, o seu celebre *Tratactus Theologico-Politicus*; as condições do tempo não permittiam que obras como essa confessassem o nome do autor e delatassem o lugar do respectivo apparecimento. E' assim que Spinoza, usando de um artificio de simulação, muito commum, aliás, n'aquella epocha, occultou o seu proprio nome de autor e deu o *Tractatus* como impresso em Hamburgo, quando o fôra de facto em Amsterdam.

O inteiro titulo do celebre livro era o seguinte: « *Tractatus theologico-politicus, continens dissertationes aliquot, quibus contenditur, libertatem philosophandi non tantum salva pietate et Reipublicae pace posse concedi; sed eandem, nisi cum pace Reipublicae ipsaque pietate tolli non potest.* »

(Tratado Theologico-politico, contendo umas quantas dissertações, nas quaes se mostra poder-se conceder, plena pratica dos cultos, sem perigo á liberdade e á paz da Republica; mas que a mesma liberdade não se pode retirar senão juntamente com a piedade da Republica.»

Mais abaixo, lê-se a seguinte citação do Novo Testamento (S. João, Epist. I, Cap. VI, vers. XIII): « *Per hoc cognoscimus quod in Deum manemus, et Deus in nobis quod de Spiritu suo dedit.* »

« Por isso sabemos que estamos em Deus e Deus em nós, pelo que nos deu do seu Espirito.»

Occupar-nos-emos, posteriormente, com tempo e vagar, das theorias d'este livro notavel.

Agora, apenas, precisamos diser que, como consequencia de sua publicação, ainda que sob fórma anonyma e falso lugar

de impressão, elle produsiu o effeito de um profundo isolamento do philosopho, que tudo havia feito para affirmar a liberdade de pensar.

E para que comprehendamos quão grande foi a sua ousadia no seu tempo, com os elementos que tinha disponiveis, subverteu completamente as ideias sobre bases dogmaticas e os fundamentos historicos dos livros sagrados hebraicos até então considerados a mais pura expressão da verdade e inviolaveis, além d'isso.

Foi, pode-se bem affirmar, o precursor dos modernos bibliologos; a sua critica da Escriptura Santa não despresa nem a consideração philologica d'ella, nem a inverosimilhança das suas narrações.

Ao demais, combate decisivamente a presumpção de poder o Estado exercer qualquer tutela sobre os proprios subditos, em materia de crenças; devendo, ao contrario, não só como dever, mas em defesa da propria existencia, manter plena liberdade de consciencia, prohibindo toda compressão e toda intolerancia.

Na sua opinião, não tem o Estado competencia nem para impôr uma determinada doutrina e muito menos tomar a seu cargo a fiscalisação das opiniões dos cidadãos, quer se trate de materias scientificas, quer de convicções religiosas; a sua méta é sómente ser o protector da liberdade, dentro dos limites da organisação social.

E' bem de ver que esses pontos de vista não convinham ás então existentes organisações na Egreja e no Estado.

As conclusões do philosopho só podiam ser acceitaveis aos Republicanos, que tiveram á sua frente, primeiro Oldenbarneveldt e depois João de Witt, cujo fado infeliz já tivemos occasião de recordar.

Além d'isso, estavam as opiniões de Spinoza em contradicção com toda theologia e todos os racionalistas, que procuravam basear as suas theses na respectiva, porém, fingida, concordancia com os presuppostos da Escriptura.

Pelas bases, assentadas no *Tractatus Theologico-Politicus*, não se tornava necessaria a justificação; pois a verdade não é que as narrativas biblicas estão de accôrdo com a rasão, á qual não convinham as desconformidades da Escriptura.

Essas conclusões severas muito prejudicaram á propagação das doutrinas de Spinoza e sua sustentação, sendo certo que ellas foram rudemente atacadas como mais ao diante se verá.

XXIII

Dous adversarios surgiram armados contra o philosopho: um, a elle estranho, convidado a dar a sua opinião, por intermedio de um amigo de Spinoza, Johannes van Holsten, sobre o alcance do *Tractatus Theologico-Politicus*, proferiu-o.

Vê-se do epistolographo de Spinoza (Van Vloten, vol. II, pag. 335) que o autor da critica era Lambert de Velthuysen, medico de Amsterdam e partidario de Descartes, o qual, em uma longa exposição, condemna as doutrinas que examinava, achando que, n'uma epocha sceptica e corrupta, ellas se mostravam perigosissimas, mais do que as asserções dos deistas, as quaes nunca tinham sido defendidas tão bem como n'este livro condemnavel, de autor desconhecido, que opina pela necessidade da naturesa e da unidade de Deus e do cosmos, negando, além d'isso, ter sido eleito o povo Judeu, acceitando, nos mesmos termos que as dos vates judaicos, as prophecias dos gentios, affirmando não ter base nenhuma para negar os poderes videntes de Mahomet, ao seu ver, em tudo semelhantes aos que nos refere a Biblia em relação aos prophetas orthodoxos.

Termina a sua carta nos seguintes termos: «*Arbitror itaque me non magno pere a vero aberasse, neque Auctori injuriam facere denunciam cum tectis et fucatis argumentis merum Atheismus docere.*»

«Julgo não me ter apartado excessivamente da verdade, se procurei demonstrar que elle, com seus argumentos, por vias encobertas e occultas, nada mais fez do que ensinar o Atheismo.»

Spinoza indignou-se terrivelmente contra o que d'elle e a respeito da sua obra disia Lambertus de Velthuysen e julgou conveniente dar-lhe cabida resposta.

Como não o conhecesse pessoalmente, e a critica fôra dirigida a um amigo commum, Johannis van Oosten, a elle

respondeu, pelo intermedio de uma longa carta, cujos principaes topicos vamos resumir. (V. Van Vloten, vol. II, Ep. XLIII, pag. 347).

Começa disendo ter o critico declarado, em sua missiva, que não sabia de que nação era o philosopho (com menos preço se disia, n'aquelles tempos não constituirem os Judeus uma nacionalidade) nem os costumes d'elle e a sua moralidade.

« Se os conhecesse, accrescenta Spinoza, ironicamente, não me accusaria tão levianamente de atheismo ». Do que deprehende que, ou por ignorancia ou por perversidade, o critico deturpou o seu pensamento para, por esta fórma collocal-o mal.

Continúa o philosopho, accentuando ser a intenção do seu critico frisar que elle não admittia qualquer religião, dando a qualquer sentimento do pensar altissimo como pensar de superstição. Mas, pergunta, póde se considerar destruidor de sentimentos quem reconhece Deus como o summo bem, em que cumula a nossa summa felicidade? porque o premio da virtude? porque o castigo da impotencia e da estulticia sejam ellas mesmas? e porque nos devemos amar uns aos outros, ao nosso proximo, e obedecer, por esta fórma, ás injuncções da suprema potencia; cousa essa que não só tem affirmado expressamente, mas ha demonstrado, além de tudo, com fortissimas rasões. Quem o contrario disser, se avilta na lama.

Como escravo, mau grado a seu contragosto, abstem-se do mal com espirito timido e fluctuante, e cumpre os mandados divinos, na esperança, de com este procedimento obter recompensas divinas, fasendo involuntariamente o que não deveriam faser senão com consciencia. D'isso resulta que, na doutrina corrente, ninguem quer viver desenfreado por temor de castigos que o attinjam. Tudo isso resulta da concepção errada, que hão attribuido ao philosopho, de ter cerceado a liberdade a Deus e o submettido ao destino. Tudo isso é falso.

Elle sempre affirmou que tudo procede, como necessario, conforme todos concordam, da naturesa de Deus, e que d'esta naturesa é consequencia logica diser que Deus a si mesmo se conhece; ora, seria, n'esse caso, pretender que Deus executa

actos por coacção, quando é por sua propria essencia, essencialmente livre e a si se comprehende e se concebe.

Essa necessidade inevitavel das cousas, não póde, porém, abolir nem as leis divinas nem as humanas.

Porque os documentos moraes, quer recebam a fórma de leis do proprio Deus, quer tal não aconteça, são, não obstante, divinos e salutares, e se o bem, que procede da virtude e do amor divino, e que recebemos de Deus, na qualidade Juiz, ou que emana da necessidade da necessidade, não se torna mais ou menos desejavel; ao passo que os males, que são resultados de más acções, sendo, por ellas originados necessariamente, são menos de temer. Ora, é forçoso admittir que agimos ou livremente ou coagidos, se somos levados ou pela esperança ou pelo temor. Portanto, é falso o que se imputa ao philosopho, de ter elle dito que os preceitos e mandados não têm validade nenhuma, porque não ha nenhuma esperança de recompensa ou castigo, ficando estabelecido que o acaso tudo domina, e, por uma necessidade inevitavel, tudo emana de Deus.

O philosopho lamenta-se, em seguida, de que o seu critico assegura com altivez, que todas as cousas emanam da naturesa divina e que Deus é o mundo universo; e ainda accrescenta algo não menos odioso. « Porque afiança Spinoza, os homens devem-se entregar á virtude, não por causa dos preceitos de Deus, mas por temor do castigo ou na esperança de uma recompensa. Ora, no meu *Tratactus,* em parte alguma, ha semelhante proposição; ao contraio, sustentei expressamente que o summo preceito da Lei divina é amar a Deus como o summo bem (o que está gravado em nossa mente conforme mostrei no Cap. 12 do mesmo Tratado); nem por medo de qualquer supplicio (porque o amor não se póde originar do medo), nem por amor de outras que pretendamos gosar, amariamos não a Deus, mas aquillo que cubiçamos; Lei esta que se diz ter Deus revelado aos prophetas. E se affirmo e estabeleço que esta Lei de Deus recebeu a sua fórma d''elle proprio, ou se se concebe que quaesquer outros decretos, que involvem eterna necessidade e verdade, permanecem nada menos do que decretos divinos.

«E se eu amo a Deus livremente, ou forçado pelo seu Decreto, amarei a Deus e encontrarei salvação. Antes esse homem, de cuja critica estou falando, é d'aquelles de que eu affirmei no meu prefacio, ser preferivel regeitasse meu livro do que o commentasse perversamente, como sempre se costuma fazer, e tornam-se molestos na interpretação, e, sem nada lucrarem, tornam-se molestos aos outros.»

São os pontos principaes os que aqui commentamos acerca da critica de Van Velthuysen ao *Tractatus Theologico-Politicus*.

Aqui nos detemos, porque nenhum interesse mais, além d'este, nos póde adiantar no que queremos conhecer do amago do philosopho; parece-nos, porém, se bem attentamos na sua resposta a Velthuysen, que, por qualquer rasão, com a qual não atinamos, deixou de responder cabalmente a numerosas objecções.

Entretanto, seja-nos licito salientar que os pontos que deveriam discutir são de tão grande transcendencia e envolve tão brava metaphysica que seria penoso para nós embrenharmo-nos nelles.

(Continúa).

JANUARIO LUCAS GAFFRÉE.

HISTORIA DIPLOMATICA DO BRASIL HOLLANDEZ

I

A Hollanda attingiu no seculo XVII a plenitude da sua expansão politica, maritima e colonial. As sete Provincias unidas pelo Acto de Utrecht e constituidas definitivamente numa Republica liberal, próvida e opulenta, acolhia a sombra das suas leis os martyres do livre pensamento, os rebellados contra a autoridade do ensino tradicional, os perseguidos de todas as religiões: o commercio desenvolvia-se prodigiosamente: os vinte mil navios da sua marinha mercante eram as navetas silenciosas que operavam esse trafico formidavel: espalhados pelos mais remotos mares aportavam a Hollanda, acuculados de productos do mundo inteiro e logo repartiam, carregando para os mais distantes rincões da terra os pesados gigos dos louros queijos flamengos, as caixas de manteiga, as faienças de Delft, os pannos de Leyde, as telas de Haarlem.

Nenhum povo da Europa achava-se melhor apercebido para as emprezas maritimas: com os seus exercitos treinados na diuturna luta contra a Hespanha, e a marinha de guerra poderosisssima, prestigiada pelos nomes mais conspicuos na historia naval do mundo, um imperio ultramarino que os seus audazes marujos e caixeiros alargavam dia a dia, esses industriosos mercadores lançaram as suas vistas para a America do Sul. Desde fins do seculo XVI o dilatado litoral sul

americano não era desconhecido aos navegadores hollandezes: por alli tinham passado os navios de van Noord (1598) e Pieter van der Does (1599) e, mais tarde, em 1615, as grandes expedições de Joris van Spilbergen e de Lemaire e Schouten.

A incorporação do Reino de Portugal á Corôa de Hespanha em 1580 forneceu ás Provincias Unidas um excellente pretexto para conduzir as suas armas victoriosas ás colonias portuguezas de ultramar. Bastava transplantar para o Brasil os processos postos em pratica na Asia e na Africa pela Companhia das Indias Orientaes e organizar em larga escala a rapinagem que enriquecera os gananciosos accionistas da poderosa empreza.

Pela primeira vez a integridade territorial do Brasil correu serio risco. As expedições francezas, inspiradas mais por um pensamento colonizador do que por preoccupações de ganho, terminaram em 1615, com a expulsão de Le Revardière do Norte do Brasil. E as incursões dos inglezes Fenton, Withrington, Cavendish e Lancaster, que infestavam o littoral, pirateando, saqueiando, depredando, por conta de meia duzia de argentarios de Londres, constituiam tentativas isoladas, sem nenhuma intenção de estabelecimento definitivo.

Só a Hollanda teve uma visão lucida das incalculaveis vantagens de uma exploração methodica das riquezas do Brasil: fundar um grande emporio maritimo e commercial, a semelhança do que se fizera em Java, constituia uma empreza tentadora. Em 1721 a situação politica propiciava a aventura: findava a tregua de doze annos, ajustada em 1609 entre as Provincias Unidas e a Hespanha. Um intransigente partidario da guerra a todo o transe, Willem Usselincx, por meio de uma activa propaganda em favor do desenvolvimento das relações commerciaes com as novas regiões da America do Sul, lograra convencer a assembléa dos Estados Geraes da necessidade de organizar-se uma poderosa empreza, sobre as mesmas bases da Companhia das Indias Orientaes, fundada por Oldenbarnevelt em 1602, com resultados tão compensadores.

Recomeçavam as hostilidades entre as Provincias Unidas e a Hespanha quando em data de 3 de Junho de 1621, a Companhia das Indias Occidentaes recebia dos Estados Geraes suas cartas patentes, redigidas em quarenta e cinco artigos.

Não só lhe estava assegurado o commercio exclusivo com determinadas zonas da Africa e da America, como tambem os Estados Geraes lhe delegavam ampplas attribuições para nomeiar e demittir as autoridades nos territorios conquistados ou que viesse a conquistar, concluir allianças, declarar guerras, celebrar tratados, negociar pazes, e equipar armadas e levantar exercitos.

Era uma formidavel quadrilha de salteadores maritimos subsidiada pelos Estados Geraes e investida de poderes quasi soberanos. Ao contrario do que se tem insinuado, a Companhia de Indias Occidentaes não estava filiada a nenhum pensamento politico ou civilizador, nem era o amor aos principios que a levava a abrir violentamente os portos da America ao trafego dos seus navios e a golpear o monopolio colonial da Hespanha nas suas riquissimas possessões. Della dlsse com acerto um historiador portuguez: « era um Estado constituido em Companhia de piratas » (1); e Netscher, escriptor hollandez, que no seu livro tantas vezes fecha complacentemente os olhos aos deslizes dos seus compatriotas, não se illude quanto aos verdadeiros intuitos dos organizadores dessa poderosa empreza: « era mais uma sociedade de armadores que se reuniam para combater os Hespanhoes do que uma Companhia de commercio: suas rendas provinham quasi que exclusivamente dos despojos colhidos do inimigo » (2).

O primeiro golpe contra o Brasil foi vibrado em falso e não recommenda a previsão do famoso Conselho dos Dezenove. A Bahia, atacada, resistiu, e os Hollandezes, já senhores da cidade, foram forçados a capitular a 30 de Abril de 1625.

Foi um franco insuccesso escassamente compensado com a tomada de algumas centenas de caixas de assucar.

A Companhia não esmoreceu: um facto decisivo veiu espertar-lhe a actividade e reavivar o desejo de estabelecer feitorias na America: a captura da chamada frota de prata, em aguas do Atlantico, pelo famoso marinheiro hollandez

(1) *O Brazil e as Colonias portuguezas*, por J. P. Oliveira Martins, (4ª edição augmentada), Lisboa, 1904, pag. 41.

(2) *Les Hollandais au Brésil. Notice historique sur les Pays Bas et le Brésil au XVII siecle*, par P. M. Netscher, La Haye, 1853, pag. 10.

Piet Heyn, em Agosto de 1628: os galeões hespanhoes que regressavam da America carregados de riquezas e preciosidades foram apresados sem esforço: o producto da venda attingiu a cerca de vinte milhões de florins que permittiram á Companhia distribuir a seus accionistas um dividendo de cincoenta por cento e melhorar todo o seu material maritimo, apparelhando-o convenientemente para proseguir na realização do programma das conquistas ultramarinas.

Agora o ponto visado era Pernambuco, então a mais prospera capitania do Brasil. O commercio do pau brasil, a fabricação do assucar em dezenas de engenhos, as vastas plantações de algodão estiradas por leguas e leguas de varzeas fertilissimas, tinham creado alli uma sociedade rica, definitivamente consorciada á terra e toda entregue á faina de engrandecel-a. E a collaboração assidua de fidalgos e gentishomens portuguezes, desde os tempos do primeiro donatario Duarte Coelho, concorrera sensivelmente para emprestar um certo brilho á vida social, apurando as maneiras, polindo os costumes, espertando o gosto do luxo e o amor dos prazeres. As paginas deliciosas do ingenuo e indulgente Frei Manuel Calado ou as narrativas em que o Padre Cardim, levemente escandalisado, recorda a desenvoltura mundana das damas de Pernambuco, «tão senhoras e não muito devotas», delatam a natureza da nova população que alli se formara.

A invasão fez-se rapida. Uma forte esquadra hollandeza desembarcou perto de quatro mil homens, proximo de Olinda. Em balde, Mathias de Albuquerque, Governador da Capitania, tentou organizar a resistencia. Um habil systema de guerrilhas consegue somente retardar a occupação que pouco a pouco se vai estendendo até a Parahyba e o Rio Grande do Norte, emquanto os derradeiros campeões da independencia, numa retirada lugubre, atravez dos sertões, demandam a Bahia, onde chegam reduzidos pela fome e pelas lutas, pregando por toda a parte o odio tenaz e incoercivel ao invasor.

Em Pernambuco o dominio hollandez estava definitivamente consolidado. A administração foi confiada em 1637 a um principe da familia de Orange, João Mauricio, Conde de Nassau-Siegen. Não nos demoraremos em exaltar as qualidades desse varão insigne, a extrema tolerancia de que deu

tantas provas, o seu profundo sentimento de justiça, o prestigio decorrente do seu alto nascimento e, sobretudo, o ascendente que lhe conferiam os seus indisputaveis dotes militares. Basta deixar assignalado que este fidalgo singelo e bom, trabalhador e pacifico, amante das letras e protector de artistas, grangeou por fim a sympatia dos adversarios, buscou attenuar todos os resentimentos e inaugurou o periodo de incomparavel esplendor do Brasil Hollandez.

Completou-se a pacificação do territorio. Não havia receiar aggressões serias do lado de terra. Sigismundo van Schkoppe levara a conquista até Sergipe, vencendo as derradeiras resistencias. Por mar, as forças luso-espanholas, postas sob o commando do Conde da Torre, tiveram de ceder ao embate da esquadra de Huighens.

Um grave acontecimento veiu encontrar Mauricio de Nassau todo entregue á faina de consolidar as suas conquistas: a revolução de Lisboa, do 1º de Dezembro de 1640, que restituiu a Portugal a independencia perdida durante os sessenta annos de dominio espanhol e elevou ao throno o Duque de Bragança ,sob o nome de D. João IV.

O Vice-Rei do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, Marquez de Montalvão, chegado a Bahia, em principios do anno de 1640, apressou-se em levar ao conhecimento de Mauricio de Nassau a noticia do occorrido em Portugal. Os termos da correspondencia trocada nessa occasião e as gentilezas que se dispensaram as duas autoridades, espelham as disposições de que se achavam animadas para impedir quaesquer conflictos originados da nova situação creada no Brasil pelos acontecimentos da Europa.

A acclamação de D. João IV foi feita sem a menor resistencia nas outras capitanias não submettidas ao dominio hollandez e por toda a parte foi reconhecida solennemente a autoridade do novo soberano. Uma tentativa de opposição em S. Paulo não teve maiores consequencias graças ao bom senso de Amador Bueno que recusou obstinadamente acaudilhar meia duzia de amotinados.

E o problema do Brasil Hollandez, isto é, das capitanias portuguezas conquistadas á Hespanha pelas Provincias Unidas,

como seria resolvido agora que Portugal recobrara a sua independencia e com ella a plena jurisdicção sobre todo o seu antigo patrimonio colonial?

II

Aos diplomatas e não aos guerreiros, que poucos havia, incumbia essa melindrosa tarefa, e D. João IV comprehendeu-o claramente desde os primeiros dias do seu reinado, que se annunciava tão cheio de complicações internas e embaraços exteriores. Mal seguro num throno erguido sobre o solo vibrante da revolução, sem exercito e sem marinha, com um povo faminto a que a politica extorsionista de Olivares sugara as derradeiras mealhas, o Rei de Portugal, prudentemente, começou por cortejar os adversarios da Espanha na Europa. Despacharam-se successivas embaixadas para Londres, Roma, Paris, Haya, Copenhague, Stockolmo e para as cidades livres, solicitando o restabelecimento das antigas relações de amizade e o reconhecimento official da independencia reconquistada pela revolução.

Na Hollanda a missão era mais complexa e a Embaixada tinha um duplo objectivo: reatar as relações de amizade suspensas durante a incorporação das duas Corôas peninsulares e regular a situação das conquistas hollandezas feitas sobre terras portuguezas na America e no Oriente. D. João IV e os seus Conselheiros pagavam-se de illusões quanto ás disposições dos Hollandezes: riquissimos proprietarios, armadores poderosos, espiritos massiçamente praticos, avessos a sentimentalidades, elles jamais se resignariam, por considerações abstractas de justiça, a abrir mão de conquistas que tinham permittido á Companhia das Indias Occidentaes distribuir fabulosos dividendos aos seus accionistas: «os Hollandezes, senhores da India e na America das ricas possessões de que nos tinham despojado, commenta Rebello da Silva, aspiravam alargal-as ainda, favorecidos pela nossa debilidade e applaudiam a occasião que a fortuna lhes proporcionava, de conservarem com a sancção dos factos consummados, quanto haviam adquirido com pequeno sacrificio. D. João IV via as cousas por outro aspecto. Allegando os direitos de

primeiro possuidor, cuidava que a virtude da alliança que propunha, obraria o milagre de decidir as Provincias Unidas a restituirem senão tudo pelo menos grande parte do que occupavam, illusão innocente filha do pouco conhecimento da indole mercantil da Republica e da apreciação inexacta dos interesses que a moviam » (3).

Os factos encarregaram-se de desmentir o optimismo do Rei.

Foi logo nomeiado embaixador para esta missão Tristão de Mendonça Furtado, mais militar que diplomata. Levava instrucções para celebrar uma alliança offensiva e defensiva entre as Provincias Unidas e Portugal contra a Hespanha, a inimiga commum, e reclamar a restituição das conquistas feitas no Oriente e no Brasil, allegando o facto de se encontrar a Corôa de Portugal agora independente da de Hespanha, e não dever a Hollanda continuar a deter o que pertencia a um paiz amigo.

As Provincias Unidas simularam não perceber os intuitos do Governo Portuguez. Mostraram-se cheias de attenções para o novo soberano. Em 13 de Fevereiro de 1641 determinaram que os Portuguezes fossem considerados amigos e Portugal replicava com igual galantaria em carta regia de 20 de Março do mesmo anno. O Embaixador Tristão de Mendonça Furtado era por sua vez cumulado de gentilezas. Tendo arribado a Plymouth, seguiu viagem para a Hollanda no navio do vice-almirante Witte Wittensen, escoltado por quatro naus hollandezas. A meia hora da Haya, na ponte de Hoorn, o Principe de Orange veiu ao seu encontro em grande comitiva. E durante a audiencia solenne na assembléa dos representantes dos Estados Geraes, os dois paizes abundaram em protestos de paz e de amizade.

Logo se iniciaram as negociações. As propostas de que veiu encarregado o Embaixador portuguez, bem como outras secundarias referentes ás relações commerciaes entre as Provincias Unidas e Portugal, foram examinadas e largamente discutidas durante dois mezes pelos Delegados das Provincias,

(3) *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, por Luiz Augusto Rebello da Silva, Lisboa, 1869, tomo IV, pag. 306.

assistidos dos representantes das Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes.

A 12 de Junho de 1641 foi por fim assignado o « Tratado de tregoas, e suspensação de todo o acto, de hostilidade, e bem assi de navegação, comercio, e juntamente soccorro » (4).

O Embaixador Tristão de Mendonça Furtado tem sido injustamente atacado por todos os escriptores portuguezes e brasileiros que se occuparam com esta missão: as clausulas ajustadas não eram de todo desvantajosas para Portugal e o seu negociador não podia ser responsavel pelas desastrosas consequencias de um Tratado, cujo cumprimento cada uma das Partes Contractantes procurava illudir, com os mais especiosos pretextos. O certo é que a alliança offensiva e defensiva era particularmente preciosa, dada a completa desorganização das forças de terra e mar em Portugal: além disto, uma esquadra de quinze navios de alto bordo e cinco fragatas era posta á disposição de Portugal, e tambem lhe era permittido arrollar no proprio territorio hollandez um regimento de cavallaria e infantaria. Estipulou-se igualmente a liberdade de commercio e de navegação para os subditos dos dois paizes em todas as possessões ultramarinas.

Quanto á situação do Brasil, só se conseguiu uma tregua de dez annos, durante a qual os Hollandezes continuariam na posse das terras conquistadas. Este armisticio, que importava o reconhecimento do dominio das Provincias Unidas sobre o Brasil Hollandez, desagradou todavia á Companhia das Indias Occidentaes. O Conselho dos Dezenove optou, segundo Netscher, pela continuação do estado de guerra, em vez de uma suspensão de armas por tempo determinado. Desse modo a Companhia seria forçada a manter o Brasil em pé de guerra, despendendo fortes sommas com a manutenção das forças militares durante dez annos. Além de tudo, a tregua permittiria a Portugal reconstituir com vagar as suas forças e preparar-se para os acontecimentos futuros.

(4) O texto deste Tratado encontra-se na *Collecção dos Tratados, Convenções, Contractos e actos publicos celebrados entre a Corôa de Portugal e as mais Potencias desde 1640 até ao presente* por José Ferreira Borges de Castro, Lisboa, 1856, tomo I, pags. 24-81.

O VANADIOL

Approvado pela Directoria Geral de Saude Publica do Rio de Janeiro

Premiado em Turim com o 1º premio de honra, medalha de ouro

Analysado e experimentado com successo pelas maiores notabilidades medicas do Brasil e Argentina

Temos a satisfação de apresentar ao distincto corpo Medico, Pharmaceuticos e ao publico em geral este nosso preparado que, com segurança, affirmamos estar fadado a um real e positivo successo.

Sua composição, analoga á dos **soros neurasthenicos, biotonicos, ou neurotropicos** geralmente conhecidos, foi por nós estudada, e a addição de mais de um agente nutritivo, de acção rapida e efficaz na regeneração da **cellula exgottada** e na formação immediata dos globulos sanguineos, tornam-n'a de effeito seguro sobre o systema nervoso, combalido por qualquer causa, como *surmenage*, estafa physica, **neurasthenia, cansaço cerebral,** convalescença de enfermidades graves, **in ecções puerperaes, tuberculose,** emfim, por qualquer motivo que tenha determinado grande discrasia sanguinea, profundo **enfraquecimento geral, encontrarão no VANADIOL** o melhor, o mais positivo tonico geral e agente nutritivo.

Em sua combinação entram todos os **Glycero-phosphatos, Cacodylato de strichinina**, Vanadato de sodio, Glycerina neutra purissima, Elixir de pepsina, de Garus e de Kola, e Licithina phosphatada de Evans ; melhor associação seria impossivel. Não tem conta o numero de doentes que fizeram uso do Vanadiol, que deixa á distancia os seus predecessores, pela sua rapida e manifesta acção curativa.

A nossa cura opera-se rapidamente, despertando o appetite, desenvolvendo as forças, revigorando o sangue, produzindo um bem estar geral, uma notavel euphoria que alegra os doentes e os restitue ao labor da vida em pouco tempo. A nutrição ou a assimillação geral augmentada, regularizada a desassimillação dos residuos e sua perfeita eliminação são effeitos que garantimos se produzirem em pouco tempo, e que explicam de modo cabal e scientifico o successo do nosso preparado.

Assim equilibrado, nutrido, desentoxicado, a phagocytose natural ou a defesa organica natural garantem ao organismo em rehabilitação uma resistencia duradoura que lhe garantirá a vida e o libertará dos soffrimentos.

Pedimos a maxima attenção dos Srs. Medicos para que experimentem em sua clinica diaria o Vanadiol, fornecendo nós a quantidade necessaria para experiencia. E' necessario que levantemos a industria nacional, apresentando especialidades pharmaceuticas bem dosadas e rigorosamente preparadas, como o Vanadiol, que já tem no seu archivo os melhores conceitos da grande e brilhante classe Medica do Brasil e Argentina.

Deposito Geral Silva Gomes & C. — Rua S. Pedro, 4

RIO DE JANEIRO

As apprehensões eram perfeitamente justificadas. Mas a redacção cavillosa do Tratado veiu até certo ponto compensar as desvantagens que tanto alarmavam os directores da Companhia: o prazo da tregua só começaria a ser contado a partir do dia em que a ratificação do Tratado fosse officialmente annunciada no Brasil: o artigo VIII estipulava: « As treguas e suspensação de todo o acto de hostilidade terão seu efeito por tempo de dez annos em as terras e mares pertencentes ao districto da jurisdicção concedida pelos Senhores das Ordens Geraes á Companhia da India Occidental destas Provincias, desde a data, tanto que a ratificação deste tratado em nome del Rey de Portugal, neste logar for apresentada, e a publica manifestação das ditas tregoas e suspensação de todo o acto de hostilidade chegar a qualquer parte das ditas terras e mares respectivamente ».

Estes dizeres perros e cambeteantes reflectem a intenção obliqua e ardilosa dos negociadores hollandezes. Começar a contar o prazo dos dez annos a partir do dia em que chegasse ao Brasil a noticia official da ratificação do Tratado, importaria reconhecer e legitimar quaesquer conquistas realizadas neste intervallo pelo Governo das Provincias Unidas.

As negociações corriam na Haya e a Companhia das Indias Occidentaes, emquanto protestava amizade a Portugal, insistia com Mauricio de Nassau para alargar os dominios do Brasil Hollandez « antes que um Tratado de paz forçasse a Companhia a depor as armas » e o incitava a reunir todas as tropas disponiveis a fim de se apoderar da Bahia « e se não fosse possivel ser por força, nem por fraude, devia o Conde sitial-a e bloqueial-a, que em tal caso poderiam achar-se meios de obter a cidade ao fazerem-se as pazes ».

Tudo passou-se de conformidade com os desejos da Companhia, menos no tocante á conquista da cidade da Bahia. Mauricio de Nassau mandou occupar o territorio de Sergipe até ao rio Real, preparou a expedição do Almirante Jol, que se apoderou de Angola e da ilha de S. Thomé, e a 30 de Outubro de 1641 se assenhoreou do Maranhão, cujo Governador, Bento Maciel Parente, em avançada idade e baldo de recursos e meios de defeza, não poude offerecer resistencia seria.

Em 1642, quando as autoridades hollandezas receberam a communicação offical da ratificação do Tratado e do inicio da tregua, as conquistas já estavam realizadas. Dizemos communicação official, porque a noticia das negociações já se tinha propalado e eram notorias as disposições amigaveis em que se encontravam os Estados Geraes para com o novo Rei de Portugal. Isto tornava ainda mais negra a perfidia. O proprio Netscher, tão indulgente para com os seus compatriotas, não deixa de reconhecer que neste particular a conducta dos Estados Geraes «n'est pas tout à fait exempte de duplicité».

Quando chegou a noticia desses acontecimentos em Lisboa, houve um movimento geral de indignação. Não faltaram exaltados que aconselhassem ao Governo Portuguez a detenção dos dezoito navios da esquadra hollandeza que aferrara no Tejo. D. João IV preferiu contemporizar a arriscar um acto de violencia inutil: «nem a tanto, porém, chegava a intelligencia nem a audacia, commenta com mau humor Oliveira Martins; quando o hollandez o percebeu, levantou ferro, largou velas e foi-se livre e socegadamente...» (5).

O Marquez de Montalvão, em carta de Lisboa, de 12 de Março de 1642, fez sentir a Mauricio de Nassau quanto penalizara o Governo Portuguez a noticia desse «acto tão injusto e iniquo commettido contra Portugal».

De nada valiam razões.

Francisco de Andrade Leitão foi mandado em missão especial a Hollanda, para protestar contra a flagrante violação do que fora ajustado de boa fé entre os dois Governos e fazer sentir quanto era extranho o procedimento dos Estados Geraes que, na Europa, faziam causa commum com Portugal contra os Hespanhoes, emquanto que mandavam atacar de sorpreza as possessões ultramarinas do paiz amigo e alliado (6).

(5) *Historia de Portugal*, por J. P. Oliveira Martins (3ª edição augmentada) Lisboa, 1882, tomo II, pags. 132-133.

(6) O protesto do Embaixador de Portugal foi impresso em 1642 num folheto intitulado: *Discurso politico sobre o se aver de largar a Corôa de Portugal, Angola, S. Thomé, e Maranhão exclamado aos Altos, e Poderosos Estados de Olanda.*

Os Estados Geraes, que já tinham a resposta na ponta da lingua, declararam que essas conquistas se tinham realizado antes da communicação official da ratificação do Tratado, isto é, antes do prazo do armisticio.

A explicação era perfeitamente logica: os Estados Geraes, excusando-se, diziam a verdade.

Os acontecimentos deixam entrever que tanto os negociadores hollandezes, como o embaixador de Portugal, desejavam tirar partido da demora da ratificação do Tratado e da sua notificação no Brasil: os Estados Geraes e Portugal aspiravam levar avante as suas conquistas neste intervallo, um alargando o seu campo de acção, outro recuperando as terras perdidas. O proprio embaixador portuguez, Tristão de Mendonça Furtado, foi quem mais insistiu para a inserção daquella clausula. E tanto isto é exacto que D. João IV, em vez de ratificar o Tratado dentro do prazo de tres mezes, 12 de Setembro de 1641, como era do seu dever, só o fez a 18 de Novembro, chegando a ratificação na Hollanda em 1642, lida em assembléa dos Estados Geraes e depois expedida ás autoridades hollandezas do Brasil. Os Portuguezes foram codilhados, pois a demora que elles tinham como favoravel aos seus interesses, produziu o unico resultado de legitimar as conquistas do Maranhão, Sergipe, Angola e S. Thomé.

A má fé e a cupidez da Companhia iam entretanto perdel-a. A conquista do Maranhão teve a vantagem de despertar na população o velho odio contra o Hollandez que Mauricio de Nassau conseguira apenas attenuar com as medidas moderadas e tolerantes da sua administração.

A. G. de Araujo Jorge.

(Continúa

O NOVO ACADEMICO

Ataulpho de Paiva é um preclaro exemplo de seducção pessoal, seducção que vale, principalmente, pelo systema de força que representam a sua bondade, o seu cavalheirismo e a sua acção.

E elle é uma energia que constroe sem susceptibilizar nem ferir. O seu triumpho, a irradiação tranquilla da sua personalidade, feita sem ruidos e sem precipitações, é o attestado evidente de um feitio moral superior. Crescendo, por si mesmo, até as mais elevadas altitudes sociaes, não se sabe de criatura a quem, na concurrencia, elle fosse obrigado a demolir, nem na vida mental, que ascendeu até a consagração da Academia, exemplo de phrase menos cortez que a sua penna escrevesse. Passa sem deixar um resentimento, sem provocar uma contrariedade, sem produzir uma preterição, sem fazer um inimigo. E' prodigioso. E' o combatente pertinaz que chega á meta sonhada sem trazer o desalinho, o olhar duro e máu, a attitude convencida dos que se precipitaram contundindo, derribando, inutilizando.

E não o acompanham o vozerio, as invectivas, as blasphemias dos que cahiram á sua aparição, dos que ficaram no caminho paralysados pela sua victoria. Mas, deslizando por entre a turba dos que querem vencer, estes lhe abrem voluntariamente passagem, risonhos a sua cortezia, e o gen-

tilhomem passa triumphante sob os aplausos de todos e o affecto commovido da intelligencia.

E' que Ataulpho de Paiva é uma intelligencia que age e se movimenta pelo rythmo do coração. A sua obra o attesta. Idealista impenitente, mas constructor, a sua acção não se desenvolve apenas em aspirações de cousas nobres. Elle edifica. Se tanto valem as conquistas que, neste ultimo decennio, temos tido em assistencia social.

O seu livro « Justiça e Assistencia » é a summula da sua obra. Não ha problema que se refira a esses desherdados, filhos espurios da sorte e da propria natureza, que não tenham da penna e da meditação dessa intelligencia de aristocrata, uma phrase calorosa de defeza, um exemplo de solução. Poucos homens, no nosso meio, tomaram a si, com maior tenacidade e com menor estardalhaço, empreza mais meritoria.

E a campanha é soberba. E' a solidariedade de que abusam os fracos para se fazerem mais fracos, mas se servem os fortes, fortalecendo-se ainda mais. Nos labios de um fraco a evocação da solidariedade é pedido de patrocinio. Só na mão de um forte ella é dadiva, é auxilio, é consolação e é bem.

Emquanto os debeis gritam delirantemente pela solidariedade e se afundam dia a dia mais, os fortes aplicam-n'a em silencio e crescem continuadamente. Só na bocca de um forte a solidariedade é cousa real e não sonho, altruismo e não interesse, porque se elle possue a força não é para si que a reclama, mas para os outros que a não têm que solicitar.

E' por isto que acredito na sinceridade de Ataulpho de Paiva e é por isto que fio na sua acção constructora.

Num meio como o nosso ella é realmente providencial.

Se a infancia pobre e a velhice vegetam e se arruinam á mingua de amparo; se tão pouco ainda temos de organizado para a solução desse problema social; se as *crèches*, as maternidades, os asylos de assistencia á infancia e á velhice, os patronatos que existem largamente por toda a parte ainda são tão escassos no Brazil!

E como consultar o contraste desta penuria com o relevo da campanha no jornalismo, na tribuna e junto aos homens publicos, feita tão perseverantemente, por Ataulpho de Paiva!

Esse livro, que lhe deu o ingresso na Academia, é um systema de preceitos para a formação de uma sociedade melhor. Desembargador, cultor profissional e desvelado do direito, a justiça é a primeira preoccupação do seu espirito. No internacionalismo elle reclama a paz, o respeito ao direito e á personalidade das nações fracas e emociona-se e vibra por um tribunal que regularize as relações dos povos, impossibilitando a existencia de novas guerras. Pertence ao numero dos que quanto mais ouvem o trôar do canhão mais pensam no advento do pacifismo. Vão á guerra por amor da paz. Destroem-se, entrincheiram-se, no combate a outros povos, para a futura liga das nações. E' verdade que elle é um filho consciente e illustre do paiz, que condemna constitucionalmente a guerra, tem a arbitragem como principio fundamental para dirimir contendas, e conta no seu activo um numero consideravel de arbitramentos, ainda que nem para todos lhe tenha assistido o prazer de vêr victoriosa a justiça.

Mas parece que, apezar de toda a confiança de sacerdote no idolo da sua crença, elle prefere retemperar o seu optimismo com alguma cousa de bondade. E o seu optimismo tem talvez muita razão de ser. Creio mais nos effeitos da bondade do que no resultado da justiça. No julgamento da justiça ha pretenção, interpretações, sujeitas a conclusões falhas e interesses immediatos. Mas a bondade, quando existe, é perfeitamente confortadora.

E é possivelmente mais facil ser bom do que ser justo. — Falo exclusivamente ao escriptor, porque a unica bondade admissivel ao juiz, julgando, é a justiça.

Fiel a taes principios Ataulpho de Paiva havia de dar um livro de effeitos excellentes. O seu idealismo é justo e reconfortador.

Preferi sempre os escriptores optimistas que dão a quem os lê uma luminosa visão do mundo e do futuro,

que criam estados superiores de consciencia, que estimulam para o bem e consolam.

Pessimistas nunca foram constructores; e o optimismo ha de ser sempre uma consolação.

Por isto, ainda mesmo ao estampido da metralha, que ensurdece, é interessante sentir a voz que nos fale da justiça ou nos acene a bondade. Produz até uma sensação de estonteamento, quando a humanidade se disassocia a ferro e a fogo, e a justiça deserta espavorida, e a bondade parece morta, ouvir, com os accentos de convicção, o appello imperativo para que paremos na desfilada da loucura e bebamos, a largos haustos, as palavras edificantes que se precipitam de alguns raros corações. Ao menos o contrachoque nos faz perceber a possibilidade e mais que possibilidade a urgencia de uma politica menos feroz e de uma humanidade mais humanizada.

O trabalho de Ataulpho de Paiva está nesta corrente. « Justiça e Assistencia » é um grito de alerta para o que é justo e o que é bom. E' o revigoramento industrial, social e humano pela solidariedade dos fortes e pelo carinho dos bons.

Valendo-se dos mestres da sociologia e do direito elle nos dá uma systematização scientifica e precisa dessa grande obra de rehabilitação humana.

No dominio do direito — internacionalismo e pacifismo, pelo alevantamento do conceito de justiça e fraternidade universal, e no dominio social, a assistencia, a solidariedade, a protecção a tudo que é fraco: — á criança, á mulher, á velhice e aos enfermos. Na nossa litteratura não sei de outro livro de maior altruismo, nem de mais palpitante actualidade.

O Brazil para attingir os seus altos destinos necessita do revigoramento perseverante da nacionalidade. Esse revigoramento tem de ser physico e psychico, individual e social. E' a saude do corpo e do espirito no individuo e na sociedade. Para tanto, saneamento, educação e assistencia. O saneamento para acrescer com aquelles que eram debeis ou valetudinarios o numero recente dos fortes e evitar que

os vigorosos amolleçam; a educação para retemperar no exercicio physico, aperfeiçoar na cultura e vencer na energia intelligente e aplicada as necessidades da sua época, e a assistencia para incorporar á vida social a infinita legião dos desherdados.

Desta ultima corrente é Ataulpho de Paiva o maior paladino. Bastaria o enunciado dos capitulos do seu livro para essa convicção. Nelle todos os problemas humanitarios que affadigam os povos organizados e sensibilizam os corações, têm uma pagina de acalorada defeza. A justiça internacional e nacional, nas suas variadas modalidades, como a assistencia, nos seus multiplos aspectos, tiram sempre da sua penna elementos de solução. E' um brado eloquente de piedade para todos os que necessitam de piedade.

Esse livro é uma bôa acção e um grito de nacionalismo. Todas as questões indispensaveis á organização de uma sociedade que quer ser civilizada e ser forte elle evoca para o Brazil..— Maternidades, *crèches*, asylos para a infancia e a velhice, patronatos, tribunaes de menores e as conquistas todas que, nessa directriz, realizam os outros povos, elle reclama. E pede, orientando, porque lhes traça as bases e indica as adaptações.

« Justiça e Assistencia » é um livro util e interessante, uma obra de evidente preoccupação nacional e Ataulpho de Paiva — o novo academico — um escriptor que bem merece, a par da estima e da consagração da Academia, o affecto commovido de todos os que amam, mais que tudo, o bom nome do Brazil e a melhor realização da patria.

Rio, 1918.

A. Carneiro Leão.

NOTAS

OS DONOS DOS NOSSOS VERSOS (*)

VI

Um commentador da Biblia, que eu encontrei, não me lembro em que autor contemporaneo, observava que o Diabo, querendo experimentar a paciencia de Job, começou por matar-lhe os bois e os jumentos. Como elle não se affligisse até á blasphemia, arrancou-lhe os tres mil camellos, as sete mil ovelhas, os sete filhos, e as tres filhas. Não sendo bastante, ainda, para o perjurio, permittiu o Senhor que o Maldito o cobrisse de lepra. E como tudo isso fosse debalde, consentiu Jehovah, como prova extrema, que o Patriarcha, depois de perder tudo... não perdesse a mulher.

*

Eu estou convencido, como esse agudo analysta do Livro dos Livros, de que a mulher é a unica força intelligente que perturba o destino laborioso dos homens. E quem me conso-

(*) Veja *Revista Americana,* n. 7, abril, 1918.

lidou nesta certeza foi a minha excellente amiga D. Ruth de Booz, personagem biblica de gloriosa nomeada em nossos altos circulos sociaes e literarios. A minha amiga terá, opportunamente, o seu palmo de resposta. Estou trabalhando sem luvas, e não me ficaria bem dar entrada a uma senhora de tanta distincção em uma sala onde me esperam duas duzias de cavalheiros.

*

Combinado, assim, outro encontro, e em outro logar, com uma adoravel creatura que tem mais barba, e mais gentileza, do que o commum das damas elegantes, volto, desembaraçado, embora saudoso, á companhia dos meus confrades masculinos.

*

Alberto de Oliveira tem sido, depois de Bilac, o poeta mais liberal entre os mestres assediados pela gente nova. Ha na residencia de Coelho Netto uma governante septuagenaria e tradicional que, no fim de mez, quando recebe o seu ordenado, troca todo elle em moedas de mil réis, que espalha pela cópa e pela cozinha, nos logares por onde passam as creanças da casa. E não ha maior contentamento do que o seu, quando verifica que os pequenos lhe levaram todo o dinheiro para o doce ou para o cinema.

O mestre admiravel do « Livro de Emma » tem generosidades dessa ordem. O thesouro da sua imaginação, que se purifica na fogueira de um trabalho continuo, elle o distribue prodigamente pelos aposentos do seu palacio, que são os seus livros de versos. E quando um discipulo que elle viu nascer atravessa, furtivo, esse corredores dourados, em que os diamantes faiscam na penumbra suave, e escolhe para uso proprio uma das soberbas maravilhas das montras, é elle o primeiro a correr ao encontro das testemunhas e dos guardas, justificando, magnanimo, a leviandade do visitante.

*

Um poeta novo, e excellente, que modelou um bracelete de quatorze pedras em outro, ainda mais lindo, da exposição

permanente do Mestre, foi Matheus de Albuquerque, escriptor do meu apreço e amigo do meu coração. Matheus, no « Visionario » (pag. 97), tem este soneto:

Verdes mares sem fim, céos transparentes,
Frondes — patria de ninhos e cantores;
Claridades de auroras e poentes,
Melodias de avenas e pastores;

Raios que fecundaes, claros e quentes,
A terra virgem; lyricos rumores
Das noites alvas; cytharas gementes
Pulsando em meio de velludo e flôres;

O' lua, que as estrellas arrebanhas,
Rios, florestas, valles e montanhas,
Auras que sussurraes num doce arpejo;

O' natureza de immortaes encantos,
Ouvi: pleno de anhelos e de espantos,
Cantou-lhe á bocca o meu primeiro beijo!

Estes versos nasceram, evidentemente, do soneto « Emfim », de Alberto (« Poesias », 1ª série, pag. 186):

Emfim... Nas verdes pendulas ramadas
Cantae, passaros! vinde ouvil-os! rosas,
Abri-vos! lyrios, rescendei! medrosas
Myosotes e acacias perfumadas,

Prestae-me ouvidos! Saibam-no as cheirosas
Balsas e as leiras humidas plantadas;
Aves e flôres, flôres e alvoradas,
Alvoradas e estrellas luminosas

Saibam-no; saiba o céo com a esphera toda
Que, emfim, sua mão, emfim, sua mão de leve...
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda!

Auras, silencio! Emfim, sua mãozinha,
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,
Sua alva mão pude apertar na minha!

*

Os portuguezes raramente concertam o seu pensamento com o nosso. Os nossos sabiás e graúnas vão, algumas vezes,

beber com os melros nas ondas arripiadas do Tejo; os melros não atravessam, porém, o oceano, para matar a sêde em nossas aguas abundantes. O Amazonas atordôa-os.

Um houve, entretanto, que, apparentemente, molhou o bico em nossos mananciaes. Foi Anthero de Quental. Pela sua poesia sobre « A vida » (« Odes modernas », pag. 60), dedicada a « uns politicos », que desejam

O espaço todo e todo o ar infindo,

passa, como um sôpro largo, e remoto, empolando o oceano, o espirito de alguns versos do nosso Gonçalves de Magalhães, quando nos fala, na « Confederação dos Tamoyos », desses

Que cuidam não caber na terra,
E toda a terra querem, e o mar todo.

*

Em compensação, nessa mesma poesia (pag. 66), de Anthero, ha estes versos:

E cada um desses mundos tem mil vidas!
E cada vida tem milhões de affectos!

Lendo-os, vem á lembrança o nosso grande Bilac, quando diz, no soneto « Vita-nuova » (« Poesias », pag. 174), mais humanamente, e em versos mais harmoniosos e perfeitos:

Ha numa vida humana cem mil vidas,
Cabem num coração cem mil peccados!

*

E já que atravessámos o oceano, levemos o meu querido Belmiro Braga a um confessionario. Dentro está sua revma, o padre Manoel Bernardes, que abre a sua « Nova Floresta » (vol. I, pag. 272, tit. VI, cap. XLII § I) e lê, a proposito de casamento:

« Casem primeiro as edades, as condições, e então casarão bem as pessoas. »

Belmiro, que é um repentista delicioso, não perdôa o padre, e dá-lhe, em versos, a « Resposta » (« Rosas », pagina 32) :

A' noticia bato palmas
E mando um conselho aos dois:
Primeiro casem as almas
E os corpos casem depois!

O padre sorri, e continúa:

«... de outro modo, já de antemão levam o divorcio meio feito.»

E Belmiro:

Que eu tenho os olhos cansados
De vêr (umas mil talvez)
Dentro de corpos casados
Almas em plena viuvez.

Dessa vez, porém, quem zomba do classico não é apenas Belmiro Braga: outra voz, que vem da fronteira, o acompanha, em tom longinquo. E' Campoamor, que canta —(« Doloras y poemas », I, 266)—, como um echo alterado pela distancia:

Sin el amor que encanta
La soledad de un ermitaño espanta.
Pero es más espantosa todavia
La soledad de dos en compañia.

*

Continuemos na egreja, com Belmiro Braga.

Entre as magnificas traducções que elle nos offerece nas « Rosas »», ha uma (pag. 64), nestes quatro versos:

Que é fiel, me diz Constança,
E a alma não me põe tranquilla:
Fiel como o da balança
Que, ao mais leve peso, oscilla...

Em meu primeiro livro de poesia (« Poeira », 1ª série, pag. 224), ha essa mesma quadra, como traducção do poeta hespanhol Melchor de Palau:

— « Serei fiel, — o amor não cança...»
Disseste, ao vêr meu desprezo,
E inda és fiel — mas de balança,
Que se inclina ao maior peso!

O original de Melchor de Palau (« El libro de los cantares », pag. 139), é este:

Fiel dijiste que serias
No has dejado de serlo,
Mas eres fiel de balanza
Que se inclina al mayor peso.

Que poeta forneceu a Belmiro o material para a sua quadra? Não lh'o perguntei. E' provavel, porém, que não tenha sido Melchor de Palau, que é pouco manuseado, mesmo na Hespanha. E augmentou a minha crença na variedade das fontes, o encontro, ha dias, na « Careta », de uma definição da Mulher, traduzida, creio eu, de uma publicação franceza. Segundo essa definição a mulher, para um vendeiro, « é uma balança, que se inclina para o lado em que é maior o peso ».

Deixemos, assim, eu e Belmiro Braga, que os pratos dessa balança se choquem do outro lado do mar, e que briguem por nós, ali, os poetas que nós ambos traduzimos.

* * *

Um dos versos mais famosos das nossas letras, é, sem duvida, o final da poesia « Morrer... dormir...», de Francisco Octaviano:

Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

Ninguem ignora que esse verso vem do acto III, scena I, do « Hamleto », onde se lê, textualmente, no original shakespereano:

To die, — to sleep; —

To sleep! perchance to dream: — ay, there's —, the rub.

Octaviano utilizou litteralmente o inglez. Campoamor não fez, entretanto, o mesmo. E dahi este decasyllabo, com que o lyrico hespanhol fecha as suas « Memorias de un sacristan » (« Doloras y poemas », V. I. 272) :

Nascer, amar, morir: después... quien sabe?

*

Agora, a poesia abrindo caminho para um formoso trecho de prosa.

Na « Rondonia » (pag. 71), de Roquette Pinto, o mais poeta dos nossos homens de sciencia, encantou-me esta imagem, que lhe foi suggerida pela população vegetal da serra dos Parecis:

> «... vegetação mesquinha, de casca grossa, galhos em contorsões, como se estivessem soffrendo.»

E leio, depois, em Alberto de Oliveira, esta descripção de um trecho de matta (« Poesias », 2ª série, pag. 308) :

> ...hartos troncos, luzidios
> Uns, rofos outros, uns desempenados,
> Outros recurvos, « tortos, semelhando
> Em contorsões, vultos de condemnados ».

* * *

E vamos indo. A caravana está fatigada, mas ainda ha, felizmente, agua e maná para os hebreus...

VII

Ha cozinheiros, doutores em glutoneria, que fazem milagres com a carne, o peixe e os tempêros communs da dispensa. Com a mesma alcatra e os mesmos condimentos, mas em quantidades differentes, conseguem elles ás vezes, dois pratos que se não parecem. O material é o mesmo. O segredo está, inteiro, na mestria de quem o tempéra.

Em litteratura acontece, frequentemente, coisa identica. Um poeta vae ao armazem do outro, escolhe a chan-de-dentro

de um assumpto, o alho da rima, o sal de alguns vocabulos, e o louro, a mostarda, a manteiga e a cebôla dos demais requisitos poeticos, põe tudo na caçarola de um soneto, e mexe, e remexe, e põe a ferver. E quando o serve ao publico na toalha branca de uma pagina, este não descobre a origem daquella maravilha, nem pelo gosto, nem pelo cheiro.

*

D. Gilka da Costa Machado, em quem eu confesso reconhecer uma das maiores poetizas que o Brasil tem produzido, e que, se usasse calças, já poderia estar martelando com a aldraba grande da porta da Academia, teve a habilidade de fazer essa desagradavel surpreza a Carlos Maul.

No seu *Canto Primaveril*, incluiu Maul um grande hymno á *Esperança*, onde a invoca religiosamente como arvore, como braço fugitivo, como visão verde e eterna, e eternamente mentirosa. E ahi (pag. 37) diz elle:

Verde é o teu olhar
Que de esperança a todos incendeia!
Verde é tudo que te rodeia
Verde é o campo, verde é o mar.

D. Gilka Machado achou que as suas delicadas mãos femininas podiam tirar melhor material, e offereceu aos seus admiradores, nos *Crystaes partidos*, (pag. 52), sobre esse mesmo thema, estas formosas rimas vegetarianas:

E' verde o teu olhar, verdes os teus olhos lampos,
E rastros teus supponho os campos,
E tudo reverdece ao teu divino assomo...
... São verdes os teus marcos,
Verdes as emoções por ti sentidas,
E são verdes as vidas
Alentadas no teu exhuberante seio.
E tudo quanto anceio,
E tudo quanto por ti penso
E' de um verdor intenso!

Maul continúa:

Deusa feita mulher de olhos verdes e calmos,
E ondeante e vasta cabelleira
Que esparsa ondeia pela terra inteira.

E a poetisa:

Verdes são as tuas comas bastas
As tuas longas tranças
Que derramas á flôr das aguas mansas...

E assim por deante. O Fernão Dias Paes Leme, de Bilac, não sonhou, com certeza, na hora da morte, com a gloria de tanta verdura...

*

Heitor Lima, no seu poema da *Arvore* (*Primeiros Poemas*, pag. 173), empresta ao orvalho esta origem humana:

Quando, funda, a tragedia das dôres
Punge em silencio, — a alma que soffre
Diviniza-se, sóbe ao céo, e é lá de cima
Que abre o cofre das lagrimas, e o cofre
Derrama sobre a terra o orvalho que a reanima.

Um poeta muito mais antigo, Gentil Homem de Almeida Braga, fallecido em 1876, já havia encontrado, e rimado, mais ou menos, a mesma definição. A differença é insignificante: é que o orvalho de Gentil Homem é pranto dos anjos e o de Heitor Lima um chôro fundo, puxado do peito, de almas peccadoras.

São estes os versos do primeiro, que se encontram na poesia *O orvalho*, louvada com empenho pelo Sr. Reis Carvalho, no XX vol., pag. 9740, da *Bibliotheca Internacional de Obras Celebres* e que póde ser lida no *Parnaso Brasileiro*, de Mello Moraes Filho, vol. II, pag. 383:

Dos anjos que outr'ora baixaram da esphera
— Morada longinqua dos anjos de Deus —
São prantos o orvalho, que amor os vertêra,
Depois que, perdidos, voltaram aos céos.

Teria sido Gentil Braga, entretanto, o primeiro a ver os anjos chorando sobre a terra? E' um caso a esclarecer. João Julio dos Santos, que viveu de 1844 a 1872, e que Alberto de Oliveira colloca entre os poetas que recommenda nas *Paginas de Ouro da Poesia Brasileira*, já via as estrellas como orvalho suspenso, em marcha para a terra. E esse orvalho

era, tambem, chorado pelos anjos (Alberto de Oliveira, Ob. cit., pag. 297):

> Talvez são turmas de anjos sobre nuvens,
> O infortunio dos homens pranteiando
> Em lagrimas de orvalho, que dos ares
> Vae frio gottejando...

*

As formidaveis expressões de Shakespeare, nas suas tragedias assombrosas, andam dispersas, fragmentadas, dissolvidas, como todas as grandes expressões da imaginação dos homens, nas obras dos nossos grandes e pequenos poetas.

Emiliano Pernetta, symbolista do Paraná, que esteve no Rio ha tres annos, leu, aqui, em sessão especial e solemne do Centro Paranaense, uma peça do seu engenho, em tres actos, intitulada *A Pena de Talião*. Nesse trabalho, que foi publicado em livro pouco depois, ha, no epilogo (pag. 10), uma scena pathetica, em que Céfalo, um grego da decadencia, exclama, num grito de arrependimento:

> Sujei as mãos de sangue e chafurdei na lama;
> Tão no fundo, porém, que nem a propria chamma
> Ha de ter o poder de me purificar.
> E nem a agua sem fim dos rios e do mar
> Ha de extinguir jamais, aqui, de nenhum modo,
> Esta macula vil, este infamante lodo!

Este Céfalo, que se dissimula na peça de Emiliano em mercador de joias para surprehender a mulher, não será, tambem, um disfarce de Macbeth, quando geme, sob os tentaculos do remorso, na tragedia shakespereana? Ouçamos, para identificação do individuo, este ultimo, na propria graphia ingleza do seculo (acto II, scena I):

> Will all great Neptune's ocean wash this blood
> Clean from my hand? No; this my hand will rather
> The multitudinous seas incarnadine,
> Making the green one red.

A dextra de Emiliano Pernetta, aqui, lavou a sinistra de Shakespeare. E ambas lavaram o rosto das Musas, sem que

a direita soubesse, entretanto, de accordo com o Evangelho, o que fazia a esquerda...

*

Em Salvador Rueda (*Poesias Completas*, pag. 352), ha um soneto, *La campana*, em que figuram estes decasyllabos:

Quisiera ser campana resonante
Para decir cuando veniera el dia:
Al bañado en sus lagrimas, — *confia.*
Y al sonriente y prospero — *adelante!*

Para decir á la mujer — *redime*
Al pecador empedernido — *gime;*
Al viejo — *piensa en tu pasada historia...*

Esses versos, que eu traduzi, e estão na *Poeira...* (2ª série, pag. 197), têm avós brasileiros. Eu os encontro na poesia *O sol nascente*, de Franklin Doria (barão do Loreto), transcriptos no *Parnaso Brasileiro*, de Mello Moraes Filho (vol. II, pag. 370):

Elle diz ao que é forte — *Hoje clemencia!*
Ao fraco — *Mais um dia de paciencia!*
Ao que solta lamentos — *Esperae!*
Aos tristes — *Ora sús, sêde contentes!*
E diz ainda — *Rebentae, sementes!.*
Preciosas idéas, rebentae!

Os passaros da Hespanha, como se vê, podem, tambem, em sonhos, beliscar os nossos figos...

*

Os romanticos constituem uma famiila poetica, em que todos os representantes se parecem. Só se distingue o pae do filho, e este, do primo, pela distincção ou pela negligencia das roupas. Foi isso que se viu, commumente, na Europa, e foi o que se repetiu, entre nós no periodo em que floresceram Gonçalves Dias, Casimiro, Varella e Alvares de Azevedo.

Gonçalves Dias foi o chefe incontestado da tribu; e como, na qualidade de Christo indigena, lhe coubesse prover ás ne-

cessidades da inspiração dos apostolos, era á roça do piaga tymbira que os mais fracos iam arrancar a mandioca para a sua farinha poetica.

O poeta das *Primaveras* foi o mais escrupuloso desses pensionistas. Em suas mãos ainda pode ser encontrada, entretanto, uma raiz com aquella origem. Está no *Canto de Amor*, (*Primaveras*, pag. 187), onde se lê:

E minha imagem nem siquer guardou
Qual se reflecte sobre a flôr de um lago
A branca nuvem que no céo passou.

Em Gonçalves Dias, na poesia *O amor*, (*Poesias completas*, II, pag. 93), ha uma ave, tambem, a passar, furtivamente, sobre as aguas:

Como duma ave a sombra fugitiva
Desgarrada voando á flor de um lago!

A imagem é a mesma, invocada para um mesmo milagre:

*

No *Rio Jornal* (n. 18, de 17 de abril corrente) Belmiro Braga publica um folhetim em verso, em que ha esta quadra:

Se o desamor não toleras,
Não te entendo, coração,
Tu, que ruges mais que as féras,
Entre as grades da prisão.

O segundo desses versos, embora seja, hoje, dos que verteram ao patrimonio commum, pertenceu, inicialmente, a um mestre. Era de Alberto de Oliveira, que assim o engastou no poema *Por amor de uma lagrima* (*Poesias*, 1ª série, pagina 355):

O coração satisfeito,
Como se nada tivesse,
Volta á vida no meu peito
E palpita, alegre e são;
Mas, eu, em suas pancadas
Ouço, ás vezes, contrafeito,
Umas queixas abafadas
E surda lamentação...
Não te entendo, coração!

Depoimento voluntario, contra o depoente:

Nos céos milhões de estrellas,
Quaes borboletas de ouro...

MELLO MORAES FILHO.

(« Mythos e poemas », pag. 47).

Quanta vez viste o louro
Bando de astros faiscar no intermino deserto
Como constellações de borboletas de ouro!

H. DE CAMPOS.

(« Poeira », 1ª série, pag. 25).

A 1ª série da *Poeira*... é de 1911; os *Mythos e poemas*, são de 1884, antes da minha chegada ao mundo.

VIII

Em um dos primeiros artigos desta série, eu alludi, de passagem, a Raymundo Corrêa, cujos sonetos mais formosos são apontados como de proveniencia suspeita. *As Pombas*, o *Mal secreto* e o *Vinho de Hebe*, em que cantam os versos mais profundos da sua obra, carregam, todos, essa fama depreciativa, que deve ser, confirmada ou, então, destruida. E para isso, o processo é o confronto dos versos brasileiros com os suppostos originaes estrangeiros, para que o leitor seja, ao mesmo tempo, a testemunha e o juiz.

*

Os versos mais popularizados do opulento parnasiano das *Alleluias*, são os quatorze decasyllabos das *Pombas*, que vôam ao lado do *Ouvir estrellas*, de Bilac. E as *Pombas* são indicadas como aves do pombal de Theophile Gautier, que as teria deixado a bicar os pés delicados e peccadores da sua *Mademoiselle de Maupin*.

O inquerito aberto a respeito tem encaminhado toda gente para essa convicção, que eu não quero, entretanto, adoptar de modo absoluto. O celebre soneto de Raymundo que, se-

gundo penso, appareceu pela primeira vez em 1883, nas *Protophonias*, é, textualmente, o seguinte (« Poesias », pag. 16):

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotôam
Os sonhos, um por um celeres vôam,
Como vôam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais...

O trecho de Gautier, onde se diz haver o poeta encontrado as pombas que aninhou no beiral desses quatorze versos, é este, que se acha á pag. 65, linhas 6ª e seguintes, da *Mademoiselle de Maupin*, (ed. Charpentier, Paris, 1852):

> « Si tu viendras trôp tard, ó mon ideal, je n'aurai plus la force de t'aimer: — mon âme est comme un colombier tout plein de colombes. A toute heure du jour, il s'en envole quelque desir. Les colombes reviennent au colombier, mais les desirs ne reviennent point au coeur. »

A 1ª edição da *Mademoiselle de Maupin*, é, como se sabe, de 1835. Raymundo Corrêa não precisava, entretanto, ir ao original francez para escrever o seu soneto. A imagem já era corrente em portuguez, desde 1875, quando Salvador de Mendonça traduziu o romance de Théophile, exposto á venda nesse mesmo anno, pela casa Garnier. Nessa edição, á pag. 74, linhas 8ª e seguintes, Salvador interpretava com as seguintes palavras o texto de Gautier:

> « Se tu vieres muito tarde, oh meu ideal, já não terei força para amar-te: minha alma é como um

pombal cheio de pombas. A' toda hora do dia vôa algum desejo. As pombas voltam ao pombal mas os desejos não tornam ao coração.»

Quando appareceu a traducção de Salvador de Mendonça, Raymundo Corrêa andava pelos quinzes annos. E' provavel que a tenha lido, se ainda não deletreava o original, e que lhe tivesse ficado na memoria, para rebentar mais tarde, essa magnifica semente de uma arvore á cuja sombra elle se havia abrigado de passagem.

*

Outro soneto que levou o poeta das *Pombas* á barra do tribunal em que sentenciavam os criticos impenitentes, foi o *Vinho de Hebe* (*Poesias*, pag. 17). Achavam-no parecido com as quadras da *Hebe,* que se encontram nas *Premières poésies*, de mme. Ackermann. O melhor julgamento é, ainda, o confronto. Façamol-o, transcrevendo em primeiro logar o soneto brasileiro:

Quando, do Olympo nos festins, surgia
Hebe risonha, os deuses magestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ella, passando, os copos lhes enchia...

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e prodiga de gósos,
Passa por nós, e nós tambem, sequiósos,
Nossa taça estendemos-lhe, vasia...

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ella, verte-nos, e passa...
Passa e não torna atraz o seu caminho.

Nós chamamol-a em vão, em nossos labios,
Restam apenas timidos resabios,
Como recordações daquelle vinho!

Vejamos, agora, a poetiza:

Les yeux baissés, rougissante et candide,
Vers le banquet quand Hébé s'avançait,
Les dieux charmés tendaient leur coupe vide,
Et de nectar l'enfant la remplissait.

Nous tous aussi, quand passe la jeunesse,
Nous lui tendons notre coupe á l'envi.
Quel est le vin qu'y verse la déesse?
Nous l'ignorons; il enivre et ravit.

Ayant souri dans sa grace immortelle,
Hébé s'éloigne; on la rapelle en vain.
Longtemps encor, sur la route eternelle,
Notre œil en pleurs suit l'échanson divin.

Em uma nota que acompanha a 1ª edição das *Poesias,* e que tem a data de 1898, confessa Raymundo Corrêa, que «a idéa contida nesse soneto lhe foi mais directamente suggerida por uns versos de mme. Ackermann, dos quaes, entretanto, o mesmo soneto não é traducção, nem paraphrase».

*

E a justificação deve ser acceita. A poetiza franceza tentou, talvez, modelar a imagem maravilhosa que Raymundo Corrêa levou a effeito com o bronze alheio. Faltou-lhe o folego para a empreza. Não estava nos seus moldes, nem no genero das suas habilidades. E é essa incapacidade mesma que Anatole France lhe reconhece (*Vie literaire,* vol. I, pag. 3) quando submette a julgamento a sua obra soberba, mas arida, secca, sem encantos, pela incapacidade da autora para a formação de imagens perfeitas.

— Qui trouvez-vous donc qui manque á mes vers pour que vous ne les aimiez pas? — perguntou a poetiza, um dia, a Anatole.

— Comme les enfants — respondeu-lhe o epicurista — j'aime les images, et vous les dédaignez. C'est sans doute avec raison que vous n'en avez pas.

E foi injectando-lhe a espiritualidade de uma imagem mal apprehendida, que Raymundo Corrêa transformou o marmore sagrado de mme. Ackermann. E fazendo isso, divinizou a materia bruta, que ella havia deixado aos artistas que a succedessem nas altas officinas de Apollo.

*

O *Mal secreto*, que é, como todos reconhecem, um dos sonetos mais perfeitos e conhecidos da lingua, tem sido egual-

mente apontado como plagio. Effectivamente, ha uma grande semelhança entre os quatorze versos de Raymundo Corrêa e certa redondilha de Metastasio. Quem lê uma e outra, acha, entretanto, que o poeta brasileiro excedeu o italiano em todos os surtos, tornando o pensamento deste mais largo, mais humano, mais profundo.

Para uma comparação, leiámos o *Mal secreto* (*Poesias*, pag. 19):

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora,
Ver atravéz da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo
Como invisivel chaga cancerosa

Quanta gente que ri, talvez existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

E Metastasio (*Opere*, vol. III, pag. 85):

Se a ciascun l'interno affanno
Si leggesse in fronte scritto.
Quanti mai che invidia fanno
Ci farebbero pietá!
Si vedria che i lor nemici
Hanno in seno: e se riduce
Nel parere a noi felici
Ogni lor felicitá!

A semelhança é, como se vê, bastante accentuada. Teria, porém, Raymundo Corrêa conhecido os versos de Metastasio ou pensado nelles, quando escreveu o *Mal secreto*?

*

E' admissivel a negativa. E isso porque não é o poeta do *Attilio Regulo* o unico a cantar, no seu tempo, esse as-

sumpto, que viria dar a Raymundo Corrêa, cem annos mais tarde, uma parte da sua gloria.

Eu devo ao meu eminente e querido mestre Alberto de Oliveira o documento em que pouso essa possibilidade. Alberto de Oliveira possue um volume precioso, que justifica Raymundo Corrêa porque accusa Metastasio; e se não accusar a este ultimo, dá, pelo menos, a Raymundo um cumplice, na pilhagem de que o tornam responsavel.

Esse companheiro é Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente, cujas *Poesias* appareceram no Porto em 1876, mas que foram escriptas quando Metastasio ainda rimava em Vienna. E nessas *Poesias*, vol. I, pag. 233, ha, este soneto:

Se cada qual trouxesse sobre a frente
Dos occultos pezares um traslado
Talvez que o que parece afortunado
Se convertesse então em descontente.

Não, ninguem quer mostrar á demais gente
Que traz dentro do peito algum cuidado;
Por isso finge um rosto serenado,
Ao mesmo tempo que os seus males sente.

Eu só sinto um tão barbaro tormento
Que tanto me angustía e opprime tanto,
Que já para o callar não tenho alento;

E dou a conhecer com novo espanto
O meu mais escondido sentimento
Nas publicas correntes do meu pranto.

Raymundo Corrêa conheceria Paulino Cabral de Vasconcellos? E este não teria, porventura, escripto o seu soneto antes da redondilha do cortezão de Vienna? E por que não admittir, para ficar em paz com a consciencia, que cada um delles ignorasse o que o outro havia rimado um dia ou um seculo antes?

*

Raymundo Corrêa foi, como já tive occasião de assignalar, um expropriador intelligentissimo, e, por isso, honesto, das riquezas alheias. Elle cobria, repito, do ouro mais puro e da pedraria mais scintilante, o cobre, o bronze, e até o ferro

aspero que lhe cahia nas mãos de nababo. A sua musa enfeitava, transformava, enriquecia com a prodigalidade da sua belleza todos os tecidos que tomava de emprestimo. Como a de Perrot d'Abrancourt, que vestia de nova graça os versos italianos que traduzia e perfilhava, podia-se-lhe dar, nas letras brasileira, conforme já disse uma vez, o appellido que Voltaire deu áquella: « La belle infidéle »...

IX

Nos meus artigos anteriores, tenho apontado alguns versos que se assemelham, assignados, uns e outros, pelos mestres da moderna poesia brasileira. Como não é pensamento meu, conforme já declarei dez vezes, demonstrar que alguem se apossou criminosamente da idéa ou das rimas alheias, tenho deixado de parte a questão de datas, pelas quaes pudesse apurar quem se utilizou do thesouro do irmão. Eu considero os meus mestres tão acima dessa fraqueza, que lhes deixo o trabalho, ou o prazer, de discutirem amavelmente, na Academia ou na mesa do chá, o direito sobre versos ou imagens que a minha curiosidade lhes vae apresentando. Eu os tenho a todos como divindades da mesma categoria, e creio que, nesses casos, podem elles repetir, entre si, uma phrase do velho conselheiro Gomes de Castro, ao apartear, uma vez, no Senado o barão de Cotegipe.

— Quando o sr. Gomes de Castro se separou de mim... — começou Cotegipe.

E Gomes de Castro:

— E por que não foi v. ex. que se separou de mim?

Os mestres que venho citando têm o direito de conversar fraternalmente com essa mesma superioridade. Qualquer delles pode ter escripto primeiro este ou aquelle decasyllabo. Isso é, para os homens de letras, que os conhecem, e mesmo para o publico, uma questão secundaria. Elles são, todos, aos nossos olhos, incapazes de uma leviandade.

Depois...

si l'on eût dit: *Nemrod mourra,* qui l'aurait cru?

*

Foi Valentim Magalhães, se bem me lembro, que encontrou no soneto *Illusões* (*Poesias*, ed. definitiva, pag. 78), uma reminiscencia das *Pombas*, de Raymundo Corrêa. Sendo de minha obrigação registrar todos esses processos antigos, sujeitando-os, para serem revistos, ao tribunal da minha geração, entrego-lhe, a elle, aqui, com a devida licença do mestre, os seus quatorze versos, que são estes:

Vélas fugindo pelo mar em fóra...
Vélas... pontos — depois... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria...
E, se em porto distante a frôta ancóra,
E' p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas,
Na esteira azul das peregrinas frótas...

Chegam... Ancoram n'alma um só momento:
Logo as vélas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...

Este soneto faz lembrar, effectivamente, o de Raymundo Corrêa; o que é indubitavel, porém, é que o de Raymundo tem maior semelhança com o trecho de prosa de Gautier. E, em tal caso, faz-se necessaria a absolvição do brilhante poeta que o jornalismo arrebatou ao Parnaso, o qual, de outro modo, teria direito, apenas, a cem annos de perdão...

*

Insectos.

De Alberto de Oliveira, na *Lucilia Coesar* (*Poesias*, 2ª série, pag. 114):

Não é mosca, meu Deus, é uma joia com azas!

De Guerra Junqueiro, no *Idylio* (*Musa em férias*, pagina 76):

Os insectos deslumbrantes,
Inflammados como brazas
São amethistas, diamantes,
São carbunculos com azas!

*

O meu querido poeta Pereira da Silva, na sua forte *Odysséa de um Arlequim* (*Solitudes*, pag. 89), imagina-se fantasiado em dia de Carnaval, e encontra, na rua, a Folia. Encaram-se, e diz o poeta, na sua ironia dolorosa:

Eramos os dois a rir: eu — da Folia,
Ella — de tudo que o Folião fazia.

Esses dois versos lembram outros dois, visando o mesmo pensamento, de outro amargo sonhador: Alvaro Moreyra, que os tem, na *Lenda das Rosas* (pag. 25), neste *Epitaphio*:

Acreditei na Vida, e a Vida, em mim. Depois
Desandámos a rir de nós mesmos os dois.

A herva sardonia deu ao rosto dos dois sonhadores as mesmas contracções, através de symbolos poucos dissemelhantes.

*

Da *A Caridade e a Justiça*, a famosa poesia de Guerra Junqueiro, os versos mais populares são, sem duvida, os desta imagem:

Nuvens esverdeadas
Corriam pelo céo, como grandes manadas
De buffalos...

E esses buffalos, que tanto engordaram em Portugal, são originarios do Brasil. Aqui, elles eram excellentes cavallos, e appareceram ha quarenta annos na poesia *Sol nascente*, do nosso barão de Loreto, transcripto por Mello Moraes Filho (*Parnaso*, vol. II, pag. 369):

As nuvens são corceis que dispararam
Da arena afogueada...

*

De Raymundo Corrêa, no *Sonho turco* (*Poesias*, pagina 58):

Castellos e castellos e castellos...

De Pereira da Silva, no soneto *Nove de Novembro* (*Solitudes*, pag. 178):

Pezares e pezares e pezares!

*

Ha vezes — e isso é commum — em que o encontro das mesmas palavras em um mesmo verso reflectem, pela sua disposição dellas, idéas que se não assemelham. Então, não se pode dizer que tenha havido, sequer, o phenomeno da suggestão. A casualidade é evidente. E' o que succede com Luiz Delphino e Luiz Murat, em certo decasyllabo. Na formosa poesia *A' minha mãe* (*Poesias escolhidas*, pag. 8), tem Murat este verso:

Em que, como uma estrella em céo profundo...

Sem que tenha no assumpto, ou mesmo na imagem, qualquer semelhança com elle, vem á lembrança, de prompto, est'outro, de um dos mais lindos sonetos de Luiz Delphino:

Como um somno de estrella em céo profundo...

Milagres da palavra, simplesmente.

*

Do meu grande mestre Bilac, na poesia *Dentro da noite* (*Poesias*, pag. 178):

Caminho em extase, cheio
Da luz de todos os sóes
Levando dentro do seio
Um ninho de rouxinóes.

De Guerra Junqueiro, nas *Illusões* (*A Morte de D. João*, pag. 90):

E assim alegre vivia
Tão cheio dessa illusão,
Tão cheio de luz, de sóes
Que parece que trazia,
Em logar de coração,
Um ninho de rouxinóes.

Ha um anno, mais ou menos, veio-me a inspiração de uma quadra sobre a previdencia dos deuses, escondendo o ouro no fundo da terra, como que reconhecendo a sua influencia perniciosa sobre os homens. Parecia-me, no emtanto, já haver lido alguma coisa a respeito. Esperei o auxilio da memoria e, como este não chegasse, escrevi:

Depois do mundo concluido
E que o ouro nelle espalhou,
Deus ficou arrependido,
Reuniu esse ouro, e enterrou.

Parece, porém, que os demonios só aguardavam que eu cahisse em falta, para me abrirem os olhos, e me guiarem á fonte desses quatro versos. Abro o *Parnaso*, de Quintaña, e lá encontro, á pag. 347, na silva *A la codicia*, de Francisco de Quevedo, estes versos sobre o mesmissimo assumpto:

Metal de la quietud siempre enemigo;
Pues la naturaleza, viendo que era
Tan contrario á la santa paz primera,
Por dañoso y contrario á quien le estima,

Y por mas escondernos sus lugares,
Los montes le echó en cima
Y sus sendas borró con altos mares.

Deante disso, tomei uma deliberação heroica: olhei para um e outro lado da rua, e, com vergonha, corri... levando os versos!

HUMBERTO DE CAMPOS.

(Do *Imparcial*)

(*Continúa*)

* * *

O BRASIL E A FRANÇA NO SECULO XVI

A proposito do artigo publicado pelo nosso Director, Dr. Araujo Jorge, no numero de Dezembro de 1917, sob o titulo *O Brasil e a França no seculo XVI — Um capitulo da Historia Diplomatica do Brasil Colonial*, o Sr. Henrique de Hollanda, funccionario do Consulado Geral do Brasil em Lisboa, dirigiu ao Dr. Araujo Jorge uma carta da qual extrahimos os seguintes topicos:

«... Em o n. 3 de Dezembro do anno passado, da *Revista Americana*, que V. S. tão brilhantemente dirige, vem um capitulo da Historia Diplomatica do Brasil francez, com a epigraphe *O Brasil e a França no seculo XVI — Um capitulo da Historia Diplomatica do Brasil Colonial*, em que V. S., se referindo ao erudito estudo de Gomes de Carvalho *D. João III e os Francezes*, chama-o de « digno escriptor portuguez ». Gomes de Carvalho, que se chama Manuel Emilio Gomes de Carvalho, é, para gloria nossa, Brasileiro da gemma, nascido em Vassouras, filho legitimo dos barões do Rio Negro, sobrinho dos Viscondes de Barra Mansa e Amparo, bacharel formado em direito pela Faculdade de S. Paulo, residindo actualmente em Roma, 27, via delle Alpi. Tive a fortuna de conhecer aqui em Lisboa, no Consulado Geral do Brasil, onde trabalho, o erudito auctor de *D. João III e os Francezes* com quem mantenho relações de boa amizade que me honram sobremaneira. E' elle, de facto, um grande espirito, servido por uma larga erudição, que a sua modestia excessiva esconde sempre demasiado...»

A Redacção.

1869 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1918

quella ilha que os trucidaram e comeram os seus cadaveres, em 1545.

Tão tragico não foi o desenlace na capitania da Parahyba do Sul, nos Campos dos Goitacazes. O donatario Pero de Goes, auxiliado por seu irmão Luiz e alguns amigos, fundou em 1536 o primeiro estabelecimento, a « Villa da Rainha », nas ferteis ribanceiras do rio Parahyba (Provincia do Rio de Janeiro), e ao mesmo tempo introduziu a cultura da canna trazida de São Vicente. Como lhe faltassem os capitaes para desenvolver as suas plantações, resolveu Pero de Goes fazer uma viagem a Lisboa onde conseguiu interessar alguns capitalistas na sua empreza. Elle regressou á sua capitania alegre e cheio de esperanças e apezar dos acontecimentos desagradaveis que lá encontrou, — muitos colonos e o proprio administrador tinham aproveitado a sua ausencia para fugir, — não desanimou. Começaram outras plantações, construiram-se dois engenhos novos junto á costa e um terceiro foi projectado perto do rio. Em breve promettia Pero aos seus socios em Portugal enviar-lhes: « dentro do prazo de um anno duas mil arrobas de assucar, cabendo-lhes a tarefa de lhe remetter mais colonos, especialmente 60 escravos negros da Guiné ». Um incidente commum naquella época nas costas brasileiras destruiu as suas legitimas ambições. Um chefe indigena que, confiando na hospitalidade, tinha ido a bordo de um navio extrangeiro (da capitania do Espirito Santo), fôra preso traiçoeiramente e entregue aos seus peores inimigos. Pero de Goes e seus companheiros eram absolutamente innocentes desse attentado, e tinham vivido até então nos melhores termos com aquella tribu, auxiliando-se mutuamente. A boa amizade que reinava não impediu que os rancorosos indigenas nelles vingassem o insulto soffrido por um dos seus guerreiros. As plantações foram arrazadas, as villas assaltadas e queimadas e, quando os europeus tentaram oppôr uma resistencia em campo aberto perderam 25 homens. Em vão procurou Pero fazer a paz: foi impossivel restabelecer as boas relações e não passava um dia em que um Portuguez não fosse victima de uma cilada, de modo que em pouco tempo ninguem mais se atreveu a ir trabalhar no campo. Como não se podia contar com auxilios e mantimentos

vindos de fóra, foi preciso abandonar a colonia para não morrer de fome. Pero de Goes fugiu com toda a sua gente para a visinha capitania do Espirito Santo, de onde elle regressou para Portugal, desapparecendo assim para sempre a sua capitania. Alem dessas seis capitanias em que as tentativas de colonisação goraram por completo, houve mais duas pelas quaes os seus donatarios nada fizeram, a primeira (Provincia de Santa Catharina) de Pero Lopes de Souza, e a quarta (Provincia do Rio de Janeiro) de Martim Affonso de Souza. Restam, pois, sete capitanias, onde os foraes de doação do Rei D. João III lograram produzir algum effeito duradouro. Estudemol-as na sua ordem geographica do sul para o norte!

Como já referimos tinha Martim Affonso de Souza, donatario da Capitania de São Vicente, fundado na primavera de 1532, a villa de São Vicente, na ilha do mesmo nome, e o aldeamento de Piratininga, passando ambas essas localidades para o seu dominio exclusivo, com o foral de doação de 20 de Janeiro de 1535. Infelizmente não poude Martim Affonso de Souza cuidar em pessoa do progresso da sua capitania, porque, ao chegar em Lisboa, o governo lhe confiou a commissão de Almirante e Governador da India Oriental; cargo de que elle se desempenhou durante alguns annos com o maior brilho, fallecendo em 1571. Os seus affazeres nunca o impediram de providenciar para que de Portugal fossem enviados auxilios e colonos para a sua capitania, a qual se desenvolveu bastante. As sesmarias eram concedidas em numero cada dia maior e mais afastadas do centro. O sesmeiro mettia mãos á obra ajudado pelos escravos, dos quaes alguns Indios prisioneiros de guerra, mas em geral eram negros trazidos da Europa na sua companhia e tambem encommendados á costa da Guiné por intermedio da praça de Lisboa. Derrubava-se a matta com o machado, queimavam-se os troncos cahidos, servindo as suas cinzas de adubo, e, na clareira assim obtida, que não constituia, e ainda hoje não constitue, senão uma parte diminuta da sesmaria, faziam-se as plantações. Só quando a fertilidade daquella terra virgem começava a cançar-se é que o proprietario mandava proceder a outra derrubada. A antiga clareira ficava abandonada, até que a rica

vegetação tropical della se apoderasse novamente, cobrindo-a com um matto ligeiro a que denominavam de capoeira e composto de arvores pequenas e agglomeradas, entrelaçadas pelos cipós. Comparada com a matta virgem a capoeira não passa de uma moita. E' assim que ainda hoje se trata da lavoura no Brasil.

A principio cultivavam de preferencia as plantas alimenticias do paiz, cujo trato apprenderam com os indigenas: a mandioca, o milho, a banana, e, em menor escala as sementes européas, sendo que durante longos annos a farinha de trigo só era usada no Brasil para fabricar as hostias sagradas. Os fructos nacionaes como o fumo e o algodão serviam unicamente para os colonos. O principal producto de exportação para o commercio mundial era o assucar, de canna importada em 1532 da ilha da Madeira para São Vicente, de onde ella se espalhou, gradualmente por toda a costa. Foi essa a exportação brasileira mais importante durante seculos e só ultimamente é que está tomando a supremacia o café, introduzido em 1770 pelo Vice-Rei Marquez do Lavradio.

A historia de Pero de Goes e de Pereira Coutinho indica claramente, no tocante ás relações dos brancos com os Pelles Vermelhas como ellas variavam rapidamente, passando da amizade a mais confiante para a inimizade a mais rancorosa, que nada conseguia aplacar assim que um dos colonos ou mesmo um negociante inteiramente estrangeiro os offendia. Era portanto impossivel a existencia de um laço duradouro, porém tanto na guerra como na paz o commercio sempre dominava activo e variado e extremamente instructivo para os colonos recemchegados. Já mencionamos que os immigrantes tiraram dos Indios preciosos ensinamentos para o cultivo das plantas indigenas; do mesmo modo valeram-se delles para todos os utensilios de pesca e de caça, as embarcações leves de rio e de mar, que variavam segundo as regiões: aqui eram jangadas, mais alem canoas de cascas de arvores, ou pirogas feitas de um tronco cavado; finalmente muitos objectos caseiros, sobretudo as rêdes, tão adequadas ao clima tropical que o seu uso se generalisou e se impoz até hoje. Mas não ficou nisso. Ao contrario do que se dava com os Europeus de origem germanica, os latinos não repugnaram,

na America e especialmente os Portuguezes no Brasil, em entrar em relações com mulheres indigenas. Já os primeiros colonos, Diogo Alvares na Bahia, João Ramalho em Piratininga, e outros tomaram para suas mulheres uma ou varias Indias que lhes deram numerosa prole mestiça. O mesmo caso se repetiu innumeras vezes mais tarde, por isso que muito mais homens brancos do que mulheres emigravam para as colonias, e, alem disso, as Indias acceitavam pressurosas os pretendentes europeus em cujo lar encontravam um trato muito mais ameno do que o que podiam esperar de um rude Pelle Vermelha. Essas uniões animavam as familias dos conjuges a se estabelecerem nas aldeias portuguezas, onde se accommodavam á vida meio civilisada, engrossando, em gerações, as fileiras da população mestiça.

As guerras tambem favoreciam essas uniões entre as duas raças. Graças á superioridade das armas de fogo as lutas acabavam sempre com a victoria dos brancos, os quaes levavam como prisioneiros os homens, cuja vida era interesseiramente poupada, e sobretudo as mulheres e as creanças. Apezar das penas que os ameaçavam muitos faziam *razzias* dessa ordem. Era tambem frequente venderem os Indios os seus prisioneiros de guerra de outras tribus, ou mesmo, em tempos de necessidade, desfazerem-se os paes de seus filhos em favor dos colonos, desse modo, juntando-se aos negros os indigenas, seus companheiros de infortunio, cresciam as populações escravas das villas portuguezas.

Foi assim que houve desde o principio uma mixtura das tres raças que creava os productos os mais variados: os mamelucos (denominação portugueza para os descendentes de um christão com uma Moura e que serviam para designar no Brasil os de brancos com Indias), os mulatos (filhos de brancos com negras), os curibocas (filhos de negros com Indias), os cafusos (filhos de negros com mulatas). Pouco a pouco o sangue do Pelle Vermelha foi desapparecendo ao contacto com o do branco e do negro. Esse constante entrelaçar das raças influiu não só nos primitivos aldeamentos, mas, como era natural, foi de immensa importancia para a formação do caracter da colonia, assim por exemplo, a lingua enriqueceu-se com expressões indigenas e africanas. Porém,

conservaram-se, tanto quanto é possivel num paiz novo, os costumes, os usos e a maneira de viver da mãe patria.

Pondo de lado essas observações geraes que não valem somente para São Vicente mas para todo o littoral do Brasil, e voltando á historia particular daquella capitania veremos que nas primeiras decadas pouco ha de interessante. Produziu-se logo uma desavença entre a colonia regular e os antigos moradores brancos já meio selvagens. Referimos que Souza encontrou em 1531, na enseada de Cananéa, um pequeno numero de Europeus, entre elles um bacharel portuguez, que havia 30 annos vivia entre os Indios. O governador Gonçalo Monteiro ordenou a essa gente que fôsse para São Vicente, onde devia pôr-se ás ordens das autoridades daquella villa. O bacharel obedeceu porém os outros burlaram-se das ordens do Governador e, como este quizesse obrigal-os, elles não só o forçaram a retirar-se mas até passaram á offensiva.

A villa de São Vicente foi atacada inesperadamente e saqueada antes de 1537, regressando os criminosos aos seus esconderijos onde sabiam estar a coberto de qualquer represalia. Deu-se ainda outro acontecimento desagradavel para São Vicente. Desde que se installou a colonia começaram a derrubar as arvores ao longo do littoral da ilha com tanta imprevidencia que, em breve, perderam as praias o manto natural que as protegia contra as ondas e, poucos annos depois, estavam os campos de cultura transformados em arêal.

Assim se annullou a importancia da villa como porto maritimo, o seu progresso ficou paralysado e hoje essa villa, a mais antiga do Brasil, é um casario pobre que conta apenas 500 ou 600 habitantes. Em compensação levantou-se na extremidade norte da mesma ilha, onde o porto é melhor, uma nova cidade que se chamou Santos, por ter sido talvez fundada no dia de Todos os Santos (1º de Novembro de 1545) e essa cidade concentrou todo o commercio, supplantando completamente a sua antiga rival. Quanto á segunda villa, Piratininga, a situada no continente, deu-se o caso que 20 annos depois da sua fundação ella experimentou uma pequena mudança de localidade, motivada por determinação da

Companhia de Jesus, que em 1550 fôra recebida na Capitania, onde construiu na cidade de São Vicente o seu primeiro collegio.

Pouco depois resolveu ella fundar um outro collegio no continente, enviando para esse fim alguns padres a Piratininga. Porém a situação da villa nas terras baixas do valle do rio não agradou aos padres e elles preferiram construir a sua casa na lomba de uma collina que se achava nas immediações, e como inauguraram o referido estabelecimento a 25 de Janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo dedicaram-no a São Paulo. Pouco a pouco persuadiram os religiosos aos habitantes da aldeia de Piratininga que transferissem as suas moradias para junto da Egreja. Assim desappareceu a antiga povoação que foi substituida pela nova, chamada a principio São Paulo de Piratininga, mais tarde simplesmente São Paulo, elevada a villa pelo donatario a 5 de Abril de 1558, e, como outr'ora São Vicente, deu, com o correr dos tempos, o seu nome a toda a provincia. Ella recebeu em 24 de Julho de 1711 fóros de cidade e, finalmente, em 17 de Março de 1823, foi agraciada com o titulo de « Cidade Imperial ».

Emquanto a capitania de São Vicente progredia lentamente, mas de um modo seguro, permanecia estacionada a visinha capitania de Santo Amaro, que corresponde actualmente á parte septentrional da provincia de São Paulo. O seu donatario Pero Lopes de Souza (Foral de 1 de Setembro de 1534), preferira, desde que voltara para Lisboa, a vida guerreira; acompanhou voluntariamente Carlos V na sua expedição a Tunis (1535), commandou varias estações navaes na costa africana e partiu com uma esquadra para os mares da India Oriental onde encontrou a morte em 1539. Bem se vê que elle pouco poude fazer pela sua capitania.

A principio administrou-a o governador de São Vicente que concedeu varias sesmarias; mais tarde, em 1536, enviou Pero Lopes um representante proprio, que lá esteve algum tempo, dando-lhe instrucções para edificar na ilha visinha de São Vicente a nova capital, a villa de Santo Amaro, cujo nome se extendeu a toda a capitania. Pouco a pouco augmentou o numero de immigrantes, mas os indios da visi-

nhança destruiram os seus trabalhos em constantes aggressões, e nem o donatario, nem sua viuva e filhos, nunca tomaram a menor providencia para a protecção dos seus administrados, de modo que a capitania vegetava penosamente, e se não fôra o auxilio dos seus patricios de São Vicente a cujo governo os de Santo Amaro não tardaram a se submetter, aquella capitania teria, certamente, desapparecido.

Não lhe foi melhor á capitania do Espirito Santo, se bem que o governador hereditario, Vasco Fernandes Coutinho, nella residisse e já tivesse gasto grandes quantias para o seu fomento. Logo depois de receber o seu foral, 1 de Junho de 1534, reduziu aquelle fidalgo todos os seus haveres a dinheiro, pediu emprestadas avultadas sommas e com esse capital armou uma expedição tão forte que seus inimigos o accusaram mais tarde de ter ambicionado crear um principado independente no Brasil.

Se elle nutriu, realmente, tão audaciosas esperanças tanto maior deve ter sido a sua desillusão. Assim que Vasco Fernandes Coutinho desembarcou, lançou a primeira pedra da villa do Espirito Santo, na enseada do mesmo nome, actualmente uma pobre aldeia de pescadores de umas quarenta choupanas, mais conhecida sob o nome de « Villa Velha »; emquanto que a cidade nova, construida na ilha visinha é, ha muito a capital e porto principal daquella provincia. Concederam-se sesmarias ao redor da villa. Graças a uma victoria decisiva ganha sobre os Indios que tinham querido oppôr-se á tomada de posse do seu territorio parecia que a capitania podia contar com um futuro risonho. Porém Vasco Fernandes não era o homem indicado para dar impulso a um estado agricola em formação. Era edoso, sem energia, sem compostura pessoal, nem a exigindo dos outros, amigo do ocio e dos prazeres, incapaz de se impôr ao respeito e a estima dos seus subordinados, malquistou-se logo com os membros mais influentes da colonia.

Alem disso, tinha elle sido forçado a trazer comsigo de Portugal alguns criminosos condemnados ao degredo, e, como se lhe não bastasse a preoccupação de os guardar, offereceu de bom grado a sua capitania como asylo para todo aquelle culpado de algum crime ou delicto numa das outras capitanias.

Desse modo não era para admirar que não faltassem, no Espirito Santo, motivos para difficuldades internas e externas: rebentaram entre os colonos dissenssões partidarias que chegaram a vias de facto, sem que ninguem se importasse com a autoridade do donatario.

Animados por esses exemplos, os indios, que os maus tratos haviam excitado, tomaram, novamente, as armas, destruiram as plantações e fizeram uma guerrilha incessante aos brancos. Os melhores colonos e mais trabalhadores fugiram daquella terra inhospita. Regressou tudo a uma meia barbaria e se a colonia continuou a viver foi em plena anarchia e na mais triste miseria. O proprio donatario cançou-se do governo e acabou solicitando repetidas vezes a reversão da capitania á corôa, mas não se chegou a accordo e o Espirito Santo continuou por longos annos na sua familia, mesmo depois da sua morte occorrida em 1561.

Foi mais feliz a visinha capitania de Porto Seguro que Pero de Campos Tourinho recebera em 27 de Maio de 1534. Rico proprietario na provincia do Minho elle gozava de grande consideração em toda a redondeza, de maneira que ao tomar suas providencias para uma emigração definitiva, promettendo uma sesmaria a cada um dos que o quizessem acompanhar, apresentaram-se tantos candidatos que foi possivel proceder a uma escolha. Tourinho desembarcou no antigo porto de Cabral, Porto Seguro, e nas immediações fundou, numa vasta planicie, a capital e o porto, repartindo as terras entre os seus companheiros. O donatario deu as melhores provas da sua capacidade administrativa.

Antes de tudo tratou elle de se acautelar contra os Indios, apezar de ter sido recebido mui amistosamente, por elles e sobrou-lhe razão, por isso que algumas tribus tentaram atacal-o de surpreza, mas como foram repellidas, poude-se firmar uma paz duradoura. Estabelecida uma ordem severa entre os colonos, a capitania se desenvolveu prosperamente embora de vagar. O principal negocio era a pesca, cujo producto se exportava para as proximas capitanias e até para Portugal. A segunda exportação era a do pau brasil.

Na producção do assucar, Porto Seguro não podia com-

petir com São Vicente e Pernambuco e, em geral, no que diz respeito á lavoura apenas se cultivava o necessario para o gasto da colonia. Pero de Campos falleceu em 1550, approximadamente, passando a sua capitania para seu filho Fernão e deste para sua irman Leonor, viuva de Gregorio da Pasqueira, a qual teve a sua posse confirmada pelo foral de 30 de Maio de 1556. Mas, dois mezes depois vendeu aquella senhora a sua capitania de Porto Seguro a D. João de Lencastre, Duque de Aveiro, que a destinava a seu segundo filho. O preço da venda foi de 600$ á vista, 12$500 de renda annual vitalicia e 2 molos de milho. Como se vê era minimo naquelle tempo o valor de um principado brasileiro.

Segue-se outro estabelecimento cujo destino foi pouco feliz. O donatario da Capitania dos Ilhéos (provincia da Bahia), Jorge de Figueiredo Correia, não estava disposto a desistir por causa della da situação de que gozava na côrte lisboeta, acreditando que graças ao seu prestigio e ás boas relações, que lhe davam o seu cargo, lhe seria mais facil cuidar da capitania, e da sua colonisação, permanecendo em Lisboa. O seu substituto foi um experiente capitão hespanhol, Francisco Romero, que fundou o primeiro estabelecimento na ilha de Tinharé (perto da bahia de Todos os Santos). Pouco depois retirou-se dahi porque, examinando melhor a costa, descobriu, mais ao sul, bem ao centro da capitania um porto muito melhor, o Porto dos Ilhéos, assim chamado devido a quatro ilhotas collocadas na sua entrada. Ahi construiu a a sua nova capital que recebeu o nome de São Jorge dos Ilhéos, não se sabe se em honra do donatario ou de São Jorge. Uma bellissima vegetação cobria o paiz, rico em aguas e de grande fertilidade, e como Figueiredo e seus amigos lisboetas dispunham de fortes capitaes a producção de assucar attingiu em pouco tempo uma grande importancia. Mas o governador Romero não tinha as qualidades necessarias para aquelle cargo. Era um velho soldado que administrava com severidade militar sem se importar com as leis do Reino, nem com os direitos dos subditos, os quaes se irritaram tanto que se revoltaram e mandaram Romero preso á presença do donatario. Este commetteu o erro de confirmar Romero no seu

posto, o que provocou, naturalmente um grande descontentamento, dando logar a continuas lutas.

Essa situação foi aproveitada pelos Indios da visinhança, sobretudo os selvagens Aymorés (Botucudos) que a habilidade militar de Romero e a resistencia dos colonos unidos haviam atemorisado e humilhado. Então recomeçaram aquellas tribus os seus ataques, os saques e as destruições que puzeram um fim á prosperidade incipiente da plantação, mal podendo se sustentar a capital, São Jorge, com os seus suburbios. Morreu o seu primeiro donatario, em 26 de Setembro de 1551, succedendo-lhe seu filho, Jeronymo Alarcão, que pouco depois vendeu, com annuencia real, a capitania a Lucas Giraldes.

Muito mais ao norte, separada da capitania dos Ilhéos pela da Bahia devastada, temos a capitania de Pernambuco, que, na partilha, tocára, em 2 de Outubro de 1534, a Duarte Coelho, o qual tomou posse do seu feudo no anno seguinte. Elle encontrou nessa região uma antiga feitoria portugueza, a de Pernambuco, fundada por Christovam Jacques, em 1526, nas margens do riacho Igarazú, e que fôra transferida pelos Francezes durante a sua occupação temporaria, em 1531, para o rio Biberibe, tambem chamado Martim ou Mairy, o que quer dizer « Rio Francez » (« Mair » era o nome dado pelos Indios aos Francezes, como « Pero » aos Portuguezes). Essa mudança foi excellente porque a feitoria se achava assim junto de um esplendido ancoradouro, protegido por uma restinga de recifes, cortada por estreitas passagens e que, prolongando-se por muitas milhas, protegia a costa contra o furor das ondas.

Esse motivo fez com que Pero Lopes de Souza deixasse a feitoria naquelle mesmo logar quando a reconquistou aos Francezes, em 1532. O Donatario Duarte Coelho tambem se agradou daquella situação e resolveu construir nas suas immediações a sua capital. Junto da foz do Biberibe existe um promontorio extenso que avança para o mar e que forma o ponto de partida para uma cadeia de collinas. Coelho, auxiliado pelos seus companheiros e os Indios, fundou, em 9 de Março de 1535, sobre essas collinas, a uma hora de distancia da extremidade do promontorio, a cidade de Olinda. Esse nome, segundo reza a tradição, teve a sua origem na

exclamação de Duarte Coelho: « Oh que linda é essa região! » Porém parece mais plausivel que o donatario tenha dado esse nome em lembrança de alguma quinta ou casa de sua propriedade em Portugal, tanto mais quanto existem perto de Lisboa, parochias chamadas Linda ou Olinda a Velha, Linda Pastora, etc. Em todo caso a paizagem justificava plenamente aquella exclamação. A situação de Olinda sobre varias collinas é muito pittoresca, porém pouco pratica para o commercio, de maneira que apezar de sua prosperidade nos primeiros tempos não tardou em ceder o passo a uma rival mais jovem.

Em fins do seculo XVI, começou a formar-se perto do mar, junto da restinga, a cidade do « Recife », tambem, por vezes chamada « Tripolis », porque ella cobre a ponta do promontorio, a ilha de Santo Antonio e a costa visinha do continente (Boa Vista). Mas, mesmo nesse porto, já se vae dando o inevitavel processo de aterro que se observa, desde o descobrimento, em São Vicente e em tantas enseadas e embocaduras de rios da costa brasileira. O porto junto da cidade já não dá fundo senão para navios de menos de 10-12 pés de calado, ficando os outros fora do ancoradouro, no Poço, sem o menor abrigo. Todo esse grupo, isto é, as cidades visinhas de Olinda e Recife, com os seus suburbios, é conhecido pelo nome commum da cidade commercial, Pernambuco.

Fundada a cidade de Olinda, empenhou-se Duarte Coelho em organizar e fazer progredir a sua colonia. Elle manteve relações pacificas e amistosas com os indigenas e, para estreitar ainda mais os laços de boa harmonia que existiam, animava os Portuguezes a contrahir matrimonios com as Indias. Foi assim que os Chefes indigenas da visinhança lhe prestaram um apoio decisivo na luta que teve de sustentar com outras tribus do interior, atiçadas pelos Francezes e por criminosos portuguezes foragidos, conseguindo Coelho a victoria e uma paz duradoura para a colonia. Na administração interna o donatario exigia, com a maior severidde, a ordem, a actividade e a justiça.

A lavoura, a producção de assucar e do algodão, fizeram rapidos progressos, devido tambem ao facto de algumas

casas lisboetas, amigas do donatario, empregarem avultadas quantias em muitos ramos do trabalho agricola e, especialmente, na construcção de engenhos de assucar. Iam immigrantes, não só de Portugal, Hespanha e ilhas Canarias, mas tambem das outras capitanias para essa colonia onde reinavam a ordem e o bem estar, e em pouco tempo Pernambuco se tornou relativamente florescente, e, certamente a unica capitania que se lhe podia comparar era a de São Vicente.

Entretanto, não houve nas primeiras decadas da existencia da capitania de Pernambuco nenhum facto historico de importancia; apenas mencionaremos que Duarte Coelho fundou nas fronteiras do norte do seu feudo a cidade de Igarazú, que ainda existe, a qual foi sitiada, em 1548, durante um mez inteiro pelos Indios e teria succumbido se ella não tivesse sido soccorrida por um navio vindo da Europa. Viajava a bordo desse navio Hans Staden, natural de Homberg, o primeiro allemão que veiu ao Brasil e que nos deixou uma noticia circumstanciada sobre a sua vida e o Brasil.

Falleceu, a 7 de Agosto de 1554, o primeiro governador hereditario de Pernambuco. Sua viuva, D. Brites de Albuquerque, succedeu-lhe e governou até 1560, anno em que seu filho primogenito, o segundo governador hereditario, Duarte Coelho de Albuquerque, partiu, de ordem de El-Rei, de Portugal onde se educára, para Olinda e tomou as redeas do governo.

Limitrophe de Pernambuco a ultima capitania feudal, a de Itamaracá, comprehendia a ilha desse nome, o continente que lhe fica fronteiro (actualmente a provincia de Pernambuco) e a costa da provincia da Parahyba. Ella pertencia a Pero Lopes de Souza e, como era de esperar, teve o donatario por essa capitania a mesma indifferença que pela de Santo Amaro, ao sul. Porém appareceu como substituto de Pero Lopes um tal João Gonçalves, o qual fundou na ilha, em 1535, e com o auxilio de alguns colonos o estabelecimento de Conceição de Itamaracá. A principio teve esse logar, unicamente, a importancia que lhe dava o facto de ser um asylo para criminosos que fugiam ás leis severas de Pernambuco, e como esconderijo para os contrabandistas, em geral Portu-

guezes e Francezes, que continuavam a negociar o pau brasil com os indigenas, sem pagar o imposto legal á corôa de Portugal e aos donatarios.

Se considerarmos o resultado que a côrte de Lisboa colheu com a importante medida tomada em 1534, no interesse da colonisação do Brasil, veremos, resumidamente, que estavam fundadas sete capitanias, mas somente tres dentre ellas, Porto Seguro, São Vicente e Pernambuco achavam-se prosperas e podiam contar comsigo para o futuro; as outras quatro eram pobres, divididas internamente, enfraquecidas para resistir a qualquer aggressão e, portanto, ameaçadas seriamente na sua existencia se a mãe patria não as soccorresse com a maior energia. Mesmo as tres capitanias mais prosperas ainda relativamente pouco valiam.

Reza a tradição que São Vicente depois de 14 annos de existencia contava, apenas, 600 habitantes alem dos escravos negros; Pernambuco deve ter sido um pouco mais povoado, porém as outras capitanias eram menos, e mesmo muito menos povoadas, e creio não estar longe da verdade dando para toda a população do Brasil em 1550, tanto européa como africana, umas 5.000 almas, — resultado bem pouco satisfactorio após 50 annos de posse e 20 de colonisação. Mas devemos ter em conta ser Portugal pobre em homens, não excedendo, naquelle tempo, a sua população á actual, que não passa de uns 3 1|2 milhões de habitantes, e isso, naturalmente, lhe não permittia enviar muitos emigrantes ás suas colonias.

E, ainda assim, dos emigrantes só um numero diminuto se dirigia para o Brasil. Com effeito, a quem podia sorrir a perspectiva de labutar penosamente numa terra ainda selvagem em vez de colher uma fortuna que se offerecia facil, num velho paiz civilisado como o Hindostão, a quem quizesse conquistal-a com a sua espada? Era necessariamente para o Oriente que o governo e o povo tinham pregados os seus olhares. Um punhado de heroicos conquistadores abrira a alameda que a todos podia levar ás honras e á riqueza. Para a India se encaminhavam a mocidade aventureira, o negociante e o navegante e, em compensação, affluia de lá para Portugal um fluxo ininterrupto de thezouros. Com semelhante concorrencia era de esperar que os governadores here-

ditarios não contassem com grande exito nas tentativas de colonisação dos seus feudos brasileiros; em vão recrutavam elles os colonos não só em Portugal, mas tambem nas visinhas provincias hespanholas e nos archipelagos norte-africanos; elles não conseguiam supprir as faltas. No intuito de remediar até certo ponto esse mal, tomou a côrte de Lisboa a mesma resolução que outr'ora no interesse das insalubres colonias da Africa Occidental, onde a immigração livre tambem era deficiente e declarou o Brasil logar de degredo, e da peor categoria, porquanto os usurarios e ladrões soffriam a sua primeira e segunda condemnação em Africa e a terceira no Brasil.

Mas, mesmo assim, ficou a grande colonia sul-americana em peiores condições do que as outras, pois, se lhe cabia o rebutalho dos criminosos portuguezes era apenas um pequeno numero de homens e mui pouco desejaveis. Essa immigração forçada de degredados teria tido, apezar de tudo, resultados beneficos, se, como o fizeram tambem nas colonias britannicas, os houvessem considerado como servos brancos, entregando-os a qualquer colono honrado para servil-o e por elle ser vigiados. Mas, tal não se deu: em Portugal, como na Hespanha, o degredo era tido como pena sufficiente e o condemnado podia adquirir terras no logar onde se achava internado e em tudo concorrer com os outros colonos, sem soffrer a menor peia na sua liberdade de acção (3).

Empregado dessa forma o remedio tornou-se peor do que o mal, e as consequencias desastrosas do systema se fizeram sentir muito breve, mesmo em Pernambuco, apezar do seu Governador exigir, com a maior severidade, a ordem e a Justiça. « Affirmo a Vossa Alteza e juro-o pela hora da minha morte », escrevia Duarte Coelho a El-Rei D. João III, em 20 de Dezembro de 1546, « que os degredados nenhuma

(3) A principio o degredo forçado era extensivo a todo o Brasil; mais tarde, em 1620, ficou restringido, exclusivamente, á provincias do norte, isto é, ao Maranhão e, por lei de 30 de Junho de 1794 á Provincia de Santa Catharina e, finalmente, desde 20 de Novembro de 1797, se limitou sómente ás actuaes provincias de Matto Grosso e do Alto Amazonas. Está claro que essa immigração forçada desappareceu com a declaração da Independencia.

vantagem trazem ao paiz e nenhum bem, antes muito maleficio. Queira Vossa Alteza crer-me, essa gente é mais nociva a esta terra do que a peste; por isso rogo, por Deus, que para o futuro me seja poupado esse veneno». E, muito peor devia ser nas capitanias onde fazia falta um governo forte; em pouco tempo appareciam a desmoralização, o desprezo das leis e as lutas internas; e o maior mal era que gozando as capitanias do direito de asylo para todos os refugiados, assegurava-se ao criminoso, inteira impunidade, apenas transpuzesse os limites da capitania. Duarte Coelho requereu, em vão, a revogação desse privilegio absurdo; a corôa não queria intervir e os donatarios invocavam a sua soberania.

Algumas capitanias, como as do Espirito Santo e de Itamaracá pareciam fazer um verdadeiro negocio, dando couto a todos os reprobos da justiça. Tambem era ahi que a situação se apresentava a mais negra, pois, alem disso, serviam ellas de esconderijo para os contrabandistas portuguezes, que não hesitavam em exercer a pirataria, cruzando ao largo da costa. Foi do Espirito Santo que sahiu o navio, cuja tripulação offendeu os Indios dos Campos dos Goytacazes, cabendo-lhe assim a responsabilidade pela destruição da capitania de Pero de Goes.

A costa oriental do Brasil, do cabo de Santo Agostinho, para o sul, apezar do rozario de feitorias que se escalavam ao longo della, se achava nas mesmas condições que a do norte, onde haviam gorado todas as tentativas de colonisação. Nem ao norte, nem ao sul tinham se firmado e feito acatar quer a ordem interna, quer a autoridade real. As nações estrangeiras, e especialmente a França, nunca se deixaram estorvar, durante aquelle periodo, no seu habitual commercio costeiro, limitando-se, apenas, a evitar os portos onde tremulava o pavilhão portuguez, taes como o da Bahia e o de Pernambuco, este dantes tão procurado por elles. Em compensação fizeram da bahia do Rio de Janeiro o seu quartel general e o centro das suas operações.

O commercio da Bretanha e da Normandia com o Brasil não ficaram muito aquem do de Portugal. Estava-se informado naquellas duas provincias francezas das condições do paiz, dos usos e costumes dos habitantes primitivos tão bem

como na côrte de Lisboa. Os Pelles Vermelhas do Brasil eram até mais conhecidos lá do que em Portugal. Elles atravessavam frequentemente o Oceano a bordo dos navios francezes e numa festividade celebrada na cidade de Rouen em 1 e 2 de Outubro de 1550, substituiu o classico torneio, o espectaculo de uma luta e dança dos Indios do Brasil que deixou a todos maravilhados.

A situação não podia deixar de ser desesperadora, e impunha á metropole a necessidade de enviar soccorros e protecção áquellas colonias se ella não quizesse vel-as ruir por si mesmas ou cahir no poder de qualquer nação estrangeira, especialmente da França. A attenção da Côrte de Lisboa foi reclamada repetidas vezes, mas nenhuma voz se fez ouvir com mais autoridade e lealdade do que a de Luiz de Goes, o irmão do infeliz donatario dos Campos dos Goytacazes.

Elle escrevia de Santos (São Vicente) a El-Rei Dom João III, em 12 de Maio de 1548: « Se dentro do mais breve prazo possivel Vossa Alteza não vier em auxilio das capitanias e da costa do Brasil nós perderemos vida e fortuna, e Vossa Alteza toda esta terra ». E, temendo que mesmo a espectativa de tal perda não commovesse a côrte, emquanto lhe restasse a posse do opulento Oriente, mostrava Luiz de Goes que se os seus receios se realizassem o prejuizo não se limitaria somente áquelle territorio, pois facilmente contorneariam os Francezes o Cabo da Boa Esperança e depois de conquistar a America portugueza elles ambicionariam a Asia portugueza. « Mas », continuava elle, « se todos esses receios não intimidam Vossa Alteza, que ao menos se compadeça das almas christãs que vivem neste paiz e as proteja com braço forte, que o apuro é grande. »

A AMERICANA

PUBLICAÇÃO MENSAL

RUA DE SANTO ANTONIO — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL

DISTRICTO FEDERAL. . 15$ ESTADOS. . . . . 20$

Numero avulso . . . . . 2$

A importancia das assignaturas pode ser remettida em sellos, cheque ou vale postal ao Director da REVISTA AMERICANA ou paga nas livrarias e agencias do Rio de Janeiro e dos Estados.

ALAGOAS (Maceió)— Livraria Universo, de Arnobio Valente.

AMAZONAS (Manáos)— Livraria Academica, de J. F. Coceillo, 25, rua Henrique Martins.

BAHIA (S. Salvador)— Livraria e Papelaria Catilina, de Romualdo dos Santos, 6 rua Santos Dumont.

CEARÁ (Fortaleza)— Casa Americana, de F. Rosa & Comp.

ESPIRITO SANTO (Victoria)— Domicio Gonçalves do Nascimento, 20, rua Dona Julia.

GOYAZ (Goyaz)— Escriptorio Commercial, de Luiz Altino da Cunha e Cruz.

MARANHÃO (S. Luiz)— Livraria Universal, de Ramos d'Almeida & Comp. 3, rua da Palma.

MATTO GROSSO (Corumbá)— Livraria de Frederico Teixeira. **Corumbá** — « A Gentil Pastora », de João Antonio Esteves. **S. Luiz de Caceres** — Dr. João Rizzo.

MINAS GERAES (Bello Horizonte)— Giacomo Aluotto & Irmão, 860, rua Bahia. Juiz de Fóra — Campos & Comp., 793, rua Halfeld. Uberabinha — Zacharias A. de Mello. Ubá — Agencia de Jornaes, de Dias & Comp. **Ouro Fino** — Livraria Progresso, de Ananias Gomes da Silva, rua Julio Brandão.

PARÁ (Belém)— Livraria Universal, de Tavares Cardoso & Comp., 50, rua Conselheiro João Alfredo. Agencia Martins, de José Martins & Irmão, 15, travessa Campos Salles.

PARAHYBA (Parahyba)— Popular Editora, de F. C. Baptista & Irmãos.

PARANÁ (Curityba)— Livraria Economica, de Leopoldino Rocha, 53, rua Quinze de Novembro.

PERNAMBUCO (Recife)— Casa America de Evaristo Maia, 26, praça da Independencia. Livraria Economica, de M. Nogueira de Souza, 17, rua Barão da Victoria.

RIO GRANDE DO NORTE (Natal)— Livraria Cosmopolita, de Fortunato Aranha.

RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre)— Livraria Universal, de Carlos Echenique, 260, rua dos Andradas. Selbach & Comp., 94, rua Marechal Floriano. **Pelotas** — Livraria Universal de Echenique & Comp. **Uruguayana** — Livraria Guarany, de Pedro Antonio Dias, 48, rua Duque de Caxias. **Cachoeira** — Dr. Benjamin Camozato.

RIO DE JANEIRO (Districto Federal)— Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 3 rua de Santo Antonio.— Livraria Garnier, 109, rua do Ouvidor. Livraria Briguier, 27 rua Sachet. Livraria Alves, 166, rua do Ouvidor. Casa Moura, 114, rua da Quitanda.

SANTA CATHARINA (Florianopolis)— Livraria Moderna, de Paschoal, Simone & Filho, 26, Praça Quinze de Novembro.

S. PAULO (S. Paulo)— Casa Garraux, Hildebrand & Bressane, 40, rua Quinze de Novembro. Francisco Alves & Comp., 120, rua Libero Badaró. **Santos** — Bazar Americano, de J. B. Gaspar de Sá, 139, rua Quinze de Novembro. José de Paiva Magalhães, 3, rua de Santo Antonio. A. P. Correia da Silva. Dr. Nilo Costa (Corresp.). **Campinas** — Casa Genoud, 33, rua Barão de Jaguara. Prof. Erasmo Braga (Corresp.). **Ribeirão Preto** — Casa Selles, de José Selles, 45, rua Amador Bueno. **Taubaté** — José Olegario de Barros. **Casa-Branca** — Petit Bazar, de J. Raphael Bonvicino. **Amparo** — Juvenal Cruz. **Itapira** — Dr. Menotti del Pichia (Corresp.). **Botucatú** — Casa Carlos, de Cesar, Toledo & Comp. **Piracicaba** — Gustavo Teixeira (Corresp.)— Agencia de jornaes e revistas. **Piracicaba** — Express — 84, rua Moraes Barros. **Dois Corregos** — Bazar Americano, de Bernardino Machado. **S. Pedro de Piracicaba** — José Correia da Silveira.

TERRITORIO DO ACRE (Cidade do Rio-Branco)— Dr. Luiz Barreto Correia de Menezes (Corresp.).

SANTIAGO DE CHILE — Libreria Inglesa. Hume y Walker, 357, Ahumada.

MONTEVIDÉO — Libreria Nacional. Barreiro y Comp. 25 de Mayo (esq. Juan C. Gomes).

INDICE DO VOLUME VI

(JANEIRO — FEVEREIRO — MARÇO)

NUMEROS 4, 5, 6

1918

I.	**Rio-Branco**	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II.	**A. Velloso Rebello**	Dois patriotas de 1640	9
III.	**Felix F. Palavicini**	D. Venustiano Carranza	19
IV.	**Georgino Avelino**	A nossa Guerra. (Seus fins politicos e seus effeitos sociaes)	29
V.	**Luis Gasperi**	El código civil brasileño	46
VI.	**J. C. Gomes Ribeiro**	O precursor da Independencia hispano-americana	54
VII.	**Barão Homem de Mello**	Discurso que devia ser pronunciado na Academia Brasileira de Letras	60
VIII.	**Ventura Garcia Calderón**	Los primeros versos de Rubén Dario	67
IX.	**Paulo Brandão**	A taça. O cyatho. O camafeu. Ante um busto de Pan. A concha. O banco madreporico (Sonetos)	76
X.	**Basilio de Magalhães**	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	81
XI.	**Alberto Faria**	Romance medieval (Do cyclo-carlovingio)	123
XII.	**Redacção**	NOTAS. Boletim Mundial. Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas	125
XIII.	**H. Handelmann**	Historia do Brasil (Separata)	
I.	**Rio-Branco**	Biographia de José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) continuação	5
II.	**D. Silverio Gomes Pimenta**	Á paixão de Nosso Senhor	12
III.	**A. Austregesilo**	O mal da vida	14
IV.	**Marco Fidel Suarez**	Conmemoracion del tercer centenario de la muerte de Don Miguel de Cervantes Saavedra	27
V.	**Januario Lucas Gaffrée**	Spinoza (continuação)	60
VI.	**Max Henriquez Ureña**	Problemas de nuestra America	64
VII.	**Renato Almeida**	Machado de Assis	73
VIII.	**Basilio de Magalhães**	A Renascença e a sua floração artistica (These de concurso para provimento da cadeira de *Historia de Bellas Artes*) continuação	90
IX.	**Luiz Franco**	Pesadello de um asceta (Traducções brasileiras do soneto *Le Cauchemar d'un ascète* de Maurice Rollinat	107
X.	**Alberto Souza**		
XI.	**Alberto Faria**		
XII.	**João Pereira Barreto**	Imperio da mulher	111
XIII.	**Luis Gasperi**	El codigo civil brasilero	142
XIV.	**Jackson de Figueiredo**	Bibliographia	165
XV.	**H. Handelmann**	Historia do Brasil (continuação)	17

NOTAS. — O centenario de 1817, por Oliveira Lima. Saudação dos escriptores e artistas Norte-Americanos aos collegas do Brasil. Sobre dois livros brasileiros, por Julio Dantas. Shakespeare e sua obra, por Cyro de Azevedo. Padre Raphael Maria Galanti. Conferencia feita pelo Dr. Oliveira Lima na Associação Christã de Moços no Recife 177

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 057972819